



DRICA BITARELLO

O Despertar do
DRAGÃO

RADEGUND LIVRO IV



OD_{ESPERTAR DO} D_{RAGÃO}

Radegund — Livro IV

Copyright © 2018 by Adriana Bitarello

Todos os direitos reservados a autora.

Diagramação *Drica Bitarello*

Capa *Sara Vertuan*

Imagem *Diana Hirsch - iStock*

Revisão *Drica Bitarello*

Beta-readers *Mara Sop, Regiane Moreira, Semíramis Pereira*

B624d

Bitarello, Drica, 1972 -

O Despertar do Dragão / Drica Bitarello. — 1. Ed. Rio de Janeiro : Amazon-Kindle, 2018

1. Literatura brasileira. 2. Romance de época. 3. Romance histórico. I. Título.

CDD B869.93



E possa minha mão sem medo executar
O que os olhos, depois, se espantarão de olhar.

Macbeth, ato 1, cena 4. William Shakespeare.

PREFÁCIO

Os livros sempre foram, para mim, uma tábua de salvação. Em momentos difíceis da minha vida, eles foram uma constante, me salvando da solidão e da tristeza, que teimavam em chegar sem pedir permissão. Ler um bom livro é viver outra vida, de forma arrebatadora e intensa, sendo sugada para dentro da história de tal forma que você só consegue sair depois que a história termina. Em alguns casos, nem depois disso.

Quando começo a ler um romance de Drica Bitarello, eu estou entregando literalmente, minha vida nas mãos dela. Eu sei que os sentimentos que ela vai me despertar são de tal intensidade, que sei que ao final eu não serei a mesma. Consumida pela história e por seus personagens, sou levada para um mundo que nenhum de nós terá a chance de conhecer, porém, é como se Drica viajasse no tempo e nos mostrasse essa realidade atrás das páginas escritas por ela. Saber que ela tem dedicado seu tempo novamente à série Radegund é um verdadeiro alento para mim, fã que sou do seu trabalho e da maneira como ela conduz seus romances.

Com uma habilidade surpreendente com as palavras e um talento difícil de ser encontrado, seus livros são leitura obrigatória para todos os amantes de romances históricos, que procuram histórias bem ambientadas e com uma pesquisa aguçada e minuciosa.

Em “*O Despertar do Dragão*” ela mostra que disciplina, talento e dedicação, quando caminham juntos, dão origem a um livro arrebatador, com personagens tão reais que passamos a acreditar que eles de fato existiram. O leitor que iniciar essa jornada sairá com a sensação de que a Europa Medieval está a um palmo de distância dos nossos olhos. E de fato, ele está certo.

Elimar Souza é Bacharel em História pela UFF, Licenciada em História Geral e do Brasil pela UFF, Especializada em Mercado Editorial pela Universidade Cândido Mendes e mestranda em Ensino de História pela UFRRJ. É professora da Rede Particular do Rio de Janeiro e consultora especializada em autoras independentes.

ÍNDICE

[Índice](#)

[Entre Deuses e Dragões](#)

[O Fim](#)

[Parte I — Verão](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Parte II — Inverno](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[27 — Advento](#)

[28 — Rebelião](#)

[29 — O Despertar do Dragão](#)

[30 — Epifania](#)

[31 — Julgamento](#)

[32 — Redenção](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)

Entre todas as criaturas mitológicas, a mais onipresente de todas é o dragão. Representados habitualmente com aspecto reptiliano, eventualmente dotados de asas, os dragões tanto foram associados com poderes sobrenaturais quanto relegados ao *status* de bestas destruidoras.

Nas lendas japonesas são dotados de poderes divinos. Na Septuaginta¹, são a personificação dos inimigos de Deus. Para os babilônios, todos os deuses descendiam do dragão-fêmea Tiamat. Na tradição persa zoroastrista, o dragão Azi-Dahaka infernizava a vida dos homens.

Porém, foi na mitologia dos povos europeus que a figura do dragão teve seu maior destaque. Sláine e Cuchulainn, heróis celtas, enfrentaram os dragões em suas jornadas heroicas. O anão Fafnir, personagem do panteão germânico-escandinavo, transformou-se num dragão em sua batalha contra o herói Siegfried, relatada na *Völsunga Saga*². Em algumas versões das lendas arturianas, Lancelot du Lac mata um dragão que aterrorizava as terras do rei Pellinore. Beowulf, o rei-herói dinamarquês do poema homônimo, perde sua vida ao enfrentar um dragão.

No “Bestiário de Aberdeen”, um texto católico medieval provavelmente compilado entre os séculos XII e XIII, entre a descrição de toda sorte de animais, reais ou imaginários, — que a Igreja catalogava com base no relato de terceiros, dando margem a influência de lendas locais e também a má-interpretação da aparência dos animais — há inúmeras referências aos dragões e ao seu hálito de fogo, bem como à sua natureza maligna e demoníaca.

Em oposição ao pensamento cristão, para os normandos — ou *norsemén* — nativos escandinavos, incluindo os *vikings*, que colonizaram boa parte das ilhas britânicas e do Norte da Europa, a mitologia se baseava no equilíbrio entre caos e ordem, não havendo, portanto, a dicotomia entre o Bem e o Mal, como as religiões monoteístas propunham. Suas divindades se assemelhavam mais aos deuses dos panteões grego e romano, arquétipos das virtudes e das fraquezas humanas.

Loki, o deus mentiroso e dado a intrigas, era visto como um emissário do caos. Para a Igreja Católica, que cristianizou a Noruega, a Dinamarca e a Suécia por volta dos séculos IX e XI e que possuía a visão dicotômica de bem e mal, ele foi equiparado ao demônio das escrituras. Esta mesma visão dicotômica foi aplicada também a Set, o invejoso deus do panteão egípcio. E embora o cristianismo tenha se expandido por todo o Ocidente conhecido naquela época e sufocado os cultos ancestrais, os Velhos Deuses jamais morreram...

OF_{IM}

Quando o vazio se abriu sob meu corpo e me sugou para o abismo lá embaixo, a última visão que tive foi do verde musgo de seus olhos. Não senti medo da morte. Apenas a certa incerteza, a convicção de não saber o que adviria e a crença absoluta de que seria muito diferente daquilo que os padres me disseram. Depois, só o vácuo silencioso.

Fui então despertado quando o Limbo se agitou. Do conforto daquele nada absoluto fui lançado ao inferno dos porquês insistentes. Então, do mesmo modo repentino e abrupto, a compreensão se fez.

Aquele Que Tudo Governa havia usado — num golpe de ironia onde eu quase pude ouvir Sua gargalhada ecoando pelo Limbo — o Mal que de maneira tola e pueril pensou em obter alguma vantagem ao me arrancar do mundo dos vivos. Mesmo Ele sabe ser trapaceiro...

Compreendi com exatidão aquela velha história sobre portas que se fechavam e janelas que se abriam. Sendo assim, aqui estou eu, apoiado sobre o punho da espada de meu pai, enquanto o cortante vento norueguês faz meu manto se agitar atrás de mim no alto nevado do Galdhøpiggen³. Esperando.

Aproxima-se o dia.

Virá o Dragão.

P_{ARTE} I – V_{ERÃO}

Condado de Tipperary, Irlanda. Fevereiro de 1193.

Gilchrist O'Mulryan olhou pela janela estreita que se espremia entre as ancestrais pedras cinzentas de Cully. Para além daquelas paredes e das muralhas de seu castelo, a vida começava a se espalhar sobre a paisagem. Depois de um inverno rigoroso, o verde começava a salpicar a terra aqui e ali, prenunciando o início de um novo ciclo da natureza. Suas terras prosperavam sob seu comando. O clã o apoiava em suas decisões. Crianças nasciam e sobreviviam às febres malignas que costumavam ceifar suas frágeis vidas durante a estação mais escura do ano, garantindo a geração que herdaria as cores dos O'Mulryan e as terras férteis daquele vale. Apesar disso tudo, ele não se sentia feliz, ou satisfeito. Nem seguro.

Sem perceber, esfregou a mão sobre o peito, numa vã tentativa de acalmar a angústia e a leve irritação que começava a sentir com o interrogatório de seu primo.

— Ainda não compreendo. Por que está fazendo isso, Chris?

Gilchrist se voltou na direção de seu interlocutor.

— É apenas uma precaução.

Dermott O'Mulryan balançou a cabeça, incrédulo. Os cabelos castanho-claros se agitaram de um lado para o outro, enquanto os olhos verdes, perspicazes e honestos, se estreitavam ao fixar o chefe do clã O'Mulryan. Voltou à carga.

— Será que não percebe que com isso estará enfraquecendo seu poder? Sabe que Donnie daria tudo para ser aclamado como “O” O'Mulryan em seu lugar!

— Donnie é um inconsequente — retrucou Gilchrist — e acaba de completar seus vinte verões. Não tem experiência, sabedoria e nem apoio para liderar o clã. Você sim, Dermott, é o mais indicado, em minha ausência, para fazer isso.

— É por causa da mulher, não é mesmo? — Indagou Dermott, sem dar trégua. Que diabo! Tinha que enfiar juízo na cabeça de seu primo! — A tal que conheceu na Terra Santa e que nunca conseguiu esquecer. A mesma para quem escreve quase todas as semanas. É por causa dela que vai embora?

Gilchrist revirou os olhos. Dermott sabia ser persistente quando queria.

— Não, homem, não é por causa da baronesa de D'Azûr que estou partindo. Ou melhor, tem sim um pouco a ver com ela. Mais especificamente com a filhinha dela. — Ele fez uma pausa e seu tom mudou. Encarou seriamente o

primo. — Venho tendo sonhos estranhos...

O silêncio que se seguiu foi bastante eloquente. Dermott já conhecia os poderes premonitórios do primo. No entanto, ainda guardava uma dúvida. Resolveu que aquele seria o momento de tirá-la.

— A criança é sua?

— Dermott!

— Pode apenas me responder? Andou fora por um bom tempo naquela época, viajando para todo lado. E se preocupa tanto com essa menina...

Gilchrist se exasperou.

— Andei fora consolidando nossas alianças, homem! E no que diz respeito a Elizabeth, — olhou o primo nos olhos — é uma legítima LeFort-Gombault. E eu, além de gostar muito de Radegund, respeitava demais o pai da menina. Luc deu a vida para salvar sua filha. E me pediu que tomasse conta delas.

Dermott o observou com atenção.

— Então, foi com ele que sonhou — deduziu.

— Sim. E um pedido desses não se recusa.

— Pois bem, que seja. — Falou Dermott num suspiro. — Mas saiba que assumirei apenas provisoriamente sua posição.

Gilchrist o encarou, severo. Foi categórico.

— Assumirá a chefia do clã, Dermott. Eu a estou outorgando a você.

— Inferno, Chris!

Ele colocou as mãos nos ombros do primo, quase tão alto quanto ele mesmo era. Abrandou o tom.

— Aceite, por favor. Vai me deixar mais tranquilo. — Ele se afastou e ficou de costas, olhando pela janela do aposento. — Algo me diz que posso não voltar.

Resignado, Dermott assentiu.

Svenhalla, Noruega. Março de 1193.

Ulla sonhava...

O inverno em Cornwall era rigoroso. O vento e a umidade que vinham do oceano penetravam pelo vale do Tamar, agitando a charneca, ondulando a vegetação empobrecida pelo frio, deixando o cenário lúgubre e sombrio. Não nevava. Entretanto, a geada tinha queimado os campos. Em dezembro, provavelmente, cairiam alguns flocos de neve. Olhou para trás e o viu.

Montado em seu animal castanho, o Dragão, com aqueles olhos um de cada cor, ergueu a borda do manto e abaixou a cabeça, protegendo-se do vento cortante.

— Chegaremos logo — ouviu-se dizendo.

Ele apenas a encarou. O Dragão era sempre sério, sempre sisudo. Pouco sorria. Falava menos ainda.

“Melhor assim, Ulla. Quanto menos se apegar a ele, mais fácil será quando precisar deixá-lo.”

Já no alto da encosta, após vencerem a trilha íngreme, avistaram o círculo de pedras, a Boca do Mundo. Gjurd saiu de trás de um dos megalitos. O Dragão fitou-o espantado. E fez mais uma pergunta, entre as centenas que fizera ao longo da viagem e da semana que passaram ali, se preparando para o ritual. Além de sério, sisudo e silencioso, o Dragão era curioso.

— Como chegou aqui antes de nós, senhor?

Gjurd, com a serenidade que lhe era peculiar, apenas sorriu.

— Sejam bem-vindos, meus filhos, ao Altar da Deusa. Trouxe a espada, Dragão?

Vendo-o revirar os olhos ao não ter sua questão respondida, ela se apressou em dizer.

— Está comigo, Pai. — Pegou a arma e a estendeu a frente, sobre as duas mãos. — Ei-la pronta para a consagração.

Gjurd apanhou a espada com reverência e apontou uma cabana de pedras, à direita e além de onde eles estavam.

— Leve o Dragão até lá, filha. Precisam se purificar para darmos início ao ritual. Logo as estrelas atingirão a posição adequada. Só haverá outra conjunção como esta em cem anos.

Assentindo em silêncio, ela começou a caminhar em direção à cabana, mas estacou impaciente ao ver que o Dragão ficou parado onde estava.

— Vai querer que eu o leve no colo, Dragão?

Ele franziu o cenho e puxou Boru pelas rédeas, alcançando-a em sua caminhada.

— Tenho um nome, senhorita. Chamo-me Gilchrist.

Ela parou de repente, fazendo-o praticamente colidir com suas costas. Voltou-se para ele com o olhar estranho, vago e perdido, como se estivesse dentro de sua alma e ao redor dela. Como se naquele instante estivesse se amalgamando com ele.

— O Dragão se chama Daghdha, pois este foi o nome que Morgan lhe deu.

Ele ficou tão espantado que chegou a empalidecer. E a sensação que a assaltou, de que estava dentro e fora de seu corpo ao mesmo tempo, de que seu espírito se expandia para um tempo além e adiante daquele, e também para antes disso, passou rápida como uma rajada de vento que deixa apenas os galhos das árvores balançando em seu rastro.

— Venha, — ela estendeu a mão e tocou a dele, sendo envolvida por um calor súbito — temos pouco tempo.

Despertando ofegante em sua cama, Ulla passou a mão pela testa coberta de gotículas de um suor frio e pegajoso. Mais um sonho estranho! Deus, o que estava acontecendo com ela?

Fazia mais de um mês que vinha sonhando com aquele homem de olhos diferentes a quem, naquelas ocasiões, sempre chamava de Dragão. Era estranho porque, enquanto sonhava, sentia nitidamente que o conhecia. Porém, ao despertar e lembrar daquele rosto bonito, — apesar da cicatriz que o atravessava desde a sobrancelha até um pouco abaixo do olho — daqueles cabelos escuros e da voz de bardo, ela tinha a certeza de que aquele homem jamais cruzara seu caminho. Bem, tinha quase certeza.

Porque havia alguns períodos em sua vida que permaneciam obscuros. Um deles era a época que antecedeu a chegada de Hrolf Brosa da Terra Santa com notícias de Ragnar, seu irmão adotivo. Outro período de amnésia era mais recente. Era o mesmo em que seu irmão mais velho Björn e o próprio Hrolf afirmavam terem-na encontrado em Cornwall, a muitas milhas de distância de Svenhalla. Ulla não sabia o que dizer.

Björn contou que ela passou a viagem toda muito calada e que ao chegar se recolheu ao seu refúgio particular. Por fim, depois de sumir por vários dias, foi encontrada por Hrolf — que precisou arrombar a porta de seu chalé — nua, enregelada e quase morta. E quando acordou, após um longo período de inconsciência, ela não se lembrava de nada disso.

Um ano se passou e o episódio acabou caindo no esquecimento. Ulla voltou a viver como sempre viveu. Desaparecendo na floresta, subindo nas árvores, caçando e rastreando com Hrolf e espantando os pretendentes que se atreviam a aparecer para cortejá-la. Sua mãe e seus irmãos, condescendentes com a única filha mulher e a caçula da família, acabavam fazendo sua vontade porque, no fundo, não queriam se separar dela. Sendo assim, Ulla Svensdatter sabia que gozava de uma liberdade e de uma autonomia incomuns para uma mulher de sua posição.

Com um suspiro, afastou as cobertas e se levantou. Melhor deixar aquilo tudo de lado. Era primavera. Queria aproveitar o sol, o verde e a vegetação lá fora. Queria colher ervas e flores para secá-las para o próximo inverno e aproveitar as frutas frescas para fazer conservas e geleias.

Livrando-se das roupas de dormir, usou a bacia de água para fazer sua higiene e pegou roupas limpas do baú aos pés da cama. Vestiu-se, trançou os cabelos e prendeu-os com uma fita. Por fim, pegou suas inseparáveis pulseira e

gargantilha, ambas de prata e presentes de seu pai, e as colocou. Apanhou sua bolsa, a faca e um avental e deixou seus aposentos, pronta para cumprir as tarefas do dia.

Baronato de D’Azûr, Normandia. Março de 1193

Gilchrist parou sob o portal antes de sair para o pátio interno do castelo. Embora o dia estivesse chuvoso e a temperatura baixa, ela estava lá fora.

Junto ao circunspecto Raynor, o capitão da guarda de D’Azûr, Radegund pressionava os homens durante o treinamento. A expressão grave e o cenho franzido denunciavam sua insatisfação com os resultados que vinha obtendo. Viu quando ela virou a cabeça para o lado e falou algo para o capitão, que assentiu em concordância. Logo, o homem deu alguns passos adiante, acercando-se dos subordinados. Radegund recuou e cruzou os braços, observando os exercícios, ignorando a chuva insistente que enregelava os ossos. Raynor retornou para junto dela e ambos continuaram a observar os exercícios de combate entre os homens. Até que uma exasperada Radegund berrou ordens a um dos escudeiros, que correu para trazer seu equipamento. Raynor ordenou aos subordinados que parassem de se bater e, no próximo quarto de hora, ele e a ruiva se enfrentaram no centro da arena, ao mesmo tempo em que instruía os soldados.

Caminhando sob a chuva, o irlandês saiu das sombras, se aproximando da área de exercícios no mesmo instante em que Radegund entregava as armas ao escudeiro. Suada e com o rosto avermelhado pelo esforço, esboçou um breve sorriso ao vê-lo.

— Bom dia, Gil.

— Acordou cedo — ele comentou, enquanto passava a caminhar ao lado dela para dentro do castelo. — Não a vi durante o desjejum.

Ela tirou as luvas e o gibão molhado, entregando-os a uma criada, antes de respondê-lo.

— Na verdade, eu mal dormi — o olhar sombrio se voltou para o velho amigo, ao mesmo tempo em que retomavam o passo — desde o ataque a Delacroix que tenho estado tensa. As defesas de D’Azûr são falhas. Não posso me arriscar. Há muito o que fazer.

Gilchrist franziu o cenho. D’Azûr lhe parecera bastante seguro e Raynor era absurdamente competente. Colocou sua opinião em palavras e finalizou.

— Não acha que está exagerando?

— Minha filha e Terrwyn estão aqui, Gil. — A voz dela era quase um sussurro. — Eu não posso me arriscar a perdê-las também.

O irlandês parou de caminhar, obrigando-a a fazer o mesmo. Fitou-a nos olhos

por alguns momentos, até que ela desviasse os dela, desconfortável.

— Não vai acontecer de novo, Raden. Pare de se atormentar...

— Inferno, Gil! — Ela explodiu. — Não estou me atormentando! Mas não posso correr nenhum risco. Até hoje não tenho certeza do que houve com Luc. E se não foram Tarascon ou Patrus os responsáveis pela morte dele? E se houver ainda alguma ameaça? Você mesmo me alertou sobre Elizabeth, e até me deu aquele anel para pendurar no pescoço dela!

— O Mal a que me referi naquela época não pode ser vencido por espadas, Radegund. E esgotar seus homens não é a saída para combatê-lo. — Colocou uma das mãos no ombro dela e indagou, abrandando a voz — o que está havendo, de verdade?

Viu quando ela inspirou profundamente, um pouco surpresa com sua pergunta. Observou-a procurar mentalmente por uma resposta evasiva e percebeu o momento em que se preparou para capitular e responder com honestidade. Radegund chegou a abrir a boca para falar...

— Mamãe!

Elizabeth, com seus passos ainda vacilantes, correu da ama na direção da mãe, que prontamente a acolheu. Afagou a filha e aspirou o perfume de seus cabelos. Olhou por cima da cabeça da menina e respondeu a Gilchrist.

— Vemo-nos depois, nas cocheiras? Precisamos discutir a criação.

— Certamente — ele assentiu, enquanto a observava se afastar. Lamentando o momento que havia perdido.

Havia algo de estranho acontecendo com Radegund. Algo relacionado àquele medo vago que vinha tomando conta de sua própria alma com frequência. Algo relacionado aos eventos sombrios que haviam ocorrido em Delacroix há pouco mais de um ano e aos sonhos perturbadores que se tornavam cada vez mais frequentes. Ele precisava saber o quê.

Com passos lentos subiu as escadas que levavam a uma das torres. A despeito da chuva, percorreu o adarve ao longo das ameias, cumprimentando os guardas pelos quais passava com breves acenos. A sensação de perigo iminente aumentava a cada dia e tudo o que podia fazer era esperar pelo que viria e tentar proteger as pessoas com as quais se importava.

Ao chegar ao fim da passagem, Gilchrist olhou para além das ameias e das muralhas de D’Azûr. O dia chuvoso e sombrio combinava com seu humor e sua solidão. Pois, embora estivesse entre amigos, não havia ninguém ali com quem pudesse falar abertamente sobre o que sentia. Ou sobre o que via em seus sonhos; sobre as mensagens que recebia. Se ao menos Ulla estivesse ao seu alcance...

A lembrança dos olhos da cor de safiras fez o corpo dele se aquecer

subitamente, apesar das roupas úmidas e da friagem da chuva. Sacudiu a cabeça, irritado. Havia assumido um compromisso com Gjurd. Só poderia voltar a vê-la quando recebesse um chamado. E enquanto isso, teria que cumprir sua sina. Sozinho.

Visby, Ilha de Götland, Mar Báltico. Março de 1193.

Com mãos trêmulas, dobrou as folhas de papel. Como foi possível tal vazamento de informações? Se o que o *chevalier* Michael, o Hermes inglês, relatou ali fosse a expressão da verdade, sua vida estava em jogo. Céus! E ele nem sabia de metade da história! Aliás, provavelmente *ninguém* na Sociedade sabia que seu pai estava morto.

Com tristeza passeou os olhos pelo escritório da oficina. A cadeira vazia diante da larga escrivaninha de carvalho retratava sua vida. Vazia. Sem seu pai ali, trabalhando ao seu lado, não havia mais estímulo.

Juntou os grandes livros contábeis e guardou-os nos nichos apropriados. Além de todos os problemas que tinha que resolver, dos contratos comerciais a cumprir, dos clientes para atender, ainda teria que comparecer à reunião da Hansa⁴ de Visby. O destino da Casa Scholz seria determinado naquela noite. E o seu junto com ele.

No entanto, e pensando bem, aquela carta havia mudado tudo. Àquela altura dos acontecimentos, sua menor preocupação era se a Hansa aceitaria ou não sua candidatura como membro no lugar de seu pai. A preocupação primordial era com sua vida e com a vida de centenas de pessoas cujo destino estava ligado às informações permanentemente marcadas em suas costas há dez anos atrás.

Alguns talvez pudessem achar cruel jogar sobre os ombros de uma criança a responsabilidade e o perigo de carregar aquilo em seu corpo. Entretanto, nada naquele mundo lhe dava um orgulho maior do que ter sido o objeto de confiança do velho Scholz. Agora era a hora de provar seu valor. Ergueu a cabeça e aprumou os ombros.

— Farei valer sua confiança, meu pai. A sua e a de toda a Sociedade.

Tomando uma decisão que lhe doía, mas que, com toda a convicção de seu ser sabia ser a mais acertada, mandou às favas a reunião da Hansa e pôs-se a arrumar seus pertences. Levaria apenas o essencial para ter o mínimo de conforto na longa viagem, seguindo as recomendações de Michael para despistar possíveis perseguidores.

Ao fim do dia, já com toda sua bagagem arrumada, organizou as cartas comerciais e toda a documentação da oficina. Pela manhã, quando o assistente viesse trabalhar, na certa as encontraria. Nelas cuidadosamente ocultou seu

destino. Apenas determinou as providências imediatas a serem tomadas na condução dos negócios e as derradeiras, para o caso de seu completo desaparecimento e falta de notícias ao cabo de um ano.

De qualquer forma, pensou ao ajeitar o manto leve sobre os ombros e sair para o sol de primavera, a terra engoliria A. M. Scholz.

CAPÍTULO 2

"NÃO PERCAS, POR SUPOSIÇÕES SEM BASES, UM AMIGO TÃO DIGNO,
NEM AFLIJAS SEU GENTIL CORAÇÃO OLHANDO-O DURO.
"Tito Andrônico". Ato 1, cena 1. William Shakespeare

Apesar do sol e da alegria da primavera, o frio inverno se aproxima na roda inexorável do tempo. E com ele a hora em que toda a Terra tremerá. Continuo como observador dos fatos. Entretanto, o Limbo já se agita. Posso sentir as criaturas do caos se contorcendo sob meus pés. Pergunto-me se a jovem bruxa terá a coragem necessária para fazer o que precisa ser feito. Tenho tentado, em sonhos, oferecer novamente minha ajuda. Ela, porém, está além do alcance. Por hora. Concentrarei meus esforços no Dragão. Este já começou a acordar.

Condado de Delacroix, Normandia. Abril de 1193.

O *chevalier* Roger, administrador do castelo de Delacroix desde os tempos do senhor Lothair, pai dos falecidos *chevaliers* Luc — que Deus o guardasse — e Guillaume — que o Diabo o carregasse — nunca viu, em seus quase sessenta anos de vida e quarenta como administrador, figura mais exótica do que aquela que adentrava os portões de seu amado castelo.

Nem quando a senhora Radegund, a atual baronesa de D’Azûr e viúva do senhor Luc chegou ali vestida como um homem, montada em sua intratável besta negra, acompanhada do *chevalier* Mark, o estrangeiro mestiço e atual guardião. Jamais o bem-cuidado pátio de Delacroix assistiu à entrada de um visitante tão inusitado.

Montado sobre um animal da raça árabe e vestido com trajes que misturavam peças orientais e ocidentais, o homem de pele escura sorria e indagava num francês carregado de sotaque.

— Aqui é mesmo o lugar onde vive Mahkim al-Bakkar de Jerusalém? O *chevalier* mestiço?

Roger coçou a cabeça, já quase totalmente desprovida de cabelos por sob o barrete de administrador, e respondeu.

— Senhor, o castelão de Delacroix chama-se al-Bakkar, porém seu nome, pelo que eu saiba, é Mark.

O homem gargalhou e seu cavalo bateu os cascos no solo, como se acompanhasse o divertimento do dono. Em seguida, falou.

— É verdade, meu bom homem! Esqueci-me de que entre os cristãos ele é conhecido como Mark!

— E posso saber a quem devo anunciar à presença de meu senhor?

— Não precisa anunciar este patife, Roger! — Uma voz grave exclamou das

escadarias de Delacroix. — Já vi que é um velho tratante!

Roger revirou os olhos. Fizera mal em permitir a abertura dos portões ao sujeito? Logo, porém, suas preocupações se mostraram infundadas, já que o *chevalier* Mark descia as escadas e estendia a mão ao sujeito que apeava, cumprimentando-o com franca alegria.

— Aswad! Pensei que jamais fosse vê-lo novamente!

O recém-chegado ajeitou a *djellaba*⁵ sobre a cota de malha. Abraçou Mark al-Bakkar com familiaridade e beijou suas faces. Sorrindo, exclamou.

— Encomendou-me os cavalos e resolvi eu mesmo trazê-los. O plantel estava tão bom que tive receio de que fossem roubados pelo caminho.

E esta é apenas uma parte da história, meu bom amigo, pensou o beduíno consigo mesmo.

Mark, apesar da alegria em ver aquele que foi seu companheiro de armas na juventude, ficou um tanto preocupado com a visita inesperada. Radegund tinha pedido há alguns meses que mandasse vir, através de seus contatos comerciais no *Outremer*⁶, um plantel de reprodutores árabes. Ela os usaria para revigorar a criação de D’Azûr. Sem que a ruiva soubesse, ele solicitou a Aswad que se encarregasse daquela tarefa. Além de confiar na honestidade dele, sabia que o beduíno tinha um olho certo para escolher os melhores representantes da raça. Porém, Mark nunca poderia imaginar que Aswad, um homem do deserto, fosse deixar os afazeres e responsabilidades de sua tribo para vir em pessoa entregar os animais.

Além de causar um verdadeiro rebuliço em toda Delacroix com seus trajes, sua aparência e seus guardas armados com cimitarras e vestidos tradicionalmente, ele nem queria imaginar o que aconteceria no momento em que Radegund chegasse da cavalgada com Terrwyn e o irlandês e se deparasse com Aswad refestelado no salão do castelo. Resignando-se, Mark resolveu aproveitar a visita. Respondeu com um sorriso.

— Pois eu agradeço a consideração, meu amigo! — Voltou-se para o administrador. — Roger, acomode os homens do *sheik* Aswad. Mande o chefe dos cavaliários recepcionar os novos animais. E peça a Trudy que prepare os aposentos de hóspedes.

Assentindo e lançando um último olhar desconfiado para o visitante, o administrador foi cumprir suas tarefas. Aswad confidenciou a Mark.

— Não sei se meus homens concordarão em ficar nos alojamentos. Eu consigo tolerar paredes ao meu redor. Eles, porém, são tradicionais. Ou tendas, ou o céu!

Mark o chamou para que o acompanhasse enquanto caminhavam na direção das escadas que levavam à entrada do salão.

— Compreendo. Se desejarem, podem montar uma tenda no pátio.

— Que seja. — Dando de ombros, Aswad deu algumas ordens aos seus acompanhantes em sua língua nativa e depois, ao entrarem no salão do castelo, olhou em volta, comentando. — Quem diria, Mahkim, que um dia o jovem *mamluk*⁷ se tornaria o senhor de uma herdade nas terras dos *franjs*⁸! Que bela propriedade!

Os olhos de Mark o fitaram um tanto saudosos.

— O título de Delacroix não me pertence. Sou apenas tutor de seu herdeiro. O conde de Delacroix e senhor deste castelo, — ele apontou ao seu redor — foi um dos melhores homens que conheci e também meu amigo.

— Foi?

A voz do mestiço tornou-se mais baixa e grave.

— Sim. Luc morreu há pouco mais de um ano. — Mark fez uma pausa e fitou Aswad. — Ele era o marido de Radegund.

Aswad olhou em volta como se temesse que a ruiva saísse das sombras e voasse sobre ele a qualquer instante. Abaixou o tom de voz.

— Ela está aqui?

— Sim, — Mark balançou a cabeça, desolado — nem quero ver quando ela descobrir que você *também* está aqui. Diabos, Aswad! Poderia ao menos ter me avisado que viria. Eu a teria preparado.

Aswad sorriu, matreiro.

— Ah, vai ser estimulante encontrá-la!

— Acho bom não a provocar, homem. Raden se casou, é mãe, mas continua tão ou mais feroz do que sempre foi. — Franziu o cenho e confidenciou. — Aliás, depois que Luc morreu, ela se tornou absolutamente imprevisível. Está mais instável a cada dia. Fique longe dela se quiser evitar confusão.

— Ora, esqueça, eu... — ele interrompeu subitamente o que falava e fitou as escadarias mais à frente, por onde desciam duas mulheres. — Pelo Profeta!

Mark se voltou para onde o amigo olhava e sorriu. Caminhou na direção das mulheres e tomou o braço de uma delas, sem disfarçar seu orgulho. Aswad, que o seguia, já as estava encarando, ora uma, ora outra. Mark apresentou a que estava de braço dado com ele.

— Aswad, quero que conheça minha esposa, a senhora Clarisse D'Anjou. Cara esposa, este é Aswad, *sheik* da tribo de al-Khalidi, meu amigo.

— É uma honra recebê-lo, *sheik* Aswad.

Clarisse fez uma mesura e ofereceu a mão para o estrangeiro de olhos esverdeados que a fitava de forma apreciativa. Mark, ao seu lado, parecia se divertir com a situação.

A mão calejada tomou a sua e os lábios sorriram antes de depositar um beijo,

não nas costas da mão como era de costume, mas sim em seu punho. Em seguida, o estranho — e abusado, teve essa impressão — Aswad lançou um olhar de provocação ao seu marido, dizendo.

— Por que você sempre fica com as melhores mulheres, Mahkim?

— Ora, porque sou mais bonito e simpático do que você!

Mantendo a mão dela na sua, Aswad falou em tom sedutor.

— Tenho sessenta cavalos, quarenta camelos, trinta servos e posso cobri-la de joias. — Ele beijou sua mão, desta vez do jeito certo. — Deixe-o e venha comigo, pequena ave.

Clarisse corou e sorriu. Olhou de soslaio para o marido e comentou.

— Ele é bem direto, não?

Mark tirou sua mão das de Aswad e ralhou.

— Até demais. Pare de cortejar minha mulher bem debaixo de meu nariz, seu tolo.

O estrangeiro abriu os braços numa rendição e retrucou sorridente.

— Não me custa tentar. — Seu olhar foi atraído para a outra mulher, que ficou um pouco atrás. — E esta outra joia? É sua segunda esposa?

Clarisse abafou uma risada. Mark, por sua vez, riu na cara do visitante.

— Não! E se padre Gervase o ouvir dizendo isso, certamente vai excomungar minha alma imortal que, na concepção dele, já corre sério risco por eu ter sido gerado por uma sarracena! — Ele se voltou para a jovem que, encabulada, permanecia de olhos baixos. — Esta é senhorita Trudy, nossa amiga e também governanta de Delacroix. Trudy, este é o *sheik* Aswad.

A moça ergueu os olhos e fitou o visitante. Aswad por sua vez ficou de boca aberta. Como Mahkim tinha aquela outra beldade sob seu teto e não a tomava também por esposa? Sua mulher era uma pérola delicada, sem dúvida. Mas aquela pequena flor, aquela joia de olhos da cor do mais fino lápis-lazúli, com fios de cabelo semelhantes ao trigo dourado dos campos a escapar do véu, era simplesmente o sonho de todo homem minimamente viril. Pelas barbas do Profeta! Como Mahkim não viu aquela mulher antes? Galante, Aswad pegou na mão trêmula da jovem e beijou-a, dessa vez, em sua palma.

Muda de espanto, Trudy, que já passara por muitas coisas na vida e que já não era mais uma donzela há muito tempo, corou como uma virgenzinha diante do homem de pele escura e olhar faminto. Apenas balbuciou um cumprimento e se retirou, pretextando uma desculpa qualquer.

— Incrível... — murmurou Aswad fitando a porta por onde a jovem desapareceu.

Clarisse, por sua vez, preocupou-se com sua governanta e fiel amiga. Tratou logo de avisar, franca e direta, empertigando-se em sua pouca altura.

— É bem-vindo ao nosso lar, *sheik* Aswad. Porém, as mulheres sob meu teto, desde de Trudy até a mais humilde serviçal, estão sob minha orientação e proteção. Espero que saiba respeitá-las, da mesma forma que gostaria que as mulheres de sua casa também fossem.

Aswad sorriu com suavidade e inclinou discretamente a cabeça para a Clarisse numa mesura.

— Senhora, pode se parecer com uma pequena ave, mas tem o coração de um falcão. Saberei, sem dúvida, respeitar sua hospitalidade e às mulheres de sua casa. No entanto, — ele piscou malicioso para Mark, que assistia toda a cena num silêncio divertido — nada poderá me cegar para a beleza que meu nobre amigo oculta sob seu teto.

— Está certo, Aswad — falou Mark — e quanto aos animais que trouxe?

— Ora, é claro! Quase ia me esquecendo do motivo de minha visita. Quer vê-los agora?

— Sim. Pode esperar que eu me troque? Se for para o meio dos cavalos com estas roupas, minha esposa vai me dar um belo sermão.

— Sem dúvida, marido.

— Vou indo na frente, — sugeriu Aswad — assim vejo se meus homens se acomodaram bem.

— Encontro-o nos estábulos. — Disse Mark para, em seguida, despedir-se de Aswad juntamente com Clarisse.

Ainda distraído com a lembrança de Trudy, o beduíno se encaminhou para a saída do salão. Colidiu com uma pessoa quase tão alta quanto ele, vestida com roupas escuras. Espantados, os dois se encararam. A recém-chegada esbravejou, os olhos verdes carregados de fúria.

— Com todos os diabos do inferno! O que o chagal do deserto faz em Delacroix?

Já no corredor principal, no piso superior do castelo, Mark olhou para a esposa ao ouvir o brado que ecoou por metade da propriedade e constatou.

— Sua prima acaba de se encontrar com Aswad.

— E isso é ruim?

— Isso é péssimo, Clair, — disse ele dando meia volta e correndo escadas abaixo — isso é péssimo!

Na entrada do salão, diante de uma expectante audiência de pajens, criados, algumas damas e um interessado menestrel que já pensava numa nova balada baseada na cena, Radegund, baronesa de D’Azûr, e Aswad, *sheik* dos *al-Khalidi*, mediam-se sem trégua.

Para Aswad, apesar de preferir as mulheres doces, macias e pequenas, ela

continuava estimulante como um animal indomado. Os anos, ao invés de apagarem sua beleza agreste e sem artifícios, tinham-na feito florescer, consolidando os traços de seu rosto e transformando seu corpo, acrescentando-lhe contornos mais femininos, na certa por conta da maternidade. Ah, e ela estava ainda mais intratável também...

Radegund chegava a bufar e a apertar os punhos ao lado do corpo ao encarar o arrogante chefe beduíno. Inadvertidamente, ele havia comprado a ela e a Leila, esposa de Ragnar Svenson, para seu harém há anos atrás na Terra Santa. Apesar dos fatos terem sido esclarecidos e de terem se despedido com frio distanciamento, ela havia ficado com aquilo atravessado. Nutria uma aberta antipatia, aversão até, pelo homem que a havia comparado a um cavalo selvagem e que se dispusera a domá-la.

— Com que então eu me deparo com al-Ahmar em pessoa! — Pilheriou Aswad ensaiando uma medida. — E senti minha falta, suponho?

— Ora seu... pretensioso, arrogante, filho de uma rameira!

— Ei, alto lá, mulher! — Ele ergueu um dedo. — Mais respeito com a linhagem de minha mãe!

Ela espanou seu dedo com uma das mãos e ergueu o dela diante de seu nariz bem-feito e tismado pelo sol.

— Vou lhe dizer o que penso não só de sua mãe e da linhagem dela, como também de toda sua família por parte de pai!

— Sempre trata assim seus visitantes? — Ele tomou a mão que mantinha o dedo em riste e, segurando-a firmemente, beijou-a com galanteria, abaixando o tom de voz. — Ainda não foi domada, leoa?

— Ora seu... — o joelho se ergueu e, não fosse por Mark puxá-la para trás naquele instante, teria colidido diretamente com seu alvo.

— Diabos! Parem já vocês dois!

— Eu estou parado, Mahkim, — zombou Aswad com voz macia — foi a leoa de sangue quente quem mostrou as garras primeiro.

— Algum problema, minha senhora? — A voz grave e serena de Gilchrist soou atrás de Mark, que a custo continha a furiosa Radegund.

Enxergando no irlandês a resposta à suas preces, o mestiço girou o corpo, ainda segurando a ruiva, e empurrou-a nos braços do amigo.

— Pelo amor de Deus, Gil, leve essa criatura daqui para que ela esfrie a cabeça.

— Vai ter que me explicar isso bem direitinho — ela estreitou os olhos na direção do amigo, segura pelos braços de Gilchrist — Mark al-Bakkar!

Vendo que a situação era bem mais complicada do que aparentava, o irlandês a custo conseguiu arrastá-la dali. Mark respirou aliviado, porém, por pouco

tempo. Passando por ele como um furacão, sua invocada irmã completou o serviço que Radegund deixou pela metade. Antes que ele ou Aswad pudessem piscar, ela o acertou com o joelho numa parte ultrasensível de sua anatomia, enquanto bradava.

— Meu irmão pode ter segurado Raden, mas não contava comigo!

— Terrwyn! — Ralhou Mark, estupefato.

— Não me importo com quem ele seja, irmão — ela empinou o queixo — mas quem mexe com Radegund, mexe comigo também!

Dito isto, deu-lhe as costas e bateu em retirada, saindo pelo mesmo lado para onde Gilchrist levava Radegund. Mark só pode se abaixar e socorrer Aswad, que parecia totalmente indefeso, de joelhos e com a mão entre as pernas, no local onde foi atingido. Num gemido, o beduíno indagou.

— Com que tipo de feras convive, meu amigo?

— Nem queira saber...

— Tenha calma, Radegund!

Gilchrist, que era conhecido por todos por sua paciência e comedimento, já estava se exasperando com a irritação da ruiva. Ela andava de um lado para o outro à frente do alojamento dos soldados, bufando e praguejando. Já havia percebido, desde a estadia em D’Azûr, que a amiga estava mais impaciente e irascível do que de costume. Só ficava tranquila na companhia da filha, que era realmente um encanto, ou da espreitada Terrwyn, que a idolatrava e a seguia como uma sombra.

— Inferno, Gil! Como eu posso ter calma depois de encarar esse... esse... bah! Sabe que eu o odeio! Por causa dele fomos arrastadas pelo deserto e Leila perdeu seu bebê. — Ela colocou as mãos na cintura. — Ele nos comprou, Gil! Como se comprem cavalos e jumentos! Mark devia colocar esse cretino para fora! Sabe-se Deus o que ele pode fazer com as moças daqui. Na certa vai querer roubá-las!

— Quer parar com isso! — Ele perdeu a compostura de vez. — Você está agitada demais! Pelo que soube, Aswad veio apenas trazer os cavalos que Bakkar encomendou! Ele não é um monstro, nem um louco para atacar todas as mulheres que vê! E o que aconteceu no Egito foi culpa de Patrus, não dele.

Ela olhou para o irlandês, que ali em Delacroix andava sem seu habitual tapa-olho, os olhos verdes dardejando com frio desprezo.

— Vocês homens são todos iguais, sempre se defendendo uns aos outros. — Parando a frente dele, despejou. — Sabe o que teria acontecido comigo naquele acampamento se Mark não tivesse chegado a tempo? — Deixou as palavras no ar, encarando-o por alguns instantes, e depois voltou à carga. — É isso mesmo o

que está pensando. Teria sido forçada a ir para a cama daquele porco arrogante e prepotente, que condicionou o bem-estar de Leila e o meu ao fato de eu ceder aos seus caprichos! E você ainda o defende, Gilchrist! Pensei que fosse meu amigo.

— Raden tem razão, Esquisito. — Apoiou Terrwyn, sentada sobre o cercado dos cavalos.

O irlandês revirou os olhos. A irmã de Mark, desde a sua última visita à Delacroix, começara com aquela mania de chamá-lo de Esquisito. Se fosse outra pessoa, ele até tomaria satisfações. Mas partindo da meiga e divertida Terrwyn, a quem ele acabou considerando como uma irmã mais nova, deixava passar.

— Terrwyn, entenda. Aliás, vocês duas, tentem entender. Aswad tem outros costumes. E ele até se retratou na ocasião, pelo que Bakkar me contou.

Radegund parou seu vai e vem e estacou diante dele, os punhos cerrados ao lado do corpo.

— Está certo. Vou engolir essa. Apenas porque é você, Gil, quem está me pedindo. Mas escute bem. Se ele continuar me provocando daquele jeito, eu juro que enfio uma lâmina no peito dele. Pode avisar a Mark! — Ela fez um sinal para Terrwyn que saltou do cercado e completou. — Aliás, pode dizer ao meu nobre amigo que aguardo as explicações dele. — Pegou uma sacola de couro que deixou encostada no chão. — Vou com Terrwyn para o campo. Um pouco de treino com as armas vai me ajudar a tirar aquele infeliz da cabeça.

— Não virá para o almoço? — Indagou Gilchrist. — Aswad trouxe os cavalos e deve querer discutir os detalhes da criação. Terá que estar presente.

Merda! Mais aquela...

Com um suspiro resignado, ela concordou.

— Na hora do almoço estarei lá.

Svenhalla, Noruega

Ulla ergueu os olhos da mesa onde separava ervas para secar. Pela porta entreaberta soava o vozeirão de seu irmão recém-chegado. Demoraria apenas alguns instantes para que ele entrasse ali.

— Cinco, quatro... — ela contava e sorria para as ervas que organizava — três, dois...

— Pestinha! — A porta se escancarou e um homem barbudo, de cabelos louros e compridos, adentrou a sala. Sem mais delongas, apanhou-a pela cintura e virou-a de cabeça para baixo sobre o ombro largo. — Estava com saudades de você!

Rindo muito, ela exclamou.

— Björn! Não tenho mais dez anos! Ponha-me no chão!

Girando habilmente a irmã nos braços, ele a segurou acima do chão, encheu-a de beijos estalados e desmanchou seus cabelos esfregando ali o rosto.

— Para mim terá sempre dez anos. Como passou esses meses?

Ulla abraçou o mais velho de seus irmãos, que tinha apenas um ano a mais que Ragnar, e beijou-lhe a face.

— Com saudades de você. — Ela passou a mão em sua barba crescida. — Por Odin! Está parecendo um *troll*⁹.

— Ora! — Ele a ameaçou com cócegas.

Ulla ergueu os braços e comprou sua liberdade.

— Fiz bolos de mel...

Björn soltou-a no chão com um sorriso e voltou-se para a porta, onde deixou o alforje. Passou aqueles meses fora comandando seu precioso Freyja, que veio carregado com mercadorias dos quatro cantos do mundo. E apesar de amar seu navio, o mar e as estrelas, ele já estava sentindo saudade de casa, dos irmãos e de sua *pestinha*. Na certa estava ficando velho. Deixando as reflexões para outra hora, pegou um pacote de dentro do alforje e entregou a Ulla.

— Bom! Sendo assim, vai ganhar seu presente. Abra. Eu mesmo o escolhi para você.

Ansiosa, ela desfez o pacote de veludo e ergueu diante de si um belo broche de prata com uma turquesa engastada.

— É lindo! — Exclamou emocionada. — Obrigada, meu irmão.

Björn a encarou durante algum tempo. Segurou sua mão com carinho, seu rosto ficando mais sério. Apesar de desagradável, tinha que fazer a próxima pergunta.

— E as lembranças?

O sorriso se apagou dos lábios de Ulla, o brilho de seus olhos deu lugar a confusão e ao embaraço.

— Nada. É como se minha mente fosse uma folha em branco.

— Se ao menos me deixasse falar com o irlandês...

— Não! — Ulla se chocou com o próprio grito. Toda vez que o irmão ou Hrolf falavam naquele homem que ela não conhecia, sentia uma enorme angústia. Um medo inexplicável, uma sensação de perda e tristeza que parecia engoli-la e sufocá-la. E nunca a sensação foi tão forte quanto naquele exato momento. Mais calma, repetiu. — Não, irmão. Deixe, eu vou me recordar algum dia.

— Merda, Ulla! — Björn passou a mão pela barba crescida. — Você redigiu uma mensagem dizendo que estava com ele. Eu e Hrolf a vimos. Ragnar também! Se há alguém que pode esclarecer esse mistério, esse alguém é o tal

O'Mulryan! — Ele se aproximou e a abraçou, compreensivo. — Sei que ele não lhe fez mal algum pois, pelo que Ragnar disse, esse irlandês é um homem de honra inquestionável. Apesar disso, ele manteve silêncio sobre o que aconteceu em Cornwall. Não sei se para preservá-la ou o quê! Precisamos saber o que houve com você, minha irmã. Se corre algum perigo! Nossa mãe se angustia, principalmente quando começa a ter aqueles pesadelos.

Inferno! Mal Björn havia chegado e sua mãe, e muito provavelmente todo o resto da família, foi contar a ele que ela vinha acordando no meio da noite aos gritos. Leila até passou algumas noites com ela, velando seu sono! Ragnar era outro que, quando não estava viajando, ficava atrás dela o tempo todo, querendo saber se lembrava de algo, ou com o que andava sonhando. Deus! Não aguentava mais aquilo. Estaria ficando louca?

Resolveu dar um basta nas perguntas do irmão, atacando-o com um assunto que ele detestava. Seria uma bela saída para desviar a atenção dele. Ah, sim, com certeza seria! Afinal, o corajoso capitão Björn Svenson tremia como um garotinho quando o assunto era casamento.

— E então meu irmão, — ela começou, brejeira, passando a mão pelo braço dele, conduzindo-o para fora da saleta — conseguiu uma noiva em sua última viagem? Achei que fosse voltar casado com uma voluptuosa genovesa ou com uma siciliana de sangue quente...

— Ora, Ulla! Poupe-me deste assunto! Está para nascer a mulher que vai me amarrar!

Do outro lado do corredor, a voz macia de Einar, o irmão do meio, retrucou.

— E ela terá que amarrá-lo com os cordames do Freyja, irmãzinha! Björn parece casado com aquele navio!

— Olhe quem fala! — Caçou Björn abraçando o irmão. — Logo você, que é casado com aqueles seus livros!

— Mas eu quero me casar, mano. Já falei; quero uma doce e gentil donzela para ser minha esposa. Doce, gentil e inteligente.

— Vai ter que procurar muito. — Björn jogou-se sobre uma cadeira esticando as longas pernas e apoiando os pés enormes numa banqueta. — Tirando nossa irmã e nossa cunhada, não conheço mais nenhuma mulher que seja bela e inteligente.

Leila, que chegava neste momento junto com o marido, cumprimentou o recém-chegado com carinho.

— Obrigada pela parte que me toca, cunhado, — em seguida indagou — despachou as mensagens?

— Todas entregues, minha bela senhora. Já devem estar nas mãos dos destinatários. — Ele tomou a mão de Leila galante e piscou para Ragnar. — Ah,

meu irmão, por que eu não cheguei antes de você...?

Ragnar riu e arrebatou a mão da esposa das de Björn.

— Perdeu a chance. Agora vai ser o tio solteirão da família! — Voltou-se para a esposa. — Será que eles virão, *liten*?

— Acredito que sim. — Leila confirmou, sentando-se ao lado de Ulla, que brincava com seus filhos. — O Natal ainda está distante e eles terão tempo suficiente para se organizarem. Se vierem no fim do outono, pegarão a época mais bonita em Svenhalla.

— E depois a mais fria... — completou Björn sorrindo para os sobrinhos — terei que ir buscá-los? — Ele indagou na esperança de poder finalmente conhecer a tal Radegund de quem tanto o irmão quanto a cunhada viviam falando.

— Não será necessário, — disse Einar — o Tyr estará vindo do Sul nesta época e poderá trazê-los.

Leila sorriu, sonhadora.

— Mal posso esperar para reunir todos os nossos amigos em Svenhalla. Será o Natal mais feliz de todos!

Delacroix, Normandia

— Aswad não desiste de provocar Radegund, já reparou? — Indagou Clarisse, largando a escova sobre o toucador. — Ele passou o almoço inteiro jogando indiretas para cima de minha prima. Ela quase virou a terrina de guisado sobre sua cabeça! E depois, enquanto ela e Gilchrist inspecionavam os novos reprodutores, ele não se cansava de importuná-la.

— Ele está é perdendo a noção do perigo, — pilheriou Mark, a voz saindo abafada por detrás da túnica que ele despia — na hora em que ela perder as estribeiras, vai fazer picadinho dele.

Clarisse retirou o robe e, só de camisola, entrou sob as cobertas.

— Ele até que é bastante simpático.

Mark olhou-a de soslaio e franziu o cenho.

— Vou trancá-la na torre, mulher!

— Mark! — Ela atirou um dos travesseiros sobre ele, que o agarrou no ar, sorrindo.

— Aswad não pode ver um rabo de saia. Joga aquele charme barato para todas as mulheres de oito a oitenta anos!

— Olhe só. O roto falando do maltrapilho.

Ele jogou as roupas usadas num canto e saltou sobre a cama, ágil, atacando-a com cócegas.

— Retire o que disse, senhora! Sou um homem sério agora!

Rindo muito e se contorcendo, ela se rendeu.

— Está certo! É um homem sério! — Ofegou e conseguiu parar de rir. Seu marido recostou-se na cabeceira da cama e puxou-a para si.

— Aswad bem que ficou de olho em você quando chegou. Faz o tipo dele.

— Está com ciúmes, meu marido? — Ela ergueu uma sobrancelha, do mesmo jeito que a prima fazia.

Mark baixou os olhos carinhosos para ela.

— E não é para ter? Com uma mulher adorável como você, qual o homem que não sentiria ciúmes? Principalmente com aquele beduíno conquistador arrastando a asa para o seu lado! Acho bom ele voltar as atenções dele para Radegund e esquecer que você existe...

Clarisse riu e recostou-se em seu peito, ouvindo as batidas ritmadas de seu coração, deliciando-se com o contato da pele morena e quente com seu rosto. Depois de um longo e confortável silêncio, ela sorriu e falou.

— Sabe o que eu acho incrível?

— Sim...

— Que você e minha prima nunca tenham se apaixonado um pelo outro. — Mark deu uma sonora gargalhada. Chegou a chorar de tanto rir. Clarisse deu-lhe um tapinha no ombro e simulou zanga. — Ei! O que eu disse de tão engraçado?

Contendo a custo as risadas, ele respondeu.

— Ah, Clair! Por um momento tentei imaginar... — ele riu de novo — isso seria terrível. Pense. Cada vez que eu e ela brigássemos, ao invés de discutir como um casal normal, teríamos um duelo! — Ele conseguiu parar de rir e beijou-a longamente para depois dizer. — Acho que eu e Radegund sempre fomos parecidos demais para nos apaixonarmos um pelo outro. E também nos conhecemos bem demais. Além disso, o destino já havia me reservado uma doce e bela ninfa... — ele começou a acariciá-la, sedutor — de pele macia e cabelos dourados... — seus beijos fizeram uma trilha por seu rosto e seu pescoço — pequena e delicada... — suas mãos acariciaram os seios, arrancando-lhe um gemido — mais afeita ao amor do que às espadas.

— Hum — ela se esfregou nele, provocando-o — e quem disse que não podemos duelar também, *sire*?

— Ah, minha doce Clair! Os duelos em que nos empenhamos são bem mais interessantes e divertidos!

Desta vez, foi ela quem caiu na risada, deslizando as mãos sobre o corpo dele, arrancando-lhe um longo e sensual gemido.

— Sem dúvida, senhor meu marido.

Tendo dificuldade em conciliar o sono, desacostumado que estava em dormir em camas como aquelas e trancafiado entre quatro paredes, Aswad foi o primeiro a escutar aquilo, apesar de ser alta madrugada. Um grito de agonia ecoando pelos corredores, vindo da mesma ala onde ele foi acomodado.

Sem pestanejar, saltou da cama como estava, só de calções, e apanhou a *jambya*¹⁰ que permanecera ao lado da cabeceira. Correndo, atravessou os aposentos escuros e saiu pela porta, colidindo com alguém que vinha na direção oposta.

— Diabos! — A pessoa resmungou e ele logo reconheceu a voz.

Lá vinha outra guerra...

— Ora!

Radegund bufou no escuro, desvencilhando-se dele.

— Será que tem sempre que cruzar meu caminho, chacal?

— Deixe de ser mal-humorada! Ouvi o grito e vim...

Aswad foi interrompido por outro grito e mais pessoas apareceram no corredor. Clarisse e Mark, sonolentos e desalinados. Terrwyn ao lado de uma apavorada Trudy, que segurava uma vela, e dois meninos; Gaetain e Jean. Cada um parecendo mais espantado do que o outro. Radegund avisou, já correndo.

— Vem do quarto de Gilchrist! — Ela avançou sobre a porta e tentou abri-la.

— Inferno! Está trancada! — Começou a esmurrar a madeira quando outro grito angustiado cortou a noite. — Gil! Abra!

Mark apareceu ao seu lado, chamando também e socando a madeira.

— Gilchrist!

Vendo que não havia resposta, Aswad afastou a ruiva da porta, sem se incomodar com sua cara feia, e olhou para Mark.

— Vamos colocá-la abaixo, Mahkim!

Com os ombros, os dois homens arrombaram a porta. Radegund passou correndo por eles no mesmo instante em que mais um grito irrompia do meio da cama onde o irlandês dormia.

— Gil! — Ela saltou sobre o colchão e segurou o amigo, que se debatia furiosamente. — Gilchrist! Acorde! — A cabeça dele acabou acertando seu nariz. Ignorando o sangramento e a dor, ela esbravejou. — Merda! Ajudem-me a segurá-lo!

As garras apertavam seu peito, rasgavam sua alma. Mais um grito de dor escapou de sua garganta enquanto a gargalhada sinistra vibrava na escuridão.

Lá embaixo, ele via, entre a névoa, a enorme fogueira.

— Gilchrist! — Mark tentou segurá-lo pelos braços, mas nem mesmo a sua

força era páreo para o irlandês, que se debatia em fúria.

— Pelas barbas do Profeta! — Rosnou Aswad ao tentar segurar as penas dele e ser chutado longe. — Isso não é coisa deste mundo! Vejam!

Radegund e Mark olharam na direção em que o beduíno apontava. Sob as tatuagens nos punhos de Gilchrist, a própria pele do cavaleiro ondulava-se de tal forma que dava a impressão de que os dragões estavam vivos. E no peito de Gilchrist, quatro sulcos profundos, semelhantes às marcas feitas pelas garras de algum animal, surgiram repentinamente, o vermelho vivo da carne dilacerada contrastando com a pele clara.

Do outro lado do quarto, Clarisse e Trudy puseram-se a rezar e Gaetain abraçou Terrwyn, com medo. Jean, impassível, observava o tormento do cavaleiro adormecido.

— Mark, faça alguma coisa! — Gritou Radegund, deitando-se sobre o peito do irlandês, tentando contê-lo com o próprio peso. — Ele vai acabar morrendo assim!

— O que sugere, garota?

— Diabos, eu não sei!

Sem se importar com a discussão entre os dois, Aswad deu meia volta e já na porta do aposento, gritou.

— Já volto! Talvez eu tenha uma solução!

— Volte aqui! Inferno! — Berrou Mark tentando agarrar as pernas de Gilchrist, enquanto outro grito sinistro ecoava no quarto.

O cheiro de carne queimada embrulhou seu estômago. Suas pequenas mãos crispavam-se nas barras de ferro.

— Mãe!

A angústia o engoliu. Uma névoa vermelha o envolveu...

— Deixe-me, demônio!

— Vá embora, Dragão! A dádiva me pertence! Ela é minha!

— Não enquanto eu viver!

— Isso será por pouco tempo... o que é isso? Quem trouxe isso para cá? Maldito! Maldito! Mil vezes maldito! Pagará por isso Dragão. Todos pagarão. Um a um pagarão por atravessarem meu caminho!

Aswad retornou em poucos minutos, trazendo na mão um pequeno pedaço de metal, que Mark notou se tratar de uma espécie de medalhão. Sem demora, entrou no meio da confusão de braços e pernas que agarravam o corpo forte do irlandês e pendurou-o no pescoço dele. E como num passe de mágica, ele se acalmou.

— O que fez? — Indagou Radegund, olhando espantada do rosto agora sereno de Gilchrist para o semblante aliviado de Aswad.

Ele se voltou para a ruiva, que já se levantava de cima do cavaleiro adormecido. Lançou um olhar apreciativo para a camisa que ela costumava usar para dormir, e que deixava a maior parte de suas pernas à mostra. Ela amarrou a cara. Aswad resolveu responder logo, antes que apanhasse de novo.

— É apenas um amuleto de proteção.

— Deixe-me ver se eu adivinho — aproximou-se Mark, passando a mão pelos cabelos desarrumados — é um amuleto de proteção contra aquele deus-serpente, o tal Set. Acertei?

— Sim.

Clarisse entrou no meio do assunto, abraçando o marido.

— Por favor, seja o que for que aconteceu, estão todos apavorados, principalmente Trudy e Gaetain.

— Leve-os daqui, Clair — pediu Mark gentilmente — vou ver se conseguimos despertar Gil e descobrimos que loucura foi essa que o acometeu.

Clarisse suspirou resignada, comentando.

— Espero que não seja obra de outro louco como aquele Patrus!

Aswad abriu a boca para dizer algo, mas acabou desistindo. Radegund se aproximou da cama onde o irlandês agora dormia placidamente. Chamou baixinho, tocando-o levemente no ombro.

— Gil! Gilchrist acorde, sou eu, Raden...

Ele se remexeu um pouco, resmungou algo e abriu os olhos espantados.

— Radegund? O que faz em minha cama? — Ele ergueu parcialmente o corpo num dos cotovelos e olhou em volta. — Aliás, o que todos vocês fazem em meu quarto?

Recuando para as sombras do corredor, Jean tratou de seguir Trudy, Terrwyn e Gaetain, que caminhava de mãos dadas com a mãe. Seu olhar, no entanto, encontrou o par de olhos diferentes do irlandês por uma fração de segundo. E sua mão apertou até sangrar a pequena escultura do dragão, quebrando uma das asas.

Estou acordando, Dragão. E estou aqui.

Lübeck, Norte da Europa

Seguindo as orientações deixadas pelo Hermes, A.M. Scholz seguia em sua tortuosa jornada com o intuito de despistar quaisquer perseguidores que estivessem de vigia, apenas aguardando uma oportunidade para colocar as mãos nos arquivos da Sociedade.

Deixou inúmeras pistas falsas para confundi-los, principalmente aos homens da Ordem. Agora, no entanto, precisava de recursos. Teria que recorrer a um dos postos de controle e novamente reaparecer aos olhos do mundo. Secando o suor frio das mãos na lã de suas roupas, empurrou a porta da loja do ourives e entrou.

Esperou que o balcão esvaziasse fingindo examinar algumas mercadorias. Na primeira oportunidade, aproximou-se. Com o capuz do manto baixado sobre o rosto, emitiu sua senha em latim.

— Com uma espada corto a cabeça da Hidra.

Estacando automaticamente, o ourives judeu deu a contrassenha.

— Duas nascerão em seu lugar.

Com alívio, A. M. Scholz baixou o capuz e encarou o aturdido ourives, que só pode exclamar.

— Misericórdia!

Mar Mediterrâneo

Houve um tempo em que apenas a honra importava. Tempo este em que apesar do rigor do clã e do treinamento, ela foi feliz. Para sua desgraça e a de seu nome, no entanto, seu marido se revelou um traidor. E ela teve que erguer as mãos para os céus e agradecer pelo simples fato de ter sido deixada viva. Porém, seu clã já não mais a queria. Expulsaram-na e a deixaram a própria sorte. Todavia, naquela época, sempre havia trabalho para alguém com seus talentos. Tivesse ela honra ou não.

Certamente ela a possuía. Porém, de uma forma particular e única, que não encontrava escrúpulos em envenenar um proeminente figurão de algum clã ou cortar meia dúzia gargantas no intuito de levar a cabo sua missão. Por tudo isso, quando foi procurada por aquele grupo em especial e confrontada com a missão que estava em curso naquele momento, o mínimo que sentiu foi estranhamento.

Fazia pelo menos três anos que fora chamada pelos *Sennins*^u a uma cabana isolada no meio do frio invernal em Iga. Ali, além de ser indagada de todas as formas a respeito de sua formação e de seus códigos de honra, foi confrontada também com algumas verdades a respeito de si mesma e de seu finado e desonrado marido. E a pergunta que lhe fizeram foi: teria coragem de morrer por sua honra?

Com uma simples inclinação de cabeça, ela havia assentido e aceitado sua missão, sina, fado ou qualquer que fosse o nome que dessem para algo na direção do qual ela se sentira caminhando por toda a sua vida. Fosse como fosse, aquela seria a chance de resgatar sua honra, seu nome e a verdade sobre quem era.

O povo ignorante a apontava na rua, quando ainda se atrevia a sair durante o dia, chamando-a de filha dos *Tengu*¹², os demônios-alados. Ao mesmo tempo, equiparavam-na aos *ronins*¹³. E ela, apesar de ensinada a ignorar aquelas emoções mundanas, estava farta daquilo tudo. Pois, por mais que seu treinamento a levasse a superar medos, obstáculos e dúvidas, ela ainda era humana. Pelo menos, era nisso em que acreditava.

Puxando sobre a cabeça o capuz da veste que os sarracenos chamavam de albornoz, e que era muito prática para ocultá-la de olhos curiosos, ela se apoiou na amurada do navio. Em poucos meses chegaria ao seu destino, depois de ter cruzado o mar, as estepes, as terras do *Khan*¹⁴ e as areias do tal Saladino. Um lugar longínquo nas terras bárbaras que os *Sennins* lhe disseram se chamar *Nor-u-ega*. Como era difícil pronunciar aquilo!

Abrigando-se do vento, enrolou-se mais ainda no albornoz e apertou o amuleto em seu pescoço, pedindo forças a *Amateratsu*¹⁵. Lá, naquelas terras frias, estava sua missão. Lá estava seu destino. Lá encontraria aquele que deveria morrer.

Delacroix, Normandia

Mark batia com o dedo no tampo da escrivaninha, enquanto Aswad examinava as peças esculpidas em marfim num tabuleiro de xadrez. Ambos aguardavam pacientemente a chegada de Gilchrist e Radegund que, naquele exato instante, passavam pelas portas do gabinete.

— Feche a porta, por favor, Gil — pediu Mark — e passe a chave.

Radegund, com o nariz e um olho arroxeados, e já vestida com uma túnica e calças de lã, passou as pernas sobre o encosto do sofá e sentou-se sobre ele.

— Não pode dar a volta e se sentar? — Indagou Mark.

— Chamou-me aqui para me ensinar boas maneiras? — Retrucou ela, mal-humorada.

Bufando, ele a ignorou e voltou-se para Gilchrist.

— Está se sentindo melhor?

— Tirando isso — ele apontou para as bandagens no peito que apareciam pela gola da camisa entreaberta — e a culpa por ter deixado Radegund com um olho roxo, estou. Podem me explicar o que aconteceu lá em cima?

— Achávamos que você nos diria — falou Aswad.

Gilchrist olhou-os um pouco confuso. A ruiva partiu para o ataque.

— Falando em explicar, — ela fitou o beduíno com desconfiança — quero entender, antes de mais nada, como você sabia que aquele medalhão faria o ataque de Gil cessar. O que é aquilo?

— Aquilo é um amuleto de proteção contra Set, como Mahkim falou — respondeu Aswad, sentando-se numa cadeira.

Gilchrist deu a volta e sentou-se no sofá, próximo aos pés da ruiva.

— E como sabia que faria efeito? — Ele indagou em voz pausada, olhando o beduíno com desconfiança. — E por que trazia aquilo com você?

Radegund estava tão desconfiada quanto o irlandês com a presença inesperada de Aswad ali, bem como com sua intervenção providencial naquela noite. Providencial até demais, pensou. Expôs suas deduções em voz alta.

— Estranho o fato de Gil ter sido vítima deste ataque, pesadelo, ou sei lá o que, exatamente na noite posterior à sua chegada à Delacroix. Até então, no período em que ele esteve hospedado em D’Azûr e aqui, isso não havia acontecido.

Aswad franziu o cenho e a encarou.

— Seja clara em suas acusações, mulher.

— Estou sendo clara, chagal. Para mim, você não é de confiança.

— Radegund! — Admoestou Mark.

— O que é? Só porque serviu junto com ele há não sei quantos anos atrás, acha que pode confiar?

Aswad ergueu-se irritado e retrucou.

— Se não quer ajuda, partirei imediatamente. E a deixarei à própria sorte, mulher insolente!

Dito isso, ele saiu batendo a porta.

— Viu o que fez? — Exclamou Mark. — Aswad veio nos oferecer ajuda e você o ofendeu!

— Eu não o ofendi! — Ela se colocou de pé e o encarou. — Só acho muito estranho ele ter vindo pessoalmente trazer os cavalos quando isso poderia ter sido feito com segurança a bordo de um de seus navios!

O mestiço se ergueu também, retrucando.

— Deixe de ser desconfiada de tudo!

A voz serena de Gilchrist interrompeu a discussão dos dois.

— Ela tem razão em não confiar, Bakkar. — Ele se levantou e se colocou ao lado da ruiva. — Mesmo ele sendo seu conhecido de longa data, estiveram separados por muito tempo. Não sabemos ainda o que o trouxe aqui e muito menos como ele poderia ter tanta certeza de que aquele objeto interromperia a crise que tive.

Mark o encarou, o semblante duro.

— E o que teve, Gilchrist?

— Um pesadelo.

— Bem real, por sinal... — o mestiço comentou, irônico.

Uma sombra de contrariedade passou pelos olhos estranhos de Gilchrist.

— Mais do que imagina.

Por alguns instantes os dois homens permaneceram se encarando. Quando percebeu que o amigo não ia dizer mais nada, Mark balançou a cabeça e falou num tom de voz que traduzia seu cansaço.

— Vou atrás de Aswad e tentar convencê-lo a ficar e dizer a que veio. Acho que ele sabe de algo que ainda não sabemos.

Radegund torceu o nariz e ele a ignorou, saindo pela porta, deixando-a com o irlandês. Gilchrist se aproximou dela e indagou.

— O que há com você, de verdade?

— Não sei do que está falando... — Ela tentou desconversar.

— Ora, vamos! — Ele forçou. — Está tensa, desconfiada e irritada. Vive olhando por sobre os ombros e perde a paciência por tudo, até mesmo com Bakkar. Venho observando você, tanto em D’Azûr quanto aqui também. E eu a conheço há anos, Radegund. Você não é assim. E estou certo de que isso não é apenas por causa do que houve em Delacroix. Tem sonhado também, não é mesmo?

Pasma, ela não conseguiu responder. Apenas ficou olhando para ele, boquiaberta. Bem dizia Terrwyn ao chamá-lo de esquisito! Cruzou os braços, na defensiva.

— E como sabe que isso se deve aos sonhos que venho tendo?

Gilchrist sorriu.

— Porque acaba de confirmar minhas suspeitas.

— Gil! — Ela exclamou. — Isso foi um golpe sujo!

Ele tomou sua mão com gentileza.

— Perdoe-me. Mas era importante ter certeza. De qualquer forma, tem que saber que tudo isso tem a ver, principalmente, com sua filha.

No corredor escuro, Aswad praguejava em sua língua contra aquela mulher insolente e exasperante que não se cansava de irritá-lo. Fosse em sua terra, já teriam lhe arrumado outro marido que a colocasse em seu devido lugar. Criatura irritante! E ainda por cima o irlandês estranho a apoiava naquelas suspeitas ridículas contra sua pessoa. Tão distraído estava que acabou colidindo com alguém de baixa estatura que caminhava pelo corredor. A pessoa em questão deu um gritinho e exclamou.

— Céus!

Esticando os braços, ele a amparou pelos ombros macios. Sentiu os cachos sedosos roçando as costas de suas mãos. Um cheiro suave de lavanda inundou o ar ao seu redor. Tentou descobrir quem era. Seria a esposa de Mahkim? Parecia

ser ela.

— Senhora Clarisse?

Trudy engoliu em seco. Era o estrangeiro!

“Oh, meu Deus!”

Com tantas pessoas pelo castelo, ela tinha que ter topado justo com o homem que fazia seu coração dar saltos só por olhar em sua direção? Morria de medo do estrangeiro de pele escura, quase tão grande quanto o senhor Mark ou o irlandês. Eles, no entanto, Trudy conhecia e respeitava. Neles confiava. Daquele estranho, no entanto, ela guardava um receio indefinido. Ele a fazia se sentir insegura, como se a qualquer momento fosse saltar sobre ela. Com voz trêmula, respondeu.

— Não senhor, sou Trudy, a governanta.

Os dedos morenos que a amparavam acariciaram seus ombros de forma discreta. Na escuridão ela ouviu a respiração profunda dele, seguida de sua voz grave modulada num timbre macio.

— Ah, a pérola que Mahkim oculta em sua casa... — uma das mãos deixou os ombros de Trudy e subiu ao longo de seu pescoço, causando-lhe um súbito estremecimento, que não passou despercebido ao sedutor Aswad — queria que houvesse luz neste corredor, apenas para enxergar as joias que são seus olhos.

Um suspiro escapou dos lábios da moça, para deleite de Aswad que, no escuro, apenas podia sentir a pele macia e quente sob os dedos. Aspirou o perfume suave e roçou o polegar sob o lóbulo da orelha delicada, sentindo a pele dela se arrepiar. Aproximou-se mais um pouco, e amaldiçoou a própria precipitação, pois o movimento acabou por assustá-la.

Recuperando o senso, Trudy se afastou dele. Onde estava com a cabeça? Há muito não era mais uma mocinha de taverna, que se insinuava para os homens para ganhar uns tostões a mais. Era agora a governanta de Delacroix, objeto de confiança de seus senhores, principalmente da senhora Clarisse e da senhora Radegund. Nenhum homem deveria tocá-la daquela forma se não tivesse intenções sérias a seu respeito. Reuniu toda sua coragem e falou, altiva.

— Senhor, sou uma moça de respeito. Deixe-me passar, por favor.

— Claro, gentil senhorita — sua voz vibrou de uma forma que a fez jurar que ele sorria — até porque, se a delicada ave com coração de falcão ou a insolente leoa me flagrarem aqui com você, com certeza cravarão suas garras em mim sem dó nem piedade. No entanto, — ele a segurou pelo braço e Trudy prendeu a respiração — sob a luz do dia, ninguém poderá me impedir de admirar sua beleza e seu olhar, bela pérola.

Desconcertada, Trudy se soltou. Agarrou a barra do robe e saiu correndo, ouvindo atrás de si a risada do estrangeiro.

Antes que pudesse continuar em seu caminho, Aswad viu a luminosidade de um archote aumentando gradativamente na direção da escada. Logo, a silhueta alta de Mark desenhou-se contra a luz.

— Aswad, desculpe os modos de Radegund. A vida tem sido dura para ela; — ele se adiantou e passou pelo amigo, chamando-o — acompanhe-me. Quero que compreenda exatamente o que digo.

Em silêncio, Aswad o seguiu. Meia hora depois, diante de uma parede recém reconstruída numa das torres, Mark terminava de relatar a história de Radegund e da morte de Luc, há pouco mais de um ano, numa queda daquele mesmo lugar.

— Pelo Profeta, — Aswad tocou as pedras frias — eu não fazia ideia...

— Sei que não justifica o comportamento de Radegund, — afirmou Mark — mas ao menos o ajudará a entender porque ela está assim. Só Lizzie e Terrwyn conseguem tocá-la.

Aswad voltou-se para o antigo companheiro de armas.

— Gostaria de ter a lealdade de alguém como a leoa tem a sua, Mahkim.

— Vivemos muita coisa, Aswad. Compreendo sua dor. Apesar de que...

Ele parou de falar e tocou a parede, perdendo-se em recordações. O beduíno o incentivou.

— Continue.

— Raden anda estranha desde que chegou. — Mark constatou. — Mesmo antes de vir para cá com Gil, eu senti que algo andava errado com ela. Raynor já havia me dito que ela passa os dias praticando com as armas e exigindo o máximo dos homens, como se a qualquer momento um exército fosse invadir D’Azûr. Ela está angustiada, irritada, desconfiada ao extremo. Até eu venho tendo dificuldade em me entender com ela. Não sei o que está acontecendo. Mas tenho certeza de que Gilchrist sabe de algo. — Ele encarou o beduíno. — Assim como você também parece saber.

Aswad, ao considerar tudo o que ouviu e viu naquela noite, decidiu que era hora de expor suas razões.

— Vamos voltar então ao gabinete, Mahkim, e contarei tudo o que sei e o real motivo de minha visita a Delacroix. Apenas passarei antes em meus aposentos.

— Está certo — concordou Mark — encontro com você lá embaixo. Vou acalmar os ânimos de Radegund.

Svenhalla, Noruega

Ulla sonhava...

O Dragão a encarou espantado.

— Como é? Quer que eu tire as minhas roupas?

— Sim.

— Todas elas?

— Consegue fazer isso sozinho? — Ela lutava para não rir e, ao mesmo tempo, para não corar imaginando o corpo magnífico que ele ocultava sob as pesadas vestes. — Ou terei que ajudá-lo a se despir?

— Senhorita!

Como se falasse com uma criança pequena e renitente, ela explicou.

— Dragão, temos pouco tempo. Precisa se purificar com a água da fonte para o ritual. Ninguém pode se apresentar diante do altar da Mãe estando impuro.

Ele franziu o cenho.

— E no que consiste essa “purificação” de que tanto fala?

— Entrará na cabana de pedras e Gjurd acenderá o fogo da Deusa. Lá ficará até a lua aparecer no céu. Depois, seu corpo será lavado e receberá as runas. Então, você será levado ao altar junto com a espada, que será consagrada por suas mãos.

— Por que eu?

Céus! Que homem mais curioso! Por que ele simplesmente não aceitava o destino como deveria ser, assim como ela o aceitou? Tudo para ele tinha que ser pesado, medido e racionalizado? Algo exasperada, retrucou.

— Porque que sim. Porque você é O Dragão.

— E você?

— O que tem eu, Dragão? — A impaciência agora era a nota mais evidente em sua voz.

— Qual o seu papel nisso tudo?

Seu rosto se fechou e seus olhos se tornaram mais profundos do que o céu da madrugada sem lua.

— Eu sou a causa de tudo. Serei a Deusa, no altar. E a dádiva do Dragão.

Dito isto, deu-lhe as costas e apontou um manto de peles pendurado à entrada do casebre.

— Quando estiver despido, enrole-se nisto. Estarei esperando para conduzi-lo à cabana.

Antes de qualquer outra pergunta, saiu pela porta, deixando um silêncio denso atrás de si.

Novamente Ulla se ergueu num salto. As cobertas reviradas atestavam seu sono intensamente agitado. Quem eram aquelas pessoas? Quem eram o tal Gjurd e o homem que ela chamava de Dragão?

No sonho ela se sentia profundamente ligada àquele homem de olhos um de cada cor. Ele era belo, apesar dos olhos estranhos. Os cabelos, que ela ainda não sabia se eram castanho-escuros ou negros, encaracolavam-se ao redor de seu pescoço. A barba sombreava o rosto, mas não conseguia apagar a perfeição de seus traços que remontavam, certamente, aos ancestrais romanos. A boca era bem-feita, com o lábio inferior um pouco mais cheio que o superior e sempre estava algo contraída, numa atitude séria. Era raro ouvir uma risada ou ver em seus lábios um sorriso. Sua voz acariciava seus ouvidos e ela se sentia estremecer ao se recordar do eco de suas palavras em sua mente... Céus! Como podia saber tanto a respeito de alguém que não conhecia, que só via em sonhos?

Quem era aquele homem? Quem era Gjurd? *Quem era ela?*

Delacroix, Normandia

No gabinete, Radegund ainda encarava Gilchrist. Com o coração batendo furiosamente no peito, conseguiu perguntar num fio de voz.

— O que Elizabeth tem a ver com isso tudo?

— Não sei ao certo. Mas acredite, sua filha parece ser uma peça-chave numa engrenagem muito maior. Quando a fiz prometer que não tiraria o *triskle* de seu pescoço, foi para mantê-la fora do alcance de todo o Mal que a ameaça.

Naturalmente ele não falou sobre aquela história de Ulla lhe dizer, no dia em que o procurou em Delacroix, que teria que matar uma criança. Pedia a Deus todos os dias para que aquilo fosse mentira. E caso fosse verdade, para que a criança em questão não fosse a pequena Lizzie, pela qual ele já desenvolvera uma profunda afeição. Se assim fosse, o mundo que se danasse, pois ele jamais levantaria a mão contra a filha de Radegund.

— Está me deixando com medo. E confusa também. — Ela se sentou e colocou a cabeça entre as mãos. — Por que Lizzie? Por que eu, você...? Por que nós?

— Sei apenas que tem a ver com o que aconteceu em Tiro, naquela noite em que salvamos Ragnar. Pelo que concluí, aquele ato abriu as portas para o Mal que agora nos atinge. Ainda não compreendi com exatidão. Ulla me disse...

Ela ergueu a cabeça de forma abrupta.

— Ulla? A irmã de Ragnar? A mesma que levou a espada de Luc embora? Aliás, o que foi feito da espada? Que merda, Gil! Que confusão é essa em que estamos enfiados até o pescoço?

— Uma coisa de cada vez, sim? Como eu disse, tudo tem a ver com o que aconteceu em Tiro; tudo foi desencadeado ali. A espada foi levada para ser consagrada num ritual, em Cornwall. Ulla sumiu logo depois, levando-a consigo.

Desde então, não tive mais contato com ela, em parte por ordem de Gjurd, o sacerdote que nos orientou. E antes que pergunte; não, eu não sei exatamente porque Lizzie é importante para esta criatura do mal. Sei apenas que, depois daquela noite em que Tarascon e Patrus morreram, a Coisa se recolheu, mas continua à espreita. A qualquer momento poderá acordar e reclamar sua dádiva, como diria Ulla. Naquela noite... — ele hesitou e olhou dentro de seus olhos — naquela noite, Luc veio me ajudar. Ele veio me avisar do Mal que ameaçava Lizzie.

Radegund ficou de pé, pálida.

— Você o viu...

— Assim como você.

Ela balançou a cabeça, numa perplexa negativa do óbvio.

— Como... como sabe?

— Você o viu, na abadia, na manhã de Natal. Eu a encontrei chorando no pátio, lembra?

— Está blefando de novo.

— Não. Ele fala comigo. Em sonhos e visões.

— Prove.

— Ele sabia... sobre nós. — Ela lhe deu as costas, inquieta. E Gilchrist praticamente repetiu as palavras de Luc. — Ele disse a você que eu não era seu destino e que sua felicidade estava mais perto do que podia imaginar. Disse também que sabia que tínhamos passado aquela noite juntos.

Espantada, com os olhos arregalados, ela se voltou.

— Quem é você Gilchrist? O *que* você é?

— Não tenha medo de mim — ele deu um passo à frente e segurou sua mão. Estava gelada. — Vê. Continuo o mesmo de sempre, de carne e osso. Apenas tenho o dom de saber de coisas que as outras pessoas não sabem. E também de ver e ouvir os mortos.

Ela puxou a mão e recuou, cruzando os braços, sentindo um frio súbito. Preferia lidar com coisas que sua espada pudesse ferir e matar. Não era afeita ao sobrenatural.

— Isso me dá medo, Gil. Não gosto disso.

— Nem eu. — Ele suspirou resignado. — Olhe, está tarde. Acho melhor descansarmos. Conversaremos de novo amanhã, com a cabeça fria. Até lá, você terá tempo de pensar a respeito de tudo o que lhe falei.

— Não vai esperar por Mark?

Após uma breve hesitação, ele respondeu.

— Não.

Radegund ainda tinha uma pergunta.

— O que me contou... é segredo?

Gilchrist endereçou-lhe um de seus raros sorrisos.

— Depois do que aconteceu hoje, pouco ou nada continuará a ser segredo. Boa noite.

A porta se fechou com suavidade, deixando-a diante da janela, olhando a noite escura, mergulhada em dúvidas.

Mark se aproximava pelo corredor quando, pela porta entreaberta, ouviu as palavras de Gilchrist. Apesar de não ser afeito a intrigas, os anos que passou trabalhando como espião acabaram falando mais alto. Ele parou um instante para escutar o que o irlandês e Radegund diziam. E nada o preparou para aquela descoberta. Claramente ouviu quando Gilchrist mencionou “*que tínhamos passado aquela noite juntos*”.

Radegund e Gilchrist? Quando? E por que ela havia escondido isso dele? Nunca tiveram segredos um para o outro, sempre foram amigos e leais à amizade que os unia. O que estava acontecendo entre eles? Por que sentia que se distanciavam, que sempre entravam em atrito? Gilchrist falava de um Mal, de uma força maligna agindo ao redor deles. Poderia esta força querer gerar desunião entre ele e Radegund? Atirá-los um contra o outro, romper anos de respeito e lealdade? Claro, uma tática óbvia. *Dividir para conquistar*.

— Seja o que for, meteu-se com a pessoa errada. — Resmungou. E assim que viu Gilchrist sair do gabinete e se distanciar, entrou e fechou a porta.

Radegund voltou-se, entre sobressaltada e irritada.

— Já consolou seu camarada?

— Por que isso? — Ela não deu resposta e ele questionou. — Raden, desde que chegou aqui, só temos feito brigar por ninharias. Tudo é razão para um atrito, uma resposta atravessada. Já percebeu?

Pela primeira vez ela parou para pensar. Mark tinha razão. Parecia que tudo era motivo para irritação entre eles. E eles não eram assim. Nunca foram! Sempre compartilharam tudo, sempre se apoiaram e desejaram a felicidade um do outro. Eram mais que amigos, mais que irmãos. Discutiam muitas vezes, pois ambos possuíam personalidades fortes e queriam fazer valer suas opiniões. Porém, acabavam sempre se entendendo de um jeito ou de outro. E mesmo quando não se entendiam, era algo passageiro, que acabava virando motivo de risada ou de uma disputada partida de xadrez. O que os estaria levando àquele distanciamento, àquelas rugas tão sem sentido? Estaria, como disse Gilchrist, o Mal presente ali, à espreita?

— Me perdoe, Mark, — ela capitulou e estendeu a mão para ele — não tenho sido boa companhia já faz algum tempo.

Ele apertou sua mão e puxou-a para que se sentasse ao seu lado.

— Vamos conversar, está bem. E tentar resolver os problemas como sempre fizemos, juntos. Somos sócios, está lembrada?

Ela sorriu e entrelaçou os dedos nos dele. Permaneceu em silêncio por um tempo observando suas mãos unidas. E confessou de repente.

— Dormi com Gil.

Ele não pôde mentir.

— Eu ouvi quando falava com ele, ainda há pouco. Desculpe. Não quis ser indiscreto.

— Tudo bem. Nunca tivemos segredos, Mark. Sempre dividi tudo com você. Mas é que... — ela engoliu em seco e olhou para as próprias mãos que brincavam com os dedos entrelaçados aos seus — aconteceu. Aconteceu na véspera de Natal, do que seria... ah, inferno! — Tensa, ela teve dificuldade em continuar. Lutou para engolir as lágrimas. Sua voz saiu num sussurro. — Sinto-me uma vagabunda dizendo isso. Foi na véspera do que seria meu aniversário de casamento. — Ela olhou para ele e disse, como se estivesse se desculpando. — Gil apareceu na abadia. Nós conversamos, ele... eu estava tão sozinha, tão carente, tão vazia! Eu só queria...

Dois dedos tocaram seus lábios com brandura.

— Não se recrimine. Sei quem é. Não precisa justificar seus atos para mim. Apenas saiba que eu teria ficado feliz se tivesse podido aliviar uma parte de seu fardo. Como pôde pensar, por um minuto sequer, que eu a julgaria?

Ela abaixou os olhos. Não só pôde, como pensou. Ela mesma se recriminou vezes sem conta, mesmo depois daquele encontro mágico com Luc na abadia. E sem sentir, em meio às lágrimas, viu-se relatando aquele momento ao amigo. No fim, os dois estavam emocionados. Mark ainda conseguiu falar, forçando a voz através do nó que se formou em sua garganta.

— Eu o vi naquele dia em que fui buscá-la na velha torre. Esteja certa de que ele vela por você. E por Lizzie.

Depois de um prolongado silêncio, ela falou.

— Tenho sonhado com ele. Sonhos vagos, que me deixam inquieta. Ele sempre parece preocupado com Lizzie. Não sei o que fazer. O que ameaça minha filha, Mark? O que ameaça a todos nós?

A voz carregada de sotaque de Aswad, vinda da porta entreaberta, interrompeu a tranquilidade que se estabelecera entre eles.

— Talvez eu tenha parte das respostas, mulher.

CAPÍTULO 3

COMO É TERRÍVEL ESTE FOGO INTERNO
PARA, ASSIM, TRANSFORMAR O CÉU NO INFERNO
Sonho de Uma Noite de Verão. Ato 1, cena 1. William Shakespeare

— Onde está o irlandês esquisito? — Indagou Aswad, já dando a volta pelo sofá onde os dois se sentavam, acomodando-se numa cadeira diante deles. — Achei que ele fosse estar aqui.

— Gil se recolheu. — Radegund respondeu, tentando conter a antipatia que sentia por ele. — Que respostas são essas que diz ter, chacal?

Aswad grunhiu uma praga, mas resolveu ignorar a hostilidade dela e partir para as explicações.

— São suposições, baseadas no que Mahkim me contou sobre o que houve em Tiro, quando confrontaram Patrus. E sobre o que aconteceu aqui em Delacroix, na época em que seu marido morreu.

— Na época em que ele foi *assassinado* — corrigiu ela, amarga.

— Sinto muito.

Ela apenas o encarou. Mark interrompeu o clima pesado.

— Quais são essas suposições?

— Vou começar contando as histórias dos antigos Deuses pagãos, que reinavam na minha terra antes que o Profeta, louvado seja, espalhasse a fé. Segundo as lendas, Set era o terceiro filho de Nut e irmão de Osíris. Ele sempre cobiçou o trono do irmão e usou de ardis diversos para consegui-lo. Depois de tentar matá-lo por duas vezes, Set foi combatido pelo filho de Osíris, Hórus. Como a disputa não tinha fim, Rá dividiu o reinado entre os dois. Hórus ficaria com as Terras do Alto, o reino da Luz. E Set com as terras Baixas, o reino das Trevas. Assim, o equilíbrio foi restaurado. Porém, se de alguma forma este equilíbrio for rompido, Set voltará a disputar o Reino Superior, o nosso mundo, com Hórus. E com ele trará suas legiões de demônios, instalando o caos.

— E o que romperia esse equilíbrio? — Indagou Mark, curioso.

— Magia. Algo que interferisse com a ordem natural das coisas, que alterasse o curso dos acontecimentos. — Aswad fitou a ruiva. — Quando estiveram em meu acampamento, Bennu pressentiu algo relacionado a você.

— Tem razão, — recordou-se Mark — ela quis me dizer alguma coisa quando me deu as ervas para usar com Leila. Repetia o nome de Set e um outro... — fez um esforço para se recordar — Sekhmet ou algo assim.

Aswad sorriu e perguntou a Radegund.

— Sabe quem é Sekhmet nas lendas de minha terra, mulher?

— Não faço a mínima ideia, chacal.

— Eles a chamam de senhora das feras, a deusa da guerra... — beduíno

sorriu, cínico — bem apropriado.

— O que quer dizer com isso? — Ela se alvoroçou.

— Ela é a forma indomada de Bast, é a deusa-leoa. É inimiga natural do invejoso Set. E também é a mulher que cura.

A mente dela começou a raciocinar rapidamente. A leoa, a magia, a mulher que cura... Ragnar!

— Só pode ter sido isso! — Ela falou quase que consigo mesma. — A brecha no equilíbrio, a ruptura na ordem natural... — voltou-se para Mark — Gil usou aquela pedra e a mim para trazer Sven de volta à vida, quando Patrus o envenenou. Ele já estava morto, tenho certeza! Aquilo desencadeou tudo e nos meteu nessa confusão!

— É mais do que provável. — Comentou Aswad. — Quando estiveram em meu acampamento, antes de tudo acontecer, Bennu deu a Mahkim um amuleto, junto com as ervas. Creio que ela previu sua força, mulher. Esse amuleto é fundamental na tarefa de bloquear os poderes do Mal. Junto com o que eu trouxe comigo e com mais outros dois que surgirão, segundo a lenda, quando a necessidade se apresentar. Eles serão usados para apoiar aquele que enviará Set de volta às profundezas. — Ele se voltou para o amigo. — Ainda tem o amuleto de Bennu?

Mark balançou a cabeça, confuso.

— Diabos, nem me lembrava disso! A última vez em que vi aquilo foi...

— Em Messina. — Radegund completou.

Aswad olhou para ela, desalentado.

— Diga-me que não deixaram aquilo em Messina. Sabem quanto tempo levaria para ir e voltar até lá?

— Dois meses, pelo menos. — Gemeu Mark. — Quando eu poderia imaginar que aquele pedaço de metal fosse ser útil para algo além de decoração?

— Diabos, Mahkim!

— E agora, o que fazemos? — Indagou Radegund, ainda confusa com todas aquelas revelações.

— Aquele amuleto tem que ser trazido para cá. Deve ser reunido ao que eu trouxe comigo. Os acontecimentos estão se precipitando de forma rápida.

— O que acontecerá se essa coisa conseguir seu intento? — Mark perguntou.

A fisionomia do beduíno tornou-se sombria.

— O Armagedon de seus profetas.

O dia amanheceu claro. O calor tirou as pessoas de dentro do castelo e transformou o pátio num burburinho. Querendo distância da agitação e tentando esquecer um pouco a perturbação da noite anterior, Radegund convocou Terrwyn

para cavalgar com ela bem cedo. Levando Lizzie consigo, colocou a menina entre suas coxas, sobre o lombo de Lúcifer, e partiu para aproveitar o sol da manhã. Em um alforje, na sela de Cerrydwen, ia um pequeno farnel que as três pretendiam consumir numa parada à beira do rio.

Lizzie, com pouco mais de um ano, herdara os cachos ruivos de sua mãe. Seus olhos, no entanto, eram a imagem dos de Luc, o que fazia Radegund fitá-los por horas a fio, agradecendo a Deus pelo fato de ainda ter aquela parte de seu marido junto com ela.

— Que tal pararmos aqui? — Sugeriu Terrwyn, à vista de uma parte plana do terreno, à beira do rio, onde um carvalho fazia uma sombra agradável.

— Está ótimo. — Radegund pegou a filha no colo e saltou com ela para o chão.

Lizzie gargalhou de prazer. Ela perguntou à menina.

— Vamos brincar com mamãe e tia Terrwyn, meu amorzinho?

Lizzie sorriu, enroscando os dedinhos nas mechas vermelhas de sua mãe. Repetiu entre gritinhos de alegria.

— Mamãe, *Tery!* “*Bincar*” no “*io*”!

— Sim querida, vamos brincar no rio.

Terrwyn colocou uma manta sob a árvore e arrumou a comida sobre ela. Radegund começou a tirar os sapatos e as meias de Lizzie.

— Vamos molhar os pezinhos na água?

— Água do “*io*”?

— Sim, Lizzie — disse Terrwyn pegando a garotinha — na água do rio. Se bem que eu quisesse mesmo era dar um mergulho!

— Eu também, Terrwyn — concordou a ruiva, descalçando as botas e arregaçando a barra das calças — mas com aquele chagal por aí, prefiro conservar minhas roupas. Ele pode ter a infeliz ideia de vir nos espiar.

Terrwyn sorriu e começou a brincar com Lizzie, as duas rolando na relva macia, enquanto falava.

— Não gosta *mesmo* dele, não é? O que ele fez, exatamente, para detestá-lo tanto assim?

Radegund, recostada no tronco da árvore, viu-se contando à Terrwyn a história do rapto dela e de Leila. E também do resgate das duas pelas mãos de Mark e Ragnar. A irmã de Mark parou um instante com Lizzie montada sobre suas costas e perguntou:

— Você e meu irmão já foram namorados?

A ruiva sentiu as faces quentes. Nunca havia falado abertamente sobre aquele assunto com sua pupila. Caminhando até a margem do rio, ela gaguejou ao responder.

— Bem... eu, quero dizer, Mark e eu... ele... não sei explicar...

— Sim ou não?

— Mais ou menos.

A jovem se aproximou de mãos dadas com Lizzie. Sentou-se na beira do rio, ao lado de Radegund, as três mergulhando os pés na água fresca.

— Não entendo.

— Nem eu, Terrwyn. — Radegund olhou para ela, sorriu e depois voltou-se para o rio novamente, atirando pedrinhas na água. — Minha relação com seu irmão é única, estranha; nunca foi convencional. Nunca tive proximidade com ninguém, até conhecê-lo. Um dia, aconteceu de estarmos juntos e... bem, nós...

— Pode dizer que foram para cama. — Terrwyn fez um gesto de enfado e a ruiva arregalou os olhos, encabulada e espantada. — Ora, Raden! Tenho dezoito anos. Estou cansada saber de onde vêm os bebês!

— Desculpe, querida — ela passou a mão pelo rosto da mocinha — é tão meiga que aos meus olhos ainda parece uma menina.

A jovem suspirou e agitou os pés na água.

— Sei que não tenho ainda um corpo de mulher e que todos me veem como se eu fosse uma criança, — ela passou a mão pelos cachos de Lizzie — mas eu já sou uma mulher! Gostaria tanto de encontrar um homem que reparasse em mim, que me amasse como seu Anjo a amou...

A guerreira sorriu e desmanchou os cabelos de Terrwyn, agora um pouco mais crescidos. Achava lindo aquele jeito como ela se referia a Luc. Mal sabia a mocinha que, para ela, Luc realmente fora um anjo.

— Tenho certeza de que vai encontrar alguém que a ame de verdade, Terrwyn. Você é bonita, inteligente e encantadora. Em algum lugar há um homem especial cujo coração certamente vai bater mais forte por você. — A expressão de Radegund se tornou algo sonhadora, suavizando a severidade de suas feições. — O amor invade nossas vidas e a transforma quando menos esperamos.

Svenhalla, Noruega

— Björn!

O vozeirão de Ragnar ecoou pelo pátio do castelo, estremecendo as vidraças. De um monte de feno, no lado oposto, emergiu seu irmão mais velho, desalinhado e de ressaca.

— Oi, baixinho. — Grunhiu Björn, com um olho aberto e outro fechado, a cabeça latejando como se mil sinos tocassem dentro dela. — Qual o problema? Quer acordar os mortos?

Ragnar bufou e estendeu a mão para que o irmão se levantasse. Pela cara de

poucos amigos dele, na certa vinha encrência para seu lado, pensou Björn.

— O problema é você! Faz uma semana que chegou e já arrastou a asa para a filha do moleiro! A garota é noiva de um de nossos arrendatários!

— Ora, tenho culpa se as garotas correm atrás de mim, irmão? Passou o braço pelos ombros de Ragnar, continuando. — Você está casado, mano, eu não! Tenho que aproveitar minha vida de solteiro! Não sou como Einar que mesmo livre e desimpedido prefere ficar enfiado na biblioteca compondo versos e estudando Platão!

Do parapeito da janela da biblioteca, onde o segundo filho legítimo de Sven Haakonson se sentava com um livro, veio a réplica.

— Eu ouvi isso!

Björn ergueu um dedo num ancestral gesto mal-educado. E prosseguiu em seu discurso.

— Preciso de ação! — Fez um amplo gesto com o braço, assumindo um tom animado. — Preciso do vento, do mar, de mulheres e de cerveja!

— Precisa é enfiar juízo em sua cabeça, isso sim! Parece até que é o mais novo de nós, Björn! Está na hora de se assentar. Ter esposa e filhos...

Björn estacou, horrorizado. Perder sua liberdade de velejar pelo mundo, de sentir o balanço do convés do Freyja sob seus pés? Nunca! Morreria amarrado ao timão, não a um anel de casamento! Um pensamento tenebroso passou por sua cabeça.

— Oh, céus! Vai me dizer que a filha do moleiro está grávida?

Foi a vez de Ragnar estacar, pasmo.

— Dormiu com ela?

Björn ergueu as duas mãos.

— Eu não a forcei.

Seu irmão balançou a cabeça e sentenciou.

— Um dia vai aparecer uma mulher de quem goste de verdade, irmão. E aí, quero ver para onde irá toda essa sua confiança.

— Já disse meu camarada — ele sorriu, zombeteiro — que a mulher que apareceu e que valia a pena, você achou primeiro! — Ficou sério e indagou. — Mas, voltando ao assunto, a filha do moleiro está grávida?

— Não — grunhiu Ragnar.

Björn deu um tapinha em suas costas e foi entrando no grande salão, dizendo.

— Bom. Assim continuo livre.

No meio da manhã, Leila se despediu de Frida, a ama de seus filhos, e caminhou até a biblioteca. Como sempre, seu cunhado estava sentado diante da escrivaninha tratando de negócios. À frente dele, diversas cartas comerciais

aguardavam resposta. Uma delas, porém, lacrada e timbrada com um sinete conhecido demais chamou imediatamente a atenção da sarracena.

— Quando isso chegou, Einar? — Ela indagou, pegando o papel.

— Estava no meio do malote que veio no Freyja. O estranho é que Björn não se recorda de tê-la recebido junto com os outros documentos.

Saindo da biblioteca, Leila foi para seus aposentos e lá se trancou. Sentando-se, rompeu o lacre. A Sociedade possuía agentes em todos os lugares. Na certa, na falta de um Hermes disponível, um deles foi designado para colocar aquela mensagem no meio da correspondência trazida pelo navio dos Svenson. Havia duas delas. Atenta e chocada, ela leu a escrita em árabe da mensagem principal. Mal se deu conta de que gritava pelo marido.

— Ragnar, — levantou-se e saiu em disparada pelos corredores, chamando — Ragnar!

Colidiu com ele no vestíbulo.

— Onde é o incêndio, mulher? — Ele perguntou, amparando-a pelos ombros.

— É quase isso. Recebi uma mensagem.

Ele franziu o cenho e comentou.

— Sinto cheiro de encrenca.

— Prepare-se meu marido. As notícias não poderiam ser piores. — Ela o fitou, consternada. — Michael está morto.

Delacroix, Normandia

Após uma semana em Delacroix, Aswad já se habituara com a visão de Trudy, a bela governanta, em seu vai e vem interminável, metida com seus afazeres.

Desde o encontro no corredor escuro, notou que a jovem o evitava, como se tivesse medo dele. Ele, no entanto, sempre que podia arrumava um jeito de cruzar seu caminho. Estava realmente interessado naquela moça de olhos da cor do mais puro lápis-lazúli. Notou seu comportamento recatado e seus modos delicados. Na certa era uma jovem de boa família que ali estava para ser educada e posteriormente, ser dada em casamento a um cavalheiro que pudesse garantir sua segurança e seu conforto. Como em sua terra eram os homens quem tratavam desses assuntos, apenas comunicando sua decisão às filhas ou futuras pretendentes, ele já fizera sua escolha. Apenas faltava falar com seu amigo Mahkim sobre as formalidades. Afinal, que homem não desejaria aquela bela e casta jovem em sua tenda?

Seguindo em seu plano de conquista, usou como desculpa neste dia a manobra que dois servos faziam para retirar uma pesada tapeçaria da parede, sob a orientação da diligente governanta. Vendo que os dois rapazes em questão

tinham dificuldades com o peso da peça, ele se ofereceu para ajudar. Arregaçando as mangas, subiu na escada e pôs-se a soltar os ganchos que prendiam o grosso tecido à parede de pedras. Não passou despercebido a ele o olhar de franca apreciação, embora furtivo e discreto, que a moça lançou aos seus músculos retesados pelo esforço. Ao concluir a tarefa, ele resolveu testá-la.

Voltou ao vestibulo, suado após carregar a tapeçaria e de ajudar a estendê-la ao sol. Diante da perplexa Trudy, arrancou a camisa pela cabeça, estendendo-a para ela com um sorriso sedutor.

— Poderia providenciar para que fosse lavada, formosa Trudy? Não quero ficar por aí empoeirado e cheirando a suor.

Trudy permaneceu petrificada olhando para ele. Quando o estrangeiro segurou a barra da camisa diante dela e começou a puxá-la, ela não acreditou que ele fosse despi-la. Agora, no entanto, ao se deparar com o corpo forte e suado diante de seus olhos, ela não conseguia falar nada, não conseguia agir ou se mexer. Aliás, ela nem sabia como ainda respirava!

A pele cor-de-oliva brilhava. Os músculos tornavam-se mais salientes pelo esforço recente. Pelos negros salpicavam o peito, escondendo dois pequenos mamilos escuros, descendo numa linha discreta pelo abdome plano e sumindo sob cós da calça folgada. Os poderosos músculos, que ainda há pouco sustentavam a pesada tapeçaria, ainda estavam contraídos nos braços flexionados onde ele balançava a camisa.

Suspirando de maneira involuntária, ela ergueu o rosto, a vista passeando pelo corpo tentador, encontrando um par de olhos esverdeados e divertidos. A boca carnuda sorriu, em meio à barba recém aparada, erguendo-se mais num dos cantos, expondo uma fileira de dentes brancos. O cheiro dele mesclava o odor do suor masculino com o tal do tabaco, que ele e o senhor Mark usavam no objeto que o estrangeiro trouxe e que se chamava *narguilé*.

— E então, linda pérola — ele voltou a indagar — poderia cuidar disso para mim?

— Si-sim... — gaguejou ela, baixando os olhos — claro, senhor.

— Ah, ótimo! — Ele pegou uma de suas mãos e levou aos lábios, beijando-a. Notou que estava gelada e trêmula, sinal que não lhe era indiferente. — Saber que suas mãos tocaram minhas roupas será como tê-las em mim, formosa Trudy.

Ela arregalou os olhos. Que atrevido! Arrebatando a camisa das mãos dele, admoestou-o.

— Já disse que sou uma moça de respeito! Se quer uma mulher fácil, há um bordel na vila, senhor! — Arrebanhou as saias e fez uma breve mesura com a cabeça. — Com licença.

Perfeita!

Mais uma vez a risada grave do estrangeiro a acompanhou.

Em seus aposentos, Clarisse tomava uma caneca de chá trazida por seu marido. Terno, sentado à beira da cama do casal, ele acariciava sua face pálida, depois de mais uma onda de náusea matinal.

— Sabe o que isso pode significar, esposa? — Indagou ele com um sorriso suave.

Clarisse afagou a mão que a tocava e depositou a caneca sobre a mesa de cabeceira. Com a mão livre acariciou o próprio ventre.

— Um bebê.

Deitando-se ao lado dela, ele encostou a face em sua barriga.

— Sim, um filho. Nosso filho, Clair.

Mentalmente ela fez as contas. Se estivesse certa, devia estar para completar dois meses de gravidez. Seu bebê nasceria no final do inverno. Comunicou ao marido, que estava radiante com a novidade.

— Ah, Clair! — Ele se ergueu e a beijou entusiasmado. — Nem sabe o quanto estou feliz! Permite que eu conte à Gaetain que ele vai ter um irmãozinho?

— Ou irmãzinha! — Ela sorriu. — Temos também que escrever para Lothair.

O mais velho dos filhos de Clarisse e herdeiro do título de Delacroix fora enviado para servir como escudeiro em Poitou. Seguia assim a tradição de preparação do filho de uma casa nobre para sua futura sagração como cavaleiro.

— Sim. E vamos também contar a Terrwyn, a Radegund, a Gilchrist, escrever para Sven e Leila... — ele saltou da cama, sorridente — contarei ao mundo inteiro que serei pai! Tem noção do quanto me fez feliz com essa novidade?

— Já disse isso... — ela brincou e ganhou outro beijo dele.

— Eu sei. Pareço um tolo, não é mesmo? — Ele se sentou de novo ao seu lado. — Mas, para quem não teve um pai, Clair, ter um filho adquire um significado especial. É como uma redenção. Quero ser para esse bebê e também para os garotos tudo o que Anwyn não foi para mim. Quero ser um pai de verdade.

Emocionada, ela o abraçou.

— Tenho certeza de que será o melhor pai do mundo, querido.

Feliz, ele apertou a esposa em seus braços, puxando-a para seu colo e beijando-a com sofreguidão.

— Isso merece uma comemoração — disse de encontro à sua boca — sabia que fazer amor é muito bom para curar enjoos matinais?

Clarisse sorriu e, entre um beijo e outro, indagou.

— Aprendeu isso com seus mestres em Damasco?

Ele se afastou um pouco e, enquanto puxava seu robe para baixo, expondo os

seios, confessou.

— Não, inventei isso agora. Vamos testar minha teoria?

Muito tempo depois, ele aconchegou sua ofegante esposa num abraço apertado. Acariciando o ventre ainda plano, sorriu e falou.

— Seja bem-vindo, meu filho.

Enternecida, Clarisse se acomodou na curva de seu ombro e pensou que seu sábio marido tinha razão. Fazer amor curava enjoos...

Svenhalla, Noruega

A notícia de morte de Michael de Cornwall surpreendeu Leila, que passou dois dias inteiros redigindo mensagens em código para vários Emissários da Sociedade que estavam sob sua tutela.

Naquele período de quase dois anos, desde que Luc de Delacroix a reverenciara como uma das Cabeças da Sociedade da Hidra, ela se havia se familiarizado com todo o mecanismo daquele grupo secreto que tinha por finalidade o equilíbrio de forças na Terra Santa e, principalmente, o combate aos desmandos da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

A segunda mensagem que recebeu, e que não mostrou nem ao seu marido pois era de caráter absolutamente restrito, tinha um toque de morbidez, já que foi redigida pelo próprio cavaleiro morto. Seu teor era, no mínimo, preocupante.

As palavras grafadas com pressa ainda martelavam em sua cabeça.

Senhora Leila, filha de Bharakat, IX caput.

Se receber esta mensagem, minha senhora, certamente não estarei caminhando no mundo dos vivos. Ela foi redigida e deixada sob a custódia de um de nossos Emissários para ser enviada caso eu seja morto.

O fato de estar em suas mãos significará que um grande perigo ameaça a todos nós, membros efetivos da Sociedade, a nossos postos de controle, aos nossos colaboradores indiretos e mesmo às nossas famílias.

Ao receber esta mensagem, A. M. Scholz já estará a caminho da Noruega. Irá reconhecer nosso mais precioso bem — se é que se pode chamar assim a uma pessoa — pelo medalhão que trará consigo. Juntei a esta mensagem um desenho do símbolo que este medalhão trará desenhado. A. M. Scholz deve ficar sob sua proteção. Sua vida e o segredo que traz consigo devem ser protegidos a todo custo, mesmo que represente dar sua vida por este segredo. A minha já terá sido imolada em benefício da Sociedade e da sobrevivência de nosso ideal.

Sinto informar também que meu senhor Conrad de Montferrat¹⁶, um de nossos maiores aliados, foi emboscado e assassinado em Tiro pelos hashashin¹⁷,

certamente a mando do Grão-Mestre. Esteja atenta. Os homens do Templo não desistirão de obter os nossos arquivos.

Na caixa que recebeu de Yosef de Tiro, sob um fundo falso, há um minúsculo frasco disfarçado num pingente. Use-o em seu pescoço. Será sua joia mais preciosa. Dentro dele há uma dose do veneno tirado das sementes de castor. É suficiente para matar uma pessoa. Se for apanhada, tome-o sem hesitar. As torturas às quais o Templo submete nossos agentes são infinitamente piores do que aquelas sofridas pela senhora Radegund em Tiro.

Foi um prazer e uma honra servir ao lado da senhora.

Eu a reverencio.

Chevalier Michael de Cornwall, Arauto, V caput.

Agora, teria que aguardar aquele misterioso agente, o tal Scholz. Era uma peça tão preciosa na engrenagem que sequer seu primeiro nome era conhecido.

Atirando a mensagem nas chamas da lareira, Leila observou o fogo lamber rapidamente o papel. Rezou para ter forças para esconder aquela trama de seu marido. E para ter coragem, se necessário fosse, de dar cabo da própria vida em nome da preservação das vidas de centenas de outras pessoas.

Lübeck, Norte da Europa

Olhando o corpo do velho ourives jogado na sarjeta, Chrétien D'Arcy limpou as mãos bem-feitas num lenço de linho imaculadamente branco. Depois, atirou a peça no monturo malcheiroso e saiu do beco escuro, ajeitando o leve manto debruado com fios dourados sobre a túnica verde ricamente bordada.

Duas cortesãs passaram por ele e sorriram à visão de seu belo rosto e de seus olhos verdes. Ele atirou um beijo e as mulheres se afastaram, em meio a risinhos e cochichos. Ah, se não estivesse tão ocupado caçando ratos... *paciência, Chrétien, paciência.*

Desde que haviam apanhado Michael de Cornwall, ele estava atrás do agente que poderia levá-los aos arquivos secretos da Sociedade da Hidra. Ficou um tempo vagando pelo continente, tentando achar alguma pista que o levasse ao paradeiro daquele que tinha em seu poder todos os arquivos da Sociedade, que carregava consigo todos os nomes dos envolvidos naquela confraria secreta desde a sua fundação.

A Ordem dos Cavaleiros do Templo queria aquilo mais do que tudo no mundo. Por isso ele era regamente pago. Da última vez em que tentaram colocar suas santas garras nos arquivos, tinham enviado um fanático, o tal Giles de Tarascon, que enfiou os pés pelas mãos e atacou um poderoso condado na Normandia. O sujeito acabou morto e todo seu contingente teve o mesmo destino.

Ele, no entanto, não tinha nenhum tipo de envolvimento pessoal, religioso ou moral com aquilo. Era apenas um trabalho como outro qualquer. Por isso, com a cabeça fria e munido de calma, ele esperou. Foi recompensado quando, há alguns dias, o tal agente reapareceu, procurando um dos postos de controle. Aquele ourives judeu, cujo corpo jazia no beco escuro e imundo onde ele o deixou.

Infelizmente, não conseguiu colocar as mãos no agente, mas seguiu seu rastro. O importante, no entanto, era que o velho judeu, fraco e alquebrado, um pouco antes de se suicidar com uma ampola de veneno, ainda lhe deu um nome. Evidentemente que só depois de ser devidamente persuadido.

Agora ele sabia que devia procurar por um certo Scholz. Chrétien sorriu sob o céu límpido. Passou a mão pelo rosto bonito e perfeitamente barbeado, afastando uma teimosa mecha negra que insistia em cair sobre os olhos. Com um suspiro satisfeito, partiu na direção do porto. A paciência era sua virtude. A morte sua

arte. A tortura sua diversão.

Delacroix, Normandia

Do alto das ameias de Delacroix, Gilchrist observava a paisagem verde e fértil que se estendia à sua frente. Trazia o rosto bonito e habitualmente sério ainda mais contraído. Estava preocupado, bem mais do que o normal. Novamente, naquela noite, Luc lhe apareceu em sonhos. Foi tudo tão real que, ao despertar, ele havia olhado em volta, certo de que veria o falecido conde sentado sobre o baú aos pés da cama.

Sua vida, na verdade, sempre foi uma sucessão infindável de preocupações e incertezas. E agora, mais do que nunca, ele sentia o peso de cada um de seus trinta e um anos. Desde muito pequeno, aprendeu a viver de forma contida, evitando chamar atenção para si e para seus dons. Desde que se acidentou e sua mãe criou aquela farsa de que seu olho foi vazado na queda sobre uma cerca. Naqueles dias, Morgan já estava sob suspeita, na mira dos padres que incitavam cada vez mais o povo contra aqueles que ainda praticavam os ritos antigos e as velhas tradições.

Seu pai, como chefe do clã e senhor de Cully, poderia ter sido mais veemente, mais forte. Temendo, no entanto, perder o título de O O'Mulryan, lavou as mãos com relação à teimosia de Morgan em acender os fogos da colheita e também com relação à crescente intolerância do padre do castelo para com aquela prática.

Ela já havia sido apontada como bruxa pelas parteiras — e também por algumas mulheres invejosas de sua beleza diáfana — apenas porque conhecia as ervas e sabia como desvirar um bebê no ventre da mãe. E, evidentemente, porque seu único filho nascera com um olho de cada cor.

Assim que aqueles olhos diferentes começaram a se definir, que suas cores puderam ser vistas com clareza, os rumores se espalharam. Morgan foi acusada de se deitar com o demônio, de confraternizar com ele. Naquele primeiro momento, seu pai conseguiu fazer valer sua autoridade e abafou os rumores.

Ele, porém, foi condenado a uma vida solitária, segregado das outras crianças. Até que aos seis anos caiu sobre uma cerca, enquanto fugia de alguns meninos que zombavam dele pelo que então era considerado um defeito físico.

Quando sofreu o acidente todos disseram que havia sido um castigo. Que Nosso Senhor o teria livrado do estigma do demônio e punido Morgan. Sua mãe então, naquele período em que ele ficou trancado em seus aposentos se recuperando do profundo corte logo acima da pálpebra, inventou a história de que seu olho fora vazado e fez para ele um tapa-olho. E em seu pescoço, depois de fazê-lo jurar solenemente que jamais tiraria aquela proteção do rosto, Morgan

pôs seu anel, preso numa correntinha de prata, dizendo como numa premonição.

— *Esta é minha dádiva, filho. Vai protegê-lo e àqueles a quem você a entregar de coração. É o meu sinal e minha luz. Use-a e meu povo o encontrará, esteja você onde estiver*

Ali começou a farsa de sua vida. Até mesmo seu pai foi logrado. O auge de toda a intolerância, no entanto, ocorreu um mês depois do acidente, enquanto ele ainda convalescia de seu ferimento.

Seu pai viajou para mediar uma contenda numa parte afastada do feudo e sua mãe ficou no castelo com os servos e algumas mulheres. Uma das servas entrou em trabalho de parto e Morgan, na impossibilidade de chamarem uma parteira a tempo, deixou a cabeceira de seu único filho para auxiliar a mulher.

Por horas sua mãe lutou para trazer a criança ao mundo. Ao anoitecer, por fim, o bebê nasceu. Arroxeado, com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Não respirava. Morgan sabia o que fazer e, mesmo temendo as reações de todos ao seu redor, cortou o cordão e com a boca aspirou o nariz do bebê. Então, soprou o ar nas narinas da criança delicadamente, até que o recém-nascido tossisse e começasse a chorar a plenos pulmões.

Ao voltar-se para entregar o bebê nos braços da mãe, ao invés de ser recebida com alegria, sua manobra foi vista com desconfiança. A criança foi arrebatada de seus braços e todos recuaram, distanciando-se daquela mulher.

Do primeiro sussurro aos gritos chamando-a de bruxa, até o momento em que a amarraram a uma estaca do lado de fora dos muros, sob os olhos extáticos do padre do vilarejo, passou-se menos de duas horas. Ele foi colocado numa sala na torre, trancado lá, de onde teria uma visão do macabro espetáculo. Para que aprendesse como se puniam os servos do demônio, disse-lhe o padre.

Gilchrist olhou para as próprias mãos e lembrou-se delas, menores e ainda sem tantas cicatrizes e calos, agarradas às grades da janela. Lembrou-se de Morgan, amarrada, olhando de longe em sua direção, penetrando em sua mente com seus pensamentos.

“Não tema, filho. Meu povo virá buscá-lo. Antes que a noite acabe, estará longe deste antro. Não se entristeça, nem tema por mim. Não odeie seu fraco pai. Eu não sentirei dor. Leve consigo apenas minha dádiva e meu amor. “

— Mãe! — Suas mãos se agarraram nas grades enquanto as lágrimas toldavam sua visão — Mãe!

O vento trazia a fumaça e o cântico que o padre entoava.

“Kyrie eleison, Kyrie eleison. Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem.”¹⁸

Entretanto, nem que ele chorasse naquele dia todas as lágrimas do mundo,

elas seriam insuficientes para apagar as labaredas que consumiam sua mãe.

“Kyrie eleison. Christe eleison...”¹⁹

— Mãe... — o longo grito de agonia ergueu-se junto com as chamas da fogueira.

“Christe eleison...”

— Gil...?

A voz de Mark arrancou-o daquele mórbido devaneio.

— Olá, não o vi, desculpe.

— Como andam os sonhos? — Ele apontou para o medalhão que Aswad deixara com o irlandês. — Isso tem funcionado?

Ele tocou o metal e respondeu.

— Os sonhos continuam. No entanto, parece que isso afastou a Coisa de mim. — Seu olhar vagou um instante. — Aquilo ainda está aqui, não sei como ou onde. — Outra pausa. — É impossível colocar as sensações em palavras. Sinto como se uma espada pendesse sobre nossas cabeças...

— Às vezes também me sinto assim, — comentou Mark, apoiando-se na ameia e olhando para as colinas — mas não vim aqui para falar disso. — Ele tirou uma folha de papel do embornal preso ao cinto. — Um mensageiro trouxe ainda há pouco. Estava a caminho de Tipperary, porém, quando soube que você estava aqui, deixou comigo.

— O que é?

— Creio que o mesmo que eu recebi. Um convite de Ragnar e Leila para irmos passar o Advento e o Natal em Svenhalla.

Gilchrist sorriu discretamente, desdobrando a mensagem.

— Sinto frio só de pensar.

— É verdade. Leila, porém, com aquele seu talento para colorir tudo ao seu redor, fez uma descrição tão bela da terra de Ragnar no inverno que estou contando os dias para ir até lá!

— Então está resolvido a ir? — Indagou Gilchrist, encaminhando-se para as escadas junto com Mark.

— Sim. Clarisse, mesmo estando grávida, disse que não declinaria do convite por nada neste mundo. Está ansiosa por rever Leila.

— Elas se tornaram muito amigas, não? — Comentou o irlandês. — E Rade Gund?

— Disse que também irá. Iremos todos nós. Só Lothair que não poderá deixar seu posto. É seu primeiro ano em Poitou. — Mark cumprimentou o laçao à entrada do vestíbulo e prosseguiu. — E você, Gil? Aceitará o convite?

Os pensamentos do irlandês se voltaram para Ulla. Seria conveniente aparecer

em Svenhalla? Gjurd ordenara que se mantivesse afastado até que recebesse um chamado. Seria aquele convite, indiretamente, um sinal de que sua missão tivera início?

— Não sei, — ele disse com sinceridade — prometo pensar no assunto.

Neste momento, Aswad, que vinha do salão, os interpelou.

— Gostaria de conversar com os dois. — Ele olhou para Gilchrist. — Pode ser agora?

Os dois cavaleiros assentiram e o trio foi para o gabinete, fechando a porta.

Sentado num canto do grande salão, alheio à azáfama dos servos, Jean esculpia uma figura na madeira. Uma pequena forma humana, uma mulher delicada que tinha copiado da tapeçaria pendurada ao fundo do grande salão, por trás da mesa alta. O trabalho, fruto da imaginação de uma das ancestrais dos LeFort, tinha motivos gregos. Nela, dançavam faunos e galopavam centauros. Havia também deuses e musas. Uma paisagem pastoril, meio encantada, da qual ele escolheu a dedo a figura que mais lhe aprouve representar na pequena peça de madeira. Eco, a delicada ninfa da cachoeira.

— Jean!

Seus olhos negros ergueram-se para o garoto que corria em sua direção.

— Gaetain? — Ele olhou o menino, entre a curiosidade e o enfado. — Por que está tão agitado, jovem senhor?

Com um sorriso o garoto mais novo sentou ao lado de Jean. Deu-lhe um tapinha no ombro. Jean observou sua mão com desprezo. Distraído e animado, Gaetain não percebeu o gesto.

— Pare de me chamar assim! Somos amigos!

— É um nobre, meu senhor Gaetain, — o menino retrucou — é seu direito de nascimento ser chamado assim. Abrirá mão daquilo que a vida lhe ofereceu?

— Detesto quando fala desse jeito, parece um de meus tutores, — o mais novo torceu o nariz — prefiro que me chame pelo meu nome e só. Meu pai é que um senhor. Eu quero ser apenas um menino e me divertir enquanto não me mandam para um castelo para ser escudeiro, como foi com Lothair.

Jean debochou.

— E se não for servir como escudeiro, para sagrar-se cavaleiro, vai ser o quê? Padre?

— Ora essa! Claro que não Jean! — Gaetain ficou de pé e ensaiou uma luta imaginária contra um inimigo invisível. — Quero ser um cavaleiro tão bom e corajoso quanto meu pai! Viajar pelo mundo, ter muitas namoradas, combater os inimigos...

— Seu pai não era bom, nem corajoso, jovem senhor — disse Jean em voz

baixa, com um toque de malícia. — Soube que não gostavam dele por essas bandas, que não deixava as moças em paz. Dizem até que agredia à vossa mãe.

O mais jovem impacientou-se. Às vezes ficava sem saber se Jean era maldoso ou simplesmente obtuso.

— Estou falando de meu segundo pai! Do senhor Mark. Quero ser como ele. Com seriedade, Jean o encarou.

— Achei que não gostasse dele.

— Mudei de ideia.

O outro deu de ombros e recomeçou a esculpir a miniatura.

— Que seja. E qual era o motivo do entusiasmo, afinal de contas?

— Viajaremos no Natal! Ou melhor, antes dele. Fomos convidados pelos Svenson! Iremos para Svenhalla!

De cabeça baixa, o garoto mais velho sorriu.

— Não me diga! — Ele ergueu os olhos e neles havia uma pungente tristeza ao falar. — Como eu gostaria de fazer uma viagem assim... mas creio que jamais sairei daqui.

— Ora, pode vir conosco, Jean.

Ele pôs a mão sobre o ombro de Gaetain e sorriu, agradecido.

— Obrigado por se lembrar de mim. Porém, sou apenas um garoto qualquer, acolhido pela caridade de seu falecido tio, que Nosso Senhor o tenha em bom lugar. Que motivo haveria para ser levado junto com você nesta viagem?

Gaetain o encarou e disse.

— É meu amigo. E como meu irmão não está e nem irá conosco, posso pedir aos meus pais que você vá para ser meu acompanhante.

Jean abaixou os olhos para esconder seu triunfo. Como eram tolos os seres humanos. Aquela tendência à piedade era patética. Esforçou-se para não rir e ergueu o rosto novamente, com um contra-argumento na ponta da língua. Como gostava de jogar!

— Mesmo assim, meu senhor Gaetain. Seus pais certamente não vão querer gastar com roupas de viagem e sapatos para mim. Quem sou eu para merecer tamanha consideração?

— Já disse, Jean. É meu amigo — dando meia-volta, falou sobre os ombros — nem se preocupe; sua viagem está garantida!

Se estivesse se voltado para seu interlocutor, Gaetain teria visto toda a maldade que cobriu momentaneamente suas feições.

— Obrigado... amigo.

— Se está afirmando que é realmente necessário buscar este amuleto, — falou Mark sentado atrás da grande mesa de trabalho — despacharei um mensageiro

de confiança num de meus navios. Temos uma embarcação rápida chegando a Rouen em uma semana. Posso mandá-la à Messina. Será mais rápido do que ir por terra. E com pouco lastro e ventos favoráveis, talvez possamos reduzir a viagem em quinze dias.

— Acho excelente ideia, Mahkim. — Disse Aswad, sentado no sofá, com copo de chá de hortelãs nas mãos. — Bennu foi muito clara quanto ao amuleto. Ele deve ser reunido ao que dei a O'Mulryan e também a outros dois que surgirão no momento apropriado.

Mark reclinou-se na cadeira forrada de couro.

— Ainda tenho dificuldade em aceitar que tudo isso esteja mesmo acontecendo.

— Se você mesmo viu Delacroix na torre... — a voz abafada do irlandês, que estava de pé, voltado para a paisagem da janela chegou a causar um arrepio em Mark.

— Como sabe disso, Gil? — Ele indagou, sério. — Radegund lhe contou?

Gilchrist voltou-se para ele, o rosto sombrio.

— Não. Delacroix me disse.

— Estou falando sério Gilchrist, não é hora para brincadeiras.

— Quem disse a você que estou brincando?

Aswad e Mark entreolharam-se. Estaria o irlandês ficando maluco? Ele sempre fora taciturno, calado, sério demais. Agora ele estava, como Terrwyn mesma o apelidara, cada vez mais esquisito. O beduíno foi o primeiro a recuperar a fala.

— Poderia nos explicar exatamente qual é o seu papel nesses acontecimentos, O'Mulryan?

Sem saída, Gilchrist viu-se relatando aos dois homens sobre como o fantasma do conde lhe aparecia em sonhos e, às vezes, em visões à luz do dia. Contou-lhes também de sua viagem com Ulla até Cornwall e parte das revelações que ela e Gjurd lhe fizeram a respeito do momento em que o próprio Mal precisaria ser confrontado.

— Foi para isso que ela levou a espada que Radegund forjou para Luc? — Indagou Mark.

— Sim. Ulla me explicou que uma das razões era a gema engastada no punho, a mesma que usamos para trazer Ragnar de volta naquela noite, em Tiro.

— Como sabia — começou Mark, intrigado — que aquela pedra poderia dar a vida a Ragnar?

— Não sabia. Ulla me disse. Na verdade, só fiquei sabendo que a visão que tive lá era ela quando a reconheci aqui, em Delacroix. Naquela noite... — Gilchrist fez uma pausa e sentou-se em frente a Aswad, numa das cadeiras —

naquela noite em Tiro, quando tudo parecia perdido, tive uma visão. Essa visão me mandou usar a pedra que Bharakat deu a Radegund.

— Usou Raden também, — Mark o lembrou — quando voltei com Leila, ela estava caída junto a você e Sven.

Aswad serviu-se de mais um copo de chá, visivelmente interessado em toda aquela estranha história. Gilchrist prosseguiu em seu relato.

— É verdade. De alguma forma eu soube que ela era importante para que aquilo desse certo. Só sei que segurei em sua mão e foi como se sua vida passasse para mim. Senti uma onda estranha, uma força poderosa fluindo entre nós. Tão forte que a palma de minha mão chegou a ficar queimada.

Naquela parte, o beduíno resolveu se pronunciar.

— Eu lhes disse, Bakkar. A leoa é uma filha de Sekhmet.

Mark, no entanto, estava com o coração batendo rápido. Uma lembrança fugaz, porém, intensa o suficiente para estar viva como se tivesse acontecido ontem. Um par de furiosos olhos verdes em meio à luta. Uma voz rouca elevando-se em meio aos gritos e aos sons da guerra...

— *Venha!*

A mão do soldado envolveu a dele, e mesmo através da malha de metal de sua luva, pode sentir seu calor.

— Hattin.

— O que disse, Bakkar?

— Hattin, Gil — ele olhou do cavaleiro para Aswad — quando ela estendeu a mão para mim, no meio daquilo tudo, quando sua mão me tocou, foi como se injetasse vida em meu corpo. Foi como se um rio de fogo fluísse para dentro de mim, me dando forças. Na época não pensei nisso, estávamos no meio do caos. Mas agora, depois de todas as coisas pelas quais passamos... chego a me arrepiar só de lembrar da sensação.

Gilchrist pegou um dos copos de cristal finamente lavrados e encheu-o com a bebida aromática, erguendo bem o bule à moda dos árabes, fazendo espuma na superfície do chá. Aswad sorriu e comentou, mais para quebrar o clima pesado da sala.

— Adquiriu bons hábitos em nossas terras, O'Mulryan — o irlandês sorriu e sorveu a bebida. Aswad prosseguiu, comentando com Mark. — A leoa é realmente especial. Tem uma força e um carisma únicos. Pelo que Mahkim me contou a seu respeito, posso até imaginar porque chamou a atenção desta Coisa. Acho que ela é capaz de vencer o próprio Diabo numa briga.

— E não é só isso — falou Gilchrist — ela e Bakkar praticamente se

comunicam por pensamento. Nunca vi empatia tão grande. — Ele tomou mais um gole de chá. — Na verdade, sinto que todos nós fomos reunidos pela vida com um objetivo específico.

— Às vezes também penso assim — comentou Aswad.

— Nosso mestre hindu no *Bimaristan* chamava isso de *karma*. — Mark se levantou e também se serviu do chá, voltando a se sentar, agora ao lado de Aswad. — Seja como for, a ameaça está presente e se for mesmo como Gilchrist explicou, está se fortalecendo para se estabelecer definitivamente sobre a Terra. E se a vida, ou qualquer outra força maior nos colocou juntos, creio que devemos seguir nosso destino e enfrentar essa Coisa, seja ela o que for. De qualquer forma, — ele fez uma pausa e fitou os dois — tudo já está escrito.

— *Maktub* — sentenciou Aswad.

Mark concordou.

— *Maktub...*

Cádiz, Al Andaluz

Finalmente seu navio aportara em Al-Andaluz. Agora, andando sobre o calçamento de pedras da bela Cádiz, ela aproveitava para observar a arquitetura que os povos do Levante levaram para a região, séculos antes. Era o momento da oração daquele povo.

O sol ia se escondendo lentamente enquanto o som harmonioso da voz do muezim²⁰, partindo do alto do minarete²¹, ditava o ritmo em que aqueles homens se inclinavam em seus tapetinhos no chão diante de Alá.

Aquela frase “*Allahu Akbar*”²², que era repetida vezes sem conta pelos sarracenos em suas preces, chegava a lhe trazer um pouco de paz. Talvez fosse a cadência hipnótica, ou a pronúncia daquela língua exótica e ululante, tão diferente da sua. Parou ali, na penumbra do anoitecer, acompanhando o fim da oração exatamente quando o último clarão vermelho se apagou dos céus de Cádiz. Os homens do alcaide então, de forma diligente, trataram de acender os archotes ao redor da medina.

— Senhor...?

A mão de um dos guardas do alcaide pousou em seu ombro. Ela reprimiu o movimento automático de defesa em que cravaria nele uma das pequenas hastes que trazia metidas nos cabelos. Contudo, esqueceu suas inseparáveis *kanzachis*²³ e lançou mão de outra arma, muito mais eficiente e infinitamente mais mortal. Virou-se devagar e lançou um breve olhar, misto de recato e curiosidade, com uma pontinha de calculada malícia, ao jovem moreno que a interpelava.

— Sim? — Sua voz foi modulada na medida exata para escorrer pelos

ouvidos do homem da mesma forma que um lenço de seda passaria por sua pele bronzeada.

O rapaz a encarou.

— Perdão, não sabia que se tratava de uma senhorita. — Ele apontou a medina e indagou. — É uma peregrina?

Sob as sombras do albornoz, ela sorriu. Seus olhos negros e rasgados prenderam os olhos castanhos do soldado. Novamente lançou mão de um timbre sedutor.

— Pode se dizer que sim. O senhor é um dos guardas da cidade?

O moço ficou orgulhoso ao perceber que a bela e exótica mulher demonstrava interesse em sua pessoa.

— Sim, senhorita. — Ele sorriu e a observou sem disfarçar a curiosidade. — Vejo que não é uma crente... é estrangeira?

Conteve-se para não revirar os olhos. Isso estava na sua cara. Literalmente. Como os homens eram obtusos!

— Sim, venho de muito longe. Além das terras do *Khan*, — sua voz ficou mais baixa e melodiosa ainda — desembarquei hoje e amanhã sigo viagem. — Ela se aproximou um pouco mais do soldado. — Diga-me... — fez uma pausa interrogativa.

— Hafez.

Ela sorriu e chegou mais perto ainda. O suficiente para que o calor emanado de seu corpo fosse sentido por ele. O necessário para deixá-lo com vontade de se aproximar mais. O ditado pelo decoro, para que não a confundisse com uma prostituta. Baixou de novo os olhos e indagou.

— Diga-me, Hafez. Haverá um lugar seguro para uma peregrina passar a noite em Cádiz, sem o risco de ser atacada por homens lascivos?

Um pedido de proteção. Uma sugestão de fragilidade. Palavras calculadas, em meio à frase, para sugerir à mente masculina imagens eróticas sem que ele percebesse que estava sendo seduzido.

— Certamente, senhorita. — Ele apontou a direção. — Permita que eu a conduza ao albergue de mulheres.

Erguendo ligeiramente o olhar, ela deixou que o canto de sua boca se arqueasse num suave sorriso. No entanto, abaixou os olhos logo que estabeleceram contato visual, chegando a ruborizar graciosamente. Ouviu a respiração profunda do guarda e escondeu o brilho de triunfo de seu olhar.

— Obrigada, — uma pausa proposital e sua voz desceu um tom — Hafez.

Pouco antes do amanhecer, Hafez permanecia dormindo saciado em sua cama, numa pequena casa perto do palácio do alcaide. Arrumando suas coisas, ela pensou ainda se o matava ou se o deixava apenas sem uma peça de roupa. Ficou

com a segunda opção, já que estava extremamente bem-humorada naquele dia. Atirou todas as roupas dele pela janela.

Teve muita sorte em sua primeira noite naquele reino. Além de estar no caminho certo para *Nor-u-ega*, ainda arrancou de Hafez, além de informações, muitas moedas e uma bonita adaga curva.

Aproveitando o chamado do muezim para a *Fajr*²⁴, a oração do alvorecer, vestiu seu albornoz e partiu sem olhar para trás. Havia uma longa estrada a percorrer. O caminho para resgatar sua honra seria árduo. Ela não falharia em sua missão.

Delacroix, Normandia

Depois que Gilchrist deixou o gabinete, Aswad ainda ficou lá, dizendo que tinha outro assunto para tratar com Mark.

— Trudy? — Indagou o mestiço perplexo. — Quer se casar com Trudy?

Conhecendo os costumes do povo de Aswad, ele ia indagar ao beduíno se já havia falado com a moça e, principalmente, se ele tinha conhecimento do passado dela. Não que ele, Mark, fizesse caso disso. Trudy era uma jovem de bom coração e não tinha culpa das poucas oportunidades que a vida lhe oferecera naquela época. No entanto, desde que foi acolhida em Delacroix, ela se mostrou uma moça interessada, ávida por aprender a ler, a escrever e a se comportar como uma dama. E embora recebesse propostas dos soldados e de outros homens, ela os repelia com veemência, dizendo que dali por diante era uma nova mulher. E que só se deitaria com aquele que fosse seu marido. Mark, no entanto, se perguntava se, sabendo do passado da jovem e do fato de ela não ser mais uma donzela, Aswad ainda iria querê-la como esposa.

— E então, Mahkim? — O beduíno impacientou-se. — A jovem já está prometida a algum de seus cavaleiros?

— Não. Porém...

— Você a quer como segunda esposa?

— Não! Escute-me, homem — Mark passou as mãos pelos cabelos — já falou com a moça? Perguntou a ela se o quer como marido?

— Pensei que essas coisas se resolvessem entre os homens. — O outro respondeu espantado.

O mestiço suspirou. *Paciência, Mark, paciência...*

— Alguns até resolvem assim, mas eu não. Trudy tem o direito de opinar sobre seu próprio destino. Ela não é um animal para ser dado ou vendido.

— Claro que não! Eu disse algo parecido? — Aswad reclamou de cara feia.

— Não, Aswad — ele já não sabia o que fazer — porém, entenda: ela é livre

para escolher. Não posso impor um compromisso sem saber se ela o deseja.

Aswad olhou para Mark e piscou, convencido.

— A jovem em questão não se desagrada de minha pessoa, posso lhe garantir.

Mark franziu o cenho.

— O que andou fazendo?

— Calma! — O beduíno ergueu as mãos num gesto de paz. — Não molestei a moça. Respeito seu teto. Apenas...

— Apenas...?

— Hum — Aswad coçou o queixo — digamos que tenha jogado o anzol e que a moça tenha mordido a isca.

Mark gemeu e recostou-se no sofá, fechando os olhos.

— Agora entendo porque Luc se enfiou naquela abadia! O papel de senhor deste lugar dá muito trabalho. — Voltou-se novamente para Aswad. — Vou falar com Trudy. Mas acho que antes disso, você mesmo deveria falar com ela.

— Por quê? Já não estamos acertados? Se ela me quiser, não permitirá que seja minha esposa? Não vejo porque deva...

— Homem! Aqui os costumes são outros. Não está no meio do deserto! E além do mais...

— Além do mais...?

Além do mais, ela não é uma donzela. Diabos, Mark! Volte para o meio da guerra; lutar com sarracenos é mais fácil do que administrar um condado e suas responsabilidades!

— Nada. Permitirei que se case com Trudy se ela assim o desejar.

Aswad sorriu, satisfeito. Mal podia esperar para ter aquela bela e casta jovem como sua mulher.

Mais tarde, em seus aposentos, Mark conversava com a esposa. As mãos delicadas seguravam o rosto dele, enquanto ela o barbeava. De pé entre as pernas dele, Clarisse tentava se concentrar no que fazia enquanto Mark a provocava, enfiando a mão na ampla manga do seu *bliaut*.

— Marido, se continuar assim terá seu pescoço cortado! — Ralhou ela.

— Que mulher perigosa! — Ele tentou falar sem mexer muito o rosto. Passou um tempo calado e depois contou. — Aswad veio me pedir a mão de Trudy em casamento.

Ela quase o cortou com a navalha.

— O quê?!

Afastando-se da lâmina, ele retrucou.

— Alto lá! Ou vai acabar viúva! — Sorriu. — Ele se interessou por ela desde que chegou aqui. Veio me pedir sua mão.

— Ele sabe...? — Clarisse indagou recomeçando a barbeá-lo.

— Não, — ele tentou enfiar um dedo em seu decote e levou um tapa na mão — ai! O pior é que não tive chance de dizer a ele. E nem sei se quero dizer. Aswad é orgulhoso de sua estirpe e os costumes da gente dele são rígidos.

— Rígidos para as mulheres, você quer dizer, não é? — Ela ergueu seu queixo e passou a lâmina sob ele. Sua voz deixava transparecer sua irritação. — Esses mesmos costumes não o impediram de comprar Radegund e Leila para serem suas concubinas!

Ele revirou os olhos. Clarisse, com aquele jeitinho tranquilo, era tão geniosa quanto a prima. Aliás, nem queria estar por perto quando a ruiva soubesse daquela novidade. Não seria ele a contar!

— Bem, seja como for — ele esfregou o rosto no vale entre seus seios e sua voz saiu abafada — creio que Trudy é quem deve conversar com ele. Eu disse que falaria com a moça, mas mandei-o ter com ela primeiro.

Ouviram-se batidas na porta. Clarisse o afastou de seu decote, ajeitando-o.

— Entre!

Radegund passou pelo portal mordendo uma pera. Cumprimentou os dois.

— Boa tarde, pombinhos — lançou um sorriso cheio de malícia ao casal — prima, tem espuma no seu decote. — Clarisse olhou e corou. Depois fitou o marido, de cara feia. Radegund prosseguiu após mais uma mordida. — Nem precisa dizer como isso foi parar aí. Esqueceu-se de que também já fui casada?

Mark franziu o nariz para ela, que lhe devolveu a careta. Depois disse a que veio.

— Chegou um mensageiro para você, Mark — fez uma pausa e olhou por sobre os ombros — estamos sós?

— Sim — afirmou ele.

— É um Hermes.

— Diabos! — Ele se levantou e beijou a esposa, limpando o que restava da espuma em uma toalha. — Depois terminamos, Clair. Sinto que lá vem mais encrenca!

Quinze minutos depois, no gabinete, ele e Radegund se entreolhavam, entre perplexos e consternados. Ela foi a primeira a recuperar a voz.

— Deus! Posso lembrar como se fosse ontem de Michael conversando comigo no jardim, falando-me do tal Scholz!

O Hermes daquela vez tinha sido um jovem escudeiro chamado Franz. Bem diferente de Michael e muito calado. Apenas entregou a mensagem e partiu.

— Inferno! Como se já não tivéssemos com o que nos preocupar, — reclamou Mark — ainda vamos ter que ficar de olho num assassino da Ordem! Mais um!

— E o tal agente, o misterioso Scholz? — Perguntou Radegund. — O que podemos fazer a respeito da proteção dele?

— A princípio nada. Nem os Emissários e nem os Hermes sabem de seu paradeiro, por medida de segurança. Ele foi instruído a deixar Visby pelo próprio Michael, que previu os movimentos do homem da Ordem.

Radegund o encarou, preocupada.

— Se nós sabemos, Leila também já sabe. A comunicação da Sociedade é bastante eficiente. — Ela apoiou a cabeça nas mãos. — Temo por ela. Por todos nós. — Levantou-se, inquieta, e socou a mesa. — Mais essa agora! Jerusalém era calma comparada às nossas vidas aqui, Mark!

Ele sorriu, também se levantando. Deu-lhe um tapinha nas costas.

— Concordo, garota. — Marchou para a porta. — O jeito agora é ficarmos de sobreaviso. Qualquer estranho que apareça...

— É um suspeito.

Ele assentiu.

— Exato.

Svenhalla, Noruega

Hrolf Brosa guardou a faca de caça na bainha e pendurou as peles de coelho no curtidor. Brincou com seus dois *elkhounds*²⁵, que sempre levava consigo quando saía para caçar, e depois os alimentou e lhes deu de beber. Em seguida, foi até o barril atrás da cabana e, tirando o colete de pele e a camisa de trabalho, lavou-se bem, livrando-se da terra, do suor e também do sangue da caça que havia limpado. Secou-se, apanhou seu alforje e abriu a porta de casa. Largou então as roupas sujas e o alforje no chão e foi até a lareira apagada. Era verão e não havia necessidade de aquecimento àquela hora da tarde. Subitamente estacou no meio da sala, colocando-se atento.

Não ouviu nada. Porém, captou seu cheiro. Às vezes Hrolf achava que, por conviver tanto com os cães e os outros animais, acabara por adquirir algumas de suas qualidades, como aquele olfato aguçado.

— Muito bem. Sei que está aí. Seu cheiro é inconfundível.

— Desmancha prazeres!

Ele se voltou e olhou para cima, para o jirau onde ela estava encarapitada.

— Esqueceu do básico que lhe ensinei, mocinha? Quando sair para caçar...

— Nada de odores. — Ulla completou. — Hoje, no entanto não estou caçando, — ela saltou do jirau para o meio da sala, ganhando de Hrolf um olhar que misturava desalento e orgulho — a não ser que andar atrás de um velho lobo da montanha seja considerado caçar.

Ele puxou uma de suas tranças suavemente e falou.

— Está me chamando de velho, aprendiz?

Ela piscou para ele e tirou a trança de sua mão. Sentou-se num banco e pôs-se a brincar com o próprio cabelo.

— Vim conversar.

Hrolf olhou para sua pupila. Aquele tom de voz só podia significar que Ulla Svendsdatter tinha se metido em encrencas. Ou que planejava algo que a meteria numa.

— Deixe eu terminar de me vestir. — Ele subiu a escada para o jirau. Voltou poucos minutos depois, já de roupas limpas. — Diga. — Intimou-a, sentando-se em outro banco. — O que aprontou desta vez, jovem Svendsdatter?

— Acho que me apaixonei, Hrolf, — ela deu um suspiro desalentado — apaixonei-me por um homem que só conheço em sonhos.

O rastreador coçou a cabeça loura. Aquela seria uma longa conversa.

Aswad encontrou Trudy no final da tarde no solário, onde a moça concluía a orientação a algumas criadas.

— Formosa senhorita, — ele a cumprimentou com uma suave inclinação de cabeça — permita-me lhe dizer que seus olhos hoje me parecem mais belos e brilhantes, — ele tomou a mão dela na sua e beijou-a, galante — que sua boca se iguala às pétalas de uma rosa, — esfregou o polegar em sua palma — e que sua pele é mais macia do que a mais fina das sedas.

Trêmula e surpresa com aqueles elogios vindos do nada, Trudy recolheu a mão. Arrebanhou as saias, preparando-se para uma retirada. Seu coração batia descompassado a cada vez que aquele homem entrava no mesmo ambiente em que ela estava. E ultimamente ele parecia estar sempre onde ela se encontrava! E quando por algum motivo seu olhar cruzava com o dele, sentia-se como um animal preso numa armadilha, insegura e apavorada. Ele lhe dava medo. E também a atraía.

— Com licença, senhor — ela foi dizendo e virando-se para sair. Foi retida, porém pela mão grande que se fechou em seu braço. Seu coração disparou e Trudy gelou.

— Não vá ainda, minha pérola, — ele falou com a voz tão macia que parecia hipnotizá-la — e não tenha medo de mim. — Um sorriso desenhou-se nos lábios carnudos. — A leoa me chama de chacal, mas eu não mordo.

— Por favor, solte-me, senhor — ela pediu.

— Apenas se responder a uma pergunta, doce Trudy.

Suspirou resignada. De qualquer forma, não teria forças para se soltar da mão que a agarrava como uma tenaz.

— Pergunte, senhor.

— Quer se casar comigo?

No primeiro instante Trudy ficou boquiaberta. Depois, passou à incredulidade. Finalmente, tomou-se de revolta.

— Ora! Francamente! — Puxou o braço num safanão. — Quem o senhor pensa que eu sou? Uma qualquer? Uma tola mocinha que se derreterá aos seus pés? — Ela apontou o dedo em riste e continuou a esbravejar, criando uma cena inusitada que fez parar a todos ao redor do casal, incluindo Terrwyn, Gaetain, Jean e até o capitão Gwydyon que acabava de encerrar seu turno e chegava para o jantar. — Posso não ter origens nobres e ser apenas a governanta de Delacroix, mas fique sabendo que me dou ao respeito! Não tolero este tipo de brincadeiras

com minha pessoa. Não sei de onde o senhor veio e nem que costumes praticam em sua terra, mas aqui — ela apontou o chão sob seus pés — os cavalheiros costumam respeitar as moças e os hóspedes aos seus anfitriões! Já lhe disse e repito senhor Aswad, se quer uma mulher fácil, vá a uma taverna ou a uma casa de tolerância! — Ela segurou novamente a saia e ergueu o queixo. — E pare de me importunar!

Perplexo e mudo, o sedutor *sheik* dos *al-Khalidi* olhava para as costas que se afastavam e detinha-se nos quadris ondulantes que iam na direção do salão. Ao redor dele, risinhos abafados e apostas começavam a espocar aqui e ali. E a jovem irmã de Mahkim lançava-lhe um olhar entre o desprezo e o triunfo.

Céus! O que ele fizera de errado? Seria tão ultrajante assim pedir uma moça em casamento naquela terra? O que Mahkim tinha esquecido de lhe contar a respeito dos costumes dali? Pelo Profeta! Ele só queria uma esposa, mais nada! Por que a moça ficou tão brava? Aborrecido, saiu atrás dela.

Trudy correu até cansar e acabou parando na ala onde ficavam seus aposentos. Aborrecida, entrou e bateu a porta. Em seguida, trêmula e com lágrimas nos olhos, de raiva e tristeza, começou a andar de um lado para o outro dentro de seu quarto.

Maldito fosse o estrangeiro! Quem ele pensava que era para fazer aquela brincadeira de mau-gosto? Só porque era uma espécie de príncipe, um nobre em sua terra, ele achava que tinha o direito de brincar com seus sentimentos? Será que ele pensou que só por ela ser uma moça humilde e sem atrativos ficaria tão lisonjeada com aquela bobagem que se entregaria a ele? Na certa ele notou que ela o olhava às escondidas. E tirava vantagem também de sua reação diante de seu corpo, naquela ocasião em que ele despiu a camisa na sua frente.

Idiota, Trudy! Você é uma idiota! Uma tonta sonhadora! Pensou que o passado fosse ser esquecido? Pois aí está! Mesmo ninguém falando nisso, eles sentem o cheiro da vadia que você foi um dia!

Com raiva de si mesma e distraída, ela deu um pulo quando a porta de seu aposento se abriu com estrépito. O estrangeiro passou por ela e em seguida bateu-a atrás de si. O cenho dele estava franzido e as narinas freciam. O homem estava furioso, provavelmente com ela. Na certa por ter levado tamanha descompostura momentos antes. Erguendo o queixo, Trudy reagiu àquela invasão de seus domínios.

— O que o senhor faz em meu quarto?

Aswad ignorou-a e plantou-se bem à sua frente.

— É louca, mulher? Faço um pedido de casamento e reage daquela forma, como se eu tivesse ofendido sua mãe, seu pai e seus irmãos?

Trudy bufou e cruzou os braços. Ah, e ela ficava linda assim!

— Não tenho mais mãe, meus irmãos estão Deus sabe aonde pelo mundo afora e meu pai era um bêbado sem-vergonha que já foi para o inferno, que o Diabo o leve! — Ela apontou a porta. — E ponha-se daqui para fora!

O beduíno contou até vinte para não sacudir a moça recalcitrante.

— Senhorita, eu não estava brincando, — sua voz adquiriu um timbre mais baixo, embora com uma ponta de impaciência — realmente a pedi em casamento.

Trudy considerou suas palavras.

— Fala sério?

— Sim.

— E por quê?

— Por que o quê?

— Por que quer se casar comigo?

— Ora, mas que pergunta! — Ele bateu as mãos ao lado do corpo, externando de vez sua impaciência. Como aquelas *franj* eram complicadas e geniosas! — Quero me casar com você porque quero uma esposa, uma mulher com quem ter meus filhos!

— Isso é óbvio, senhor! — Ela também se impacientou. — Quero saber por que *eu*, especificamente!

Aswad olhou para ela incrédulo. Se estivesse em sua tribo, ou se procurasse uma tribo vizinha, estalaria os dedos e umas dez moças se apresentariam para serem suas esposas. Se quisesse, poderia ter tantas quantas seus cavalos e seus camelos pudessem pagar. No entanto, e para falar a verdade, nunca nenhuma daquelas gazelinhas tímidas o atraía tanto quanto a linda pérola da casa de Mahkim. E agora, ali estava ele, tentando convencer a jovem turrona de que ele estava realmente propondo um compromisso sério e honrado. O que ela queria? Joias? Perfumes? Algumas peças de seda? Mais elogios? Ele fez tudo certo, não? A cortejou no dia em que chegou, exibiu-se para ela, — e ela bem que gostou, ah, se gostou — elogiou seus olhos, sua boca e sua pele. Pelo Profeta! O que faltava?

— Senhorita Trudy, eu a quero como esposa porque a achei bela, formosa e encantadora, — ele passeou o olhar de forma apreciativa pelo corpo de Trudy — e parece ter boas ancas para parir meus filhos.

Boquiaberta, ela custou para falar algo.

— Pareço boa? Para parir filhos?

— Sim.

— E por acaso escolhe suas éguas assim também? As melhores para parir?

— Exatamente.

Dessa vez, Trudy ficou vermelha de raiva e esbravejou, marchando para a porta e escancarando-a.

— Pois vá se casar com uma de suas éguas! Fora daqui!

Em nome de Alá! O que tinha feito de errado desta vez?

Aswad respirou fundo e achou que estava se atrapalhando demais com as palavras. Os costumes ali eram muito complicados. Devia ter conversado com Mahkim a respeito de como fazer um pedido daqueles. A cada vez que abria a boca, ao invés de conquistar a moça, deixava-a ainda mais brava. Uma ideia lhe ocorreu. Era melhor deixar as palavras e partir para a ação. Usar a boca de uma forma mais útil. *Você é um gênio, Aswad!*

Atravessou o aposento em direção à porta e, ao invés de sair, empurrou-a de novo, batendo-a contra o caixilho. A moça recuou e ele deu um passo em sua direção.

— Creio ser melhor demonstrar meus argumentos à senhorita.

Sem aviso, esticou o braço e capturou a espantada Trudy. Ela ainda apoiou as mãos espalmadas contra seu peito, mas encontrou ali uma parede irreduzível. E ele praticamente a sufocou quando a boca exigente cobriu a sua, enviando uma descarga poderosa por todo o seu corpo.

Tentou se afastar dele, mas os braços fortes a mantinham cativa, enquanto a boca a incitava a libertar o desejo reprimido que sentia a cada vez que via aquele homem cruzar seu caminho. Suas pernas fraquejaram quando a língua dele passou por seus lábios, tentando-a a separá-los.

— Abra-se para mim, formosa Trudy.

Suas mãos crispavam-se na frente da camisa do estrangeiro enquanto ela se apoiava em seu corpo, com as pernas bambas. Entreabriu os lábios a procura de ar. Língua dele a invadiu, explorando sua boca sensualmente. As mãos de Aswad começaram um lento passeio que incluía suas costas, sua nuca e a lateral de seu corpo. Num gesto insinuante, ele deixou o polegar roçar discretamente na lateral de seu seio, fazendo-a gemer. Afastando-se um pouco de sua boca, ele deslizou os lábios pelo seu pescoço e pelo lóbulo de sua orelha, dizendo.

— Espero que considere estes argumentos como motivos suficientes para querer me casar consigo, senhorita.

Com as pernas bambas, Trudy ficou apenas encarando Aswad. Que Deus a ajudasse, mas nunca em toda sua vida se sentira assim com homem algum! E conhecera um bocado deles. Céus! O homem a revirou do avesso com um simples beijo! Imagine quando... não! Nem queria imaginar.

— E então, senhorita. Aceitará o meu pedido? — Ele insistiu sem largá-la.

Assim era difícil raciocinar, pensou Trudy. Forçando a voz pela garganta que se fechou como um nó, ela respondeu.

— Sequer nos conhecemos, senhor...

— Aswad, — ele deslizou os dedos por sua face corada. Como ficava bela assim, excitada e ansiosa — diga meu nome. Quero ouvir seus lábios de rosa pronunciando-o.

Ela repetiu, hesitante, emprestando seu sotaque normando ao nome do estrangeiro.

— Aswad.

Ele chegou a fechar os olhos sob o impacto fulminante daquele som. Os antigos costumes diziam que o nome carregava a alma da pessoa. Por isso, davam dois nomes a uma criança. Um que seria conhecido do mundo e pronunciado por todos. E outro que seria conhecido apenas por seus pais e por seu dono, o nome verdadeiro, aquele que a quem pronunciasse daria o poder de aprisionar a alma do portador.

Aswad pensou no fundo de verdade daquilo, pois sentiu naquele momento que era abatido por sua própria presa. As histórias de destino, *karma* e sina discutidas com Mahkim e Gilchrist naquela ocasião no gabinete voltaram a sua mente. Teria ele vindo de tão longe para encontrar seu destino nos braços daquela pérola?

Trudy disse aquele nome como se dissesse uma prece. Por seus lábios — e isso ela constatou naquele exato instante — passou o sentimento recém-descoberto da paixão. Porém, havia nela também o medo. O que ele diria se soubesse o que ela fizera no passado para sobreviver? O que ele faria quando soubesse que, além de não ser uma donzela, fora praticamente uma prostituta, dormindo com alguns hóspedes da Rosa Dourada para ganhar umas moedas a mais? Claro que ali em Delacroix todos eram discretos, principalmente pelo fato de, na ocasião de sua vinda para o condado, ter sido ela a responsável por salvar a vida do senhor Mark quando foi capturado pelo tio de Radegund. Sendo assim, todos gostavam dela e, convenientemente, deixavam de lado seu passado triste. Será que a vida estava enfim lhe sorrindo, dando a chance de ser definitivamente uma mulher honesta, casada, senhora de seu próprio lar? Seria o estrangeiro o seu destino? A voz dele a fez despertar, ainda no calor de seu abraço.

— Então, minha pérola, como considera o meu pedido?

Ela baixou os olhos e tomou coragem. Respirou fundo e respondeu, tentando colocar na voz a convicção que não tinha.

— Eu aceito.

Svenhalla, Noruega

— Jovem Svendsdatter, pelo que me contou, sei quem é este homem com quem sonha. Ele é Gilchrist O'Mulryan, um cavaleiro irlandês que conheci na Terra Santa. É um dos mais leais companheiros do jovem Svenson.

Ulla relatou ao seu mentor todos os seus sonhos, desde que tinha recobrado a consciência, há quase dois anos. Depois de ter sido encontrada caída no chalé que sempre fora seu refúgio particular. Desde aquela época também havia perdido boa parte de suas memórias, incluindo as lembranças de uma viagem que fizera à Cornwall, supostamente na companhia de um camarada de seu irmão, aquele mesmo Gilchrist do qual Hrolf lhe falava agora.

— Eu não entendo Hrolf, como é que eu pude esquecer de tudo, como é que eu pude me esquecer dele? — Ela andou de um lado para o outro da pequena cabana. — Os sonhos são tão reais.... Os sentimentos tão intensos! — Voltou-se com os olhos confusos. — Estou ficando louca, Hrolf?

O rastreador comoveu-se com a expressão de desalento nos olhos de Ulla. Aquela menina lhe era muito cara. Bah! Menina... estava ficando velho mesmo! Porém, não conseguia desvincular a imagem da bonita jovem à sua frente daquela garotinha de tranças que já aos cinco anos de idade se escondia atrás das árvores observando-o perseguir a caça. Hrolf se lembrava com perfeição do dia em que o majestoso Sven Haakonson, aquele velho *viking* barbudo, entrara em sua cabana com sua menininha nos ombros. Sorrindo, ele lhe dissera:

— Vocês venceram, Brosa — colocou a no chão e bagunçou os cabelos quase brancos de tão louros — ensine essa pestinha

A garotinha, feliz da vida, pulara sobre ele, na época um rapaz de pouco mais de vinte anos, e o enchera de beijos melados. Ulla era quase uma filha para aquele velho lobo solitário.

— Acalme-se, menina — ele tomou sua mão e a fez se sentar ao seu lado — não é louca, apenas diferente das outras moças. É especial. E é por isso que aquele bando de lobos que tem por irmãos rosna tanto quando um rapaz aparece por aqui. Ninguém quer perdê-la, minha jovem. No entanto, se essa sua viagem foi mesmo um acontecimento estranho, não duvide de que ela aconteceu. — Ele se levantou e remexeu num baú que ficava no canto da pequena sala. — Vou lhe mostrar algo que sua mãe me pediu para guardar, logo que você recuperou a consciência. — Ergueu o corpo e mostrou um pequeno caderno com capa de tecido. — Quando Marit notou que não se lembrava de nada, ela achou melhor tirar isso de seu alcance, para não a perturbar ainda mais. Agora, com esses sonhos, que para mim mais parecem suas lembranças querendo vir à tona, creio que chegou a hora de você ver isto aqui.

Ulla ficou intrigada. Estendeu o braço e pegou o caderno que Hrolf lhe entregava, o tecido parecendo queimar suas mãos.

— O que é isso?

Hrolf se sentou diante dela e a observou, enigmático, como se estivesse à espera de uma reação.

— Um diário, — fez uma pausa — o *seu* diário.

Delacroix, Normandia

Gilchrist recebeu a notícia da morte de Michael com imensa tristeza. Servira com ele por muitos anos. Os dois tinham sido ajudantes-de-ordens de Ibelin²⁶, em Tiro, durante um longo período.

— Que maçada! Justo Cornwall! Ele era uma das pessoas mais honestas que conheci.

— Por isso era um Hermes, Gil — consolou-o a ruiva — ele era alguém em quem se podia confiar.

— E perdeu sua vida por isso, Radegund. — Retrucou ele, amargo. — Parece que a Sociedade está com a corda no pescoço. Preocupo-me com Leila.

— Foi a primeira coisa em que pensamos — falou Mark, servindo-se de uma dose do *uisce beatha* que Gilchrist trouxera de sua terra. O castelo todo já se havia recolhido àquela hora. Até mesmo Clarisse, presa à sonolência característica do início da gravidez, desculpou-se logo após o jantar e foi se deitar. — É mais um motivo para irmos para Svenhalla. Para apoiarmos a ela e a Ragnar.

— Já resolveu se irá, Gil? — Radegund quis saber.

— Penso que sim. Porém, terei que voltar à Cully primeiro. Um de meus parentes estava nos dando problemas antes de eu vir para cá. Preciso ver como andam as coisas e passar novas instruções à Dermott.

— Leila disse, em sua carta, — comentou Mark, acomodando-se numa cadeira — que o Tyr virá do Mediterrâneo em setembro ou outubro. Podemos embarcar em Rouen e chegar no início de novembro. Dará tempo de nos acostumarmos com o clima e não haverá risco do gelo ou da neve nos deterem no meio do caminho.

— É um bom arranjo. E quanto ao amuleto?

— Despacharei um mensageiro para Messina. — Mark fez uma pausa. — Sonhou com mais alguma coisa, Gil?

— Depois daquela noite, não. A Coisa, no entanto, parece estar se fortalecendo. É como se hibernasse, reunindo forças para, quando acordar, levar a cabo sua conquista. — Gilchrist brincou com a borda de seu copo, o olhar perdido no líquido dourado. — Gjurd nos disse, em Cornwall, que o Mal despertaria quando a Lua engolisse o Sol, no dia do solstício de inverno.

Radegund estremeceu e tomou um gole da potente bebida, desejando que o álcool apagasse um pouco a tensão que sentia. Aqueles assuntos lhe davam nos nervos. Antes que pudesse retrucar, no entanto, uma batida soou à porta do gabinete. Mark se levantou para atender.

— Aswad, — ele indicou a sala — entre. Estávamos conversando. E então...?

O beduíno sorriu de um jeito que lembrou a Mark o gato que havia engolido o canário.

— Ela aceitou, Mahkim. — Ele fez uma mesura para Radegund e continuou, zombeteiro. — Cumprimente-me, leoa. Em breve serei um homem casado.

— O quê? — Ela olhou para Mark e depois para o irlandês que, tão alheio ao assunto quanto ela, apenas deu de ombros. — Do que está falando, chagal?

— A bela e formosa Trudy aceitou meu pedido. Podemos firmar o contrato de casamento, Mahkim?

Gilchrist cumprimentou o noivo com um aperto de mão.

— Parabéns, Aswad. A senhorita Trudy é uma jovem encantadora.

Radegund, por sua vez, encarou Mark.

— Como pôde entregar Trudy para ser concubina desse chagal do deserto?

O chagal em questão se ofendeu.

— Concubina uma ova! — Ele rebateu com o dedo em riste, enquanto Mark revirava os olhos. Seria possível que onde quer que aqueles dois se esbarrassem tivessem que brigar? — Ela será minha primeira esposa!

— Alto lá vocês dois! — Esbravejou Mark, perdendo a compostura — Radegund, Aswad me pediu a mão de Trudy e eu mandei que ele falasse direto com ela, pois a jovem, apesar de estar sob nossa proteção, é livre para escolher com quem quer se casar. Se ela aceitou, não há razão para eu não concordar.

Ele era louco? Aswad era um homem de costumes arraigados e com certeza não sabia do passado de Trudy. Caso soubesse, só iria querê-la para concubina, nunca como esposa!

— Mas, Mark! Trudy...

Ele a interrompeu antes que ela falasse demais, arrastando-a para fora da sala.

— Não tem mais, Radegund — ele se voltou para Gilchrist — sirva-nos mais uma dose, Gil, já voltamos. — Fechou a porta atrás de si e arrastou a ruiva até o solário, onde começou a sussurrar. — Quer ficar quieta e me ouvir, garota?

Radegund bufou e cruzou os braços, estreitando os olhos em sua direção.

— Fale, antes que eu o acerte.

— Ele não sabe.

— Hein? — Ela colocou a mão em concha junto ao ouvido e virou a cabeça de lado — fale de novo!

— Não me massacre, ruiva.

Ela esbravejou.

— Enlouqueceu, homem? O que o chagal fará quando, na noite de núpcias, descobrir que ela não é mais virgem?

Mark suspirou desalentado e esfregou os olhos. Fez um pedido.

— Converse com ela, garota — ela o fitou incrédula. Era a última pessoa no mundo apta a lidar com aqueles assuntos — por favor! Sou homem e não me sinto à vontade para falar sobre isso com Trudy. — Ela continuou a encará-lo. — Vai querer que eu me ajoelhe e implore?

Ela o encarou, sarcástica.

— Até que não seria nada mau...

— Nem em sonhos!

— Por que não pede à Clair? Ela tem mais jeito para essas coisas.

— Quero evitar preocupações à Clarisse. Ela está grávida, enjoada, cansada... — lançou-lhe um olhar súplice — por favor, garota. Pela nossa amizade, faça esse favor para seu amigo. Lembre-se de cada uma de suas bebedeiras. E de todas as vezes em que você enjoou no Mediterrâneo e eu segurei sua cabeça, e não deixei você...

— Arre, chega! Sempre exagerado! Eu falo com Trudy. — Ela já se virava para sair, quando se lembrou de dizer mais uma coisa. — No entanto, pode avisar ao chagal que se ele a magoar, eu mesma me encarregarei de livrá-lo daquela parte de sua anatomia a qual os homens muito prezam!

Mark não teve outro remédio senão assentir.

Svenhalla, Noruega

Leila aconchegou-se ao marido, despertando com a claridade que se filtrava pelas venezianas. Estava morrendo de preguiça de se levantar, apesar de saber que o sol de verão brilhava lá fora, colorindo o panorama de Svenhalla. E quando chegasse o inverno, o verde seria substituído pelo branco e pelo cinza. Entretanto, para ela, nativa de uma região quente, não havia lugar mais lindo do que Svenhalla no inverno.

Olhou para Ragnar que ainda dormia. Seu rosto estava totalmente relaxado. Da boca entreaberta, sob a barba loura, escapava um suave ressonar. Ela apenas ficou olhando para ele, para cada detalhe de seu rosto adorado. Pequenos sulcos começavam a aparecer no canto dos olhos, embora a fisionomia dada ao riso e ao amor ainda não denunciasses em seus traços os trinta e quatro anos de seu jovial marido.

Como o amava! Como adorava aquele homem enorme, tanto em tamanho quanto em coração. E como temia perdê-lo! Tinha tanto medo de que algo

acontecesse ao seu amor que vinha carregando sozinha o fardo das últimas notícias da Sociedade. Exceto pela morte de Michael, não contara mais nada a ele. E agora vivia na expectativa de alguma mensagem que lhe trouxesse notícias do tal Scholz. E também com medo de que o longo braço da Ordem e dos *hashashin* chegasse até ela e sua família. Erguendo a mão, ela acariciou a face dele delicadamente. Ragnar abriu os olhos pálidos e encarou a esposa.

— Bom dia, *liten*! — Disse ele, bocejando e esticando os braços num espreguiçar. Em seguida a envolveu num abraço quente. — Dormimos demais hoje.

Ela sorriu e lhe deu um beijo, apoiando-se em seu peito.

— Só me deixou dormir de madrugada, esqueceu?

Ele fez uma cara de espanto.

— Oh, não me lembro! — Sorriu — Verdade?

— Ragnar! Não seja cínico!

Ele a puxou mais para cima, deitando-a sobre seu corpo.

— Podia refrescar minha memória...

Ah, que sem-vergonha ele era! Já devia saber que quando Ragnar acordava com aquele olhar preguiçoso e indolente, só conseguiria sair da cama depois do meio da manhã!

Antes que Leila pudesse formular um pensamento coerente, seu marido a atacou com um beijo devastador, enquanto suas mãos a livravam da camisola de linho.

— Por que não dorme nua? Facilitaria minha vida — ele brincou, atirando a peça longe.

— Se eu viesse me deitar nua, nós não dormiríamos nunca!

Ragnar a fez rolar para o lado e colocou-se sobre seu corpo, provocando-a com beijos que eram espalhados por seu colo e seu pescoço.

— Não tenho culpa se me casei com a tentação em forma de mulher — esfregou o rosto na curva de seu pescoço, deixando-a arrepiada e fazendo os bicos de seus seios enrijecerem — hum, viu só o que disse?

Envolvidos pelo clima de sedução, entregaram-se um ao outro até que, vencidos pela saciedade e pelo cansaço, adormeceram novamente, esquecendo-se por completo das cores da primavera em Svenhalla.

— Já vi que nosso irmão e nossa cunhada estão se divertindo. — Disse Einar olhando para os lugares vazios à mesa do desjejum. — Como deve ser boa a vida de casado...

Björn olhou para o irmão, horrorizado.

— Está louco? — Inclinou-se para frente para que sua mãe não o escutasse.
— Para dormir com uma mulher não é preciso se casar com ela.

— Não falo apenas de dormir com uma mulher, Björn, — retrucou Einar tomando um gole de cerveja — um casamento não é só isso.

O mais velho dos Svenson lançou um olhar de troça ao irmão mais novo.

— O de Ragnar parece ser. Não sei como eles ainda não produziram uma dúzia de filhos! — Ele abaixou mais ainda a voz. — Esses dois vivem na cama, e também em outros lugares fazendo... você sabe. Outro dia quase os flagrei na despensa! Parecem um casal de namorados.

— É porque eles se amam, Björn! — O olhar de Einar se tornou sonhador. — E Ragnar me disse que pediu a Leila que evitasse os bebês por hora, pois, apesar dele querer muitos filhos, sabe o quanto o parto de Lars foi duro para ela. Sabe, eu morro de inveja do nosso irmão. Ah, como eu queria encontrar uma moça assim, por quem eu fosse eternamente apaixonado!

Björn cutucou a cabeça do mais moço com um dedo.

— Você deve estar é de miolo mole, pois sim! — Ele se levantou, já que havia terminado sua refeição. — Nem morto eu me amarro desse jeito. Minha esposa é o Freyja e minha casa é o mar! E pelos portos do mundo haverá sempre uma deliciosa rapariga pronta para cair nos braços do capitão Svenson!

Einar sorriu. Um dia aquele convencimento de seu irmão iria por água abaixo. Um dia Björn iria se apaixonar. Sonhador, ele continuou sua refeição, desejando, ao contrário de Björn, encontrar uma doce senhorita com quem pudesse se casar.

Já no pátio, Björn encontrou com Ulla, que conduzia Valkyrie pelas rédeas na direção dos portões. Sua irmã parecia muito séria e trazia o olhar cansado, como se tivesse passado a noite em claro. Ele só esperava que Ulla não tivesse outra crise como a que a acometera há quase dois anos, quando fora encontrada desacordada no chalé.

Atrás dela vinham os dois grandes *buhunds*²⁷ mestiços, que eram como suas sombras. Ele os deu à Ulla logo depois que ela havia perdido a memória. Os cães eram treinados para defendê-la a qualquer custo e dormiam ao lado de sua cama, parecendo um tapete branco aos seus pés. Preocupado com o jeito calado dela, indagou.

— Vai sair, pestinha?

Ulla revirou os olhos. Amava seu irmão, mas ele tinha uma séria tendência a superproteção com relação a ela. Como era difícil ser a única mulher no meio daquele bando de lobos, como Hrolf os chamava!

— Bom dia para você também, Björn, — ela se voltou com um pequeno sorriso — vou até o chalé.

— Sozinha? — Ele passou a mão pelo pescoço de Valkyrie que estremeceu de satisfação. — Por que não leva uma das aias com você?

Sem que ele precisasse colocar em palavras o que sentia, Ulla soube qual era a sua preocupação. Tocou o rosto barbeado e falou.

— Não vai acontecer de novo, irmão.

Ele segurou sua mão e a beijou, afagando-a com carinho. Ulla era sua irmã caçula, ele era louco por ela. Ficava desesperado só de pensar que algo pudesse acontecer à sua *pestinha*.

— Como pode ter certeza? Sequer se lembra do que aconteceu da outra vez!

Um brilho fugaz passou pelos olhos escuros de Ulla quando ela respondeu.

— Não vai acontecer. — A voz dela adquiriu um timbre mais rouco e grave.
— Estou protegida. O Dragão já acordou.

— O que disse?

Ulla balançou a cabeça e olhou para ele, um pouco confusa. Diabos! Sua mente havia vagado de novo! Aconteceu sem que ela percebesse. Ouviu sua própria voz à distância, como se tivesse saído de seu corpo.

— Nada — ela saltou agilmente sobre Valkyrie, ajeitando a saia. Tomou as rédeas que Björn segurava para ela e encerrou o assunto. — Diga à nossa mãe que voltarei amanhã. Vou aproveitar o sol para dar uma boa limpeza no chalé.

— Mais um motivo para levar uma aia. — Argumentou Björn.

Ulla bufou e abaixou-se, dando-lhe um beijo na testa.

— Não, — acariciou a face do irmão — quero ficar só.

Sem mais explicações, a moça virou a montaria e partiu, deixando o capitão do Freyja com o coração oprimido de preocupação.

Delacroix, Normandia

Terrwyn suspirou mais uma vez ao olhar para seu irmão e para sua cunhada, encarapitada no colo dele. Mark parecia abobalhado ao olhar para a barriga de Clarisse, como se ali fosse encontrar a resposta para os segredos da criação. Ora, era claro que ela, Terrwyn, estava feliz em ser tia. Afinal, não tinha nenhum sobrinho.

Óbvio, Terrwyn. Você também não tem nenhum outro irmão!

Aliás, sequer tinha outra família além dele. A bem da verdade, Radegund havia lhe dito que todos ali eram sua família. E ela naturalmente concordava. Tinha com relação à ruiva uma identificação especial, já que Radegund era tão órfã e sozinha quanto ela. Tanto ela quanto sua cunhada a cobriam de carinho. Porém, ela queria mesmo era que seu irmão voltasse a lhe dar a atenção que lhe dava antes de se tornar o guardião de Delacroix. Bem, evidentemente ela sabia que Mark tinha novas — e muitas — responsabilidades. E agora, com a notícia da gravidez da esposa, seu irmão praticamente tinha se esquecido dela. Com mais um suspiro, Terrwyn resolveu sair daquele marasmo e arrumar o que fazer. Radegund a dispensara do treinamento daquele dia, pois precisava resolver alguma coisa com Trudy.

Mark, apesar de entretido com a esposa, notou quando Terrwyn deixou o solário, cabisbaixa. Clarisse, no entanto, com sua sensibilidade e doçura habituais, foi a primeira a colocar em palavras a impressão que teve a respeito da jovem.

— Tem negligenciado sua irmã, querido — admoestou ela suavemente.

— Clair, Terrwyn sabe que estou muito ocupado. Não sou mais um cavaleiro apenas. As responsabilidades em Delacroix são muitas.

Clarisse sorriu. Seu marido, apesar de atencioso e sensível, ainda era um homem. Ou seja, tinha suas limitações...

— Eu sei, querido. Porém, o coraçãozinho de Terrwyn é tão doce e tão carente de sua atenção! E mesmo sabendo de suas responsabilidades, ela sente falta de sua presença. Agora então, com o bebê, ela deve estar se sentindo perdida e até esquecida.

Mark parecia espantadíssimo. Seria possível que estivesse sendo tão negligente?

— Clarisse, eu amo Terrwyn! Você sabe o quanto eu a adoro. Mas não tem me

sobrado muito tempo para ficar com ela como ficava antes.

— Agora está com tempo livre — ela afirmou.

— Agora eu estou com você.

Clarisse sorriu e acariciou sua face.

— Seja então um marido obediente e faça o que sua mulher lhe pede. Vá ter com sua irmã. Ela é muito sozinha, Mark. E esta é uma idade muito difícil para uma mocinha, principalmente quando não se tem uma mãe para nos orientar.

Ele fitou os olhos da esposa demoradamente. Ah, como sua mulher, além de doce e carinhosa, era sábia! Como era sensível a todos à sua volta. E como ele era feliz por tê-la ao seu lado.

— Você não existe, sabia? — Disse ele, beijando-a. — Tem um coração maravilhoso! Eu te amo, esposa.

— Eu também te amo, querido! Agora vá ver sua irmã. Ela precisa de seu amor tanto quanto nós dois.

— Nós dois?

Clarisse pôs a mão dele sobre seu ventre ainda plano.

— Eu e nosso filho.

No gabinete, Radegund tentava inutilmente convencer Trudy a contar a verdade sobre seu passado ao noivo. A moça, no entanto, estava irredutível.

— Seria uma humilhação muito grande, minha senhora!

— Diabos, Trudy! Como fará em sua noite de núpcias? Ele saberá que não é uma donzela! Já pensou nisso?

A moça caiu sentada sobre uma cadeira e fitou-a desolada.

— Já, senhora. E não sei o que fazer — as lágrimas escorreram pelo seu rosto — acho que vou desmanchar o compromisso. Nunca devia tê-lo aceitado, na verdade. Moças como eu não servem para casar, não é mesmo?

A ruiva se aborreceu.

— Não diga isso, Trudy! É uma jovem de valor, não importa o que tenha acontecido em seu passado. Conheço seu caráter e sua coragem. — Ela se abaixou diante da governanta, apoiando um dos joelhos no chão. — Se não fosse por você, Mark não estaria entre nós. Considere apenas dizer ao chagal que não é mais uma donzela.

— Ah, senhora! Não disse que os costumes dele são rígidos? E eu...

A moça ficou em silêncio, de cabeça baixa.

— Você o que, Trudy? Conclua o que ia dizer. Sou sua amiga acima de tudo e quero ajudá-la.

A moça pegou nas mãos que a ruiva estendia para ela.

— Acho que gosto dele, — os olhos de Trudy ficaram marejados — sei que

foi tudo muito rápido, mas, ele me atrai e eu... eu não quero perder Aswad.

Radegund sorriu.

— Bem, não sei como alguém pode gostar daquele chagal, mas, se crê que ele pode fazer você feliz... que seja. Só não sei como fará em sua noite de núpcias, já que os lençóis permanecerão sem nenhum vestígio de sua castidade... — a ruiva teve uma ideia — a não ser...

Sua mente engenhosa começou a esboçar um plano que, no fundo, bem lá no fundo — se ela fosse honesta consigo mesma — seria uma vingança pessoal contra o arrogante e convencido *sheik* dos *al-Khalidi*. E de quebra, ainda ajudaria Trudy a conquistar o homem de quem, inexplicavelmente, gostava.

Ansiosa, Trudy indagou, com um brilho de esperança no olhar.

— A não ser o quê, senhora?

— A não ser que no dia seguinte haja uma prova de sua virgindade nos lençóis.

— Como?

Radegund se levantou, determinada.

— Você vai saber. Mas teremos que contar com o silêncio de toda a gente de Delacroix. E depois que vocês partirem, seu passado estará definitivamente enterrado.

Feliz, Trudy se levantou e a abraçou.

— Deus a abençoe, senhora.

Mark foi encontrar Terrwyn no alto das ameias, onde o vento soprava com mais intensidade no início da tarde. Observou-a de longe, notando que seus cabelos, antes curtinhos, já estavam maiores, os cachos castanhos brilhando com reflexos avermelhados sob o sol. Os treinamentos e a boa alimentação em D’Azûr haviam lhe dado novas cores ao rosto e seu corpo adquirira curvas mais femininas. Seguindo o curso da natureza, sua irmãzinha ia deixando de ser uma menina para, lentamente, desabrochar como uma mulher. Sua alma, no entanto, ainda guardava muito da garota solitária que se esgueirava pelas passagens secretas de Draig Fawr. Chegando sorrateiramente por trás dela, Mark abraçou a irmã, dando-lhe um susto.

— Mark! — Ralhou ela. — Quase me faz despencar lá embaixo!

Ele lhe deu um beijo na face e encarou aqueles olhos castanhos tão parecidos com os seus.

— Desculpe.

Ela franziu o cenho. Ele não falava do susto.

— Pelo quê? Não me fez nada!

— Esse foi o problema — ele a ajudou a descer da ameia e colocou sua mão

sobre o próprio braço, começando a caminhar ao seu lado — não tenho feito muita coisa por você, ou com você, ultimamente. Concentrei-me totalmente na administração de Delacroix e negligenciei minha irmãzinha.

Terrwyn abaixou o rosto e tentou esconder as lágrimas. Mas que inferno! Estava tão sensível e chorona ultimamente...

Mark se espantou.

— O que foi, irmã? — Secou as lágrimas da irmã com as pontas dos dedos. — Por que chora? Está triste?

— Não! Sim! — Ela respirou fundo e tentou dizer algo coerente. — Quer dizer, eu estava. Agora estou feliz.

Ele a abraçou e indagou.

— E por que minha irmãzinha travessa estava triste?

— Porque achei que não ligasse mais para mim, agora que você e Clair terão um bebê. — Ela ergueu o rosto. — Entenda, não estou com ciúmes. Fiquei feliz com a notícia. Mas é que...

— Não se justifique, Terrwyn. Sei que a deixei de lado ultimamente — ele a fez recomeçar a andar — e para compensar meu péssimo comportamento, hoje vim convidá-la para passarmos a tarde juntos, só eu e você.

— E Clarisse?

— Clair foi repousar um pouco — ele piscou um olho — grávidas são criaturas muito dorminhocas! Quer cavalgar comigo? Podemos ir até o moinho e também ao vilarejo, comprar as tortas de amora daquela viúva. Sei que as aprecia muito. O que acha?

Terrwyn pulou em seu pescoço e lhe deu um beijo estalado.

— Acho que é o melhor irmão do mundo!

Um pouco antes do jantar, Radegund procurou Mark, que chegava de seu passeio com Terrwyn. Contou a ele sobre a conversa com Trudy.

— Se ela não vai contar — o mestiço indagou fechando a porta do gabinete — como é que vai ser quando... bem, na noite de núpcias? Aswad jura que ela é uma casta donzela!

— Isso eu já resolvi. Só vou precisar de uma ajudinha de Clarisse.

Mark lançou a ela um olhar de advertência.

— Radegund... o que vai aprontar? Não espera que eu traia meu amigo...

— Não.

— Então o que vai fazer?

— Não vou contar.

— Como não?

— Se eu lhe contar e você não contar a ele aquilo que sabe, trairá seu amigo

— ela gesticulava com as mãos, enfatizando suas explicações — se eu não lhe contar, você não saberá de nada. Logo, não contará a ele aquilo que não sabe e, se não sabia de nada, não terá sido nenhuma traição.

— Hã?!

Ela passou por ele e deu tapinhas em sua mão, como se Mark já fosse muito senil para alcançar seu raciocínio.

— Esqueça, meu velho. Podem firmar o contrato de casamento ainda esta noite. Mande Roger preparar um jantar especial em homenagem aos noivos. Até mais tarde.

Ela saiu batendo a porta do gabinete, deixando o amigo boquiaberto para trás.

A noite foi festiva em Delacroix. Até mesmo Radegund, demonstrando uma estranha condescendência em relação ao chagal, cumprimentou-o com um sorriso e um aperto de mão logo após a assinatura do contrato de casamento, no gabinete do castelo. Roger fez questão de conduzir a noiva pelas escadas do salão e de entregá-la ao seu noivo, diante da grande mesa do gabinete.

Padre Gervase, apesar do mau humor ao ter seus serviços dispensados, — já que o noivo não era cristão e o casamento seria apenas um contrato formal — permaneceu ao lado de Gwydyon, o capitão da guarda que, muito amigo da governanta, estava feliz por seu enlace.

Terrwyn olhou para o gordo padre — o Porquinho, conforme ela o chamava, como segredou a Clarisse — e deduziu que, o que ele queria mesmo, como bom glutão que sempre fora, era provar as saborosas iguarias preparadas para o jantar em homenagem aos noivos.

Gilchrist, sempre cavalheiro e bem vestido, estava de pé ao lado de Radegund, que segurava a filha no colo. Lizzie, ignorando o acordo formal que ali se estabelecia entre o casal, estava mais entretida em olhar — e soprar — as chamas das velas que iluminavam o aposento. Gaetain e Jean, num canto do gabinete, tal qual o padre, pareciam estar mais ansiosos pela alegria de seus estômagos do que pela felicidade dos noivos.

Trudy, muito elegante num vestido verde claro, estava radiante ao lado de seu imponente noivo, que se vestira com um tradicional *kaftan* vermelho-escuro bordado com fios de ouro e calças claras. Em seus dedos havia anéis valiosíssimos. Um deles foi retirado e colocado no anular de Trudy, agora oficialmente sua esposa.

A jovem, que não tinha família, recebeu como dote da parte de Mark uma bolsa de moedas de ouro. Radegund a presenteou com um enxoval e Gilchrist, com sua habitual gentileza, deu de presente à moça um pente de ouro feito por mestre Jacques, o ourives que a ruiva lhe indicou.

No fim da noite, após muitos brindes, aos quais Aswad acompanhou com seu habitual chá de hortelãs, pois não ingeria álcool, as mulheres se retiraram para preparar a noiva para a noite de núpcias.

— E então, senhora? — Indagou Trudy ansiosa assim que chegaram ao quarto que o casal dividiria enquanto estivesse hospedado ali. — Como farei?

Clarisse adiantou-se, seguida por Terrwyn.

— Já providenciei tudo. — Ela apontou o serviço sobre a mesinha. — Tem apenas que pedir que ele apague as velas, dizer que é tímida ou algo assim. Depois, sirva o chá. Tem uma mistura de ervas que vai deixá-lo confuso. Depois que ele dormir, pegue o frasco com o sangue de porco e despeje sobre a cama e um pouco entre suas pernas. — Ela se voltou para Terrwyn, outra das cúmplices naquele ardil. — Pegou o sangue?

A moça estendeu o frasco para a cunhada.

— Está aqui. — Ela fez uma pausa e expressou sua curiosidade. — Eu não sabia que fazer aquilo sangrava. Dói?

Clarisse sorriu.

— Só na primeira vez. E depende do homem, querida. Comigo foi um tanto... desagradável.

Trudy deu um risinho travesso.

— Comigo foi bom, apesar do cavalariaço com quem me deitei ser um pouco atrapalhado, — ela baixou o tom de voz — ele era virgem também!

Clarisse, ela e Terrwyn riram e a noiva indagou.

— E com a senhora — indagou à Radegund — como foi?

Lacônica, ela respondeu.

— Fui estuprada. — Um silêncio pesado se fez no quarto e Radegund se amaldiçoou por não ser capaz de lidar com aquilo depois de tantos anos. Sorriu e esforçou-se para desanuviar o ambiente. — Esqueçam isso, hoje é dia de festa. — Piscou para a fiel governanta. — Trudy desencalhou e passaremos a perna no chagal!

— Senhora!

— Perdoe-me, — ela pilheriou — passaremos a perna no marido de Trudy. — Deu um beijo no rosto da jovem. — Boa sorte, menina.

Depois de milhares de brindes e brincadeiras da parte de seus amigos e dos demais homens presentes, Aswad conseguiu finalmente sair do salão e subir para seus aposentos. Estava ansioso para desfrutar das delícias que os doces olhos de sua noiva haviam lhe prometido durante toda aquela noite.

Ao entrar no quarto imerso numa suave penumbra apenas quebrada pela chama de duas velas, ele sorriu. Sua bela e jovem pérola o aguardava sentada na

beirada da cama, os olhos tímidos voltados para o chão.

Trudy, apesar de não ser inexperiente, realmente se sentia tão tímida quanto uma donzela. Pois, ao contrário dos outros homens com quem se deitara, daquele ali ela gostava. Por aquele ela estava apaixonada de verdade.

Ele fechou a porta e com passos largos cruzou a distância que os separava. Estendeu as mãos para ela, fazendo-a se levantar. Ergueu seu rosto com as pontas dos dedos. Sua pele estava gelada e ela, trêmula e assustada. Interpretando seu receio como inexperiência, ele falou suavemente.

— Não tenha medo de mim, minha pérola. Serei cuidadoso e paciente — sua boca roçou nos lábios de Trudy com delicadeza — darei prazer a você esta noite, não a machucarei. Prometo.

— Eu confio em você — ela deu um sorriso tímido e respirou fundo, dando prosseguimento ao plano elaborado pelas amigas. Tomou-o pela mão e puxou-o até o lado da cama. — Veja o que a dama Clarisse deixou para nós.

Aswad fitou o belo serviço de chá, com o samovar de prata e os copos ricamente lavrados em cristal. A esposa de Mahkim era muito gentil e atenciosa.

— Posso servi-lo, meu marido?

Ele pensou em outras mil formas de sua doce Trudy servi-lo naquela noite, mas, para deixá-la mais segura e relaxada, assentiu ao seu oferecimento. Sentou-se numa das almofadas deixadas no chão e respondeu.

— Sim, esposa.

Com uma prece e um pedido silencioso de perdão ao seu marido, ela o serviu do chá e junto com o copo, ofereceu-lhe uma pequena travessa com amêndoas. Ele recusou.

— Só o chá. Não consigo comer mais nada depois daquele banquete que a esposa de Mahkim preparou em nossa homenagem. — Ele a trouxe pela mão para que se sentasse junto a ele. Trudy estremeceu ao sentir o calor do corpo dele junto ao seu. — É muito querida por seus senhores. Sempre morou aqui?

Terreno perigoso, Trudy!

— Praticamente — não era mentira, pois a Rosa Dourada ficava bem perto dos limites do condado.

— Não vai tomar um pouco de chá? — A voz rouca dele acompanhou o movimento dos dedos entre seus cachos louros.

Ela balançou a cabeça numa negativa.

— Não, obrigada. Eu, — engoliu em seco — eu estou nervosa.

Ele terminou a bebida e colocou o copo de lado. Depois, fez com que se levantasse junto com ele. Acariciou sua face com delicadeza, fazendo com que seu coração disparasse e seu corpo se arrepiasse. Céus! Tudo em seu marido exalava sedução!

Abraçando-a, colou seu corpo ao dela e procurou novamente acalmá-la.

— Nada tema de mim, minha doce esposa. Não sou um chacal como diz a leoa. Uma mulher para mim é uma joia. E minha esposa é a mais preciosa das pérolas. — Fitou-a longamente e indagou num murmúrio sensual. — Confiará em mim para cuidar de você, esposa?

Trudy apenas assentiu e permaneceu cativa daquele olhar. Aswad sorriu e tocou sua face novamente, prendendo um dos cachos louros atrás do lóbulo delicado. Estava queimando de desejo por aquela mulher que estremecia só de ser olhada. Imaginou as delícias que aquela noite prometia e respirou fundo para tentar se controlar e seduzi-la lentamente, preparando-a para ele. Observou-a intensamente e confessou.

— Eu a quero desde o dia em que cheguei aqui, minha pérola. Hoje eu a terei. Eu a farei minha mulher, sob a lei e sob meu corpo, em minha cama.

Sem esperar por uma resposta, beijou-a e começou a despi-la da fina camisola de cambraia com a qual ela se vestira para esperá-lo. Moveu as mãos pelos ombros delgados, empurrando o tecido para baixo, desnudando primeiro o colo e depois os seios alvos. Seus dedos bronzeados escorregaram sobre a pele leitosa, produzindo um contraste que o fascinou.

— É macia como uma flor, minha Trudy. — Sua língua brincou no lóbulo de uma orelha. — Eu a agrado, minha esposa?

— Sim, Aswad, — ela falou entre os suspiros provocados pelas mãos dele em seus seios — meu marido.

Empurrando-a delicadamente, Aswad conduziu-a até a cama de casal, fazendo com que se deitasse sobre os lençóis perfumados. Em seguida, retirou o *kaftan*, expondo o peito amplo e o tronco fortalecido em anos de trabalho duro à apreciação de sua mulher.

Sem notar, Trudy passou a língua pelos lábios ressecados. O gesto não só foi notado por seu marido, como o excitou ainda mais. Ajoelhando-se sobre a cama, inclinou-se sobre o corpo semidespido de Trudy. O colchão afundou sob o peso dele. Trudy engoliu em seco ao ser praticamente devorada pelos olhos esverdeados de Aswad que, mesmo sob a fraca luz das velas, brilhavam intensamente.

— É linda, esposa — suas mãos foram afastando o tecido da camisola desnudando-a até a cintura — seu corpo foi feito para o amor.

Sorrindo, inclinou-se e capturou sua boca num beijo cheio de promessas. Seus lábios cobriram os dela enquanto uma de suas mãos tocava o corpo sedento. Trudy sentiu-se lânguida e entorpecida. Ele estava se apossando não só de seu corpo, com aquele carinho e aquela gentileza. Aswad estava roubando seu coração.

As mãos delicadas se ergueram e tocaram o pescoço dele, puxando-o para ela. Aswad sentiu os dedos de sua mulher brincando em seus cabelos. Imaginou como seria sentir suas mãos em torno de seu membro que, confinado em seus calções, estava cada vez mais inchado e dolorido.

No entanto ele sabia que devia prepará-la para ele. Não queria magoar sua esposa. Ele sabia que um bom amante não era aquele que conseguia erguer mais vezes numa noite seu membro viril e sim aquele que conseguia levar sua parceira ao êxtase sexual mais vezes numa única união.

Partindo deste princípio, começou a tocar cada pedacinho do corpo de sua mulher, deliciando-se com seus gemidos, adorando vê-la se contorcer sob seu toque.

— Aswad! — Ela gemeu profundamente quando as mãos dele ergueram seus quadris e sua boca a tomou intimamente, lambendo seu sexo, mordiscando a carne úmida. — Vai me enlouquecer assim!

Ele sorriu e subiu o corpo, roçando-o no dela. Sua calça parecia que ia se romper, tamanha era sua excitação.

— Se eu a enlouquecer de prazer, esposa, estará bom para mim. — Dito isso, livrou-se rapidamente da calça e acabou de arrancar a camisola de Trudy, que se embolara em sua cintura. Ao notar o olhar fixo de sua esposa para seu corpo evidentemente excitado, tranquilizou-a. — Lembre-se, só prazer.

Sua boca tomou a dela num beijo possessivo, enquanto as mãos pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Trudy, no entanto, apesar de extremamente excitada, ainda se sentia muito tensa. O chá faria o efeito esperado? Ele perceberia que não havia nenhuma barreira em seu corpo quando a possuísse?

Não tinha percebido ainda que, apesar de sedento de desejo, Aswad sentia-se um tanto aéreo. Porém, enlevado pelo corpo da esposa e pela receptividade dela aos seus carinhos, ele não fez caso disso, atribuindo aquela sensibilidade estranha, que o deixava meio que flutuando, ao seu estado de euforia. Para ele, aquilo era mais uma prova do efeito embriagador de Trudy sobre sua mente e seu corpo.

Pensando assim, posicionou-se para tomá-la, sentindo-se orgulhoso de ser seu primeiro homem. Expressou em palavras aquele pensamento, deixando-a ainda mais tensa.

— Minha bela Trudy — ele a beijou, colocando-se entre suas coxas, preparando-a com os dedos hábeis — é tão bom saber que seu corpo será apenas meu e de mais ninguém. Saber que reservou este tesouro apenas para mim. Está tão pronta...

Aswad guiou-se para a entrada de seu corpo e Trudy, receosa de que sua

pequena farsa fosse descoberta, contraiu-se, mordendo o lábio. Acabou com isso dando a impressão ao seu marido, pela resistência que ele encontrou em possuí-la, de que realmente era uma donzela.

— Relaxe, minha pérola — ele a cobria de beijos e carinhos, temendo ser rude — não quero machucá-la.

— Não me machucou — ela acariciou as faces morenas e depois o abraçou — apenas estou um pouco nervosa.

Moveu-se sob o corpo pesado e deixou que ele se acomodasse ainda mais profundamente dentro dela, distendendo seus músculos internos já há alguns anos sem uso. Afinal, desde que deixara a taverna, quando o senhor Mark foi atacado, ela nunca mais teve sequer um namorico, quanto mais se deitou com um homem!

Sentindo-se afogar num mar de prazer, Aswad começou a se mover dentro dela, primeiro devagar e com cuidado. Depois, intensificando o ritmo, cada vez mais incentivado pelos gemidos e pelas mãos de Trudy que passeavam em suas costas, incendiando-o. Como ela era macia! Como era delicada sua esposa, sua pérola preciosa! Tudo o que queria era se perder em seu corpo, que vibrava ao atingir o primeiro orgasmo.

Arqueando o corpo, trêmula de prazer, Trudy ofereceu os seios claros e ele, não se fazendo de rogado, sugou os mamilos rosados até deixá-los ainda mais inchados e excitados.

Ansiosa, ela implorou.

— Por favor...

— Por favor o quê, minha esposa? Por favor, me beije? — Ele a beijou. — Por favor, me chupe? — Ele tomou o seio na boca novamente, e ela gemeu mais ainda. — Por favor, me faça gozar?

— Oh, sim, sim! — Ela o agarrou pelos cabelos e sussurrou diante de sua boca. — Sim para todas as suas perguntas!

Sem poder se conter mais, Aswad simplesmente se deixou levar por aquela onda que o engolfava, atirando-o num mar de prazer, surpreendendo-o com a intensidade das emoções que aquela mulher foi capaz de despertar dentro dele. Talvez ela fosse mesmo seu destino. Talvez estivesse realmente apaixonado por ela.

Quando as respirações de ambos se acalmaram, ele a puxou para perto e juntos mergulharam num sono tranquilo. Trudy, apesar da preocupação, sentiu-se aquecida não só pelos braços de Aswad, mas também pela esperança de uma nova vida que se acendia em seu coração.

Bremen, Norte do Império Germânico

Depois de mais um espirro, Scholz convenceu-se de que uma febre sazonal havia lhe pregado uma peça. O que os homens da Ordem não lograram conseguir, a umidade da primavera e os deslocamentos constantes impostos por sua fuga acabaram por fazer.

Sem remédio, forçou mais uma vez a porta da sacristia usando a chave-mestra. Vigilara os movimentos do padre durante todo aquele dia, sob a cobertura de seu disfarce, enquanto circulava pelo adro. Agora, em plena madrugada, usava daquelas suas *habilidades especiais*, como seu velho pai as denominara ao lhe ensinar as técnicas de arrombamento, disfarce e gatunagem. Tudo aquilo estava arraigado profundamente dentro de si, aguardando apenas a hora da necessidade.

Bem, o momento chegou, Scholz.

Contendo um grito de triunfo ao ouvir o clique suave da fechadura que se rendia aos seus talentos, o maior tesouro da Sociedade avançou para dentro da sacristia, fechou a porta e abafou mais um espirro. Sentindo o suor frio empapar o corpo sob a roupa pesada, pediu forças aos céus para conseguir um bom esconderijo dentro do prédio da igreja.

Após meia hora de buscas e espirros, encontrou o que precisava. Um quartinho na torre, provavelmente destinado ao sineiro, mas que parecia abandonado. Reunindo as provisões que surrubiou e um pouco do vinho que tomou emprestado do altar-mor, A. M. Scholz recostou-se no catre desconfortável e adormeceu imediatamente na mais alta torre da principal igreja de Bremen.

Castelo Delacroix, Normandia

A madrugada ia pelo meio quando Trudy despertou nos braços do marido. Elevando uma prece em pensamento, rogou a Deus que a perdoasse por seu ardil. Olhou mais uma vez a fisionomia relaxada de Aswad e tomando coragem, desvencilhou-se dos braços dele. Sob o efeito do chá, ele apenas resmungou algo e virou-se de lado.

Antes que perdesse a coragem, Trudy saiu da cama e alcançou o pequeno frasco que escondeu num canto atrás da cabeceira. Com o coração aos saltos, derramou algumas gotas sobre os lençóis e em seguida, sujou as próprias coxas com o sangue. O restante do líquido, ela atirou nas brasas da lareira.

Sentindo-se um pouco culpada, enfiou-se novamente sob as cobertas e abraçou o marido. Agora era tarde para voltar atrás. Apreensiva, fechou os olhos, mas não conseguiu dormir.

Gilchrist remexeu-se no sono, revirando os lençóis. Em seus sonhos, vieram

as lembranças.

Em meio ao vapor aromático do banho, ele começou a se sentir entorpecido. Uma mulher vestida com um manto de pele lhe entregou uma toalha e esperou que ele se secasse, sem se incomodar com sua nudez. Ao terminar, ela apontou um tablado. Através de gestos ordenou que ficasse ali. Se não estivesse tão tonto, teria retrucado. Uma força estranha, porém, se apossara dele. Ele agia como se não tivesse vontade. Na certa deviam ser aqueles vapores que o envolviam.

A mulher começou então a pintar seu corpo com uma tinta azul que, gelada, provocava arrepios a cada passada do pincel de crina por sua pele. Em poucos minutos, com uma habilidade surpreendente, ela cobriu todo seu corpo com aqueles símbolos que, embora estranhos, pareciam morar num recanto profundo de sua mente.

Ao terminar, ela pegou uma espécie de tanga de pele e entregou a ele para que vestisse. Vagamente ele se lembrou de que lá fora estava muito frio. Vestiu a peça, no entanto. Depois colocou por cima do corpo o manto de peles que Ulla havia lhe mostrado.

A mulher fez então um gesto para que a seguisse e saiu da cabana sem olhar para trás. Ele a acompanhou por uma subida íngreme, ladeada por archotes acesos, por trás dos quais, ele tinha a impressão, escondiam-se pessoas de baixa estatura, vestidas de pele de gamo. Um murmúrio estranho pairava no ar.

— Daghda! Daghda! — Pareciam dizer.

Sacudiu a cabeça, tentando desanuviar a cabeça, e fechou os olhos com força. A mulher segurou seu braço, impedindo-o de continuar.

Ele abriu os olhos. A mulher sumiu para além da trilha de pedras. Ao olhar para frente, no entanto, ele sentiu suas tatuagens começarem a comichar incontrolavelmente.

Diante dele havia um círculo de pedras, iluminado por dois grandes archotes em seu centro, onde ardiam chamas curiosamente brancas. O círculo guardava, sobre uma meseta bem no meio, a visão mais impressionante de toda a sua vida.

Ela estava lá! A mulher branca e dourada!

O peitoral de malha de metal brilhava sob as chamas. Ele podia jurar que era feito de puro ouro. O elmo, que cobria parte da face dela, também parecia ser de ouro. A parte de baixo de sua vestimenta era um tipo de saiote, branco, pregueado e curto. Um pouco acima dos joelhos. Às suas costas pendia um manto, atado ao peitoral por dois grandes broches dourados em forma de dragões, iguais aos que trazia tatuados em seus punhos. Mesmo sob a sombra do elmo ele pode ver os olhos de safira que devassavam sua alma, embora estivesse a vários passos de distância dela.

— *Aproxime-se Dragão.*

A voz dela reverberou dentro dele. Ela abrira a boca para falar? Ou não? Observou aqueles olhos de novo. Um murmúrio escapou de seus lábios.

— *Ulla...*

A mulher balançou a cabeça e ele pode ver que fios claríssimos escapavam por sob o elmo e desciam por suas costas.

— *Não, Daghdá, — ela ergueu o braço longo e ele pode reconhecer o bracelete de prata da irmã de Ragnar — eu sou a Deusa. E hoje serei também a dádiva do Dragão.*

Antes do amanhecer, Aswad se levantou com cuidado do leito nupcial, evitando despertar sua jovem e fatigada esposa. Beijou os cachos louros esparramados pelo travesseiro e deixou a alcova. Na saleta contígua, usou a bacia que os criados deixaram preparada e se banhou, purificando o corpo depois do sexo. Em seguida, vestiu roupas limpas, pegou a água pura separada num jarro e fez suas abluções. Tomou seu tapete, seu Livro e foi para o alto das ameias, onde voltado para o Sol nascente e para Meca vinha fazendo suas orações. Apesar de estar longe de sua terra e de sua gente, de sua reza ele não abria mão.

Procurou um lugar limpo, pois não se rezava em locais impuros, e estendeu o tapete. E assim que o brilho do sol interrompeu as trevas da noite, recitou a *niyeh*²⁸ e iniciou o *Salat*²⁹, louvando a Alá, o Clemente e Único, rogando intimamente a Ele as bênçãos para seu casamento na forma de muitos e saudáveis filhos.

Quando o sol finalmente despontou no horizonte, Aswad recolheu seu tapete e voltou-se para as escadas. Sua caminhada, porém, foi interrompida por uma presença inesperada.

— Já de pé, rapaz?

Jean sorriu, balançando as pernas para fora das ameias. Falou por sobre os ombros.

— Seu Alá é um Deus piedoso, meu senhor Aswad?

Franzindo o cenho diante de tão estranha indagação, o beduíno indagou.

— Por quê?

— Por que os crentes num Deus piedoso, também o serão. — Respondeu o garoto sem se voltar para trás.

Aswad recostou-se na ameia e olhou-o de lado.

— Quer saber se eu sou um homem piedoso?

Dessa vez Jean sorriu, cínico. Encarou o estrangeiro.

— Até onde vai a extensão de seu perdão, meu senhor Aswad?

Trudy terminou de trançar os cabelos e colocou o vestido sobre a combinação de linho. Aswad logo desceria e juntos eles iriam tomar o desjejum. Já se preparava para os olhares e risinhos das mulheres e para as pilhérias que os homens fariam com seu marido.

Suspirando, ela mal pôde acreditar em sua felicidade. Apesar do engodo que armou, estava certa de que, com o tempo e tendo conquistado o carinho de seu esposo, poderia contar a ele sobre seu passado. Afinal, a necessidade a empurrara para aquele destino. Se tivesse uma oportunidade diferente naquela época, jamais teria se deitado com homens por dinheiro.

Enfim, aquilo eram águas passadas. Agora ela iria recomeçar. Aswad certamente iria querer voltar para sua terra. E ela mal podia acreditar que conheceria os exóticos lugares dos quais a dama Radegund e o senhor Mark tanto falavam. Só de pensar em não ter que ficar presa dentro de casa, confinada pela neve durante todo o inverno, já se sentia feliz.

Concluindo sua toalete, ela caminhou para a saleta contígua a fim de aguardar Aswad. Antes que pudesse se sentar numa cadeira, no entanto, a porta do aposento se abriu com um estrondo. Seu marido estava na soleira, com um semblante tão furioso que ela chegou a dar um passo para trás, tamanha era a raiva estampada em seu olhar.

— Aswad... — sua voz saiu estrangulada.

Com dois passos ele a alcançou.

— Vou perguntar apenas uma vez. — Ele apertou seus braços com tanta força que ela chegou a se contorcer. — Quem é você?

— O quê? — Ela indagou, sabendo e ao mesmo tempo, negando-se a acreditar que tudo havia desmoronado.

Irritado, ele a encarou bufando. Em seguida, empurrou-a para o lado, passando para o dormitório. Trudy correu atrás dele a tempo de vê-lo arrancar bruscamente os lençóis da cama. Examinando-os, Aswad viu neles as pequenas manchas vermelhas. Seu sangue ferveu. Pegando o tecido, ergueu-o à frente de sua esposa.

— Isto é a farsa mais suja que já vi em toda a minha vida!

— Aswad, por favor, deixe-me explicar! — Ela implorou, em prantos. Seria possível que sua felicidade tivesse durado tão pouco? Quem teria sido tão cruel ao ponto de contar algo a ele no dia seguinte ao seu casamento?

— Explicar? — Ele atirou os lençóis sobre ela. — Explicar o que, mulher?

Que me enganou? Que se fez passar pelo que não era?

— Não! Não me fiz passar por ninguém! — Ela deu um passo à frente apesar do medo que sentia dele naquele instante. — Eu só tive medo de que...

— Medo? — Ele a agarrou novamente pelos braços e rosnou. — Medo de perder um bom partido? Medo de nunca tirar os pés da lama de onde veio?

Trudy se encolheu. Aquilo doeu mais do que se tivesse recebido uma bofetada. Como um homem que foi tão carinhoso, que a cobriu de galanteios, podia dizer palavras tão cruéis? Aswad prosseguiu, impiedosamente, em suas acusações.

— Já sei quem é Trudy. Não passa de uma mulher da vida, uma rameira que se fez passar por uma casta donzela! — Ele a soltou e deu-lhe as costas. — Todos agora devem estar rindo às minhas custas!

Trêmula, ela perguntou.

— Quem lhe disse?

— Não interessa! — Ele rugiu, totalmente transtornado. — O que importa é que alguém teve o bom senso de me contar que você veio para Delacroix de uma taverna de beira de estrada. — Apontando-lhe o dedo acusador, Aswad indagou. — Diga-me, cara esposa, como conseguiu o sangue nos lençóis? — Ele examinou seus braços com brusquidão. — Não há nenhum corte em você. Premeditou tudo? Armou com mais alguém! Fale, mulher!

— Largue-me! — Gritou ela tentando soltar-se dele.

A esta altura, com a porta escancarada, os gritos do casal foram ouvidos por Terrwyn, Radegund e Gilchrist, que sempre saíam ao nascer do sol para uma cavalgada.

— O que está havendo aqui? — Indagou a ruiva, jogando o manto de lado. O irlandês e a irmã de Mark seguiram-na porta adentro.

— Saia daqui, leoa! — Gritou Aswad, descontrolado. — Eu e esta mulher temos contas ajustar! Não se meta!

Radegund franziu o cenho. Diabos! O chagal de alguma forma tinha descoberto a farsa. Ah, se ela pegasse o imbecil que dera com a língua nos dentes! Iria fazê-lo esfregar todo o assoalho do castelo com o traseiro!

— Solte-me Aswad! — Trudy gritou de novo.

Ele, no entanto, de dentes cerrados, grunhiu.

— Maldita! Eu lhe dei meu nome e você me cobriu de vergonha! Casei-me achando que era pura, intocada. E no fim das contas, acabei com mercadoria usada!

— Não fale assim, Aswad — contemporizou Gilchrist com pena da jovem. — Trudy é uma boa moça. Vocês estavam tão felizes ontem!

O beduíno, no entanto, estava enlouquecido. No fundo não podia admitir que

estava totalmente enamorado de uma moça que, aos olhos de seu povo e de suas tradições, não era pura. Trudy estava muito longe da perfeição que idealizara. E ele estava ainda mais revoltado com a própria estupidez em não indagar sobre seu passado, do que com o fato de ter sido enganado por ela.

Saindo do estupor em que o medo a lançara, Trudy reagiu.

— Largue-me agora — ela puxou o braço num safanão, soltando-se dele — seu idiota estúpido e arrogante!

Cego de raiva, Aswad ergueu o braço para estapeá-la. Antes que completasse o gesto, no entanto, Radegund avançou sobre ele, acertando seu rosto com um soco.

— Chacal desgraçado! Dentro desta casa não vai tocar num fio de cabelo dela sequer!

Aswad aprumou-se, esfregou o rosto e a provocou.

— Tem algo a ver com isso, não é? Está feliz em me humilhar? Vou acabar com você, mulher!

— Pois venha chacal!

Os dois avançaram um sobre o outro e se não fosse por Gilchrist e Mark, que acabava de aparecer à porta, apartá-los, teriam rolado no chão.

— Qual o problema, chacal? — Berrou Radegund. — Trudy continua sendo a mesma mulher que sempre foi e com quem se casou.

Ele, no entanto, estava furioso demais. Fora enganado. Não só por sua esposa, mas por todos.

— Ela não era uma donzela como me fez crer! E vocês sabiam disso, não?

Trudy, abraçada por Terrwyn, chorando desconsolada, respondeu.

— Eu não o fiz crer em nada! Tomou-me como uma desde sempre, e nunca me deu a chance de conversar consigo, senhor!

— E por que não me disse?

— Para que? Para ser humilhada? Diga-me senhor Aswad — ela ergueu o queixo, altiva em seus poucos palmos de altura, cansada de ser acusada e humilhada. Quem ele pensava que era? O dono da verdade? — Chegou tão casto ao leito nupcial como exige agora que eu o tivesse feito? — Ele a olhou boquiaberto, mas não foi capaz de responder. Sua esposa o fez por ele. — Era o que eu pensava. — Dando um passo à frente, pediu a Mark, que ainda se colocava à frente do beduíno. — Pode soltá-lo, meu senhor. — E voltando-se para o seu furioso marido, disse. — Depois da noite que passamos juntos, achei que tivesse encontrado um homem que não se importasse com as aparências, um homem que enxergasse além do exterior e das convenções. Quando pediu a mim, uma simples governanta, em casamento, sonhei que pudesse ter encontrado um homem diferente. Admito que errei em não lhe contar, porém, jamais pensei que

você fosse tão pequeno e mesquinho ao ponto de valorizar minha virgindade como se dela dependesse meu caráter. — Fez uma pausa e depois disse, orgulhosa. — Vá embora, senhor Aswad. Volte para seu deserto, seus camelos, seus cavalos e suas preciosas tradições. Quem não o quer sou eu.

Dito isso, Trudy arrebanhou as saias, voltou-se e caminhou digna e altiva para fora de seus aposentos nupciais. Soltando-se de Gilchrist com um safanão, Radegund lançou um olhar fulminante ao chagal e foi no encalço da moça. No quarto, apenas um silêncio ensurdecedor era ouvido.

Aswad e Mark, depois que Gilchrist e Terrwyn seguiram uma furiosa Radegund para fora do quarto, ficaram durante muito tempo se encarando. Mark foi o primeiro a falar.

— Sinto muito.

— Pensei que éramos amigos, Mahkim.

— Somos, Aswad.

O beduíno lançou um olhar irônico.

— Você compactuou com esta farsa.

— Mande-o conversar com ela.

— Mas não me falou de suas origens, que não era uma moça casta.

— Desde que está aqui, Trudy tem se comportado melhor do que muitas damas bem-nascidas. Você mesmo teve seus avanços rechaçados várias vezes, conforme me contou.

Aswad trincou os dentes.

— Uma tática para me fazer desejá-la, naturalmente.

Mark irritou-se.

— Não seja cego, homem! Gosta dela e ela de você! Estavam radiantes ontem!

— Estava feliz porque ia me casar com uma jovem pura, casta. Porque a teria e seria seu primeiro homem, ela seria só minha — ele desdenhou — sabe-se lá quantos homens já se deitaram com ela...

Mark balançou a cabeça, desolado. Aswad era regido pelos costumes tribais de sua terra. E acima de tudo, prezava seu orgulho masculino além do que seria sensato.

— Vai se arrepender por ter magoado Trudy, Aswad. Ela é uma moça especial.

O beduíno, porém, com a mente nublada pelo rancor e, mesmo que não quisesse admiti-lo, pelo ciúme, recusou-se a ouvir. Cruzando o aposento, pôs-se a arrumar seus alforjes.

— Por favor, Mahkim. Peça a um criado para avisar meus homens de que partiremos imediatamente.

— Aswad! Vai embora assim? Não vai conversar com sua mulher?

Ele o ignorou.

— Não se preocupe em mandar um mensageiro à Messina. Terei que passar por lá. Peço a Iohannes que envie o amuleto para Delacroix.

Mark ainda insistiu.

— Reconsidere, meu amigo. Ela é sua esposa.

O beduíno, no entanto, encarou-o, severo e irredutível.

— Não tenho esposa.

Pasma e consternada, Clarisse foi informada da confusão que tomou os corredores do castelo ainda pela manhã. Mandando as servas embora, ficou a sós com Trudy e Terrwyn, já que Radegund foi arrastada por Gilchrist para outra cavalgada a fim de esfriar seus ânimos. Inconsolável, Trudy chorava debruçada no colo de Clarisse, nos aposentos da dama.

— Ele não podia ter me dito coisas tão horríveis, senhora! Aswad foi cruel, mesquinho! Humilhou-me como se eu fosse a pior mulher do mundo!

Clarisse afagou os cachos desalinhados.

— Ah, querida! Os homens às vezes são tão insensíveis!

— Ele foi um idiota, isso sim! — Resmungou Terrwyn deitando-se sobre a cama ao lado de Clarisse. — Radegund devia ter lhe arrancado todos os dentes.

— Minha prima se meteu em confusão outra vez?

— Ela o acertou com um soco bem no meio da cara! — Contou Terrwyn. — Gil teve que segurá-la!

— Deus! A cada dia que passa, Radegund fica mais incontrolável.

Trudy saiu-se em defesa da ruiva.

— Ela apenas me protegeu, senhora. Aswad ia me agredir.

— Céus! Não sabia que haviam chegado a esse ponto! — Clarisse amarrou a cara. — Sendo assim, concordo com Terrwyn. Radegund devia ter lhe arrancado os dentes e o couro! Não admitirei que homem algum erga a mão contra uma mulher sob meu teto. Não quero que ninguém passe pelo que passei com aquele porco do Guillaume!

Terrwyn olhou espantada para a cunhada. Ora, com que então a dama não negava que tinha o mesmo sangue da ruiva correndo em suas veias! Sentiu-se orgulhosa de Clarisse. Trudy por sua vez, falou, secando as lágrimas.

— Senhora, se não indicou ninguém para o meu lugar, gostaria de reassumi-lo imediatamente.

— Mas, Trudy...

— Senhora, ainda sou a governanta de Delacroix?

Com um olhar para Terrwyn, que deu de ombros, Clarisse assentiu.

— Sim, Trudy. O lugar ainda é seu.

— Então, com sua licença senhora, senhorita Terrwyn. Há muito trabalho a ser feito.

Com toda a sua dignidade, a jovem foi cuidar com o esmero de sempre do castelo Delacroix.

Quinze dias depois...

— Sentirei sua falta, meu amigo.

Gilchrist estreitou Radegund em mais um abraço.

— Estarei em Rouen no outono para embarcarmos todos para Svenhalla. Até lá — ele a afastou um pouco para poder encará-la — procure manter a cabeça fria.

— Eu tomo conta dela — disse Terrwyn com Lizzie no colo — pode deixar, Esquisito.

Gilchrist esboçou um de seus raros sorrisos e pegou Lizzie, que já lhe estendia os braços. No colo do cavaleiro, ela levou a mãozinha ao seu rosto, interessada no tapa-olho que antes não estava lá. Radegund indagou.

— Tem mesmo que usar isto?

— Aqui, entre amigos, fico sem ele. Porém, pelo mundo e em minha terra, prefiro mantê-lo. É mais seguro. Principalmente com Donnie tentando minar meu poder e o de Dermott dentro do clã. Seria mais um motivo para jogar o povo supersticioso contra nós.

— Dermott sabe?

— contei a ele depois que saí daqui.

— Fez bem. — Ela segurou a mão de Lizzie, que puxava insistentemente os cabelos de Gilchrist. — Está impossível, minha filha! Vai deixar Gil sem um único fio de cabelo!

Ele sorriu e beijou as faces de Lizzie. Fitou Radegund e Terrwyn com muita seriedade no olhar negro.

— Vigiem-na, mais do que nunca. Sinto que aquela coisa quer Lizzie para si. Não tire a correntinha de seu pescoço por nada.

Radegund engoliu em seco e retomou sua filha dos braços dele, estreitando-a junto ao peito, temerosa de perder seu valioso tesouro.

— Às vezes você me dá medo, Gilchrist — Terrwyn achegou-se a ela e Radegund passou um braço sobre os ombros da moça — toda vez que fala assim, fico com meu coração apertado.

— Eu também, — concordou Terrwyn — é como se coisas muito ruins fossem acontecer.

— E vão — afirmou ele com o olhar perdido.

Radegund e Terrwyn entreolharam-se e Lizzie começou a chorar, sentida. A ruiva procurou acalmá-la com beijos e afagos e o irlandês, parecendo despertar para o presente, estendeu a mão para a criança, dizendo.

— Se ela estiver com o *triskle*, nada lhe acontecerá, — inclinou-se a frente e depositou um beijo na testa de Terrwyn — cuide-se você também, mocinha. Vemo-nos no outono.

— Adeus, Gil.

Montando em Boru, ele manobrou a montaria e acenou, já iniciando um trote.

— Adeus, Radegund.

Limoges, Ducado de Aquitaine

Apesar de ser verão, a noite estava um pouco fria. Ela chegou a pensar até em pedir abrigo no templo que lhe disseram se chamar abadia de Saint Martial. Pela luz de *Amateratsu*! Iria morrer até que conseguisse pronunciar aqueles nomes estranhos! Acabou desistindo. Com sua aparência, acabaria chamando muita atenção.

Agora, sentada num canto da taverna, ela se perguntava pela enésima vez se não teria sido melhor enfrentar os olhares atravessados dos monges do que escutar as palavras que aqueles homens atiravam em sua direção.

Não que ela as entendesse. Não fazia a menor ideia do que diziam. Pelo tom, porém, duvidava que fossem gentis. Um dos homens, mais atrevido, deu um passo em sua direção e falou algo parecido com “cama”. Apertou os olhos já estreitos e com o movimento de apenas dois dedos, retirou de sob o punho da camisa uma pequena *fukuia*³⁰, carregada com um fino dardo embebido num potente sonífero. Sua outra mão permaneceu relaxada na alça da caneca de cobre, sobre a mesa.

O homem abusado sorriu com os dentes podres e estendeu o braço em sua direção. Foi o sinal que ela esperava.

Durante alguns anos, ao pé do fogo, nas casas de Limoges e até mesmo na abadia, seria relatada aquela noite incomum na taverna às margens do Vienne. Falariam sobre uma estranha mulher de olhos rasgados, surgida do meio da escuridão e da neblina, que lançou um sopro sobre um dos maiores valentões da região. E mal ele havia caído instantaneamente desacordado, ela saltou como um gato e praticamente voou sobre o outro homem que se acercou de sua mesa, torcendo seu pescoço com as pernas, dando-lhe uma rápida passagem para o reino dos mortos. Em seguida, desapareceu numa pequena explosão, deixando em seu lugar uma nuvem de espessa fumaça.

Os monges da abadia diriam que a mulher era o próprio demônio disfarçado. O dono da taverna, apavorado, venderia o negócio e mudaria de cidade.

Naquela mesma noite, no entanto, a mulher em questão, resmungava pela estrada afora, praguejando contra a dificuldade em se conseguir boas acomodações nas terras distantes além de *Chin*.

Svenhalla, Noruega

Ulla sonhava...

De onde ela estava, pelas aberturas do elmo, podia ver o Dragão se aproximando, trajando apenas o manto e a tanga de peles. Seu corpo estava coberto com as runas mágicas. Em seus punhos desnudos, os dragões pareciam ondular os corpos escamosos, vivos e agitados.

— Aproxime-se Daghdha — ela repetiu e sua própria voz soou de forma estranha, como se partisse de além dela.

Ao seu lado surgiu um homem que parecia mais velho do que o próprio tempo. Sobre suas mãos estendidas repousava uma grande espada, em cujo punho lavrado em ouro havia uma rosa gravada, encimada pelas letras R e L entrelaçadas. Na base do punho estava uma joia, um rubi, tão vermelho quanto seu próprio sangue. A pedra da Deusa, o Coração do Dragão.

— Daghdha, eis a espada do Dragão, — falou o velho ao seu lado — tome-a.

O homem avançou e parou diante do velho, pegando a espada, uma mão em seu punho e outra sob a lâmina. Ela se ouviu dizer.

— Lutará em meu nome, Daghdha?

Ele pareceu hesitar, mas depois respondeu, sua voz grave fazendo-a se arrepiar, seu estranho olhar de olhos diferentes fazendo-a tremer.

— Sim. Eu lutarei.

— Matará em meu nome, Daghdha?

— Sim, eu matarei.

A lua prateou o altar diante dela, fazendo a espada brilhar com uma luz pálida. Ulla sentiu a própria garganta se contrair antes de enunciar a próxima e última pergunta do ritual.

— Morrerá em meu nome, Daghdha?

— Sim. Eu morrerei.

Ela viu as próprias mãos estendidas tomarem a espada das mãos dele. Seus dedos se tocaram levemente e, fosse por ele ser a única fonte de calor no meio daquele frio, fosse pela magia poderosa que estava no ar, ambos estremeceram intensamente. Seus olhares se encontraram por uma fração de segundo e foi como se mil vidas passassem entre eles como uma rajada de vento. As árvores

desnudas ao redor do círculo de pedras farfalharam sem que em seus galhos houvesse folhas. Murmúrios elevaram-se além dos megalitos, sem que ali houvesse alguém. Num segundo, tudo fez sentido para ambos. Alegria e tristeza. Regozijo e dor. Vida e morte.

Uma frase emergiu em sua mente. Um augúrio, uma sina. Sua salvação ou sua morte, irremediavelmente seu destino.

Colocou a espada sobre o altar. Sacou um pequeno punhal de lâmina curva da bainha e fez um corte em seu próprio antebraço. Em seguida, tomou a mão dele e repetiu o gesto, cortando a pele um pouco acima de onde a cauda de um dos dragões terminava.

Seu sangue e o sangue dele banharam a lâmina, consagrando-a. Em sinal de concordância, a lua refletiu-se naquele ponto exato, expondo o sorriso da Deusa.

— Ajoelhe-se, Daghdá.

Suas mãos ergueram com facilidade a pesada espada, cujo punho parecia aquecer-se sob suas palmas sem que, no entanto, as queimasse. Tocou com a lâmina brilhante primeiro um ombro e depois o outro do homem ajoelhado diante de si. Em seguida, pousou novamente a lâmina sobre suas mãos estendidas, ordenando.

— Erga-se Dragão, filho de Morgan. — Ele se levantou, parecendo maior e mais majestoso, os olhos diferentes brilhando com certa insolência em sua direção. A força do Dragão estava nele. Que os Deuses tivessem piedade dele...

— A Deusa o aceitou. A dádiva é sua por direito, — ela retirou o elmo, colocou-o sob o braço e inclinou a cabeça diante dele, numa rendição ao seu destino. — Eu sou sua por direito.

Ele deitou a espada sobre o altar e deu a volta nele, parando à frente dela. Seus dedos quentes ergueram seu rosto e seu olhar a devorou.

— É minha, filha da Deusa. Tomarei o que é meu por direito.

Sua boca se apossou da dela. O corpo seminu colou-se ao seu. Suas pernas tremeram, de medo e ansiedade, enquanto os lábios quentes forçavam os seus a se abrirem. As mãos ásperas apertaram sua cintura e o fino tecido de seu saiote foi insuficiente para disfarçar a excitação evidente sob a exígua veste de peles dele.

Por trás de seus olhos fechados, Ulla implorou à Deusa que a libertasse daquele compromisso.

“É direito dele, filha. ”

— Eu imploro, mãe.

“O preço é alto. O Equilíbrio deve prevalecer. ”

— Eu pagarei.

Ulla acordou. E em seu corpo havia ainda o calor das mãos e da boca do homem chamado Daghdá, o Dragão.

Bremen, norte do Império Germânico

Chrétien D'Arcy olhou mais uma vez para a porta da principal igreja da cidade. Sua última pista o levou até ali. Segundo uma mensagem interceptada, enviada pela Sociedade através de um pombo-correio, o tal agente chamado Scholz refugiara-se em Bremen.

Era realmente um bom lugar. Ele mesmo não teria escolhido melhor. Uma cidade portuária, com uma numerosa população e de vocação essencialmente comercial. Do porto de Bremen partiam navios para o mundo inteiro e havia numerosas rotas de fuga. O tal Scholz, a partir dali, poderia desaparecer da face da terra, embarcando para qualquer ponto, fosse do Sacro Império, fosse para as Ilhas, ou até mesmo para o *Outremer*.

Subindo as escadarias da igreja de par em par, ele se persignou distraidamente, apenas por hábito, e entrou pela nave obscura. Seus olhos correram devagar pelo interior do prédio. Tentavam captar algum movimento furtivo sob a luminosidade quase surreal dos vitrais, alguma sombra escondida por detrás das pilastras. Um sinal qualquer da presença do tal Scholz.

Entretanto, a única alma viva ali, além dele, era o padre que organizava o altar para a próxima missa. Um pensamento lhe ocorreu. Seria o tal Scholz um religioso? Se fosse, a piada seria gigantesca. A Sociedade estaria esfregando um homem de batina no nariz da própria Ordem. Teve que se esforçar para conter o riso.

Chrétien já caminhava na direção do padre quando um espirro vindo de algum lugar de dentro da igreja chamou sua atenção. Alerta, olhou em torno de si. Tentou ver através das sombras por trás das pilastras, mas não enxergou ninguém. Só então reparou numa figura pequena ajoelhada à frente de um dos bancos.

Devagar, caminhou e sentou-se ao seu lado. Ouviu a pessoa fungar. Não conseguia ver, no entanto, o rosto nem o corpo sob o manto escuro e pesado. Avaliando suas possibilidades, olhou para o padre que, distraído, estava de costas para ele e para a pessoa que continuava a rezar. Levou a mão discretamente à adaga, enquanto a outra puxava o capuz do manto que encobria a face de seu vizinho de banco.

— Senhor!

Diante do par de olhos castanhos inchados e assustados que o encararam, e do rosto feminino de pele muito clara, ele se amaldiçoou por sua precipitação.

— Senhorita, — fez uso de seu charme e inventou uma desculpa — perdoe-me. Achei que havia um inseto em seu manto.

A jovem baixou os olhos e fungou de novo.

— Senhora. Sou viúva — mais uma fungada.

— Sinto muito. — Ele arriscou uma pergunta. — Viu algum estranho por aqui hoje? Um estrangeiro?

A mulher ergueu a cabeça de novo. Olhou-o de cima a baixo.

— Além do senhor, não. Procura alguém?

Chrétien sorriu, sedutor.

— Sim, um amigo judeu. Viu algum?

— Numa igreja? — Indagou a viúva.

Chrétien, você é um idiota!

— Ele se converteu.

— Ah...

A mulher fungou de novo e voltou a rezar. Chrétien achou melhor sair da igreja e procurar em outro lugar. Levantando-se do banco, fez uma medida para a viúva e desejou-lhe bom-dia.

— Bom dia para o senhor também. Faço votos de que encontre seu amigo.

Frustrado, Chrétien D'Arcy caminhou pela nave para a luz do dia. Chegaria o dia em que colocaria as mãos em Scholz.

Delacroix, Normandia

Radegund brincou mais uma vez com o broche em forma de rosa que Luc lhe dera. Uma rosa de ouro. Contendo as lágrimas, ela se recordou do significado daquela pequena joia. A Rosa Dourada foi o lugar onde ela e Luc haviam se amado pela primeira vez. Aquele broche lhe foi dado no dia em que ele a pedira em casamento. Olhando para Lizzie, que havia adormecido em sua cama logo depois do almoço, ela desejou, mais do que nunca que seu marido estivesse ali, vivo, ao seu lado.

Partiria na manhã seguinte para D'Azûr, a fim de supervisionar o cruzamento dos novos reprodutores e de organizar a colheita. Precisava também encomendar um novo guarda-roupa para Terrwyn, para a temporada em Svenhalla. E para Lizzie, que não parava de crescer. Faria também algumas roupas para si. Porém, apesar da insistência das costureiras, continuaria optando pelas calças e pelas túnicas masculinas. Não conseguia mais envergar um vestido. Só os colocara para Luc. Não se vestiria assim, não mais. Além disso, as calças eram muito mais práticas para montar e para caminhar pela propriedade, supervisionando os campos e a criação.

Com um suspiro prendeu o broche ao manto e, chamando a ama para vigiar Lizzie, desceu para o salão. Roger interceptou seu caminho.

— Boa tarde, minha senhora. Há um mensageiro para meu senhor Mark, porém ele saiu para inspecionar o fosso. A senhora poderia recebê-lo? O homem disse que é urgente.

— Tudo bem, Roger. Mande-o ao gabinete, por favor.

Com uma mesura, o administrador se retirou.

Dez minutos depois ela caía sentada sobre a cadeira que um dia fora ocupada por seu marido, com a cabeça entre as mãos. O Hermes à sua frente, um jovem cordobês em vestes de peregrino, parecia tão consternado quanto ela.

— Sinto muito, senhora, por ser o portador de uma notícia tão triste.

— Meu Deus! — Ela olhou o documento em suas mãos novamente, tentando fazer aquela realidade entrar em sua cabeça. Procurando raciocinar de forma objetiva, respirou fundo e indagou. — Passará esta noite aqui, Juan?

— Agradeço, senhora. Mas tenho outras mensagens a entregar. Isso gerou um grande tumulto nos alicerces da Sociedade.

— Imagino, — ela se levantou e apertou sua mão — desejo-lhe sorte. Roger renovará suas provisões. Se precisar, disponha de uma de nossas montarias.

— Fico grato, senhora. Até um dia.

Já havia escurecido quando Mark entrou no gabinete. Havia perdido o jantar. Subiu direto aos seus aposentos para beijar Clarisse e se lavar. Só então ficou sabendo que um mensageiro o havia procurado naquela tarde. Agora, ao entrar no gabinete às escuras, ele estranhava.

Primeiro, porque as velas eram acesas ali sempre que começava a escurecer. Segundo, porque, como um fantasma, Radegund estava sentada na cadeira que fora de Luc em meio àquela escuridão. E mesmo eles estando um tanto distantes ultimamente, ele podia sentir sua preocupação.

— O que houve? — Ele fechou a porta. — O que faz aqui no escuro?

Ela riscou uma pedra e acendeu a vela que ficava num castiçal sobre a mesa. A fisionomia abatida se tornou mais evidenciada sob as sombras lançadas pela luz bruxuleante em seu rosto. Mark a observou com atenção. Radegund havia chorado?

— Eu não percebi que tinha escurecido. — Ela comentou, por fim. — Um mensageiro esteve aqui. Um Hermes.

Ele ficou imediatamente tenso.

— E qual foi a notícia que ele trouxe e que a deixou assim?

Os olhos verdes cravaram-se em seu rosto e, antes mesmo que ela abrisse a boca, ele soube o que ouviria.

— Ibelin morreu.

P_{ARTE} **II** – **I**_{NVERNO}

Caminho pelo cume do Galdhøpiggen. O inverno chegou.

Em breve a Lua engolirá o Sol e o uivo dos lobos ecoará entre os galhos desnudos dos bosques de Svenhalla.

Tento falar, mas ela não me ouve. Tento tocá-la, mas meus dedos imateriais passam através dela. Temo que seu coração tenha morrido. Temo que se perca. Temo que sucumba à morte branca.

Volto-me para trás. Meus pés não deixaram pegadas na neve.

Aguardo o momento de unir minhas forças às da jovem feiticeira. Ela me escuta. E também o Dragão. Para os outros, não passo de uma recordação. O que sou?

Apenas um fantasma. Um eco de uma vida que outrora reinou, lutou, sofreu, amou e morreu. Toda a minha dor cessou. Menos aquela causada pelo medo de vê-la sofrer.

Preciso alcançá-la. Antes que o Mal a devore.

É chegado o dia. Eis o Dragão.

CAPÍTULO 8

EM TODA A PARTE, AGORA A NATUREZA TEM
O SEMBLANTE DA MORTE. OS SONHOS MAUS AÍ VÊM
PARA O SONO LOGRAR NO CORTINADO OCULTO.
RENDE A BRUXARIA À DEUSA HÉCATE O CULTO.
E O CRIME DE QUE O LOBO É A VIGIA CERTA
E CUJOS UIVOS SÃO O CÓDIGO, A VOZ DE ALERTA.
Macbeth. Ato 2, cena 1. William Shakespeare.

Svenhalla, Noruega. Outubro de 1193

Longas pernas envoltas em lã e pés calçados em botas de pele afundavam na neve em desabalada carreira. Ela entrou no bosque. Colocando-se por trás do tronco de uma árvore, espreitou seus perseguidores. Estreitou os olhos ao ver os dois homens de grande estatura que pararam na orla da floresta e trocaram algumas palavras.

Ah, não! Vocês não vão me pegar!

Abaixou-se e preparou um lançamento, sem despregar os olhos de um deles, que avançava na direção em que ela se escondia, enquanto o outro sumia na sombra das árvores.

Colocou um pouco de neve na boca e expirou devagar, evitando que a condensação denunciasse sua posição. O homem continuou avançando e colocou-se dentro de seu alcance. Seu braço se distendeu. Ela sorriu satisfeita enquanto o movia velozmente num arco perfeito, disparando uma carga certa bem no meio do peito largo.

— *Helvete!* — Berrou Björn ao ser atingido pela bola gelada.

Ulla deu um passo para trás e abafou uma gargalhada, evitando assim denunciar seu esconderijo. Aquela vitória era sua. Distraída com o próprio sucesso, só percebeu o homem que saltava sobre ela quando suas costas já afundavam na neve gelada.

— Te peguei, pestinha!

— Rag, seu urso! Saia já de cima de mim! — Ela esbravejou.

Ragnar desmanchou os cabelos da irmã e riu com gosto.

— Nada disso. Você terá que se render primeiro, irmãzinha!

Mal terminou a frase e uma massa fria e úmida foi enfiada sob sua túnica, fazendo-o estremecer. Dando à Ulla a chance de inverter a vantagem. De costas no chão, com a irmã sentada sobre seu peito, Ragnar encarou sua esposa, aquela figura pequena e morena como uma fada do bosque. Com um sorriso maroto, ela preparava outra bola de neve.

— Ora, sua traidora — ele reclamou — ao invés de defender seu marido da sanha dessa criatura, você se aliou a ela!

As duas gargalharam diante do drama de Ragnar.

— Melhor deixá-lo ir desta vez, cunhada. — Leila falou. — Einar veio avisar que o Tyr está chegando. Devem ser nossos convidados.

Ulla saiu de cima do irmão, que agilmente se colocou de pé, limpando as roupas. Com um sorriso malicioso, puxou Leila e a abraçou, segredando em seu ouvido:

— Mais tarde terei minha desforra, *liten* — ele esfregou o nariz em sua orelha — me aguarde.

Leila se arrepiou ao sentir a voz sedutora vibrar junto ao ouvido. Aconchegando-se mais a ele, respondeu.

— Mal posso esperar, meu marido.

Björn finalmente apareceu e encarou Ulla.

— Você sempre nos pega, pestinha — agarrou a irmã pela cintura e jogou-a sobre os ombros largos, fazendo-a espernear — vai voltar para casa assim, só para aprender a não me emboscar!

— Ponha-me no chão, capitão Svenson, — Ulla falou entre risos abafados pelos cabelos que lhe cobriam o rosto — ou vou deixar você sem seus bolos de mel por todo o inverno!

Björn continuou marchando, carregando Ulla como se fosse um saco de batatas. Foi seguido por Ragnar e Leila, que se divertiam com as provocações dos dois irmãos. Atrás deles corriam os cães de Ulla, Saga e Njord.

Aquela era sem dúvida a melhor época do ano em Svenhalla. O final do outono ali, tão ao Norte, já trazia o frio e a neve invernais. Também coloria o céu com as luzes do Norte que, segundo as lendas pagãs da região, eram, na verdade, a *Bifrost*, a ponte de luz multicolorida que unia os mundos de *Yggdrasil*. Daquela vez, porém, o outono e o inverno seriam ainda melhores. Ela e Ragnar conseguiriam reunir sob o mesmo teto, além de toda a família Svenson, os amigos queridos que concordaram em deixar seus lares para passarem o Advento e o Natal em Svenhalla. Leila ficou especialmente feliz pela perspectiva de rever Radegund.

Quando a amiga perdeu o marido em circunstâncias tão trágicas, Leila chorou junto com ela. Sentira a dor dela como se fosse sua. Ah, e pensar que, se não fosse por Gilchrist e seus estranhos dons, hoje ela estaria tão viúva quanto Radegund!

Clarisse, Mark e o filho mais novo também viriam. A prima de Radegund, de quem também havia se tornado amiga, lhe escrevera contando sobre sua felicidade no casamento. E Leila não duvidava que fosse diferente, já que Mark era um homem terno, generoso e extremamente devotado. E pensar que ele já havia sido o maior conquistador de Messina ao Cairo! Quem imaginaria que um dia o sedutor e fanfarrão Mark al-Bakkar fosse estar casado, administrando um

condado e prestes a ser pai? Como a vida dava voltas!

Os acontecimentos da Terra Santa, os dias difíceis em Jerusalém e Tiro, e também aquele período passado em Delacroix, quando Luc havia morrido e Patrus saído do inferno para atormentá-los, pareciam pertencer à outra existência. Ao se lembrar de tudo o que tinham passado, porém, Leila sentiu um calafrio percorrer o corpo e a boca ressecar. Aconchegou-se mais ao marido. Na certa eram as roupas úmidas que a faziam gelar naquele momento. Nada mais do que isso.

Björn conseguiu se limpar e se livrar das roupas úmidas de neve durante a hora e meia que se passou entre o avistamento do Tyr e a atracação da embarcação no cais de Svenhalla. A despeito das tempestades de outono, o navio havia chegado dentro do prazo esperado. Agora o capitão descia rapidamente as escadas de pedra e caminhava na direção do píer, onde Ragnar, Leila, Ulla e Einar, juntamente com sua mãe, já estavam a postos para recepcionar os viajantes.

A elegante embarcação de linhas esguias, que pertencia à frota do consórcio entre a família Svenson e Mark al-Bakkar, já estava com a larga prancha de desembarque arriada e por ela começavam a descer os amigos de Ragnar e Leila. Björn os observava atentamente enquanto se aproximava.

O primeiro a desembarcar foi um homem alto, de cabelos pretos, ombros largos e porte elegante. Possuía um rosto severo, de uma beleza que seria considerada perfeita, não fosse o tapa-olho de tecido preto a quebrar a harmonia de seus traços. Ele trazia no colo uma criança pequena, uma menininha ruiva que devia ter entre um e dois anos de idade. Seria sua filha? A menina olhava em volta, tomada pela curiosidade. Ele sorria de maneira discreta para a criança, porém, mantinha-se atento por onde seus pés pisavam enquanto descia a prancha de desembarque.

Logo atrás dele surgiu um casal no mínimo exótico. Tanto quanto o eram Ragnar e Leila. A mulher parecia uma ninfa, loura e delicada, a pele clara como a mais fina das porcelanas e os cachos louros em torno do rosto rosado pelo frio, meio encobertos por um capuz azul. Seu corpo delicado ostentava os sinais evidentes de uma gravidez. Vinha amparada pelo braço seguro de um homem forte, mais baixo do que Ragnar. As feições dele eram muito peculiares. Traços que remontavam aos romanos mesclavam-se a olhos amendoados e a uma pele da cor do bronze. Usava os cabelos negros compridos e soltos e possuía uma argola numa das orelhas.

Atrás do casal vinham dois meninos. Um de cabelos castanho-claros, aparentando seus dez, onze anos, e outro moreno, de uns doze ou treze. Uma

jovem loura e miúda, de feições delicadas e outra, morena e de cabelos curtos, que olhava tudo com franca curiosidade, seguiram os meninos.

A última pessoa surgiu no alto do convés no instante em que ele alcançou o grupo, impressionando-o profundamente. Ele, que já navegara por todos os portos do mundo e que já conhecera as mais lindas e exóticas mulheres, ficou fascinado por aquela imagem que parecia flutuar através de uma névoa diante de seus olhos. Chegou a engolir em seco quando a pessoa coberta de negro da cabeça aos pés, com um manto grosso agitando-se ao vento, surgiu no alto da embarcação como uma aparição fantasmagórica.

As lembranças das conversas com o irmão e a cunhada voltaram a sua mente com nitidez. Há tempos ele queria vê-la, mas nunca conseguiu fazer com que seus caminhos se cruzassem. Só podia ser ela. Tinha certeza. Só podia ser a mulher que tinha salvado o mestiço e que derrubara Ragnar numa briga. Que fora levada com Leila para o Egito e que tinha ajudado a salvar a vida de seu irmão. Só poderia ser a mesma que se casara com um conde normando e que ficara viúva. A mulher que deteve, junto com o irlandês, uma tropa templária inteira para defender sua casa e sua filha. Björn esfregou as mãos úmidas na calça e sentiu como se estivesse prestes a ser apresentado ao Santo Padre em pessoa. Estava diante de uma lenda.

As pernas longas envoltas numa calça grossa de lã moveram-se sobre a prancha de desembarque. Os saltos das botas batiam na madeira emitindo um som oco que se mesclava ao barulho das ondulações golpeando o casco da embarcação. A túnica negra não disfarçava suas formas femininas. O pescoço longo e elegante erguia-se acima do forro de zibelina do manto. O queixo firme harmonizava-se com a boca bem desenhada e o rosto anguloso era o mais impressionante que Björn já vira. Mais impressionantes ainda eram os seus olhos, que ele pode ver com clareza conforme ela se aproximava deles. Por Odin! Ele jamais vira, em seus trinta e cinco anos, olhos como aqueles!

Eram verdes. Não como a grama na primavera. Nem como as esmeraldas. Não. Não eram comuns. Eram de um verde profundo, escuro e misterioso. Musgo. Sim! Como o musgo que crescia no alto das montanhas geladas, que sobrevivia às mais inóspitas condições. Eram grandes. Cheios de força e experiência. Carregados de uma sabedoria de quem já viu muita coisa na vida. Repletos de um brilho duro que só os que têm uma vontade inquebrantável possuíam. Acima de tudo, eram olhos intensamente tristes. Tanto que só de olhar para eles, Björn, que não era dado a sentimentalidades, sentiu um nó na garganta.

O capuz do manto cobria sua cabeça altiva. Ele já sabia, porém, que debaixo da lã e da zibelina havia uma massa de fios chamejantes os quais, como Leila comentou, eram semelhantes a fogo vivo. Aquela mulher impressionante, que

ele já conhecia pelas palavras do irmão e que aprendeu a admirar sem nunca ter visto só poderia ser....

— Radegund! — O grito extasiado de Leila arrancou Björn de sua contemplação explícita.

Sua pequena cunhada atirou-se nos braços da mulher que, muito mais alta do que ela, teve que se curvar para retribuir o gesto. Pela primeira vez a mulher sorriu. Seu rosto se iluminou com aquele sorriso, apesar de ele ser curto, contido, quase tímido. Curvada, ela abraçou Leila fortemente e o capuz escorregou para suas costas, expondo o fogo em forma de fios sedosos, ondulados e brilhantes, presos por uma despresticiosa tira de couro num rabo de cavalo. A voz rouca, que parecia ter sido modulada por anos de controle férreo, fez um arrepio percorrer Björn da cabeça aos pés.

— Leila, minha amiga! — A mulher ergueu o rosto e não disfarçou a emoção em reencontrar a sarracena. — Senti sua falta.

— Quantas saudades, Radegund! — Exclamou Leila, abraçando-a de novo. — Está tão bonita!

No período em que Leila convalesceu em Delacroix, juntamente com seu irmão, Terrwyn se acostumou a sentar perto de Ragnar, aos pés do fogo, para ouvi-lo entreter a esposa com as lendas da terra dele. Ele lhes contou sobre os deuses de uma Noruega pagã. Discorreu sobre *Odin*, *Freyja*, *Loki* e *Thor*. Falou sobre a grande árvore *Yggdrasil*, que sustentava os nove mundos, sobre *Midgard*, *Vanaheim* e *Asgaard*. Contou sobre os grandes heróis de sua terra, sobre Ragnar Lodbrok, Sigurd e Bödvar Bjarki, ou Beowulf, como os ingleses o chamavam.

Durante aqueles dias, a voz grave e o jeito eloquente de Ragnar ao contar as histórias fizeram-na se encantar com aquele mundo místico evocado pelas lendas nórdicas. Em sua mente fértil passaram a habitar aqueles heróis, todos louros como ele e muito altos, certamente.

Ao desembarcar do navio no frio de Svenhalla, ela se viu então transportada para dentro daquelas lendas. Ao tocar o solo pedregoso da Noruega com suas macias botas de pele, presente de seu dedicado irmão, ela acreditou realmente estar no panteão dos Deuses nortistas. Nossa! Quantos homens altos juntos! Seriam eles os próprios deuses das histórias de Ragnar? Aliás, até mesmo as mulheres dali eram altas. E olhe que ela estava acostumada com Radegund, a mulher mais alta que já vira.

A que fora apresentada como sendo a mãe de Ragnar era quase do mesmo tamanho de Radegund. Tinha as feições finas e o rosto de pele clara trazia marcas discretas da idade. Devia ter pouco mais que cinquenta anos. A linda

mulher ao lado dela, em cujos pés repousavam dois grandes cães brancos, era um pouco mais alta. E parecia ser sua cópia mais jovem.

Era a tal Ulla, que deu uma tremenda dor-de-cabeça para o irmão. A mais nova daquela prole de grandalhões. A moça tinha os cabelos tão claros que chegavam a parecer brancos. Os olhos pareciam duas pedras azuis escuras. Ela lembrava a Terrwyn uma entidade etérea de outro mundo. Terrwyn notou que Gilchrist parecia profundamente interessado na mulher, não despregando os olhos dela por um minuto sequer. Não, o olho, na verdade. Já que ele resolvera usar aquele tapa-olho de novo durante a viagem.

O outro exemplar daquela cria de gigantes era o menor — se é que se podia chamar um homem daquele tamanho de *menor* — dos homens. Einar era o seu nome. Seus cabelos também eram um pouco menos louros que os dos outros irmãos e ele possuía uma voz suave, macia. Os olhos eram francos e inteligentes. Ele parecia observar a tudo e a todos, avaliando e talvez anotando mentalmente cada detalhe.

Estava distraída olhando para ele quando outro gigante se aproximou do grupo, o olhar fixo em um ponto atrás e acima dela, na direção do navio. Terrwyn olhou na mesma direção e viu que o homem fitava Radegund, que descia pela prancha daquele jeito dela, calado e taciturno. Voltando o olhar para o homem, que parecia hipnotizado pela ruiva — o que sempre acontecia com todos os homens, menos com seu irmão e com Ragnar, que já estavam mais do que acostumados com ela — Terrwyn aproveitou para observá-lo com calma.

Ele se parecia muito com Ragnar. Tinha quase a mesma altura e os mesmos cabelos louros. Os dele, no entanto, tinham as pontas bem mais claras, queimadas pelo sol. Trazia um par de argolas de prata em cada uma das orelhas. Sua pele também era mais dourada. Devia ser esse o irmão que comandava um navio. Leila falou sobre ele. Disse que ele viajava o mundo inteiro em seu *Freyja* e que era casado com o leme e com o mar. De qualquer forma, ele era belíssimo. De novo vieram a sua mente as lendas contadas por Ragnar. Se ele fosse um daqueles deuses, certamente seria *Thor*, o filho de *Odin*, o mais forte e valoroso deles. E o mais bonito também, em sua opinião.

Ragnar apertou a mão de Mark sorrindo.

— Fico feliz que todos vocês tenham vindo — ele se inclinou e beijou a face de Clarisse. — E este bebê, é para quando?

— Creio que ele chegará entre o fim do inverno e o início da primavera. — Ela passou a mão na barriga arredondada. — E do jeito que já se mexe, acho que vai ser ativo como o pai.

Mark sorriu orgulhoso e passou o braço pelos ombros da esposa. Ragnar

nunca vira um brilho tão radiante nos olhos do amigo como via agora.

— Parabéns aos dois, — disse Leila, abraçando Mark — fiquei muito feliz quando recebi a notícia. Venham conhecer o restante da família.

Mark e Clarisse acompanharam-na, seguidos por Gilchrist, que havia esperado Radegund descer e caminhava ao seu lado, ainda com Lizzie no colo. Leila notou, porém, que ele não tirava o olho de Ulla. E nem sua cunhada dele. Será que com a presença de Gil ali a memória da moça se reacenderia? Leila torceu para que sim.

— Esta é minha mãe, Bakkar. Marit Ingesdatter.

Mark, galante, tomou a mão da senhora e depositou ali um beijo, dizendo.

— Encantado, senhora. Obrigado pela hospitalidade.

Ragnar pode jurar que sua mãe corou diante do jeito naturalmente sedutor do mestiço. Bakkar, mesmo quando não queria, tinha os corações das mulheres aos seus pés.

— Sejam bem-vindos a Svenhalla, — a mulher falou em francês carregado do mesmo sotaque rascante de Ragnar — é uma honra finalmente recebê-los em nosso lar. Esta é sua esposa?

— Sim, senhora, esta é a bela dona de meu coração, — ele abraçou a mulher — minha Clarisse.

— Com bela ele quis dizer redonda! — Brincou Clarisse, beijando Marit no rosto — é uma honra conhecer a mãe de Ragnar.

Leila pediu licença e apresentou Einar e Björn aos outros. O mais novo dos irmãos tratou de cumprimentar gentilmente as mulheres.

— Estas são Trudy, — falou Leila — governanta e amiga da família — e Terrwyn, irmã de Mark. E esta é Radegund, baronesa de D’Azûr e minha grande amiga.

— Encantado, senhora.

Radegund sorriu e acenou. Leila repetiu as apresentações a Björn que, apesar do olhar derretido de Terrwyn em sua direção, só teve olhos para a ruiva.

— Minha senhora, — ele tomou sua mão e lançou a ela seu mais sedutor sorriso — é uma honra.

— Como vai, capitão Svenson? — Cumprimentou-o polidamente e logo teve a atenção desviada para a filha, que corria na direção dos cães de Ulla. — Lizzie!

— Não se preocupe, — disse a moça, abaixando-se e afagando a garotinha — Njord e Saga gostam de crianças.

— Isso é verdade, Raden — completou Leila — Kristin e Lars praticamente montam sobre eles. Fique tranquila. — Ela se voltou para trás da ruiva. — Gil! Venha cá me dar um abraço!

O irlandês, que parecia hipnotizado por Ulla, só então se lembrou de dar atenção aos seus anfitriões.

— Leila, — ele tomou sua mão — está mais encantadora a cada dia. Obrigado pelo convite.

Ela baixou a voz.

— Por que colocou isso de novo? — Apontou o tapa-olho.

— Uma longa história.

— Já foi apresentado aos meus cunhados?

Ele olhou significativamente para Ulla.

— Oficialmente não.

Björn franziu o cenho e cutucou o irmão do meio. Grunhiu em sua língua.

— O irlandês.

— Já vi — Einar cochichou — e não tira o olho de Ulla.

— Não sabia que usava tapa-olho.

— Ora — disse Einar — lembra-se de que ela trazia um igual na mão, quando Hrolf a trouxe desacordada?

O mais velho o encarou e deduziu.

— Se ele estivesse por perto, Hrolf o teria farejado. Já devia estar com ela.

— Aquilo estava na mão dela por alguma razão.

— Sim. — Rosnou Björn — resta saber o porquê.

Gilchrist notou a reticência com que foi cumprimentado pelos irmãos de Ragnar. Ambos olharam para ele de forma, no mínimo, reservada. Bem, se fosse franco admitiria que haviam sido olhares ameaçadores. Certamente sabiam que ele viajara sozinho com a irmã deles por um longo período. Isso, por si só, já teria sido motivo suficiente para se casar com uma moça. No seu caso e no de Ulla, porém, nada poderia ser classificado como comum, prosaico ou usual. O que acontecera entre eles havia sido tão diferente, tão além da realidade, que não havia como ser definido com palavras.

Mesmo após seu retorno de Cornwall e de ter passado aquela noite com Radegund, ele não tinha conseguido exorcizar Ulla de seu pensamento. Ela estava em seus sonhos e em suas visões. Ao pensar nela, sentia as tatuagens em seus punhos começarem a comichar. Era como um caso mal resolvido, uma contenda inacabada, um desejo não satisfeito. Era Ulla. E era inexplicável.

As pessoas foram se retirando, se afastando em direção à casa. Os meninos seguiram o grupo e, ao passarem por onde estava a irmã de Ragnar, os dois cães começaram a latir furiosamente. Gilchrist deu um passo à frente para contê-los, enquanto Gaetain e Jean se encolhiam assustados. Ulla pronunciou algumas

palavras em sua língua, tentando acalmá-los.

— *Ikke*³¹! *Nær*³²! — E com um gesto de mão, ordenou — *Rolig*³³!

Os cães, no entanto, continuaram avançando, rosnando e arreganhando os dentes. Então, para a surpresa de Ulla, Gilchrist estendeu as mãos para os dois que se aproximaram, cheiraram seus dedos e se deitaram dóceis como cordeirinhos aos pés do irlandês. Pasma, Ulla pôde apenas se desculpar.

— Sinto muito. Eles são tranquilos, mas, com tanta gente nova, creio que ficaram confusos.

Gaetain sorriu.

— Tudo bem, moça. — E virando-se para o colega, chamou — vamos, meus pais já entraram.

Quando os meninos dispararam em direção ao castelo, Ulla se deu conta de que estava totalmente só no cais de Svenhalla com aquele homem. Deu-se conta também de que, como num passe de mágica, se lembrava de tudo. As recordações rodopiaram ao seu redor, tudo ali, naquele momento, desabando sobre sua cabeça. Os fragmentos dos sonhos se encaixando, tudo começando a fazer sentido. Ao fitá-lo, sentiu-se tragada por aquele olhar negro como a noite. Negro como o céu de Cornwall na noite do ritual. Na noite em que ela o enganou.

Cornwall, dezembro de 1191

— É minha, filha da Deusa. Tomarei o que é meu por direito.

O Dragão sentia o corpo arder de forma incontrolável. Nunca fora dado a arroubos sensuais. Seria aquele desejo fruto da magia? Seriam aqueles vapores e aquelas ervas, com os quais a velha mulher o banhou na cabana, substâncias afrodisíacas? Ou tudo aquilo seria efeito apenas da estranha, enigmática e linda Ulla Svensdatter?

Beijou-a ardentemente, como se quisesse devorá-la, tocando seu corpo com mãos ansiosas, quase impacientes. Sentia-se preso a um instinto ancestral que lhe afirmava que aquela mulher que ali estava lhe pertencia. E que assim foi desde o início dos tempos. Era tão intenso este sentimento, esta noção, que chegava a segurá-la com certa rudeza, como se temesse que Ulla sumisse ou que dele escapasse. Teria ela já feito isso, em alguma outra ocasião? Não. Impossível. Era a primeira vez em que a segurava assim entre seus braços, e, no entanto, era como se já o tivesse feito.

Quando deu por si, já a erguia do chão e a colocava sobre o lombo de Boru, que surgira ali Deus sabia como. Em seguida, montou sobre o animal e colocou-a entre suas coxas, deixando-a propositalmente sentir seu sexo rígido, que sequer era disfarçado por aquela exígua tanga de pele. Envolveu-a com o manto e sentiu-a estremecer junto ao seu peito. Incitou a montaria, ansioso por deitá-la em sua cama e fazê-la sua.

Boru chegou com os dois. Parou diante da cabana em que o velho e translúcido Gjurd o hospedara. Ele saltou para o chão e a trouxe de cima da montaria, deixando que seu corpo escorregasse pelo dele, que sentisse toda a sua excitação diante da iminência de possuí-la. Não deixou de encará-la por um segundo sequer. Notou suas pupilas dilatadas, o maxilar tenso e os dentes pequenos e brancos que se cravavam no lábio inferior.

— Entre — disse simplesmente — vou cuidar de Boru.

Baixando os olhos, ela o obedeceu, deixando-o com a sensação de que a pragmática e petulante mulher que o acompanhara de Delacroix até ali estava dócil e quieta demais. Isso, porém, não era uma dúvida demasiado grande para acalmar o desejo intenso que corroía suas entranhas.

O que estaria acontecendo com ele? Teria se apaixonado por Ulla naquele curto período de tempo? Ou teria começado a se apaixonar desde que ela se

imiscuíra em seus sonhos, anos atrás? Ou será que, no fim das contas, tudo aquilo não passava do efeito da magia ancestral que permeava aquela noite fria?

Boru naturalmente notou a pressa e a ansiedade com que seu dono o tratou e o alimentou. Ele deixou o garanhão na baia coberta e aquecida e entrou na cabana onde Ulla o aguardava. Ela havia deixado o elmo e o manto sobre uma mesa. Despejava um líquido fumegante de uma chaleira em duas canecas. Sua roupa ritual era mais um convite à luxúria e ao sexo. Era imoral uma mulher andar com as pernas de fora daquela forma!

Ele se adiantou, tenso, ansioso para apenas jogá-la sobre o catre estreito, erguer o curto saiote e mergulhar em seu corpo até morrer. Balançou a cabeça tentando clarear a mente. Estava louco!

Para desviar um pouco o pensamento daquela força que o deixava mais pronto do que um garanhão ao sentir o cheiro de uma fêmea no cio, ele apanhou um pouco da água que aquecia num caldeirão sobre a lareira, despejou numa bacia de metal e lavou-se do cheiro dos cavalos. Em seguida, enxugou-se e olhou para ela. E percebeu que continuava tão quente quanto uma fornalha.

— Beba — disse ela entregando-lhe a caneca — vai nos aquecer.

Ele conteve a vontade de rir. Mais?

Obedeceu, no entanto, e reconheceu o sabor da melissa e do mel no líquido que desceu macio pela garganta. Deixou a caneca pela metade sobre a mesa e tirou a dela de suas mãos trêmulas.

— Chega. — Puxou-a pela mão até colar-se ao seu corpo abrasado. Ela, no entanto, além de trêmula, estava gelada — quero o que é meu.

— Não me negarei.

Apesar da afirmação, ela abaixou os olhos.

— Ulla — ele murmurou junto ao seu ouvido — eu a quero. Desejo-a tanto que dói. Mas não quero que seja uma obrigação para você. Não a quero contra a sua vontade.

Ah! Como era tolo o Dragão! Não percebia que ela o queria tanto quanto ele a desejava? Será que ele não via que seu corpo se arrepiava apenas dele olhar para ela? Toda aquela implicância, todas as palavras atravessadas, todos os modos impacientes... Tolices, nada mais do que tolices! Vãs tentativas de afastá-lo dela, de estabelecer uma distância segura para que não viesse a sofrer no futuro. Para que agora...

Ulla se rebelou contra o destino traçado para ela e para ele. Suplicou em pensamentos.

— Oh, Mãe! Não posso fazer isso! Não posso selar seu destino com meu sangue. Aceite-me Mãe.

“Filha, sua interferência nos trouxe até onde estamos. ”

— Eu imploro, Mãe!

“É o direito dele. É a dádiva do Dragão. ”

— Sou sua maldição!

“É a Lei. ”

— Não, Mãe.

“É a sina. O Dragão deve morrer. ”

— Não! Eu me recuso!

“Filha! ”

— Não serei a dádiva. Não o levarei à morte.

“Pagará um preço por sua escolha, minha filha. O Equilíbrio já foi alterado. Se não o restabelecer, o Caos virá. ”

— Já disse antes. Eu pagarei.

“Que seja. ”

Amaldiçoou-se pelo que faria, e ao mesmo tempo, regozijou-se por sua pequena vitória naquela barganha com os Deuses.

— Eu também o quero, Dragão — murmurou ela de encontro aos lábios sedentos que procuravam os seus — apenas estou ansiosa — não mentia — nunca estive com um homem antes.

Pelos Deuses! Aquilo era demais para ele. Já não possuía mais nenhum autocontrole, já estava se consumindo, se acabando e ela ainda confessava que era casta, uma virgem! Mesmo que não quisesse, o orgulho por ser o primeiro homem a tocá-la, a possuir seu corpo, incendiou-o ainda mais. Sem esperar por mais nada, tomou-a nos braços e deitou-a sobre o catre.

— Ulla — ele acariciou seu rosto com uma mão enquanto a outra abria os fechos que seguravam o peitoral de ouro — queria ser paciente, queria ir devagar.... Juro que estou tentando! — Atirou o peitoral longe e baixou as alças da fina vestimenta, expondo os seios firmes e claros cujos bicos rosados, arrepiados, ofereciam-se a ele. — Mas pelos céus, está difícil me conter!

— Não fale nada — ela pediu, soltando seu manto. Ele ficou apenas com aquela tanga de pele — beije-me. Temos tão pouco tempo... — puxou-o pelo pescoço e implorou de novo — beije-me!

Acomodado sobre o corpo dela, ele a segurou pela nuca e fez o que ela pediu. Beijou-a. E naquele beijo colocou toda a sua história. Naquele beijo queimou a fogueira de Morgan. Naquele beijo sentiu o cheiro dos bosques de carvalho para onde o Povo Antigo o levou. Naquele beijo ele compartilhou com ela o sabor das primeiras maçãs do verão em sua terra.

Suas narinas se dilataram como as dos cavalos selvagens nos pastos da Irlanda e o cheiro de Ulla impregnou-se nele. Toda a retidão, toda a continência

de uma vida arreventou ali, implodindo o férreo controle conquistado duramente, numa existência inteira de mentira e dissimulação. Gilchrist não era mais Gilchrist. Não era mais “O O’Mulryan”. Agora, ali, com o corpo vibrante de Ulla entre seus braços, ele era sua essência, era inteiro. Era o filho de duas raças ancestrais. Não era mais ele, e era. Era na verdade o que sempre foi.

Queria gritar de tão eufórico que estava com aquele poder que fluía, enfim, dentro dele. Um rio caudaloso de força e energia que o arrastava em direção a si mesmo. As tatuagens em seus punhos pareciam incendiadas. As runas sobre seu corpo comichavam. Os gemidos de Ulla ao ser tocada por suas mãos ansiosas se juntavam aos seus. No meio daquilo tudo, uma afirmação escapou de sua boca.

— Eu sou o Dragão.

Para Ulla, aquelas palavras confirmaram sua decisão. Ele assumia o lugar que era dele por direito de nascimento. E ela, mais do que nunca, teria que abrir mão daquele mágico momento. Abandonaria o único homem que mexera com seu coração, o único homem que fora capaz de despertá-la para o amor. Para salvar o Dragão, Ulla o trairia.

Faminto, ele se livrou do resto das peças que ainda se interpunham entre eles. O choque de seus corpos, quentes e despertados, o fez estremecer em antecipação.

— Ulla — ele a beijou de novo — abra seus olhos. Deixe-me vê-los.

Diante da ternura do pedido, ela o atendeu. Fitou aquele par de olhos diferentes como o dia da noite.

— Dragão — ela arqueou o corpo de encontro ao dele ao sentir sua virilidade roçando suas coxas — eu o quero, — respirou fundo antes do que diria a seguir — eu o amo.

— Ah, Ulla! — Ele escorregou a mão ao longo do corpo esguio, saboreando o contraste de sua pele áspera com o toque sedoso do corpo dela. — Eu a quero, agora. Já.

Dito isso, tomou um dos seios na boca e tentou-o com a língua e com os dentes. Seus dedos percorriam o pescoço e as laterais do corpo dela, incendiando-a a cada passagem.

Ciente de que faltava pouco para que tudo se consumasse ali e não houvesse mais volta, Ulla rezou para que o chá que o fizera beber assim que chegaram surtisse logo efeito e ele adormecesse. Na certa era o estado de excitação em que ele se encontrava que o impedia de sucumbir à potente mistura de ervas que lhe administrara. Mais um beijo ousado, desta vez em seu abdome, a fez gemer e mergulhar os dedos nos cabelos negros do seu Dragão.

— Por favor... — pediu sem saber o quê.

Ele se colocou novamente sobre ela, seu corpo grande ocupando todo o seu

campo de visão.

— Diga, Ulla — ele sentiu a cabeça rodar, mas continuou — o que quer de mim?

— Quero que viva.

Gilchrist sentiu-se tonto, apesar do desejo que o consumia. Deixou-se ficar sobre ela, o peso de seu corpo sobre o dela. Pensou que a machucava assim e, ao tentar se erguer, estranhamente não conseguiu.

— Ulla...?

Ela mordeu o lábio e acariciou suas costas. Ele estava quase a esmagando contra o catre, mas não se importava. Tudo o que teria dele seriam aquelas lembranças, seria o sabor de seus beijos e a impressão de seu corpo pesando sobre o dela.

Ele indagou de novo, a voz já pastosa.

— Ulla... o que fez?

— Perdoe-me Dragão. Perdoe-me.

Depois que ele adormeceu, Ulla ainda o deixou ficar sobre ela, seus corpos nus colados, suas pernas entreabertas acomodando-o, o membro ainda ereto guardando os sinais do desejo dele. Seu próprio corpo sedento e magoado por não o ter recebido dentro de si, quando esteve tão pronto.

De madrugada ela o afastou, deixando-o deitado sobre o catre. Cobriu-o com uma manta. Lavou-se, vestiu-se e trançou os cabelos. Quando terminou de se arrumar e de juntar os pertences que deixou num canto da cabana, Gjurd apareceu.

— Sabe o que fez, filha?

Ela respondeu, encarando-o desafiante.

— Tenho consciência de meus atos.

— Sua vida agora não lhe pertence.

— Eu sei — pausa — onde está a espada?

— Presa à cela de Valkyrie.

Ulla pegou os alforjes e lançou um último olhar ao homem adormecido. Gjurd indagou.

— O que digo a ele?

Demorou muito olhando para ele, guardando seus traços na mente. Sua resposta enfim saiu. Objetiva, pragmática.

— O que for necessário.

Saiu para o frio da madrugada e montou em Valkyrie. Calçou as luvas e agradou o pescoço da égua. O velho sacerdote segurou os arreios, alertando-a.

— Leve a espada e guarde-a em segurança. O dia da escuridão se aproxima. Quando chegar a hora eu a procurarei de novo.

— *E quanto ao demônio?*

— *Fique atenta. Ele se fortalece a cada dia.*

Manobrando a montaria, ela acenou com a mão enluvada e a cabeça coberta pelo capuz do manto.

— *Adeus, Pai.*

— *Até breve, Ulla.*

Gilchrist estendeu a mão e tocou uma das mechas platinadas que o vento soprou sobre o rosto dela. Os olhos muito azuis estavam arregalados, fixos em seu rosto.

— Você se lembrou.

Não era uma pergunta. Era uma afirmação. Ela, porém, ainda não estava pronta para aquele reencontro que, segundo Gjurd lhe dissera — e ela agora se recordava com clareza — estava predestinado a acontecer ali em Svenhalla. O velho sacerdote havia afirmado, na noite em que aparecera em seu quarto, que tudo seria esquecido até que o Dragão pisasse em sua terra. Pois ali estava.

O problema, porém, era que junto com as recordações doces vinham também as amargas. Vinha a lembrança de sua barganha. E a consciência de que, depois daquela noite, ele se consolara nos braços da mulher ruiva, da qual sempre havia gostado. Ele havia chegado junto com ela, carregando a filha dela nos braços. Esmagada pelo peso das recordações e de sua responsabilidade, Ulla novamente mentiu.

— Lembrar? — Balançou a cabeça numa negativa ao vê-lo franzir o cenho. — Não sei do que fala, senhor.

— Ulla! — Ele tentou segurá-la, mas ela foi mais rápida e se esquivou. Deu-lhe as costas e saiu em disparada para o meio da floresta. — Ulla!

Os cães se levantaram, espreguiçaram-se e saíram correndo atrás de sua dona. Ele tentou segui-la, mas uma voz atrás dele o fez parar em sua curta corrida.

— Deixe-a, Dragão — ele se virou e deu de cara com Gjurd que, mais uma vez, saía do nada. — Dê-lhe um tempo.

— Gjurd! Por quê?

O velho ignorou sua pergunta e acenou com a mão enrugada, começando a caminhar para dentro da mata, para o lado oposto ao que Ulla havia ido.

— Venha, Dragão. Acompanhe-me. Precisamos conversar.

Ciente de que receberia muitos esclarecimentos, ele concordou.

Apesar da estranha ausência de Gilchrist e Ulla, o grupo de visitantes logo se instalou alegremente em Svenhalla. Com agilidade e eficiência, Marit e Leila comandaram um batalhão de criados e rapidamente todos estavam muito bem

acomodados na ala de hóspedes.

Radegund, Terrwyn e Trudy ficaram num amplo aposento, junto com a pequena Lizzie. Era praticamente um apartamento particular — à altura da baronesa de D’Azûr — com uma saleta íntima, quartos de vestir e dois dormitórios. Contavam ainda com uma excelente lareira onde ardia o fogo acolhedor, deixando o frio do lado de fora.

A ruiva se acomodou numa poltrona e esticou as longas pernas sobre uma banqueta à sua frente, resmungando.

— Céus! Apesar das poções que seu irmão me deu contra os enjoos, ainda estou me sentindo mareada.

— Pois eu estou ótima — falou Trudy animada, andando pelo aposento, examinando tudo — adorei viajar de navio.

Terrwyn, que também tinha tendência a enjoar, comentou.

— Eu não gosto muito de barcos, mas se o navio em que eu estivesse fosse comandado pelo capitão Svenson... — suspirou — acho que nunca mais enjoaria!

Radegund abriu um olho e fitou Terrwyn. Pediu a Deus que aquilo não fosse o que estava pensando que era. Fechou o olho de novo e tentou fazer o mundo parar de balançar, enquanto as duas mulheres mais jovens tagarelavam entre si e Lizzie dava seus habituais gritinhos a cada peça de roupa que arrancava do baú e atirava pelo chão.

— Lizzie, sua menina levada! — Falou Trudy com um sorriso.

Radegund saiu da poltrona e sentou-se no chão, pegando a filha no colo.

— Está se saindo uma tremenda bagunceira, minha princesinha!

— “*Opa*” mamãe? — A menininha balançava uma camisa em suas mãozinhas gorduchas.

— Sim, sua sapeca — ela pegou a peça e entregou à Trudy — é a roupa da mamãe. — Ela fez a filha sentar em seu colo e tirou seus sapatinhos. — O que acha de se lavar e tirar uma soneca?

Lizzie colocou o dedinho na boca e encarou a mãe, avaliando aquela oferta.

— “*Tóia?*”

— Eu conto uma história — rendeu-se Radegund.

— Oba!

Pegando-a no colo, pediu a Trudy.

— Separe as roupinhas dela, Trudy, por favor. Vou pedir à criada que traga água quente para banhá-la. — Aproximou-se da porta e chamou. — Não quer vir comigo, Terrwyn?

A moça continuava perdida em pensamentos, sentada no tapete e encostada à cama.

— Hã? Não, Raden. Vou ficar aqui pensando no capitão...
Essa não! Mau sinal. Acho melhor Mark conversar com a irmã.
Cochichou ao ouvidinho de Lizzie enquanto saía do quarto.
— Vamos atrás de seu tio e de seu banho.

Clarisse sentou-se apoiando as mãos nas costas doloridas. A gravidez de quase seis meses desenvolvia-se bem, contudo, havia horas durante o dia em que ela mal conseguia ficar em pé de tão dolorida. Atento, Mark notou que ela fazia uma careta ao se sentar. Num piscar de olhos estava ao seu lado.

— O que foi, Clair?

— Nada, querido — ela o tranquilizou enquanto colocava os pés para cima — é que carregar uma barriga dessas às vezes me deixa um pouquinho cansada. Não precisa se preocupar, estou bem.

— Eu sempre me preocupo com você. — Ele pousou a mão em seu ventre arredondado e sorriu. — Em poucos meses já poderei ver o rostinho de meu filho. Ou filha.

Ela acariciou os cabelos negros e perguntou.

— O que prefere?

Honesto, ele respondeu.

— Não sei. Acho que os dois. Mas uma menininha seria bem-vinda, já que temos Gaetain e Lothair.

Clarisse emocionou-se. Aliás, desde que engravidara só fazia se emocionar. Achava que choraria até mesmo escutando músicas de tavernas. Agora, ao ouvir Mark falar de seus filhos do primeiro casamento como se fossem dele, ela sentia um nó na garganta.

— Obrigada por aceitar meus filhos e os amar assim. Isso é muito importante para eles. E para mim também.

Ele a abraçou.

— Eles são nossos. Eu os amo como se fossem meus.

— Pena Lothair não poder vir conosco. Gaetain sente falta do irmão.

— Ainda bem que trouxemos Jean. Assim ele não ficará sem companhia.

Clarisse sorriu.

— Sim, meu marido. Foi uma ótima ideia.

O quarto dos meninos era menor, porém muito confortável. Gaetain e Jean foram instalados na mesma ala onde dormiam Lars e Kristin, os filhos de Leila.

Jean observava Gaetain, que remexia em sua bagagem em busca de alguma coisa. Ele não sabia do quê e nem fazia questão de saber. Tudo o que sentia era uma enorme euforia por estar ali. Conseguira seu intento. Estava sob o mesmo

teto que a bruxa, o Dragão, a leoa e a criança. Aquilo era perfeito. E era um sinal de que tudo se encaminhava para o seu triunfo.

Em breve, muito em breve, estaria forte o suficiente para apossar-se da criança. Então, teria a leoa em suas mãos. Usaria sua força e sua fúria para empunhar a espada e, com a criança sob sua tutela, ela faria o que ele quisesse. Até mesmo assassinar o Dragão.

Hrolf retirou o manto e o pendurou para secar perto da lareira. Acabava de chegar da floresta e mais uma vez, naquela semana, teve a impressão de que era observado. Era estranho, pois não havia rastros diferentes na mata. Ele tinha esquadrinhado cada pedaço, cada palmo e não havia encontrado um vestígio sequer de alguma presença estranha, de algum intruso. Seus instintos, no entanto, lhe diziam que havia algo lá.

Corrigindo, Brosa. Há alguém lá.

Abrindo o alçapão do porão, ele desceu com uma vela. Hora de apelar para táticas menos sutis, porém mais eficientes. A chama iluminou uma série de armadilhas para lobos.

O frio não a incomodava. Encarapitada no alto de uma das árvores, ela ficou observando a cabana onde o homem louro entrou. Tinha certeza de que ele a farejara. Ou pelo menos, de que tinha captado a presença de um intruso em sua floresta. Cogitou a possibilidade de matá-lo, mas, estranhamente, relutou.

Estou ficando mole com a idade!

Apesar dos seus trinta anos não pesarem e nem reduzirem sua agilidade ou eficiência, traziam uma nota triste, um quê de melancolia. Solidão. Não que sentisse saudades de seu marido. Seu casamento foi apenas um acordo de honra entre dois clãs. Chegou até a ser feliz naquele curto espaço de tempo. Entretanto, amaldiçoava a memória daquele homem pela desonra que ele trouxera ao seu nome e à sua casa. Agradecia aos deuses pelo fato de não ter concebido um filho de Ishiro. Se assim fosse, ela e o pai seriam uma eterna marca de desonra para a criança.

Ishiro traíra o clã por dinheiro. Dinheiro e terras. Vendera os seus a um *daimyo*³⁴ que cobiçava as férteis terras de seu pai. Desonrou seu próprio sangue e com ele, sua jovem esposa. Desde então, ela era vista como pária em sua vila. Sua chance de redenção surgiu quando os *sennins* a procuraram com a tarefa de reunir o amuleto aos outros naquele lugar gelado chamado *Nor-u-ega*.

E agora lá estava ela, dormindo numa gruta, lutando contra o frio e escondendo-se do homem que falava com os animais. Não sabia se ele era amigo ou inimigo. Mas ele lhe era útil, assim como a jovem alta e loura que o

acompanhava à caça e que também falava com os bichos.

Observando-os e ouvindo-os, aprendia aos poucos a língua daquela gente. Possuía grande facilidade para aprender idiomas. Já sabia a ululante língua dos sarracenos e também conseguira — não sabia como, mas conseguira — entender e aprender aquele atropelado idioma dos genoveses e sicilianos. Também compreendia o francês, mas não o falava muito bem. Agora tentava aprender a rascante língua do homem que falava com os animais. Suspirou e ajeitou-se no alto do galho. A solidão lhe dava muito tempo para o seu aprendizado.

Gilchrist ouvia atentamente o que Gjurd lhe dizia. E sua mente girava com tantas revelações. Nunca imaginou que sua mãe pudesse ter previsto o que estava acontecendo agora. E, no entanto, ela o fizera.

— Ela o mandou para seu povo — continuou Gjurd em suas revelações — porque sabia que você era o Dragão, aquele que nasceu sob um alinhamento único e raro dos astros e que só ocorre uma vez a cada mil anos. Um dos sinais são os seus olhos. Todos os Dragões nascem com um olho negro e o outro verde, como uma marca da ambiguidade de sua natureza. Morgan sabia que seu futuro dependeria do que apreendesse com o Povo Antigo. Mas também tinha consciência de que, quando chegasse a hora, teria que retornar à casa de seu pai e ao mundo cristão.

— E Ulla? — Indagou Gilchrist sentado sobre um tronco caído no meio da mata. — Qual o papel dela em tudo isso?

O semblante de Gjurd iluminou-se e seus olhos se encheram de ternura.

— Ah, aquela jovem é minha melhor aluna. Ulla desde cedo se mostrou uma criança especial, uma portadora do Dom.

— E que Dom é esse? Como se conheceram? O senhor mora aqui, mestre Gjurd?

O velho riu diante do ataque de perguntas e ergueu a mão.

— Alto, Dragão! — Deu mais uma risada. — Sempre curioso! Quase enlouqueceu minha pupila naquela viagem! Ulla veio a mim ainda criança, quando o rastreador começou a treiná-la. Ele mesmo tem um toque do Dom, porém, desenvolveu-o naquela sua habilidade de rastrear e praticamente entrar dentro da cabeça dos animais.

— Hrolf Brosa?

— Sim. Vai ter a oportunidade de vê-lo em seu ambiente. Mas, voltando à Ulla, como lhe disse, ela veio a mim quando era criança...

Svenhalla, outono de 1173

A pequena Ulla correu pela mata procurando manter os pés leves e silenciosos como Hrolf lhe explicou que deveria fazer. O coelho saltitou, ergueu o focinho rosado e suas pequenas narinas se dilataram repetidas vezes cheirando o ar. Ela permaneceu imóvel como uma estátua e respirando bem devagar. Sua impaciência infantil, porém, falou mais alto e, antes do animalzinho se sentir seguro com sua presença, ela se moveu e o coelho embrenhou-se assustado na mata.

— Helvete! — Ela bufou e fez beicinho.

— Tem que ter mais calma da próxima vez, filha. — Soou uma voz suave atrás dela.

Ulla voltou-se devagar, pois a voz que lhe falava e a serenidade impregnada naquelas palavras fizeram-na confiar de imediato na pessoa que as pronunciou. Um homem velho e enrugado como um centenário carvalho a observava com atenção da orla das árvores.

— Olá — disse ela sorrindo — quem é o senhor?

— Sou Gjurd, pequena Ulrika.

— Sabe o meu nome? — Ela deu um passo adiante, com a franca curiosidade das crianças.

— Sim, filha. Eu o sei. — Ele apontou um tronco caído. — Sente-se. Gostaria de conversar com você.

Ela se sentou, balançando os pés pequenos calçados em botinhas de pele sob a saia de lã.

— É um espírito da floresta?

Gjurd deu uma risada.

— Não. Sou um sacerdote.

— Um padre?

— Não. Padres gostam de igrejas e meu templo é a natureza. — Ele a encarou e a menina não desviou o olhar. — Tem o Dom.

— O Dom?

— Diga-me, tem sonhos que depois acontecem, minha filha?

Ela deu um suspiro e olhou para os próprios pés.

— Sim — sua voz soou desanimada — só Rag acredita em mim. Meu pai disse que vai me mandar para Nidaros. Minha mãe brigou com ele e me pediu para não falar mais nisso. — Ela olhou para Gjurd e seus olhos estavam tristes e confusos. — Eu sou doente?

— Não, filha, não é. É especial. Crescerá uma moça linda e muitos jovens vão querer desposá-la. No entanto, seu Dom deve ser tratado como um presente dos deuses. No futuro, será muito útil para você e para aqueles que ama. Deve, porém, aprender a usá-lo e não deve falar dele a qualquer pessoa. O mundo se

torna cada vez mais intolerante com pessoas como nós.

— E como posso aprender a usá-lo?

— Eu a ensinarei.

Ela analisou a oferta durante um bom tempo, perscrutando o semblante do velho Gjurd, que permaneceu impassível diante de seu exame. Por fim, indagou.

— É amigo de meu pai?

— Não, ele não me conhece. Vim para ser seu amigo.

— Está certo — ela estendeu a mão para ele — eu concordo.

Gjurd concluiu seu relato e Gilchrist ficou imaginando como teria sido a Ulla criança.

— Ah — disse o velho — ela era impossível! Vivia com um osso quebrado e deixava seus pais loucos! Aliás, ainda deixa a mãe e os irmãos de cabelos em pé!

— E qual é o papel dela em toda esta história, mestre Gjurd? Ainda não me disse.

O velho ficou muito sério.

— Ulla foi a escolhida para conduzi-lo em seu caminho.

— Assim, sem mais nem menos?

— Não. É uma dívida que ela contraiu ao interferir no equilíbrio das coisas. E ao fazê-lo através de você.

— E como ela contraiu essa dívida? — Perguntou Gilchrist, já imaginando a resposta.

— Exatamente da forma como você pensou. Ao interferir naquela ocasião em que o irmão dela morreu...

— *Morreu?*

— Se você mesmo viu que ele estava morto... — retrucou Gjurd irônico. — Ela usou seu Dom para trazer o irmão de volta. E apesar de Ragnar ter sido assassinado pela feitiçaria do sacerdote de Set, ele já havia sido enviado para o julgamento dos deuses, não deveria voltar. Ulla, no entanto, usou você e o poder do Coração do Dragão para trazê-lo de volta.

— E isso alterou o equilíbrio.

— Sim, Dragão. Dali em diante, o Mal vem se esgueirando lentamente em nosso mundo. Fortalecendo-se dia após dia com as mazelas da humanidade. Encontrando terreno fértil e mesa farta nas almas corrompidas dos seres humanos.

— É um peso muito grande para ser atirado nos ombros de uma só pessoa.

— Ulla fez uma escolha, filho — disse o velho com voz cansada — mas ela não está só nesta empreitada. Você foi convocado para ser o braço da Luz nesta luta. A espada consagrada será empunhada por você no momento de encarar o

Mal que caminha entre nós.

— A Coisa está aqui? — Perguntou ele espantado.

— Diga, Dragão. Onde, neste mundo, não há o Mal? — Gilchrist ficou em silêncio. — Ele está em todos os lugares. Aqui está em sua forma encarnada, no corpo que escolheu para usar.

— Quem é?

— Não posso interferir — disse Gjurd, desolado.

— Foi ele quem matou Delacroix, não foi? Vai permitir mais assassinatos? Diga-me quem é ele!

— Sinto muito. Além do mais, de nada adiantaria se soubesse quem é.

— Por quê?

— No atual estágio em que se encontra, Ele já não pode ser morto ou ferido por armas humanas.

— E como vamos derrotá-lo, pelo amor de Deus? A espada não é uma arma humana?

— Você é o Dragão — Gjurd o fitou intensamente, devassando-lhe a alma — o Dragão o matará.

— E Ulla?

— Ulla será peça fundamental nesta luta. Como ela recusou sua dádiva, ela morrerá.

— Não! Não pode ser tão fatalista! — Ulla não poderia morrer. Ulla era sua! — Tem que haver uma saída!

— Ela mesma escolheu assim, Dragão — o olhar de Gjurd foi quase acusador — ela se ofereceu para morrer em seu lugar — e sem dar tempo a Gilchrist para perguntar mais nada, prosseguiu — escute bem. Tem que proteger a criança a qualquer custo. O Mal a quer. E tem que vigiar a mulher também, a que ele chama de filha de Sekhmet. Ele vai tentar corromper a mulher, usar a mesma força que você retirou dela para trazer Ragnar de volta à vida, para o Mal. Vai tentar seduzi-la com promessas, oferecer o que ela mais quer, para que se volte para Ele. Se conseguir, terá a mãe e a filha sob seu domínio, e juntos, devastarão a terra.

— E se o Mal não conseguir corrompê-la? — Indagou o irlandês, duvidando que Radegund fosse capaz de ceder.

— Ele a matará e reclamará a criança.

— Por que elas? Radegund tem o Dom, como Ulla?

— Não. Mas possui uma força primordial, quase tão intensa quanto a do Dragão. Sua fúria é apenas um vislumbre disso. Mas é uma força que nenhum de vocês dois está pronto para compreender. Ou controlar.

Gilchrist sentiu um calafrio.

— Isso é ruim?

— Não! De forma alguma. Isso não é ruim. Porém essa energia que a sustenta atraiu o Mal para ela; pela força latente que há nesta mulher e que foi passada à sua filha. Você a conhece e sabe do que ela é capaz. Imagine se Ele conseguir corrompê-la? Ficarà duas vezes mais forte. Aí sim, essa força, que pode ser construtiva, se tornará destrutiva.

— O que podemos fazer contra tudo isto, mestre Gjurd?

— Quatro amuletos se unirão. Este que você carrega — apontou o medalhão que Aswad pusera em seu pescoço há meses atrás — e mais três que chegarão até suas mãos das mais diversas formas. Unidos, eles o fortalecerão e o defenderão. Uma vez que eles estejam reunidos, irá até o pico de Odin e lá então, no dia do solstício de inverno, o Dragão irá despertar definitivamente. — Gjurd já se voltara para sair quando Gilchrist o chamou. — Sim, Dragão.

— Existe alguma chance de Ulla não morrer? Desta sina ser revertida?

Gjurd o observou atentamente enquanto endereçava uma prece aos deuses, desculpando-se por sua interferência. Ele, porém, era apenas um velho. Era humano e amava Ulla como se fosse sua filha. Bem, daria uma pista ao Dragão. A partir daí, seria com seu livre arbítrio e dependeria de sua capacidade de compreensão.

— Há apenas uma possibilidade, — ele deu um passo e parou bem à frente de Gilchrist — mas o sangue da dádiva deverá ser derramado pelo Dragão para que ela se concretize.

Dito isso, o velho sacerdote desapareceu entre os bosques de Svenhalla.

Radegund não encontrou Mark e acabou voltando com Lizzie para seus aposentos. Lá, depois de banhar a filha e colocá-la na cama, trocou-se rapidamente e com roupas confortáveis e quentes foi se encontrar com Leila, que a esperava no solário.

— Minha amiga, — ela a abraçou mais uma vez — senti tanta saudade! Temos tanto a conversar, sente-se aqui comigo.

— Eu também senti muito a sua falta Leila — Radegund sentou-se ao lado da amiga num sofá, ainda segurando as mãos dela — seu apoio e o de Sven naqueles dias foram muito importantes para mim. Jamais terei como lhe agradecer...

— Shh! — A morena ergueu a mão delicada. — Nem pense nisso. Somos amigas. Amigas não agradecem. — Ela tocou o próprio peito — meu coração — tocou o da ruiva — é seu coração.

Radegund sorriu e segurou sua mão com carinho.

— Mais um ditado de sua terra... parece que ouvi Bharakat falando por seus lábios.

Os olhos das duas ficaram marejados à menção do sábio pai de Leila. Durante muito tempo nenhuma delas falou, ambas presas às lembranças dos dias distantes em Jerusalém. Por fim, Leila secou as lágrimas e mudou de assunto.

— Soube de Ibelin?

— Sim, — Radegund balançou a cabeça — fiquei tão chocada...

— Foi um rebuliço na Sociedade. — A sarracena olhou em volta e baixou o tom de voz. — Scholz está a caminho de Svenhalla.

— O quê?

— Psiu, fale baixo! — Ela se levantou e fechou a porta, tornando a falar em tom normal. — Está com um homem da Ordem em seu encalço. Michael deixou uma mensagem póstuma. Minha tarefa é proteger o agente Scholz e, consequentemente, os arquivos.

— Sven sabe disso?

— Não. E você não dirá a ele. Nem a Mark.

Radegund se ergueu do assento e parou diante dela.

— Por quê?

— Medida de segurança. Soube que o homem contratado pela Ordem não é um fanático como Tarascon. É um sujeito astuto, inteligente, refinado e metódico.

— Onde quer chegar, Leila, com todos esses preâmbulos?

— Ele é um inquisidor nato que vai até as últimas consequências para extrair as informações de suas presas. Ele torturou Michael. — A ruiva fitou Leila em silêncio, a boca seca. Sabia exatamente do que a outra falava. Ela continuou. — Soube, algum tempo depois, que ele estava quase irreconhecível quando o acharam.

A respiração de Radegund estava acelerada. As mãos apertadas ao lado do corpo traíam toda sua tensão. Sua voz saiu abafada quando perguntou:

— Foi ele quem assassinou Michael?

A sarracena encarou a amiga, a expressão sombria revelando muito mais do que as palavras que saíam de seus lábios.

— Não. Michael se matou.

Abrigando-se no albornoz contra o frio que se tornava mais intenso no meio da tarde, Aswad apertou os olhos e fitou o fiorde que se abria no horizonte. Logo chegaria ao seu destino. E rezava para que fosse ouvido antes que o gigantesco Svenson ou a pequena tigresa mulher dele o chutassem para fora de suas terras. Estava ciente de que se encaminhava deliberadamente para o covil dos lobos. No entanto, a grandeza de sua missão e o sincero arrependimento por suas atitudes o tinham conduzido até ali.

Tudo começara num sonho, ainda no caminho para Messina, logo depois que abandonara Trudy. Pensar nela ainda doía. E doía ainda mais pensar em sua estupidez naquele momento em que a acusara duramente, da maneira mais baixa e vil, sem lhe dar nenhuma chance de defesa.

Esse arrependimento talvez tivesse estado dentro dele desde o momento em que dera as costas às muralhas de Delacroix. E este mesmo arrependimento lhe abrira as portas da mente para o sonho em que a velha Bennu o admoestava, brava e rabugenta, recitando um trecho do livro sagrado de sua religião. Com um dedo em riste bem diante de seu nariz, ela imprecava, com sua voz esganiçada e sibilante.

— Lembre-se, moleque — cacarejava ela — *“O delito será expiado com o talião; mas, quanto àquele que indultar e se emendar, saiba que a sua recompensa pertencerá a Alá, o Clemente e Misericordioso, porque Ele não estima os agressores.”*³⁵

Em outra ocasião, já em Messina, sob o teto da *villa* que pertencia a Mahkim e à leoa, ele sonhou novamente.

— *“A absolvição de Deus recai tão-somente sobre aqueles que cometem um mal, por ignorância, e logo se arrependem. A esses, Alá absolve, porque é Sapiante, Prudentíssimo.”*³⁶ — Dizia-lhe Bennu, zangada.

Apesar de seu orgulho, refletiu muito sobre aquelas palavras e debruçou-se sobre o livro sagrado, meditando sobre seus ensinamentos. Chegou à conclusão de que fora extremamente precipitado e orgulhoso, de que julgara Trudy como se fosse o dono da verdade, como se fosse o mais santo dos homens. Acusara-a com palavras rudes e cruéis, quando sua única culpa tinha sido a insegurança. Sim, ela mentira. Porém o culpado, de certa forma, havia sido ele e sua precipitação. Forçara a situação para se casar com ela porque, no fundo, não admitiria sequer que outro homem tentasse cortejá-la. E agora, lá estava ele. A caminho de Svenhalla, com a desculpa de trazer o amuleto, louco para implorar a Trudy por seu perdão.

Elevou mais uma prece a Alá pelo sucesso de sua empreitada, ao mesmo tempo em que imaginou que os ouvidos de seu Deus já deviam estar inchados de tanto ouvir seus rogos.

Gilchrist chegou a Svenhalla faltando pouco tempo para o jantar. Conduzido por um pajem, instalou-se em seus aposentos e lavou-se rapidamente, preparando-se com esmero para a primeira refeição formal sob o teto de Ragnar e Leila. Ao descer, encontrou a todos já no salão reunidos em pequenos e animados grupos de conversa.

Uma grande lareira espantava o frio do ambiente e as mesas bem arrumadas denotavam todo o capricho e a cortesia da recepção. Sua mente, no entanto, estava fixa numa única pessoa, cujo rosto pairava em seus pensamentos e cujos olhos cor de safira, confusos e intensos, não paravam de atormentá-lo. Por que fugia dele? Gjurd lhe dissera que ela havia escolhido morrer em seu lugar e que, se o Dragão derramasse o sangue da dádiva, talvez isso pudesse ser remediado. Como? Ele não poderia derramar o sangue de Ulla simplesmente porque jamais poderia machucá-la! As lembranças daquela noite do ritual infiltraram-se em sua mente e as palavras de Ulla, soltas aqui e ali, repentinamente começavam a fazer sentido.

Nunca estive com um homem antes...

Temos tão pouco tempo...

Quero que viva...

Sangue derramado. Claro! Só podia ser isso! Por esse motivo ela fugira antes que tivessem tempo de consumir o ato. Se ele tivesse se apossado de sua castidade, derramado seu sangue virginal naquela noite, o ritual teria se fechado. Ah, Ulla! Por quê?

Eu o amo, Dragão...

Isso não iria ficar assim, decidiu. Se alguém tinha que morrer, que fosse ele. Não Ulla, tão cheia de vivacidade, tão linda e tão meiga. Ansioso, procurou-a

com o olhar, mas não a enxergou entre os presentes. Foi visto, no entanto, por Hrolf Brosa, que caminhou em sua direção.

— O'Mulryan, — o homem lhe estendeu a mão — é um prazer encontrá-lo. Como vai?

— Brosa! Vou bem. E você? Ainda é o melhor rastreador da Noruega?

— Tento ser. — Abaixou a voz. — Ulla não virá.

— Por minha causa?

— Também. Entretanto, — ele olhou significativamente para Einar e Björn — os garotos curiosos logo virão falar com você.

— Sei que ela se esqueceu de tudo... — sondou ele — Leila nos escreveu.

— Sim, — ele fitou os irmãos de Ulla que caminhavam na direção deles dois e apressou-se em alertar o irlandês — são dois lobos selvagens, porém de bom coração. Björn é quem tem mais ciúme da irmã. Einar é mais maleável. E não se preocupe, pois Ragnar já os viu e também vem para cá.

Gilchrist deu um de seus raros sorrisos, suavizando a severidade de seus traços.

— Isso é bom?

Hrolf deu um tapinha no ombro dele enquanto bebericava sua cerveja.

— Ao menos terá alguém em sua defesa.

Einar estudou atentamente o irlandês enquanto se aproximavam dele. O homem era sério, sisudo até. Tinha um sulco profundo e permanente no meio da testa alta, o que denotava um cenho eternamente franzido e preocupado. Não parecia um aventureiro irresponsável, tampouco um janota. Tudo levava a crer que o tal O'Mulryan, ou simplesmente Gilchrist, como Ragnar e Leila o chamavam, era um homem de bem. E tudo levava a crer também que havia algo entre ele e sua irmã que, tanto Björn quanto ele mesmo, desconheciam.

Pelo canto do olho reparou que Ragnar, ao vê-los caminhando na direção do irlandês, pedia licença ao mestiço e sua esposa para ir ao encontro deles. Achou bom. Pelo menos poderiam tentar esclarecer algumas coisas antes que Björn e sua cabeça quente fizessem um estrago no belo jantar de sua mãe.

Terrwyn estava entretida com as tapeçarias do salão de Svenhalla quando ele apareceu. Oh, céus! Devia ser proibido um homem ser bonito daquele jeito! E olhe que ela já estava acostumada com homens bonitos. Afinal, seu irmão era lindo. Mas o capitão Svenson era melhor. Ele era... ele era... ele era um *deus*!

Suspirando, ela ajeitou o corpete do vestido de seda cor-de-acafrão sobre o busto e amaldiçoou-se pelo seu corpo pouco voluptuoso. Se pelo menos tivesse metade do tamanho que Rade Gund possuía ali! Ou aquelas curvas sinuosas que

Clarisse e Leila tinham! Ou então as pernas bem torneadas de Trudy! Ah, mas que inferno! Mesmo com os laços do corpete bem justos, o máximo que conseguiu foi um pequeno volume na parte superior de seu vestido. Queria não ter a cintura tão fina, ou o corpo tão magro e pequeno, e ainda se arrependia por ter usado os cabelos curtos, em nome da praticidade, durante tanto tempo. Como eles demoravam a crescer, santo Deus! Agora eram apenas cachos em torno de seu rosto miúdo fazendo-a se parecer mais com um jovem escudeiro do que com uma moça. Bufou e acompanhou com os olhos castanhos o andar de Björn na direção de Gilchrist. Ah, ele era como o *Thor* das histórias de Ragnar! Belo, altivo, majestoso...

— Feche a boca, Terrwyn — a voz rouca de Radegund a fez acordar de suas fantasias — está quase babando.

— Hã?

Dois dedos estalaram diante do rosto da jovem.

— Acorde, menina!

— Oh, Raden... — ela piscou, um pouco distraída e voltou-se para a ruiva — o que é?

Radegund sorriu.

— Terrwyn, deve ter pelo menos meia hora que estou falando com você e só me responde com monossílabos vagos. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Estava embasbacada pelos irmãos de Ragnar.

A mocinha corou, mas não recuou. Afinal, Radegund, apesar de seu temperamento reservado e objetivo, era sua confidente.

— Está assim tão evidente? — Ela indagou em voz baixa, desviando os olhos da figura loura e alta que parava para conversar com Gilchrist e Hrolf.

— Qual dos dois?

— Björn — a resposta saiu em meio a dois suspiros.

— Logo ele, Terrwyn? — A ruiva se colocou ao lado dela, desanimada. — Não podia ter se encantado por Einar?

— Ah, ele é bonitinho. Mas o capitão é... é... oh! Nem sei dizer!

— Björn é um marujo malandro e convencido, daqueles que arrastam a asa para qualquer coisa que use saias — ela fitou Terrwyn com um sorriso maroto — mais ou menos como era seu irmão quando o conheci.

A mocinha a encarou.

— Quando chegamos, ele não tirou os olhos de você...

A outra gargalhou.

— Terrwyn, quem não olharia para uma mulher vestida de homem? Até parece que sou uma beldade!

— Puxa, você é bonita.

Radegund riu de novo, descontraída. Com Terrwyn, e também com Lizzie, conseguia sempre rir um pouco e sair daquele estado de permanente tensão em que tinha ficado desde a morte de Luc.

— Ora, Terrwyn. Você é condescendente. Além do mais, não quero saber de mais ninguém, — sua fisionomia se tornou melancólica abruptamente, toda a descontração indo embora — perder um amor já foi o suficiente.

A jovem voltou-se totalmente de frente para ela.

— Você não está interessada nele?

— Em quem, Terrwyn? — Indagou a ruiva distraída, olhando as pessoas alegres e sorridentes ao seu redor. Bem que ela gostaria de se sentir assim...

— Em Björn, Raden! De quem estávamos falando?

— Ah, nele? Não! — Tomou um longo gole da caneca que ficou esquecida em sua mão e se deu conta de que o interesse de sua pupila era realmente sério. — Oh, não, Terrwyn! Esqueça-o. Ele é o tipo de homem que deve ter uma mulher em cada porto! Já topei com vários “capitães Svenson” pela minha vida para farejar um de sua laia! E você é muito jovem! Céus, Terrwyn! Ele tem idade para ser seu pai!

Terrwyn amarrou a cara e cruzou os braços.

— Não exagere!

Radegund capitulou.

— Certo. Tem idade para ser seu irmão mais velho. — Ela se jogou pesadamente numa cadeira. — Que diabo, menina! Não serve Einar?

— Não.

Dito isso, Terrwyn voltou à sua contemplação explícita, para desespero de sua tutora.

Einar e Björn cumprimentaram polidamente um tenso Gilchrist. O mais velho, ao ouvir a gargalhada rouca da ruiva do outro lado do salão, chegou a se virar para olhar naquela direção. Ela conversava com a mocinha que lhes fora apresentada como irmã do mestiço. Nossa, que mulher a tal Radegund! Ouvindo a voz de Einar, voltou-se novamente para a conversa com o irlandês.

— O que achou de Svenhalla, O’Mulryan? — Indagou Einar, tentando entabular uma conversa polida.

— É um lugar bonito.

— Fizeram boa viagem? — Prosseguiu o mais jovem dos Svenson.

— Muito tranquila.

— Gostou de suas acomodações? — Ainda insistiu Einar.

— São excelentes.

Björn bufou e Hrolf coçou a cabeça. Einar tentava rodear o irlandês como um

caranguejo, enquanto o seu irmão mais velho estava prestes a pular no pescoço do visitante. A vítima em questão parecia comprazer-se em atormentá-los com seu ar distante e reservado. Ele só esperava que os três não se engalfinhassem no meio do salão de Marit. Determinado a acabar com aquilo, já que não tinha mais idade para aturar tanta tensão, entrou no assunto.

— Chega de conversa mole, moleques. — Virou-se para Gilchrist que, apesar da fisionomia impassível, parecia louco para dar uma risada. — O que eles querem saber, O'Mulryan, é se aconteceu alguma coisa entre você e a irmã deles.

Desta vez Gilchrist não conseguiu conter um meio sorriso. Ragnar chegou a tempo de ouvir sua resposta.

— Sua irmã esteve segura comigo todo o tempo.

— Ei, vocês dois! — Interrompeu Ragnar. — Já falamos sobre isso e prometeram que não iriam crivar Gilchrist de perguntas. Foi Ulla quem o procurou em Delacroix.

Björn não se conteve.

— Nossa irmã passou praticamente um mês na companhia dele, irmão. *Sozinhos*, os dois! Como quer eu me sintar?

— Sou um homem honrado, capitão Svenson — retrucou Gilchrist com voz calma, apesar de seu coração trovejar em seu peito diante da ideia que repentinamente surgiu em sua mente ao ouvir aquelas palavras de Björn. Sem querer, ele lhe deu uma solução para seu problema. — Jamais faria algo contra a vontade de uma mulher, muito menos da irmã de meu amigo.

Einar contemporizou.

— Senhor, não duvidamos de sua honra. Porém, entenda que, se uma moça passa tanto tempo a sós na companhia de um homem o natural seria... — ele ficou um pouco sem graça e olhou para os dois irmãos — bem...

— Acha que devo me casar com sua irmã? — Indagou Gilchrist sem rodeios.

— É isso o que eu acho — afirmou Björn fitando-o com os olhos gélidos.

— Alto lá, — rosnou Ragnar — ninguém aqui vai decidir o futuro de Ulla na ausência dela. Este é o nosso acordo. Ela tem o direito de escolher.

Com toda a calma do mundo, o irlandês surpreendeu a todos, principalmente a Ragnar, com sua proposta.

— Se sua irmã me aceitasse, Sven, permitiria que eu me casasse com ela?

Ragnar ficou sem palavras, ao passo que Björn emitiu algo parecido com um rosnado. Hrolf e Einar trataram de se preparar para conter o irmão mais velho. No entanto, isso não foi preciso porque, mesmo com o olhar desconfiado, o capitão do Freyja indagou.

— Fala sério, homem?

— Crê que eu brincaria com algo assim, capitão?

Os dois se mediram por alguns instantes e Ragnar, recobrando o senso, sentenciou.

— Gil, é meu amigo de longa data. Sei que, além de honrado, é um homem sensato e atencioso. — Ele colocou as mãos enormes sobre os ombros largos do cavaleiro. — Nada me faria mais feliz do que ver minha irmã casada com você. A última palavra, no entanto, será dela.

— Está certo, — concordou ele — poderia conversar com ela ainda hoje?

Sabia que estava forçando a situação, mas o tempo era curto. Tinha que salvar Ulla. Não podia deixá-la morrer em seu lugar. E, além disso, ele a queria. Ragnar olhou para o rastreador.

— Onde ela está?

— No chalé, para variar — Hrolf fitou o irlandês — toda vez que a jovem Svendsatter resolve sumir, é para lá que vai.

Ragnar foi incisivo.

— Chame-a, Hrolf. Por favor. Diga-lhe que fui eu quem mandou que viesse aqui. Respeito os sentimentos de Ulla, mas é hora de acabarmos de uma vez por todas com esses mistérios. E Gilchrist merece uma resposta para o seu pedido.

Hrolf sorriu e concordou.

Ulla chegou com Hrolf quando todos já haviam se acomodado às mesas para o jantar. Não querendo ser inoportuno, Gilchrist resolveu aguardar o fim da refeição para conversar com a jovem, que lançava olhares atravessados tanto para ele quanto para seus irmãos.

O jantar oferecido pela matriarca dos Svenson teve, nitidamente, o toque das mãos de Leila, o que todos puderam apreciar através do cardápio escolhido. Em meio aos pratos típicos da terra de Ragnar, como o *gravlaks*³⁷, feito com fatias de salmão, temperadas com *dill* e mostarda doce, foram servidas também iguarias da cozinha sarracena. Leila, apesar do tempo que já morava na Noruega, jamais abria mão destas, para o deleite de seus cunhados.

Os coelhos cozidos em suco de uvas fermentadas, servidos com cebolas passadas no mel foram apreciados por todos. Outro prato, de cordeiro assado com cabeças de alho inteiras, fez Mark voltar à sua infância em Jerusalém e começar a contar suas peripécias de menino, encantando a assistência com seu charme natural. Leila também preparou uma tradicional salada de grãos-de-bico com coalhada e aspargos conservados em salmoura. Tudo regado pelo vinho aquecido temperado com especiarias e pelo hidromel. Para os pequenos foi oferecido suco de mirtilos.

No final, para o delírio das crianças, que foram autorizadas a ficarem acordadas até mais tarde, já que a ocasião era festiva, Leila preparou *baklawas*,

delicados folheados de nozes perfumados com água de flor-de-laranjeira e de rosas. Marit mandou que o cozinheiro fizesse também pudins de oxicoco e mirtilos, que divertiu as crianças por tingir suas línguas de roxo.

— Leila — falou Terrwyn — nunca provei pratos tão gostosos!

— Minha cunhada tem mãos de fada! — Falou Björn, já sorridente ao extremo devido à grande quantidade de bebida que consumira.

A irmã de Mark corou com aquela resposta genérica a um comentário seu. Mark, por sua vez, cumprimentou a mãe de Ragnar.

— Estava tudo divino, senhora. Muito obrigada pelo jantar.

— Bem — Ragnar ergueu-se, desculpando-se com todos — sinto muito deixá-los, mas eu, Gil e Ulla temos um assunto a tratar — ele se inclinou sobre a cadeira de sua mulher e deu-lhe um terno beijo na face, dizendo — vejo-a depois, esposa.

— Não quer que eu vá com você?

— Deixe. Cuide de nossos amigos.

Emburrada, Ulla não fez caso da mão que Gilchrist lhe estendia para ajudá-la a se levantar, preferindo se erguer sozinha e cruzar o salão. Caminhou altiva e majestosa, embora tentasse ignorar as batidas frenéticas de seu coração ao imaginar que assunto seria aquele.

Quando foi buscá-la, Hrolf tinha sido muito misterioso a respeito dos motivos de Ragnar chamá-la em seu retiro pessoal. Ele sabia que sempre que ela se refugiava no chalé era porque não queria ser incomodada.

Radegund e Clarisse entreolharam-se diante daquela estranha e inusitada reunião anunciada por Ragnar, ao passo que Einar e Mark já se empenhavam em armar um tabuleiro de xadrez num dos cantos do grande salão. A ruiva deu o braço à prima, caminhando em seu ritmo e comentando.

— Essa barriga nos deixa cômicas!

— Sem dúvida, Raden. Sinto-me uma pata-choca!

— Eu dizia o mesmo para Luc — falou ela, ajudando Clarisse a se sentar. Depois, baixou o tom de voz, acomodando-se ao seu lado. — O mais engraçado era que ele me achava muito excitante com aquela silhueta de barril!

Clarisse conteve uma gargalhada e falou no ouvido da prima.

— Pois com Mark é a mesma coisa — ela olhou para o marido por sobre o ombro, corando graciosamente — parece que o fogo dele ficou mais aceso ainda!

Leila aproximou-se com Terrwyn, depois que sua sogra se retirou junto com Trudy, com a intenção de mostrar o castelo para a moça. Atrás delas, vinha uma criada trazendo uma bandeja com canecas de sidra aquecida com canela, que foram passadas às mulheres.

— Pelas caras das duas — falou a sarracena, sentando-se numa cadeira — aposto que falam dos homens.

— Oba, — Terrwyn saltou sobre a outra cadeira — este assunto me interessa!

— Minha nossa, — comentou Leila — está se saindo melhor do que encomenda, menina!

Terrwyn sussurrou para as três mulheres.

— Se não aprender algo com vocês, quem me ensinará?

— Está certo, Terrwyn — Radegund se rendeu e tomou um gole de sidra antes de falar — diga, o que quer saber sobre os homens?

— Pode começar me dizendo como faço para conquistar um.

— Oh, meu Deus, — Clarisse olhou para Terrwyn espantada — e quem seria a vítima em questão?

Leila levou a caneca aos lábios, enquanto aguardava a resposta. E engasgou ao ouvi-la.

— O capitão Svenson.

— Leila! — Radegund acudiu a amiga, que tossia e ria ao mesmo tempo. Após se recuperar, a morena falou.

— Só pode estar brincando! Não está?

Terrwyn a encarou, séria.

— Não.

— Björn tem horror a compromissos, — ela fitou Radegund e Clarisse — ele foge de casamento como o diabo da cruz; — procurou-o com os olhos pelo salão — agora mesmo ele deve ter ido à vila, atrás de diversão e mulheres! Na primavera ele se enroscou com a filha do moleiro e Ragnar quase enlouqueceu! Terrwyn, eu adoro meu cunhado, mas ele é um irresponsável no que diz respeito aos relacionamentos!

— Eu disse a ela mais ou menos a mesma coisa — comentou a ruiva, espreguiçando-se.

— Aposto que seu irmão ainda não sabe disso... — falou Clarisse preocupada.

— Ah, Clair! Não conte, por favor! — Ela apoiou o queixo nas mãos e os cotovelos nos joelhos, inclinando-se para frente. — Ah, ele é tão lindo, tão másculo...

— Tão sem vergonha... — completou Leila — menina, se conseguir amarrar meu cunhado, eu mergulho nua no fiorde!

O semblante de Terrwyn adquiriu um brilho travesso.

— É um desafio?

Leila, que não costumava deixar nada pela metade, retrucou, para desespero de Radegund e Clarisse.

— É uma aposta.

As duas apertaram as mãos e a irmã de Mark retrucou.

— Feito. — Ela se levantou e se espreguiçou, dizendo. — E agora, se me dão licença, vou me deitar. A viagem foi muito cansativa.

Após as despedidas, Clarisse encarou Leila.

— Falou sério? Acha que Terrwyn pode conquistar Björn? Ele tem no mínimo dez anos a mais do que ela. E é um solteirão convicto, pelo que disse.

Leila deu de ombros e tomou mais um pouco de sidra.

— Pois pode ser exatamente de alguém doce e cheia de energia como Terrwyn que ele precise para entrar nos eixos. — Ela sorriu, conspiradora. — Mal posso esperar para ver essa espevitada em ação. Ela vai enlouquecer Björn!

— Vai enlouquecer a mim, isso sim — resmungou Radegund — e Mark ainda vai querer minha cabeça numa bandeja de prata!

Clarisse tranquilizou-a com tapinhas na mão.

— Deixe que de meu marido eu cuido. — Piscou-lhe, matreira. — Sei bem como mantê-lo ocupado.

Radegund sorriu com malícia e pousou a mão na barriga da prima.

— Disso eu não tenho a menor dúvida, Clair.

— Não — Ulla esbravejou ao ser informada do pedido de Gilchrist — minha resposta é não!

— Mas, Ulla! Gil me disse que se deram bem durante a viagem, — argumentou Ragnar — que gostou de você e que você pareceu simpatizar com ele. Por que não, minha irmã?

Gilchrist pressionou-a, sabendo que ela não revelaria o real motivo de sua recusa ao irmão.

— Sim, Ulla. Por que não?

Ela cruzou os braços diante do corpo. Tolo idiota! Como poderia se casar com ele e consumir o casamento sem reverter sua barganha? Ah, se pudesse escolher já estaria em seus braços, já estaria totalmente entregue aos seus beijos e aos seus carinhos!

— Já disse que não quero me casar com seu amigo, irmão — ela ergueu o queixo, teimosa — não insista.

Dando as costas aos dois, saiu e bateu a porta do gabinete. Sem se dar por vencido, Gilchrist cruzou o aposento e saiu no encalço da moça. Alcançou-a no meio do salão de Svenhalla e falou de forma que só ela o ouvisse.

— Disse que era minha por direito. Eu a reclamo.

Ela tentou se soltar, sem sucesso. Retrucou sibilante.

— Não tem mais este direito. Solte-me. Todos estão nos olhando.

— Não, — insistiu Gilchrist — vai se casar comigo.

Ela elevou a voz.

— Não! Já disse que não!

Ele ergueu a sua também, fazendo a aposta final, deixando-a pasma diante de todos. Anunciando em alto e bom som aquilo que quase acontecera como se realmente tivesse acontecido, encurralando-a diante de uma perplexa audiência.

— Deitou-se comigo, mulher, e agora recusa o nome que pretendo lhe dar?

Arrogante! Cretino! Tolo!

Como ele ousava fazer aquilo com ela? Como?

— Mentiroso!

Um tapa vibrou no rosto bem barbeado de Gilchrist, quase arrancando o tapa-olho. E logo Ulla Svendsatter disparava pelo vestíbulo e dali porta afora, pouco se importando com o frio da noite.

Parado ali, o irlandês esfregou o rosto, mantendo o semblante impassível. Por dentro, no entanto, ele sorria. Ulla não teria como recusá-lo agora. Ele a comprometera definitivamente, irremediavelmente, diante de toda sua família e de seus amigos. A voz branda de Ragnar soou às suas costas.

— Ela vai voltar.

— Eu sei — ele respondeu, tranquilo.

— Apaixonou-se mesmo por ela, Gil?

Ele se voltou para o amigo e encarou os olhos claros.

— Sim, — fez uma pausa — e pelo que ela me disse há pouco, tenho certeza de que se lembrou de tudo.

Ragnar sorriu.

— Eu já desconfiava... só não entendo essa relutância dela em relação a você.

Gilchrist achou que era hora de dividir o peso de suas preocupações com alguém. Convidou.

— Partilharia comigo alguns copos de *akevitt* enquanto eu conto uma longa história?

Ragnar deu-lhe alguns tapinhas nas costas.

— A noite é uma criança, Gil.

Depois da pequena comoção causada pelo entrevero entre Ulla e Gilchrist, todos acabaram se recolhendo. Na manhã seguinte, bem cedo, Radegund e Terrwyn seguiram até os estábulos onde foram acomodadas suas montarias. Os animais tinham sido desembarcados no dia anterior e levados para lá para serem tratados e se ambientarem. Lúcifer sacudiu a crina e resfolegou, satisfeito à visão de sua dona.

— Olá garoto! — Ela entrou na baia e o afagou, sentindo o pescoço do garanhão estremecer sob a palma de sua mão. — Vamos passear um pouco?

Cerrydwen também ficou feliz em ver sua jovem amazona. As duas dispensaram os serviços dos cavaleiros, preferindo elas mesmas prepararem

suas montarias que ali, no frio intenso, receberam duas grossas mantas por sobre seus corpos lustrosos.

— Vá devagar, Terrwyn — avisou Radegund montando e fechando a gola do manto para ficar bem aquecida — não conhecemos o terreno e a neve derretida deixa o solo escorregadio. Vamos só trotar um pouco para que se exercitem depois de passarem tanto tempo no porão do navio.

As duas passearam pelos arredores do castelo, apreciando a paisagem já quase totalmente cinzenta. O sol, que se erguia tarde e se punha cedo naquela época do ano, estava pálido e fraco e não chegava aquecer. Mesmo assim, Terrwyn achou a paisagem encantadora.

— É sim, Terrwyn — comentou Radegund, emparelhando sua montaria com a dela no alto do fiorde. Dali podiam ver o braço de mar que rasgava a terra com seus recortes sinuosos — é tudo tão sereno, tão uniforme e, ao mesmo tempo, tão surpreendente.

— Leila tinha razão em suas cartas. Svenhalla no inverno é linda!

— É uma raridade, menina — comentou uma voz grave atrás de Terrwyn, quase a derrubando do cavalo — poucos são os que conseguem enxergar a beleza desta minha terra gelada.

Era ele! Oh, céus! Ela reconheceria sua voz em qualquer lugar!

Björn apareceu ao lado delas, cumprimentando-as do alto de sua montaria e de seu desalinho. Pelo seu rosto e pelas roupas amassadas da véspera, notava-se que ele passara a noite fora. E na farra. Radegund lançou um olhar significativo a Terrwyn, que fez pouco caso e exibiu seu melhor sorriso para o capitão do Freyja.

— Bom dia, capitão!

— Bom dia, menina — ele sorriu para a ruiva de forma sedutora — senhora.

Radegund manobrou Lúcifer e acenou com a cabeça de forma polida.

— Bom dia, capitão Svenson. Svenhalla é realmente um lugar fascinante.

— Única, como certas pessoas, — ele jogou charme, esquecendo-se da presença de Terrwyn — já ouvi falar muito na senhora.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Bem ou mal?

Björn mal pôde acreditar em sua sorte. Radegund em pessoa conversava com ele. Será que conseguiria arrastar aquela mulher para sua cama? Seria uma conquista e tanto! Falou com voz macia.

— Muito bem. Só ouvi elogios a seu respeito.

Radegund deu um sorriso de lado e Terrwyn, que já a conhecia, reconheceu o brilho diabólico nos olhos verdes. Ela iria aprontar. E o capitão bem que merecia, já que tinha passado a ignorá-la por completo em detrimento da ruiva.

Anotou mentalmente uma providência a ser tomada ao conquistar o capitão: ensinar-lhe boas maneiras.

Voltou a atenção para sua tutora, que emparelhava seu cavalo com o de Björn. Este, achando que seu charme surtia efeito, chegou a se inclinar um pouco sobre a montaria na direção dela.

— Capitão Svenson — começou Radegund com um meio sorriso, olhando-o nos olhos — na sua idade, mentir é algo muito feio. — Björn arregalou os olhos cinzentos. — Duvido que tenha escutado só elogios à minha pessoa. Por mais que Leila e Ragnar me queiram bem, posso garantir que na lista de minhas qualidades foram incluídos os adjetivos intratável — ela começou a enumerar nos dedos, levantando-os um a um na cara do pasmo Björn — irritante, exasperante, irascível, arrogante e o preferido de seu irmão — ela usou mais um dedo da outra mão, que segurava a rédea de Lúcifer, para inteirar a conta — encenqueira.

O capitão teve a decência de corar ao ser apanhado de maneira tão direta em sua bajulação. E mal pode retrucar, pois Radegund manobrou Lúcifer e saiu num trote ligeiro, deixando-o para trás junto com Terrwyn. Ao notar o olhar e o sorriso divertido da moça em sua direção, ele se irritou.

— O que foi, menina? Está olhando o quê?

Terrwyn não deixou por menos. Colocou Cerrydwen de frente para ele e alfinetou.

— Não foi nada. Apenas estava apreciando o velho lobo do mar naufragar fragorosamente em sua tentativa de impressionar Radegund.

— Ora sua... — ele adiantou sua montaria, mas Terrwyn foi mais rápida, manobrando a égua e saindo na frente dele. — Venha aqui, sua fedelha!

Ela deteve o passo da montaria e voltou-se para trás.

— Mal posso esperar para contar para seus irmãos!

Björn imprecou. Que garota petulante e abusada! Ah, se pusesse suas mãos nela!

— Volte aqui, pirralha dos diabos!

— Venha me pegar, capitão!

Dito isso, ela disparou com Cerrydwen, voltando pelo caminho que havia feito e que já reconhecia. Sendo excelente amazona, acostumada a cavalgar diariamente ao lado de Radegund, logo ela deixou o mais velho dos Svenson para trás, comendo poeira.

A manhã ia pelo meio. Trudy acompanhava Frida, a ama dos filhos de Leila, a um passeio com Lizzie, Lars e Kristin no pátio externo do castelo. Apesar do frio e da neve noturna, havia um sol baixo e fraco. Para as crianças era importante

aproveitar aquela luminosidade, ainda que tênue. Logo chegaria o inverno e com ele praticamente não haveria sol, só muito frio, obrigando a todos a permanecerem dentro de casa por quase um mês inteiro, ou talvez mais.

Distraída, Trudy não notou o gelo que começava a se derreter sobre o solo e escorregou. Sua queda, no entanto, foi detida por um par de mãos fortes, porém muito gentis.

— Tenha cuidado, senhorita Trudy.

Ela ergueu o rosto, um pouco sem graça por seu descuido.

— Oh, mestre Brosa! Obrigada, — ela se apoiou nas mãos do rastreador para se reequilibrar — se não fosse pelo senhor, eu teria caído!

— Machucou-se?

— Não, acho que só o meu orgulho — brincou ela, sorrindo, ao que Hrolf fez um elogio.

— Senhorita — falou Hrolf, ajudando-a a se endireitar — mesmo com seu orgulho arranhado, sua beleza ainda é imaculada e ficou maior com o passar dos anos.

— Obrigada, mestre Brosa.

Naturalmente gentil, ele ofereceu.

— A senhorita precisa de companhia para voltar ao castelo?

Uma voz surgida detrás deles quebrou toda a descontração, fazendo Trudy congelar e Hrolf franzir o cenho.

— A senhorita é uma senhora — Aswad apareceu à frente deles em todo seu esplendor e fúria, surgido do nada — e é minha mulher!

Trudy começou aquele dia muito bem-disposta. Conseguiu até ficar sem pensar em seu malfadado casamento e em seu arrogante marido durante algumas horas desde que acordou. A paisagem de Svenhalla e a alegria das crianças, associadas à conversa franca e amigável de Frida, que falava muito bem o francês, haviam-na distraído por algum tempo.

E agora, saído do nada, como um pesadelo real, Aswad surgia ali, bem na sua frente, tratando-a como se fosse uma de suas éguas reprodutoras, como se fosse seu proprietário. E ainda por cima, continuava belo e cheio de si como sempre. Maldito porco arrogante! Além de humilhá-la e despedaçar seu coração, ainda reaparecia para infernizar sua vida? Altiva, ergueu o queixo e continuou apoiada na mão que Hrolf lhe estendera, como se buscasse forças na presença do rastreador para enfrentar Aswad.

— Não me considero mais sua esposa, senhor.

— Pode não se considerar — ele soltou sua mão de Hrolf e puxou-a pelo braço — mas é!

— O senhor mesmo me repudiou, lembra-se? — Rebateu ela tentando inutilmente se soltar dele. Hrolf, por sua vez, interveio.

— Cavalheiro, não sei quem o senhor é, mas aqui em Svenhalla não tratará uma dama desta forma. — Puxou Trudy e colocou-a atrás de si. — Trate de respeitar a moça se não quiser ser colocado daqui para fora!

Aswad sentiu o ciúme toldar sua razão. Quem era aquele bárbaro arrogante e cabeludo que se interpunha entre ele e sua mulher? Cerrou os punhos e esbravejou.

— Ela é minha esposa!

— Parece que a moça não concorda com isso!

Atrás de Hrolf, Trudy torcia as mãos, nervosa.

Frida, que se assustou com a chegada do estrangeiro, saía correndo com as crianças para o castelo, na intenção de pedir socorro. Mestre Brosa podia ser forte e experiente, mas ela suspeitava que aquele homem raivoso e de pele escura daria muito trabalho ao rastreador.

— Vamos crianças, — chamou a ama — vamos depressa! Temos que avisar a alguém!

No pátio externo os dois homens se mediam. Hrolf não era dado a brigas, entretanto, cavalheiro que era, não poderia ficar parado vendo aquele estrangeiro intimidar a pobre Trudy.

Aswad rosnou.

— Diga a ele, Trudy. Sou ou não o seu marido? — Ele estreitou os olhos e fitou Hrolf com desconfiança. — A não ser que ele seja seu amante!

Trudy cobriu a boca com a mão, abafando um grito de dor e raiva. Desgraçado! Cega de ódio, saiu de trás de Hrolf e acertou a face de seu marido com um sonoro tapa, gritando.

— Porco idiota! Volte para seus camelos e me deixe em paz!

Dito isso, arrebanhou as saias e correu para o castelo. Aswad fez menção de segui-la, mas Hrolf o segurou.

— Largue-me! — Rugiu o beduíno.

— Não irá molestar a moça!

Aswad agarrou Hrolf pelo colarinho.

— Ela é minha mulher! — Um soco pontuou suas palavras, derrubando Hrolf, abrindo caminho para o grande homem moreno que corria na direção do castelo.

Leila estava no vestíbulo de Svenhalla quando uma apressada e assustada Frida entrou com as três crianças.

— Senhora! Tem um homem estranho lá fora! Tentou pegar Trudy!

Leila piscou, aturdida.

— O quê, Frida?

A moça não teve tempo de responder, pois logo Trudy entrou chorando e correndo e subiu em disparada as escadas do salão.

— Misericórdia! O que está havendo...

Então, para horror de Leila, uma voz saída das sombras do passado, de uma ocasião que ela fazia questão de esquecer, tamanha era a tristeza que as recordações evocavam, vibrou dentro das paredes de sua casa. Da porta do vestíbulo, o mesmo homem que as comprara, a ela e a Radegund, gritava pela governanta de Delacroix.

— Trudy!

O choque foi tão grande que Leila apenas viu o mundo rodar e desmaiou. Os lacaios, aturdidos, não sabiam se detinham o intruso ou se socorriam sua senhora. Ragnar, Mark e Gilchrist, que vinham descendo as escadas, correram em direção ao vestíbulo, todos falando ao mesmo tempo.

— Leila! — Chamou Ragnar ao ver a esposa caída no chão.

— Aswad? — Estranhou Mark.

— O amuleto! — Disse Gilchrist, o único realmente feliz em ver o beduíno ali.

E para completar o imbróglio, uma voz irada surgiu detrás do corpo maciço de Aswad, que se livrava dos lacaios e se abaixava para acudir Leila.

— Chacal!

Jean, sentado num canto do salão, esculpindo mais uma de suas miniaturas de madeira, estreitou os olhos escuros na direção do beduíno. Maldição! Pensou ter se livrado definitivamente do homem do deserto. E agora, além de chegar ali e colocar em risco os seus planos, ele ainda trouxera o amuleto. Não precisava nem ver o objeto para saber que estava com ele.

Inferno! Agora estavam os dois ali; o que ficava pendurado no pescoço do irlandês — e que bloqueava seu acesso aos seus sonhos — e agora o que o beduíno havia trazido. Aquelas coisas tinham o dom de minar suas forças. Contudo, duvidava que os tolos conseguissem os outros a tempo. Faltava pouco para o solstício de inverno e ele já estava praticamente invulnerável. Só faltava tomar posse de toda sua força. Aí sim, no momento em que a lua engolisse o sol, ele deixaria aquela carcaça e se apossaria do corpo forte e vigoroso do Dragão. Até lá, já teria trazido a mulher para o seu lado e a criança. Depois disso, a Terra seria sua seara. Por ela semearia o caos e a destruição. Nela, o Mal reinaria. Enquanto isso, ficaria ali, divertindo-se em causar sofrimento, alimentando-se daquelas pequenas desavenças e alimentando-as. Fazendo aquilo que mais lhe dava prazer. Destruir.

Ragnar ergueu a esposa nos braços e olhou atravessado para Aswad, tentando falar de maneira calma.

— Pode me dizer o que faz em minha casa?

— É uma longa história, — fitou Mark e Gilchrist — como vão, meus amigos? — Os dois acenaram levemente e ele falou por sobre os ombros. — Nos encontramos de novo, leoa.

Radegund passou por ele pisando duro e parou ao lado de Ragnar, tocando o rosto pálido de Leila, ainda desacordada.

— O que fez com ela, chagal?

— Nada!

— Como nada? — Rosnou Ragnar. — Estava junto dela!

Uma voz majestosa e cheia de dignidade elevou-se do salão, interrompendo a discussão.

— Chega. — Marit Ingesdatter cruzou o ambiente e parou diante do grupo, ativa. — Seja quem for o senhor, quero apenas saber. Vem em paz?

Aswad inclinou a cabeça diante da respeitável senhora de Svenhalla.

— Sim, senhora. Juro em nome do Profeta que minha missão é de paz.

— Pois então — voltou-se para seu filho — que seja recebido com a hospitalidade que lhe é devida. A casa de Sven Haakonson sempre honrou sua tradição de ser um pouso seguro para aqueles que aqui buscam acolhida. — Ergueu um dedo e olhou a cada um dos presentes nos olhos, como uma mãe passando um sermão em sua cria. — Não admitirei contendas no salão de Svenhalla. Já basta a cena protagonizada por minha filha ontem — fitou Gilchrist — e que graças a Deus não presenciei. Ragnar?

— Sim, mãe. — Ele falou de olhos baixos, como um garoto apanhado numa travessura.

— Cuide de sua mulher. — Fitou Mark, Gilchrist e Radegund. — Espero que os três encontrem atividades para que ocupem o tempo e esfriem suas cabeças. E quanto ao senhor — estendeu a mão para Aswad — venha se sentar comigo e descansar, antes de mais nada. Deve ter vindo de muito longe.

— Obrigado pela confiança, senhora — Aswad tomou-lhe a mão e seguiu com Marit, deixando os quatro amigos perplexos para trás.

Clarisse viu quando Trudy passou correndo para seus aposentos e resolveu ir atrás da moça, que parecia transtornada.

— Trudy! — Encontrou-a atirada aos pés da cama, chorando copiosamente. — Trudy, querida, o que houve? Por que está assim?

A esposa de Mark sentou-se na beirada da cama e Trudy ergueu o rosto

vermelho de tanto chorar para ela.

— Ele está aqui, senhora!

— Ele? Ele quem?

— Aswad, o cretino!

— Mas, como? — Indagou Clarisse, espantada. — O que ele faz aqui?

— Não sei — a jovem secou as lágrimas com as costas das mãos — sei apenas que já chegou me ofendendo — explicou a situação a Clarisse — imagine, dizer que mestre Brosa era meu amante! Ele só me ajudou!

Clarisse sorriu, compreensiva.

— Trudy, não concordo com os modos rudes de Aswad, mas de uma coisa tenho certeza. Ele está com ciúmes.

— Duvido, senhora. Ele me despreza.

— Creio que não, Trudy. Se assim fosse, por que teria vindo até aqui? Por que teria ficado tão aborrecido quando Hrolf a tocou, ainda que de forma inocente?

— Seja o que for, senhora — Trudy ergueu-se, altiva — eu não o quero mais. Se me dá licença.

Clarisse assentiu e a moça deixou o aposento. Sentada na cama, a dama afagou o ventre arredondado e falou com seu bebê.

— Trudy ainda gosta dele — sorriu — Ela pensa que nos engana, não é, filhinho?

Depois de acomodar Leila e de verificar que ela já se refazia do choque, Ragnar desceu e foi encontrar sua mãe numa animada conversa com Aswad. Como ambos falavam o francês, ficava fácil se comunicarem. Era até engraçado ver o chefe do deserto sentado tão civilizadamente no salão de Svenhalla falando sobre cavalos com sua mãe, que era uma entusiasta do assunto. Aswad ergueu-se quando o enorme marido de Leila se aproximou. Tranquilizou-se quando Ragnar lhe estendeu a mão e disse com franqueza.

— Vamos deixar o passado de lado, Aswad. Se está aqui, estou certo de que há um motivo muito justo. Gilchrist me contou tudo ontem.

— Obrigado, Svenson. E mais uma vez, desculpe por ter, involuntariamente, causando tantos desgostos.

Ragnar ergueu a mão.

— Esqueça. Ambos fomos enganados. — Sentaram-se os dois e o norueguês continuou. — Presumo que tenha vindo para trazer o amuleto.

Aswad sorriu.

— Isso também. Quanto a minha esposa...

— Esposa? — Indagou Marit.

— Sim, senhora. É uma história longa.

— Mais uma — grunhiu Ragnar.

— Trudy e eu tivemos um grande desentendimento — ele fez uma pausa e baixou os olhos — na verdade, eu fui injusto com ela e a deixei de forma muito rude. Vim pessoalmente trazer o amuleto porque queria uma oportunidade de falar com ela e pedir-lhe mais uma chance.

A mãe de Ragnar admirou-se.

— Deve gostar muito dessa moça.

Os olhos esverdeados de Aswad brilharam ao fitar a matriarca dos Svenson.

— Quisera eu ter sabido disso antes e ter ouvido meu coração. — Ele fitou Ragnar e comentou amargo — o orgulho é um mau conselheiro.

Ragnar ficou sério lembrando-se de uma ocasião, há muitos anos atrás, em que se deixou levar pelo orgulho e quase acabou com seu casamento. Concordou com o beduíno.

— É, eu sei.

Depois de muitos esclarecimentos, conversas e olhares atravessados trocados entre Aswad e Radegund, estabeleceu-se uma trégua em Svenhalla. Aswad acabou se entrosando com os irmãos de Ragnar, principalmente com Björn, que já navegara pelo Mediterrâneo e conhecera até o Egito e o Maghreb. Trudy, porém recusou-se terminantemente a falar com seu marido. Clarisse disse a Mark que era melhor dar-lhe um tempo afinal, a separação dos dois foi muito traumática para a moça, ela ainda estava muito ressentida.

No fim da tarde, aproveitando o clima de paz que voltava a reinar, Ragnar resolveu apresentar aos visitantes uma das tradições de sua terra, segundo ele, trazida pelos finlandeses. Os homens se reuniram diante da cabana de pedras e porta de madeira. A construção ficava próxima a uma das margens do grande lago de Svenhalla, que nesta época já começava a congelar.

— Aqui é a *savusauna* — ele abriu a porta e entrou no ambiente, acendendo uma lâmpada de óleo — ou apenas sauna como a chamamos.

Mark entrou no ambiente, uma espécie de vestíbulo com ganchos na parede e bancos de madeira encostados a elas. Sobre um balcão de pedras, havia várias toalhas de linho bem dobradas e um balde de madeira contendo um líquido que exalava um pungente aroma de pinho. Na parede interna, oposta àquela onde ficava a entrada, havia outra porta de madeira, fechada. O calor aumentava conforme se chegava mais perto daquela parede, contrastando nitidamente com o frio lá de fora.

Ragnar foi falando enquanto se livrava das roupas.

— Vamos, o que estão esperando? Para você, Bakkar, e também para Aswad, vai parecer um pouco com um *hamman*, só que sem o vapor.

— Isso deve ser bom — Mark comentou arrancando a túnica pela cabeça. Björn e Einar também apareceram.

— Ora, reunião na sauna — Einar ergueu duas garrafas — não é a mesma sem *akevitt*!

— E Gil, — indagou Mark a Ragnar, que já abria a segunda porta — não virá?

— Ele está tentando convencer minha irmã a se casar com ele.

— É aqui? — Perguntou Gilchrist ao ser deixado pelo rastreador na frente de um chalé de pedras, de cuja chaminé elevava-se um rolo de fumaça branca.

— Sim. — Hrolf sorriu — a toca de Ulla. Agora é com você.

Gilchrist apertou a mão de Hrolf.

— Obrigado.

O rastreador lançou-lhe mais um sorriso antes de virar a montaria.

— Boa sorte! Vai precisar.

— Isso é divino! — Comentou Mark esticando o corpo sobre o banco elevado.

— Realmente lembra um *hamman*, só que sem as termas.

— E sem as mulheres... — pilheriou Aswad, de olhos fechados, também deitado.

Ragnar despejou mais um pouco da água temperada com ervas sobre as pedras, fazendo o vapor aromático elevar-se pelo ambiente. Björn ergueu outro brinde com a garrafa de *akevitt*, tomando um gole em seguida.

— Ao *löyly*!

Einar explicou aos dois novatos.

— O *löyly* é este ritual de fazer subir o vapor, significa “o espírito da sauna”.

— Ele puxou os cabelos molhados para trás e continuou — não há sauna sem *löyly*.

Animados pelo calor e pela potente aguardente norueguesa, transpirando por todos os poros, conversavam animadamente e, como não poderia deixar de ser, depois de um certo tempo o assunto voltou-se para aquilo que mais interessava aos homens. As mulheres.

— Parece que Gil vai ser o próximo de nós a se amarrar — falou Ragnar, acomodando-se ao lado de Björn. Ambos eram extremamente parecidos, tanto na fisionomia quanto no físico avantajado.

— E pensar que o primeiro a se cansar da solteirice foi você, Sven! — Caçoou Mark, recostado na parede, passando a mão sobre o suor que escorria do abdome.

Aswad comentou.

— Pena que o marido da leoa morreu. Gostaria de ter conhecido o homem que

conseguiu domá-la.

Mark e Ragnar gargalharam ao mesmo tempo, enquanto Björn indagava.

— *Leoa?*

— Radegund, irmão. — Explicou Ragnar. — Aswad a chama assim. E quanto a Luc tê-la domado, eu tenho cá minhas dúvidas. Ele, na verdade, a cativou. Os dois se amavam muito.

Mark fitou os amigos, saudoso. Sua voz soou mais grave do que o habitual enquanto seu olhar se perdia nas brasas sob as pedras.

— Gostaria que ele estivesse aqui conosco.

Houve um momento de silêncio, quebrado apenas pelo chiado das gotas de suor que vez ou outra eram sacudidas sobre as pedras. Einar perguntou, interessado.

— Já faz quase dois anos que ele morreu, não é Bakkar?

— Sim — respondeu o irmão mais velho — foi naquela temporada que passamos em Delacroix, quando Ulla sumiu.

— Nem me lembre — resmungou Björn — ainda bem que ela vai se casar. O irlandês é quem vai ter trabalho, não eu!

Einar deu um tapa na nuca do irmão mais velho.

— Bah! Fala assim, mas não larga do pé dela! Deu-lhe até aquelas duas feras para vigiá-la. Devia era arrumar uma esposa, assim daria sossego a nossa irmã!

Björn puxou a garrafa de aguardente das mãos de Einar e tomou outro gole, exclamando

— Deus me livre!

— Ora, homem. Casar é bom! — Disse Mark cutucando Ragnar com o cotovelo. — Diga a ele Sven! Nada como ter sua mulher nos braços toda noite!

— Sem dúvida — ele fechou os olhos, sonhador — toda noite, todo dia, toda hora...

— Pare por aí, irmão — zombou Björn ao notar que Ragnar se entusiasmava *demais* em seus pensamentos — ou teremos que jogá-lo mais cedo no lago para acalmar seu ardor — ele fitou Mark e Aswad — não sei como Leila o aguenta. Esse homem só pensa nisso!

— Eu? — Defendeu-se Ragnar. — Leila é que é um vendaval!

— Deve ser uma qualidade das baixinhas! — Riu-se Mark.

— E eu que fiquei tanto tempo longe de Trudy... — Lamuriou-se Aswad enquanto passava adiante o *akevitt*, pois não bebia — mas vou remediar isso logo!

— Pois eu ainda não achei uma mulher que me agradasse como vocês o fizeram! — Reclamou o mais novo dos filhos de Sven Haakonson, com o corpo brilhante de suor.

— Ora, Einar — retrucou Björn esticando as longas pernas sobre o banco de madeira — tem tantas moças bonitas por aí. Aqui mesmo em Svenhalla. A irmã de Bakkar, por exemplo...

— Ei! — Reclamou Mark jogando mais um pouco de água sobre o buraco no chão de onde se desprendia o calor das pedras. — Por que logo minha irmã?

— É só um exemplo, homem!

— Hum... sei.

— Como eu ia dizendo, Terrwyn é bonitinha — prosseguiu Björn em sua campanha — daria uma boa noiva para você.

— Ora, Björn. Ela não faz o meu tipo. É bonita, simpática... mas muito magrinha.

— Talvez goste mais do tipo da ruiva — brincou Mark, piscando para Ragnar que, com um sorriso maroto, ocupava-se em desembaraçar os cabelos úmidos de suor.

— É verdade, Einar. Radegund é uma bela mulher. E está só desde que Delacroix morreu.

— Um desperdício... — suspirou Björn.

— Uma loucura, isso sim! — Resmungou Aswad, para quem a ruiva assemelhava-se a uma espécie de demônio.

— Ah não! Radegund é bonita, sem dúvida. Só que ela é muito alta, tem mais músculos do que curvas. Apesar dos — Einar fez um gesto na frente do tórax. Todos entenderam, e riram do que ele quis dizer sobre os “atributos” da ruiva — grandes. E é brava demais! Prefiro mulheres mais doces e delicadas, sabem? — Os olhos do romântico Einar se tornaram sonhadores à luz fraca das brasas. — Uma assim pequena, curvilínea, cheinha...

— Ele quer ter onde apertar, — afirmou Aswad descontraído — homem sábio.

— Sim, é verdade, Aswad. Gosto de mulheres com curvas; gentis e meigas. E inteligentes. Pois me deitar com uma mulher que depois não vai saber do que falar... Deus me livre!

— Pois eu — pilheriou Björn — dispenso essa última parte! Quero uma mulher bem caladinha. Na verdade, quero uma da qual eu só ouça a voz quando estiver gemendo de prazer na minha cama!

Os outros homens gargalharam da afirmação de Björn, que na certa iria morrer solteiro e com uma amante em cada porto.

Com os homens na sauna e as amigas entretidas com as crianças, Leila encontrou tempo para atualizar seus livros de contabilidade e sua correspondência. Já estava escuro quando um laçao veio bater à porta do gabinete.

— Entre — exclamou ela esfregando os olhos.

— Senhora, há um visitante que deseja vê-la.

— Visitante?

— Sim, senhora — o homem com as cores da casa Svenson lhe estendeu uma peça de metal — pediu-me que entregasse isso à senhora. Disse que a senhora saberia, através disso, de quem se tratava.

Leila pegou o objeto e o examinou, intrigada. E arregalou os olhos. Tentando manter o autocontrole, perguntou com voz neutra.

— Onde ele está?

— No vestíbulo, senhora.

— Mande-o entrar e feche a porta. Avise que não quero ser incomodada. São assuntos de negócios.

O laçao assentiu.

— Sim, senhora.

Menos de cinco minutos depois, uma figura baixa e coberta por um grosso manto com capuz, carregando um alforje surrado, parou no meio do gabinete. Aguardou que a porta se fechasse e que estivesse a sós com ela para só então pronunciar numa voz um pouco fanhosa e abafada.

— Com uma espada corto a cabeça da Hidra.

Leila de imediato deu a contrassenha.

— Duas nascerão em seu lugar.

A.M. Scholz ergueu a cabeça e baixou o capuz de seu manto, revelando sua face à Leila, filha de Bharakat, a nona cabeça da Sociedade da Hidra.

Esta caiu sentada sobre sua bela cadeira de couro. Espantada, balbuciou.

— Misericórdia!

CAPÍTULO 12

ASSIM MINHA MEMÓRIA REPRESENTA
QUE EU FIZ, NOS BELOS OLHOS ME ENLEVANDO,
COM QUE AMOR CATIVOU MINHA ALMA ISENTA.
A Divina Comédia, Dante Alighieri. Paraíso, canto XXIX

Uma rajada de vento frio fez com que ela se arrepiasse. Logo depois, a porta da cabana bateu às suas costas. Ulla não precisava olhar. Já sabia quem entrava. Era *ele*. O Dragão.

— O que quer? — Indagou sem se voltar.

— Já disse ontem. Quero me casar com você, Ulla.

Ela ergueu o queixo e permaneceu de costas, rígida.

— O que fez foi um golpe baixo.

— Usei das armas de que dispunha. Sabe que quero você.

— Não sei de nada. Aliás mal o conheço, senhor.

Ouviu-o bufar atrás de si.

— Pare com isso. Sei que se lembrou, Ulla.

Depois de um silêncio longo e tenso, ela capitulou.

— Sim.

— Lembrou-se de tudo.

— Lembrei.

Gilchrist adiantou-se e parou a um passo de distância de suas costas. Fitou intensamente a nuca exposta pelos cabelos trançados e presos no alto da cabeça. Imaginou-se descendo os dedos por aquela pele sedosa, deslizando a boca bem devagar ao longo da linha que saía da base de seu pescoço e se escondia por dentro da gola do *bliaut*, fazendo-a se arrepiar sob seu toque.

Ulla gemeu. E implorou num fio de voz.

— Não. Não faça isso... — arquejou — eu o sinto.

Ele se espantou e ao mesmo tempo, não. Sorriu e continuou pensando no que gostaria de fazer com ela, com seu corpo esguio e vigoroso. Imaginou-se tocando novamente a pele clara e sedosa. Com as mãos, com a boca e com seu próprio corpo, roçando-o no dela. Ela se voltou, os olhos marejados e ao mesmo tempo ávidos.

— Dragão, sabe o que diz a profecia. Sei que Gjurd lhe contou. Não poderemos ficar juntos. Por que quer sofrer? Por que quer me fazer sofrer?

Gilchrist estendeu a mão e afagou seu rosto com carinho.

— Não quero fazê-la sofrer. Quero amá-la. Como quis naquela noite e você não permitiu. — Fez uma pausa. — Por que fugiu de mim?

Ela ainda tentou uma desculpa, uma saída.

— Naquela noite você queria a Deusa, não a mulher.

— Mentira — ele deu mais um passo à frente — sabe que eu quis você. E você me drogou e fugiu.

Ulla lhe deu as costas de novo. Sua voz soou magoada, numa vã tentativa de afastá-lo de si.

— Diz que me queria e, no entanto...

As palavras ficaram no ar, aumentando sua densidade, tornando o respirar de ambos viscoso e difícil. Ele a forçou a continuar, a arrastar as palavras não ditas até a superfície.

— No entanto...?

O que ouviu foi apenas um murmúrio, e chegou a se perguntar se não teria sido o vento soprando nas frestas das janelas que o teria causado.

— Dormiu com ela.

— Sim.

Um suspiro.

— Você sempre a amou.

— Sim.

Ouviu um soluço. E um fio de voz a afirmar.

— Ainda ama.

— Não.

Os ombros dela se elevaram e depois se abaixaram de novo, num outro suspiro dolorido. Ele falou.

— Mesmo naquela noite, apesar de ser algo que desejei por anos, sabia que ela não era meu destino. Ali foi o ponto final da história. — Ele se aproximou mais e Ulla se encolheu. — Ainda nos braços de Radegund, tive a consciência de que você era meu destino, Ulla Svensdatter.

— Não, Dragão! — Ela se voltou, os olhos de safira banhados de lágrimas — serei sua perdição, sua sina, sua maldição! Não me queira como eu o quero, pois nos será cobrado um preço muito alto por isso. — Ela estendeu a mão fria e trêmula e tocou seu rosto com ternura. Deslizou os dedos sobre a pele mais clara que ficava por baixo do tapa-olho e pela cicatriz que ia até um pouco abaixo da íris verde. — Esteve por todos esses anos em meus sonhos. Conheço-o desde sempre, está em mim como estou em você. Mas sabe que não há futuro para nós.

Algo se partiu dentro dele diante daquelas palavras agourentas. Segurou-a pelos braços, devastando-a com a intensidade de seus estranhos olhos, que ele desvendara apenas para ela.

— Não quero o futuro, nem tampouco o passado, mulher — ele a puxou para mais perto, envolvendo-a em seu abraço, impedindo-a de fugir dele ou de seus olhos. Segurou-a pela nuca com uma das mãos e falou — quero o presente, o agora. Quero você, Ulla.

Ela não teve chance de argumentar. A boca de Gilchrist cobriu a dela com uma fome ancestral, com um desejo que ameaçava consumir seu corpo, seu coração e sua alma. Ela simplesmente gemeu e capitulou, deixando que ele a invadisse com a língua, que passeasse as mãos por seu corpo com ansiedade, que mergulhasse os dedos longos em seus cabelos, desmanchando o coque e as tranças.

Afastando-a um pouco, ele a encarou, seu olhar queimando-a, revirando-a por dentro.

— Eu a quero, Ulla. — Sua mão segurou seu rosto, o polegar brincando com seus lábios entreabertos — quero-a para mim. Não a sacerdotisa, a feiticeira, ou a face da Deusa. Quero você, Ulla, a mulher. — Ele a puxou mais para perto, deixando-a sentir toda a extensão de seu desejo. Com a boca colada em seus lábios, murmurou. — Deixe-me ser, ainda que por um curto espaço de tempo, seu homem, seu amante e seu marido. Entregue-se a mim Ulla. E eu me entregarei a você.

— E o futuro, Dragão? — Ela ainda conseguiu murmurar.

— Será o resultado das nossas escolhas no presente. — Fitou-a intensamente, parecendo desnudar sua alma. — Case-se comigo.

Após um longo silêncio, a resposta veio num sussurro.

— Sim.

Gilchrist sentiu o coração disparar. Seus olhos mergulharam nos de Ulla, perdendo-se naquele azul-escuro e profundo. A mão desceu por seu pescoço e seu ombro, percorrendo a pele com lentidão, deixando um rastro incendiário por onde passava.

Ulla inspirou profundamente. Os seios se moveram dentro do decote, atraindo o olhar fascinado do Dragão. Os dedos subiram pelo pescoço dela e depois desceram novamente, tocando-a no vale entre os seios, fazendo com que os mamilos se transformassem em duas marcas endurecidas contra o tecido da roupa.

— Não faça isso... — ela ainda implorou. Se ele dormisse com ela, se entregasse a ele sua virgindade... oh, mas era tão bom ser tocada por ele! Era tão sublime, tão certo. Deuses! Ela havia esperado a vida toda por aquele toque, por aquelas mãos gentis que afastavam o tecido de seu colo, expondo-o. Tinha esperado a vida toda pelos beijos cálidos que iam sendo espalhados por seu pescoço e seu rosto.

— Ulla, — ele murmurou de encontro a sua boca — eu a quero agora. Preciso de você. Não esperarei até depois de uma cerimônia quando, diante do altar da Deusa, celebramos a união de nossas almas. — Ele se afastou um pouco dela e

afirmou claramente o que queria, fazendo com que um arrepio a percorresse de cima a baixo. — Vou ter você, Ulla. Hoje, agora. Vou possuí-la como deveria ter feito naquela noite. Vou terminar o que comecei e a terei como minha mulher, minha amante e minha consorte.

Ciente de que aquilo selava o destino deles e de que nada poderia fazer para voltar atrás, ela assentiu com a cabeça. Ofereceu-lhe os lábios novamente, fazendo uma prece mental aos deuses para que se apiedassem de seu sofrimento e salvassem seu amor daquela sina.

Gilchrist apoderou-se de sua boca e invadiu-a como um conquistador, expondo ali sua verdadeira personalidade, quem ele realmente era, livre de toda a polidez e toda civilidade. Fluiu para ela como um rio caudaloso e indômito, agarrou-a como um dos seus ancestrais bárbaros, arrastou-a naquela avalanche de emoções intensas.

Muitas vezes em sua vida ele teve ímpetos de se libertar. De deixar fugir aquela força primitiva que por tanto tempo manteve acorrentada. Entendia agora que o que sentira por Radegund no passado nada mais havia sido do que o fruto daquela retidão auto imposta. Muitas vezes ele a cobiçara, atraído por aquele seu ímpeto furioso, inconscientemente invejoso daquela força primordial que a movia dentro e fora da guerra. E enquanto ela despejava aquele fogo pelo mundo, ele se ocupava hipocritamente de abafar o seu. Até que Ulla cruzou seu caminho e ele se tornou incapaz de continuar mantendo atada a fera que dormia dentro dele.

Ulla sabia que com ela o Dragão não se ocultava. Com ela, ele se mostrava como era de verdade. Expunha a força primitiva e mágica que só os escolhidos traziam em si. Ela chegava a sentir a vibração do ar em torno deles, como se suas bocas soltassem faíscas ao praticamente se devorarem. Suas línguas se digladiaram, uma tentando roubar o terreno da outra. As mãos impacientes puxaram suas roupas para baixo, desnudando-a em instantes. Empurrou-a devagar até que a deitasse na cama que ficava num dos cantos do chalé. Inclinou-se sobre ela e falou.

— Tentarei ser paciente — beijou-a lentamente, fazendo com que se sentisse flutuando — mas desde já eu a aviso que minha fome por você me enlouquece e me consome, Ulla. Tocar você só alimenta meu desejo!

Ela passou as mãos por trás de seu pescoço e o trouxe para perto, tendo-o sobre seu corpo ainda parcialmente vestido.

— Sei o que sente, eu também sinto. É um querer que parece que nunca será satisfeito.

— Ah, Ulla! — Sua voz saiu num grunhido que continha um toque de impaciência. As mãos dele a tocavam com avidez, explorando o corpo macio e a

pele muito clara.

Afastando-se um pouco, Gilchrist acabou de arrancar as próprias roupas, expondo-se ao olhar dela. Notando que ela observava seu membro ereto, tranquilizou-a.

— Não tema — ajoelhou-se na cama e inclinou-se sobre o corpo adorável, afagando os seios — não vou machucar você.

Ela suspirou ao sentir os dedos roçando em um dos mamilos sensíveis.

— Eu sei... — ela mordeu o lábio quando ele lambeu um dos bicos rosados — mas é que você me parece...

Ele ergueu o rosto e deu-lhe um de seus raros sorrisos.

— Sim?

— Bem, um tanto... — ela corou de maneira adorável e ele roçou seu membro entre suas coxas, fazendo-a estremecer — ah, assim não consigo nem dizer nada!

— Não diga — lambeu o lábio inferior — você fala demais.

Ulla indignou-se e quis sair debaixo dele.

— Ora, seu...

Ele a prendeu contra a cama, segurando-lhe os punhos.

— Sabe quantas vezes naquela viagem pensei em silenciá-la com um beijo? — Ato contínuo, calou-a com os lábios e com a língua, exigindo nada menos do que a completa rendição. Ulla sucumbiu àquele beijo, abrindo não só os lábios como também o coração e a alma para o Dragão.

Sentindo-a estremecer, Gilchrist afastou suas pernas devagar. Com uma das mãos tocou-a no centro de sua feminilidade, massageando-a com os dedos de forma insistente e delicada, até que ela despejasse em sua boca todos os seus gemidos e suspiros. Deixou-a lânguida, tomada por uma umidade quente e escorregadia.

— Ulla — ele tocou seu rosto com ternura e avisou-a — vou tentar não machucar você. Mas sei que para as mulheres a primeira vez pode trazer desconforto. Tudo bem?

Ela o abraçou e sorriu.

— Sei que jamais me machucaria e sei também que pode doer um pouco, — beijou-o com abandono — estou pronta para ser sua, — seus olhos escureceram ainda mais — e que assim seja.

Ele compreendeu que ela se referia à profecia.

— Que assim seja.

Afastando um pouco mais suas coxas, ele se colocou à entrada de seu corpo, empurrando devagar, tentando romper a barreira que o impedia de mergulhar totalmente na mulher que os deuses haviam mandado para ele.

Ulla mordeu o lábio ao senti-lo pressionar a delicada membrana que atestava sua castidade. Tentou não se sentir tensa, não ter medo.

— Terei cuidado — sussurrou ele lutando para não mergulhar de uma vez dentro dela. Forçou mais um pouco e Ulla gemeu — calma querida...

— Por favor, — ela gemeu e o abraçou com força — acabe logo com isso.

Respirando fundo, ele tomou um impulso mais profundo e rompeu seu hímen, mergulhando em seu corpo quase que por completo. Ulla gritou e ele a beijou com ardor, parando de se mover, mas sem, no entanto, sair de dentro dela. Céus! Se a deixasse agora, morreria.

Percebendo-a relaxar, ele começou a investir mais profundamente dentro dela, sentindo-se tragado para um redemoinho de sensações que jamais imaginou sentir ao fazer amor com uma mulher. Era como se fosse um garanhão selvagem solto nas colinas de sua terra. Parecia sentir dentro de si o mar, o vento, o sol, a vida.

— Pelos Deuses, Ulla! — Ele olhou em seus olhos, espantado. — Eu...

— Sim, Dragão! — Ela agarrou seus cabelos e juntou sua boca à dele. — Eu também sinto. É mágico!

Ela sentia sua força, todo o seu poder. Sentia aquilo que ele mesmo desconhecia. Ele estava lá, dentro dele. Adormecido e pronto para despertar. E naquele momento de entrega, ela o vislumbrava. Parecia que veria sua cauda azulada balançando preguiçosa em torno deles. Talvez enxergasse, a qualquer instante, por trás das costas de seu amor, aquelas imensas asas negras que a protegeram do Mal, que a acolheram e que a tornaram dele mesmo antes que o conhecesse de verdade. Não havia remédio. Ela era dele. A dádiva do Dragão.

Sentia também seu corpo sólido se movendo sobre o dela. O calor dele, os pelos de seu corpo que roçavam em sua pele. Sentia a virilidade que abria caminho dentro dela, preenchendo-a completamente, forçando seu corpo a ceder sob o poder de sua conquista e, ao mesmo tempo, pedindo ternamente que o recebesse.

Ele sugou um seio devagar enquanto a puxava pelos quadris, indo mais fundo dentro dela, querendo se perder totalmente em Ulla, na mulher que era dele desde o início dos tempos.

— Dragão! — Ela gemeu e o enlaçou com as pernas, enlouquecendo-o.

Não havia mais para onde ir, não era possível estar mais ainda dentro dela. No entanto, para ele, era como se não bastasse. Queria mais; queria vencer os deuses, os demônios, as profecias. Queria Ulla.

— É minha Ulla! — Ele gritou à beira do êxtase.

— Sim!

— Ninguém vai separar você de mim! — Ele a beijou e investiu mais fundo,

arrancando-lhe um soluço. — Não há deus, demônio ou sina capaz disso — beijou-a e mergulhou de novo em seu corpo — nesta ou em outra vida qualquer, será minha para sempre.

— Ah, Dragão! Serei sua pela eternidade — ela o abraçou, sentindo uma força enorme arrebatando dentro de si, fazendo-a gritar por ele, querendo mais dele — pertença a você, Dragão.

Gilchrist apertou-a mais ainda em seus braços, sentindo-a vibrar. O êxtase dos dois eclodiu simultaneamente em espasmos e tremores intensos. E enquanto seu corpo se desfazia em mil pedaços, derramando dentro dela sua semente, ele se esvaía em sua boca, despejando ali seus gemidos e sussurros e o nome da mulher que ele realmente amava.

— Ulla...

Pasma. Estarrecida. Revoltada. Chocada.

Todas essas emoções se alternaram dentro de Leila no instante em que ela viu quem era realmente A. M. Scholz. Por tudo o que era mais sagrado! O que a Sociedade tinha em mente ao colocar aquele fardo sobre os ombros daquela pessoa? A que vida miserável, de medo e fuga, eles tinham condenado aquela criatura?

Uma menina! Ela não era mais do que uma menina! Tão, ou mais jovem do que ela mesma era quando seu pai morreu e toda sua vida foi virada de pernas para o ar.

— Senhora — a voz doce, falando num francês carregado com o acento saxão, trouxe Leila de volta ao presente — está se sentindo bem?

— Não. Sim... — sacudiu a cabeça — desculpe-me, Scholz, — apontou uma cadeira — sente-se, por favor.

A jovem se sentou graciosamente, colocando o alforje no chão, ao lado de suas pernas e ao alcance de suas mãos. Ficou na beirada da cadeira, embora, à primeira vista, parecesse relaxada. No entanto, Leila não pode deixar de notar que, ao se sentar, ela escolhera exatamente a cadeira que ficava de costas para uma parede e de frente para a porta. Precaução. Medo. Tensão.

Deu a volta no sofá, encaminhando-se para a cadeira à frente dela. Aproveitou para observá-la.

Era de baixa estatura, pouca coisa mais alta do que ela mesma e tinha a pele muito clara. Não era o que se consideraria esbelta. Tinha as formas voluptuosas, mas bem distribuídas por sua altura. Como a jovem deixou o manto cair às costas, foi possível notar o busto farto, que faria a alegria de muitos rapazes, contido num corpete justo. Os cabelos, castanhos e lisos, estavam presos em duas grossas tranças atadas nas laterais da cabeça. Os olhos castanhos a

observavam tanto quanto ela o fazia. Possuíam um brilho perspicaz e inteligente. E pareciam pertencer a uma pessoa mais velha. O rosto era bonito e delicado. O nariz, em outra pessoa, talvez fosse considerado grande demais. Em seu rosto, no entanto, harmonizava-se perfeitamente com seus traços saxões. A agente Scholz falou com voz doce, entre uma fungada e outra de seu nariz avermelhado.

— Todos me olham assim, senhora Leila. Sou sempre uma surpresa — deu uma risada, levando a mão à frente da boca num gesto que denotava certa timidez. — Sempre esperam que Scholz seja um homem!

— Confesso que realmente pensei assim.

— É proposital. A Ordem do Templo também pensa dessa forma. Talvez por isso ainda não tenham me apanhado. — Ela deu outra risada. — Também me espantei com a senhora.

Leila sorriu suavemente.

— Por quê?

— Achei que fosse encontrar uma mulher mais velha.

— Completei vinte e cinco anos. Não sou tão jovem assim. Você, no entanto...

— Fiz dezessete e carrego os arquivos comigo desde que era uma menina.

Leila arregalou os olhos e apontou para os alforjes.

— Aí? Com você!

Scholz riu com vontade dessa vez.

— Não! Aqui são minhas coisas e algumas... ferramentas. — Não esclareceu a que tipo de ferramentas se referia. — Os arquivos estão aqui — cutucou a própria testa com o indicador — em minha mente.

— Quer me dizer que decorou uma vastidão de informações da Sociedade? Mas se a pegarem...

— Não senhora. Não compreendeu, — a moça se levantou e se aproximou de Leila — as informações estão guardadas aqui — apontou de novo a própria cabeça — mas não tenho acesso a elas. Só com a chave será possível acessá-las. E eu não tenho acesso à chave.

— Não?

Scholz deu outra risada. Será que aquela moça só fazia rir?

— Não! Como posso ler algo que está desenhado em minhas costas? Além disso, mesmo que me apanhassem e vissem o desenho, ainda assim seria necessária a chave que torna o código escrito nela compreensível.

— Céus! — Exclamou Leila tomando as mãos dela nas suas. — É tudo muito engenhoso! Como se envolveu nisso?

— Meu pai era um posto de controle da Sociedade. Fomos procurados, pois ele era um especialista em códigos; ele foi o responsável por criar várias cifras e

chaves para a Sociedade. Os arquivos foram a sua maior criação.

— Mas por que ele usou a própria filha?

— Eu me orgulho de ter sido objeto de sua confiança senhora. — Scholz caminhou pelo aposento. — Além disso — ela se voltou de novo para Leila — quem suspeitaria de uma inocente menina?

Fazia sentido. E ainda assim, era tão cruel!

— Sei o que pensa — prosseguiu a jovem — sei também que servi como uma garantia contra uma eventual onda de ambição que pudesse acometer meu pai e que o fizesse vender os segredos da Sociedade para o inimigo. Sou o maior tesouro da Sociedade da Hidra — sua voz desceu um tom e houve nela um discreto toque de amargura — e uma refém dela.

— Sinto muito. — Leila se levantou. — Porém, penso que, por enquanto, é melhor que se instale e repouse. — Ao ouvir uma nova fungadela entre muitas, Leila indagou. — Está doente?

— Tive uma febre na primavera e ainda não fiquei totalmente boa.

A esposa de Ragnar passou um braço por seus ombros e disse.

— Pois então vou acomodá-la e depois preparar um chá medicinal. Assim que comer alguma coisa, vai tomá-lo e descansar. — Scholz ia retrucar, mas ela não deixou. — Esqueça a Sociedade por hora. Precisa se refazer. Sei que viajou durante meses. Além disso, há outro homem da Sociedade aqui, um Emissário chamado al-Bakkar. E também uma das antigas agentes de Ibelin que nos apoia. Mais tarde nos reuniremos todos aqui no gabinete.

A moça assentiu e Leila já ia abrindo a porta quando parou o gesto na metade e fitou a moça, indagando.

— A propósito, qual é o seu nome?

— Anne, — ela deu mais um sorriso — eu me chamo Anne Marie.

Hrolf voltou do chalé de Ulla e foi direto para sua cabana. Sua intenção era apanhar roupas limpas e ir se juntar aos homens na sauna para uma noite divertida regada a conversas, pilhérias e generosas doses de *akevitt*.

Agora, no entanto, de pé dentro de sua casa, todos os seus instintos estavam em alerta. Os cabelos da nuca eriçaram-se e seus olhos claros estreitaram-se tais quais os de um lobo acuado. As narinas captaram um cheiro tênue, porém estranho ao seu ambiente.

Alguém estivera em sua casa. Não estava mais ali, mas ele captou o cheiro no ar. Diferente, tenso. Amedrontado e excitado.

Ele estranhava algumas vezes a própria capacidade de captar os odores e identificá-los como faria um animal. Isso havia lhe rendido a alcunha de melhor rastreador da Noruega, fazendo-o atravessar todo o reino em suas missões. Ulla

certamente lhe diria que ele possuía *O Dom*. Ele até concordava. Contudo, não se prendia a isso. Atribuía aquela capacidade ao seu contato estreito com a natureza selvagem e instigante da sua terra, com a qual se relacionava desde que se entendia por gente. Seu pai e seu avô tinham sido rastreadores como ele. Havia em sua família uma longa linhagem de homens com aquela capacidade. Na verdade, Ulla foi a primeira mulher que ele conheceu com o mesmo talento.

Agora, parado em sua sala, ele agradecia aos deuses por aquela habilidade e se perguntava quem diabos poderia ter entrado ali. E com que intenção? Não tinha nada que valesse a pena ser roubado. Seu ouro ficava guardado num dos cofres do castelo. Suas armas de caça ficavam bem escondidas num depósito sob o chão, cujo alçapão, ele notou, não chegou a ser aberto. Andando devagar pela casa, Hrolf examinou cada detalhe sem tocar em nada. Depois de alguns minutos, deduziu o objetivo de quem estivera ali. Comida e calor.

Um saco de farinha havia sumido, bem como um de grãos. Uma das mantas de pele também tinha desaparecido. Fosse quem fosse, estava escondido em algum lugar da floresta. E agora, com a caça escasseando e o recrudescimento do frio, via-se em dificuldades. Entretanto, ele se perguntou, o que diabos alguém faria acampado na floresta às portas do inverno? Quais seriam suas intenções? Apanhando suas armas, Hrolf desistiu da sauna e saiu para o frio e a escuridão lá de fora.

— Hora de caçar, Hrolf Brosa.

Dentro da sauna a conversa regada por *akevitt* prosseguia animada. Ragnar, já completamente molhado de suor, ergueu-se e indagou a Björn, que saíra e voltara algum tempo depois.

— Abriu o buraco?

— Bem aqui em frente — sorriu o capitão — é uma corrida curta, para aliviar o lado dos novatos. Deixei uns archotes acesos para vermos onde pisamos.

— Buraco? Corrida? — Quis saber Mark, sentindo-se já um pouco zozinho pela quantidade de aguardente que havia tomado — do que diabos está falando?

— Ora — respondeu Einar, no lugar de seu irmão — da outra tradição da sauna. O mergulho no lago!

— O quê? — Berrou Aswad que, apesar de não ter bebido, estava quase cochilando.

— Vamos, homens! — Chamou Björn. — Nenhuma sauna é completa se não mergulharmos nus no lago gelado! Depois, voltamos para cá, nos secamos e nos vestimos!

— E ficamos revigorados! — Piscou Ragnar. — Cairei direto nos braços de minha mulher! Afinal, a sauna e o mergulho nos deixam para lá de dispostos!

Sua risada grave ecoou um instante antes de Einar abrir a porta e passar para a sala que servia de vestiário. A porta externa foi então aberta e com um sorriso, o mais novo dos Svenson incitou-os.

— Vamos!

Dito isso, saiu desembestado, berrando nu pela neve como um louco, no que foi seguido pelos seus irmãos. Aswad e Mark entreolharam-se diante da realidade de sair do calor infernal da sauna para saltar num lago que devia estar congelando. O beduíno, ao ouvir os gritos selvagens dos irmãos noruegueses e o impacto do primeiro deles ao cair na água, comentou com o mestiço.

— Vê, Mahkim? Depois eles nos chamam de bárbaros infiéis!

— Bem, seja como for — respondeu ele, maroto — se nos deixa dispostos para o amor, por que não?

Saiu correndo e berrando também, no que foi seguido por um resignado Aswad. Os três irmãos já estavam todos dentro da água, gritando e tentando um afundar o outro quando os dois novatos pularam no lago.

— Minha nossa! — Berrou Mark ao emergir. — Isso faz o sangue correr mais rápido!

— Sim! — Rebateu Ragnar. — Mas vamos sair logo. Muito tempo aqui dentro vai realmente nos congelar.

Os cinco nadaram para a borda e, animados, voltaram à cabana para se secarem e se vestirem.

No alto de uma das torres, Terrwyn entretinha-se com um livro e com o sossego que conseguiu longe do espevitado grupo de crianças. Foi quando ouviu o primeiro grito.

Num salto, aproximou-se da janela envidraçada, um testemunho da riqueza dos Svenson, a tempo de ver passar o belo traseiro de Einar iluminado pelos archotes. Ele foi o primeiro dos irmãos saltar no gelo fino que cobria o lago.

— Minha nossa!

Interessada, ela abriu a janela e se esticou para o lado de fora, somente para ver Ragnar e Björn correndo e gritando como dois lunáticos. Apesar de serem quase idênticos, o marido de Leila era maior e mais forte. O Capitão, porém, foi quem mais chamou a atenção dela.

Apesar do vento frio, Terrwyn sentiu as faces quentes ao vê-lo nu e glorioso correndo para o lago. Do alto da cabeça loura às pontas dos enormes pés ele era maravilhoso! E que traseiro! Como seria o resto?

— Diabos! — Ela resmungou e rogou, falando consigo mesma. — Vire de frente, vire de frente...

Parecendo atender àquele seu pedido, ele se voltou parcialmente para trás,

berrando alguma coisa na direção de uma casa de pedras. Terrwyn pôde ver de relance seu tórax nu e suado, brilhando sob a luz dos archotes. O abdome musculoso provocou um calor enorme e o que viu mais abaixo...

— Epa! — Ela teve que se segurar, pois quase caiu da janela. — Capitão! Uau!

Suando, ela recuou bem na hora em que viu seu irmão e o beduíno aparecerem, correndo e gritando também, no caminho para o lago.

— Vai que Mark me vê aqui! — Resmungou. Depois, reassumiu seu posto de forma mais discreta, apagando as velas. Foi recompensada com a imagem do Capitão emergindo lago, exibindo todo o esplendor de sua nudez que, mesmo àquela distância, impressionava. Deliciada e curiosa, acompanhou a visão, ignorando os outros homens, até que ele entrasse de novo na cabana.

— Agora sei porque o capitão Svenson tem tantas mulheres...

Enquanto se secavam e se vestiam na sauna, Mark se aproximou de Aswad, ansioso por sanar uma dúvida.

— Aswad?

— Fale, Mahkim — disse o outro, calçando as botas. — Está sério. O que houve?

— Estive pensando — ele se sentou e começou a se calçar também — como ficou sabendo sobre Trudy? Quem lhe contou?

O olhar do beduíno se tornou triste e sua voz transmitiu uma nota de amargura.

— Maldito o dia em que dei ouvidos àquilo. Se ao menos tivesse esfriado a cabeça e falado com Trudy... — Ele balançou a cabeça desolado. — Fui tão orgulhoso e egoísta! Sequer ouvi minha mulher! E agora, ela não quer nem olhar para mim!

— Tem razão. Mas quem lhe falou sobre o passado dela?

— O menino.

Mark gelou.

— Gaetain?

— Não. Não o seu filho. Aquele que é bem quieto, — o mestiço franziu o cenho. Aswad completou — Jean.

CAPÍTULO 13

“QUANDO OS DIABOS QUEREM DAR CORPOS AOS MAIS NEFANDOS CRIMES,
CELESTIAL APARÊNCIA LHES EMPRESTAM”
Otelo, o mouro de Veneza. Ato II, cena 3. William Shakespeare

— Clair?

Radegund chamou a prima da porta do aposento.

— Entre, querida — Clarisse esticou-se sobre a cama e colocou as mãos nas costas — estava costurando algumas roupinhas.

A ruiva caminhou até a beira da cama e se sentou, olhando as peças diminutas espalhadas sobre o colchão.

— São lindas! — Examinou as camisolinhas com cuidado. — Será que é uma menina?

Clarisse sorriu com as mãos sobre o ventre.

— Seria bom, não é mesmo? Seria uma companheira para Lizzie. E os meninos iriam amar ter uma irmãzinha!

Radegund ergueu uma sobrancelha.

— E seu marido iria mimá-la absurdamente. Além de se morder de ciúmes a cada rapaz que se aproximasse dela.

— Sem dúvida!

A ruiva pegou as mãos da prima e disse com sinceridade.

— Não sabe o quanto fico feliz por vocês dois. Vê-los assim, tão felizes, tão satisfeitos, compensa tudo o que passamos.

Clarisse olhou-a nos olhos; a prima que ressurgira dos mortos, trazendo não só alegria para sua vida, como também Mark para o seu coração. Preocupava-se tanto com Radegund! Com a tristeza que via em seu olhar e com a fúria selvagem que ela abrigava em seu coração. Era como se estivesse morta por dentro.

— E você, querida?

— O que tem eu?

— É tão jovem, Radegund. Tem tanta vida pela frente! Sei que amou Luc profundamente, mas deve tentar reconstruir sua vida. É muito ruim ficar só!

A ruiva soltou suas mãos e pôs-se a andar pelo quarto. Sua voz soou amarga.

— Não me sinto jovem, Clair. Nem viva — fitou a prima intensamente — apenas sobrevivo. E se não fosse por Lizzie... — ela não concluiu a frase. Apenas apoiou-se no largo parapeito da janela e ficou olhando a escuridão além dos vidros fechados e das venezianas abertas. — Minha vida — recomeçou — é uma história de dor e desesperança. O único raio de sol que a iluminou se apagou quando Luc morreu. Mesmo amando minha filha e me dedicando a Terrwyn, não sinto mais vontade de viver.

— Radegund — Clarisse se levantou da cama e puxou-a pelo braço, erguendo o rosto para encará-la — não repita isso! — Abraçou a prima. — Não fale uma coisa dessas! Tenho medo só de pensar que algo possa lhe acontecer. Tem muito ainda o que viver!

Comovida, Radegund a envolveu num abraço, tranquilizando-a.

— Esqueça as palavras desta sua prima rabugenta e mal-humorada. — Fez Clarisse olhar de novo para si. — Vamos falar de vida. E de seu bebê. Que seja uma lourinha espevitada e que dê muito trabalho àquele meu amigo convencido!

Com um sorriso, Clarisse assentiu. Mas não pôde evitar o frio que lhe percorreu a espinha. Se algo acontecesse a Radegund, ela não suportaria. E Mark... seu marido simplesmente morreria.

Anne foi conduzida por Leila até o salão, onde lhe foi servido um chá quente com os famosos bolos de mel feitos por Ulla. Depois que a moça se alimentou, Leila chamou.

— Vou levá-la até seus aposentos. — Foram subindo as escadas, lado a lado. — Daqui a pouco os criados subirão com uma tina para seu banho.

— Oh, muito obrigada, senhora!

— Leila, apenas Leila, Anne.

— Está certo... Leila.

As duas foram caminhando pelo corredor quando uma jovem de cabelos claros apareceu numa das portas.

— Senhora?

— Frida, o que foi?

— Lars está choramingando e dizendo que está com dor de barriga. Poderia vir vê-lo?

Hesitando por apenas um segundo, Leila falou.

— Anne, incomoda-se de seguir sozinha?

— Claro que não.

— Seu quarto fica no fim do corredor. — A morena caminhou na direção dos aposentos das crianças, dizendo por sobre o ombro. — É a porta da direita.

Anne assentiu com um sorriso e caminhou pelo corredor até chegar à porta do aposento. Cansada e distraída, não se deu conta de que entrava no aposento à esquerda, e não à direita. Entrou e fechou a porta sem trancá-la já que em breve os criados trariam a tina para que ela se banhasse.

Achou o quarto muito agradável, embora a decoração fosse simples, quase espartana. Havia uma cama grande, adequada para alguém de boa estatura. Junto a ela estavam alguns baús e nos dois lados da cabeceira foram colocadas duas mesinhas com velas. No chão estavam estendidos tapetes macios, alguns persas

e outros feitos de peles. O aposento, no geral, era confortável, amplo e limpo. E também aquecido.

Anne procurou por seu alforje, que um criado havia se encarregado de trazer para cima, mas não o encontrou. Onde o teriam colocado? Deu a volta num biombo e também não o achou por lá. Deu de ombros. Na certa o trariam quando chegassem com a tina.

Resolvendo se adiantar, começou a se despir atrás do biombo, pendurando as roupas sujas de viagem sobre ele. Retirou a última peça e ouviu a porta se abrir. Imaginando que eram os criados trazendo a tina, olhou em volta à procura de uma toalha ou de um robe para se enrolar.

— Ora... — não achou nenhum.

Acabou solucionando seu problema com a própria camisa íntima, segurando-a à frente do corpo. Tentou ouvir o som da tina sendo enchida com água, mas não captou nada. Ora, os criados de Svenhalla eram mesmo silenciosos! Ficou esperando até que alguém a avisasse de que o banho estava pronto. Porém, só ouviu a porta se fechando. Dando de ombros, Anne saiu detrás do biombo. E quase morreu de susto, deixando a camisa cair no chão.

De pé no centro do aposento, um belo rapaz de cabelos castanho claros úmidos, semidespido, olhava-a tão espantado quanto ela estava assustada.

Einar achou que andava sonhando demais. Ou que as leituras de Ovídio ³⁸ e Safo ³⁹ estavam exaltando sua imaginação ao extremo. Ou seria tudo um efeito das doses generosas de *akevitt* que consumiu na sauna?

Pelos deuses! Ali estava materializado o seu ideal de mulher! Deliciosa, voluptuosa, sensual. E ao mesmo tempo, meiga, delicada e tímida. Estava tão emocionado, tão estarrecido com aquele encontro inusitado no meio de seu quarto, que à sua mente veio uma poesia da famosa Vênus de Lesbos.

Automaticamente, ele a recitou, diante de uma pasma e nua agente Scholz.

*”Mal te vejo
o coração se agita no meu peito,
do fundo da garganta já não sai
a minha voz”*

Amante dos clássicos tanto quanto Einar, e aturdida pela situação em que se encontrava, ela recitou a outra parte do poema de Safo, que brotou de seus lábios naturalmente.

*”A língua como que se parte, corre
um tênue fogo sob a minha pele,*

*os olhos deixam de enxergar, os meus
ouvidos zumbem,
e banho-me de suor, e tremo toda,
e logo fico verde como as ervas,
e pouco falta para que eu não morra
ou enlouqueça.”*

Einar engoliu em seco e colocou a túnica que ainda segurava nas mãos à frente do corpo, para que a moça não notasse o quanto ele estava excitado. Fato que estava mais do que evidente, mesmo através da lã de sua calça. Num sussurro, perguntou.

— Não tem medo de se resfriar assim, bela dama?

Sentindo as faces arderem de vergonha, pois só então se lembrou de que estava completamente nua diante do estranho, ela catou a camisa do chão e correu para trás do biombo, permitindo a Einar uma visão de suas nádegas e do grande desenho em suas costas.

Mark entrou no vestíbulo de Svenhalla absolutamente tenso após o que Aswad havia lhe dito. Por que diabos o quieto e apagado Jean teria contado ao beduíno sobre o passado de Trudy? Seriam ciúmes, já que ele sempre fora muito próximo da moça? Ou teria sido apenas maldade? De qualquer forma, ele chamaria o garoto para uma conversa após o jantar.

Despedindo-se de Ragnar e de Aswad, ele subiu as escadas para seus aposentos. Lá encontrou Clarisse, já se arrumando para descer. Imediatamente a tensão se dissipou diante da visão de sua esposa grávida. Ela estava linda! Abraçou-a com carinho e deu-lhe um beijo caloroso.

— Como passou a tarde, querida?

— Bem — ela sentiu o sabor da *akevitt* nos lábios e brincou, fingindo zanga — e o senhor meu marido, pelo jeito, andou farreando com os rapazes!

— Aqueles malucos, — ele sorriu e esfregou o nariz na curva de seu pescoço — quase me cozinham e depois me matam congelado.

Ele contou a Clarisse sua experiência na sauna e ela riu, divertida.

— Depois que o bebê nascer, vou querer experimentar esta tradição norueguesa.

— Sabe em que pensei? — Indagou ele com um olhar malicioso.

— Hum, em quê?

— Nas inúmeras possibilidades que uma sauna como aquela pode nos oferecer — beijou-a de novo e acariciou-lhe as costas — com todo aquele calor — brincou com um seio — nossos corpos suados...

— Mark! — Ela deu uma risada quando ele lhe fez cócegas. — O jantar! Marit nos aguarda.

Suspirando desolado, ele ainda mordiscou sua orelha.

— Sim, senhora minha esposa, — piscou-lhe um olho — embora eu preferisse dedicar-me a outro tipo de banquete.

— Nem tudo está perdido. — Ela se afastou e lhe atirou um beijo. — Comporte-se e ainda pode ter a sobremesa.

Sorrindo, ele foi se arrumar para a refeição.

Leila, depois de cuidar de seu filho, foi ao encontro de Anne. Estranhou encontrar apenas a tina cheia de água fumegante no meio do aposento e o alforje encostado num canto.

— Ora, onde Scholz se meteu? — Resmungou ela.

Uma intuição repentina levou-a ao meio do corredor e, com dois passos, parou à porta do quarto de seu cunhado, dando três batidas na madeira.

— Einar?

Arrancado de sua contemplação pelas batidas na porta e pela voz de sua cunhada, ele balbuciou, sem tirar os olhos do biombo atrás do qual a bela jovem que recitava Safo desapareceu.

— Entre...

Ao encontrar seu cunhado em estado quase catatônico no meio do aposento, e ao ver as roupas femininas dependuradas no biombo, Leila percebeu que intuía corretamente a trapalhada da moça.

— Oh, Einar, perdoe-me! Não pude acompanhar Anne e ela acabou errando de cômodo!

Ele fitou Leila, embasbacado.

— Anne?

Uma voz gritou de trás do biombo.

— Eu! — Seu rosto vermelho apareceu num dos lados da armação de madeira e tecido. — Este senhor entrou em meus aposentos, Leila!

A sarracena sorriu.

— Na verdade querida, *você* entrou nos aposentos *dele* !

A boca rosada desenhou um gracioso “oh!” mudo e a jovem se refugiou de novo atrás do biombo. Einar, por sua vez, comentou.

— Confesso que eu não fiquei nem um pouco aborrecido, senhorita.

— Einar! — Ralhou Leila. — Comporte-se!

Ele lhe deu um sorriso maroto, bem parecido com o de seu irmão mais velho e mais sem vergonha, Björn.

— Desculpe, Leila. Mas não é todo dia em que sou presenteado com uma

visão tão... tão...

— Veja lá o que o senhor vai falar! — Berrou Anne detrás do biombo.

— Ora, Einar! — Leila ralhou, tocando o cunhado para fora do aposento. — Saia e deixe a moça se colocar apresentável. Depois que ela se retirar, você volta.

Ele obedeceu, mas ainda cochichou à Leila da porta do aposento.

— Mais apresentável do que eu a vi é impossível, cunhada!

Após levar um tapa de Leila, ele achou melhor sair de cena. E o fez assoviando pelas escadas de serviço, indo em direção à biblioteca.

Depois de tudo organizado, os visitantes, bem como os moradores de Svenhalla desceram para o jantar. Para satisfação de Marit, a refeição correu em paz. Apesar dos olhares atravessados de Radegund na direção de Aswad, e da esposa dele deliberadamente o ignorar. A ausência de Ulla e Gilchrist foi sentida. Os comentários a respeito, no entanto, foram suprimidos de maneira eficiente por um olhar de Marit à primeira gracinha lançada por Björn.

Anne foi apresentada a todos como filha de um dos contatos comerciais de Leila. Esta, no entanto, fez um sinal a Mark que entendeu se tratar de um assunto da Sociedade e que seria discutido mais tarde, em particular. Ele suspirou desanimado, pois na certa ficaria retido por horas com aquilo, além é claro, de ter ainda que esclarecer a história de Aswad e Trudy com Jean.

“*Lá se vai a sobremesa...*”, pensou ele, lançando um sorriso para sua bela Clarisse.

Brunswick, Império Germânico

Chrétien D’Arcy mergulhou novamente no corpo voluptuoso de sua parceira, uma enfadada dama casada com um burguês. Abrira mão do trabalho por aquela noite apenas para relaxar. Fazia meses que andava em círculos atrás do escorregadio agente Scholz e já estava se sentindo mais do que irritado.

Os contatos da Ordem pareciam estar sempre um passo atrás de Scholz e ele, consequentemente, estava sempre sentindo sua presa deslizar entre seus dedos.

— Hum — gemeu a mulher sob ele — é um verdadeiro garanhão *sire*...

Chrétien mordeu um seio branco e opulento, arrancando-lhe um gritinho, enquanto impulsionava-se para dentro dela.

— Sou sim, meu bem — ele foi mais fundo e a mulher arquejou — e garanto deixar você muito mais do que satisfeita esta noite.

Suados e ofegantes, prosseguiram naquela espécie de batalha campal, até que batidas insistentes na porta do quarto da hospedaria acabaram por interrompê-

los.

— Espera alguém, meu caro?

Chrétien sorriu, cínico.

— Só se for seu marido atrás de você.

A loura fez beicinho quando ele saiu de dentro dela e ergueu-se da cama, indo atender a porta enrolado num lençol. Ela o escutou murmurar alguma coisa com a pessoa do outro lado num tom ríspido e, logo depois, viu Chrétien fechar a porta e romper o lacre de uma correspondência.

A mudança operada nas feições de seu amante foi algo aterrorizante. Os olhos verdes adquiriram um brilho maldoso e seu rosto se transformou numa máscara de fúria. Assustada, ela se encolheu na cama e chamou em voz baixa.

— Chrétien ...?

— Cale a boca! — Berrou ele para em seguida andar em sua direção. — Sabe o que é isso?

Ela balançou a cabeça assustada, enquanto ele erguia a folha de papel amassada entre os dedos. Chrétien continuou.

— Eu lhe digo — ele saltou na cama e a empurrou sobre o colchão — isso significa que andei por mais de seis meses atrás de um homem quando deveria estar caçando uma mulher! — Sua mão apertou o pescoço branco e esguio e ela lutou para respirar. — A vagabunda me enganou!

Aquela mensagem interceptada pelos agentes da Ordem, que haviam capturado um Hermes, era bem clara. Que ódio! Que ódio! Ele a tocou, esteve ao seu lado! Falou com ela na igreja em Bremen! A maldita *viúva* era Scholz! Apertou o pescoço da amante.

— Chrétien — ela segurou a mão dele com as suas, tentando arrancá-la de seu pescoço. Ele, no entanto, ao invés de soltá-la, a segurou com mais força e abriu suas pernas, parecendo excitado com a raiva e com seu medo. Penetrou-a numa só estocada, fazendo-a gemer de dor.

— A vagabunda é uma mulher! — Urrava o assassino da Ordem enquanto investia com brutalidade dentro da amante — e ainda por cima, me enganou! A cadela filha da puta!

— Por... favor... — sua voz saía num sussurro rouco e ela já percebia os sentidos embotados quando ele berrou.

— E além disso foi se enfiar num buraco chamado Svenhalla, que fica Deus sabe onde!

A menção daquele nome, a mulher agarrou com mais força a mão dele, numa luta desesperada por ar e pela própria vida.

— Eu sei aonde fica!

Chrétien imobilizou-se dentro dela, sua mão agora apertando suavemente o

pescoço. A voz foi um sussurro sinistro.

— Como?

— Morei perto de Svenhalla — ela respirava de forma entrecortada — fui noiva de um dos herdeiros...

— Não me diga, Karin querida! — Ele investiu mais fundo dentro dela e puxou seus cabelos, fazendo-a chorar de dor — pelo menos servirá para algo além de abrir as pernas. — Seus dentes cravaram-se no lóbulo de sua orelha. — Quem seria esse herdeiro que conseguiu escapar de suas ambiciosas garras?

— Ragnar Svenson — ela disse num soluço.

Ele ainda não se dera por satisfeito, apertando um seio brutalmente.

— E onde fica Svenhalla?

— No Reino da Noruega, bem ao Norte. Além de Nidaros.

Seus dedos torceram o mamilo até que ela gritasse de dor.

— Boa menina, Karin.

Ela abriu os olhos e sorriu para ele.

— Mais.

Outro grito ecoou na hospedaria.

Capítulo 14

"E TANTO É VERDADE ISSO, QUE POR TODA PARTE A SEGUEM
A DISCÓRDIA, O PAVOR E A INQUIETAÇÃO."
Muito Barulho por Nada. Ato 2, cena 1. William Shakespeare

Svenhalla, Noruega

Ulla aconchegou-se mais sobre o peito do Dragão. Sentia-se satisfeita, dolorida e exausta. Em seu coração havia um sentimento agri-doce, misto de felicidade e tristeza pelo que haviam acabado de compartilhar. Tocou a face de seu homem e ele acordou do breve sono em que mergulhara. Sorriu para ela.

— Dormimos.

— Sim — ela olhou para a vidraça da janela — está começando a nevar.

Gilchrist tocou seu rosto com ternura.

— Vamos voltar.

Ela suspirou.

— Tem certeza? — Deslizou sua mão sobre o peito dele, brincando com os pelos escuros. — Gostaria de ficar aqui para sempre.

Gilchrist puxou-a para si beijou-a, forçando seus lábios a se abrirem, capturando a língua com a sua. Suavemente, afastou-a e prendeu uma mecha loura atrás da orelha delicada.

— Eu também gostaria de ficar aqui para sempre, Ulla. Mas temos que voltar — ele afagou seus cabelos — devo uma satisfação aos seus irmãos e à sua mãe. Para honrar sua casa e seu nome, devo voltar e torná-la minha esposa diante de todos.

Ela sorriu ao ouvi-lo dizer “esposa”. Beijou-o demoradamente e sussurrou.

— Meu marido...

— Ah, Ulla! Por Deus! Se não parar agora, jamais sairemos daqui! A neve irá nos reter — ele a afastou um pouco de si e olhou-a intensamente — temos que ir, querida. Lá, depois de tudo resolvido, poderemos ficar juntos. Ainda esta noite quero você novamente em minha cama.

Com aquelas palavras promissoras, ela assentiu e começaram a se preparar para enfrentar o frio, a noite e o mundo.

Meia hora depois, Ulla acomodava-se entre as coxas do Dragão, sobre o lombo de Boru. Como sua saída fora muito intempestiva, ela não tinha levado Valkyrie consigo. Agora, uma vez mais, dividiam a montaria.

— Onde estão seus cães? — Indagou ele passando os braços ao redor dela. — Pensei que ficassem sempre em seu encalço.

— E ficam. Mas Saga e Njord são mestiços de *buhunds* com lobos. Não gostam de ficar confinados. Veja — ela colocou dois dedos entre os lábios e soltou um silvo estridente.

— Céus, — ralhou ele de brincadeira — quer me deixar surdo?

Logo os dois cães apareceram latindo e fazendo festa ao redor deles e de Boru que, apesar de ficar um pouco impaciente, logo se aquietou.

— Melhor irmos. — Ulla disse aconchegando-se a ele que a envolveu com seu manto. — Já é tarde e todos já devem estar se preparando para recolher.

Assentindo, ele lhe deu mais um beijo e instigou Boru a trotar.

Radegund descia as escadas do salão após contar histórias para Lizzie e certificar-se de que ela realmente dormia. As mulheres conversavam em voz baixa e os homens jogavam dados num dos cantos perto da grande lareira.

Ao vê-la, Leila pediu licença às amigas e foi ter com ela.

— Raden, precisamos conversar. Eu, você, Bakkar e Anne.

A ruiva franziu o cenho.

— Sua convidada? Que assuntos podemos ter em comum?

A sarracena abaixou a voz, obrigando Radegund a inclinar-se para ouvi-la.

— Minha convidada não é ninguém menos que o famoso e cobiçado A. M. Scholz.

— O quê?

Vários pares de olhos se voltaram para as duas. Leila sorriu sem graça, arrastando-a para o solário.

— Poderia ser mais sutil?

— Ora, — grunhiu a ruiva — veja quem fala de sutileza, — ela encostou a porta do solário — isso é jeito de falar uma coisa dessas? — Abriu a porta de novo e espiou Anne, que conversava animadamente com Trudy, Terrwyn e Clarisse. — Céus! Ela é uma menina! — Fechou novamente a porta e encostou-se nela. — Diga-me, minha amiga, alguma vez em sua vida já sonhou em ter paz e sossego?

Leila sentou-se pesadamente num banco.

— Sim.

— De qualquer forma, — Radegund ficou de pé e apoiou um dos pés no banco, ao lado de Leila — Mark me disse que queria falar com Jean primeiro, pediu-me até para avisar que tomaria a liberdade de usar seu gabinete.

— Sem problemas, — ela franziu o cenho — mas o que Mark teria para falar com o garoto?

— Isso eu não sei, — a ruiva torceu o nariz — de vez em quando ele fica um tanto misterioso. De qualquer forma, só nos resta esperar. — Ela fez uma pausa e encarou a amiga com severidade. — Contou a Ragnar?

— Não.

— Leila... — ela balançou a cabeça — uma vez já não foi o bastante para que

aprendesse a não esconder as coisas de seu marido?

Leila sabia que ela se referia à época em que moravam em Tiro.

— É pela segurança dele e de meus filhos que escondi o fato! — A morena ergueu-se altiva e esbravejou. — E eu a proíbo de falar qualquer coisa!

Assentindo, Radegund concordou, enquanto abria a porta.

— Está certo. Só espero que não venha a se arrepender depois.

Enquanto a leoa e Leila estavam no solário, Aswad resolveu que era hora de chamar sua esposa para uma conversa franca. Encorajado por Marit, que havia tomado para si a tarefa de reunir o casal, ele pediu licença às mulheres e chamou Trudy.

— Não tenho nada a conversar com o senhor — disse ela sem encará-lo.

O beduíno tomou sua mão, com pressão suficiente para retê-la na sua sem, no entanto, machucá-la.

— Temos sim, esposa, — ele acenou com a cabeça para as outras mulheres presentes enquanto arrastava Trudy consigo — com licença.

Relutante, ela o seguiu, não querendo, todavia, fazer uma cena diante de todos. Aswad a conduziu até um dos jardins internos, que naquela época fria já estava totalmente desprovido de flores.

Assim que a porta se fechou atrás deles, Trudy se afastou do marido. Colocou-se no lado oposto, de braços cruzados e de costas para ele.

— Creio que não temos mais nada a nos dizer, senhor Aswad.

Ele respirou fundo e tentou conter a impaciência lembrando-se dos sonhos que teve com Bennu.

— Temos sim, Trudy. Eu voltei para consertar meu erro.

Ela enrijeceu os ombros.

— O que fez não tem conserto.

Aswad deu um passo à frente, ficando muito perto dela. Notou que a esposa tremia de frio. Ela havia saído para o jardim sem levar um agasalho sequer. Atencioso, tirou o próprio manto e, sem esperar que ela permitisse, envolveu-a com ele, aproveitando para abraçá-la.

— O quê...? — Ela se debateu em seus braços. — Solte-me, Aswad!

— Shh! Quietinha, minha pérola, — ele colou seu corpo ao dela. Afinal, nunca fora muito bom com as palavras — deixe-me aquecê-la.

— Não vai me ganhar com beijos e afagos! — Trudy tentou se desvencilhar dos braços que a rodeavam. Só conseguiu, no entanto que ele a fizesse se voltar e encará-lo de dentro de seu abraço.

Inferno! Maldito fosse aquele homem com seus olhos esverdeados! Maldito fosse seu marido e aquele olhar que a consumia e a fazia arder de desejo por ele!

Por mais que estivesse magoada, seu corpo era traiçoeiro demais. Queria reviver os breves momentos de paixão que tivera em sua noite de núpcias. Sua boca desejava ser tomada pela dele. Ela ansiava pela masculinidade rude e primitiva que exalava por cada poro daquele homem do deserto.

— Trudy — ele a encarou, tenso e sério — se soubesse o quanto me arrependo daquele dia, daquelas palavras horríveis que lhe disse... tive muito tempo para pensar. Meditei sobre as palavras do Profeta. Em cada uma de minhas preces, busquei uma resposta, uma justificativa para os meus atos naquele dia e não as encontrei. Sei que fui injusto com você. Que a machuquei, a ofendi e a humilhei. Por isso voltei aqui Trudy — uma de suas mãos subiu por suas costas e afagou o rosto banhado de lágrimas — perdoe-me, eu lhe peço. Dê-me uma chance.

Ela quase o fez. Porém...

— Aswad, — ela começou num murmúrio — diz que se arrependeu, que reconhece que errou. No entanto, assim que chegou aqui e viu mestre Brosa apenas me amparando para que eu não me machucasse, logo me acusou de tê-lo como amante. — Ela o encarou e sua voz foi firme. — Diga-me. Como espera que eu acredite que seu arrependimento é sincero, se não confia verdadeiramente em mim? Se me vê como uma moça leviana que, mesmo casada, embora abandonada, seria capaz de tomar um amante? — Aproveitando a perplexidade dele, soltou-se de seus braços. — Pese bem seus sentimentos, Aswad, antes de me propor qualquer outra coisa. Sua precipitação e seu orgulho nos conduziram até onde estamos.

Dito isso, deu-lhe as costas e deixou-o plantado, sozinho e ardendo de desejo, no meio do jardim adormecido.

Decidido a esperar que Clarisse se recolhesse para só então confrontar Jean, Mark resolveu chamar Radegund para uma partida de xadrez. Animada, ela esqueceu um pouco as preocupações e foi se sentar diante do amigo e do tabuleiro de peças lavradas em marfim e ébano.

Ciente de que seria uma partida disputadíssima, Terrwyn tratou de se sentar ao lado da ruiva e observar os movimentos e a estratégia. Os outros também se aproximaram e se sentaram ao redor da mesa.

Reclinada no sofá, Clarisse mantinha a atenção ora na camisinha de pagão que costurava, ora na partida que se desenrolava à sua frente. Estava recostada junto ao peito de seu marido que, com um dos braços a envolvia, tendo uma das mãos pousada em seu ventre, acariciando-o continuamente. A outra mão estava prestes a tocar numa das peças de marfim, que ele tinha escolhido mover após estudar o tabuleiro por algum tempo.

Diante dele, com os olhos fixos nas peças, Radegund ergueu uma sobrancelha.

— O que foi? — Mark indagou sem mover a mão.

— O que foi o quê? — Perguntou ela impassível.

— Levantou a sobrancelha, — ele recuou a mão e pensou em qual outra peça mover, sem deixar de observá-la — fez de novo. Como posso me concentrar assim?

— Ora, homem! Pare de me olhar e jogue!

— Como posso parar de olhá-la, se sempre que faz isso eu acabo em xeque?

— Não tenho culpa se jogo melhor do que você — ela sorriu para a prima — tenho, Clair?

— Claro que não. — Ela cutucou o marido — jogue logo, Mark!

— É um complô! — Ele acabou movendo a peça que havia escolhido anteriormente.

Radegund avançou seu bispo e ele sorriu satisfeito ao capturá-lo. Para isso, porém, acabou por expor seu rei. Com a fisionomia impassível, a ruiva posicionou sua rainha e anunciou.

— Xeque-mate.

— Não acredito! — Ele bufou e olhou para a esposa. — Ela fez de novo! E eu aqui, feliz por ter capturado seu bispo!

— Pare de reclamar e passe para cá as duas moedas que me deve.

— Ah, não! — Ele reclamou — Quero uma revanche!

Radegund revirou os olhos e Clarisse se espreguiçou.

— Se vão jogar de novo, vou me deitar. Estou morrendo de sono.

Mark se ergueu. Atencioso, ajudou-a a se levantar.

— Quer que eu a acompanhe, esposa?

— Não precisa. Não há perigo algum daqui até a porta de nossos aposentos.

Ele sorriu e acariciou o ventre protuberante.

— Boa noite.

Clarisse deu-lhe um beijo terno e respondeu.

— Boa noite, querido, — voltou-se para Radegund — até amanhã, prima.

— Durma bem.

Mark acompanhou a esposa com o olhar até que ela sumisse no alto das escadas. Só então sentou-se de novo e passou as duas moedas para a amiga.

— Ora, — estranhou ela — não disse que queria revanche?

— Disse aquilo na frente de Clair porque não queria preocupá-la. Quero falar com Jean sobre um assunto muito sério.

— O que seria?

— Uma suspeita — ele se levantou e concluiu, grave — depois eu explico.

Mark se retirou do salão e foi aguardar Jean no gabinete. Pediu a um criado que fosse buscá-lo nos aposentos que foram destinados aos meninos. As outras pessoas tinham ficado no salão, conversando e jogando. Uma discreta batida na porta foi ouvida.

— Entre.

O menino magro e de olhos castanho-escuro, quase negros, entrou e sorriu, cumprimentando-o.

— Boa noite, meu senhor Mark.

A porta se fechou atrás dele e o garoto avançou pelo aposento. Havia em seus olhos um brilho estranho, uma certa confiança que Mark não conseguia associar ao rosto e ao olhar de uma criança daquela idade.

— Boa noite, Jean. Irei direto ao ponto. Chamei-o aqui para conversarmos sobre o que disse à Aswad a respeito de Trudy.

O garoto deu outro de seus sorrisos.

— Ora, senhor. Eu disse a verdade.

Houve um toque nítido de insolência na resposta. Mark endureceu a voz.

— Por que fez aquilo?

Desta vez Jean riu com gosto. Uma suspeita começou a se formar na mente de Mark, deixando-o com a boca seca.

— Queria ver a reação dele. Aquele idiota tão cheio de si, exibido como um pavão, descobrindo que se casou com uma prostituta. Foi muito engraçado!

— Engraçado? — Mark estava estarelecido e horrorizado demais. Sentia-se enojado agora que via a maldade que contorcia as feições infantis. Vislumbrou o monstro por detrás daquela máscara. — Você o responsável por isso tudo, não é mesmo? Você é o Mal, a Coisa de que Gilchrist tanto fala!

A expressão infantil se transformou num esgar cínico e cruel. O cavaleiro mestiço contemplou a face da mais ignóbil perversão. E para seu horror, aquilo que caminhava em sua direção fez algo com ele, pois não conseguia sair do lugar e nem articular uma palavra sequer. Tentou levar a mão a um abridor de cartas sobre a mesa, mas não podia se mexer.

Jean, ou aquilo que habitava o corpo franzino, fez um gesto com a mão e Mark se viu ajoelhado diante dele, contra sua própria vontade. O garoto sorriu e falou.

— Já é hora de tirá-lo de meu caminho, bastardo — a mão do menino tocou a garganta do mestiço, que começou a ter dificuldade para respirar — sem você será muito mais fácil ter a criança e também a mulher.

Não!

Deus! Por que não conseguia reagir? Por que não podia se mexer? Estava sufocando. Estava morrendo nas mãos daquela cria do inferno e não podia fazer

absolutamente nada contra ele. Mark começou a se sentir entorpecido. Diante de seus olhos o sorriso cínico e diabólico se alargava. Distante, ouviu uma porta bater. Sua mente vagou até Clarisse e seu bebê, seu filho no ventre dela. Não era justo que não vivesse para ver o rosto de seu filho. Ou de sua filha.

Não é justo!

— Saia daqui, demônio! — A voz de Ulla Svendsdatter vibrou entre as paredes do gabinete antes mesmo que a porta se abrisse e desse passagem à sua magnífica presença. — Fora de minha casa!

Quando ela desceu de Boru, diante da entrada do vestíbulo, sentiu que havia algo de errado dentro de seu lar. Avisou ao Dragão e pediu que ele lhe desse o amuleto que trazia em seu pescoço. Em seguida, entrou e passou direto por sua mãe, seus irmãos e pelos convidados perplexos. Foi seguida de perto pelo Dragão, tendo Saga e Njord ao seu lado. Com o amuleto em punho, marchou diretamente para o gabinete de onde sentia brotar uma onda do mais puro Mal.

— Bruxa! — A voz não era mais a de uma criança. Era uma coisa grave, distorcida, gutural. — Não pode comigo!

Ulla pressionou o amuleto entre os dedos e ergueu uma das mãos. Seus cães avançaram sobre Jean, que saltou para o lado agilmente. Um deles conseguiu morder sua mão.

— Inferno! — Berrou ele. A proximidade do amuleto o deixava vulnerável. — Ganhou essa batalha, mas a guerra ainda prossegue — ele pulou sobre a grande mesa de trabalho — veremos quem leva a melhor!

Dito isso, saltou na direção da janela, estilhaçando a vidraça, correndo pela noite adentro. Atrás de Ulla, que seguiu até o parapeito e perscrutava a noite lá fora, Gilchrist chamou.

— Rápido, Ulla. Bakkar precisa de ajuda!

Depois que Mark se fechou no gabinete com Jean, Radegund começou a se sentir inquieta. Uma estranha apreensão tomou seus pensamentos, fazendo com que os seus sentidos ficassem em alerta. Deixou de lado a partida de dados que disputava com Terrwyn e Björn e pôs-se a olhar por uma das janelas e, vez ou outra, a lançar olhares para a porta fechada do gabinete.

Com a comoção causada pela chegada de Ulla e do irlandês, mais a gritaria e o som dos vidros estilhaçando e dos cães latindo furiosamente, as pessoas que estavam no salão correram naquela direção. Ao ver, por sobre os ombros de Ulla, o amigo caído no chão, ela simplesmente passou pelos outros, sem se preocupar em pedir licença. Ajoelhou-se ao lado dele, sentindo toda a angústia de Mark em si mesma.

— Mark! — Seu braço passou por sob a cabeça dele, a mão sustentando-a por entre os cabelos negros — Mark, fale comigo!

A face morena estava pálida. Os olhos castanhos estavam ocultos por trás das pálpebras fechadas. Ao lado dela, surgiu Gilchrist e atrás dele, Ragnar.

— Bakkar! — O norueguês encostou o ouvido no peito largo e depois olhou aliviado para Radegund. — Vivo!

— Eu sei — disse ela — se ele estivesse morto, eu saberia, Sven. Mas ele está desacordado e eu posso sentir sua angústia e seu medo — apoiou a cabeça de Mark sobre seus joelhos dobrados e permaneceu segurando-a entre as mãos. — Aquela coisa é ódio puro.

— Eu não posso acreditar — disse Gilchrist — que ele esteve dentro de Delacroix e ao nosso lado este tempo todo... é sórdido demais!

Radegund sentiu um calafrio. Luc havia levado Jean para o castelo. Depois da chegada do menino, coisas estranhas começaram a ocorrer em Delacroix. O clima ficou pesado, Luc morreu, Tarascon e Patrus invadiram o condado. E o próprio Jean matou o mestre de obras Nestor, a princípio, para salvar Trudy. Porém, o que ele realmente esteve tramando durante aquele tempo todo? Qual era seu objetivo final? Seria mesmo Lizzie, como Gilchrist falou, um prêmio cobiçado pelo monstro que habitava o corpo de Jean? Ela não teve, contudo, oportunidade de questionar Gilchrist a respeito do assunto, pois da entrada do gabinete soou a voz apavorada de Terrwyn.

— Mark! O que houve com meu irmão?

Terrwyn estava apreciando a noite ao lado da família e dos amigos. Principalmente porque, após seu irmão e sua cunhada se retirarem, o Capitão havia se sentado junto a ela e a Radegund para jogar dados. Obviamente ela aproveitou a oportunidade para lançar longos e derretidos olhares para o lado do norueguês.

O Capitão, por sua vez, fazia de tudo para impressionar sua tutora. Mas, o máximo que conseguiu, além de olhares gelados, foi ter a bolsa esvaziada pela tremenda sorte de Radegund nos dados.

Depois que o garoto Jean entrou no gabinete, chamado por seu irmão Deus sabia para quê, Radegund se afastou da mesa de jogo, pretextando cansaço e foi postar-se diante de uma das grandes janelas envidraçadas. Terrwyn, que já conhecia aquele jeito inquieto da ruiva, sabia ser ele sinônimo de encrenca à vista. Ou de que ela sentia algo de errado no ar. No entanto, a presença de Björn e a conversa animada das várias pessoas presentes no ambiente, acabaram por distraí-la. E só quando o latido dos cães e a estrepitosa entrada de Gilchrist e da irmã de Ragnar dominaram o ambiente, foi que ela se deu conta de que algo

anormal estava acontecendo. Antes que pudesse pensar, porém, Radegund já havia cruzado o salão e entrado no gabinete atrás do irlandês e de Ulla. Atrás dela foram Leila e o Chacal. E que o diabo o levasse, mas ele parecia estar sempre perto de onde houvesse confusão! Ela até tentou correr naquela direção, mas o Capitão parou à sua frente e não a deixou passar.

— Calminha aí, pirralha! Não sabe o que aconteceu, melhor ficar longe!

— Saia já da minha frente, idiota! — Ela tentou forçar a passagem, mas ele agarrou seu braço. — Solte-me! Foi alguma coisa com meu irmão!

— Ele tem razão senhorita — falou Einar, ao lado da misteriosa recém-chegada — já tem muita gente lá e a confusão é grande. Espere que vou olhar.

Porém, os dois irmãos não contavam com a agilidade de Terrwyn. Girando o corpo pequeno e leve, ela se desvencilhou do braço que a retinha e passou correndo por Björn.

— Ora! Sua peste! — Ele correu atrás dela. — Volte já aqui!

Só a alcançou já na entrada do gabinete. Segurou sua cintura com um braço, praticamente erguendo-a do chão. Terrwyn, esperneando e vendo seu irmão desacordado amparado pela ruiva, apenas gritou, apavorada.

— Mark! O que houve com meu irmão?

Vários pares de olhos voltaram-se para ela que, finalmente, conseguiu soltar-se de Björn com uma cotovelada e ajoelhou-se num salto ao lado da ruiva.

— O que houve com ele? Ele está...

— Ele está bem — tranquilizou Radegund — foi atacado, mas está bem. Gilchrist e Ulla chegaram a tempo.

Terrwyn fitou o casal, curiosa.

— Quem fez isso com ele?

Foi Ragnar quem respondeu.

— Jean.

Ela permaneceu boquiaberta, fitando o norueguês, achando que aquela fosse mais uma das pilhérias do gigante fanfarrão. Depois de um longo silêncio e da expressão séria dos olhos cinzentos, ela começou a sentir medo. Antes que pudesse perguntar qualquer coisa, porém, a mão de Radegund pousou em seu braço com suavidade.

— Depois eu explico tudo com calma. Agora precisamos cuidar de seu irmão, — ela apontou a marca avermelhada no pescoço dele — ele está ferido e ainda desacordado. Vá ver como está Gaetain e não deixe que ele desça. E se vir qualquer sinal de Jean, grite. Ele é perigoso.

— E Clarisse? — Perguntou a jovem.

— Melhor não dizer nada a ela, — falou Leila, saindo de trás de Ragnar — como ela está instalada na mesma ala dos aposentos de Marit e dos seus, não

deve ter ouvido nada.

Gilchrist assentiu com a cabeça.

— Concordo com Leila. Clarisse está grávida e é melhor esperarmos que Bakkar acorde e que ela o veja bem. Vamos colocá-lo sobre um dos divãs.

Terrwyn obedeceu Radegund e foi saindo do gabinete, sem deixar de lançar um último olhar para Mark, que era colocado pelos homens sobre o divã. Na porta, Björn ainda a interpelou, esfregando as costelas onde foi atingido pelo golpe que a moça lhe aplicou.

— Devia ter alguém que lhe colocasse rédeas, mocinha!

Ela ergueu o queixo, desafiante.

— É mesmo capitão? — Cutucou o peito largo com o indicador. — E quem seria o candidato? Você? Saia da minha frente, sim. Raden me pediu para ver Gaetain.

Ele, no entanto, não a deixou passar. Afinal, quem era aquela moleca para dar ordens a ele, Björn Svenson, capitão do Freyja? Justo a ele, a quem a tripulação obedecia e diante de quem os homens tremiam a um simples erguer de sua voz! Que menina petulante e atrevida! Ela sequer chegava à altura de seu peito e mal saía dos cueiros! E, no entanto, nem bem chegou a Svenhalla, pôs-se a desafiá-lo. E ainda por cima, ria de seus malfadados avanços na direção da geniosa baronesa.

Ela pensava que ele não tinha visto seus olhares atravessados e o sorriso debochado durante o jantar e o jogo. Pois sim! Ele viu cada um deles! E se não fosse a diabinha ser a protegida de Radegund, ele mesmo já teria lhe dado umas boas palmadas. Não que tivesse medo da famosa ruiva. Há! Ele não tinha medo de ninguém, quanto mais de uma mulher, por mais impressionante que ela fosse. Tratava-se apenas de uma questão diplomática. Afinal, se queria arrastar a baronesa para debaixo de suas cobertas, não era de bom-tom que o primeiro passo em sua empreitada fosse uma rusga por causa da pirralha atrevida.

Tratou de respirar fundo. Encarou os insolentes olhos castanhos e agarrou a mão com a qual ela o cutucava.

— Pois eu devia mesmo era lhe dar uma lição!

Terrwyn, apesar de perceber a tensão passando através de sua pele ao sentir o punho de Björn fechando-se ao redor do seu, refugiou-se na irritação. Tanto para combater o medo em relação a Mark, quanto para erguer as defesas de seu coração diante do charmoso capitão. Afinal, se ele notasse que ela estava caída por ele, aí mesmo que iria rir de sua cara. Sorriu, debochada.

— Para isso, terá que me pegar primeiro, capitão!

Dito isso, girou o corpo de tal forma que o braço que Björn usava para retê-la acabou torcido, obrigando-o a soltá-la.

Praguejando, Björn viu a ágil Terrwyn galgar a escada de dois em dois degraus, desaparecendo no alto dela. Por sua mente passou a imagem dele mesmo aplicando umas merecidas palmadas no traseiro da garota petulante. E para seu espanto, pegou-se tentando adivinhar se aquela região do corpo da jovem seria tão macia quanto a cintura que ele agarrou momentos antes.

Björn, deixe de ser depravado! Além de ser uma menina, ela é malcriada, implicante e protegida de Radegund!

Afastando aquilo da mente, ele voltou para dentro do gabinete, onde o mestiço acabava de despertar.

Mark, após perder a consciência, permaneceu imerso num limbo confuso. Ao despertar, viu diversos pares de olhos cravados em seu rosto. Entre eles, as frias e pálidas íris de Ragnar e os furiosos olhos de Radegund. Erguendo-se devagar, ele se sentou, esfregando o pescoço dolorido. Falou com a voz um pouco rouca.

— Onde está o desgraçado?

— Fugiu — respondeu Gilchrist atrás dele.

Mark voltou-se e fitou o irlandês, estranhando a ausência do tapa-olho. Ignorou aquele detalhe e foi direto ao ponto.

— O maldito ia me matar; eu estava sufocando, não sei como... — estendeu a mão para o amigo. — Obrigado pela ajuda.

Gilchrist apertou sua mão ao mesmo tempo em que a voz de Ulla, que estava perto da janela, espalhou mais tensão pelo ambiente.

— Ele vai voltar; ele ainda quer destruir a todos. E quer a criança. — As últimas palavras foram pronunciadas enquanto fitava Radegund nos olhos.

Antes que a ruiva pudesse retrucar, Mark se levantou e sentenciou.

— Vou buscar minhas armas. Quero pegá-lo.

— Está louco? — Radegund o encarou. — Ele quase o matou!

— Por isso mesmo — o mestiço estava furioso — quero acertar as contas com o maldito!

— Não acho que seja uma boa ideia — disse Ragnar.

— Não?! — Esbravejou Mark. — E o que sugere, Sven? Que fiquemos aqui, com o rabo entre as pernas, esperando para ver quem ele mata primeiro?

— Ele tem razão, Mahkim — falou Aswad que, até então, permanecera quieto num canto — o demônio tem poderes além de nossa compreensão. Você mesmo acaba de prová-los.

— Ele deve temer alguma coisa, ou não teria fugido — rebateu Mark.

— O amuleto que trouxe comigo parece exercer algum poder sobre ele — disse Gilchrist e depois voltou-se para o beduíno — você trouxe o que estava em Messina?

— Está aqui, — puxou um pingente do pescoço — faltam dois, agora.

— Falta apenas um — disse Ulla, a voz estranhamente rouca. E, apontando para Anne, que ficara na porta do gabinete ao lado de Trudy e Einar, afirmou — ela tem o outro.

Todos se voltaram para a jovem. Anne corou e sorriu, dando de ombros.

— Do que estão falando?

Uma suspeita surgiu na mente ágil de Leila.

— Anne, onde está o medalhão que usou para se identificar quando chegou?

— Bem aqui comigo — ela afastou um pouco o decote do vestido, atraindo o olhar de Einar, e puxou a corrente de onde pendia o medalhão dado pela Sociedade ao seu pai — vejam.

Ulla se aproximou e tocou o metal, que parecia se aquecer sob sua pele.

— É o terceiro amuleto, — ela fitou Gilchrist — vê Dragão, como tudo se precipita?

Radegund expressou sua curiosidade.

— Como isso foi parar no pescoço da moça, alguém saberia me explicar?

A própria Anne o fez.

— Isto é muito antigo, dama — retirou o medalhão e passou à mão do irlandês — foi trazido da Terra Santa por um *peregrino* e dado ao meu pai.

Radegund balançou a cabeça, entendendo que por *peregrino* ela quisera dizer um *Hermes*.

Aswad examinou a peça pousada na mão de Gilchrist.

— É egípcio, sem dúvida. E muito antigo. — Ele fitou Ulla, que olhava de novo pela janela. — A lenda de Set que lhes contei em Delacroix fala que os quatro amuletos são pedaços da armadura de Isis, e que combatem os poderes do demônio.

— Mas não são suficientes para vencê-lo — retrucou a irmã de Ragnar.

— Infelizmente, não, senhorita.

A moça se voltou para o grupo.

— Vamos tentar localizá-lo — ela estendeu a mão para Gilchrist — dê-me este e o outro, que Aswad trouxe, à Radegund.

— Para mim?

— Sim. — Respondeu Gilchrist. — Ele a quer e à sua filha. Com isso ele não chegará perto de você. Lizzie tem o *triskle* com ela e por enquanto, ele não poderá tocá-la também.

— Muito bem, — disse a ruiva colocando o amuleto no pescoço — e agora?

— Agora vamos atrás do desgraçado. — Mark enfiou as luvas e agarrou as armas que um escudeiro trouxe.

— Precisamos garantir que ele fique longe de Svenhalla; — falou Ragnar —

Björn e Einar, reforcem a guarda e deixem toda a guarnição em alerta. Não acredito que ele volte aqui, mas...

— Não se preocupe — respondeu Einar — cuidamos de tudo.

Depois de mais algumas ponderações, dividiram-se em dois grupos. Um formado por Mark, Gilchrist e Aswad e o outro por Ragnar, Ulla e Radegund. Apesar da relutância dos irmãos, todos acabaram se convencendo de que as habilidades de rastreamento da moça seriam muito úteis para seguir a pista do vilão no meio da noite.

Depois de armados e agasalhados, saíram no encalço de Jean, todos concordando que tanto Marit quanto Clarisse não deveriam ser incomodadas com aquelas preocupações.

Para o grupo que permaneceu diante da lareira, formado por Leila, Trudy, Anne e pelos irmãos de Ragnar, a noite provaria ser mais longa e angustiante do que eles jamais sonhariam que pudesse se tornar.

Do alto de uma das árvores já quase totalmente desnudas, ela viu a pequena figura se deslocar numa grande velocidade através das sombras. Apesar do frio intenso, permaneceu imóvel. Tocou com os dedos enregelados o pingente em seu pescoço e elevou uma prece aos deuses de sua terra distante.

Teve a certeza de que a criatura que se movia lá em baixo no meio da noite não era humana. Aquilo exalava o fedor do Mal e da morte. Soube naquele exato instante qual era o real objetivo de sua missão, soube que aquele era o que deveria morrer. Difícil seria conseguir matar uma coisa que sequer estava viva. Ou morta. Como se matava algo que pairava entre os dois mundos?

Malditos fossem os *Sennins*! Por que não a alertaram de que não enfrentaria alguém de carne e osso e sim um demônio encarnado? Seria aquilo uma cria dos *Tengu*?

Tensa, apertou de novo o amuleto que trazia no pescoço. O metal emanou aquele calor tépido, como sempre fazia desde que havia chegado àquela terra. De alguma forma aquilo trouxe conforto. Por hora, apenas poderia observar. Seria preciso mudar sua estratégia. Tinha que pensar.

Silenciosa, Saori, a *kunoichi*⁴⁰, manteve-se à espreita, apesar do frio que atravessava seu corpo e seu espírito de guerreira.

Apesar da confusão estabelecida um pouco antes no piso inferior do castelo, Clarisse dormia placidamente em seus aposentos, instalada numa das alas para hóspedes mais afastadas do salão.

Talvez por isso não tenham chegado até ela os sons da porta batendo lá embaixo. Ou dos latidos dos cães. Nem tampouco dos vidros arrebentando. No

final das contas, Clarisse talvez preferisse ter sido acordada pela confusão gerada pelo confronto entre seu marido e Jean.

Foi um som fraco que despertou a esposa de Mark, vindo do lado de fora de seus aposentos. Levantando-se devagar, ela vestiu um robe sobre a camisola. Cruzou o quarto e abriu a porta, observando o corredor deserto, iluminado por um archote apenas. Do aposento no lado oposto ao seu veio o som que a acordou, o choro fraco de Lizzie.

— Ora — ela resmungou, atravessando o corredor e abrindo a porta — onde estará a ama?

Uma jovem fora designada para cuidar da filhinha de Radegund durante a noite. Clarisse viu quando a ruiva desceu depois de deixar a menina dormindo aos cuidados da ama. Entrou no aposento e chegou perto da cama de Lizzie, que chorava encolhida no meio das cobertas.

— O que foi, meu amor? — Perguntou ela, sentando-se na beirada do colchão.

A garotinha, soluçando, ergueu para ela os olhos azuis, semelhantes aos do pai, molhados de lágrimas. E ergueu um dedinho apontando para algo atrás de Clarisse.

A esposa de Mark, antes mesmo de se voltar naquela direção, soube que algo muito ruim estava ali dentro com elas. Uma angústia inexplicável tomou conta de seu coração. Uma mão gelada pareceu apertar sua garganta. Devagar, foi se voltando e se levantando da beira da cama. Trêmula, divisou a pessoa que Lizzie apontava.

Um calafrio percorreu-a de cima a baixo, enviando um sinal de perigo por todo seu corpo. Suas mãos pousaram sobre o ventre que abrigava o filho de Mark, num gesto mecânico de proteção. Seus olhos se arregalaram diante das feições familiares, porém carregadas de maldade e cinismo.

Instintivamente, encolheu-se, puxando Lizzie para junto de si. Uma indagação saiu num sussurro de seus lábios.

— Jean...?

O garoto abriu um sorriso, um arreganhar de dentes que fez com que se assemelhasse ao mais vil demônio das profundezas.

— Boa noite, dama.

Clarisse soube, naquele exato instante, que estava frente a frente com o mais puro Mal.

CAPÍTULO 15

"SOBRE O BORRALHO DE UMA TRAGÉDIA,
ESPREITA A SOMBRA DE OUTRA".
Sombras da Romãzeira. Tariq Ali.

Conheci, há algum tempo, aquilo que no mundo chamam de felicidade. Era um sentimento que me preenchia e que tornava meus dias mais coloridos e sonoros. Ao mesmo tempo, era algo que sempre me deixava, bem lá no fundo, com uma ponta de ansiedade. Toda felicidade traz consigo uma sombra de medo e de angústia. Um receio eterno de que ela se acabe.

Ah, quisera eu ter poderes suficientes para não permitir que os outros sofressem o que eu sofri! Porém, o que pode um fantasma contra os caminhos do destino?

Farei o que for possível a estas minhas mãos imateriais. Foi-se, no entanto, o tempo em que eu podia contra Ele. Agora, Ele é forte. Cresce e se alimenta. Chafurda no mal que Ele mesmo semeou. Sei que há uma razão para que eu esteja aqui. Porém, neste momento, não sou nada além de um coração angustiado.

A sorte está lançada.

— O que faz aqui, Jean? — Indagou Clarisse com voz sumida.

O garoto deu um passo na direção dela e de Lizzie.

— O que acha que vim fazer, dama? — Perguntou ele, debochado. — Sei que, bem lá no fundo, sabe a resposta... — Sorriu e tocou o rosto de Clarisse que, apavorada, não conseguia se mexer ou deixar de olhar nos olhos do menino. — Lembra que cuidou do pobre garoto sem memória quando ele chegou ao castelo? Ah, tão piedosa, tão bondosa... pobre Clarisse! Se soubesse, não é mesmo?

Jean deu outro passo na direção dela e da filha de Radegund. Lizzie, ao lado dela, soluçava baixinho e se encolhia toda, sentindo a maldade que a criatura emanava. Vencendo o nó que travava sua garganta, Clarisse retrucou.

— Saia daqui e deixe-nos em paz! — Elevando uma prece, pediu a Deus forças e Ele pareceu, ainda que momentaneamente, atendê-la. — Saia!

Rompendo com o torpor que se apossara de seu corpo, agarrou Lizzie e correu para o outro lado do aposento. Jean, no entanto, de alguma forma misteriosa foi mais rápido, surgindo à sua frente e bloqueando seu caminho.

— Não vá tão cedo, dama. — Ele estendeu a mão e tocou seu ventre. — Ah, a cria do bastardo se move aqui dentro...

O pavor deixou Clarisse lívida enquanto ela agarrava a mãozinha de Lizzie entre os dedos gelados.

— Tire as mãos de mim, afaste-se de Lizzie e de meu filho!

Jean sorriu e toda a maldade que era possível haver no mundo pareceu se concentrar em seus olhos.

— Não é um filho, Clarisse — ele cravou os dedos na barriga arredondada — é uma filha, o sonho do bastardo. Posso sentir seu coração batendo, se acelerando. Ela está sentindo seu medo. — A voz dele soava rouca, grossa, parecendo sair de sua boca e de todo o ambiente ao seu redor. — Eu, assim como ela, sinto seu medo, Clarisse — farejou o ar como um animal — tem um cheiro ótimo! — Jean olhou para Lizzie que se encolhia ainda mais e fechava os olhos, tremendo e soluçando. — Já você, Lizzie, não deve ter medo de mim...

Ele disse aquilo e, subitamente, para espanto e asco da apavorada mulher diante dele, voltou a ser apenas o menino tímido e calado, de grandes olhos melancólicos. Sua voz soou repleta de uma doçura pérfida.

— Olhe para mim, Lizzie. Não tenha medo — a menininha abriu um dos olhos, espiando por trás da manga da camisola — isso, meu bem. Sou eu, Jean. Lembra que fiz aqueles bichinhos para você?

A criança assentiu e abriu o outro olho, levando um dedinho à boca enquanto ponderava a respeito do que o menino lhe dizia. Clarisse, em pânico, quis falar algo, mas não conseguia encontrar a voz. Jean continuou sua ladainha.

— Venha comigo, Lizzie — estendeu a mão para a criança — lembra-se de

como é bom passear comigo? — Ele ergueu o olhar, fitando Clarisse com crueldade, continuando a falar. — Lembra-se do passeio que demos quando seu papai resolveu brincar de voar...?

Um sussurro de pavor escapou dos lábios da mulher de Mark, a hedionda verdade sobre a morte de Luc dilacerando-a por dentro.

— Não...

O garoto voltou a atenção novamente para Lizzie.

— Venha, minha pequena — sua mão envolveu a da criança — tire a correntinha do pescoço e venha comigo. Se ficar com ela, não poderei levar você para passear.

Embalada pela voz doce e hipnótica de Jean, Lizzie começou a levar a mão ao pescoço para arrancar a corrente colocada ali por Gilchrist quando ela ainda era um bebê, e que trazia pendurado o anel de Morgan.

Clarisse compreendeu que o monstro queria se livrar daquilo que, de alguma forma, constituía a única e tênue barreira que o separava de seu cobiçado prêmio. A filha de Radegund. Reunindo suas forças, ela puxou a menina consigo e gritou para Jean.

— Não vai colocar essas garras imundas nesta criança, demônio! Afaste-se de nós! — Ela recuou até ficar perto da porta do aposento. Lançou um olhar de esguelha para a maçaneta. Mais um passo e estaria livre.

Jean, porém, parecia adivinhar seus pensamentos e colocou-se à sua frente de novo, urrando como uma besta.

— Cadela maldita! Vai me pagar por tentar se meter em meu caminho! — Junto com aquelas palavras, uma onda negra pareceu sorver todo o ar do recinto. Lizzie pôs-se a gritar de forma estridente e Clarisse sentiu os joelhos tremerem e depois se dobrarem. Seu abdome se contraiu dolorosamente e ela lutou por ar. — Vou acabar com você, desgraçada, e depois levarei a criança comigo. De um jeito ou de outro, ela e a mãe dela serão minhas!

— Não! — O grito saiu em meio à dor e a mais um espasmo que parecia cortá-la ao meio, atravessando o ventre que se contraía repetidamente. — Pare, eu imploro! Seja o que for que esteja fazendo comigo, pare. Deixe minha filha em paz...

Jean abaixou-se e puxou os cachos louros de Clarisse para trás, fazendo-a olhá-lo nos olhos. Mergulhou naqueles olhos muito azuis, escurecidos pelas pupilas dilatadas de medo e dor.

— Isso! Implore! Chore e soluce! — Ele puxou seus cabelos com mais força. — Nada me dá mais prazer do que ver um ser humano rastejante aos meus pés! — A outra mão desceu pelo pescoço e pelo colo de Clarisse, parando em seu abdome, causando-lhe uma dor inominável. — Pode suplicar, — ele sorriu como

uma criança que acabava de ganhar um novo brinquedo e completou com falsa doçura — eu não vou ouvir mesmo...

Clarisse foi jogada no chão como um trapo usado. A dor tornou-se insuportável e ela deixou escapar um grito ao sentir como se estivesse sendo atravessada por uma lança. Sentiu a umidade viscosa e quente entre as pernas e soube que perdia sangue. Gemeu de dor mais uma vez e dobrou os joelhos, rezando por um milagre que a impedisse de perder sua filha. A filha de Mark.

Doce Virgem, Mãe de Jesus... Eu imploro...

Jean, que se colocara de pé novamente, observou-a apenas por alguns segundos antes de se entediar com o espetáculo de crueldade que ele mesmo desencadeara. O olhar malévolo voltou-se para Lizzie, sua voz soou mansa.

— Venha, querida. Seremos eu e você. E logo sua mamãe estará conosco. — Estendeu a mão. — Venha, Elizabeth.

Disse para se afastar de minha filha, demônio!

— Ora, o fantasma está aqui, — ele olhou para a garotinha — veio defender a cria, — seu rosto retorcido voltou-se para Luc — já o tirei de meu caminho uma vez. O que o leva a crer que não o farei de novo?

O fato de não poder matar o que já está morto. Já eu, ainda posso atingi-lo.

Mal aquelas palavras vibraram no ambiente, Jean foi atirado contra a parede, o pescoço assumindo um ângulo impossível. Ele, porém, se levantou com algum esforço. Apoiou-se na parede com o nariz sangrando.

— É apenas uma questão de tempo fantasma, até que não possa mais me atingir. Até lá — ele apontou para Lizzie — ela será minha. Assim como sua mulher. Enquanto isso, ocupe-se com a esposa de seu amigo. Pode ter tirado a criança de meu alcance. Mas duvido que possa salvar sua pobre cunhada.

Dito isso, atravessou o aposento, atirando um beijo para Clarisse que se contorcia de dor e desespero no chão. Abriu a porta e passou por ela sem ser incomodado.

— Merda! — Rosnou Ragnar, fazendo o ar frio condensar-se diante de sua boca. — Tem certeza de que a pista sumiu, Ulla?

— Tenho, Rag. Não consigo achar nem mais um sinal dele.

— Acho que devíamos procurar mais um pouco, apenas para saber se ele está por perto.

Radegund, que se conservava quieta, falou de supetão.

— Vamos voltar.

— Como? — Perguntou Ragnar, embrulhando-se mais no manto.

— Estou com uma sensação ruim, Sven, — ela fitou os dois irmãos — vamos voltar. Quero ver minha filha. Tem algo errado com ela.

Ulla apertou a mão de Ragnar e encarou Radegund, dizendo com voz inexpressiva.

— Ela tem razão. Vamos embora, — voltou-se para o irmão — temo que ele tenha voltado ao castelo, que tenha apenas nos tirado do caminho. Vamos!

Sem esperar por outra ordem, os três voltaram correndo pelo meio da floresta enregelada.

Mark corria ao lado do beduíno, fervendo de ódio. Queria colocar as mãos no maldito bastardo que o atacara, que matara Luc, que destruíra a vida de Radegund e que acabara com o casamento de Aswad. Queria torcer o pescoço do maldito demônio que quase o matara! Caminhava pela floresta como um tigre raivoso, pronto para saltar sobre o pescoço de Jean, quando uma repentina aparição o fez estacar. Não podia ser!

Volte, Mark!

Um murmúrio escapou dos lábios rachados pelo frio.

— Luc...

Volte! Clarisse precisa de você.

Com o coração trovejando no peito, Mark gritou para Gilchrist e Aswad que estava voltando. Quando se virou novamente, Luc havia sumido tão repentinamente quanto aparecera, deixando o mestiço pensando se realmente vira o amigo morto ou se aquilo fora apenas fruto de sua mente carregada de preocupação.

Leila e Anne sentavam-se apreensivas no salão, olhando a cada minuto para as portas duplas do vestibulo, aguardando que um dos grupos voltasse para casa. A atmosfera de Svenhalla estava carregada, permeada por uma densidade sombria.

A agente Scholz levou a mão ao peito e respirou fundo, tentando aplacar o medo que a consumia. Já havia lidado com tantas dificuldades naqueles últimos meses de fuga que chegou a achar que nada mais lhe meteria medo. Os acontecimentos daquela estranha noite, no entanto, vieram lhe provar o quanto estava enganada.

Notando sua apreensão, Einar sentou-se numa cadeira diante dela.

— A espera é sempre angustiante, não é mesmo? — Indagou ele com simpatia.

Anne respondeu com um sorriso nervoso.

— O tempo sempre parece passar mais devagar para quem fica na condição de espectador.

— Não tema. Não acredito que o bandido tenha coragem de voltar aqui para tentar algo.

Mal pronunciou estas palavras, Einar e todos os outros que estavam no salão foram surpreendidos pelo grito apavorado de Gaetain do alto das escadas.

— Senhora Leila! Corra, é minha mãe! Ela está sangrando!

Terrwyn ficou com Gaetain durante um bom tempo depois que deixou Björn plantado à porta do gabinete. O garoto foi interceptado por ela no corredor, a caminho do salão, indo verificar de onde veio o estardalhaço causado pelas vidraças se quebrando um pouco mais cedo.

A jovem o arrastou de volta para o quarto e lhe explicou resumidamente o que aconteceu, convencendo-o, apesar da preocupação com Mark, a ficar no quarto até que as coisas se acalmassem. Estranhando, porém a demora e o silêncio lá embaixo, ela resolveu ir com o menino até o salão. Ao ver lá de cima apenas um pequeno grupo reunido, deduziu que os outros haviam saído no encalço de Jean. Bem feito, pensou ela. Que fizessem picadinho dele!

Retornando, chamou Gaetain para irem até ao quarto de Radegund, ver Lizzie. Tomada de uma súbita apreensão, Terrwyn agarrou a mão do filho de Clarisse e bateu na porta do aposento. Um gemido e um choro fraco fizeram com que ela se precipitasse para dentro, apenas para ver a cunhada caída, encolhida numa poça de sangue, e a pequena Lizzie agarrada a um dos pilares que sustentavam o dossel da cama.

— Mãe! — Berrou Gaetain ajoelhando-se ao lado dela.

— Vá pedir ajuda, Gaetain — exclamou Terrwyn — depressa! Clair está perdendo muito sangue!

Gaetain disparou pelos corredores, trêmulo de medo, temendo por sua mãe e pelo bebê que ela carregava no ventre. Parou no alto das escadas e gritou por Leila que prontamente subiu as escadas, seguida por Einar e Anne. Apenas Björn ficou lá embaixo, vigiando. Correndo de volta para os aposentos onde estava sua mãe, Gaetain recitava todas as orações que conhecia.

Leila parou por uma fração de segundo, chocada ante o cenário que encontrou no quarto. Lembrou-se de uma cena semelhante, há anos atrás, dentro de seu gabinete de trabalho, numa noite abafada em Tiro. Leandra, sua aia, caída numa poça de sangue. Morta. O gemido de Clarisse a arrancou do torpor e o espírito prático da sarracena entrou em ação.

— Rápido, Einar. Levem-na para o quarto dela e coloquem-na na cama! Anne, leve Lizzie e deixe-a com Frida. Depois, vá até a cozinha e mande que fervam água! — Virou-se para a irmã de Mark. — Vá até meus aposentos e traga-me uma arca de cedro que está sobre o toucador. São meus remédios e ervas. Depressa!

Assim que Clarisse foi acomodada na cama, Leila começou a retirar seu robe, enquanto Einar iluminava o ambiente. Quando o rapaz concluiu a tarefa, ela ordenou.

— Vá para o corredor. Preciso de privacidade para examiná-la.

Ele assentiu em silêncio e saiu, fechando a porta. Clarisse cerrou os dentes ao sentir mais uma contração e agarrou a mão de Leila, que subia a barra da camisola ensanguentada.

— Salve meu bebê, Leila! — Contorceu-se em mais uma onda de dor. — Ela não pode vir ao mundo, é muito cedo!

Um grito pontuou a súplica de Clarisse. Leila se lembrou da ocasião em que ela mesma perdeu um filho. Lembrou-se de como doeu, física e emocionalmente. Afastando a roupa de Clarisse, examinou-a e constatou, assombrada, que a amiga estava em pleno trabalho de parto, embora mal tivesse chegado aos seis meses de gestação.

— Oh, pelo Profeta! Clarisse, não faça força, não empurre. Ou ele virá...

A resposta foi mais um grito de Clarisse, que mordia os lábios em agonia até fazê-los sangrarem. Penalizada, Leila deu-lhe um pedaço de pano torcido para que colocasse entre os dentes.

Terrwyn entrou correndo com a arca de medicamentos. Entregou-a para Leila e em seguida ajoelhou-se ao lado do leito, amparando a cunhada.

— Clair, fique calma. Leila vai lhe dar um remédio.

Já tonta de dor, Clarisse tinha os olhos vidrados.

— Mark? Onde está Mark? — Indagou num grito estrangulado, em meio às contrações.

— Ele já vem, querida — respondeu Leila, separando um pó e pegando água de um jarro sobre a mesa de cabeceira. Preparou a mistura e ajudou a amiga a se erguer. — Tome. Beba. Vai diminuir a dor.

A mistura devia também diminuir os espasmos, embora Leila tivesse constatado que a amiga perdia muito sangue e que a dilatação era muito grande. Só um milagre salvaria o filho de Mark. Ela rezou sinceramente por um. Mas ele não veio.

O que veio foi Mark, que chegou à porta do aposento, lívido e ofegante. Seu olhar se fixou inicialmente na roupa de cama ensanguentada e depois, na mulher deitada no leito.

— Clarisse!

Ao mesmo tempo em que Mark alcançava a porta dos aposentos de sua esposa, Radegund escancarava as de seu quarto, apenas para constatar, desesperada que sua filha não estava lá dentro, onde a havia deixado aos

cuidados da ama.

— Lizzie! — Saiu como uma louca, berrando pelos corredores de Svenhalla — Lizzie! — Seu coração batia num ritmo frenético, embalado pelo medo e pela angústia. Sua filha, seu tesouro mais precioso, sua vida! Onde ela estava? — Elizabeth!

Seu chamado ecoava entre as paredes frias, externando todo seu medo. Então, para seu alívio, da porta que dava para o quarto dos filhos de Leila e Ragnar, surgiram Frida, com Lars e Kristin, e Trudy de mãos dadas com Lizzie.

— Filha! — Ela caiu de joelhos e abraçou a menina, que começou a chorar, extravasando todo o medo e a tensão a que foi submetida naquela noite.

— Mamãe — a vozinha doce soou entre os soluços — Jean é mau. Machucou “Carisse”.

Radegund afastou a filha para poder encará-la.

— O que disse, meu amor?

Lizzie colocou o dedinho na boca e balbuciou.

— Jean machucou “Carisse”.

A ruiva ergueu os olhos e fitou Trudy, que tinha o rosto molhado de lágrimas. A jovem apenas balançou a cabeça, assentindo. Um gemido angustiado escapou dos lábios de Radegund.

— Não...

Foi Frida quem a informou.

— A dama Clarisse entrou em trabalho de parto. Minha senhora está com ela.

— Não — Radegund ergueu-se com a filha nos braços — ela não pode! É cedo demais! Não pode ser...

Carregando Lizzie, disparou novamente pelos corredores.

Ulla e Gilchrist encontraram-se no salão de Svenhalla assim que os dois grupos enregelados e cansados retornaram ao castelo. Sem se importar com os olhares atravessados de Björn, a moça atirou-se nos braços do irlandês.

— Ele esteve aqui — sussurrou ela — posso sentir a maldade dele no ar.

— Eu também, — respondeu ele e em seguida olhou para Ragnar e Björn, que os observavam — seus irmãos vão torcer meu pescoço se eu não disser o que eles querem ouvir de mim.

Apesar de toda a tensão, ela sorriu com suavidade.

— E o que eles querem ouvir?

Os olhos diferentes do Dragão tragaram Ulla para suas profundezas.

— Que a tomarei como minha mulher. — Erguendo a voz e colocando Ulla ao seu lado, sob seu braço protetor, ele anunciou. — Sven, Capitão. A irmã de vocês aceitou se casar comigo. Perdoem-me por não ter comunicado antes.

Ragnar estendeu a mão para o amigo.

— Foi mesmo impossível falarmos com toda aquela confusão, — apertou a mão do irlandês — fico feliz por vocês.

Enquanto Ragnar atraía a irmã para um abraço apertado, Björn cumprimentava Gilchrist e o advertia.

— Espero que faça minha irmã feliz. Ela é nosso maior tesouro.

— Não se preocupe, capitão Svenson. Meu coração pertence a sua irmã. Enquanto estiver vivo, farei com que ela seja muito feliz.

Ulla não pode deixar de se encolher de tristeza, em meio ao abraço de Ragnar, ao ouvir dos lábios de seu amor aquela dúbia afirmação.

Hrolf estava alheio ao que ocorria em Svenhalla. Enfrentava o frio da floresta e a escuridão da noite atrás de sua caça. Seus instintos estavam muito mais aguçados do que o normal. Ele possuía a mais absoluta certeza de que, muito em breve, encontraria sua presa.

Aquela floresta era seu lar. Conhecia cada galho, cada som e cada palmo daquela terra. Sabia de cor todos os cheiros que dali brotavam. E um deles era incompatível com a natureza da qual ele se sentia parte.

Parado no meio de uma clareira, Hrolf se concentrou. Um galho balançava, tanto quanto os outros, só que num ritmo diferente do ditado pelo vento noturno. Entremeadado à brisa fria da noite, um odor diferente o surpreendeu. De novo era um cheiro excitado, tenso e... *feminino*?

Os olhos claros e aguçados como os de um falcão perscrutaram a noite. O que diabos uma mulher faria escondida no meio da floresta naquela época? Intrigado e curioso, o rastreador prosseguiu em sua caçada.

Mark balançou a cabeça mais uma vez e fitou o pequenino embrulho que cabia na palma de sua mão. Não se importou com as lágrimas que escorriam abundantes por seu rosto, indo cair sobre o minúsculo corpinho sem vida envolto em um tecido macio. O corpo daquela que teria sido a maior alegria de sua vida e de sua mulher.

A criança, que não estava totalmente formada, não tinha forças para chorar e se manter viva. Imóvel, parecia estar dormindo em seu colo. Parecia que a qualquer instante ela abriria os diminutos olhos e os deixaria vagar pelo mundo, absorvendo com curiosidade suas descobertas. Ele podia até se ver carregando a garotinha morena sobre os ombros, cuja penugem escura sobre a cabecinha sugeria que teria cabelos negros como os seus. Imaginou-se girando com ela nos braços, fazendo-a gargalhar, da mesma forma que brincava com Lizzie.

Os primeiros raios do sol pálido filtraram-se pelas venezianas. O aposento

cheirava a sangue, suor e remédios. Mark ergueu os olhos de sua filha por um instante e olhou para Clarisse. Exausta, ela acabou perdendo os sentidos. Ele e Leila haviam lutado por toda a noite e a madrugada para salvarem a criança e sua mulher. Sua filha ele já havia perdido para a morte. Já Clarisse...

Por tudo o que fosse sagrado! Ele imploraria, ele rastejaria aos pés de todos os deuses se isso salvasse a vida de Clarisse!

Leila olhou para ele pela manhã, desconsolada, depois que Ragnar praticamente a arrastou de perto da amiga. Radegund tomou seu lugar, velando pela prima que, pálida e com as faces encovadas, estava mergulhada num sono lúgubre, que parecia prenunciar ainda mais desgraças.

Voltando a olhar para sua filha, ele suspirou de forma dolorosa. Radegund lhe contou sobre o que Lizzie disse. Sobre ter sido Jean o responsável por desencadear o parto prematuro. E aquilo só o fez se sentir mais miserável ainda. Se ao menos estivesse ao lado dela, e não perseguindo o maldito demônio pelo meio da noite! Idiota! Ele não passava de um idiota que se deixara cegar pela raiva e pelo desejo de se vingar. Saiu de perto de Clarisse, deixando-a vulnerável, exposta à sanha de um assassino cruel e cheio de veneno, tão indefesa como uma lebre no deserto.

Mark estudou pela última vez o rostinho pequenino, um segundo antes de velá-lo para sempre com a ponta do tecido. Ergueu-se pesadamente e arrastou-se para fora do aposento, cruzando com sua irmã no caminho, passando por ela sem vê-la realmente.

Atravessando o salão de Svenhalla, sendo acompanhado de perto por Gilchrist, Aswad e Ragnar, Mark foi enterrar sua filha e, junto com ela, seus sonhos e suas esperanças.

A apreensão tomou conta de todos em Svenhalla. Marit foi informada logo cedo do ocorrido com Mark e, posteriormente, com Clarisse. Consternada, a matriarca dos Svenson recolheu-se em seus aposentos para rezar. Trudy e Ulla seguiram seu exemplo, enquanto Leila foi intimada pelo marido a repousar um pouco.

Björn e Einar encarregaram-se de inspecionar as defesas do castelo e Anne preferiu ajudar Frida a distrair as crianças. Gaetain, depois de ficar por horas a fio ao lado de Terrwyn no corredor, ouvindo os gritos de sua mãe, acabou por adormecer e foi colocado por Ragnar em sua cama.

Radegund, ao lado de Clarisse, que foi banhada e penteada por ela e por Terrwyn, velava o sono da prima. A jovem tinha ido se deitar e ela ficou ali. Sequer trocara suas roupas. Havia apenas jogado suas armas num canto assim que entrara com Lizzie no quarto, na noite anterior.

Diante da visão de Clarisse perdendo sangue e do desespero de Mark, ela ficou ali, estática, abraçada à filha, sem poder fazer absolutamente nada. Logo, Terrwyn e Gaetain abraçaram-se a ela também, e ficaram todos juntos, impotentes diante do sofrimento da doce e meiga esposa de Mark.

Quando tudo se complicou e o parto evoluiu, Radegund pediu a Terrwyn que levasse o menino dali. Sob os protestos e as lágrimas de Gaetain, a jovem obedeceu a sua tutora, sentando-se com ele no corredor, fazendo-lhe companhia. Frida veio pouco tempo depois e levou Lizzie, adormecida, de volta para a cama.

E ela permaneceu no quarto, sem poder fazer nada, vendo Mark amparar Clarisse. Vendo Leila segurar o bebezinho pequeno demais para sobreviver fora do ventre de sua mãe. Vendo a desgraça que Jean tinha semeado sob o teto de Leila e Ragnar. Seu coração se dividiu entre a tristeza e o ódio. De alguma forma, aquele monstro tinha que ser detido.

Clarisse remexeu-se no sono e gemeu, arrancando a prima de suas reflexões. Num átimo, Radegund estava ajoelhada ao lado do leito, a tempo de ver a prima abrir os olhos embaçados pela dor e pela tristeza. A mão delicada de Clarisse procurou a sua.

— Prima, — sua voz soou tão fraca que chegou a assustá-la — que bom que está aqui. Estou com tanto medo de que ele volte...

— Ele não vai voltar, Clair. Estou aqui.

— Ele queria Lizzie, — Radegund arregalou os olhos, trêmula. Clarisse respirou fundo e prosseguiu — eu o impedi de levá-la.

— Oh meu, Deus! Clair, eu sinto muito... se eu estivesse aqui... se nós estivéssemos... perdoe-me, prima.

Os olhos dela se fecharam por um instante, enquanto Clarisse lutava contra a fraqueza e o frio que a consumia. O tempo se escoava como areia numa ampulheta. E ela precisava falar a Radegund tudo o que tinha para ser dito antes que Mark entrasse ali de novo. Sentia suas forças se esgotando a cada minuto.

De olhos fechados ouviu a porta do aposento se abrir e soube que Mark havia chegado; reconheceria os passos de seu marido em qualquer lugar. Abriu os olhos com esforço e fitou a face amada. Tentou sorrir para ele. Notou seu rosto contraído, os olhos inchados e vermelhos. Mark havia chorado. Ele, que era um guerreiro formidável, um homem que à primeira vista intimidava só pelo tamanho, chorou como um bebê ao acalantar a filhinha morta em seus braços. E ela chorou junto com ele, por saber...

— Minha esposa — ele murmurou, beijando seu rosto carinhosamente — eu sinto muito não ter estado aqui com você.

— Não poderia fazer nada contra ele — disse ela — ele o teria matado. Como tentou fazer antes. — Tenso, ele encarou Radegund, que deu de ombros. Clarisse

adiantou-se nas explicações. — Ouvi Terrwyn comentando. Não culpe minha prima. — Fitou-o intensamente. — Não se culpe.

Difícil. Ele já estava se culpando desde o instante em que pôs os pés ali dentro e a viu naquele estado. Deus! Por que ele não protegera sua própria esposa?

— Mark, — a voz de Clarisse o fez voltar sua atenção de novo para ela — quero falar com minha prima. Pode nos dar uns minutos?

— Claro, querida.

Ele se levantou e se afastou, mas não saiu do aposento, ficando de pé, em frente à porta, com o coração carregado de angústia.

Radegund, intrigada, aproximou-se da prima, que tomou suas mãos entre as dela. A ruiva se assustou com o contato da pele gelada e sem vida.

Clarisse não fez rodeios. Sorriu para ela com aquele seu sorriso repleto de doçura e começou a falar, parecendo fazer um enorme esforço para tal.

— Ouça-me, prima. Sei que não tenho muito tempo. Tome conta de meus filhos e de Terrwyn, eles ainda precisam de orientação.

— Clair...

— Não vamos nos enganar, Radegund. Minha vida se esvai, eu sinto. — Fitou-a intensamente. — Olhe por Mark. Agora, mais do que nunca, ele vai precisar de você. Fique com ele, não desista dele, ainda que ele venha a lhe dar motivos...

— Clarisse, sabe que eu jamais o abandonaria!

À distância, Mark apenas ouvia os murmúrios de sua esposa e observava a cabeça baixa da ruiva, ouvindo-a com atenção. Viu quando, em algum momento, reagindo a algo que a prima disse, Radegund enrijeceu e balançou a cabeça, numa veemente negativa. Chegou a ouvi-la dizer “*não*”. Depois, ela se levantou e passou por ele como se não o visse, o olhar vago e perdido. Leila, que já havia acordado e passava pela porta, colocou a mão sobre o ombro dela e ela nem percebeu. Olhou para trás apenas uma vez e ele viu o momento em que os olhares das primas e amigas se cruzaram pela última vez.

Depois disso, Radegund disparou pelo corredor como se todos os demônios do inferno estivessem atrás dela.

— Mark... — a voz de Clarisse soou tão baixa que ele só ouviu porque estava muito atento a cada movimento dela. Num segundo estava ao seu lado.

— Diga, minha esposa. O que tem?

A mão gelada tocou a face morena e a barba por fazer.

— Quero apenas dizer que eu te amo, querido — ela buscou o ar que parecia lhe faltar — cuide de meus filhos...

— Eles são nossos, Clair — ele a abraçou e a embalou como a uma criança — e pare de falar como se fosse morrer!

— Sabe que eu vou, Mark...

— Não!

— Shh! — O dedo delicado tocou seus lábios. — Você, mais do que ninguém, sabe que não há chance. Continuo a sangrar. Ouvi Leila dizer que meu útero provavelmente se rompeu. Mas não importa... — fez outra pausa, tentando ganhar forças — diga a Lothair e Gaetain que eu os amo muito.

— Clair, por favor — ele implorou — resista!

Ela sorriu e pediu.

— Beije-me. Deixe-me sentir o calor de sua boca mais uma vez...

Ele a beijou suave e ternamente. Ambos sentiram o gosto salgado de suas lágrimas que se misturavam ao beijo naquela amarga despedida. Mark mais uma vez se perguntava por que Deus, o Diabo, ou fosse lá quem fosse que jogava com os destinos dos homens, fazendo deles suas marionetes, lhe dera a capacidade de ceifar tantas vidas com sua cimitarra sem, contudo, permitir que ele fosse capaz de salvar aqueles a quem amava.

Clarisse via, entre a névoa que parecia engoli-la pouco a pouco, as emoções que passavam pelo rosto de seu marido. Um sofrimento enorme encobria os olhos castanhos como nuvens que prenunciavam uma tempestade. Afastou-se um pouco de Mark e fitou o espaço atrás dele. Um rosto conhecido lhe sorriu.

— Luc...

Mark arregalou os olhos.

— O que disse, Clair?

— Luc, meu amigo.

Ela sorriu e Mark teve medo. Conhecia inúmeras histórias de pessoas que viam parentes e amigos já mortos em seus derradeiros momentos na terra. Abraçou-a com força, como se assim pudesse reter a vida em seu corpo.

— Clair, fique comigo!

Um sussurro escapou dos lábios dela, que via Luc, seu cunhado e amigo de juventude, estender-lhe a mão com um sorriso.

— Não chore, querido. Onde quer que eu esteja, meu amor chegará até você.

— Clair, me perdoe por não ter estado com você quando precisou de mim! Perdoe-me!

Ela afastou a face de seu peito e encarou-o.

— Não se culpe. — Olhou novamente para o espaço além dele e estendeu a mão — ficarei bem.

Venha Clair, minha amiga. Não tema. Estou aqui para lhe ajudar.

Os olhos azuis de Clarisse cintilaram por um segundo com grande emoção. Depois, com o peito oprimido, Mark acompanhou o brilho da vida deixando seu corpo, sentindo o coração dela parar de bater de encontro ao seu peito. Nos lábios de Clarisse, no entanto, apesar de todo o sofrimento, havia um sorriso sereno de quem partia em paz.

Devagar, com as mãos trêmula e em meio a soluços desesperados, Mark fechou os olhos de sua esposa. Com eles, fechou também seu coração.

CAPÍTULO 16

"DE ONDE TE VEM, RESPONDE, ESSA TRISTEZA INFINDA
QUE GALGA, COMO O MAR, O NEGRO E NU ROCHEDO?
QUANDO NO CORAÇÃO NOSSA COLHEITA FINDA,
VIVER É UM MAL. NINGUÉM IGNORA ESTE SEGREDO."
Semper Eadem. C. Baudelaire.

Gilchrist viu quando Mark saiu de seus aposentos completamente arrasado. Não precisou ouvir nenhuma palavra da boca do amigo para saber o que havia acontecido. De frente um para o outro, apenas se olharam, tensos, contidos. A mão do irlandês ergueu-se e pousou sobre o ombro largo do mestiço, apertando-o com suavidade, tentando transmitir-lhe forças. Mark abaixou os olhos e depois a cabeça. Passou por Gilchrist e caminhou pelo corredor em direção ao quarto de Gaetain.

O irlandês o acompanhou com os olhos, sufocado diante de tanta tristeza. Clarisse, a doce esposa de seu amigo, fora mais uma vítima do Mal que os perseguia. Uma súbita necessidade o impeliu pelos corredores. O desejo por um pouco de vida, de alento, o levou até diante de uma porta fechada. Antes que erguesse a mão para bater, a peça de madeira se abriu revelando Ulla.

Em silêncio, ele deu um passo para dentro, enquanto ela recuava. A porta bateu atrás dele. Seu braço se ergueu e puxou-a para si. Sem uma palavra, reclamou sua boca, tentando afastar o medo que o assolara de repente. Tinha tão pouco tempo! Queria ainda fazer tantas coisas!

A fragilidade da vida o assustou de tal forma que se viu arrancando as roupas de Ulla e as suas próprias. A necessidade o envolveu de tal maneira que tudo o que queria naquele instante era o calor do corpo de sua mulher. Era sentir-se pulsante de vida, ainda que por alguns instantes. Amá-la seria declarar uma pequena vitória, uma breve trégua naquele mar de insanidade e tristeza.

Submissa, Ulla o aceitava, permitia que ele a abraçasse, que devorasse sua boca com seus beijos, que consumisse seu corpo com as chamas de seu desejo primitivo, incivilizado. Sentia a força do Dragão querendo se libertar de dentro dele, a força de eras antigas fluindo de dentro de seu corpo rígido e cheio de cicatrizes.

Num gesto rápido, ele a ergueu do chão e a colocou sobre a cama, ajeitando-se entre suas pernas, mergulhando de uma só vez dentro de seu corpo. Havia no Dragão uma pressa instintiva, a arrogância natural daqueles que carregam dentro de si muitas certezas.

Ulla sentiu-se tomada por uma onda de prazer intensa que se avolumava a cada investida dele dentro de seu corpo. Cada gemido seu parecia estimulá-lo ainda mais. Em silêncio, ele a tomava. Possuía a mulher que lhe fora entregue pelo destino, reclamava o resto de vida a que tinha direito.

Os dois mergulharam numa espécie de transe extático, arrebatados por uma força poderosa que parecia interligá-los em diferentes dimensões. Ulla deixou escapar um grito enquanto ele grunhia na língua dos antigos e despejava dentro dela sua semente. Ela atingiu o clímax rezando para que aquela semente germinasse.

E quando o Dragão cumprisse sua sina, Ulla teria um filho dele para acalentar.

A tristeza se abateu sobre Svenhalla como uma ave de rapina. Aswad, num canto do salão, observou o velho companheiro sentar-se desolado, com a cabeça entre as mãos, numa cadeira perto da lareira. Sentindo-se impotente, o beduíno buscou com olhos sua esposa. Onde estava Trudy? Saberla ela que sua senhora e amiga partira do mundo dos vivos? Indagou aos criados e soube que ela estava em seus aposentos. Decidido, subiu as escadas e caminhou até lá, batendo na porta antes de abri-la.

Sob o sol fraco que entrava pela janela, Trudy estava sentada no parapeito de pedra. Seu olhar perdia-se na paisagem e seu rosto apresentava marcas de lágrimas. Ele avançou até ficar bem perto dela, sem, no entanto, tentar tocá-la, apesar de estar morrendo de vontade de fazê-lo. Só quando ele parou ao seu lado foi que ela percebeu sua presença. De início, um brilho de contrariedade cruzou seu olhar. Depois, ficou apenas a desolação.

— A dama Clarisse...? — A pergunta escapou num murmúrio trêmulo.

Aswad balançou a cabeça.

— Sinto muito.

Chocada, Trudy se esqueceu da mágoa que seu marido lhe causara e atirou-se nos braços dele, chorando a perda daquela que foi muito mais do que sua senhora. Clarisse a acolhera de braços abertos em Delacroix, ensinara-a a se comportar como uma verdadeira dama, fizera com que fosse respeitada por todos, a despeito de seu passado. Dera-lhe uma posição no castelo e ensinara-a, junto com Roger, a escrever e a ler.

Roger! Ela pensou no quanto a notícia deixaria triste o velho administrador de Delacroix. E ainda havia Lothair, fora de casa há tanto tempo...

Espantado com a reação dela, Aswad apenas a abraçou e deixou que colocasse para fora toda sua tristeza. Acariciou os cachos louros e a embalou junto a si, transmitindo-lhe seu calor, confortando-a com carinho. Aproveitava também para matar as saudades que sentira de tê-la entre seus braços, de sentir o corpo macio e delicado de encontro ao seu. Ah, se não tivesse cometido tantas asneiras! A essa altura Trudy já poderia até estar carregando seu filho. Tentou basear suas esperanças naquele pequeno gesto de confiança que ela fazia em sua direção.

Se ela havia permitido que ele a abraçasse e a consolasse, se ela não o mandara embora dali, talvez ainda houvesse uma chance. Talvez ainda pudessem recomeçar. Naquele momento, apesar de toda tristeza reinante, Aswad sentiu que o sol poderia voltar a brilhar.

Anne, embora fosse judia, recolhera-se à capela de Svenhalla para meditar e rezar pela esposa do homem chamado Bakkar. O lugar oferecia a paz e a tranquilidade de que ela precisava. Ela fora para a casa de Leila na esperança de encontrar um refúgio seguro depois de tanto tempo de fugas e disfarces. Parecia, no entanto, que caíra numa confusão ainda maior.

Ela já estava ali há um bom tempo, sozinha e em silêncio, mergulhada em pensamentos na penumbra serena do pequeno templo, quando a porta se abriu e se fechou rapidamente. Uma pessoa alta e vestida de negro atravessou a nave e parou diante do altar sem se dar conta de sua presença.

Imediatamente ela reconheceu Radegund, a baronesa de D’Azûr e antiga agente de Ibelin. E pelo estado em que ela se encontrava, as notícias deveriam ser as piores possíveis.

Consternada, Anne a ouviu desfiar um rosário de imprecações e blasfêmias pagãs diante do altar, olhando para cima como se discutisse com Deus. Logo, as pragas se tornaram grunhidos. Estes viraram gemidos e os gemidos acabaram em soluços sentidos. A jovem agente da Sociedade viu quando a ruiva caiu de joelhos diante da imagem do Cristo crucificado, chorando copiosamente a morte de sua prima e a dor de seu amigo.

Antes que percebesse o que fazia, Anne, a quem a vida ensinara que todos os momentos eram preciosos e que nenhuma oportunidade de ajudar a quem quer que fosse deveria ser desperdiçada, viu-se caminhando na direção de Radegund e pousando a mão em seu ombro, num gesto mudo de apoio.

Os olhos verdes ergueram-se, toldados pela amargura e pela desesperança. Os sentimentos estavam tão expostos naquele olhar que Anne se ajoelhou ao lado dela, abraçando-a, apoiando-a em silêncio.

Para Radegund, aquele alento vindo de uma quase estranha serviu de conforto e consolo. Serviu para que esquecesse um pouco a confusão e o choque em que a lançaram as últimas palavras de Clarisse. Sua prima só poderia estar delirando quando lhe disse aquilo! Devia ser a perda de sangue ou a proximidade da morte confundindo sua mente! Não podia ser verdade!

Ao mesmo tempo em que o gesto a consolava, também lhe dava alívio, por ser Anne quem estava ao seu lado. Pois qualquer outra pessoa que a conhecesse melhor e a visse naquele momento, saberia exatamente o que se passava em seu coração perturbado.

A paisagem cinzenta de Svenhalla tingiu-se de vermelho. Sob o sol pálido e frio, num outono que mais parecia inverno, as melancólicas árvores eram testemunhas mudas do homem solitário curvado diante das duas sepulturas. Seus galhos desnudos, que se erguiam pontudos para o céu, assemelhavam-se a mãos suplicantes que imploravam, talvez, por uma misericórdia que jamais chegaria.

A força dos braços daquele homem, que tantas vezes foi aplicada na tarefa de empunhar a cimitarra e enviar para a morte cristãos e sarracenos, hoje havia sido empregada contra o solo enregelado. Seu trabalho fora ajudar a abrir o berço que acolheria sua mulher, bem ao lado do local onde, horas antes, ele havia sepultado a filhinha natimorta.

Depois que todos se foram, ele ainda ficou ali, ignorando o frio vento cortante do Norte, olhando para as cruzes de madeira que seriam o único vestígio físico da presença das duas amadas criaturas sobre a terra. Amargo, Mark via a si mesmo como o maior culpado por aquela situação. Não protegera sua esposa, nem sua filha. Deixara-as expostas ao assassino que estava à espreita, apenas aguardando uma oportunidade para agir. Agora teria que carregar para sempre aquele peso, aquela responsabilidade. Em sua mente tomada pela dor, só havia espaço para o remorso e o desejo de desaparecer da face da terra. Não tinha coragem sequer de encarar Gaetain ou Terrwyn. Como poderia aceitar a confiança que a irmã e o filho depositavam nele? Como aceitar o amor deles, se não era digno sequer de sua piedade?

Balançando a cabeça, agitando os cabelos negros e soltos em torno do rosto moreno e marcado pelo sofrimento, Mark se abaixou e tocou o solo gelado e revolvido.

— Perdoe-me, Clarisse.

Cabisbaixo, deu as costas às sepulturas e voltou para o castelo. Sentiu os olhares de todos sobre si, sua piedade, a tristeza que pesava e calava a todos. Sentiu principalmente Radegund, como se ela suplicasse mentalmente a ele uma abertura para poder se aproximar. Que fossem para o inferno todos eles! Não percebiam que não queria ser consolado? Que queria sofrer cada ínfima porção daquela dor tão merecida?

Terrwyn deu um passo em sua direção, parando diante dele. Por um segundo a encarou e seus olhos se encontraram. Então, quando ela tentou fazer um movimento no sentido de abraçá-lo, Mark desviou-se e arrebatou uma garrafa de *akevitt* de cima de uma das mesas. Com passos duros, subiu as escadas e entrou em seus aposentos, batendo a porta.

Porto de Bergen, Noruega, um mês depois

— Está dizendo que não nos levará a Svenhalla, capitão Sverre? — Berrou Chrétien.

O velho lobo do mar terminou de tomar sua cerveja e lançou um olhar de desdém ao janota diante de si. Conhecía bem aquele tipinho. Achavam que podiam chegar num porto e dizer a um marujo que queriam um navio e pronto! Seriam levados para onde quisessem ir, como se a embarcação fosse uma espécie de tapete mágico dos sarracenos! Há! Ele que congelasse ali esperando que ele, capitão Sverre Johanssen, os levasse a qualquer lugar que fosse no início do inverno. Além do mais, o que diabos aquele estranho teria para fazer naquele fim de mundo que era Svenhalla?

— Isso mesmo, mestre D'Arcy — respondeu o capitão, indolente — nem eu e, acredito, nem nenhum outro capitão cometerá a insanidade de zarpar para o Norte nessa época. Seria uma loucura. Um risco desnecessário. Espere até o fim do inverno, quando passar a estação das tempestades.

O rosto bonito de Chrétien D'Arcy ficou crispado de raiva.

— Não posso esperar mais! Preciso estar em Svenhalla o quanto antes.

O capitão se ergueu do banco e outros marinheiros acompanharam seu gesto. Sverre Johanssen, apesar de já ter passado dos cinquenta anos, ainda era um homem forte e sua presença era intimidadora. Junto com seus subordinados e outros dois capitães de navios comerciais que passavam o tempo naquela taverna, tornava-se uma verdadeira ameaça.

Chrétien cerrou os dentes e um dos homens indagou, desconfiado.

— Tem algum negócio com o capitão Svenson?

— Não — grunhiu o agente da Ordem — meu negócio é com o irmão dele, o *chevalier*.

— Foi convidado? — Perguntou um marinheiro moreno, de musculosos braços cruzados sobre o peito.

— Não, ele não sabe que vou — disse Chrétien não querendo se indispor com aqueles brutamontes.

— Sendo assim — disse o capitão Sverre — acho melhor esperar aqui mesmo. Os irmãos Svenson são um bando de lobos selvagens. Não gostam de estranhos em suas terras. No fim do inverno os navios retomarão as rotas comerciais. Daí então poderá mandar uma mensagem a Svenhalla, comunicando sua visita.

— Não há como chegar até lá por terra? — Ele ainda tentou saber.

— Nesta época, daqui, é impossível. A passagem já estará fechada quando a alcançar. Svenhalla fica quase que isolada do fim do outono até o início da primavera. Só é possível ir de lá para Nidaros, que fica um pouco menos ao Norte, e vice-versa. Lamento.

Grunhindo uma imprecação, Chrétien deu as costas aos marujos e saiu da

taverna. Que maçada! Mais essa agora. Teria que passar o inverno na fria Bergen, longe da civilização. Suspirou desolado sob o sol fraco da manhã. Pelo menos trouxera Karin, aquela vagabunda, consigo. Teria como se divertir naquela estadia forçada na Noruega. E quando pusesse as mãos em Scholz...

Um sorriso desmanchou a carranca de Chrétien e iluminou seu rosto. Em seus olhos instalou-se um brilho de prazer antecipado quando as imagens do que faria com a agente Scholz quando a pegasse começaram a fluir em sua mente.

Svenhalla, Noruega

Einar guardou o volume que acabava de ler na prateleira e deu a volta na estante. Onde estava o tomo de “*A Arte de Amar*”, de Ovídio? Podia jurar que o guardara ali! Mas que diabo! Detestava quando seus irmãos tiravam os livros da ordem em que ele os organizava. Bah! Podia apostar que aquilo era coisa de Björn, que adorava pegar seus clássicos para copiar versos e impressionar as raparigas.

— Inferno! — Resmungou ele indo para trás de uma das estantes.

Procurando o livro em silêncio, Einar não foi notado pelas três mulheres que entraram no cômodo e fecharam a porta. Ele mesmo só foi perceber que não estava mais sozinho quando ouviu a voz de sua cunhada dizendo a alguém.

— Aqui poderemos falar sem que Ragnar nos ouça.

Ora, o que Leila poderia querer esconder de seu irmão? Outra voz soou, mais rouca e grave, a da ruiva.

— Ainda acredito que deva dividir isto com ele.

— Já disse que não, Raden! — Exclamou Leila irritada. — Deve ficar somente entre nós. E como Mark, que é um agente da Sociedade e quem deveria cuidar disso comigo, agora se preocupa apenas em esvaziar uma garrafa de bebida atrás da outra, só poderei contar com você para encontrar um lugar seguro para Anne!

Einar franziu o cenho e manteve a mão sobre o livro que acabava de puxar da estante. Anne, a linda Safo, corria perigo?

Seu coração se apertou e ele desistiu de revelar sua presença. A jovem Scholz respondeu, do outro lado da estante, com sua voz doce e aveludada.

— Não discutam por minha causa, senhoras. Não quero trazer mais problemas dos que já tem. Quanto a *messire* al-Bakkar, acho que talvez devamos lhe dar mais um tempo. Coitado! Ele perdeu a esposa.

— E perderá o filho, a irmã e os amigos se continuar agindo deste modo! — Esbravejou Radegund, remexendo no sinete sobre a mesa de trabalho de Leila. Balançou a cabeça e completou, aborrecida. — Nunca pensei que fosse dizer

isso dele, mas Mark vem se comportando de forma desprezível. Há mais de um mês que vem bebendo o tempo todo. Ontem eu o encontrei caído no estábulo, sobre um monte de feno, dormindo e fedendo a cerveja!

Leila se sentou e Anne imitou o gesto. Radegund permaneceu de pé, irritada, andando de um lado para o outro. A sarracena falou.

— Como Anne disse, Raden, é melhor dar mais um tempo a ele. Mark nunca foi assim. Ele vai cair em si. Vou falar com Björn para que não o chame mais para ir à vila. Meu cunhado também gosta de uma boa farra. Quanto à situação de Anne, creio que devemos tentar decifrar os códigos dos arquivos. São eles que tornam Anne refém da Sociedade e que a fazem ser cobiçada pelo Templo.

— Sei que a chave para os arquivos está no desenho que carrego, senhora — falou Anne — mas como usá-la é um mistério para mim.

— Eu também não sei por onde começar — comentou Leila e voltou-se para a ruiva — Anne me mostrou o desenho. Tem uma intrincada combinação de arabescos com caracteres árabes, hebraicos e latinos. Só Deus sabe como decifrá-los! Não formam nenhuma sequência concisa, não fazem sentido algum!

Einar, do outro lado da parede de livros, estava cada vez mais intrigado. Que história era aquela de Sociedade, Templo, códigos e chaves? Quem era sua cunhada na verdade? E quem eram Anne e Radegund também?

— Seja como for, Leila — a ruiva se sentou pesadamente diante das duas — é melhor sermos eficientes. Se o mercenário da Ordem descobrir onde Scholz está, os templários cairão sobre Svenhalla como fizeram com Delacroix. E a vida de Anne não valerá um marco sequer!

Chocado com aquela afirmação, Einar deixou cair o livro que segurava. E antes que pudesse dar uma explicação, viu-se com três adagas, de três mulheres furiosas, apontadas para si. Leila inquiriu duramente.

— Pode me dizer o que faz aqui, cunhado?

— Eu...

— O quanto ouviu? — Perguntou Radegund com um brilho frio no olhar.

— Alguma coisa... — ele foi evasivo.

Anne espetou a barriga dele com sua arma. E seus olhos castanhos não pareciam mais os de uma doce poetisa. Eram determinados e seguros do que fazer caso ele não lhe desse as respostas certas.

— Diga a verdade, *sire*.

Ele suspirou e ergueu as mãos, derrotado.

— Está certo. Eu ouvi tudo o que disseram. Desculpem-me. Eu devia ter me anunciado assim que entraram.

— Devia mesmo — afirmou Anne.

— Olhe, eu já vou embora, está certo?

Leila encostou a adaga em seu pescoço, apesar de odiar fazer aquilo com o gentil Einar.

— Não vai mesmo, cunhado.

Deus! Seria sua cunhada uma assassina e aquelas duas suas cúmplices?

— Leila!

— É melhor se sentar um pouco, rapaz — falou Radegund, puxando-o pela manga da túnica e empurrando-o pelos ombros para uma cadeira — e também é melhor que comece a falar. Caso contrário, não sairá daqui tão cedo. Ou então — piscou para Leila sem que ele visse — cairá doente de forma repentina e morrerá em poucos dias, vítima de uma moléstia misteriosa, levando os segredos que ouviu para o túmulo.

Anne virou-se de costas para esconder o riso ao ver os olhos verdes de Einar se arregalarem. A baronesa sabia mesmo ser convincente. Ah, e a senhora Leila, então? Não era à toa que aquela pequena mulher era uma das Cabeças da Sociedade. Que atuação, que determinação! As duas eram dignas de um drama de Eurípedes⁴¹!

— Bem, Einar, vamos começar do começo — principiou Leila, sentando-se e cruzando as pernas, enquanto Radegund mantinha-se ameaçadoramente atrás de seu cunhado, girando a adaga na mão — O que exatamente escutou?

Gaetain, sentado perto da lareira, olhou de Mark para Terrwyn, que apenas deu de ombros. Mal o dia amanhecera e seu pai já estava totalmente embriagado. Agora, ele e o capitão Svenson saíam juntos para a vila, na certa em busca de mais bebida.

Respirando fundo, Gaetain tomou coragem e correu atrás dele, puxando a manga de sua túnica amarrotada. Mark estacou, enquanto Björn lançou um olhar aos dois e achou melhor seguir adiante.

— Pai.

— O que é? — Respondeu Mark, de má vontade.

— Por que não fica comigo e com Terrwyn hoje?

— Para quê, garoto? Tenho mais o que fazer além de ficar pajeando um moleque e uma mocinha mal-educada.

Um pouco afastada dos dois, Terrwyn encolheu-se sob mais uma grosseria de seu irmão. Desde o momento em que havia voltado do sepultamento de Clarisse, há pouco mais de um mês, Mark parecia outra pessoa. Era como se tivesse enlouquecido de dor e tristeza. E ela e Gaetain haviam se tornado alvo constante da acidez de seu humor. Ou ele estava bêbado, ou estava destilando ironia e mordacidade sobre quem quer que tentasse se aproximar dele para ajudá-lo. A única pessoa com quem ele *ainda* não tinha brigado era Radegund. E ela dava

graças a Deus. Pois um confronto entre aqueles dois, nas atuais circunstâncias, certamente chegaria às vias de fato.

Gaetain por sua vez lutou para engolir as lágrimas e esconder a mágoa. Tentou de novo.

— Pai, por favor. Pare de beber todos os dias, mamãe ficaria muito triste se o visse assim.

Foi por pouco que Mark não agrediu o menino fisicamente. Rosnou enraivecido ao ser lembrado de Clarisse e, por conseguinte, de sua culpa.

— Não sou seu pai, garoto! — Ele bradou. — Minha única filha está morta e eu nunca tive outro filho com mulher alguma! Deixe-me em paz! Você me irrita!

Diante da perplexidade de todos presentes no salão, o mestiço saiu pisando duro, deixando inclusive Björn para trás, indo em direção aos estábulos de Svenhalla e de mais um dia de bebedeira.

Depois que Gaetain disparou correndo escadas acima, Terrwyn ergueu-se da cadeira e, arrebanhando as saias, caminhou determinada até onde ficara parado, estático, o capitão Svenson.

— Satisfeito? — Grunhiu ela, encarando-o.

— O quê? — Perguntou ele, atordoado.

— Estou perguntando se está satisfeito com o que arrumou! Viu no que deu ficar carregando Mark todo dia para a vila, para suas farras? Não podia deixá-lo aqui e ir sozinho?

— Alto lá — ele ergueu o dedo e apontou para ela — eu não carreguei seu irmão comigo. Ele foi porque quis!

— Você o incentiva, faz-lhe companhia. Não é a mesma coisa?

Björn esfregou o rosto com a mão, irritado. Que criaturinha petulante! Quem ela pensava que era para vir tomar satisfações com ele? Aborrecido, pegou-a pelo braço e a arrastou para uma sala pegada ao vestíbulo, onde a discussão não se converteria no principal assunto do dia entre a criadagem.

— Eu não o incentivo, — ele informou — vou com ele para que não se arrebente pelo caminho. Foi Ragnar quem me pediu que o acompanhasse.

— Bah, — Terrwyn debochou — conte outra, capitão! Todo mundo sabe que adora passar as noites se divertindo no vilarejo entre canecas de cerveja e mulheres de vida fácil!

Björn bufou. Que diabo! Que vontade de calar aquela criatura irritante! O que a garota tinha a ver com seu divertimento?

— Escute aqui, pirralha — começou ele ameaçador — vou avisar só uma vez. Ninguém em minha família se mete em minha vida. Ninguém me pede contas do que faço em meu tempo livre. Eu sou o capitão Björn Svenson, comandante do

Freyja, onde minha palavra é lei. Não vai ser uma menina como você quem vai se meter a tomar satisfações sobre o que faço ou deixo de fazer!

De braços cruzados e queixo erguido, Terrwyn observava o acalorado discurso do enorme Björn do alto de toda sua pouca altura e de sua gigantesca insolência. Mal sabia ele que, quando se casassem, ele teria sim que dar satisfações a alguém. A ela, é claro. Mas não diria isso a ele. Não ainda. Daria corda para que ele se enforcasse. Por hora, no entanto, cuidar de seu irmão era muito mais importante.

— Não estou lhe pedindo satisfações sobre o que o senhor, faz capitão! Pouco me importo com isso... — *Terrwyn, como você é mentirosa* — estou apenas sugerindo que pare de incentivar meu irmão a beber ainda mais!

O capitão deu um passo à frente, irritado, e agarrou Terrwyn pelos ombros, quase tirando-a do chão. Ao tocar os ombros estreitos e delicados, chocou-se com a momentânea onda de sensualidade que o envolveu. Recriminou-se mentalmente. Diabos, ela era uma menina! Bonita, sem dúvida. Mas uma menina! Refugiou-se na raiva e sufocou as sensações que o assaltavam ao ter sob a palma de sua mão uma pele tão macia.

— Eu já disse — sua voz soou baixa e sibilante — que estou acompanhando Bakkar a pedido de Ragnar. Enfie isso em sua cabeça!

Soltou-a rapidamente, como se ela o queimasse, e recuou. Terrwyn, entre irritada e abalada com o toque rude, porém, intenso, ainda retrucou.

— Eu não acredito.

Ele bufou e praguejou em sua língua para, em seguida, dar-lhe as costas e resmungar enquanto saía pelo vestíbulo.

— Faça como quiser.

Em seus aposentos Trudy olhava perplexa a movimentação dos criados que entravam e saíam com as bagagens de seu marido.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — Indagou ela em francês ao que uma criada pôde apenas dar de ombros.

Frida, a ama dos filhos de Leila, que vinha pelo corredor, tratou de socorrê-la.

— Ah, senhora Trudy. Isso foram ordens da senhora Ingesdatter. Ela disse que, já que seu marido está aqui, não tem porque não dividir os aposentos com ele. A senhorita Terrwyn ficará em outro quarto e o casal poderá ter todo conforto e privacidade — concluiu a jovem, corando.

Trudy revirou os olhos. Podia jurar que aquilo era coisa de seu marido. Logo cedo vira-o confabulando com a mãe de Ragnar, no solário. A velha senhora, Deus sabia porquê, simpatizara com Aswad e parecia inclinada a fazer as vezes de cupido.

Diabos! Como faria para resistir aos avanços dele? Não queria sofrer de novo. Não queria cometer a tolice de se deixar encantar por Aswad novamente, sendo ele seu marido ou não! Já bastava uma vez. Já bastava ter sido vítima de todas aquelas acusações e de seu ciúme. Tinha que dar um jeito de mantê-lo a distância.

— E isso foi tudo o que ouvi — concluiu Einar, desolado.

Leila olhou de Radegund para Anne. A ruiva parecia ainda mais irritada do que antes, ao passo que a doce Anne estudava-o como a um inseto num alfinete.

— Einar — começou sua cunhada massageando as têmporas — pelas regras da Sociedade, eu devia, no mínimo, fazer com que você desaparecesse da face da terra...

— Ora... — ele começou a se levantar, mas a ruiva empurrou seu ombro para baixo usando a parte achatada de sua lâmina. Leila prosseguiu.

— No entanto, em face da situação em que nos encontramos, creio que poderá nos ser mais útil vivo do que morto.

— Como? — Indagaram Anne e Radegund ao mesmo tempo.

Ela deu um sinal a amiga para que recolhesse a adaga, o que a ruiva fez lentamente. Não sem antes lançar mais um olhar fulminante ao irmão mais moço de Ragnar.

— Pensem bem. Atualmente não podemos contar com o apoio de Mark. Seus conhecimentos linguísticos seriam de grande valia na tarefa de decifrar a chave dos arquivos. Einar, por sua vez, é um estudioso e poliglota, assim como Bakkar. Se jurar solenemente manter segredo, poderá nos ajudar bastante.

— Podemos confiar nele, senhora? — Perguntou Anne, fitando-o de esguelha.

Leila, ao invés de responder, encarou o cunhado.

— Podemos, Einar?

Ragnar coçou o cavanhaque e estreitou os olhos cinzentos sob as sobrancelhas louras. Aquilo não estava lhe cheirando bem. Leila tinha entrado no gabinete havia mais de uma hora, junto com Radegund e a senhorita Anne. Bem, que ela estivesse confabulando este tempo todo com a amiga de longa data, ele entenderia. Que estivesse tratando de negócios com a tal saxã, ele também aceitaria. O que não entrava na sua cabeça, no entanto, era o que ela teria para falar em comum e durante tanto tempo com as duas!

Radegund nada tinha a ver com os negócios dos Svenson no Sacro Império e na Westfalia. Ora bolas, D’Azûr comercializava cavalos e não tecidos! Quem poderia ter algo em comum para tratar com Leila e Scholz seria Bakkar. Mas este, atualmente, parecia mais interessado em consumir toda a produção de

akevitt da Noruega do que em tratar de assuntos comerciais. Diabos! O que havia de errado naquela história? Ele apostaria cada pelo de sua barba como o assunto discutido atrás daquelas portas nada tinha a ver com o comércio de lã, seda e arenque.

Olhando para o jogo que ficou armado sobre a mesa, esperando por Terrwyn, ele se distraiu um pouco, até que a porta do gabinete se abriu, surpreendendo-o e intrigando-o ainda mais. Além das três mulheres, todas muito sérias, saiu de lá também seu irmão mais novo, com a cara mais pálida e perturbada do que jamais viu antes.

Ragnar franziu o cenho e seu olhar cruzou momentaneamente com o de Leila. Ela tratou de desviar os olhos imediatamente, falando algo em voz baixa para a ruiva. Radegund, por sua vez, encarou-a, olhou para ele e depois saiu em direção às escadas pisando duro. Einar acompanhou Anne até o solário e Leila saiu do salão, dirigindo-se à cozinha. Ele ficou sentado ali, de braços cruzados sob o peito largo, tentando imaginar o que diabos acontecia em Svenhalla.

Hrolf vasculhara a floresta em busca de sua presa, esquadrinhando cada canto, olhando atrás de cada árvore e sob cada rocha. Hoje ele apenas permanecia à espreita, aguardando que sua caça engolissem a isca. E se tudo corresse bem, ele finalmente pegaria a ladra que lhe surrupiara um bom corte de carne salgada de veado e um casaco de lã de carneiro.

Vestido com um manto cinzento, feito com pele de lobos, ele se ocultou atrás de uma árvore antiga, observando a entrada de sua casa à penumbra do entardecer. Deixara tudo aberto e um belo e cheiroso ensopado cozinhando no gancho sobre a lareira, dentro do chalé. Um chamariz perfeito para sua faminta convidada. Sim, convidada. Ele sentiu o cheiro e encontrou as pegadas leves e pequenas na floresta. A neve, apesar de pouco espessa, guardou o formato e a pressão, descrevendo para ele tudo o que precisava saber.

Era uma mulher; ágil, pequena, que andava com passos cuidadosos, estudando onde pisava e que corria nas pontas dos pés. Era leve e não devia ser muito alta, pelo que viu do tamanho de seus pés e pela profundidade das marcas no solo.

Um farfalhar suave anunciou sua presença em seus domínios. O velho lobo da floresta sorriu e aguardou, imóvel que a figura envolta em *seu* casaco caminhasse furtivamente na direção de sua cabana.

Mais um passo...

Saori estava cansada, com frio e com fome. O homem que falava com os animais saíra e deixara a casa aberta, como sempre fazia, praticamente convidando-a a entrar e se servir. Em outras ocasiões ela até seria mais

cuidadosa, mas, como estava chegando o auge do inverno e ela não tinha como ficar caçando, teria que roubar comida de novo.

Habituada a observá-lo, sabia que ele só retornaria tarde da noite, depois de ter passado no castelo e rido com os soldados dos portões.

Ela deu outro passo cuidadoso, olhando tudo ao redor, pronta para qualquer inimigo que saltasse sobre ela. Se estivesse menos concentrada na floresta e em sua fome, ela teria percebido a discreta diferença na superfície do terreno onde caminhava. Teria notado a armadilha que fora preparada para pegá-la. Tarde demais se deu conta de que tinha sido descuidada. Tarde demais se deu conta de que, para diminuir a carga, deixara suas armas na caverna, trazendo consigo apenas uma pequena faca. Tarde demais percebeu que o chão a engolia e que o homem que falava com os animais a ludibriara.

Levantou-se com cuidado, dolorida e coberta de folhas, galhos e neve, praguejando em sua língua materna. Olhou para cima, para a abertura do buraco que ele lhe preparara de armadilha. Logo, a cabeça coroada por uma cabeleira loura apareceu na borda. Com um sorriso, ele indagou.

— Confortável, pequena ladra?

Saori encarou o homem que falava com ela da beira do buraco. Fixou seus olhos nos dele e encontrou ali, por trás do falso divertimento, uma férrea determinação. Examinou suas possibilidades. Seus dardos estavam fora de seu alcance. Artifícios de sedução, semelhantes aos que usara com o soldado em Cádiz, iriam soar pueris para um homem que parecia ser já bem vivido e experiente. Pense, Saori, pense! Esforçou-se para falar na língua dele, que fora aprendendo naquele tempo de viagens e observações.

— Não sou ladra.

Hrolf achou engraçado o jeito como ela pronunciava as palavras em sua língua. Aquele sotaque estranho, aliado à aparência notadamente estrangeira e ao rosto meio encoberto por algo que se parecia com um *hijab*⁴², deixavam a pequena criatura que caçara ainda mais interessante.

— O que faz em Svenhalla? — Indagou ele, inabalável, sentando-se na beirada do buraco. — De onde veio?

— Só direi se me deixar sair.

Hrolf sorriu, indolente.

— E eu só a deixarei sair se me disser quem é e o que faz aqui.

Saori inspirou profundamente.

— Parece que temos um impasse.

— Temos sim.

— Prometo dizer assim que me tirar daqui.

O rastreador lançou a ela um olhar divertido.

— E eu sou um *troll*...

— O quê? — Perguntou, confusa.

— Esqueça — ele se levantou, majestoso em toda sua estatura, e pôs as mãos na cintura — daqui a pouco os lobos vão descobrir o buraco. Nesta época, estão famintos. A escolha é sua. Pode começar a falar agora, ou pode conversar com eles mais tarde.

— Ei! — Ela gritou, dando pulinhos dentro do buraco, tentando enxergá-lo lá fora. — Ei, volte aqui!

Afastado da borda, Hrolf aguardava, deixando-a a imaginar o quadro que ele pintara. Esperou tempo suficiente para que as imagens se implantassem na mente da mulher e para que sua estratégia surtisse efeito. Só se aproximou de novo quando notou uma nota de desespero na voz que chamava por ele. Debruçou-se

na beirada do buraco.

— O que é?

— Chamo-me Saori, venho do extremo Oriente numa importante missão.

Ele estreitou os olhos e coçou a cabeça. Ela, que já o observara durante muito tempo por entre as árvores, sabia que aquele gesto se repetia sempre que ele estava concentrado em alguma coisa.

— Numa missão? De que teor?

— Venho em busca daquele que deve morrer.

Hrolf sentiu um calafrio percorrê-lo e endureceu o semblante.

— Que história é essa de que alguém deve morrer, mulher? Quem deve morrer? Fale com clareza ou a deixarei para servir de jantar aos lobos!

Saori esfregou os braços sob o casaco de pele. Diabos! O homem era mais duro do que pensava. Não se contentaria com evasivas, não a tiraria dali enquanto não lhe desse algo de concreto. Tocou o medalhão em seu pescoço e tirou-o devagar, esticando a mão para o alto.

— Pegue.

Ele se abaixou e estendeu a mão, alcançando a dela. Seus dedos se tocaram e ele pode sentir a pele enregelada. Tomara que ela resolvesse cooperar, antes que a noite caísse por completo e a armadilha se transformasse numa tumba congelante. Ele não tinha a intenção de fazer a tal Saori morrer de frio. Pegou o objeto que ela lhe entregava e examinou-o com cuidado.

— O que é isso?

— Um amuleto. Deve ser entregue àquele que morrerá, ao que atenderá ao chamado do Dragão.

Ora! Aquela história de Dragão ele já conhecia. Ulla e Ragnar já haviam lhe contado algo. Assim como o irlandês. Diabos, o irlandês! Era assim que a jovem Svendsdatter chamava Gilchrist. O Dragão. Fitou a mulher com mais atenção e, inclinando-se sobre a borda do buraco, enfiou o amuleto dentro da túnica e esticou o braço para ela.

— Segure-se, vou tirá-la daí.

Ela duvidou.

— Assim? Não é melhor pegar uma corda?

Hrolf sorriu.

— Ande logo, ou a deixarei aí dentro.

Saori estendeu a mão e agarrou-se ao antebraço dele, que parecia feito de rocha sólida. A mão grande envolveu seu braço logo acima do cotovelo, fechando-se com firmeza em torno de sua pele, fazendo-a sentir um súbito calor que se espalhava dali por todo seu corpo. Antes que pudesse pensar a respeito daquela estranha reação ao homem que falava com os animais, viu-se içada de

uma só vez, como se não pesasse nada, para fora do buraco. Só quando foi colocada de pé, à frente dele, foi que teve a real dimensão de seu tamanho.

Que *Amateratsu* lhe desse forças! O homem era enorme. Ela mal lhe chegava aos ombros. Vira-o sempre de longe naqueles dias e nunca se dera conta do quanto ele era grande e ameaçador. Os ombros largos sob o manto de pele o faziam parecer uma sólida parede e terminavam em braços musculosos e rígidos, cobertos de pelos louros sob o manto e a túnica de manga curta. O pescoço tinha os músculos desenhados e a face estava meio encoberta pela barba clara, talvez de um ou dois dias. Os cabelos claros estavam presos em duas tranças, meio desalinhadas, semelhantes às que vira os outros homens daquela terra usando. Ele também usava argolas de prata nas orelhas e tinha uma cicatriz antiga no queixo. Os olhos cinzentos, estreitados entre os cílios dourados, observavam-na como se avaliasse a caça recém abatida. Rugas de expressão davam-lhe um charme agressivo e misterioso.

Tudo naquele homem expunha sua verdadeira natureza, selvagem e indomável como a de sua terra. Expunha também a personalidade forte e persistente, que era visível na boca apertada em uma linha rígida. Ele não lhe daria trégua, pensou. Mesmo para ela, uma guerreira experiente, ele parecia ser um osso duro de roer.

Resignou-se. Teria que se submeter à guarda dele por hora, reunir informações até que pudesse escapar. Enquanto isso, desfrutaria do calor de sua casa e encheria o estômago com uma boa refeição quente.

Hrolf, por sua vez, olhava a exótica mulher diante dele sem largar seu braço. Ela havia puxado o tecido que lhe cobria o rosto para baixo, revelando uma boca pequena e bem-feita e um nariz delicado. Porém, o que mais impressionava naquele rosto eram os olhos. Negros como a noite, rasgados e misteriosos, como ele nunca vira antes em seus quarenta e um anos de vida. Recobrando o senso, ele começou a andar, levando-a consigo.

— Venha, vamos entrar e sair deste frio. Lá dentro você me explica essa história direito.

Por trás das árvores, após ver a porta do chalé de Hrolf se fechar atrás dele e da estrangeira, Gjurd elevou uma prece aos Deuses. O velho lobo encontrara o último amuleto. Talvez agora o Dragão tivesse uma chance concreta de vitória. Com passos leves, o sacerdote sumiu dentro da noite.

De mãos dadas, Ulla e Gilchrist estavam parados no solário diante de Ragnar e de uma perplexa Marit.

— Querem celebrar o casamento? — Perguntou a mãe de Ulla, olhando de um para outro.

— Senhora — começou Gilchrist apertando a mão de Ulla na sua — quero apenas oficializar minha união com sua filha diante da lei. O contrato de noivado é um compromisso formal entre nós. Depois, quando tudo estiver mais calmo, poderemos celebrar o casamento propriamente dito e comemorar adequadamente.

Marit estranhou.

— Por que tanta pressa? Por que não esperam até a primavera? A esposa de seu amigo morreu há um mês apenas e todos ainda estão de luto.

Ulla olhou para o Dragão. Claro que ele não diria os verdadeiros motivos daquela pressa. Não diria à futura sogra que era um homem com dia e hora para morrer. Apertou a mão dele na sua. O Dragão falou.

— Com todo respeito, senhora — sua voz assumiu um tom mais grave — eu e sua filha... — fez uma pausa significativa — digamos que eu não quero causar embaraço a Ulla caso haja consequências de meus atos.

Marit corou diante daquela afirmação tão explícita de que sua filha já não era uma donzela. Não que ela já não soubesse disso. Ora, o próprio cavaleiro anunciara aquilo em alto e bom som, na noite do tal jantar de boas-vindas, segundo Einar lhe contara. Porém, ter aquilo exposto bem ali, diante de sua cara, era algo um tanto chocante para alguém que tivera uma rígida educação como ela. Olhou para Ragnar em busca de apoio. Ganhou apenas um sorriso amarelo e um dar de ombros. Claro! Seu filho, além de ser um romântico incurável, era solidário ao amigo já que, segundo ele mesmo já lhe confessara, dormira com a esposa antes mesmo de estarem casados. Com um suspiro resignado, Marit concordou.

— Está bem, senhor O'Mulryan. Se meu filho não faz objeções, e se esta é a vontade de Ulla, concordarei com o noivado. Pedirei a Einar que vá ter com o senhor para que juntos redijam o contrato. — Voltou-se para a filha. — Está certa do que quer, meu bem?

Sua filha fitou o irlandês com tal adoração que nem precisaria responder. Os sentimentos estavam estampados em seu rosto.

— Sim, mãe. Estou certa do caminho que escolhi.

Ragnar se levantou e apertou a mão do amigo.

— Fico feliz por vocês dois, Gil. Seja bem-vindo à família.

Ele sorriu discretamente e retribuiu o cumprimento.

— Obrigado por me aceitar, Sven, apesar de tudo o que lhe contei — aproximou-se dele enquanto mãe e filha se abraçavam — cuide dela quando eu me for.

O norueguês encarou-o, sério e colocou a mão em seu ombro.

— Vai dar tudo certo.

A noite já se fechara sobre Svenhalla, trazendo mais frio para dentro das paredes do castelo. Em seus aposentos, as pessoas tentavam se aquecer em frente às lareiras e sob as mantas de pele. Em um dos quartos, no entanto, uma pequena batalha era travada.

— Não dormirei na mesma cama que você! — Esbravejou Trudy.

Aswad continuou a se despir diante dela de forma indolente, sem qualquer pudor, enquanto explicava com toda calma do mundo.

— Minha pérola — ele jogou a túnica de lado — somos marido e mulher e nada mais natural do que dividirmos os aposentos e a cama. Será que cheiro tão mal assim que não pode sequer dormir ao meu lado? — Sorriu sedutor.

Oh, debochado, arrogante, cínico!

— Pois preferiria dormir com um asno malcheiroso do que ao seu lado, depois de tudo o que me fez!

Aswad atirou as botas longe e, com um passo, estava junto a ela, encarando-a com toda a intensidade de seus olhos felinos.

— Já lhe pedi perdão, Trudy. Já me retratei e assumi meu erro — segurou-a pelos ombros e continuou — e isso é o máximo que farei. Não pense que virei me ajoelhar aos seus pés, que poderá me tratar como a um cão! Sou o *sheik* dos *al-Khalidi*! Em minha tribo, minha palavra é lei; ninguém me questiona. Você é a única pessoa a quem dei o direito de fazer isso e, mesmo assim, para tudo há um limite. Se não puder me aceitar como sou, então terei perdido a viagem e você, o marido.

Com a respiração acelerada, ela o encarou. Ele continuava tão arrogante como na noite em que a acusou e a humilhou. Continuava consciente de seu poder e de seu magnetismo. Continuava a abalá-la e a desarmá-la da mesma forma. Tomando coragem, Trudy defendeu sua dignidade. Sem abaixar os olhos ou a cabeça, respondeu à altura.

— Pois bem, senhor meu marido. É um senhor em sua terra. E sabe quem eu sou? Sou Trudy. Nascida Gertrud, filha de um pai bêbado e de uma mulher que, quando não estava doente e cansada de tanto trabalhar numa taverna, estava parindo um novo bebê que o marido pôs em sua barriga. Sou Trudy, a menina que foi servir mesas com dez anos, que dormiu com o primeiro freguês com quatorze e que salvou *messire* Mark com dezessete. A menina que ajudou a alimentar os irmãos menores quando a mãe morreu e o pai sumiu. A jovem que a dama Radegund e *messire* Luc acolheram, que a dama Clarisse e mestre Roger educaram e que um dia acreditou que havia um homem na face da terra que não se apegava a títulos, terras e honrarias. Uma moça que se iludiu com um estrangeiro exibicionista e de fala macia que lhe prometeu o céu e que, ao

descobrir que a jovem com quem se casou não era tão perfeita quanto ele, que não estava à sua altura, atirou-a ao inferno! Portanto, caro *sheik* Aswad, — ela cutucou seu peito com o dedo em riste — quer saber onde pode enfiar seu título, sua tribo e sua lei?

— Não se atreva a dizer — rosnou ele, para depois completar — parece que terei que usar do único argumento que harmoniza nossas linguagens, mulher.

Ato contínuo, ele a tomou num beijo devastador, apoderando-se de sua boca sem pedir licença. A língua separou seus lábios, explorando o interior aveludado. As mãos dele reclamaram seu corpo e sua razão, arrancando-lhe o robe, tocando-a por sobre a casta camisola de lã, deixando-a zonza com aquele assalto furioso.

Conseguiu se afastar dele e colocar as mãos entre seus corpos, espalmando-as em seu peito, tentando soltar-se de seu abraço.

— Deixe-me, Aswad!

— Não! — Ele a forçou a encará-lo. — Você me quer tanto quanto eu a quero Trudy. Isso é a única coisa entre nós que está clara como o dia. Apesar da mágoa e das diferenças, nossos corpos se incendiam só de estarmos perto um do outro!

— Isso não é suficiente!

— Isso é um começo.

Não houve tempo para que Trudy retrucasse. Seu marido a conteve entre os braços, colando-se a ela de tal forma que nem um pensamento seria capaz de passar entre eles. Praticamente a ergueu do chão e, quando Trudy deu por si, caía de costas sobre a cama de casal com Aswad sobre ela.

Com segurança ele a beijava e explorava seu corpo, erguendo a barra da camisola, arrastando lentamente a palma da mão sobre sua perna, enviando uma descarga poderosa que a fazia sucumbir ao desejo. Gemeu sob seu toque, atiçando-o ainda mais.

Aswad, ao sentir a resposta dela aos seus carinhos, soube que estava no caminho certo. Amaciaria o coração de Trudy fazendo amor com ela. Deixaria sua mulher tão saciada, tão lânguida e tão exausta que ela não brigaria mais com ele.

Apesar de tocado com o que ela lhe dissera sobre sua vida, sobre suas dificuldades, ele ainda não recuaria. No fundo, sabia que estava dando ouvidos ao próprio orgulho, sentimento incutido nele desde que fora preparado para assumir o lugar de chefe de seu povo. Precisava ser assim. O deserto era assim. Implacável, rude e inflexível. Trudy teria que compreender e aceitar. Se quisesse ser sua companheira, sua esposa, teria que respeitar aquele lado de sua personalidade e de sua vida.

Paciente e determinado, galgou com ela cada degrau da excitação, até que consumasse o ato e juntos chegassem ao clímax. E quando a ofegante Trudy

adormeceu em seus braços, ele rezou a Alá, o Clemente e Misericordioso, por aquele pequeno terreno conquistado na batalha pelo coração de sua esposa.

Leila ficou trabalhando no gabinete até tarde. No fundo, estava perturbada com o caso de Scholz e com a dúvida em dizer ou não a Ragnar o que estava se passando. Pelo olhar que ele lhe lançou de manhã, na certa estava desconfiando de que havia algo errado.

Enquanto subia as escadas e se dirigia para seus aposentos, ela pensou no que seria pior. Arriscar a segurança de sua família, revelando a ele sobre os arquivos, ou arriscar seu casamento e seu amor.

A necessidade do grupo sobrepõe-se a de uma pessoa, repetiu mentalmente. Era primeira regra da Sociedade.

Leila empurrou a porta de seu quarto e entrou, iluminando o aposento quase totalmente escuro com a vela que levava consigo. Triste, sacudiu a cabeça. Não poderia dizer nada a Ragnar. Por falar nele, onde estaria?

Olhou para a lareira acesa, a única luz no quarto escuro, e para a cama, pronta e com as cobertas afastadas. Achava que ele já havia se recolhido, mas ele não estava lá. Teria ido à sauna?

Deixou a vela numa mesa e caminhou até a lareira. Pegou o atizador e remexeu as brasas. Depois, ainda com o objeto na mão, ficou olhando as fagulhas subirem de uma acha que estalava. Acompanhou os pequenos pontos vermelhos sumirem no ar, imersa em suas preocupações.

— O que está escondendo de mim, Leila?

A voz de Ragnar soou atrás dela. O atizador caiu de sua mão. O metal bateu no chão com um som estridente. Seu coração disparou e ela se voltou devagar, só então o enxergando sentado em sua cadeira de espaldar alto, majestoso e intimidador como um rei *viking*. Engoliu em seco antes de falar.

— Não o vi quando entrei.

— Eu não queria ser visto.

Ela forçou um sorriso e aproximou-se, sedutora.

— É um novo jogo, meu marido? — Estendeu a mão para acariciar sua face, mas ele a segurou, encarando-a impassível.

— É um jogo, Leila? — A pergunta, de duplo sentido, a fez gelar. Lutando para manter o autocontrole, ela chegou mais perto e sentou-se em seus joelhos, recostando-se em seu peito. A mão dele relaxou a pressão em seu punho e o outro braço a envolveu pela cintura, apertando-a junto ao corpo sólido. — O que está escondendo de mim, mulher?

Ela suspirou e brincou com os pelos do peito desnudo. Sentiu a resposta do sexo dele sob os calções, mas não se sentiu tão feliz com aquilo como sempre

ficava ao seduzir seu marido.

— Não me pergunte — a voz dela escapou num sussurro.

Ragnar a fez voltar-se para ele, segurando o rosto delicado com a mão, acariciando-lhe a face com o polegar.

— Leila, uma vez as mentiras quase nos destruíram. Não quero que isso nos aconteça de novo.

Uma lágrima escorreu pelo rosto dela e a angústia dominou seu coração ao se lembrar daqueles dias difíceis em Tiro. Ainda assim, não poderia dizer. Se algo acontecesse a ela, Ragnar precisaria estar vivo e em segurança. Por seus filhos. Pelo amor que sentia por ele.

— Não me pergunte — implorou ela e em seguida mergulhou o olhar no dele — me ame — beijou-o com sofreguidão. — Faça amor comigo, Ragnar.

Apesar de intrigado com o fato de Leila estar realmente lhe escondendo algo, ele atendeu a súplica de sua mulher. Sentou-a de frente para si, em seu colo, e encaixou as pernas dela ao redor de sua cintura. Suas mãos ergueram o vestido enquanto sua boca reclamava a dela, arrancando em suspiros o que não lhe tirou em segredos.

Leila correspondeu de maneira ardente e desesperada, esgotando nele toda a tensão acumulada diante de tantas preocupações e tristezas. Sentiu-o pronto entre suas coxas, roçando-se nele por sobre o tecido dos calções. Ansiosa, reclamou.

— Tire isso.

Contra sua boca, Ragnar sorriu e baixou os calções o suficiente para que pudesse libertar o membro ereto. Ato contínuo, encaixou-a sobre si, penetrando-a, mergulhando em seu corpo e perdendo-se dentro da mulher que era toda sua vida.

— Leila — sua voz soou rouca enquanto ele a agarrava pela cintura, fazendo-a subir e descer em seu colo — não se esconda de mim, meu amor. Não deixe que o mundo nos separe.

Abraçando-se a ele em desespero, ela gemeu. O pedido dele feria seu coração. Se contasse tudo, Ragnar seria capaz de se sacrificar por ela. E isso ela não suportaria. Não era forte como Radegund, que sobrevivera à morte de Luc. Se Ragnar morresse, ela morreria junto com ele.

Ela encaixou-se mais ainda nele, passando as pernas ao redor de sua cintura.

— Não diga nada, amor — ela pediu — por favor. Apenas me ame!

Suas bocas se encontraram de novo e suas línguas disputaram a supremacia de seus territórios, ambas vencendo, ambas perdendo. As mãos dele seguraram-na pelas nádegas, puxando-a mais ainda para si.

— *Liten*, não posso mais... — grunhiu ele, a beira do clímax.

— Venha comigo, meu amor — convidou Leila.

Arrebatados pela paixão, entregaram-se ao gozo que os engoliu como uma onda, arrastando-os para além das intrigas e das ameaças, ainda que por um curto espaço de tempo.

Saori entrou na cabana aquecida e foi logo para a frente da lareira. Hrolf entrou atrás dela e falou em sua língua com seus cães. Os animais entraram na casa e deitaram-se perto da porta, com os focinhos apoiados nas patas dianteiras. A mulher lançou a eles um olhar de esguelha.

— Não se preocupe — disse Hrolf, pendurando o manto num cabide ao lado da porta — eles não atacam se eu não mandar. Está com fome?

Ela esfregou as mãos diante do fogo.

— Sim.

— Fiz um ensopado e ainda há pão e cerveja. Creio que dá para nós dois.

Ela apenas assentiu, olhando discretamente à sua volta, procurando a melhor rota para escapar. Ouviu-o dar uma ordem aos cães, mas não entendeu o que ele disse. Em seguida, ele subiu uma escada que levava ao jirau, acima da sala. Em poucos minutos descia com os cabelos soltos e úmidos e vestido com uma camisa limpa. Apontou a escada.

— Deixei água no jarro e uma muda de roupa sobre a cama. Amanhã, se quiser se lavar melhor, posso levá-la ao banho junto à sauna. Hoje já é muito tarde para irmos até lá. Depois que se trocar, poderemos comer e conversar.

Saori assentiu em silêncio e subiu. Pouco tempo depois, saciava-se com o ensopado de veado e tomava um gole da cerveja forte que ele lhe deu.

— Obrigada pela comida — disse, ensaiando um sorriso.

Hrolf recostou-se na parede atrás do banco e estudou-a por um momento. Depois, foi direto ao ponto.

— Qual é a sua história?

— Como assim?

— Como chegou até aqui, vinda de tão longe?

Ela lhe contou sobre os anciões e sobre a desonra de seu nome. Contou-lhe como havia atravessado as terras do *khan*, as grandes e frias estepes e de tudo o que vira nos reinos onde Alá era o Deus dos homens. Falou-lhe sobre as semanas que passou num navio, cruzando o Mediterrâneo, sobre a primeira visão que teve de Cádiz ao entardecer e sobre o homem que matou numa obscura taverna no reino de Aquitaine.

— Moça — ele sorveu um grande gole de cerveja — é uma história e tanto. Para falar a verdade, o que me contou tem a ver com as coisas estranhas que vem acontecendo por aqui. Amanhã eu a levarei comigo ao castelo e falaremos com

os Svenson e com O'Mulryan sobre o amuleto.

— Muito bem — ela se levantou — sendo assim, onde nos encontraremos, então?

Hrolf também se ergueu, indolente, e sorriu, dando a volta na mesa.

— Não nos encontraremos. Ficaremos aqui. Eu — ele fez uma pausa e inclinou-se em sua direção — e você.

Era isso o que ela temia.

— Sou sua prisioneira? — Desafiou.

— Digamos que esteja mais para uma hóspede relutante — divertiu-se ele, apagando as velas e colocando as tigelas sujas numa bacia com água quente. Em seguida, intimou-a. — Suba. Precisa dormir.

— E você, onde dormirá? — Quis saber ela.

— Lá em cima.

— Mas só há uma cama! — O que ele tinha em mente?

— Sim. A minha.

— E então, onde eu dormirei?

— Nela, ora! Não crê que eu a deixarei dormir no chão com esse frio?

Saori irritou-se.

— Acha que vou dormir na mesma cama que o senhor? Mal o conheço.

— Mentirosa. — Deu um passo à frente, obrigando-a a erguer o rosto para encará-lo. — Passou meses à espreita, entrou em minha casa, roubou minhas melhores peles e minha comida. Seguiu-me enquanto eu caçava e talvez até quando eu ia à latrina! Ora francamente, ainda vem dizer que não me conhece?

Ela estava boquiaberta. Ele sabia! Soube o tempo todo que ela o seguia! Como? E ela, estúpida, toda cuidadosa para que não fosse notada. Que vergonha! Sentiu as faces arderem de humilhação por ter sido tão ineficiente. Seus mestres ririam dela.

— Mesmo assim — argumentou — não seria adequado.

Hrolf coçou a cabeça.

— Olhe, estou cansado e com sono. Cacei o dia todo hoje e amanhã será um dia puxado. Seja boazinha e suba. Ou eu a levarei nos ombros, a jogarei em cima daquela cama e amarrarei você lá. Fui claro?

Ele teve vontade de rir com a expressão ultrajada que surgiu no rosto da estrangeira. Aparentemente ela não estava habituada a receber ordens. E com certeza maquinava um jeito de fugir. Ela que tentasse. Queria vê-la passar pelos cães. Duvidava que conseguisse.

Saori, achando melhor não irritar o homem, fez o que lhe foi ordenado e subiu a escada estreita. Lá em cima olhou para a cama que ocupava quase todo o espaço do jirau.

— Fique com aquele lado — apontou ele, sentando-se na beira do colchão e tirando as botas — e me deixe dormir. Ah — ele virou de frente para ela — e não tente fugir. Se fizer isso, aí sim eu a deixarei amarrada à cama. Entendeu?

A contragosto, ela se deitou, tomando o cuidado de manter-se bem afastada dele. O que não era muito fácil já que ele ocupava um bom espaço da cama com aquele corpanzil.

Vendo-a encolher-se num canto, Hrolf apagou a vela que ficara ao lado da cama e logo pegou no sono. Ela cochilou um pouco e, no meio da madrugada, tomou coragem para pôr em prática seu plano de fuga.

Olhou para o lado e viu que ele dormia calmamente. Com anos de prática, moveu-se silenciosamente, levantando-se devagar e descendo as escadas. Ia pegar uma das facas dele, mas resolveu que seria melhor sair logo pela porta e sumir no meio da noite. Cruzava a sala em direção à porta quando um rosnado baixo e ameaçador se fez ouvir às suas costas.

Inferno! Esqueci dos cães!

Antes que pudesse reagir e golpear o animal, uma grande sombra saltou do alto, caindo bem à sua frente.

— Eu disse que queria dormir, mulher!

Mark esfregou os olhos e virou-se na cama. Havia um gosto ruim em sua boca e seu estômago estava embrulhado. Além disso, a claridade tênue que entrava pela janela era suficiente para causar uma aguda pontada na cabeça. Quem diabos abrira a janela? A resposta estava sentada na beira de sua cama.

— Terrwyn...

— Já é quase hora do almoço, irmão.

Ele afastou as cobertas e se sentou na cama, mal-humorado.

— E daí?

A jovem ignorou seu azedume e pôs-se a recolher as roupas espalhadas pelo quarto, sem poder conter uma careta de desprezo ao ver os pertences de seu irmão, sempre tão organizado e cuidadoso, em total desordem. Oh, Deus! Será que Mark iria se acabar de tanto beber? Teria a morte de Clarisse destruído seu espírito?

— E daí — ela respondeu, enfim — que os homens vão sair para caçar. É preciso deixar a despensa abastecida. Além disso, a senhora Marit mandou celebrar uma missa na capela em memória de Clarisse, — ela fez uma pausa — achei que gostaria de estar presente.

Mark fitou-a por alguns instantes e, durante um segundo, ela achou que ele voltaria a o normal. Logo, no entanto, ele se revestiu daquela capa de desdém da qual lançara mão e atirou-lhe.

— Não ache nada, Terrwyn. Não imagine, não pense — levantou-se da cama e parou diante dela — eu não gosto de igrejas, não gosto de padres e não sou cristão. O que faria numa missa? Pretendo passar o dia fora.

Deu-lhe as costas e foi até o jarro lavar o rosto.

— Aonde vai?

Ele pousou o jarro com força sobre a mesa, irritado. Voltou-se para a irmã e disse com brusquidão.

— Não é da sua conta!

— É claro que é! Sou sua irmã, esqueceu-se?

Mark despejou sobre ela toda sua mágoa, sem se importar se a feria ou não. O peso da culpa era tão grande que afastava de si toda e qualquer pessoa que tivesse para com ele o menor gesto de carinho ou de piedade.

— Uma irmã que não pedi, filha daquele maldito que me colocou no mundo para ser um bastardo, um filho sem pai! — Terrwyn estava chocada enquanto ele, sem se importar, continuava a despejar todo seu fel. — Cada vez que olho para você, lembro do que teve e do que me foi negado. Anwyn pode tê-las deixado, você e sua mãe, na miséria. Mas a mim, ele deixou sem um nome! Agora suma daqui!

Não querendo lhe dar o gosto de vê-la chorar, Terrwyn deu meia-volta, abriu a porta do quarto e saiu apressada, com a visão embaçada pelas lágrimas contidas. Ia tão perturbada que acabou colidindo com uma parede maciça e forrada de lã.

— Ora! Veja por onde anda, menina! — Resmungou Björn, amparando-a.

O capitão estranhou a falta de uma reação imediata da mocinha, como seria de costume. Terrwyn simplesmente ergueu o rosto triste para ele, molhado pelas lágrimas que não conseguiu mais reter. Murmurou um pedido de desculpas. Depois, contornou-o e seguiu pelo corredor.

Espantado, ele a seguiu e tocou seu ombro, falando com suavidade.

— O que houve?

A pergunta feita de modo tão amigável e a fragilidade em que ela se encontrava foram suficientes para que Terrwyn finalmente explodisse em soluços e lágrimas, atirando-se nos braços dele.

Perplexo, ele a acolheu e a consolou, deixando que a moça extravasasse toda sua tristeza. E ao tê-la aninhada em seu abraço, o irmão de Ragnar começou a perceber um sentimento novo em seu coração. Uma espécie de ternura por aquela jovem endiabrada e de língua afiada, que não o deixava em paz.

Nos dias em que saía para caçar ou que ficava inspecionando os reparos de rotina de seu navio, ele chegava até a sentir falta de suas implicâncias. No fundo, ele se divertia com elas. Ela era tão espontânea, tão natural e ao mesmo tempo tão cheia de vida e energia que chegava a invejá-la. Terrwyn era uma jovem na

flor da idade, uma menina que desabrochava como mulher, tão distante das mulheres que conhecia, cheias de artifícios, quanto a terra era distante do céu.

Ora, mas que diabo! O que estava acontecendo com ele? Parecia até Einar com suas poesias! Afastou-a devagar de si e agradeceu aos céus o aparecimento de Radegund no fim do corredor, o que interrompeu o estranho rumo de seus pensamentos. Ao ver Terrwyn chorando, ela se apressou para chegar junto a ela.

— O que houve, querida?

A moça ergueu o rosto molhado de lágrimas para a amiga e mentora.

— Mark... — ela se soltou de Björn e abraçou a ruiva — ele me disse coisas horríveis!

— Mas que merda, — resmungou ela — Mark está passando dos limites. — Afastou um pouco a jovem de si. — Vou lá falar com ele...

— Não! Não quero que vocês briguem por minha causa!

— Se quiserem — interferiu Björn — posso tentar falar com Bakkar. Ragnar me pediu para ficar de olho nele, por causa das bebedeiras, — deu de ombros — teme que despenque do cavalo ou algo assim.

Terrwyn olhou para ele.

— É verdade?

— Eu já havia lhe dito isso.

Ela abaixou os olhos.

— Desculpe-me, capitão, por tê-lo acusado.

— Ora — ele fora pego de surpresa. Não esperava que ela fosse do tipo que reconheceria que errara e que pediria desculpas. — Esqueça. Eu já esqueci.

Radegund falou.

— Agradeço-lhe, capitão. Apesar de tudo, Mark é meu amigo. — Voltou-se para a jovem. — Venha Terrwyn, venha se recompor.

As duas seguiram adiante pelo corredor e Björn ainda ficou olhando para o espaço à sua frente, sentindo-se subitamente vazio.

Lizzie brincava com uma ninhada de gatinhos num canto do pátio, acompanhada pela ama. Divertia-se com as ariscas bolinhas de pelos, dando risadas quando um deles agarrava-se ao seu vestido, tentando subir em seu colo.

Um dos animaizinhos resolveu correr atrás de uma folha levada pelo vento e sumiu num dos cantos do muro. Lizzie se levantou e, aproveitando a distração da ama, correu atrás dele, acabando por parar num dos muitos pequenos jardins de Svenhalla. Chamou pelo bichinho em voz baixa.

— Gatinho...

Um movimento chamou sua atenção. Ela olhou para frente, mais além de onde estava. Encolheu-se com medo.

— Olá, pequena Lizzie.

Ele estava com o gatinho. Ele era mau.

— Sentiu saudades de nossas brincadeiras?

Jean era mau.

CAPÍTULO 18

“O CÉU TORCE O NARIZ E A LUA FECHA OS OLHOS. O VENTO LASCIVO,
QUE BEIJA TUDO O QUE ENCONTRA,
ESCONDE-SE NOS ANTROS PROFUNDOS DA TERRA,
PARA NÃO ESCUTÁ-LO!
QUE COMETESTE? ”
Othelo. Ato 4, cena 2. William Shakespeare.

Abraçada à Terrwyn, Radegund ouvia os soluços de sua jovem pupila e amaldiçoava Mark intimamente pela indelicadeza. Sua vontade era dizer poucas e boas a ele. Porém, no momento, consolar Terrwyn era mais importante.

Diabos! Mark era a única família de sangue que a moça possuía! E ela nada tinha a ver com o fato de Anwyn não ter podido assumir sua paternidade diante do mundo. Mas parecia que a mágoa ainda estava dentro dele. E se juntava àquela ferida causada pela morte de sua prima, transformando-o naquele homem cruel, desprezível e egoísta.

— Inferno! — Resmungou. — Escute, Terrwyn — ela fez com que a moça a olhasse — se a conversa do capitão com ele não adiantar, eu mesma falarei com seu irmão e o chamarei a razão. Isso não pode continuar assim. Eu...

Um estranho calafrio interrompeu sua fala. Um medo repentino, um tremor súbito se apoderou dela. Apertou as mãos de Terrwyn nas suas. E a imagem da filha veio a sua mente. O nome escapou num sussurro de seus lábios.

— Lizzie...

— O que...?

Para espanto de Terrwyn, ela se levantou num salto e buscou as armas. Em seguida falou, já se encaminhando para a porta do seu aposento.

— Aconteceu alguma coisa com minha filha!

Secando as lágrimas, Terrwyn correu atrás dela.

— Vou com você!

Escancarando as portas, as duas estacaram ante a inusitada visão diante delas, no meio do corredor.

— Mamãe!

— Lizzie!

Sua filha estava sorridente, de mãos dadas com um senhor muito idoso e de olhos claros. Sua fisionomia serena era mais enrugada do que um carvalho e ele sorria com ternura enquanto a fitava intensamente. Sua voz, apesar da idade, soou clara e firme, expressando-se em francês.

— É uma honra e um privilégio conhecê-la, dama Radegund. — Baixou os olhos para Lizzie. — Trouxe seu tesouro em segurança.

Ajoelhando-se à frente da menina, Radegund a abraçou e agradeceu.

— Obrigada, senhor, seja lá quem for. Pensei que havia acontecido algo à minha filha.

— Acautele-se das serpentes, senhora — falou Gjurd — elas são traiçoeiras e escondem-se pelos cantos, prontas para dar o bote.

O coração da ruiva gelou. Ainda abraçada a Lizzie, ergueu o rosto para o velho e indagou.

— O que quer dizer com isso?

— Exatamente o que está pensando. — Ele estendeu a mão para ela. — Sou Gjurd, amigo da jovem Svensdatter e do Dragão.

Neste momento, a voz da própria Ulla soou espantadíssima vinda do fim do corredor.

— Gjurd? Aqui?!

O ancião voltou-se para Ulla, que vinha acompanhada por Gilchrist. O cavaleiro cumprimentou o sacerdote.

— É bom vê-lo novamente, mestre Gjurd. O que o traz aqui?

— Esta encantadora jovem — ele afagou os cabelos de Lizzie que já estendia os braços para o irlandês.

Gilchrist pegou a garotinha no colo e beijou seu nariz. Ulla aproveitou para observá-lo com a criança nos braços. Ele seria um pai maravilhoso para seus filhos. Fitou os cachos ruivos e depois Radegund, que se erguia e olhava para Gjurd com atenção.

— O que houve com minha filha, senhor?

— Aquela Coisa estava tentando aliciá-la para que o seguisse.

— Jean pegou o gatinho — falou a garotinha entretida com os cabelos de Gilchrist — ele é mau.

Radegund olhou para Terrwyn, que se agarrava ao seu braço e resmungava.

— Isso fica pior a cada dia.

— Sem dúvida, minha jovem, — falou Gjurd para depois voltar a atenção para Gilchrist e Ulla — o dia se aproxima e ele fica cada vez mais ansioso. É melhor tomar cuidado e ficar atento. Ele quer a criança... — fez uma pausa e fitou Radegund significativamente — e a mãe dela.

A guerreira esticou os braços e pegou a filha, abraçando-se a ela e à Terrwyn, preocupada e furiosa. Nada nem ninguém iria lhe tirar sua filha!

— Teremos cuidado, Gjurd. Ficará conosco para o almoço? — Perguntou Ulla.

— Hoje eu e Ulla formalizaremos nosso compromisso, — comunicou Gilchrist passando um braço sobre os ombros da moça — será uma comemoração muito discreta, apenas um almoço especial, em face da situação que vivemos. Mas ainda assim, gostaríamos de tê-lo conosco.

— Fico feliz por vocês, meus filhos. Mas não posso ficar, — ele apertou a mão de Gilchrist, num cumprimento e completou — ah, sim! Ia me esquecendo.

— Ele sorriu. — O quarto e último amuleto está a caminho. Até outra hora.

Dito isso, deslizou pelo corredor, deixando o grupo silencioso atrás de si, cada um imerso em seus próprios pensamentos.

Anne se remexeu no banco onde estava sentada havia mais de meia hora. Atrás dela, Einar estudava, ou pelo menos tentava estudar, o estranho desenho em suas costas. Difícil era se concentrar com aquela pele branca e macia bem à sua frente. A cada vez que tentava manter a mente no trabalho, lembrava-se da jovem nua, no meio de seu quarto, despejando por seus lábios rosados os doces versos de Safo.

O rapaz suspirou e tentou novamente decifrar o desenho. Inútil. Além de ser intrincado demais, ele não ia conseguir pensar com Anne seminua à sua frente!

— Tem que haver outro modo, — resmungou Einar, deixando a pena de lado — isso é uma tortura.

— O que disse? — Indagou Anne por sobre o ombro, segurando a frente do vestido sobre o peito.

— Hã? Eu, nada... — levantou-se virou de costas para ela — pode se recompor, senhorita. Vou falar com minha cunhada, após o almoço, para tentarmos uma nova tática. Assim nosso progresso será muito lento.

Respirando aliviada, ela se vestiu e atou os laços do corpete à frente do busto. Melhor assim. Só de imaginá-lo às suas costas, olhando para o seu corpo, tão perto, ela sentia as faces quentes.

Einar, além de ser um perfeito cavalheiro e bastante culto, era muito bonito. Desalentada, pensou em como era tola. Um homem como ele, de sangue nobre, jamais olharia para ela, uma burguesa filha de um comerciante, se não fossem pelas estranhas circunstâncias que os uniram. Além disso, em sua vida não havia espaço para um amor. Que espécie de futuro haveria para ela, sendo caçada e tendo que viver se escondendo?

Resignada, Anne, virou-se de frente para ele e surpreendeu-o a observá-la abertamente. Seu coração disparou e as palavras que ia dizer foram esquecidas.

— Anne... — ele deu um passo à frente, hipnotizado pelos olhos castanhos e pela artéria que pulsava velozmente no pescoço alvo. Chegou a estender a mão para tocá-la, mas a porta do gabinete se abrindo o interrompeu, fazendo-os afastarem-se um do outro.

Um criado avisou.

— O almoço será servido.

Com uma mesura para a jovem, ele falou, tentando manter a voz clara e firme.

— Damas primeiro.

Durante o almoço, tendo Ulla e Gilchrist selado o contrato de noivado, foi erguido um brinde ao casal. A refeição teve apenas um toque especial e, ao final, foram servidos bolo e hidromel. O único a não comparecer foi Mark, que desaparecera logo após a discussão com a irmã. Quando Björn foi procurá-lo, ele já havia deixado seus aposentos e ainda não tinha voltado.

Radegund nada comentou com os outros, mas estava cada vez mais irritada com ele. Enquanto sorvia uma taça de hidromel, pensava no que podia fazer a respeito daquela situação.

— Bom dia, Wulfgar. — Cumprimentou Hrolf do alto de sua montaria.

O guarda do portão de Svenhalla olhou para o rastreador num misto de espanto e divertimento. Atravessada na sela ia uma irada mulher, que imprecava em três línguas diferentes e esperneava como uma louca. Hrolf revirou os olhos ao se lembrar dos acontecimentos da noite anterior.

Ele havia acordado com o rosnado dos cães e imediatamente soube que a tal Saori tentava uma fuga. Aborrecido, saltou do jirau no meio da sala, pegando-a de surpresa. Surpreendendo-o, ela se recobrou e partiu para o ataque, numa espécie de luta que ele jamais viu, atacando-o com os pés num salto preciso. Ele absorveu o primeiro golpe, que o pegou pelo flanco, e segurou a mulher pelo braço. Ágil, ela se desvencilhou e o acertou com o joelho. Mancando, ele a agarrou pelas pernas, jogando-a no chão. Saori, mais uma vez, conseguiu se soltar dele e, quando já se preparava para sair pela porta, ele conseguiu agarrar seu tornozelo, jogando-a novamente no chão. Diabos! A mulher era mais escorregadia do que uma truta subindo o rio!

Por fim, deixando o cavalheirismo de lado, ele a imobilizou sem muita gentileza, como faria a um cabrito. Segurou-a e a jogou sobre os ombros, como prometeu que faria e a atirou sobre a cama, ordenando.

— Tire a roupa.

E teve vontade de gargalhar com a expressão dela.

— O quê?!

No mínimo ela pensava que ele tinha a intenção de violentá-la.

— Tire a roupa, fique só de camisa. Assim não fugirá — ele riu, cínico — duvido que enfrente o frio que faz lá fora só com a roupa de baixo.

— Nem morta tirarei minhas roupas na sua frente! — Exclamou ela, indignada.

— Primeiro, as roupas são minhas, não suas. Segundo, eu avisei que queria dormir. Você não me escutou. E terceiro — ele se inclinou sobre ela, fazendo-a sentir um arrepio ao notar o calor que emanava de seu corpo — se não tirar, eu mesmo as tirarei.

— Arrogante! — Ela reclamou mais logo ficou de pé sobre o colchão e começou a livrar-se da túnica e da calça comprida.

Jogou as peças na cara dele, que apenas as embolou e pôs do lado da cama, perto de si. Em seguida, intimou.

— Deite-se.

— Não.

Bufando, ele puxou o pé dela, fazendo-a cair sentada na cama.

— Escute bem — ele subiu na cama e se sentou ao seu lado, carrancudo — se não ficar quieta e me deixar dormir, eu vou amarrá-la à cama. Será que compreendeu?

A resposta que obteve foi um bufar irritado. Em seguida, ela se deitou bem na beirada da cama, de costas para ele. Desanimado, ele tratou de se acomodar e tentar dormir.

Pela manhã ela ainda tentou fugir mais três vezes, a despeito dos cães e de seus avisos. Na última, ele a amarrou e a atirou sobre o cavalo, indo direto para o castelo.

Já estava impaciente e irritado àquela altura, sua noite fora infernal. A tal Saori era um osso duro de roer. Mas, por *Thor*! Era bonita como o diabo e tinha um corpo tentador. E ele já não tinha uma namorada há um bom tempo! Ficou a noite toda revirando na cama e, quando conseguiu pegar no sono, sonhou com a misteriosa Saori despindo a camisa que lhe emprestou, ajoelhada sobre ele. Ainda bem que havia água bem gelada nos barris do lado de fora da casa. Se a mulher o visse naquele estado em que acordou, na certa pensaria que se tratava de um devasso pervertido!

— Tire-me daqui, idiota!

As imprecações de Saori o arrancaram dos devaneios, ao mesmo tempo em que o vozeirão de Björn, que descia as escadas da construção principal, chegava até ele.

— Ei, Brosa! Arrumou uma nova namorada?

— Antes fosse, meu camarada — ele apeou e puxou sua hóspede para fora da sela, amparando-a de pé — na verdade, a senhora Saori-que-veio-de-longe-numa-importante-missão — zombou ele — tem algo que sua irmã e o irlandês querem muito.

— E o que seria? — Indagou Björn olhando a exótica mulher com curiosidade.

— O quarto amuleto — falou Hrolf para, em seguida, soltar as amarras que prendiam Saori. Ela não se fez de rogada e desferiu um chute.

— Mulher infernal! — Berrou Hrolf, esfregando a perna e atirando-a de novo sobre os ombros.

Saori por sua vez, pensava se tinha perdido todas as suas habilidades de luta. Ou seria aquele tal Hrolf um verdadeiro demônio filho dos *Tengu*, para dominá-la assim, tão facilmente? Ora! O homem a jogava de um lado para o outro como se fosse um saco de farinha! E mal sentia os golpes que aplicava. Se ao menos não tivesse deixado seu arsenal na caverna! Estúpida, Saori! Você foi estúpida, inconsequente e temerária! Desprezou seus ensinamentos e agora está à mercê deste bárbaro que fala com os bichos e age como um lobo selvagem!

Carregando sua presa, Hrolf foi parar no salão de Svenhalla diante de uma perplexa Marit.

— Hrolf Brosa, o que significa isso em meu salão?

— Desculpe-me, Marit. Mas é absolutamente necessário, tendo em vista que esta criatura — a criatura em questão tentou unhá-lo e foi contida — como vê, é perigosa. Preciso falar com Ulla. É urgente.

Meia hora depois, Saori, já sentada numa confortável poltrona do gabinete, contava sua história a uma expectante audiência. Radegund olhava para a mulher com curiosidade, enquanto Ulla estava aliviada pelo fato do quarto amuleto ter chegado até às mãos deles.

— Ainda estou perplexo! — Comentou Gilchrist. — Se saiu de sua terra há mais de três anos, isso significa que os eventos já estavam previstos, de alguma forma. E que a dimensão deles é muito maior do que sequer poderíamos imaginar.

— Como eu já lhes disse em Delacroix — retrucou Aswad, ao lado de sua esposa — *maktub*. Estava escrito.

— Sim, infelizmente — Radegund interveio — tenho que concordar com o chagal. A velha curandeira de sua tribo também enviou um dos amuletos ainda naquela época, antes mesmo daquela noite em que enfrentamos Patrus. Que coisa mais estranha!

— Muito bem, — disse Ragnar — agora temos que estabelecer um plano de ação. Pelo que Raden disse, a criatura esteve rondando o castelo hoje. Temo por todos, principalmente pelas crianças.

— Leve-as para terreno sagrado — falou Saori quase que para si mesma.

— O que disse? — Indagou Leila.

— Terreno sagrado, um templo ou algo assim. Os *Sennins* me disseram que o demônio não pisaria em solo consagrado.

Ulla fitou Leila.

— Podemos mandar as crianças para Nidaros. E também minha mãe. Ela está nervosa e apavorada com tudo isso. — Olhou para Radegund e disse, como se pedisse desculpas. — Infelizmente, Lizzie deve ficar.

— Por quê? — Perguntou Terrwyn, curiosa.

Foi a própria Radegund quem respondeu, sem deixar de fitar Ulla.

— Porque ele a quer, Terrwyn. Se mandar Lizzie para lá, ele pode tentar algo no caminho. Aqui, conosco, ela ficará mais segura. E manterá a atenção dele sobre Svenhalla, enquanto o grupo com as crianças estiver em viagem. — Fez uma pausa e fitou a moça com seriedade. — Acho que você e Gaetain também deveriam ir, querida.

— Ah, não! De jeito nenhum sairei de perto de você! — Ou do capitão, completou mentalmente, lançando um olhar de esguelha para Björn.

A discussão prolongou-se por toda a tarde e, por fim, decidiram-se por organizar a partida para o mais breve possível.

Marit e as crianças de Svenhalla, incluindo os filhos de Leila, bem como Frida e algumas aias, partiram três dias depois sob a escolta de vários guardas e a tutela de Hrolf.

Saori, cujas habilidades eram inegáveis, acabou se oferecendo para integrar a escolta, para desespero do rastreador. Terrwyn e Gaetain, que de comum acordo estavam resolvidos a ficar em Svenhalla, custasse o que custasse, disseram que iriam no próximo grupo, que partiria dali há uma semana. Querendo evitar mais atritos, Radegund concordou com os dois.

Mark permanecia alheio a tudo, passando os dias entre a bebida e a autocomiseração, consumindo-se ora de tristeza, ora de raiva, ora de culpa. Rechaçava rudemente todo e qualquer alento, chegando até mesmo a brigar com Leila, que tentara fazê-lo se interessar pelos assuntos da Sociedade.

Decidida a dar um basta naquilo, Radegund foi até seus aposentos e ficou esperando que ele voltasse de mais uma de suas bebedeiras. Tarde da noite, ele apareceu. E irritou-se com a presença dela.

— Não poderia respeitar minha privacidade? — Indagou, batendo a porta.

— Vim falar com você.

— Fale — ele disse, debochado.

Radegund se levantou da cadeira e se aproximou dele.

— Até quando isso vai durar, Mark?

Ele caminhou, meio oscilante, até uma mesa de canto, onde havia uma garrafa de vinho. Sorveu um gole direto do gargalo.

— Vai durar o quanto tiver que durar. E quer saber do que mais? — Ele apontou a porta. — Saia daqui. Não a convidei e não quero conversar com você. Não se meta na minha vida!

Radegund precisou respirar fundo para se controlar. Que vontade de acertar a cara dele! De jogá-lo no meio do lago gelado para que ele acordasse daquele

estupor!

— Eu sairei, Mark. Mas vou lhe avisar. Pare de despejar sua raiva sobre Terrwyn, Gaetain ou qualquer outra pessoa! Se fizer isso de novo, juro que vou quebrar sua cara!

— Pode tentar — ele gritou — eu estarei pronto para revidar!

Ela olhou para ele com desprezo, irritando-o ainda mais.

— Não acertaria sequer a sua sombra, bêbado como está.

— Não me provoque... — ela o ignorou, dando-lhe as costas, caminhando em direção à porta. Ele berrou, atrás dela. — Radegund, eu vou acabar com você!

Ela estacou, tensa. Apertou com força a maçaneta, respirando fundo, lutando para controlar a raiva. Exalou o ar lentamente e olhou por sobre o ombro. Sua voz soou gélida.

— Pago para ver.

Durante um longo minuto, os dois ficaram num silêncio denso, pesado. A atmosfera do ambiente parecia sufocá-los, mas nenhum dos dois recuava ou avançava. Por fim, ela balançou a cabeça num gesto de desprezo. Abriu a porta e saiu sem olhar para trás, fechando-a suavemente.

A garrafa se espatifou contra a madeira polida. O som dos cacos misturou-se ao urro de cólera de Mark ao lançar o objeto. A mancha de bebida escorreu e formou uma poça rubra no chão, semelhante a sangue derramado.

— Mulher dos infernos! — Bradou ele contra a porta fechada. — Que o diabo a carregue, Radegund!

A alguma distância dali, à margem do lago, sob os primeiros flocos de neve daquele dia, Jean sorria. As duas esculturas de madeira que estavam em sua mão, e que retratavam um tigre e uma leoa, foram atiradas dentro do lago semicongelado, afundando, ao invés de flutuarem como deveriam.

— Seja feita sua vontade, bastardo.

— Inferno! — Rosnou Ragnar olhando pela janela, na manhã seguinte.

— O que foi, homem? — Indagou Gilchrist.

— Parece que tudo está dando errado! Ainda é cedo demais para essa neve tão espessa!

— Fique tranquilo, Svenson — disse Aswad, sentado num canto — estamos todos vigilantes.

— Queria tirar o restante das pessoas daqui, — ele coçou o cavanhaque — e queria que Leila se convencesse de que é melhor partir.

— Nossas mulheres são muito teimosas — sentenciou Aswad — Trudy disse que também não sairá de perto da leoa e de sua filha.

— Como vocês dois estão? — Perguntou Ragnar, que já estava ciente dos

problemas que o casal enfrentava.

— As coisas estão melhorando. Pelo menos, entre quatro paredes, nós nos entendemos. O que já é alguma coisa.

Toda noite Trudy tentava se desvencilhar de sua presença, mandando-o dormir em outro lugar. E toda noite ele a vencia com beijos e carinhos, arrastando-a num redemoinho de sensualidade e paixão. Queria que ela percebesse todo seu arrependimento. Queria que ela sentisse o quanto era importante para ele. Queria que ela chegasse ao ponto de procurá-lo de livre e espontânea vontade.

— Dê tempo ao tempo, homem — aconselhou Gilchrist — tudo vai se acertar. Quanto aos que ficaram em Svenhalla, sugiro que mantenhamos a vigilância em turnos.

— Como assim? — Perguntou Einar, com um de seus livros nas mãos.

— Como não sabemos exatamente que poderes aquela coisa tem — ele falava e caminhava pelo gabinete ao mesmo tempo — temos que usar os amuletos. Agora que temos os quatro, podemos deixar dois com as pessoas que farão rondas pelos corredores, em turnos.

— E os outros dois com os que ficarem descansando. — Completou Björn. — É um bom plano.

— Então, vamos colocá-lo em prática. — Completou Aswad, levantando-se da cadeira.

O tempo corria célere trazendo consigo a neve cada vez mais espessa. Por três semanas as pessoas permaneceram confinadas no castelo. O ritmo de Svenhalla foi ditado pelos turnos de guarda que eram divididos entre Ragnar, Einar, Björn, Aswad e Radegund. Hrolf e Saori ainda não tinham conseguido retornar a Svenhalla. Mark, seguindo em seu caminho de autodestruição, passava os dias em seus aposentos se embriagando ou jogando no alojamento dos soldados.

Os laços entre as mulheres foram se estreitando. Leila, com saudades dos filhos, divertia-se com Lizzie e Gaetain enquanto ouvia as histórias de Anne sobre os lugares por onde andara. Terrwyn e Ulla também eram ouvintes ávidas e dividiam com Leila as responsabilidades sobre o castelo, já que boa parte dos criados foi evacuada.

Radegund, quando terminava um de seus turnos, corria para o lado da filha, que dormia, nessas ocasiões, junto com Terrwyn e Ulla, contando com a proteção de um dos amuletos que ficava com a irmã de Ragnar.

Numa dessas noites, quando a maioria das pessoas já havia se recolhido, Aswad se despediu de sua esposa com um beijo, pronto para iniciar a ronda pelos corredores do castelo. Ele e Radegund ficariam cada um com uma das alas para vigiar, enquanto os outros descansavam.

— Deseje-me sorte, esposa — ele murmurou junto aos lábios dela.

— Já tem até demais, meu marido.

Aswad se afastou um pouco e olhou-a nos olhos.

— Ainda guarda mágoa em seu coração.

— Guardo dúvidas.

Resignado, pois fora ele o maior culpado por aquela situação, Aswad assentiu.

— Ao menos não tem mais raiva de mim.

— Não — ela confirmou num fio de voz.

Claro que não tinha mais raiva dele. Por mais que quisesse, não conseguia. Só sentia por ele um grande amor, que foi se enraizando em meio a toda aquela confusão e aquele perigo. Porém, confessar aquilo a Aswad seria se expor demais. E ela sequer sabia o que ele sentia por ela. Ele jamais falara em amor. E sim de conveniência, do que era apropriado... e de desejo. Trudy se perguntava, no entanto, se só o desejo lhes bastaria. Para ela, a resposta era não. Porém, por hora, ela aproveitaria aqueles doces interlúdios, aqueles momentos em que nos braços do seu marido estrangeiro ela esquecia do mundo lá fora e dos perigos que todos eles corriam em Svenhalla.

Como se ecoasse seus pensamentos, ele falou antes de sair pelo corredor carregando sua cimitarra.

— Tome cuidado.

Trudy o beijou e o acompanhou com os olhos até que sumisse na curva da longa passagem. Fechando a porta de seu quarto, resolveu ir dar uma última olhada em Lizzie antes de voltar a se deitar.

Mark tomou mais um gole de *akevitt* e caminhou pelo corredor quase totalmente escuro. Qual daquelas portas seria a de seus aposentos? Estava tudo tão confuso em sua cabeça! Uma figura pequena e loura, trajando um robe de cor clara, caminhava em sentido oposto. Ele estreitou os olhos tentando vê-la melhor. *Clair? Ora, você não estava morta?*

— Clarisse... — ele se aproximou e a pessoa parou.

— *Sire* — Trudy, lamentou ver o cavaleiro por quem tinha grande consideração naquele estado — sou eu, Trudy.

Ele cambaleou, sacudiu a cabeça e apoiou o braço na parede, bloqueando seu caminho. Abriu um sorriso que não chegou aos olhos.

— Ah, a doce Trudy! — Levou a garrafa de *akevitt* novamente aos lábios e tomou outro gole, limpando a boca com as costas da mão. Em seguida, tornou a falar. — Será que continua tão doce assim?

— Com licença, *sire* — ela murmurou, desconfortável com o olhar dele e também com seu tom de voz — tenho que ir ver Lizzie.

— Esqueça Lizzie, doçura — ele se aproximou mais da moça, examinando-a detidamente. Parecia-se tanto com Clarisse! Pequena, loura, curvilínea... — Lizzie tem a mãe dela. Já eu — ele deslizou o dedo por sua face e depois pelo pescoço, acompanhando o movimento com o olhar — não tenho mais ninguém.

— Deixe-me passar — ela abaixou a cabeça e tentou escapar por baixo do braço estendido.

Ele, porém, a impediu. Segurou-a pelo braço.

— Ora, o que é isso, mocinha? Somos velhos amigos, lembra? Bem que gostou de estar em minha cama quando nos conhecemos.

Aquelas palavras magoaram profundamente Trudy. Apesar de saber que ele estava sofrendo com a morte da esposa, aquela era uma parte de sua vida que ela queria deixar para trás. Forçou de novo a passagem.

— Solte-me, *sire*. Por favor.

— Ora vamos, Trudy. Não quero dormir sozinho... — ele aproximou o rosto do dela, tentando beijá-la, seu hálito exalando álcool puro.

Foi interrompido por uma voz cortante atrás de si.

— Além de passar o dia inteiro bêbado, agora vai molestar as mulheres da casa?

Ainda segurando a jovem, ele tomou mais um gole da bebida e respondeu com sarcasmo.

— Ah, Radegund! — Fez uma reverência desajeitada. — A defensora da moral e de todas as virtudes!

Radegund não se abalou.

— Vá embora Trudy. Eu cuido disso.

Aproveitando a distração dele, a moça escapou por sob o braço apoiado na parede. Correu para os aposentos onde Lizzie dormia, trancando-se lá.

Os dois se viram sozinhos no corredor. Mark virou para a amiga e a mediu de cima a baixo.

— Por que a mandou embora?

— Porque está bêbado. E também porque ela não merece ser magoada. Além disso, se fosse Aswad a presenciar esta cena ridícula, na certa já teria cortado seu pescoço.

Ele riu com escárnio e bebeu ainda mais.

— Eu sempre tirei as mulheres dele! Não seria a primeira, nem a última. Você mesma, Radegund — ele deu um passo à frente e com agilidade surpreendente para um homem alcoolizado, agarrou-a pela nuca, puxando-a para bem perto de si — lembra que eu a tirei dos braços dele? — Ela o empurrou. Ele recuou um pouco, mas não a soltou. — Ora, garota, vamos lá! Agora que dispensou Trudy, como passarei esta noite fria? — Sua voz era puro escárnio. — Vai ficar no lugar

dela?

— Não se atreva... — a ruiva rosnou entredentes.

Ela conseguiu se soltar e abriu a porta do quarto, apontando a entrada, os olhos verdes lançando chispas.

— Vá para dentro e durma. E me dê aqui essa garrafa.

— Ah, nem pensar — ele sorriu irônico, tirando o objeto de seu alcance — tirou-me Trudy e ainda quer levar minha companhia mais fiel? E quem disse a você que vou dormir? Vou pegar um agasalho e voltar ao alojamento dos soldados. Na certa deve haver outro bom jogo de dados por lá... — ele deu um passo incerto na direção do cômodo e falou de novo — aliás, farei melhor. Vou até o vilarejo e encontrarei uma puta qualquer para me consolar.

Aproveitando que ele havia passado da saleta para o quarto de dormir, Radegund entrou e trancou a porta, escondendo a chave. Pois sim! Já estava até deixando aquele louco sair no meio da neve e da noite para ir atrás de uma mulher de vida fácil! Das duas uma. Ou ele faria Baco se machucar seriamente. Ou cairia do cavalo e quebraria o pescoço. E apesar de Mark al-Bakkar vir se comportando como um rato de esgoto desde a morte de sua prima, ele ainda era seu amigo. E ela faria de tudo para salvá-lo, como ele tinha feito por ela. Não desistiria dele, como ele não tinha desistido dela.

Resolveu ficar ali até que ele apagasse. Afinal, depois de tanto *akevitt*, não era possível que ele continuasse de pé por muito tempo.

Ouviu os ruídos que ele fazia dentro do quarto e esfregou os olhos. Por todos os santos, como estava cansada daquilo tudo! Apurou os ouvidos e escutou o som de água vindo do outro lado.

Bom Deus, faça com que ele resolva ir dormir.

Como ele não saiu, deduziu que tinha sucumbido ao efeito do álcool e ido se deitar. Exausta, se desfez do cinturão com as armas e da cota de malha, deixando-os num canto. Arrancou a túnica pesada e ficou só com a camisa de lã. Se ia passar a noite ali sentada, tomando conta dele, que fosse com o mínimo de conforto. Ao menos havia uma lareira acesa, que deixava a saleta aquecida. Resignada, largou-se numa cadeira e encostou a cabeça na parede. Devia ter cochilado, pois acordou com o som dele forçando a porta, tentando sair. Colocou-se de pé num salto.

— Abra esta porta, Radegund! — Intimou ele, vestido para sair e com a garrafa numa das mãos. — Não tem o direito de fazer isso.

Já sem paciência alguma, aproximou-se dele.

— Não! Não vou deixar você sair para se arrebentar por aí. Você está bêbado demais para pensar claramente, Mark. Dê-me isso! — Ela arrebatou a garrafa das mãos dele e a atirou ao fogo, causando o súbito aumento das chamas,

acompanhado de um rugido. — Amanhã vai me agradecer por isso.

A expressão dele se modificou, o rosto transformado numa máscara de ódio. Avançou na direção dela. Radegund se repreendeu por ter se deixado encurralar num canto.

— Vou agradecê-la pelo quê? Por ter me tirado do esquecimento? Por ter me feito sentir mais dor ainda? Por ter sido a minha *salvadora*, Radegund? — Debochou. — Você cometeu um erro quando me tirou de baixo daquele cavalo!

— Não fale assim!

O tom de voz dele se elevou ainda mais.

— Não fale assim? Vejo em seus olhos, mulher! Você me olha com pena, com piedade! Olha como se eu fosse lixo! Tudo porque eu sofro por Clarisse! Aliás — ele segurou seu rosto e a encarou, sarcástico — você me olha de cima não é, Radegund? Você nos olha a *todos* de cima, do alto dessa sua frieza. Você se colocou acima das dores humanas, para não sentir as suas próprias e acha que ninguém mais tem o direito de sofrer!

— Isso é mentira, Mark! — Exclamou, horrorizada. — Você sabe o quanto sofri por Luc. O quanto ainda dói!

— Dor? Você sente isso? — Os dedos que a seguravam afundavam em sua carne, machucando-a. As palavras, porém, machucavam ainda mais. — Você é fria, Radegund. É feita de pedra, é feita de gelo como esta maldita terra! Deixou de ter um coração há muito tempo. Não sente mais nada; nada a atinge, nada toca você. Você não é humana!

Ela o empurrou, as lágrimas escorrendo pelo rosto contra sua vontade. Maldito fosse Mark que sabia exatamente onde acertar, mesmo estando bêbado! Retribuiu na mesma moeda.

— E eu seria mais humana se ficasse embriagada pelos cantos? Se deixasse meu filho ao Deus dará? Se magoasse minha única irmã e meus amigos com palavras e atitudes grosseiras? Se esse é o seu conceito de humanidade, eu o dispenso! Pelo menos conservo minha dignidade! Se eu não sou humana, sabe o que você é, Mark? Um patético arremedo de gente! Você se transformou naquilo que sempre desprezou por toda a sua vida. Mesquinho, egoísta, cruel e insensível. Além de tudo, — ela enfiou o dedo ainda mais fundo na ferida — você está sendo para seu filho muito menos pai do que Anwyn foi para você!

A reação dele foi tão violenta que a apanhou de surpresa. Avançou sobre ela, agarrou-a pela camisa e a atirou contra a parede. Radegund encarou todo o ódio dele, que mantinha o punho erguido em sua direção prestes a desferir um golpe. Segurou a mão que agarrava sua camisa e desviou o rosto para o lado, tentando evitar que ele a acertasse. Num último lampejo, porém, ele deteve o braço no ar. O punho cerrado com força, os nós dos dedos brancos. Encararam-se como duas

feras. As respirações pesadas, o ressentimento palpável como uma nuvem negra em torno dos dois.

Mark forçou os pensamentos através do embotamento do álcool e da dor. O ódio cego, insano, o consumiu no momento em que foi comparado ao pai ausente. Àquela figura-fantasma que ainda não era capaz de superar, apesar de tudo. E a filha da puta jogava isso na sua cara! Enxergou isso dentro dele quando ele mesmo não foi capaz de ver a mágoa antiga. Aquela velha ferida. Fermentada, infectada e purulenta. Radegund cravara o punhal bem fundo dentro dela e agora ele sangrava por dentro.

Tremendo, cerrou os dentes. Reconheceu que não era mesmo melhor do que Anwyn, do que ninguém. Era realmente um imbecil, um arremedo de gente, conforme ela o acusava. Um rato que nos últimos tempos só fez beber e magoar a todos ao seu redor. Foi o responsável pela morte da própria esposa. Acabou com o respeito que seu filho sentia por ele. Afastou com palavras cruéis sua adorada irmã. Magoou Trudy, a mulher de seu amigo, a jovem que um dia havia salvado sua vida. E Radegund...

Radegund tinha toda razão. E, francamente, ela poderia matá-lo agora, seria um favor que lhe faria. E por que a maldita não reagia e acabava com ele de uma vez? Ela estava armada; sabia que sob as roupas ela teria pelo menos mais três lâminas. Por muito menos já teria matado quem quer que a agredisse daquela forma. Sequer se deixaria ser acuada.

Ah, mas é claro! Ele era seu amigo — pensou com amarga ironia. Por causa daquele maldito senso de lealdade, de honra e de amizade, Radegund não o atacaria. Brigaria com ele, tentaria trazê-lo a razão ou o poria para dormir. Tão nobre, tão leal! A não ser, é claro, que passasse a odiá-lo. A não ser que o considerasse tão vil e abjeto que o desprezasse.

Uma ideia, fruto de sua mente embotada e perturbada, tomou forma. Mostraria a ela que não era mais seu amigo, que não era digno de sua confiança. Que era um miserável animal que merecia ser morto sem dó nem piedade. Mostraria a ela no que tinha se transformado. Radegund saberia quem ele era de verdade.

Radegund não soube dizer como aquilo começou. Talvez tenha sido quando o brilho da raiva cedeu lugar ao da perturbação e da insanidade nos olhos castanhos. O braço que ele erguera desceu sobre a frente de sua camisa, rompendo as costuras, arrancando um pedaço do tecido.

— Mark! — Ela gritou e tentou detê-lo, segurando seu braço — o que diabos...?

Ele se soltou com um safanão, atingindo seu rosto.

— Não. Já que mandou Trudy embora, ficará no lugar dela!

Vamos. Despreze-me e mate-me, infeliz.

Radegund se debateu, enquanto ele a prendia contra a parede, tentando arrancar sua camisa. O rosto doía no local onde ele tinha acertado. Tentou fazê-lo voltar à razão.

— Não, Mark! Perdeu o juízo? Pare com isso, agora! Largue-me!

Elevou um joelho e o golpeou no flanco, mas ele sequer sentiu, anestesiado pelo álcool. Mais enraivecido ainda, ele rugiu.

— Vai me dar o que quero, mulher! Se pôde se consolar com o irlandês, pode me consolar desta forma também!

Dessa vez ele a segurou pelo pescoço. Ela cravou as unhas em seu punho.

— Solte-me, Mark! — Como ele podia ser tão vil, tão diabólico? — Está me machucando!

Desgraçada, você está armada. Mate-me de uma vez!

Radegund tentou empurrá-lo para longe, mas Mark era muito forte e conhecia todos os seus artifícios de defesa. Forçou-a ainda mais contra a parede e enfiou uma das pernas entre as suas. Ela levou a outra mão até o cabo da adaga presa atrás da cintura e hesitou. *Inferno!*

— Pare! — Ela implorou em pânico. Não podia usar a arma contra ele. E não podia permitir que ele fosse adiante. — Pare com isso! Não me obrigue a machucar você!

Vendo-a hesitar, ele a provocou mais cruelmente ainda.

— Não vou parar. Não vou passar esta noite sozinho! E como você não é humana, isso pouco fará diferença para você. — Despejou sobre ela as próximas palavras, enquanto expunha seu corpo, puxando sua camisa com violência, certo de que aquilo seria sua sentença de morte. — Uma vez a mais, uma a menos, o que importa? Talvez até goste de ser forçada!

Choque.

Foi tudo o que sobrou no rosto pálido dela. E ao contrário do que ele previu, ela não enterrou a adaga em seu peito. Nem cortou sua garganta. Apenas parou de lutar, chocada, estarrecida. Humilhada.

Pelo amor de Deus, me mate Radegund. Não vê que não mereço, que não quero viver?

Ele ainda tentou prosseguir naquilo, puxando pelo colarinho estraçalhado o que havia sobrado da camisa dela. Nada. Simplesmente ela não reagia. Estava parada ali, branca e gelada como uma estátua de mármore. Ela o fez. De novo.

Xeque-mate.

— Bruxa maldita! — Ele gritou, tremendo, agarrando os ombros dela, sacudindo-a com raiva — Por que não me mata? Eu vou violentá-la!

Lágrimas silenciosas responderam à sua pergunta. Ela deixou a adaga cair no chão. As nuvens da loucura começaram a se dissipar. Durante algum tempo ele permaneceu imóvel. Apenas o som de suas respirações ofegantes e entrecortadas varava aquele silêncio denso, pesado e constrangedor. Deus! Foi ele mesmo quem disse aquilo?

Monstro.

Sentiu-se envergonhado, um verme. Olhou para ela. Para as roupas rasgadas, para os arranhões nos ombros e no colo, para o rosto e o pescoço machucados. E para as próprias mãos.

Animal.

Recuou. Ela simplesmente se deixou escorregar contra a parede, caindo sobre os joelhos dobrados. Chocado consigo mesmo, ajoelhou-se e puxou o corpo estático e frio dela, abraçando-a com força. Trêmulo, os olhos arregalados, horrorizado consigo mesmo. A que ponto de sordidez e degradação havia chegado? Respirou pesadamente. Sóbrio e envergonhado. Arrependido e humilhado.

A voz dela soou fraca. Incrédula.

— Por quê, Mark? O que eu fiz a você?

Ele tremia tanto que não conseguia encontrar a própria voz. Demorou muito a responder.

— Tentou salvar alguém que não vale a pena. Devia ter me deixado morrer. Devia ter me matado.

A compreensão a fulminou como um raio. Ele a quis cega de ódio. Quis que o matasse! Tentou deliberadamente arrancar dela aquela reação.

— Maldito seja você, Mark...

— Radegund, por favor...

Se debateu e tentou se afastar, mas ele não permitiu. Irritada, descarregou sua

raiva, sua dor, entre soluços e pancadas desferidas contra seu peito.

— Acha que eu poderia matar você e viver impune o resto de meus dias, seu maldito idiota egoísta? — Indagou, revoltada. — O que eu diria aos seus filhos? E à Terrwyn? Que matei seu pai e irmão quando ele tentava me estuprar? Ou que o matei porque estava com ódio dele? Queria se libertar à custa da minha dor, Mark?

Ele não pensou assim. Não viu sob esse aspecto. Só pensou em si, na própria dor, no próprio desespero. Se é que havia pensado.

— Me perdoe, — implorou — eu...

— Só você pode se perdoar.

Repelindo-o, ela conseguiu finalmente se afastar. Levantou-se devagar, cambaleando, andando com dificuldade. Apoiou-se numa das paredes. Diabos, mais aquela! Tinha machucado o pé na confusão. Mal podia apoiá-lo. Olhou para as próprias roupas rasgadas e tentou juntar as partes do tecido à frente do corpo.

Merda!

— Radegund.

A voz soou próxima. Não ouviu ele se levantar ou se aproximar. Não olhou. Estava magoada demais, machucada demais. Se havia alguém no mundo com o poder de feri-la de morte, esse alguém era Mark. Secou as lágrimas apressadamente. A mão morena apareceu ao seu lado estendendo-lhe uma manta. Ela pegou sem encará-lo e se envolveu nela.

— Deixe-me ver seu pé, — ele pediu — sei que se machucou.

— Não.

Ignorou-a. Deu a volta e fez com que se sentasse sobre a tampa de um baú.

— Não seja teimosa. — Ele tentava imprimir um tom firme à voz, mas ela notou que estava embargada, instável.

Ficou olhando para os cabelos pretos à sua frente, enquanto ele se agachava, abaixava a cabeça e tirava sua bota, provocando uma dor aguda no tornozelo.

— Ai! — Não pôde conter um gemido e mordeu o lábio.

— Já está inchando — ele a fitou, preocupado — uma torção, — outra pausa — sinto muito.

Ela o encarou em silêncio por muito tempo. Uma das mãos crispada sobre as bordas da manta que a enrolava, na altura do peito. A outra apoiada ao lado do corpo, sobre a tampa do baú. Os olhos arregalados e sombrios, o rosto ferido aumentando a vergonha dele. Depois um suspiro entrecortado, falou num murmúrio.

— Vou para o meu quarto.

Apesar do que disse, não fez menção de se levantar. Ele se aproximou um pouco mais, ajoelhando à sua frente, o rosto ficando quase na mesma altura que

o dela. Sua mão afastou uma mecha vermelha do rosto machucado.

— Fique.

Ela negou com a cabeça e retrucou baixinho.

— É a última coisa de que precisamos.

Ele sorriu, triste.

— Não entendeu. Fique aqui. Apenas fique e durma. Só isso.

— Por quê? — Indagou num fio de voz.

Com um suspiro profundo, Mark deitou a cabeça em seu colo, abraçando sua cintura. Radegund passou a mão ainda trêmula pelos fios escuros. Ele respondeu.

— Porque tenho medo da escuridão que há em mim, tenho medo de ficar sozinho e sóbrio. Porque se você estiver aqui, minha consciência estará também.

Ela ficou quieta, a mão parada sobre os cabelos negros, a cabeça dele pesando em seu colo, a tristeza esmagando seu coração.

— Ajude-me a me levantar.

Mark pôs-se de pé, passou a mão sob seu ombro e a amparou até chegarem à cama. Auxiliou-a a se sentar e a tirar a outra bota. Depois ajudou-a a se livrar das roupas rasgadas, deixando-a embrulhada na manta.

— Quer que pegue algo para você em seus aposentos?

— Não precisa. Empreste-me uma camisa.

A peça foi retirada do baú e estendida para ela, que logo a enfiou pela cabeça. Mark a observou. Estava engraçada. A camisa folgada parecia um saco de batatas.

Apagou as velas e apenas a lareira iluminou o aposento enquanto ele se trocava. Vestiu um calção limpo e enfiou-se sob as cobertas. Sua cabeça latejava e girava depois de tanto álcool consumido. Olhou para o outro lado. Radegund ainda estava sentada na beirada da cama. Estaria com medo dele? Ou com raiva? Se estivesse, não seria sem motivo...

— Ei, garota.

— Hum.

— O que foi?

Ela olhou por sobre os ombros e perguntou a pergunta mais idiota possível para aquele momento. Estranho. Tudo estava estranho e distorcido, como na ocasião em que fumou *banj*⁴³ numa taverna em Gaza. Como estar no mundo e ao mesmo tempo fora dele, numa vida paralela. Estranho e angustiante.

— Você ainda ronca?

O riso começou fraco, apenas um sorriso. Mas logo ele gargalhava, num timbre rico e grave, bem conhecido dela. Radegund sorriu também, menos exuberante, daquele seu jeito contido.

Aquele era um som que os levava a uma época que, se não fora fácil, ao

menos era mais previsível. Uma época em que eram amigos e não se ofendiam mutuamente. Nem tentavam se matar um ao outro de tão consumidos pela dor e pelo desespero que estavam. O riso foi morrendo. Até que apenas o som da madeira estalando no fogo foi ouvido em meio às sombras.

Entrando sob as mantas, ela se aconchegou a ele.

— Não me respondeu.

— Como eu vou saber, se estou dormindo?

— Faz sentido.

Silêncio.

— Radegund.

— O que foi?

— Perdoe-me.

Ela suspirou e procurou sua mão. Entrelaçou os dedos nos dele e trouxe para junto de seu coração. Indagou em voz baixa, contida.

— Como pôde acreditar, por um instante sequer, que eu seria capaz de matá-lo?

O peito dele subiu e desceu num suspiro dolorido. Outra acha estalou na lareira. Olhou os cabelos dela, que pareciam mais vermelhos ainda a luz do fogo, espalhados sobre o bronze de sua pele. Encolhida ali parecia uma menininha, triste e solitária.

— Eu acreditei no que quis acreditar. — O outro braço passou por suas costas e a envolveu com carinho. Ele depositou um beijo no alto de sua cabeça. — Fui covarde, fraco. Usei você e sua raiva e magoei você de propósito. Agi com baixaza e mesquinhez. — Fez uma longa pausa. — Algum dia irá me perdoar?

Desta vez ela ergueu a cabeça e os olhos verdes, sempre tristes, mas repletos de humanidade, encontraram os dele, envergonhados e arrependidos.

— Não o perdorei, pois jamais o condenei. Apesar do que disse sobre olhá-lo com superioridade, saiba que não estou acima nem abaixo de você. Estou ao seu lado. Apesar de tudo, se pudesse voltar no tempo, não mudaria nada entre nós. Jamais vou abandonar você, *jamais*! Continua sendo meu amigo. E o será até a morte e talvez além dela. Nada do que fizesse seria capaz de abalar a fé que tenho em você.

Se ela batesse nele, não doeria tanto. Tentou argumentar.

— Nem se eu tivesse...

Ela colocou os dedos à frente de seus lábios com delicadeza.

— Minha fé em você é inabalável. — Recostando de novo a cabeça em seu peito, ela falou. — Durma. Amanhã será outro dia.

As lágrimas que descaram dos olhos castanhos redimiram o coração de seu leal companheiro, enquanto sua voz grave e embargada cantava para ela.

Yallah tnam, Radegund, yallah tnam...

Estrada para Nidaros

Saori se encolheu sob o casaco grosso forrado de lã de ovelha. Hrolf, ao seu lado, com o capuz sobre a cabeça e a gola de pele de lobo erguida, parecia ainda maior e seus ombros ainda mais largos. Aos pés dele, estavam seus dois cães.

A nevasca que tinha começado ao entardecer os atrasaria ainda mais. Aquilo só poderia ser obra dos *Tengu*! Nunca conseguiriam voltar a Sven-sei-lá-o-que com aquele clima! Honestamente, parecia que o mundo congelava. Ela nunca havia sentido tanto frio em sua vida! Aproximou as mãos enluvadas da fogueira que ele acendeu sob uma plataforma rochosa e do abrigo improvisado com galhos. Mesmo as chamas não conseguiram aquecê-la. Estremeceu e abraçou o próprio corpo.

— Venha cá — chamou o rastreador, afastando a ponta do manto. Ela o encarou desconfiada. Ele repetiu o chamado. — Ande, mulher! Se ficarmos juntos, concentraremos mais o calor.

Naquelas semanas de convivência com o rastreador, Saori aprendeu muitas coisas acerca de sua personalidade. Ele era, para começar, um solitário por natureza. Era também simples, franco e direto sem, no entanto, tornar-se grosseiro. Tinha paciência infinita com as crianças que escoltavam e dedicava atenção especial a Marit Ingesdatter, a matriarca dos Svenson. E era mandão.

Ao ver que ela hesitava, ele resmungou algo ininteligível e depois falou, impaciente.

— Olhe, apesar de termos nos conhecido em circunstâncias bem desfavoráveis, eu não mordo. Pode deixar de tolices e se sentar aqui junto comigo para se aquecer. Ou congelar o traseiro aí sozinha. — Ele deu de ombros. — A escolha é sua.

Resignando-se, Saori se levantou e em silêncio foi se sentar junto dele. Hrolf afastou o manto e assim que ela se acomodou, fechou-o em torno dos dois, passando o braço em volta dela. Não pode deixar de perceber o quanto seu corpo era firme e de contornos perfeitos.

Saori de Iga, conforme ela mesma lhe contou, era uma espécie de mercenária em sua terra, uma ilha muito distante chamada *Nihon*⁴⁴. Durante a viagem conseguiu saber um pouco mais sobre a exótica estrangeira de olhos rasgados e cabelos negros.

Foram, antes de partir, à caverna onde ela tinha se escondido durante aqueles últimos meses. Ficou impressionado ao ver como ela conseguiu sobreviver sob condições tão inóspitas. E sozinha! E também ficou fascinado com o arsenal que

ela carregava consigo. Pequenas e estranhas armas que ele nunca viu, mas que eram tão ou mais mortais do que uma espada ou um machado de guerra.

Também o impressionou a vitalidade dela. Saori não gostava de montar. Preferia caminhar, mesmo sob a neve. Suas pernas bem-feitas, vestidas em calças largas, firmavam-se com segurança no solo e escalavam com agilidade árvores e penhascos. Ela foi uma escolha acertada para compor aquela escolta. E uma mulher como ela seria a escolha certa para ser a companheira de um homem como ele...

Ora, Hrolf! Pare de divagar. Está muito velho para pensar em romance! Não pôde conter, todavia, um suspiro ao sentir que ela cochilava ao seu lado e que se recostava em seu corpo. Sentiu a pronta reação de certa parte de sua anatomia.

Diabos! Era nisso que dava ficar tanto tempo em abstinência sexual. Devia fazer como Björn, que sempre arrumava uma rapariga para aquecer sua cama. Bem, mas isso não fazia seu estilo. Já havia passado da fase dos arroubos da juventude. Não queria uma mulher de uma noite só. Nem uma amante grudenta e cheia de não-me-toques. Queria uma companheira que aguentasse seu ritmo de vida, seus longos silêncios, sua tendência à solidão e suas caçadas. E é claro, que também aquecesse sua cama.

Apoiando-a com seu braço, ele recostou na rocha fria e fechou bem o manto em torno dos dois. Tentaria dormir, já que tudo o que poderiam fazer seria esperar.

Svenhalla

— Gaetain!

— Mmmm...

Terrwyn sacudiu o garoto de novo.

— Gaetain, acorde!

— Hã? O quê... — ele esfregou os olhos — Terrwyn?

— Shhh! — A moça olhou em volta e viu que Ragnar e Einar continuavam a dormir. — Venha ver o que achei.

— Oh, por favor! — Ele colocou o travesseiro sobre a cabeça. Sua voz saiu abafada. — É madrugada!

— É importante, Gaetain — arrancou o travesseiro dele — venha comigo.

Sonolento, o menino foi atrás dela. E qual não foi sua surpresa ao vê-la afastar um painel da parede e entrar, literalmente, dentro dela.

— Isso é...

— Uma passagem secreta.

Tendo sido criada num castelo cheio delas, ela logo notou que as paredes de

Svenhalla guardavam muitos segredos. E naquelas longas semanas, quando todos estavam preocupados com Jean e com a vigilância, ela começou a vasculhar diligentemente cada fresta, até achar uma das muitas entradas e saídas ocultas nos vários aposentos do castelo. Pelo que viu, as passagens eram ignoradas pelos donos de Svenhalla. Estavam todas sujas, cheias de teias de aranhas e sem sinal algum de uso.

— Venha, Gaetain. Talvez possamos arrumar uma saída de emergência ou um esconderijo.

Gaetain, ainda sonolento, segurou sua mão.

— Esconderijo?

Terrwyn olhou para o menino e indagou.

— Você também não quer ir para Nidaros, não é mesmo?

O rosto de Gaetain se iluminou.

— Ah, entendi. — Olhou por sobre os ombros e constatou que os homens ainda dormiam. — Então vamos, acho que temos umas duas horas para explorarmos as passagens antes que Radegund e Aswad venham trocar o turno com os dois.

A moça bagunçou os cabelos do garoto.

— Sabia que você não me decepcionaria, Gaetain.

Andando silenciosamente, o menino e a jovem foram engolidos pelas paredes de Svenhalla.

Gilchrist deixou Björn nas ameias, onde o capitão foi rendê-lo no comando da vigilância dos muros, e foi direto para seus aposentos. Estranhou não ter encontrado com Radegund em sua ronda, porém deu de ombros. Na certa ela já havia passado por ali. A ruiva era extremamente responsável e jamais abandonaria seu posto sem motivo.

Cansado, ele entrou em seu quarto. Decidiu ir para lá, ao invés de dividir os aposentos com os outros homens para não incomodar o sono deles. Em breve eles teriam que despertar para render Radegund e Aswad.

Assim que entrou, ele notou sua presença.

— Ulla? — Ele estendeu os braços para ela, que se atirou neles.

— Precisava ficar com você esta noite, meu marido.

— Não sabe como é bom ouvi-la me chamando assim — confessou ele, entrelaçando os dedos nos cabelos platinados.

— Assim como, Dragão? — Indagou Ulla num sussurro, recostando-se em seu peito.

— Meu marido. — Ele a fez olhá-lo nos olhos. — Só me falta ouvir meu nome em seus lábios, — fez uma pausa enquanto a fitava intensamente — por

que nunca o disse?

Ela se desvencilhou de seus braços e lhe deu as costas, caminhando cabisbaixa até a lareira. Gilchrist a seguiu e abraçou por trás, exigindo uma satisfação.

— Por que, Ulla?

Ela ergueu o rosto e o brilho avermelhado das chamas criou uma espécie de aura ao redor de sua pele branca. Aos olhos dele, ela parecia a própria Deusa.

— Não me peça para fazê-lo, Dragão. — Ela se voltou e em seus olhos havia uma tristeza infinita mesclada ao amor por aquele homem silencioso e intrigante.

— Conceda-me o privilégio de manter ao menos esta barreira, este fio de distância ao qual me apego para não sofrer quando...

Sacudiu a cabeça e não pode terminar a frase. Como doía saber o que o destino lhes reservava. Quisera Deus que ela fosse uma simples mulher ignorante, que não tivesse nascido com aquele Dom, que mais parecia uma maldição, de saber o amanhã!

— Quando eu me for — ele falou, puxando-a para mais perto — quero que esteja com um filho meu em seu ventre. Quero que me guarde em seus pensamentos — ele começou a beijar sua face, os olhos e o pescoço enquanto falava — quero que guarde meu toque em seu corpo — olhou-a nos olhos — e a lembrança de meu amor em seu coração.

Entre lágrimas e beijos famintos, o Dragão e sua mulher despiram-se apressados, lutando contra o tempo e sua marcha implacável. Ele a deitou sobre o tapete diante da lareira e saboreou a visão de seu corpo dourado pela luz do fogo. Suas mãos passearam sobre a pele clara, acompanhadas por seu olhar ávido. Com os lábios ele reverenciou cada recanto do corpo de Ulla, beijando a pele morna. Com os dedos ele acariciou os pelos dourados que escondiam sua intimidade. Com a língua ele provou o doce sabor de seu prazer, arrancando um pedido rouco para que a possuísse, para que plantasse em seu ventre a semente daquela criança ainda não concebida, que seria o alento e o elo entre os dois quando a sina do Dragão se cumprisse. Dentro do corpo dela, ele se afogou num mar de êxtase. E quando tudo chegou ao fim, ergueu-a nos braços e com ela aconchegou-se no leito, sob as mantas, numa calmaria agridoce, prenúncio dos dias que viriam.

Aswad chamou os dois irmãos para a troca da vigília.

— É a vez de vocês, companheiros.

Ragnar, habituado ao regime dos campos de batalha, pulou da cama e cutucou o irmão mais novo.

— Acorde, Einar. É a nossa vez — voltou-se para o beduíno — e a ruiva?

— Creio que já se recolheu — ele estendeu a mão para Ragnar — aqui está o

amuleto. Use-o em torno do pescoço.

Einar, que calçava as botas, olhou em volta e indagou.

— Onde está o filho de Bakkar?

— Diabos! — Resmungou Ragnar. — Espero que esse moleque só tenha saído para se aliviar.

— Deve ter sido isso, daqui a pouco ele deve estar retornando, — tranquilizou-os Aswad — podem ir que eu o espero.

Os irmãos acabaram de se vestir, pegaram suas armas e saíram. Aswad se despiu e se deitou, aguardando a volta do menino.

— Essa não — sussurrou Terrwyn, olhando por uma fresta o beduíno reclinado na cama, de olhos bem abertos — o chacal bem que podia ir dormir!

— Estou com sono, Terrwyn — reclamou Gaetain.

— Calma! Se sair daqui agora, ele vai notar a passagem.

— E qual é o problema?

Terrwyn revirou os olhos. Gaetain era muito inteligente, mas, quando estava com sono, ficava lerdo como uma lesma!

— Se ele descobrir a passagem, nosso esconderijo já era — ela espiou de novo pelo buraco — além disso, não vou muito com a cara do chacal.

— Entendo, — ele bocejou — mas como sugere que eu volte para minha cama?

— Deixe-me ver... — Ela pensou um pouco e depois exclamou, satisfeita. — É isso! Use aquela saída que dá para o corredor. Você entra pela porta e diz exatamente o que o Ragnar sugeriu.

— O quê? — Indagou o menino em meio a outro bocejo.

— Ora, diga que foi à latrina, que estava apertado! Vá! — Ela foi conduzindo o garoto pela passagem estreita até o painel que se abria para o corredor. Afastou-o devagar e fez Gaetain sair. — Volte logo para seu quarto, antes que o chacal venha atrás de você. E nem um pio sobre as passagens!

Gaetain fez um gesto enfadado com a mão e reprimiu outro bocejo. Terrwyn podia ter mais idade do que ele, mas era uma maluca!

Quando viu que o garoto fechou a porta, a irmã de Mark voltou para dentro da passagem e prosseguiu em sua exploração. Ao tentar voltar para o seu quarto, no entanto, notou que havia errado o caminho.

— E agora? — Olhou e tateou a parede, preocupada. — Inferno! Como é que eu vou sair daqui?

A vela que levava consigo já tinha sido consumida. Ela contava apenas com a prática adquirida em Draig Fawr para poder achar um dos mecanismos que abriam os painéis que encobriam as saídas. Subitamente seus dedos tocaram uma

saliência na pedra lisa.

— Isso! — Vibrou quando a parede se abriu. Imediatamente saiu daquele lugar estreito e gelado e tentou se localizar.

Olhou em volta e percebeu, logo de cara, que não estava em seu quarto. A lareira do aposento estava praticamente apagada, restando apenas algumas brasas. O ambiente estava gelado e ela esfregou os braços, com frio. Caminhou até a porta e abriu-a devagar. Apenas para fechá-la depressa ao ouvir passos no corredor. Onde estaria?

Os passos se aproximavam e ela raciocinou depressa, tentando achar um lugar onde se esconder. Não queria voltar pela passagem, pois levaria séculos até que se orientasse de novo e achasse seu quarto. Não. Tinha que voltar pelo corredor.

Os passos se aproximaram da porta e pararam. Ela ouviu a voz de Ragnar e Einar, falando baixo no corredor.

— Diabos! Isso é hora de vocês dois fazerem a ronda aqui? — Resmungou.

Com frio e com sono, ela resolveu se recostar na grande cama que havia no quarto, e esperar que os dois resolvessem continuar em seu caminho. Os lençóis estavam gelados, mas logo ela conseguiria se aquecer. Tirou os sapatos e enfiou-se sob os cobertores, encolhendo-se de frio. Estava tão cansada, que nem pensou se o dono do quarto poderia voltar ou não.

Terrwyn caiu num sono profundo e nem escutou quando o capitão Björn Svenson, o dono do quarto em questão, voltou de seu turno nas muralhas, louco para cair em sua cama e dormir.

Estrada para Nidaros

A nevasca diminuiu um pouco no meio da madrugada, mas não o frio. Sob o manto de Hrolf, no entanto, a temperatura começava a atingir níveis alarmantes. Principalmente neste momento quando, em meio ao sono, Saori acabou deitada sobre o peito largo do rastreador.

Antes que percebesse o que fazia, ele passou o braço em torno de sua cintura, puxando-a ao encontro de seu corpo. Os seios pequenos e firmes roçaram em seu tórax através das roupas, excitando-o e, enfim, despertando-o.

— Ora — resmungou.

Saori também acordou, presa àquele calor e aspirando o cheiro dele, que lembrava o do couro. Envolvida pelos braços daquele rude homem das florestas, sentiu-se estranha, lânguida, presa a um sentimento de conforto que há muitos anos não tinha. Sua respiração acelerou e seu coração passou a bater mais rápido. Sentiu um formigamento percorrer todo seu corpo, terminando em seus mamilos, que ficaram duros e sensíveis.

Ele sentiu aquela reação mínima e falou, a voz rouca de sono e excitação.

— Não precisa se afastar, se não quiser.

Ela o testou.

— E se eu quiser?

— É livre. — Pausa — Você quer?

Num sussurro ela respondeu, consciente de que, dali para frente, nada seria como antes.

— Não.

Hrolf puxou-a sobre seu corpo, imiscuindo uma de suas coxas entre suas pernas. Cobriu a ambos com o manto de peles e segurou-a pela cintura, fazendo-a deslizar sobre ele, até que suas bocas estivessem na mesma altura.

Na penumbra do abrigo, apenas as brasas iluminavam seus rostos. Os olhos negros de Saori pareciam carvões incandescentes, faiscando em sua direção. Apertou-se contra ela, deixando-a sentir o quanto estava excitado. E confessou.

— Desde a primeira vez em que senti seu cheiro na floresta, soube que era uma mulher. — Ele desceu uma das mãos de sua cintura para suas nádegas, deliciando-se com sua maciez — senti seu medo, sua excitação, sua ansiedade e sua espera.

— E agora? — Ela perguntou enquanto abria a gola de sua camisa e enfiava a

mão ali dentro, tocando os pelos do peito — que cheiro fareja, homem-lobo?

— Cheiro de mulher, de fêmea — ele rolou sobre ela, prendendo-a ao chão com seu peso — cheiro de sexo.

Com voracidade beijou sua boca, entrelaçando a língua com a dela sem lhe dar chance de recuar. As mãos procuraram a pele sob as roupas pesadas e ela fez o mesmo, lamentando que o frio lá fora fosse tão intenso, impedindo-os de se despirem totalmente. Gostaria de vê-lo no esplendor de sua nudez, de sentir cada parte do corpo dele colada ao seu.

Contentou-se em tocar suas costas sob a camisa, em sentir os músculos ondulando sob seu toque. Tornou-se ousada e deslizou uma das mãos até o volume rígido à frente das calças. Ouviu-o grunhir excitado o que gostaria de fazer com ela.

— Mulher, se me tocar desse jeito, entrarei em seu corpo de uma só vez. Não haverá preliminares ou jogos de sedução. Simplesmente a possuirei.

Ela arfou de encontro a sua boca, presa a um redemoinho de sensações inebriantes, esquecida do mundo, da missão e do frio lá fora.

— Já estou seduzida — sua língua enroscou-se de novo com a dele — e também não quero jogar. Quero que me preencha, que me possua. Agora.

Hrolf perdeu totalmente o pouco controle que lhe sobrava. Por Odin! Que estranha magia aquela Saori de Iga lançara para deixá-lo febril como um rapazinho? Estava a ponto de se desfazer, sentia-se incendiado de desejo por aquela mulher misteriosa que invadira seus domínios e sua vida como uma tempestade. O que estaria acontecendo com ele?

Sem querer pensar em mais nada, ele puxou as calças largas que ela costumava usar, aproveitando para tocar as pernas firmes e bem-feitas. Livrou-se das próprias calças e abriu suas coxas, tocando-a com a mão, sentindo a umidade que a deixava pronta para ele. Sem esperar mais, mergulhou no corpo de Saori.

Para ela, foi como ser invadida. Sentiu seu membro distendendo seu corpo, abrindo caminho dentro dela. Saori tinha bastante experiência com os homens, mas nunca estivera com um capaz de despertar emoções tão intensas e avassaladoras. Seu corpo era uma massa rígida e compacta de músculos desenvolvidos em uma vida inteira ao ar livre. Hrolf era um homem no auge de sua maturidade, exalando confiança e masculinidade por todos os poros.

Saori abriu ainda mais as pernas, permitindo que ele a possuísse por completo. Hrolf investiu dentro dela com desejo crescente. Queria tê-la toda e, por mais que avançasse em seu corpo, ainda era pouco frente à vontade louca que sentia.

— Mulher! — Ele se apoiou nos punhos e foi mais fundo ainda — o que fez comigo?

— O mesmo que me fez, homem-lobo! — Ela respondeu, envolvendo-o com

as pernas. — Deuses! Não há mais onde ir e eu ainda o quero mais fundo em mim!

Sentiu que em breve explodiria.

— Não posso mais! — Ele ofegou — Tem que ser agora!

Os olhos negros de Saori prenderam os dele e ela suplicou.

— Agora! Sim! Por favor, faça-me gozar!

Ele a atendeu e despejou-se dentro dela, beijando-a com ardor, apertando-a contra seu corpo, sorvendo cada um de seus delirantes gritos de prazer. Ao fim de toda aquela tempestade, ele se ergueu num cotovelo e tirou os cabelos negros do rosto suado.

— Afastamos o frio da noite.

— É verdade — ela afagou suas costas. Ainda o sentia dentro de si. Não queria que ele saísse, que a deixasse. Ele pareceu ler seus pensamentos.

Rolou de costas e manteve-se dentro dela. Saori sorriu e acomodou-se melhor sobre ele, as pernas abertas em seus flancos, o corpo deitado sobre o dele.

— Fique assim — ele falou em seu ouvido, provocando-lhe um arrepio. Seu corpo se contraiu involuntariamente em torno do membro dele. Aquilo o incendiou. — Ah, mulher! Logo eu a terei de novo. Não sou um garoto, mas logo estarei pronto para possuí-la novamente.

Saori beijou sua boca, ainda faminta, e respondeu.

— Não quero um garoto, quero um homem. E é isso o que você é, — suas mãos acariciaram os cabelos louros — também não sou mais uma mocinha, já passei dos trinta verões. Você me agradou, Hrolf de Svenhalla. E mal posso esperar para que me aqueça de novo da forma como o fez ainda há pouco.

Sorrindo, ele a beijou de forma completa, explorando sua boca com perícia, não deixando segredo algum a ser revelado. Sentiu o calor dela ao longo de seu corpo e sua umidade onde seus sexos se uniam. Abraçou-a e fez com que ela repousasse a cabeça em seu ombro.

— Descanse então, minha bela estrangeira. Quanto mais relaxados nossos corpos, mais agradável será o sexo.

Isolados do mundo, em meio ao frio da madrugada, a *kunoichi* e o rastreador haviam encontrado seu paraíso particular.

Svenhalla

Björn se despiu e se lavou rapidamente com a água do jarro. Estava bem fria, assim como seu quarto, já que a lareira não fora alimentada nas últimas horas. Apenas as brasas aliviavam um pouco o frio e a escuridão. Paciência, pensou ele, acabando de se livrar das roupas. Era só se meter sob as cobertas que seu corpo

se aqueceria. Não valeria o esforço de acender o fogo novamente. Além do mais, em menos de duas horas já estaria de pé, pronto para ir ao ancoradouro acompanhar os reparos de rotina no casco do Freyja.

O capitão se deitou e puxou as cobertas. E qual não foi sua surpresa ao sentir, vindo junto com a manta, um corpo de contornos bem femininos.

Sorrindo, ele se aproximou e tocou a mulher que se deitara em sua cama. Na certa era uma das criadinhos com as quais ele dormia de vez em quando. Algumas ainda haviam ficado no castelo.

— Que surpresa agradável, senhorita — ele murmurou junto ao ouvido de sua misteriosa acompanhante — veio se aquecer nesta noite fria?

Terrwyn ouviu algo através da névoa do sono e sentiu-se envolvida por um calor intenso. Logo, foi puxada de encontro a um corpo bem mais rígido do que o seu e também muito maior. E quando foi abrir a boca para falar alguma coisa, um homem a beijou.

Intrigado com o silêncio da mulher — como era mesmo o nome dela... Silge, Sgyn... — ele a abraçou, deixando-a sentir toda sua excitação. Interrompeu o beijo e indagou.

— Ora, querida. Quer jogar um novo jogo? Não vai me dizer quem é? Deixe-me adivinhar então, pelas suas curvas.

Oh, meu Deus! Era ele. O capitão! Estava no quarto dele, no leito dele e ele a confundia com uma das raparigas que levava para a cama. E o pior era que ela estava gostando dessa confusão!

As mãos grandes e ásperas tocaram seu corpo por sobre a camisola delicada, estudando os contornos com a audácia e a confiança de quem já sabia que o prêmio estava em suas mãos. No escuro, Terrwyn corou ao senti-lo tocar seus seios.

— Ei, você é novidade! — Ele comentou, rolando sobre ela. Terrwyn engoliu em seco. — Não vai me dizer quem é, doçura? Quer fazer mistério?

Ao mesmo tempo em que falava, ele ia desvendando os segredos dela, subindo ousadamente a barra da camisola, acariciando as coxas macias. Aspirou o perfume suave e uma lembrança se acendeu em seu cérebro, algo tênue e vago, que tentava vencer o desejo que o invadia. O silêncio e o mistério o faziam arder ainda mais, atizando-o intensamente.

Terrwyn, por sua vez, mesmo deliciando-se com as novas sensações que experimentava ao ser tocada pela primeira vez por um homem, começou a se apavorar ao sentir que ele se encaixava entre suas pernas. E por tudo o que era mais sagrado, ele estava nu! Tinha que dizer quem era ou ele iria tomá-la ali, naquele momento. E daí não haveria volta! Empurrou-o e debateu-se sob ele.

— O que foi, minha pequena, — ele mordiscou sua orelha — não a estou

agradando como deveria? Diga-me quem é, deixe-me ouvi-la gemer...

Ele subiu as mãos por sua cintura, pelas laterais do corpo e tocou os seios pequenos por sobre o tecido, ouvindo-a suspirar baixinho. Sentindo-se incentivado por aquela reação, continuou a explorar o corpo e foi subindo a mão pela curva dos ombros, tocando o pescoço esguio e chegando aos cabelos curtos... *cabelos curtos*? Não, não era possível. Respirou fundo e reconheceu o cheiro. Lavanda. Saltou da cama como se ela estivesse em chamas e rosnou.

— Diga-me que não é você, pirralha!

Terrwyn se levantou, envergonhada, e agradeceu a Deus pela pouca clareza do ambiente, ou ele veria o quanto ela estava ruborizada e descomposta. Apertou o decote aberto da camisola antes de responder, num sussurro.

— Não sou pirralha...

Björn irritou-se. Raiva, frustração sexual e desconfiança se misturaram. Ele não a poupou.

— É uma pirralha sim! Uma criança inconsequente e irresponsável. Sua atitude só demonstrou isso — ele avançou um passo e agarrou-a pelo braço, sacudindo-a — sabe o que acontece a garotas que se oferecem assim a um homem? E se eu não parasse, menina? E se eu estivesse tão louco de desejo, que a possuísse nesta cama, como ficaríamos? — Um pensamento assaltou-o e ele o expôs, para espanto dela. — Ou será que era isso o que queria? Diga-me? Tentava me comprometer? Que jogo é este, garota?

Ela se soltou dele e recuou até uma distância segura. A silhueta alta e ameaçadora era revelada pela luz tênue das brasas na lareira. E, com todos os diabos, ele podia ao menos se vestir e parar de perturbá-la com sua nudez!

— Se calar a boca e me deixar explicar, posso lhe dizer! — Ela tentou manter a voz firme. Diabos, que confusão tinha criado! — Eu me perdi e acabei entrando aqui por acaso. Estava escuro e frio. Eu acabei caindo no sono. Não sabia que estava em seus aposentos.

— Ora, que história mais descabida! — Ele apontou o espaço em torno de si, enraivecido. — Vai dizer que se perdeu assim, dentro de casa? E o que fazia sozinha, pelos corredores, no meio da noite? Vai me dizer que não encontrou com Radegund, ou Aswad, ou qualquer outro que pudesse lhe mostrar o caminho?

— Estou dizendo a verdade! Eu me perdi! — Isso era verdade, só que não podia dizer que se perdera nas passagens secretas, não ainda. Aquele era um segredo que não poderia revelar agora. — Pare de me acusar do que não fiz!

— Vai voltar para os seus aposentos imediatamente, ou chamarei sua tutora aqui para ver o que andou aprontando. Ande logo, — ele exclamou, aborrecido — antes que eu lhe dê umas boas palmadas!

Terrwyn se irritou. Há bem pouco tempo atrás, quando não sabia quem ela era, ele a tinha desejado e a tratado como uma mulher. Agora, voltava a chamá-la de pirralha e a referir-se a ela como uma criança tola e mimada que merecia um castigo. Empertigou-se e o provocou.

— Ainda há pouco, capitão, o senhor queria me dar não palmadas, mas beijos. E outras coisas mais!

Boquiaberto, ele levou algum tempo para reagir.

— Ora, sua...

— Estou mentindo? — Ela tomou coragem e se aproximou, erguendo o rosto para encará-lo em meio a penumbra. — Diga-me?

Ato contínuo, puxou-o pelo pescoço e, para total surpresa do experiente capitão Björn Svenson, ela o beijou. Por um momento, ele a agarrou pela cintura e provou os lábios macios. Até que ela os entreabriu e gemeu. E ele acordou. Afastou-a de si, empurrando-a. Sarcástico, lutando contra o sentimento que o assaltava, apavorado demais para compreendê-lo, acuado demais para aceitá-lo, rebateu.

— Como eu disse, é uma menina. Uma criança — atacou-a para se defender — e beija como uma. Prefiro mulheres de verdade, como Radegund. — A despeito da própria nudez, ele foi até a porta e a escancarou, apontando o corredor vazio. — Agora suma daqui!

Lutando para conter o choro, Terrwyn passou correndo por ele e voou pelo corredor afora, entrando nos aposentos de Radegund apenas para constatar que a ruiva não estava lá. Foi melhor. Só assim pôde extravasar toda a dor e a vergonha que estava sentindo.

Em seus aposentos, o sempre seguro capitão do Freyja sentou em sua cama e apoiou a cabeça entre as mãos, o corpo fervendo de desejo e os pensamentos imersos numa enorme confusão.

Mar da Noruega

Chrétien D'Arcy olhou para o homem que dividia a cabine do navio com ele. Estava sentado no catre, amolando uma adaga que segurava com os dedos tortos. Seu primeiro contato com ele foi, no mínimo, inusitado.

Há três semanas atrás, quando já se resignara a ficar em Bergen até o fim do inverno, aquele homem o havia procurado, interrompendo sua diversão com Karin. Recebeu dele um comunicado da Ordem, que andava irritada com sua demora em colocar as mãos em Scholz, avisando-o de que enviara aquele novo agente e mais um contingente de mercenários para que efetivasse a captura do maior tesouro da Sociedade.

Chrétien argumentou com a questão da dificuldade do transporte no auge do inverno, mas o homem se mostrou bem eficiente, apresentando-o ao capitão de um navio expatriado e sua intrépida tripulação. Agora, ele e aquele grupo, e mais Karin, atravessavam o Mar da Noruega, enfrentando uma sinistra tempestade e as mais inóspitas condições de navegação. A intenção era alcançarem Nidaros e de lá, finalmente, marcharem para Svenhalla, o ninho onde repousava a cobiçada ave fugitiva chamada A.M. Scholz.

Svenhalla

Ainda era bem cedo em Svenhalla. O sol do inverno só apareceria bem mais tarde, mas todos já começavam a acordar para seus afazeres. Mal desperto, Mark aconchegou-se mais ao calor à sua frente. Notou uma pele sedosa, de odor agradável, e sentiu fios macios de cabelo de encontro ao seu rosto.

Clair?

Radegund acomodou-se entre braços fortes e uma parede sólida atrás de si, sentindo cócegas com os pelos que roçavam suas costas, mesmo através do fino tecido da camisa.

Luc...

Sorrindo, meio dormindo, meio acordada, ela se virou naquele abraço e acomodou a cabeça na curva de um pescoço forte. Aspirou seu cheiro e achou-o diferente do de seu marido. Cedro e sândalo. Foi erguendo o rosto devagar.

Mark sentiu-a se virar em seus braços e respirou fundo, o cheiro fresco de relva clareando sua mente. Não era o perfume de Clarisse. Abaixou o rosto.

Os dois pares de olhos se abriram ao mesmo tempo em espantado reconhecimento. Assustados, praticamente pularam para trás, cada um parando numa extremidade da grande cama.

— Oh, meu Deus! — Gemeu ela

— Céus! — Murmurou ele.

Os dois sem graça.

— Desculpa — ela sussurrou — eu sonhava...

Os olhos verdes foram velados por trás dos cílios.

— Aconteceu o mesmo comigo.

— Vamos nos levantar. — Ela sugeriu.

Isso seria embaraçoso...

— Tudo bem. Vá primeiro.

Ela piscou e o encarou. Mark corou. Ela compreendeu.

— Oh! — Ergueu uma sobrancelha. — Tudo bem.

Meia hora depois, vestindo uma túnica emprestada por Mark — onde cabia pelo menos mais meia Radegund — ela foi saltitando num pé só até a porta.

— Deixe de ser impaciente — ele se aproximou e a ergueu do chão — não vai poder atravessar o corredor quicando desse jeito!

— Ora! Quero apenas sair daqui e ir para o meu quarto cuidar deste pé, antes que Svenhalla inteira acorde e veja que passei a noite em seus aposentos!

— E o que tem isso? Cansamos de dormir no mesmo quarto, na mesma cama e sob o mesmo cobertor. E não aconteceu nada. — Ele abriu uma fresta da porta e espreitou o corredor. — Além disso, se tivesse acontecido algo, somos já bem grandinhos.

Ela esticou o pescoço, olhando por trás dos ombros dele, enquanto sussurrava...

— Sei. E se você não se incomoda nem um pouco, por que é que está andando nas pontas dos pés?

— Ora, garota, eu...

A frase foi interrompida pelo vozeirão nada discreto de Ragnar, que escolheu justo àquela hora para sair de seus aposentos, com uma toalha jogada sobre o tronco nu, na certa a caminho da sauna.

— Ora, vejam, — ele se aproximou e sorriu para os dois que, desconcertados, não sabiam o que fazer — relembrando os velhos tempos? — Ele deu um tapinha nas costas de Mark. — Fico muito feliz por vocês dois. E por vê-lo sóbrio — alfinetou.

— Sven, quer parar com isso! — Sussurrou Mark.

— E fale baixo, — implorou Radegund, vermelha — não é nada disso que você está pensando.

— Sim? — Ele fitou a ruiva com um ar de pura troça.

— Eu apenas me machuquei e Mark...

— Continue.

— Esqueça. — Mark falou e marchou até a porta dos aposentos dela. Sentenciou a Ragnar. — Veja se mantém essa língua comprida dentro da boca sim, Sven?

O norueguês riu.

— Claro. Sou um túmulo.

Um túmulo, pois sim! Mark e Radegund, sentados à mesa do desjejum, mais uma vez se entreolharam de forma disfarçada. Tudo começou quando chegaram ao salão e toda conversa cessou. Em seguida, todos tinham se sentado rapidamente, causando até um certo rebuliço, deixando apenas duas cadeiras livres, uma ao lado da outra. Depois, assim que eles dois se sentaram, um

burburinho se elevou ao redor deles, acompanhado de olhares matreiros e sorrisos condescendentes.

Maldito Ragnar! Ele parecia mais uma velha alcoviteira. Na certa tinha elaborado, naquela hora que separou o encontro deles no corredor da refeição, algum plano mirabolante para juntar ele à Radegund.

— Eu não sei se rio ou choro — ela resmungou ao seu lado.

— Não se amofine, garota — ele disse em voz baixa — daqui a pouco nos esquecem.

— Deus o ouça, — ela olhou de cara feia para Anne, que os fitava com uma expressão embevecida — se continuarem com esse clima meloso ao nosso redor, eu juro que vou vomitar.

Mark deu um tapinha em suas costas e acrescentou, cínico.

— A mesma Radegund de sempre. Uma flor de delicadeza... — ganhou um olhar gélido. Ficou calado por um tempo, saboreando seu desjejum e depois falou de novo, desta vez, mais sério. — Desculpe de novo. Por ontem.

— Esqueça — Ela retrucou sem erguer os olhos de sua refeição.

— É difícil. — Ele passou um dedo por seu rosto ferido, sem se incomodar com as risadinhas ao redor da mesa. Disse ainda num tom discreto, apenas para que ela o ouvisse. — Eu machuquei você.

Radegund suspirou, algo impaciente, e o fitou, séria.

— Já disse para esquecer, está certo?

Dito isso, deixou o pão que mordiscava sobre a mesa. Levantou-se ainda mancando e saiu pelas portas do salão sem mais nenhuma palavra.

Mark ficou olhando para as portas por onde ela saíra durante alguns momentos. Que diabo, que bicho mordera a criatura? Depois, tomou coragem para fazer o que tinha que ser feito. Olhou para as pessoas reunidas ao redor da mesa e ergueu a voz.

— Amigos, eu sei que me portei de forma péssima nos últimos tempos e que a morte de Clair não pode justificar tudo o que fiz... — Olhou para Ragnar, que ocupava a cadeira do centro da mesa. — Desprezei a hospitalidade que recebi, — fitou Leila, ao lado do marido e depois Anne, a sua frente — negligenciei minhas responsabilidades, — olhou para Trudy, ao lado de Aswad — agi como um canalha — seu olhar caiu sobre Gaetain — e magoei aqueles a quem mais amo. Peço que, se puderem, me perdoem. Porque eu mesmo terei dificuldade em fazê-lo.

Dito isso, pediu licença e saiu da mesa, deixando um profundo silêncio para trás. Ragnar, Aswad e Gilchrist, apoiados pelos olhares compreensivos de suas esposas, se levantaram e foram atrás dele.

Depois da discussão com Björn, Terrwyn não conseguiu mais dormir. Chorou por muito tempo atirada sobre a cama. Depois, assaltada por uma decisão súbita, lavou o rosto e se vestiu. Colocou um vestido de lã bem quente sobre as roupas de baixo e um manto forrado de pele. Calçou meias de lã e botas resistentes. Olhou em volta e resolveu sair antes que sua tutora resolvesse voltar de onde quer que estivesse passando a noite. Será que ela e Björn...?

Não, Terrwyn, claro que não! Radegund jamais daria confiança para o capitão. Mas então, por que ele lhe disse que preferia uma mulher como ela? Diabos. Ela não pensaria naquilo. Afinal de contas, Radegund vivia rechaçando os avanços dele. E sabia que ela, Terrwyn, era apaixonada por ele.

— Sou uma tonta, — resmungou enquanto saía levando o alforje — uma idiota! Ele deixou bem claro o que acha de mim!

Ah, como queria que Mark ainda fosse o mesmo! Que ainda fosse um irmão carinhoso e compreensivo. Precisava tanto de alguém que a ouvisse e entendesse! Estava tão cheia de dúvidas. E tão magoada! Porém, até mesmo Mark a deixara. Deus, ela queria mesmo era desaparecer da face da Terra! Sua cabeça estava confusa, dividida. Ao mesmo tempo em que se sentia como uma mulher, com o corpo desperto e sedento depois de ter sido tocada pelo capitão, ela também se sentia frágil e desprotegida como uma menininha. Inferno! Que complicação era sua vida!

Chegando à estrebaria, ela espiou e notou que o cavalariaço ainda não tinha se levantado. Melhor assim. Preparou Cerrydwen e colocou a sela sobre a manta que manteria a égua aquecida. Em seguida, montou-a e saiu a passo, devagar, para não chamar a atenção de ninguém. Se tivesse sorte e a neve não voltasse a cair, no meio da manhã chegaria ao vilarejo vizinho. Com as moedas que carregava poderia chegar até Nidaros. Lá procuraria a mãe de Ragnar e pediria ajuda para embarcar num navio. Voltaria à Delacroix, deixando o capitão e os problemas de Svenhalla para trás.

Estrada para Nidaros, Noruega

— Saori.

— Hum?

— Temos que partir.

Ela se espreguiçou junto ao corpo de Hrolf e abriu os olhos.

— É uma pena — apoiou o queixo nas mãos sobre o peito dele — eu poderia me acostumar com isso.

— Com um abrigo improvisado no meio da neve? — Zombou ele.

— Não — seus dedos tocaram a barba por fazer — com seu corpo junto ao meu. Com seu calor e com você dentro de mim.

Hrolf apoiou a cabeça nos braços e fitou-a, divertido.

— Mulher, estive dentro de você por quase toda a noite. Não está cansada? Temos que alcançar Svenhalla ainda hoje.

— Creio que meu corpo jamais se cansará do seu. — Ela confessou.

— Sendo assim — ele a colocou sob si num ágil rolamento e ergueu a barra da camisa — creio que podemos dispensar algum tempo para nos esquentarmos antes de enfrentarmos o frio lá fora.

Mal disse isso, ele pôs-se novamente a deliciar-se com o corpo de sua companheira. Penetrou-a de uma só vez, perdendo-se em sua maciez, inebriando-se com seu cheiro. Ah, quando chegassem a Svenhalla, ele a deitaria em sua cama, despiria todas aquelas roupas e provaria seu sabor com a boca, com as mãos e com seu próprio corpo. Por hora, poderia apenas contentar-se em satisfazer a ambos, perdendo-se dentro do corpo dela, sentindo-a moldar-se a ele com perfeição.

Imprimindo um ritmo mais rápido aos seus movimentos, ele logo a sentiu atingir o clímax e libertou-se para acompanhá-la naquela trilha ascendente do prazer.

Svenhalla, Noruega

Radegund deixou o salão e foi até o jardim, onde Lizzie estava brincando acompanhada de uma criada. Apesar de naquela época do ano o frio ter acabado com boa parte das plantas, ainda assim era um recanto agradável. Sua filhinha abriu os braços quando a viu e ela se abaixou, abraçando-a.

— Meu tesouro! — Afagou os cachinhos ruivos. — Dormiu bem, meu amor?

Comeu direitinho?

— Onde mamãe *tava*? — Lizzie indagou — *Lela* deu leite *pa* mim.

— Mamãe estava ajudando a tomar conta do castelo, meu bem, para aquele malvado do Jean não voltar a importuná-la. — Ela abraçou a garotinha com mais força. — Se o vir, meu amor, fuja, grite! Não deixe que chegue perto de você, que a toque!

— Jean é mau.

— Sim, meu bem, ele é muito mau. E pode feri-la ou levá-la para longe da mamãe. — Radegund se sentou e colocou a filha sobre os joelhos. — E a mamãe morreria se ficasse longe de você. — Suas mãos seguraram o rostinho de Lizzie e fitaram os olhos azuis tão iguais aos de Luc. — Você é o tesouro que seu pai me deu. — E que deu a vida para salvar, pensou. — Eu te amo, minha filha.

Elizabeth sorriu, abraçou a mãe e falou com toda a sinceridade de seu coraçãozinho.

— Lizzie ama mamãe.

Ragnar olhou para a cena a sua frente e seu coração se apertou. E se fosse ele naquele lugar, chorando sobre a terra fria onde repousariam sua mulher e seus filhos? Como estaria? Como reagiria?

Quando Mark deixou o salão e ele, o irlandês e o beduíno o seguiram, ele logo imaginou para onde o amigo poderia ter ido. E realmente teve razão. Ele estava lá. Curvado sobre a sepultura de Clarisse e de sua filha, Mark al-Bakkar era a imagem da dor e do sofrimento.

Pacientes e respeitosos, os três homens concederam a ele toda a privacidade necessária para que pudesse expiar sua dor e seu arrependimento. Quando se levantou e sacudiu a neve que grudava nos joelhos, eles ainda estavam lá.

Mark se voltou e não pareceu surpreso por encontrá-los ali. Apesar de tudo o que andara aprontando ultimamente, seus companheiros ainda eram leais. Eram seus amigos.

— Bakkar — Ragnar se aproximou dele — sinto muito. Por tudo.

— Obrigado, Sven — ele olhou para Gilchrist e Aswad — e a vocês também. — Fez uma pausa. — A você Aswad, e à sua esposa, eu devo um pedido de desculpas maior ainda. — Ele relatou o ocorrido diante dos olhos estupefatos dos três, apenas evitando tocar no episódio de sua briga com Radegund, já que aquela parte só dizia respeito a eles dois. Concluiu fitando o beduíno. — Se quiser me socar, fique à vontade.

Aswad não se fez de rogado. Deu-lhe um murro certo no queixo. Mark voltou-se para ele, esfregando o local.

— Obrigado. Já me sinto melhor.

— Eu também, — resmungou Aswad, ainda mal-humorado — agradeça a Alá por eu não cortar sua garganta!

— Radegund disse a mesma coisa... — ele ainda massageava o queixo — alguém mais quer me bater?

Ragnar sorriu e deu-lhe um tapa nas costas, quase o atirando no chão.

— Eu quero, mas vou deixar para depois — olhou para os outros — vamos enterrar o que passou e nos preocuparmos com nosso inimigo em comum.

— Jean, — falou Gilchrist, que até então ficara em silêncio — o maldito está quieto demais.

— Mais uma razão para nos mantermos unidos. E atentos.

Conversando em voz baixa, o grupo atravessou o pequeno bosque que separava o cemitério dos muros de Svenhalla e retornou ao interior castelo. Mark, no entanto, ainda queria se desculpar com duas pessoas muito importantes. Seu filho e sua irmã. Cruzou o vestíbulo fazendo uma prece para que ambos ao menos o ouvissem.

Aswad separou-se do grupo e entrou na primeira porta que encontrou. Ainda estava aborrecido com o que Mahkim havia feito e precisava respirar um pouco. De nada valeria criar confusão por algo que já havia passado e que, felizmente, não teve consequências maiores. Ficaria devendo aquilo à leoa.

O beduíno olhou a sua volta, só então percebendo que fora parar num dos jardins internos, agora praticamente sem vida. Exceto pelas duas pessoas que ali estavam. Ficou imóvel, não desejando perturbar aquela cena tão rara. A leoa, completamente relaxada, dando risadas junto com sua filha. Ele sorriu, observando-a. Era realmente uma mulher admirável. Uma verdadeira tempestade em forma de gente, era verdade. Mas de um caráter ímpar. Como que pressentindo sua presença, ela ergueu a cabeça e toda a alegria sumiu de seu rosto. Tensa, abraçou a filha e foi direta.

— O que quer, chacal?

Ele ergueu as duas mãos.

— Paz, leoa. Não quero brigar. Já chegam os problemas que todos nós temos.

Após ponderar em silêncio por alguns instantes, ela respondeu com um assentimento.

— É justo.

Aswad caminhou até um banco em frente a ela e se sentou. Passou a observar Lizzie, que continuava a brincar, ignorando a animosidade entre os dois adultos. Encarou-a ruiva e falou de repente.

— Devo-lhe uma.

Radegund ergueu uma das sobrancelhas e limpou a neve que grudava no nariz

de Lizzie. A menininha riu e continuou entretida em fazer bolotas.

— Deve-me? Por quê?

— Mahkim me falou sobre o incidente com minha mulher. E sobre como você o contornou. Eu lhe agradeço. Poupou-me do dissabor de matar um amigo.

— Fiz por Trudy, não por você.

Ele balançou a cabeça, desgostoso e fitou a filha dela. A menina era muito parecida com a mãe. Os mesmos cabelos, o mesmo formato de rosto, mãos de dedos longos, ainda que pequeninos, bem semelhantes às dela. Seu temperamento, contudo, pelo que ele observava e pelo que Trudy já havia comentado, assemelhava-se mais ao do pai. Ele gostaria de ter conhecido o conde de Delacroix. Segundo sua esposa, ele foi um homem ímpar, de coração generoso e caráter nobre. E muito sensato. A pequena Elizabeth parecia ter se saído a ele. Sorte do mundo, pois duas Radegunds seriam demais na face da Terra! Olhou-a novamente. E comentou.

— Os anos passaram e você não mudou. Continua a mesma

— Engano seu, chacal. Muitas coisas aconteceram e eu mudei muito. Casei-me, fiquei viúva, sou mãe e tenho muitas responsabilidades para com minha gente em D’Azûr. Não sou mais um soldado mercenário vagando pela Terra Santa, vendendo minha espada a quem melhor pagar.

— Sim, muita coisa *aconteceu*, — ele sorriu — mas sua essência ainda é tão indomada quanto era quando me enfrentou em minha tenda.

— Ia me violentar.

— Ia seduzi-la.

— Por que não o fez?

— Porque não faz o meu tipo.

— Qualquer coisa que use saias faz seu tipo, chacal.

— Então... — ele sacudiu os ombros — você usa calças.

Radegund deu um sorriso enviesado e retrucou.

— Não foi adiante porque achou que eu pertencia a Mark.

— Eu não acreditei naquilo, mulher. — Ele brincou com os cachos de Lizzie, que se sentou aos seus pés. — Mahkim nunca foi homem de pertencer a uma mulher, nem de ter uma só.

Ela se empertigou.

— Ele sempre foi fiel a minha prima!

— Pois ele a amava. Naquela época, — ele se levantou e caminhou pelo jardim estéril — tanto você quanto ele não tinham nada a perder. Apegaram-se um ao outro por necessidade, mas não se pertenciam.

— E por que nos deixou ir?

— Porque Mahkim era meu companheiro. Vivemos muita coisa juntos em

Damasco. Eu o respeitava e, apesar do que aconteceu, ainda o respeito. Mahkim mudou muito. Tornou-se um homem de família, mais sereno. Já você...

— O que tem eu, chacal? É a segunda vez que diz isso.

Ele voltou a se sentar.

— Você continua com o mesmo fogo selvagem ardendo em seus olhos, Radegund — pela primeira vez, Aswad a chamava pelo nome — continua sempre à beira do precipício, a um passo da destruição. — Encarando-a intensamente, ele falou. — Vou lhe contar a outra parte da história de Sekhmet, a deusa-leoa. Diz a lenda que, num Concílio dos Deuses, Rá foi ofendido por seus súditos. Indignado, ele resolveu punir os blasfemadores e enviou Sekhmet em seu encalço. A deusa, ávida por sangue, promoveu uma barbárie tão grande que pôs em risco toda a humanidade. Rá então enviou seus mensageiros e elaborou um ardil que acabou por dopar e adormecer Sekhmet. Quando acordou, a deusa-leoa transformou-se de bebedora de sangue, em Bastet, a deusa-gata, bebedora de leite. A face destruidora de Sekhmet, no entanto, ainda faz parte da essência dela.

Intrigada, ela indagou.

— E por que me contou essa história, chacal?

Aswad se levantou e acenou para Lizzie, que o encarava com curiosidade.

— Para que compreenda exatamente a razão daquela coisa a querer. Não acorde a bebedora de sangue. Não alimente esse seu lado obscuro, mulher. Ele será o caminho para sua perdição.

Depois de um longo silêncio, ele fez uma breve reverência e deixou Radegund imersa num turbilhão de pensamentos.

Anne estava alheia enquanto suas mãos trabalhavam mecanicamente na massa que preparava. Pediu a Leila que a deixasse ir até a cozinha para se distrair daquela atmosfera sombria. A sarracena concordou. Afinal, agora havia bem pouca gente em Svenhalla e toda ajuda seria bem-vinda.

O ambiente estava bem quente. Na grande lareira acesa cozinham assados, ensopados e um caldeirão permanecia sempre cheio de água aquecida. Em face disso, Anne arregaçou as mangas do vestido caseiro e abriu a parte de cima do decote, expondo a curva dos seios. Suas mãos estavam enfiadas até os punhos na farinha, que ela amassava junto com a manteiga e o mel, preparando um doce típico de sua terra.

Abrindo um dos potes sobre a mesa, ela despejou as uvas-passas que Leila retirou de sua rica despensa, assim como uma preciosa medida de canela. Ao abrir o pacote, o perfume picante da especiaria se espalhou pelo ar.

— Humm — ela fechou os olhos e aspirou aquele perfume — que delícia!

— Realmente, — falou uma voz macia à sua frente — deliciosa.

Arregalando os olhos castanhos, ela levou as mãos automaticamente ao decote entreaberto. Arrependeu-se no mesmo instante.

— Oh! — Olhou para baixo. Tinha canela e farinha polvilhadas em seu colo. Ergueu os olhos e ralhou. — Oh, céus! Assustou-me, senhor Einar!

Quando chegou ali para chamá-la, Einar jamais imaginou que fosse encontrá-la daquele jeito, com os seios voluptuosos evidenciados pelo decote entreaberto, salpicada de farinha e corada pelo calor da cozinha. Ela estava... *apetitosa*! Céus! Como poderia permanecer incólume, olhando para suas costas desnudas e aquele maldito desenho a tarde inteira?

Decidido, resolveu tentar a sorte. Se houvesse a mínima chance de Anne prestar atenção nele como um homem e não como um instrumento para o cumprimento de sua missão, ele arriscaria.

Estava enamorado dela. Todos os dias seu coração batia mais rápido quando se reuniam no gabinete para tentar decifrar aquele enigma. Desde o dia em que ele a flagrara nua em seus aposentos, a agente Scholz não lhe saía da cabeça. Sonhava com ela em seus braços, imaginava como seria seu beijo. Porém, como ela não lhe dava abertura alguma, ficava receoso de se aproximar e parecer à moça que estava tentando se aproveitar dela de alguma forma.

Caminhando na direção dela, com os olhos verdes fixos no lugar onde a especiaria formava uma mancha amarronzada, Einar retrucou.

— Não foi minha intenção, bela Safo — olhou-a nos olhos, fazendo com que os joelhos de Anne tremessem — o que está fazendo?

— Um doce.

— Adoro doces — ele chegou mais perto e inclinou-se sobre seu rosto, fechando os olhos ao aspirar o odor da canela — principalmente os que levam canela. — Abriu os olhos de novo e falou junto ao seu ouvido. — Sabia que a canela é considerada afrodisíaca?

Anne engoliu em seco e balançou a cabeça, numa negativa.

Einar, por sua vez, lutava para se manter longe daquele decote. Sua vontade era provar a pele delicada com sabor de canela e mel. Ao invés disso, recuou um pouco e pegou uma uva-passa. Estudou-a com atenção e levou-a aos lábios de Anne.

— E que doce é esse? Uma das receitas de minha cunhada?

— Não — ela respondeu num fio de voz enquanto a pequena fruta seca era passada em seu lábio inferior. Forçou-se a responder — chama-se *Strudel*. É comum em minha terra.

Ele lhe ofereceu a passa e ela prendeu a fruta entre os dentes e suspirou. Seu busto subiu e desceu no decote e Einar a prendeu de encontro à mesa.

— Vai me deixar prová-lo?

Anne tinha a impressão de que ele não falava só do doce.

— Sim.

— E você?

— O que tem eu? — Ela indagou, a voz saindo trêmula de sua garganta apertada.

— Deixará que eu a prove também?

Antes que ela pudesse responder, ele baixou o rosto e tomou sua boca de surpresa, sentindo ainda o sabor da uva passa e o cheiro de canela. Inebriado, envolveu-a com os braços e sorveu sua boca como a um néctar precioso.

Anne, ainda surpresa, precisou se apoiar nele para se manter de pé. Colada ao corpo de Einar, ela sentia ainda mais calor, como se um verdadeiro incêndio tivesse tomado a cozinha.

Einar saboreou aquele beijo lentamente. Suas mãos passeavam sobre o corpo cheio de curvas, tocando-a e desejando que estivessem em qualquer outro lugar, menos na cozinha.

Diabos! Eles *estavam* na cozinha! Afastando-se dela, ele falou, ainda desorientado.

— Seu sabor é muito melhor do que o de qualquer doce que eu tenha provado, bela Safo — ele limpou uma mancha de canela de seu rosto e concluiu — por isso eu a deixarei agora, pois se ficar aqui, temo queimar sua massa com todo meu ardor.

Assentindo, apoiada na mesa, Anne acompanhou-o com os olhos enquanto saía da cozinha. À sua mente, um pequeno verso de Safo aflorou.

“O Amor agita meu espírito, como se fosse um vendaval, a desabar sobre os carvalhos.”

Esquecida da massa, mais uma vez ela suspirou.

Björn desceu o martelo sobre o prego, mas acertou o próprio dedo.

— Merda!

Atirou a ferramenta longe e desistiu dos reparos do Freyja. Era a terceira vez que martelava o dedo, tão perturbado que estava.

Desde a madrugada, quando teve a irmã de Bakkar nos braços, confundindo-a com uma de suas amantes, ele estava inquieto e confuso. Chegou a imaginar como seria se tivessem ido até o fim. Se tivesse possuído Terrwyn. Sentia-se ferver a este pensamento para, em seguida, imaginar se não estava se transformando num velho lascivo que gostava de menininhas.

Se bem que, apesar da pouca idade, Terrwyn tinha um corpo macio e bem feito. Mas, em relação a ele, *era* uma menina! E ele tinha ficado com tanta raiva,

tão frustrado, que fora absolutamente estúpido com ela. Diabos, a moça não merecia aquilo. Apesar do gênio terrível, Terrwyn era uma boa moça e estava passando por maus bocados com a bebedeira contumaz do irmão. Bem, logo que chegasse em casa, ele a procuraria para se desculpar pela grosseria. Talvez ela não ficasse com tanta raiva dele assim.

Mas que inferno! Por que estava se preocupando tanto? Nunca se sentiu assim com relação à mulher nenhuma. Para ele, elas sempre haviam sido somente uma fonte de diversão. E, no entanto, aquela pequena megera estava conseguindo atingir uma parte sua muito bem guardada; seu coração.

Ele sempre havia se protegido de qualquer sentimento que pudesse ser despertado por uma mulher e que fosse além do desejo físico. Desde que Ragnar fora vítima de Karin, e que ele tinha presenciado tanto a traição quanto o estado em que seu irmão ficara, ele decidiu que jamais se prenderia a mulher alguma. Sua vida como homem do mar o ajudava a manter esta decisão. Não tinha pouso, voltava a Svenhalla apenas algumas vezes por ano e tinha sempre uma amante à disposição em cada cidade onde aportava. Porém, já fazia algum tempo que aquilo não lhe bastava. Apanhou-se várias vezes invejando Ragnar e sua vida familiar, casado com Leila, aproveitando a infância de seus filhos. Chegou a se sentir sozinho nessas ocasiões em que todos se reuniam. Ao mesmo tempo, estando já com trinta e cinco anos, ele se achava velho demais para mudar de vida e investir num casamento.

Descendo pela prancha, o capitão acenou para seus camaradas, dispensando-os. Olhou para o céu encoberto e seus olhos treinados de marujo identificaram outra nevasca se aproximando.

— Recolham tudo, homens — ele gritou para a tripulação — e voltem para suas casas. Vem neve o suficiente por aí para atolar a todos nós!

Acenando em despedida, Björn saltou sobre sua montaria e tomou o caminho de volta para o castelo.

— E então, cunhado, — indagou Leila sem levantar os olhos dos livros contábeis — onde está Anne?

Einar passou pelas portas do gabinete ainda um pouco aéreo.

— Anne? O que tem ela?

Leila largou a pena e ergueu o rosto, encarando o mais jovem dos irmãos de seu marido.

— Einar! Você não foi buscar Anne para voltarmos ao trabalho?

— Ah... ela... ela está quente... não! Digo, a cozinha está quente.

Sua cunhada franziu o cenho.

— E daí, Einar?

— Anne está lá.

— Na cozinha?

— Sim.

— E por que ela não veio com você?

— Ela está doce... digo, está fazendo um doce. Na cozinha.

A sarracena pensou por um momento e arregalou os olhos.

— Ah, não! Não, Einar! Anne não! — Ela se levantou, colocando-se ao lado dele. — Não me diga que está gostando dela!

Ele suspirou, desolado.

— Estou.

— Ah, Einar — ela sentou ao seu lado e tomou as mãos grandes nas suas — Anne é uma fugitiva, sabe disso. Não há futuro para vocês dois. Ela pertence à Sociedade!

O rapaz se revoltou.

— Ela não pertence a ninguém! Ela não é um objeto, é uma *pessoa*!

Leila se ergueu, ativa, assumindo seu papel de Cabeça da Sociedade da Hidra.

— Ouça bem, cunhado. Anne é o tesouro mais bem guardado de nossa Sociedade. A vida de centenas, talvez milhares de pessoas, depende das informações que ela carrega consigo. Se em algum momento você constituir uma ameaça para ela, ou para a Sociedade, darei um jeito para tirá-lo de nosso caminho.

Pasma, ele não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Leila! Está me ameaçando?

— Estou.

Chocado, ele balançou a cabeça. Leila sustentou seu olhar, apesar de odiar-se pelo que fazia. Sua responsabilidade, no entanto, era para com a Sociedade e também para com a segurança de toda sua família. Incluindo a do próprio Einar.

Vendo que sua cunhada não recuaria, Einar deu-lhe as costas e saiu batendo a porta do gabinete. Leila então desabou sobre sua cadeira, chorando amargamente por sua posição tão isolada e solitária.

Radegund deixou Lizzie com Ulla e Gilchrist e foi procurar por Terrwyn. Desde cedo não via a jovem e estava se perguntando o que ela poderia estar aprontando. Encontrou com o filho de Clarisse no corredor e perguntou pela moça.

— Eu só estive com ela ontem — mentiu Gaetain, não querendo revelar sobre as passagens que explorou com a moça na madrugada. Terrwyn lhe arrancaria as orelhas se contasse algo.

— Que estranho. — Radegund olhou para o longo corredor, como se

esperasse que a jovem aparecesse a qualquer instante — ela sabe que treinamos sempre antes do almoço e não apareceu hoje. Se a vir, Gaetain, mande-a procurar por mim.

— Pode deixar, Raden.

Terrwyn apertou o manto contra o corpo e baixou a cabeça, tentando se proteger do vento cortante. Começou a pensar se não cometera outra tolice ao sair de Svenhalla daquela forma.

Cerrydwen escorregou e ela lutou para manter o controle da égua. O solo estava perigoso, coberto de gelo por causa da neve que derretia. Além disso, ela não estava conseguindo se orientar. Diabos, onde estava a estrada para o vilarejo? A montaria pisou em falso e dessa vez Terrwyn não conseguiu controlá-la ou evitar a queda. Rolou no chão e bateu com a cabeça numa pedra oculta sob a neve. Lutou contra a inconsciência, mas foi em vão.

Desacordada, ela não teve como segurar em suas mãos as rédeas de Cerrydwen, que saiu em disparada.

— O quê?

— Cerrydwen voltou sozinha, selada, pelos portões de Svenhalla. — Disse Gilchrist calmamente. — Onde está sua irmã, Bakkar?

— Eu procurei por ela a manhã inteira! — Disse Mark, já temendo pela segurança da moça. Onde aquela maluca teria se metido? O pior era que ele ainda não tinha conversado com ela, não tinha se desculpado. — Ela não está com Raden, treinando?

— Quem está comigo? — Indagou a ruiva, entrando no salão junto com Trudy.

— Terrwyn, — ele se dirigiu às duas — ela esteve com alguma de vocês hoje?

— Comigo não — respondeu Trudy — não a vejo desde o jantar de ontem.

— Nem eu, — completou a ruiva — não a vi a manhã toda. Por quê?

Gilchrist informou-a sobre a montaria perdida.

— Essa não!

Björn, que acabava de entrar, foi atraído pela confusão. Assim que foi colocado a par do ocorrido, sua consciência pesou. Contudo, evitou falar qualquer coisa na frente de todos para não comprometer a jovem.

Discreto, chamou Radegund num canto com um sinal e, enquanto Mark e os outros punham-se a vasculhar o castelo e os arredores, ele contou à ruiva sobre o incidente na madrugada. A primeira reação dela foi uma torrente de pragas e palavrões em várias línguas que fizeram até ele, um lobo do mar, corar como uma donzela. Em seguida, ela o ameaçou.

— Juro por Deus, capitão Svenson, que se algo acontecer a Terrwyn, eu o matarei lenta e dolorosamente, começando por arrancar aquela parte de sua anatomia que você tanto preza!

Dando-lhe as costas, saiu no encalço de Mark.

A neve prevista por Björn começava a cair. Um de seus flocos rodopiou no ar e atingiu o nariz de Terrwyn, despertando-a. A moça rolou de lado, sentindo a cabeça doer. Encontrou dois focinhos brancos e gelados bem perto de seus olhos. Assustada, sentou-se, recuando. Deus! Eram lobos!

Com o coração quase saltando pela boca, ela tentou se levantar, mantendo os olhos fixos nos dois animais. Até que notou que não eram lobos e sim, dois grandes cães, talvez mestiços de lobos. Sim, eram os cães de Ulla!

— Olá para vocês — gemeu ela — também se perderam?

Os animais abanaram as caudas peludas. Um deles deu um latido abafado.

— Auff!

— Sabem chegar em casa? — Ela falou, levantando-se e esfregando os braços para se aquecer. Os cães pularam ao redor dela e deram alguns passos na direção da floresta. Em seguida, pararam e olharam para trás. Balançaram as caudas e latiram. — Querem que eu siga vocês? — Deu de ombros. — Bem, já que não sei para que lado ir, que mal fará? Ao menos não estarei sozinha.

Resignada, ela começou a caminhar atrás dos dois *buhunds* sob a neve cada vez mais intensa.

Hrolf e Saori entraram no pátio do castelo no início da tarde, deparando-se com uma confusão estabelecida. Radegund, Björn e Mark estavam sobre suas montarias, prontos para saírem no encalço de Terrwyn. Os outros homens ficariam cuidando da segurança. O rastreador não se fez de rogado.

— Irei com vocês.

— Obrigado, Hrolf — falou Björn — como Ulla tem que ficar aqui por causa daquela Coisa, iremos mesmo precisar de suas habilidades.

— Vou junto, — ofereceu-se Saori — quanto mais gente, mais chances de achar a moça.

A neve se tornou espessa e o céu escureceu, lançando a floresta desnuda numa penumbra gelada. Björn tomou a direção do chalé de Ulla, seguindo a estrada que levava também ao vilarejo, enquanto os outros se organizavam para vasculhar a floresta. Decidiram deixar as montarias abrigadas na casa de Hrolf e se dividiram, cobrindo uma área mais ampla. Radegund seguiu com Saori até um dos lados do lago. Hrolf e Mark foram pelo outro.

Preocupado, Mark pegou o braço da ruiva, antes de se separarem, e avisou.

— Tenha cuidado, lembre-se de que aquela Coisa está à solta.

— Não precisa se preocupar.

— Preciso sim, — fez uma pausa e olhou bem dentro de seus olhos, o coração apertado — não vou perder mais ninguém.

No entanto, Radegund o encarou de um jeito estranho, quase mórbido, dizendo:

— Ninguém vive para sempre, Mark.

Antes que ele pudesse responder, ela sumiu no meio da nevasca, indo atrás de Saori.

Ulla, sentada ao lado de Lizzie, olhou para o marido. Um frio súbito cortou sua alma, fazendo-a estremecer.

— Está bem, senhorita? — Trudy se aproximou, solícita, ao notá-la pálida.

— Oh! Sim eu... acho que sim.

Gilchrist, no entanto, que já a conhecia, perguntou.

— O que pressentiu?

Ela respirou fundo e fitou Lizzie, que brincava com suas bonecas. Encarou os olhos diferentes do irlandês.

— O Mal, Dragão.

Tendo se afastado um pouco de Saori, Radegund procurava por sua pupila. A nevasca estava cada vez mais intensa e o frio parecia cortar os ossos. Entrou por trás das árvores e olhou para o lado. A trilha que seguiam havia se bifurcado. Viu de relance a sombra da estrangeira por entre a vegetação e seguiu adiante.

— Terrwyn!

Ah, quando pusesse as mãos naquela maluca! Iria arrancar suas orelhas! Onde já se viu, fugir como uma louca no meio daquela neve toda por causa de uma discussão com o imbecil do Björn? Apertando o manto em volta do corpo, Radegund gritou mais uma vez.

— Terrwyn! Responda! Onde está? Terrwyn!

Se algo acontecesse a ela, não queria nem imaginar o estado em que Mark ficaria.

Oh, meu Deus, ele não pode perder mais ninguém, por favor! Onde ela está?

Enfrentando a neve cada vez mais espessa, e ignorando o tornozelo ainda dolorido, foi avançando lentamente, a mão apertada sobre o punho da adaga. Um movimento adiante, entre os troncos das árvores, chamou sua atenção.

— Terrwyn? É você?

— Não, Radegund — a voz ainda infantil a fez estremecer — sou eu.

Um sussurro, quase um gemido, escapou de seus lábios queimados pelo frio.

— Jean... — a mão buscou automaticamente o amuleto no pescoço. Céus! Não estava lá. Onde...

Merda! Provavelmente caíra durante a briga com Mark e ela nem percebeu.

— Procurando alguma coisa, minha cara? — Ele zombou. Dando um passo à frente. — Parece que perdeu sua preciosa joia.

— O que quer?

— Ora, ainda pergunta? — Ele avançava na direção dela, que começou a recuar, mantendo-se na defensiva. — Eu quero sua filha. Mas por hora, não posso tê-la. O irlandês e aquela bruxa se encarregaram de colocá-la fora de meu alcance. Porém, posso me divertir com você enquanto isso.

Radegund nem quis imaginar qual seria o conceito de diversão daquela Coisa.

CAPÍTULO 22

“O BRILHO DO MAL CEGOU OS OLHOS DA MULHER.
CURIOSA LOUCURA ME TOMOU FUNDO O PESCOÇO
COMO SE ATRAVESSADO PELO RIVAL QUE TAMBÉM A QUER.”
A Canção de Bêlit, Robert E. Howard.

— Não terá minha filha! Não colocará suas garras imundas sobre ela!

— E quem vai me impedir? Você? — Jean debochou, andando calmamente na direção dela. — Não resista, Radegund. Entregue-me a menina, — sua voz se tornou macia, quase sedutora — entregue-se a mim.

— Não! Por que não nos deixa em paz? O que quer de nós? O que quer de mim?

— Não sabe, — Jean debochou — sequer imagina a razão de serem, você e sua filha, tão interessantes para mim? Não sabe por que somos tão... *próximos*?

Ela recuou e sacudiu a cabeça.

— Vá embora, demônio desgraçado! Não tenho nada a ver com sua sordidez, com sua maldade!

— Ora, Radegund, justo você me chama de “*demônio*”? Não se subestime! De onde supõe que vem toda essa fúria, todo esse instinto de sobrevivência? Como imagina que sobreviveu sozinha como um animal selvagem, no meio da floresta, quando era apenas uma criança? De onde crê que vem essa sede de sangue, esse ódio que está em cada ínfima porção de seu ser? Certamente não é daquele infeliz que a gerou quando estuprou sua mãe...

— Não! — Sua negativa foi um débil gemido.

— Você pode negar quantas vezes quiser. Mas quando se olha no espelho, bem lá no fundo, sabe o que vê. Você *me* vê. Todos os que matou a sangue frio. Todos de quem se vingou. Todo sangue que derramou em *minha* honra e glória.

— Cale-se, — trincou os dentes — cale-se! Não sou assim, não sou *isso*...

Jean deu de ombros e sorriu.

— Não exatamente, concordo. Mas *está* em você. E eu a quero por isso. Seja minha consorte, mulher. Deite-se comigo — ela se sentiu enojada, nauseada. Que espécie de perversão era aquela que a criatura do mal insinuava? Jean sorriu. — Ah, quanta tolice, quantas convenções mundanas! Não quer se deitar com este corpo? — Ele foi maldoso — eu entendo. Uma mulher com o seu vigor precisa de um parceiro à altura. O que acha do corpo do Dragão? Ele a agrada, não? Sei que sim, pois já se deitou com ele... eu reclamarei seu corpo quando o derrotar e me deitarei com você. Teremos uma prole de demônios e sua filha será a líder deles, minha mensageira. Venha a mim, Radegund.

Incrédula, ela sacudiu a cabeça, negando.

— Não!

— Bem, talvez você não queira o Dragão... — ele fingiu pensar — vejamos... ah, sim! O fantasma, — ele sorriu, sinistro — você quer o fantasma.

Jean falava e avançava, enquanto ela recuava de costas, com a adaga em punho. Estavam na orla da floresta, bem perto da margem do lago. A neve e o frio eram cada vez mais intensos, tornando a visão difícil. Porém, diante dos olhos aturdidos de Radegund, aquela coisa, aquele ser demoníaco, transformou-se, num piscar de olhos, na imagem daquele a quem ela mais amou em toda sua vida.

— Luc!

Radegund olhou para o marido à sua frente. Deus! Era ele! Estava ali, diante dela, com seu sorriso sereno, seu olhar doce e terno, estendendo-lhe a mão. Seu bravo e corajoso Luc. O coração disparou em seu peito. Como podia ser?

— Radegund, meu amor...

A voz escapou de seus lábios, agora num sussurro. Parecia suspensa numa espécie de limbo, além da realidade.

— Luc...

Não!

Luc sorriu e ordenou.

— Venha, Radegund. Dê-me sua mão. Sou eu, seu marido.

Ela deu um passo hesitante para frente, baixando a arma. O Limbo se agitou.

Radegund, por Deus! Não o atenda! Ouça-me, meu amor!

— Isso, meu bem. — Luc ampliou o sorriso, satisfeito. Sua voz era hipnótica. — Venha, aproxime-se para que eu possa tocá-la. Sinto muito a sua falta.

Oh, Deus! Tudo o que ela queria era estar com ele de novo, estar em seus braços, acalentada, protegida. Estava tão cansada de lutar, de ser forte! Queria tanto seu marido ao seu lado para apoiá-la. Queria um pai para sua filha. Queria Luc de volta.

Meu amor, resista!

Ela estremeceu e apertou os punhos ao lado do corpo, lutando contra a vontade de se atirar nos braços dele. Havia algo errado, aquilo não era possível. Luc estava estranho. Notava algo esquisito no sorriso e nos olhos de seu amado. Algo... podre?

Tudo isto será teu, se me adorares...

Com um rugido selvagem, renegou-o.

— Demônio maldito! Como ousa conspurcar a memória de meu amor?

A imagem de Luc desvaneceu-se no ar e em seu lugar só havia a sordidez e a baixeza do olhar de Jean, ou da Coisa que habitava o corpo daquele menino.

— Vai se arrepender por recusar minha aliança, mulher!

Fuja, Radegund! Fuja!

— Oh! — Ele debochou. — Ouço o fantasma... — olhou para ela — ele está aqui, sabia? Grita e você não escuta. Ele a toca e você não sente. — Ergueu o rosto e gritou para o ar, com uma gargalhada sinistra. — Desespere-se! Grite! Ela não o escutará! E se não posso tê-la, fantasma, vou mandá-la para o inferno!

Não! Deixe-a em paz, demônio!

Jean, no entanto, não lhe deu trégua alguma. Começou a torturá-la, a tentar destruir seu espírito.

— Ah, se soubesse o quanto foi prazeroso acabar com seu marido! Como foi bom ver o medo estampado naquele rosto! Ouça. — Ele ergueu uma mão e Radegund começou a ouvir, bem perto dali uma série de uivos e ganidos. — Eles vêm. — Voltou ao assunto. — Sabe, foi fácil matar seu homem — ela soluçou e ele sorriu. Um sorriso cheio de perfídia e perversão, estampado num rosto que deveria ser inocente. — A princípio, Patrus queria os dois. O pai e a filha. Mas eu achei mais divertido forçá-la a uma escolha. O seu homem? Ou a sua cria? Confesso que o idiota me surpreendeu. Aquele ato heroico... deixar-se morrer para salvar a filha foi tão... — debochou — comovente. Na verdade, eu achei mesmo foi cansativo. Que discurso enfadonho foi aquele? Pensei que ele não fosse cair nunca!

As lágrimas de ódio e dor escorriam pelo rosto enregelado de Radegund ao saber, finalmente, a verdade. Jean assassinara Luc. Seus dedos apertaram o cabo da adaga com força.

— Maldito bastardo!

Ele ensaiou uma reverência.

— Obrigado. Vindas de seus lábios, essas palavras são um doce elogio.

Mal ele acabou de falar, surgiram por detrás de seu corpo franzino quatro lobos cinzentos.

— Ainda tem uma chance, mulher — ele estendeu a mão e tocou seu rosto, causando-lhe asco — venha comigo.

Num gesto impulsivo, ela afastou a mão com um safanão.

— Nunca!

— Então, adeus Radegund, — ele recuou, dando passagem aos animais — darei lembranças suas à sua filha.

Os lobos avançaram. Arreganharam os dentes para ela. Seus olhos amarelados pareciam ter adquirido um brilho sobrenatural e malévolo.

Recuou devagar, andando de costas. Chegou a usar a adaga para se defender dos lobos, apertando o punho entre os dedos enregelados sob o couro das luvas. Um deles foi ferido, mas voltou a avançar. Radegund deu outro passo para trás, tentando ganhar espaço. Um passo. Apenas isso. E tudo mudou de repente.

Primeiro, escorregou. Tentou se equilibrar e por uma fração de segundo

conseguiu. Então, um estalido e um ranger que mais lhe pareceu um torturado gemido, fez com que o solo sumisse sob seus pés e a água congelante do lago a envolvesse com suas garras mortais. O frio penetrou sua alma. Foi como ser atingida por um aríete bem no meio do peito. Seu corpo todo se contraiu, dificultando a respiração. Abriu a boca e tentou puxar um pouco mais de ar. Os dedos, enrijecidos pelo frio, se agarraram na superfície lisa da margem. Porém, o couro molhado das luvas fez com que escorregassem. Fincou a adaga no gelo e segurou-se nela com uma das mãos, enquanto o frio intenso a dominava.

Jean, com um olhar repleto de maldade, deu-lhe as costas e sumiu dentro da floresta.

— Deus! — Sua voz saiu trêmula e baixa, a garganta contraída impedindo o ar de passar. Gritou pela estrangeira. — Saori!

Continuou gritando e tentando se agarrar ao gelo que cedia, e à adaga escorregava sob suas mãos. Na margem, os lobos arreganhavam os dentes e rosnavam, cercando-a, impedindo-a de subir por aquele lado. E sequer tinha condições de nadar até a outra margem; estava simplesmente congelando. Deus, alguém tinha que aparecer e tirar aquelas feras dali! Se ficasse mais alguns minutos na água estaria morta.

Terrwyn continuava a seguir os dois cães em meio ao frio e à neve. Enregelada, esperava que os animais a levassem a algum lugar abrigado. Tentou enxergar algo adiante em meio à brancura cegante da neve que envolvia tudo ao redor. Os cães, de tempos em tempos, voltavam-se para ela. Quando começava a fraquejar, latiam e pulavam a sua volta.

— Que bichos mais estranhos! — Falou em voz alta, mais para ouvir algum som, além dos latidos e do assvio do vento.

Um dos animais passou a andar ao seu lado, cutucando suas pernas com o focinho gelado. Parecia até que o cachorro lhe sorria.

— Está maluca, Terrwyn. Só pode ser isso. O frio está te deixando maluca!

Então, em meio à brancura da neve, uma sombra cinzenta pareceu emergir mais adiante. Ela apertou o passo e notou que os cães também ficavam mais excitados, saltitando ao seu redor. Aproximou-se e a sombra adquiriu os contornos de uma pequena cabana de pedras. Sem hesitar, ela correu até alcançar a porta baixa de madeira.

Bateu, mas ninguém atendeu. Os cães saltaram e latiram ao seu redor.

— Eu sei, — disse a eles, sentindo-se uma completa idiota por falar com cachorros — já bati, mas não tem ninguém!

Eles latiram de novo e a empurraram na direção da porta. Decidida, ela forçou a madeira até que ela cedeu, revelando o interior abandonado do casebre. A

jovem olhou para trás e chamou os cães.

— Venham! Entrem! Está frio.

Os dois, no entanto, apenas latiram e abanaram as caudas, saindo correndo e sumindo na floresta. Espantada, Terrwyn não teve outra escolha senão fechar a porta e olhar a sua volta, vendo-se no meio da cabana deserta. No meio do nada.

À beira do lago, o tempo era implacável com Radegund. Suas chances iam se esgotando lenta e inexoravelmente. Os lobos não davam sinal de desistir dela. Sentia sua garganta totalmente contraída e o corpo transformado num bloco de gelo.

— Saori! Hrolf! — Sua voz saía agora num sussurro rouco entre os dentes que batiam uns nos outros. Desesperada, forçou a mente já embotada a se concentrar na imagem da única pessoa que, mesmo que estivesse do outro lado do mundo, poderia sentir sua agonia. Apesar das mágoas, sussurrou seu nome — Mark...

Sua cabeça pendeu sobre a banquisa de gelo. A visão escureceu. Solto a adaga. As mãos foram escorregando devagar, o peso das roupas e do equipamento puxando-a lentamente para o fundo. Os dedos ainda se crispavam, tentando se agarrar ao gelo.

O lago, no entanto, a reclamou para si, atraindo-a para seu abraço gélido e mortal. O frio e a escuridão foram se apoderando de sua alma. Seu corpo, totalmente amortecido pela água numa temperatura extremamente baixa, não reagia. Devia ser assim o tal inferno gelado dos *vikings*. Entregou-se ao frio e à morte.

No meio da floresta e da busca por sua irmã desaparecida, Mark sentiu um frio súbito que nada tinha a ver com a neve ao seu redor. Olhou em volta e seu peito se apertou de preocupação. Sem passar por um nível consciente de sua mente, o nome pairou em seus lábios, condensando o ar frio diante de sua boca.

— Raden... — seus pés começaram a andar rápido, depois a correr e finalmente a saltar por sobre os bancos de neve. O sussurro transformou-se num rugido feroz. — Raden! — Seu coração estava disparado. A neve queimava a pele. Os galhos desnudos batiam no rosto. De sua boca só escapava um grito repetitivo; rítmico como uma ladainha. — Radegund!

Hrolf saiu detrás de uma árvore e o acompanhou na corrida.

— O que houve, homem?

— Raden — ele estacou e olhou ao redor — onde está ela, Hrolf? Onde está Radegund?

— Foi com Saori, na direção do lago.

Deus! O lago.

— Depressa! — Ele recomeçou a corrida. — Ela precisa de ajuda.

Mais do que acostumado com as esquisitices da vida, o rastreador o seguiu. Juntando-se aos sons de suas botas na neve, eles começaram a ouvir rosnados, uivos e ganidos sinistros.

Björn estava parado à frente do chalé de Ulla, amaldiçoando o momento em que brigou com Terrwyn. Agora o remorso e o medo o consumiam. E se acontecesse algo com ela? E se a espevitada jovem houvesse caído num banco de neve ou estivesse desacordada, morrendo de frio?

Seu coração se apertou ao não encontrar nenhum vestígio da moça no chalé. Saiu e olhou ao redor, desalentado. A neve estava cada vez mais espessa e o frio mais intenso. Tomou um gole de *akevitt* do pequeno odre que trazia consigo para espantar o frio. Pegou seu cavalo e montou, decidido a refazer seu caminho. Antes que desse a volta, porém, os dois *buhunds* que dera a Ulla apareceram à sua frente.

— Saga! Njord!? — Ele se inclinou sobre a sela e os dois saltitaram. Em seguida correram até a orla das árvores, latiram como doidos e voltaram até bem perto dele, deixando sua montaria impaciente.

— Ôa! — Ele acalmou o cavalo. — O que querem, vocês dois?

Os cães latiram e correram de novo até o limite da floresta. Ouvindo sua intuição, Björn os seguiu.

— Lobos, — grunhiu Hrolf, sacando a faca de caça — e devem estar famintos.

Saindo do outro lado do lago então eles viram. Radegund, na margem oposta, agarrada à adaga fincada na borda da banquisa, de costas para eles. Estava encurralada por uma pequena alcateia. Quatro animais ferozes, de dentes arreganhados, a cercavam. Se saísse, seria esfaqueada. Se ficasse, morreria de frio ou afogada. Mark deu um passo à frente na intenção de cruzar a superfície congelada. Hrolf o segurou.

— Não! Temos que dar a volta. Ou o gelo cederá sob seu peso.

E enquanto corriam pela floresta, tentando alcançar o local onde ela estava, Mark ouviu e sentiu sua agonia e seu pavor. Mais um grito de Radegund vibrou dentro de sua cabeça, juntando-se aos uivos dos lobos ecoando entre as árvores nuas e sombrias.

Em meio àquela confusão, uma ágil figura saltou do bosque abatendo com precisão mortal um dos lobos enfurecidos. O sangue do animal rapidamente manchou a neve branca e Hrolf e Mark, que acabavam de dar a volta no lago, mal tiveram tempo de ver que se tratava de Saori. Do mesmo jeito que surgiu, a sombra veloz saltou em pé e saiu no encalço dos dois outros lobos, que fugiram

ao verem o líder abatido.

Com a faca em punho, temendo pela segurança dela, Hrolf, com um aviso a Mark, foi atrás. Este, por sua vez, atravessou com sua cimitarra o animal que restava e que bloqueava o caminho até o local onde viu Radegund pela última vez. Correu para a margem do lago. Deitou-se na borda e enfiou os braços na água terrivelmente gelada, em cuja superfície já se formava uma fina camada de gelo. Rezou e vasculhou até tocar algo macio.

— Peguei! — Agradeceu a Deus pelo lago ser relativamente raso naquele ponto. No meio da água gelada ele agarrou seu manto e puxou-a para cima, tirando-a do fundo. — Deus!

Arrastando-se com ela para longe da margem, Mark desesperou-se. Sua pele estava azulada. O corpo frio; rígido e encharcado. Jogou-a de bruços sobre a neve e pressionou suas costas vigorosamente. A água saiu por sua boca, mas a tosse esperada não veio. Virou-a de costas e soprou o ar entre os lábios arroxeados. Uma, duas, três vezes. Nada.

— Radegund! — Ele a sacudiu e esfregou seus braços e sacudiu-a com força numa tentativa de reanimá-la — Raden, reaja!

— *O ar deve ser soprado nos pulmões para que a vida volte ao corpo*⁴⁵. — *Explicava o mestre do Bimaristan*⁴⁶ — *Muitas vezes acontece de um guerreiro ser lançado fora de seu cavalo e sua respiração parar com o impacto. Noutras ele pode ter engolido água, ter se afogado. Essa técnica pode ser aplicada nestes casos...*

De novo infundiu-lhe o ar nos pulmões.

— Vamos, garota.

Ela continuava imóvel. Sem reação.

— *Mark? Onde você está? Eu o ouço e não o vejo. Está tão frio aqui... ajude-me, estou afundando... estou morrendo.*

Ele parou e olhou para ela, na expectativa de que reagisse. Murmurou uma súplica, uma barganha com qualquer Deus que se dignasse a ouvi-lo.

— Por favor, eu imploro, não seja tão cruel. Sei que sou insignificante, que já matei muitos em minha vida, que errei e magoei a todos ao meu redor. Eu já perdi Clarisse... não me tire Radegund também. Castigue-me, faça-me sentir sua ira, mas não dessa forma. Não depois de eu tê-la ofendido como eu a ofendi. Não antes que eu tenha tempo de retribuir a generosidade com que ela me perdoou. Não antes que eu a agradeça porque mais uma vez me salvou.

— Bakkar...

A voz baixa e tensa de Hrolf, que acabava de sair do meio da floresta, o irritou.

— Cale a boca, Brosa! — E voltando-se para ela recomeçou a soprar o ar por sua boca. — Vamos, vamos!

— *Frio, frio.... — Queria fugir do frio. A custo arrastou-se na direção do calor. Que luz era aquela? Teriam acendido uma fogueira?*

Hrolf agachou-se e encostou o ouvido no peito da valente Radegund. Seus olhos muito claros fixaram-se nos de Mark.

— Bakkar, ela se foi.

O mestre mostraria outra manobra para trazer um paciente de volta à vida. Poucos alunos haviam sido escolhidos para aquela aula. Era um segredo trazido do extremo Oriente, das montanhas de Chin.

— Não — Mark também encostou o ouvido no peito dela. Silêncio. Medo. Pânico. — Não, garota — sua voz falhou — não faça isso comigo...

Os jovens alunos olhavam o homem de pele amarelada e olhos rasgados, que falava de maneira pausada. Mostrava-lhes o grande centro da vida e explicava como tentar reanimá-lo quando parava de funcionar.

Em desespero suas mãos se apoiaram no peito silencioso e comprimiram com vigor. Uma, duas, três...

Ela olhou para a floresta e depois para trás de si. Viu Mark debruçado sobre seu próprio corpo, gritando com ela. Por que estava tão bravo? Por que a machucava novamente? Estava tão cansada...

— Pare Mark...

— Radegund, reaja pelo amor de Deus! — Ele comprimiu de novo seu peito.

O Mestre explicava que não era sabido como a Qi começava a circular de novo pelo grande mestre. Sabia-se apenas que ao aplicar a pressão repetidas vezes sobre o peito do ferido, conseguia-se, em algumas ocasiões, fazer a Qi voltar ao seu corpo...

— Vamos Radegund! — Ele começou a gritar, como se seu espírito pudesse ouvi-lo do lugar para onde fora. — Não vai morrer, inferno! Ande. Reaja! Não seja tão teimosa. Reaja, garota! — A cada palavra, ele pressionava seu peito. —

Não vou deixar você ter a última palavra dessa vez, ouviu bem? Não vai embora assim e me largar aqui, falando sozinho! Não vai me deixar em xeque como sempre faz. Sou mais esperto do que você, Radegund. Reaja!

Algumas vezes lutava-se contra a morte, mas a Qi não voltava. Isso acontecia quando o paciente estava muito cansado de lutar e ele preferia ir para a vida além desta do que ficar e sofrer.

Pasmo e consternado, Hrolf assistia o esforço insano de Mark para trazer a ruiva de volta ao mundo dos vivos. Ela, porém, parecia uma boneca de cera, uma estátua inanimada. Sem vida. Morta.

— Luc? — Radegund viu a silhueta alta que saía de floresta e lhe estendia a mão. — Luc, é você mesmo?

Foram apenas alguns minutos dentro d'água, menos de dez, talvez. Com aquele frio, no entanto, até cinco poderiam ser suficientes para matá-la.

— Bakkar, desista... — aconselhou Hrolf, a voz embargada de tristeza.

Gostava muito da valorosa Radegund, que foi capaz até mesmo de derrubar Ragnar numa briga. Aquela mulher era única, uma verdadeira Valquíria. Era uma pena ver uma guerreira morrer assim. Se ao menos fosse num campo de batalha, numa luta limpa... mas afogada num lago congelado?

— Eu te amo, Radegund. — Luc sorriu e acariciou seu rosto com os dedos quentes. — É tão bom tocá-la de novo!

Mark ignorou Hrolf por completo, ensandecido, enlouquecido de dor. Não era capaz de aceitar sua morte. Sua alma morreria junto se ela se fosse.

— Radegund — estava desesperado e, ao invés de aplicar a manobra como foi ensinada, golpeava o peito dela com a mão fechada. Gritava com seu corpo imóvel e surdo aos seus apelos e às suas pragas — reaja, mulher dos infernos! Não vou me arrastar sozinho neste mundo! Não me arrancou da lama para me largar aqui! Para que me tirou da embriaguez? Para vê-la morrer? Não se atreva, ouviu bem? Não vai ganhar dessa vez! Não se atreva a morrer! Não ouse!

A pancada que se seguiu à última palavra chegou a fazer o corpo todo de Radegund estremecer. Ou teria sido ela mesma que o fizera? Esgotado, ele parou a mão no ar. Seu próprio coração, já descrente, falhou uma batida.

— Radegund...

Encostou o ouvido no peito dela, a esperança já no fim. A princípio não detectou nada. Depois, veio um pulsar fraco. Tímido e inseguro. Em seguida, o

ritmo apareceu. Falho e inconstante, mas ao menos estava lá. Ela estremeceu e enfim ele se convenceu.

Aliviado, ergueu seu corpo do chão congelado. Pegou o manto que o perplexo Hrolf lhe estendia, embrulhou-a com cuidado, tentando aquecê-la. Tossindo muito e tentando respirar, ela tremia de frio, tanto que chegava a sacudi-lo também. Sem pensar em mais nada, a não ser que ela estava de volta ao mundo dos vivos, Mark aconchegou-a bem junto a si. Desta vez ele não havia perdido. E foi como se toda sua existência encontrasse ali uma finalidade. Aquele retorno milagroso à vida redimiu todas as perdas e todas as mortes pelas quais foi responsável. Mark al-Bakkar, enfim, se perdoou.

— Vou levá-la de volta — disse — ache minha irmã, Hrolf. Por favor.

— Eu a encontrarei, não se preocupe. Vá, volte a Svenhalla. Ela precisa ser aquecida imediatamente, senão morrerá. Depressa!

Terrwyn ficou aliviada quando conseguiu entrar na cabana. O lugar, no entanto, era desprovido de aquecimento. Ou melhor. Possuía uma pequena lareira. Mas de que lhe valeria a maldita lareira se não havia lenha para queimar?

Encolhendo-se, tentou se aquecer como pôde. Diabo de terra mais fria! Como Leila conseguiu não congelar ali depois de ter nascido e sido criada nas terras do Oriente? Terrwyn fechou os olhos e tentou imaginar o calor daquele sol dourado do qual seu irmão, Leila e Radegund tanto falavam.

Se ao menos tivesse aquele sol para espantar o frio... se ao menos tivesse alguém para aquecê-la... *Ele* se infiltrou em seus pensamentos, da mesma forma como o frio se infiltrava em seus ossos.

— Inferno! — Gemeu Terrwyn.

Por causa *dele* estava ali, e por causa *dele* provavelmente morreria de frio. Maldito cretino arrogante! Cada uma das palavras que ele lhe disse ainda estava viva, queimando em sua mente. Como se sentia humilhada, ferida!

— Eu odeio Björn Svenson com todas as minhas forças! — Berrou ela para as paredes, chorando. — Maldito desgraçado!

Terrwyn se encolheu e sentou-se num canto, contra a parede. Seu corpo estava úmido, suas botas ensopadas pela neve derretida. Ela estava toda gelada. Tanto no corpo, quanto no coração mortalmente ferido e magoado por aqueles a quem mais amava.

O tempo foi se escoando junto com a nevasca lá fora. Terrwyn sentia-se mole e sonolenta. O frio era tão intenso e cortante, tão doloroso, que ela começou a desejar a morte. Talvez lhe trouxesse algum alívio. Encolheu-se mais um pouco e seus dentes bateram uns contra os outros.

Santo Deus! Morreria ali. Maldita a hora em que seu caminho cruzou com o

de Björn! Maldita a hora em que saiu como uma louca de Svenhalla. E agora, se morresse? O que seria de Gaetain e Lothair? E Mark? Ele já estava péssimo, mal suportava a morte de Clarisse!

Ah, mas talvez fosse melhor assim...

Se morresse, o irmão não teria que se preocupar ou sofrer por ela. Ou talvez ele nem percebesse já que, ultimamente, passava mais tempo bêbado do que sóbrio. Até a renegara, expulsando-a de perto dele. E se ela morresse, também não iria sofrer mais por aquele capitão turrão e pretensioso.

Idiota, Terrwyn! Você é uma idiota! Ele sequer a vê como uma mulher! Deixou isso bem claro ontem à noite. Devia ter vergonha de ainda pensar nele depois de tudo o que ele lhe disse!

Enrodilhada no canto da cabana, ela fechou os olhos e rezou por um milagre, por alguém que a encontrasse. Depois de muito tempo ali, um som penetrou a névoa da inconsciência que a dominava lentamente.

Achou que fosse sua imaginação quando a porta se escancarou. Pensou que estivesse delirando quando o ouviu.

— Menina louca, — a porta bateu deixando a neve lá fora e um braço quente a envolveu — o que deu em você?

Deus! Como ele grita! Fale baixo!

Björn a sacudiu.

— Terrwyn! Terrwyn! Acorde pirralha!

Ela forçou a voz a sair.

— Pirralha é...

— Graças a Deus! — Ele a abraçou. — Se ainda responde é porque há esperanças.

Ela amoleceu de novo em seus braços.

— Inferno, — ele olhou seus lábios azulados — abra os olhos! Precisa reagir! Não durma, acorde!

Björn retirou o manto e a envolveu. Ela sentiu o calor dele ainda no tecido. Mas foi uma sensação breve, pois logo o frio a envolveu de novo. Björn pegou o pequeno odre com *akevitt* do cinto e forçou-a a beber.

— Não... — gemeu ela.

Com uma suavidade incomum na voz, ele ordenou.

— Beba, menina. Vai lhe aquecer.

Engasgando e tossindo, ela bebeu um gole e depois caiu amolecida em seus braços. Tocando suas roupas, ele notou que estavam muito molhadas.

— Diabos, nunca vai se aquecer assim. Olhe para mim.

Ela o olhava sem vê-lo. Mole, num estupor gelado. Mau sinal. O frio estava roubando sua vida. A morte branca.

Sem pensar em mais nada, ele começou a despi-la. Tirou o grosso manto de pele, o vestido de lã, as meias e as anáguas. Hesitou um pouco, mas acabou tirando também a camisa de baixo e revelou todo o corpo de Terrwyn. Que definitivamente não era o de uma menina.

Respirando fundo, ele direcionou os pensamentos única e exclusivamente para a sobrevivência dela. Enrolou-a em seu manto impermeável e pôs-se a vasculhar o casebre em busca de algo que pudesse queimar. Achou um banco velho e destroçou-o em poucos golpes. Terrwyn gemeu e ele lançou a ela um breve olhar aflito para, logo em seguida, prosseguir em sua tarefa. Em poucos minutos, conseguiu um fogo baixo, mas que lentamente espantaria o frio do lugar.

Aproximou-se dela e levou-a para mais perto do fogo, esfregando seus braços e tentando aquecê-la. Quando viu que aquilo não seria suficiente, arrancou a túnica e a camisa e a abraçou, colando-a ao seu peito e envolvendo a ambos com seu manto impermeável. Por baixo do tecido, esfregou os braços dela, tentando fazer o calor entrar de novo em seu corpo.

— Vamos, reaja! Acorde!

Ela gemeu quando começou a se aquecer e formigar.

— Não... — choramingou ela ao sentir como se mil agulhas fossem enfiadas em seu corpo.

— Shh, calma, — ele sussurrou, contendo-a enquanto se debatia — vai passar. Fique quieta para que possa se aquecer.

Ela parou de tentar se soltar e ficou apenas tremendo de frio e dor. O corpo todo era percorrido por agulhadas e câimbras.

Björn a abraçou com força, transferindo o próprio calor para ela. Pode sentir a pele ainda gelada de encontro ao seu corpo. Percebeu o volume dos seios delicados e firmes contra seu antebraço, passado ao redor do tronco esguio. Ela parecia tão frágil e pequenina junto dele!

No mesmo instante, o arrependimento por ter sido tão rude com ela invadiu sua mente. No fundo, o que ditou aquela sua explosão foi a própria reação ao corpo de Terrwyn junto ao seu. Foi a frustração e a relutância em admitir o que sentiu. Olhou de novo para ela, sua figura pequena encolhida junto ao seu corpo, trêmula de frio.

Resista.

Ao lado de uma flor delicada como Terrwyn, Björn, apesar de toda sua arrogância e experiência, via sua autoconfiança ser atirada pelos ares. Estava se sentindo como um grandalhão desajeitado e rude. E era isso o que ele era mesmo, não? Um marujo sem refinamento, um homem dos portos que pouco ou nada entendia dos sentimentos de uma moça como Terrwyn. Uma jovem que, apesar de um início de vida tumultuado, segundo Bakkar já lhe contara,

encontrou no irmão e na tutora todo amor e carinho de que precisava para florescer.

Não que ele não tivesse recebido seu quinhão de amor também. Longe disso. Sua família era unida e carinhosa. Seus três irmãos eram seus companheiros, cada um à sua maneira e com suas qualidades. Porém, ele sempre foi um solitário por natureza. Mesmo antes do que acontecera com Ragnar e Karin. Talvez fosse por causa de sua atração pelo mar, que começou desde muito cedo. Björn desconfiava, no entanto, que sua paixão pelos oceanos estava sendo vencida por uma mocinha teimosa e espevitada, que tinha a metade de sua idade, o dobro de sua energia e igualava-se a ele em teimosia.

Afastando aqueles pensamentos da mente, pois era tudo uma grande tolice, ele a ajeitou, procurando esquentá-la. Puxou-a mais para perto para que seu calor se infundisse em seu corpo trêmulo e frio. Tarde percebeu seu erro. As nádegas nuas e macias encostaram em seu sexo que, mesmo através da lã grossa de suas calças, ameaçou reagir.

Respire, Björn...

O alto da cabeça dela encostava-se em seu queixo, os cabelos castanhos e macios, cujas pontas lhe chegavam ao pescoço, recendiam a lavanda. Ao respirar fundo, o perfume penetrou em suas narinas, fazendo seu corpo responder prontamente, lembrando-o da noite anterior, quando a teve em seus braços sem saber quem ela era.

Inferno, Björn! Ela tem a metade da sua idade!

Terrwyn encolheu-se contra ele, colando ainda mais as nádegas em certa parte de sua anatomia, já desperta. Björn pediu forças para resistir à tentação. Diabos! Ela estava praticamente desacordada! Para piorar mais ainda a situação, a jovem gemeu e virou-se de frente para ele. Abriu e fechou os olhos várias vezes até arregalá-los num susto.

Estava nua nos braços de Björn!

— Oh, meu Deus!

Ela se agitou e tentou se afastar dele, que a impediu.

— Fique quieta, pirralha! Custei para aquecer você! — Tentou se refugiar na irritação. — O que deu em sua cabeça para sair desse jeito? Ainda por cima no meio dessa neve toda? Ficou maluca?

Ela se debateu grunhindo uma série de impropérios. Inutilmente, pois os braços de Björn a prenderam mais ainda contra o corpo dele.

— Não sou pirralha! — Ela olhou nos olhos dele, revoltada ao ver que, fraca, dolorida e com os braços e pernas dormentes, não conseguiria se soltar. — Só você é que não vê isso, seu idiota! Não aguento mais ser tratada com uma criança! Se quer saber, penso que nunca fui uma!

A amargura na voz dela o chocou. Björn, porém, tenso e com raiva dela e de si mesmo, retrucou.

— Se não quer ser chamada de criança, não aja como tal. Não saia correndo por aí, obrigando-me a vir resgatá-la no meio desse frio todo! Estão todos à sua procura!

— Obrigando-o? Ora, seu cretino pretensioso! Veio porque quis. Eu não pedi nada.

— Você é muito insolente! — Ele alterou a voz. — Devia tê-la deixado morrer de frio!

O coração de Terrwyn encheu-se de amargura. Asno cego e estúpido, como diria Radegund! Como o Capitão podia ser tão obtuso? Num gemido cansado, perguntou.

— Por que não deixou?

Björn não respondeu. Apenas a encarou, parado e espantado.

Sim? Por quê? Por que procurou por Terrwyn no meio da nevasca depois de tanto brigarem? Por que se preocupava com ela? Por que se incomodava tanto com suas traquinagens, com seu bom-humor? Por que se importava tanto? Por que não conseguia mais enxergar nela uma menina e sim, uma jovem e adorável mulher? E por que relutava tanto em admiti-lo?

A mudança foi sutil. Porém, o corpo de Terrwyn captou o exato momento em que as mãos que a abraçavam deixaram de ser apenas atenciosas para se tornarem acariciantes. Começou a sentir um estranho formigamento pelo corpo, que pouco tinha a ver com o frio. Seus mamilos intumesceram-se. Passou a língua pelos lábios ressecados. Sua respiração se tornou pesada e a pulsação se acelerou. Num sussurro, repetiu sua pergunta.

— Por que não me deixou morrer, Björn Svenson?

Os olhos cinzentos e sempre frios pareceram incendiar-se quando ele murmurou, entre surpreso e ansioso.

— Eu não podia. Jamais poderia, jamais deixaria... Terrwyn.

Ele envolveu seu rosto com as mãos e a beijou, enquanto puxava seu corpo nu de encontro ao dele. Os braços fortes e as mãos calejadas pelo leme e pelos cordames do navio desceram do rosto e passaram por seu corpo, explorando-o, descobrindo-o, afagando-o.

Terrwyn gemeu, sentindo-se mais feminina do que nunca. Os seios roçaram nos pelos macios do peito dele. Sentiu um estranho calor se instalando insidiosamente no meio de suas pernas.

— Terrwyn... — os lábios de Björn desceram da sua boca para o seu pescoço, e depois para seu ombro e seu seio. Sentiu a língua envolvendo o mamilo intumescido e choramingou baixinho, clamando pela satisfação de uma vontade

que não entendia. — Isso é uma loucura.

— Não, não é... sabe que não é. — Ele abocanhou um seio e ela gemeu extasiada. — Sabe que eu o quero e você também me quer.

Quantas dúvidas!

— Deus, Terrwyn! Isso é *sim* uma loucura! — Ele a afastou um pouco e olhou em seus olhos. — Você é tão jovem, é uma menina!

Ela olhou para ele longamente, seus olhos castanhos envolvendo-o com uma sabedoria que parecia muito além de sua pouca idade. Havia neles também um brilho intenso, um quê de indomável, um vigor explosivo como o sol de verão. E ao mesmo tempo, uma doçura e uma meiguice ímpares, que a faziam delicada como uma flor dos campos.

Sem aviso, Terrwyn puxou sua mão e, com uma ousadia que não sabia que possuía, a levou ao seu recanto mais secreto.

— Faça-me então uma mulher, Björn.

O audaz capitão do Freyja, sem poder resistir mais, sucumbiu ao encanto daquela pequena teimosa. Com um som gutural, ele a beijou e sua boca parecia que iria engoli-la, tamanha era a voracidade de seu beijo, daquela língua que a atacava — sim, era esse o termo — e que a devorava como um lobo faminto. E aceitando o convite feito, embrenhou os dedos na carne macia e úmida, naquele segredo que ela lhe ofertava. Estimulou-a em movimentos bem suaves, até sentir a umidade a se espalhar entre suas pernas. Beijou e afagou seu corpo em longas e insistentes carícias, fazendo-a se derreter como a neve sob o sol.

Terrwyn pressionou-se instintivamente contra a mão que novamente se insinuava entre suas pernas, apertando as coxas uma contra a outra, e emitiu um grito de prazer. Parecia estar explodindo, voando pelos ares e se juntando de novo, apenas para ser estilhaçada mais uma vez por aquela sensação indescritível.

— Björn...

— Não acabou ainda, menina... — ele soltou a própria calça com uma das mãos e cobriu-os novamente com seu manto, colocando-se sobre Terrwyn. Seu membro latejava dolorosamente e quando roçou na pele dela, ele quase perdeu o controle — ainda não a fiz uma mulher.

Com as mãos ele afastou suas pernas gentilmente. Terrwyn era tão delicada, tão meiga, que ele temia machucá-la com seu ardor. Manteve-se sobre ela, apoiado nos cotovelos para não a esmagar com seu peso e passou a sugar e lambe os seios novamente, fazendo-a cravar as unhas em suas costas.

— Faça-me uma mulher então, Björn! Não aguento mais!

Ele emitiu algo parecido com um rosnado ansioso. Sentia-se febril, ardendo por ela. De repente, um enorme sentimento de posse, como jamais havia

experimentado em toda sua vida, tomou conta dele. Num impulso que nem mesmo ele compreendeu, segurou o rosto dela numa das mãos, fazendo-a encará-lo.

— Olhe para mim — ele se colocou bem acima dela — quero que me veja, quero que me sinta enquanto a torno mulher. *Minha* mulher. Quero olhar em seus olhos e quero que olhe nos meus. Quero que guarde este momento e que saiba que sendo minha, será para sempre. Quero ser seu primeiro homem e o único, Terrwyn. Não admitirei que nenhum outro a toque.

Ele assentiu com a cabeça, tomada por um súbito receio. Ele seria o único. Será que isso significava...?

A mão dele insinuando-se entre suas pernas apagou qualquer vestígio de raciocínio de sua mente. E quando ele colocou à entrada de seu corpo, ela gemeu baixinho.

Björn capturou seu olhar e falou.

— Doerá um pouco, mas depois, garanto que valerá a pena. Apenas relaxe — ele empurrou devagar, fazendo-a sentir uma pressão desconfortável — relaxe Terrwyn...

Björn a beijou com vagar, a língua entrando e saindo de dentro de sua boca, deslizando sobre a dela, roubando sua razão. Suas mãos a acariciaram e ele investiu mais um pouco, forçando sua virgindade a se render ao seu assalto.

As unhas de Terrwyn afundaram-se em sua carne, mas ele não se incomodou. Na certa o desconforto dela era bem maior, por mais cuidado que tivesse. Mesmo assim, forçou um pouco mais aquela barreira que o separava do jardim das delícias que certamente seria o corpo intocado de Terrwyn. Os olhos castanhos assustados encontraram os seus.

— Relaxe querida — ele murmurou com carinho, beijando-a, enquanto investia para dentro dela, finalmente deflorando-a.

Terrwyn gritou de encontro a sua boca e ficou tensa, sentindo-se como se estivesse sendo rasgada, invadida. Por um momento quis empurrá-lo de cima de seu corpo. Teve medo, sentiu-se absurdamente indefesa. A pressão e o ardor entre as pernas eram muito incômodos e ela se remexeu. Só conseguiu fazer com que ele se aprofundasse dentro dela, distendendo-a, abrindo caminho dentro de seu corpo.

— Terrwyn — ele lutou para se controlar — fique quieta.

— Está doendo... — ela reclamou de encontro a sua boca.

— Passará. Deixe seu corpo se acostumar com o meu. Fique quietinha — ele beijava sua boca, seu pescoço e a curva de seu ombro enquanto falava. Foi sentindo que ela relaxava e afastava um pouco mais as pernas. — Assim...

Terrwyn mordeu os lábios quando Björn mergulhou mais fundo em seu corpo.

Depois, ele parou de novo, beijando-a e acariciando-a, segurando seu rosto entre as mãos.

— Estou quase lá, doçura.

— Onde? — Indagou num sussurro e ele sorriu de sua inocência.

— Quase inteiro dentro de você.

Ele mergulhou mais um pouco naquela carne úmida, naquele ninho apertado que o fazia querer gozar ali, agora. Só que não seria justo. Terrwyn só teria a dor. E ele queria vê-la delirar de prazer em seus braços. Queria deixá-la tão louca, tão enlanguescida e satisfeita que nunca mais olharia para homem nenhum. Nunca iria querer saber como seria com outros. Terrwyn deveria querer apenas ele, só ele. E mais ninguém. E de onde vinha aquele sentimento louco e estranho, que o fazia querer trancá-la na torre mais alta de Svenhalla, longe de qualquer outro homem, só Deus sabia...

Preso a esse desejo, segurou-a pela cintura delgada e investiu de novo dentro dela. Começou um ir e vir lento e cadenciado, murmurando o nome dela, passeando as mãos por seu corpo, arrebatado pela resposta apaixonada dela às suas carícias.

Céus! Como fora cego. Ela não era uma menina. Ela era uma mulher! E nascera para ele, para ser dele. Queria gritar que aquela mulher era única e exclusivamente dele. Queria possuí-la quantas vezes e de todas as formas que fosse capaz, marcando-a como sua para sempre.

Num clímax arrebatador, Terrwyn gritou o nome do homem a quem agora pertencia por inteiro. O prazer de ser mulher só era menor do que o prazer de ser dele. Sentiu-o dentro de si, rígido, forçando seu corpo a ceder mais e mais. Abraçou-o gemendo palavras desconexas. Björn gritou seu nome.

— Terrwyn, — ele emaranhou os dedos em seus cabelos, puxando-a para si, tomando sua boca, enfiando a língua entre seus dentes, sugando-a, devastando-a com ferocidade — você é minha!

Com um som gutural, investiu mais fundo dentro dela, fazendo-a gemer loucamente em seu clímax e se contorcer sob seu corpo e em seus braços, atirando-a num abismo sem fundo. Ao sentir seus estremecimentos, Björn libertou-se também. E esvaiu-se em Terrwyn sabendo que, se ela era sua, ele também, definitiva e irremediavelmente, pertenceria àquela jovem mulher.

As portas do vestíbulo de Svenhalla se abriram com um estrondo. Deram passagem a uma rajada de neve, trazendo Mark em seu rastro, com Radegund nos braços, berrando ordens para todos os lados.

— Mark! — Leila emparelhou com ele pelo caminho, olhando para a pele azulada da amiga nos braços dele. — O que houve? Ela está...?

— Quase. Ela caiu no lago. Precisamos aquecê-la.

— Vou mandar esquentarem água — falou Einar e depois explicou — temos que colocá-la na água morna para seus membros não gangrenarem.

Todos correram para ajudar Mark. Levando-a para os aposentos que ela ocupava, Leila e ele, com a ajuda de Anne e Trudy, começaram a arrancar as roupas ensopadas do corpo de Radegund. Deixaram-na só com as peças íntimas e envolveram-na numa manta. Ela estava semiconsciente. Quando começava a apagar de novo, um deles a sacudia ou dava tapas em seu rosto, acordando-a.

Vários baldes de água quente chegaram, trazidos pelos criados, assim como uma grande tina. Mark esperou os homens saírem do aposento e, com a ajuda de Leila e Anne, terminou de despi-la.

— Vai precisar entrar com ela — orientou Leila — e segurá-la com firmeza.

— Mas, Leila... — ele apontou Anne e Trudy, constrangido.

— Ora, homem, não vai ser pudico logo agora, — apoiou Radegund junto com Anne, enquanto explicava — só você vai ter forças para segurá-la quando começar a se debater. Ande, depressa! Tire a roupa e entre aí.

Encabulado, Mark obedeceu. Só de calções, pegou a amiga e sentou com ela no fundo da tina ainda vazia. Leila, Trudy e Anne trouxeram os primeiros baldes.

— Agarre-a bem firme. Vamos começar.

Os primeiros gritos de dor vieram assim que a água começou a cobri-la e o calor a fazer efeito. Mark a abraçou com força e cruzou as pernas sobre as dela. Enquanto o sangue recomeçava a circular naturalmente pelas extremidades do corpo, Radegund se debatia desesperadamente e gritava de dor.

— Calma, garota, vai passar.

— Fique firme, Mark! — Leila pediu, despejando mais água quente sobre eles — isso é extremamente doloroso, mas vai reanimá-la nesse primeiro momento. Todo inverno temos casos de exposição ao frio.

— Por que não a levamos para a sauna, onde é mais quente? — Indagou Trudy, separando as toalhas e um grosso robe.

— Porque o calor seria muito intenso e a mataria. Depois que essa cor azulada

sumir de seu corpo, nós a secamos, vestimos e a colocamos perto da lareira. — Voltou-se para o mestiço com a fisionomia tensa. — Vai haver mais dor. Precisa ficar com ela, Mark. Não consigo segurá-la. Raden é bem maior e mais forte do que eu.

— Não me importo — ele falou, notando que estava mais calma. Agora apenas tremia e gemia. — Contanto que ela sobreviva, eu não me importo.

— E sua irmã? — Indagou Anne, estendendo uma toalha seca para ele. — Conseguiram achá-la?

Desolado, ele negou com a cabeça. Duas vidas amadas estavam em jogo e ele estava se sentindo impotente, sem poder fazer nada.

— Björn, Brosa e a estrangeira saíram no encalço de Terrwyn — ele levantou Radegund da tina e Leila a enrolou na toalha. Enquanto a carregava para perto do fogo, ele continuou — estou apavorado, Leila. Se eu perder qualquer uma das duas... se algo acontecer a Terrwyn...

Anne colocou uma manta sobre os ombros dele, enquanto Trudy e Leila o ajudavam a se acomodar com a ruiva diante do fogo.

— Acalme-se, meu amigo. Raden vai escapar dessa — a sarracena colocou a mão em seu ombro — e Hrolf vai achar sua irmã.

Hrolf foi encontrar Saori de pé, encostada a uma árvore desfolhada, com parte das roupas rasgadas e os cabelos negros completamente desgrehados. Rapidamente estava ao seu lado.

— O que houve? — Indagou preocupado ao notar o rosto arranhado.

— Acabei embolada com um dos bichos — ela se apoiou no braço que ele oferecia. Apesar do orgulho, não poderia andar direito, já que sua perna havia sofrido um corte feio na confusão. Ele logo sentiu o cheiro do sangue.

— Foi mordida? — Perguntou, preocupado.

Ela balançou a cabeça enquanto andava apoiada nele.

— Não. Cortei-me numa pedra pontiaguda, oculta pela neve.

Ele mal conteve um suspiro de alívio.

— Melhor assim, — amparou-a pela cintura e foram caminhando juntos — uma mordida de lobo, mesmo que não seja profunda, pode ser fatal por conta da febre que provoca.

— Fala sério? — Ela pareceu espantada.

— Sim — Hrolf avistou sua casa e ergueu-a nos braços.

— Ei! Ponha-me no chão.

— Deixe de ser orgulhosa, mulher — ele apertou o passo — assim vamos mais rápido e saímos logo desse frio. Vou deixá-la em minha casa e irei atrás da irmã de Bakkar. Ficará bem sozinha?

Saori o encarou como se ele tivesse dito uma grande asneira. Retrucou, mal-humorada.

— Atravessei o mundo sozinha, homem-lobo.

O rastreador riu. Empurrou a porta de casa com os ombros e entrou. Fechou-a com um pontapé e foi recebido por seus cães. Deixou Saori sentada numa cadeira e pegou uma pequena arca de cima de uma prateleira.

— Aqui tem remédios. Não posso ficar e cuidar de seus ferimentos. — Ele apontou o fogo aceso na lareira. — Tem água quente para que os lave bem e tecido na arca, para fazer ataduras. O fogo vai durar um bom tempo e manterá a casa aquecida até que eu volte.

Saori puxou a gola do manto dele, trazendo-o para perto, e o beijou gentilmente.

— Vá tranquilo. Não serão os primeiros nem os últimos ferimentos que recebo nesta vida.

Ele limpou a neve de seu rosto e sorriu.

— Gosto de você, mulher — mais do que seria sensato, pensou, enquanto saía para o frio lá fora.

Ulla deixou Lizzie aos cuidados de Aswad que, para sua surpresa, ofereceu-se para olhar a menina enquanto ela ajudava a socorrer sua mãe.

— Será uma honra cuidar da leozinha — sorriu ele, afagando os cachos de Lizzie, que o observava com franca curiosidade.

Agora ela caminhava apressada pelos corredores, parando diante da azáfama instalada diante da porta dos aposentos de Radegund. Gilchrist, que conversava com Einar do lado de fora, veio ao seu encontro.

— Meu amor — ele a beijou com suavidade — Leila pediu que você entrasse assim que chegasse.

— Como ela está? — Perguntou a moça, deixando-se abraçar por ele.

— Nada bem — ele narrou o ocorrido, segundo Mark os informara — Einar disse que você tem mais experiência para cuidar desses casos. — Encarou-a, os olhos diferentes transbordando preocupação — salve-a, eu lhe peço. — Uma pequena pontada de ciúme invadiu o coração de Ulla, mas ela logo afastou aquele sentimento. Ele, no entanto, notou a sombra que atravessou seu olhar. Abraçou-a com carinho. — Ah, minha esposa, — seus lábios tocaram os dela enquanto dizia — não tema por seu lugar em meu coração. É a dona dele. — Olhou-a nos olhos e sentiu-se afogar naquele oceano profundo e misterioso — Radegund é uma amiga muito querida. Só isso.

Ela se envergonhou.

— Desculpe-me, Dragão. Creio que tudo isso que está acontecendo acabou

por me deixar insegura.

— Tudo bem — Gilchrist pôs a mão em seus ombros e foi caminhando com ela, aproximando-se da porta dos aposentos — só quero que saiba que eu amo você Ulla. — Ele parou e olhou-a intensamente, parecendo enxergar sua alma. — O que senti no passado por Radegund transformou-se numa amizade profunda; em respeito, carinho e admiração. Só isso. Porém, — ele segurou seu rosto entre as mãos — você é a minha mulher. Você é o meu amor. Por você eu enfrentaria todos os demônios do inferno, desafiaria todos os deuses e suas leis apenas para tê-la em meus braços.

Ulla atirou-se sobre ele, contendo a vontade de chorar diante daquela confissão em que o Dragão expunha sua alma. Uma grande rebeldia começou a aflorar dentro dela, uma insatisfação, um clamor contra aquele destino que lhes fora reservado. Afastou-se um pouco dele, com os olhos brilhando determinados.

— Já está enfrentando o demônio, meu amor. E eu juro que não o deixarei ser arrancado de mim. — Ela ergueu o queixo, altiva, e Gilchrist achou que ela se parecia com a Ulla que ele vira durante o ritual, em Cornwall, quando ela representou a Deusa. Ela prosseguiu. — Encontrarei um jeito. Ou morrerei com você.

— Não! — Ele a agarrou pelos ombros. — Não diga isso. Quando eu tiver que partir, você ficará aqui, não irá me seguir. Quero você segura, longe daquele demônio maldito!

Determinada, ela se afastou de seus braços e sua voz soou profunda, como se fosse algo além dela que falasse.

— Estarei ao seu lado. Isso não se discute.

Erguendo os ombros majestosa, passou por ele e foi ter com Leila nos aposentos de Radegund.

Ofegantes e espantados com tudo o que aconteceu, Björn e Terrwyn encaravam-se. Encabulada, ela se afastou um pouco dele, procurando por suas roupas. Notando seu embaraço, o capitão a trouxe de volta.

— Deixe-me — ela pediu, sem jeito.

— Não vai fugir de mim, menina.

Ser chamada daquela forma a irritou. Explodiu, liberando toda a tensão que aquela confusão de sentimentos causara dentro dela.

— Será que mesmo depois de tudo o que aconteceu você ainda vai continuar de me tratando assim? — Levantou-se, sem se importar com a ausência de roupas, tão indignada que estava. — Eu não sou uma menina!

Diabos! Ela nem precisaria afirmar aquilo aos berros! Pasma, Björn admirava seu corpo, na penumbra da cabana, deslizando os olhos pelas curvas suaves.

Ergueu-se também, jogando de lado o manto com o qual os cobrira. Deu um passo à frente. Terrwyn recuou diante do olhar furioso. O longo braço dele, no entanto, a alcançou.

— Vou lhe mostrar o quanto a considero menina — suas mãos a seguraram com firmeza, forçando-a a encará-lo — e o quanto a considero mulher.

Beijou-a com todo ardor, enroscando os dedos em seus cabelos, deixando que ela sentisse sua excitação de encontro à pele nua. Ofegante, insinuou uma das coxas entre as dela, fazendo-a gemer. Relutante, recuou, antes que a tomasse de novo. Baixou o olhar para ela, que permacecia de olhos fechados, com os lábios entreabertos e a respiração entrecortada. Tocou seus lábios com delicadeza e chamou baixinho.

— Terrwyn...?

— Hum? — Ela abriu os olhos, esquecida da bravata de momentos atrás.

— Chega de brigar, está bem? Vista-se. Temos que ir. Estão todos loucos atrás de você. Seu irmão, Radegund e Hrolf, e até a estrangeira chamada Saori, estão em seu encalço.

Ela o encarou, espantada.

— Meu irmão? Mas ele não estava...

— Bêbado como um marujo? — Björn deu de ombros. — Bem, aparentemente sua amiga ruiva deu um jeito nele. Agora é melhor nos apressarmos, — ele falou enquanto pegava as roupas dela — vai ter que vesti-las mesmo úmidas. Montando comigo, estará aquecida sob o manto. A cavalo chegaremos rápido ao castelo. — Fez uma pausa e a encarou. — Por que fugiu?

Ela estacou, parando de se vestir.

— Ainda pergunta?

Ele baixou os olhos, subitamente arrependido do que lhe dissera na outra noite. E agora tudo aquilo parecia tão distante...

— Desculpe-me, Terrwyn — ele se aproximou dela e tocou seu rosto com as pontas dos dedos — fui muito grosseiro com você. Estava frustrado... e apavorado por desejá-la.

Terrwyn ficou em silêncio. Quem estava apavorada era ela! Deus, tinha se entregado a Björn, um homem que era notoriamente conhecido por sua fama de mulherengo e solteirão. Apaixonou-se por ele e lhe deu seu tesouro mais precioso — sua castidade — sem sequer saber quais eram suas intenções. O que faria agora? Ele falou todas aquelas coisas para ela, sobre ser o único homem de sua vida, sobre não pertencer a mais nenhum outro. Mas, e se aquilo fosse apenas a voz da paixão, da loucura que os acometera, falando mais alto. Deus! Ela estaria perdida! E se ficasse grávida? Mas que inferno! E agora? Como encararia Radegund? Além de fugir e deixar todos loucos, ainda tinha se deitado

com o irmão de Ragnar! *Grande, Terrwyn! Agora você se encrencou mesmo!*

Calada, terminou de se vestir. Björn, tomando seu silêncio como embaraço, deu-lhe a privacidade necessária e foi buscar a montaria, que ficara abrigada numa coberta por trás da cabana. Voltou minutos depois, chamando-a.

— Vamos. A nevasca diminuiu. Creio que conseguiremos chegar a Svenhalla até a hora da ceia.

Lançando um olhar á cabana, Terrwyn saiu e deixou que ele a erguesse e a colocasse na sela. Cansada, recostou-se nele assim que ele montou. Abrigada em seus braços e envolta pelo manto, adormeceu junto ao seu capitão.

Radegund dormia serenamente, observada de perto por Mark. O mestiço puxou uma cadeira para o lado do leito e se instalou ali. Tinha saído apenas para trocar as roupas molhadas, por insistência de Leila e Trudy. Anne deixou um frasco do remédio que Ulla pedira que entregasse a ele e fitou a paciente. Depois, indagou.

— Ela encarou mesmo *messire* Ibelin?

— O quê? — Indagou Mark, arrancado de seus pensamentos.

— A baronesa. Contam-se muitas histórias a respeito dela. Dizem que *messire* Ibelin tinha muito apreço por ela.

— É verdade. Ibelin a colocou sob sua proteção em Tiro e tirou os cães da Ordem de seus calcanhares.

Anne estremeceu.

— Tremo só de pensar que eles estão em meu encalço.

— Leila me colocou a par dos esforços de Einar em desvendar o mistério dos arquivos. Algum progresso?

— Nenhum — ela suspirou — se ao menos descobríssemos a chave... — lançando mais um olhar à mulher deitada no leito, Anne pediu licença para se retirar — espero que ela fique boa.

— Eu também, Scholz.

No corredor, Einar aguardava com paciência o momento em que Anne sairia dos aposentos de Radegund e se dirigiria aos seus. Certamente ela se trocaria antes do jantar. Precisava falar com ela. Depois que a havia beijado, Anne vinha se esquivando dele, na certa por causa de seus deveres para com a Sociedade. Tinha de haver uma saída para eles! Ao contrário do que Leila dissera, Anne não pertencia à Sociedade. Ela era uma pessoa, era livre, não era uma propriedade ou um bem.

Esperou que ela entrasse em seu quarto e, vendo o corredor livre, entrou atrás sem pedir licença.

— Mas o quê...?! — Ela se espantou e depois se empertigou, colocando as mãos na cintura. — O que o senhor faz em meus aposentos? — Apontou a porta. — Tenha a bondade de se retirar.

— Ora, bela Safo — ele zombou, sentando-se no braço de uma cadeira, a meio caminho entre ela e a porta — quando invadiu meus aposentos, eu não a tratei assim tão rudemente.

Anne corou àquela alusão à forma como eles haviam se visto pela primeira vez.

— Se fosse um cavalheiro, não ficaria me lembrando daquele... daquele incidente.

— Não estou me sentindo um cavalheiro, hoje. — Ele se levantou e caminhou em sua direção. — Na verdade, estou aborrecido, preocupado e louco para beijá-la. Porém, minha cunhada já colocou minha cabeça a prêmio caso eu ofereça algum risco ao precioso tesouro da Sociedade. No caso, você, bela agente Scholz. E eu fico me perguntando. Beijá-la oferece algum risco?

Anne, insegura com aquela aproximação, recuou e deixou outra cadeira entre eles, como um escudo.

— *Eu* sou o risco, seu tolo! Não percebe isso?

Ele observou aquela coisinha linda e quase gargalhou na sua cara.

— Você? Um risco? Para mim?

Anne ficou vermelha de raiva.

— Não zombe de mim! Pare um pouco para raciocinar. Por que pensa que vivi reclusa por toda a minha vida? Por que acha que larguei tudo e fugi como uma louca, dando mil voltas pelo mundo até acabar aqui? — Ela saiu de trás da cadeira e olhou-o nos olhos. — O que pensa que acontecerá comigo, e com quem estiver ao meu lado, caso eu seja apanhada? — Puxou uma correntinha do pescoço, em cujos aros corria um curioso pingente. — Vê isto? É este o meu futuro, senhor Einar, caso a Ordem ponha suas mãos em mim!

Confuso ele olhou para a joia e depois para ela.

— Não entendo.

Ela lhe deu as costas e olhou para o fogo que ardia na lareira.

— Isso é veneno, Einar — encarou-o de novo, os olhos castanhos brilhando com lágrimas contidas — óleo das sementes de castor. A morte é rápida. A respiração pára em poucos minutos. Não falamos nada, sofremos menos. Este é o meu futuro, Einar Svenson. E qualquer pessoa a quem eu me apegue, qualquer um a quem... — ela engoliu em seco — a quem eu ame, será uma arma contra mim. Entende o porquê de Leila tentar afastá-lo? Entende porque eu o mantenho longe de mim? Se eu for sozinha, se não houver ninguém, será mais fácil. Serei só eu em jogo, só minha vida será ameaçada — ela brincou com o pingente entre

os dedos — será rápido. Mas se houver alguém que possa ser usado como uma arma contra mim — ela mergulhou nas profundezas de seus olhos verdes — o que farei?

— Anne... — ele a segurou pelos ombros — não precisa ser assim! Não pode ser assim! Fuja comigo, esqueça tudo isso, deixe que os Cabeças da Sociedade se virem. Não pode dar sua vida em sacrifício por eles!

Ela endireitou os ombros, afastando-se dele. Disse muito séria.

— Engano seu. Faço parte da Sociedade, pertenço a ela.

— Não pertence a ninguém! — Gritou ele

— Sim, Einar! Pertenço! Não apenas pelo que trago em meu corpo e em minha mente, mas em minhas convicções! Não me peça para abandonar minhas responsabilidades, pois não irei. Meus sentimentos não importam neste momento. — Ela recitou o primeiro preceito da Sociedade. — O bem-estar da maioria sobrepõe-se ao bem-estar pessoal.

— E o meu bem-estar? E os meus sentimentos? — Avançou na direção dela, que recuou. — Sempre sonhei com uma mulher como você, Anne! Doce, meiga, inteligente, bonita. Deus! E quando eu a encontro, tenho que abrir mão dela por causa de uma Sociedade secreta que pensa que vai mudar o mundo!

— Não pensamos, Einar. Nós mudamos. Como pensa que o sultão Saladino obteve tanto sucesso em suas campanhas? — Ele ficou mudo de espanto. — Nur al-Din, Al-Salih⁴⁷... por que pensa que eles morreram tão misteriosamente, facilitando a ascensão de Saladino e a volta de Jerusalém às mãos dos sarracenos? Esses e muitos outros detalhes são obra de um trabalho paciente e diligente da Sociedade no combate ao poder paralelo que se tornou a Ordem dos Cavaleiros do Templo. E você pede que eu abandone tudo, que traia meus ideais e o de centenas de pessoas por uma aventura?

— Não propus uma aventura, — ele se indignou — eu lhe falei em amor! Quero que seja minha mulher! Que se case comigo.

Anne levou a mão à boca, abafando um grito de dor e tristeza. Ah, se fosse outra pessoa!

— Saia daqui, Einar — ela apontou a porta, cansada de discutir, cansada de lutar — vá embora e me deixe em paz.

Ele não obedeceu. Fez exatamente o contrário, chegando mais perto dela.

— Não. Não vai me mandar embora como a um cão inoportuno. — Segurou as mãos nas suas e perguntou. — O que sente por mim, Anne Marie?

Pergunta difícil demais, pensou ela, sem conseguir soltar as mãos das dele, sem conseguir esconder a verdade que ia em seu coração, e que se achava exposta em seus olhos. Para ser sincera consigo mesma, apaixonou-se à primeira vista, no dia em que ele a flagrou nua em seus aposentos e recitou um poema de

Safo. Agora, achava-se dividida entre seus deveres e seu coração.

Sem ter como responder, e sem conseguir mentir, ela baixou os olhos, ocultando as emoções. Ele viu ali a chance que pediu a Deus para obrigá-la a lhe dar uma oportunidade.

Sem aviso, Einar puxou-a para mais perto, retendo-a em seus braços. Em silêncio, com uma das mãos, ergueu o rosto dela e notou uma lágrima que descia por sua face rosada. Secou-a com os lábios, provando seu gosto salgado e o doce sabor da pele morna de Anne. Encheu-a de pequenos beijos, espalhando-os por seu rosto, seus cabelos e suas têmporas. Suas mãos acariciavam as costas e desciam ao longo do tronco, memorizando suas curvas.

— Anne — ele falou, sua boca a milímetros de seus lábios — diga que não sente nada por mim, que não me quer tanto quanto eu a quero. Mande-me embora e nunca mais eu a importunarei. Eu juro.

Ela tentou. Deus, ela bem que tentou! Esforçou-se para que as palavras atravessassem o nó em sua garganta. Mentalmente expulsou-o de seu quarto e de sua vida um milhão de vezes. E aquilo pouco adiantou. Tomando seu silêncio como um armistício, Einar a beijou. E o chão deixou de existir.

Sedutor, ele a pressionou mais ainda contra si, moldando o corpo de curvas macias ao dele. Tomando coragem, Anne deslizou as mãos pelo corpo dele, sentindo a firmeza de seus músculos e o seu calor. Ao sentir o toque suave, Einar gemeu e aprofundou o beijo, fazendo-a amolecer. Sua língua brincou com a dela, provando seu sabor, visitando todos os recantos de sua boca.

Anne, por sua vez, emaranhou os dedos nos cabelos que eram uma mistura de ouro e mel. Sentiu os fios espessos e macios e o calor do couro cabeludo dele. Arrepiado, louco de desejo por sua bela Safo, ele insinuou uma das pernas entre suas coxas, deixando-a sentir o quanto a queria.

Reunindo o que lhe restava de autocontrole, ele interrompeu o beijo e as carícias e indagou.

— Quer que eu pare?

Sim...

— Não.

Pressionando-a contra o próprio corpo, Einar deslizou uma das mãos por seus cabelos, desfazendo as tranças. Soltou os fios sedosos, que desciam como uma cascata pelas costas de Anne. Parou de beijá-la apenas para admirar sua beleza. E encantou-a com um verso.

— *Oh, eu farei a tua formosura, o sacrifício dos meus pensamentos; todos eles, eu digo, e adorar-te-ei com tudo o quanto eu sinto.*

— Safo — sussurrou Anne de encontro a boca sedutora de Einar. Ele lhe respondeu com outra citação, mais sensual.

— *Que te seja familiar ainda Safo (que há de mais lascivo que ela?)*

— Moças de família não devem ler Ovídio — ela confessou entre suspiros enquanto ele passeava a língua pelo lóbulo de sua orelha.

— Então como sabe que é dele? — Provocou-a.

Anne atirou a cabeça para trás e riu com vontade, exibindo uma nova faceta, deliciosamente sensual.

— Disse que não devemos ler. Não que não lemos.

— Ah, minha doce Safo. Que segredos ainda esconde de mim?

Sem esperar que ela o respondesse, beijou-a de novo e conduziu-a até a cama, acomodando-a gentilmente sobre o colchão. Admirou-a com vagar, enquanto soltava os laços do vestido, expondo pouco a pouco a pele acetinada, clara como marfim.

A luz da lareira e da única vela que estava acesa no aposento dourava o corpo de Anne e fazia reflexos brincarem com seus longos cabelos. Lânguida, ela se entregava ao doce ritual de ser despida por Einar, que a devorava com os olhos. Uma a uma, as peças eram atiradas ao chão até que só lhe restou a camisa íntima.

Sem querer forçá-la, Einar sorriu e tirou a própria túnica, exibindo seu tronco nu à apreciação dos belos olhos castanhos.

— Eu a agrado, minha linda dama?

Anne fez que sim com a cabeça. Estendeu as mãos e tocou o peito nu onde pelos dourados espalhavam-se, convidando-a a emaranhar os dedos entre eles. Einar fechou os olhos ao sentir as mãos macias em sua pele. Por Deus! Ela ia levá-lo a loucura daquele jeito! Respirou fundo e encarou-a. E o que Anne leu naqueles olhos verdes, escurecidos de desejo, fez com que seu corpo todo se derretesse.

Um calor percorreu suas coxas, o ventre e os seios. Os mamilos intumesceram, marcando o tecido da camisa. Os olhos de Einar pousaram sobre eles e logo, num piscar de olhos, as mãos dele insinuaram-se pelo decote, procurando a pele arrepiada, fazendo-a gemer de surpresa e deleite.

Devagar, com toda delicadeza, ele a tocou, fazendo-a se arquear de encontro ao seu corpo, deixando-o sentir toda sua ansiedade. Inclinou-se sobre ela e beijou-a, para depois dizer.

— Imagino que seja a primeira vez para você.

Um pouco encabulada, ela deu uma risadinha.

— Fazer o quê, não é mesmo?

— Ah, minha bela dama! — Ele foi tirando a camisa, terminando de desnudá-la — há tanto o que fazer que mal sei por onde começar — a camisa voou longe e ele prosseguiu com sua lenta sedução — mas prometo ser delicado e paciente.

Juro que vou fazer você feliz, que vou lhe dar todas as deliciosas sensações que merece ter.

Sua boca, então, começou a brincar com a dela, provocando-a, tentando-a a retribuir. Tímida, a princípio, Anne foi se soltando, tocando-o ao longo das costas largas, dos ombros fortes, deslizando a língua por seu pescoço, arrancando gemidos de satisfação dos lábios de Einar.

Os beijos dele foram se tornando cada vez mais provocantes. Seus corpos, unidos, aqueciam-se cada vez mais. Afastando-se dela, Einar terminou de se despir, revelando toda sua beleza masculina.

Anne corou e baixou os olhos. E ele a amou ainda mais por aquela timidez natural, por aquela espontaneidade e aquele jeito sem artifícios. Deitou-se devagar na cama, seu corpo sobre o dela, deixando que ela se acostumasse com aquele contato, com seus contornos.

Logicamente, se pudesse, teria mergulhado de uma só vez naquele corpo maravilhoso, cheio de curvas, afogando-se num mar de delícias que com certeza Anne lhe ofereceria. Mas se assim o fizesse, não passaria de um bruto, um grosseirão. Por ela ser uma donzela, teria que ir com muita calma e delicadeza, proporcionando-lhe uma experiência doce e mágica. Sabia que assim o prazer seria maior para ambos. E por um prêmio como Anne, valeria a pena ser mais paciente do que Jó!

Com meiguice, ele se insinuou entre suas coxas, acariciando-lhe o ventre, fazendo-a suspirar. Ela pediu.

— Tenha cuidado comigo.

— Não tema, doce Safo — ele a beijou com carinho — serei o mais paciente dos amantes para fazê-la a mulher mais satisfeita do mundo.

Sorrindo, Anne abandonou os últimos receios, e entregou-se as carícias de Einar, que inebriavam tanto quanto o vinho mais doce. Gemeu baixinho quando os lábios dele procuraram os seios. Contorceu-se em meio a sensações novas e maravilhosas quando as mãos dele encontraram pontos em seu corpo que ela nem imaginava existir, fazendo-a sentir como se estivesse flutuando. Einar foi tão gentil e atencioso que quando a tomou ela mal sentiu o desconforto. Apenas teve a sensação maravilhosa dele dentro de si, ocupando seus espaços, preenchendo-a completamente.

Com lentidão torturante, ele mergulhou no corpo de sua bela Safo, sentindo-se pleno, feliz e completo. Por noites a fio, insone, ele imaginou como seria. E seus sonhos não chegavam nem perto da realidade. Já havia estado com algumas mulheres, apesar de não ser o conquistador que seu irmão Björn era, e de não ser tão viajado e experiente quanto Ragnar. Nenhuma delas, porém, chegava aos pés de Anne, em doçura, feminilidade e ardor.

Mesmo sendo inexperiente, ela correspondia com espontaneidade aos seus carinhos, acompanhando o ritmo daquela espiral de prazer. Num crescendo constante, ele levou a ambos ao clímax, murmurando o nome dela entre beijos apaixonados.

Entregue aos braços dele, satisfeita, ela momentaneamente deixou de ser a agente Scholz e foi apenas Anne Marie, a doce Safo de Einar.

Björn entrou no castelo por um dos portões laterais. Levou mais tempo do que previra para chegar a Svenhalla. Agora, pelos poucos archotes acesos no pátio, deduzia que haviam perdido a hora da ceia. Cutucou Terrwyn, que dormia em seus braços.

— Já chegamos? — Ela esfregou os olhos, sonolenta.

— Já, — ele saltou da montaria e pegou-a pela cintura — e você dormiu como uma pedra. — Sorriu. — Sequer viu quando encontrei Hrolf no caminho. Pelo menos agora ele dormirá mais sossegado, sabendo que você está a salvo. — Hrolf também lhe dissera que Radegund tinha caído no lago congelado, mas não entrou em detalhes sobre o assunto, já que tinha pressa em voltar a sua casa e ver como Saori estava. Björn não disse nada a Terrwyn; apenas tomou seu braço e completou enquanto caminhavam. — Vamos subir pelos fundos, assim causaremos menos alvoroço.

Calada, ela apenas o acompanhou. O capitão estranhou aquele silêncio. Ele parecia pesar entre eles, impondo uma barreira intransponível. O que teria acontecido com Terrwyn no trajeto da cabana até ali? Teria se arrependido do que fizeram? Estaria com raiva dele, achando que se aproveitara dela?

E não foi isso o que você fez, Björn?

Entrou pela porta que os criados usavam e conduziu-a pela mão. Terrwyn, confusa, cheia de dúvidas a respeito do que acontecera e também exausta, só queria chegar ao seu quarto, lavar-se e dormir. Rezou para que sua tutora já estivesse dormindo. Talvez, no dia seguinte, com a mente mais clara, ela pudesse conversar com Radegund e pedir sua opinião sobre o que tinha ocorrido. Apesar de conquistar o capitão ter sido seu objetivo desde que colocou os pés em Svenhalla, agora não sabia o que fazer, como agir. E se tudo não tivesse passado de alguns momentos de loucura? Estava pressionada por uma situação de perigo, sob enorme tensão. Agarrou-se a ele como quem se agarra à vida. Diabos! Ela se ofereceu à Björn! E ele, um homem sensual por natureza, aceitou o que ela lhe entregou.

— Terrwyn, — a voz de Björn a fez voltar a realidade — o que houve? Por que está tão calada?

Ela piscou e notou que eles haviam chegado ao corredor onde ficavam seus

aposentos. Apressou o passo, tentando se esquivar da obrigação de responder.

— Estou cansada, só isso.

Ele a fez parar e segurou seu braço, baixando a cabeça para poder olhá-la nos olhos.

— Está mentindo.

— Estou cansada.

— Está fugindo de uma conversa que precisamos ter, menina.

— Pare de me chamar assim, — ela esbravejou — depois de tudo o que aconteceu, ainda insiste nisso?

— Desculpe — Björn também alterou a voz, irritado. Ele não sabia por que Terrwyn estava tão aborrecida — é força do hábito.

— Danem-se seus hábitos! — Ela estava descontrolada, depois de tudo o que havia passado naquele dia. Sua cabeça girava. Descarregou aquela tensão em cima dele, a voz elevando-se acima do que seria recomendável em meio aos silenciosos corredores do castelo. — Na certa você dormiu comigo por força do hábito também!

Mark cochilava em sua cadeira, aquecido pelo fogo da lareira. Comera ali mesmo no quarto, esperando que Radegund acordasse. Foi despertado pelo som de vozes alteradas vindas do corredor, diante da porta dos aposentos que Radegund ocupava com Terrwyn.

— Mas que diabo, — levantou-se e caminhou apressado na direção da porta, enquanto as vozes subiam de volume — é a voz de Terrwyn.

Rapidamente abriu a porta, ainda a tempo de ouvir o final do que sua irmã dizia, em alto e bom som, na cara do irmão mais velho de Ragnar

— ... *you slept with me by force of habit!*

Mark decidiu que iria matar Björn Svenson.

CAPÍTULO 24

“AGORA DIZE-ME POR OBSÉQUIO,
POR QUAL DAS MINHAS MÁIS QUALIDADES
TU TE APAIXONASTE PRIMEIRO?”
Muito Barulho por Nada. Ato5, Cena 2. William Shakespeare

Espantados, Terrwyn e Björn encaravam Mark. A moça, branca como cera, adiantou-se e colocou as mãos nos ombros de seu furioso irmão.

— Acalme-se, Mark! Não é isso que está pensando... ou melhor, é — ela se atropelou com as palavras — mas não é. Por favor, tenha calma!

Ele olhou para o rosto de Terrwyn, avermelhado e queimado pelo frio. Segurou-a pelos ombros, como se tentasse se certificar de sua presença.

— Onde esteve? O que houve? — Ele ergueu os olhos e encarou Björn. Rosnou entredentes. — O que esse cão fez com você?

— Ei — berrou Björn, ofendendo-se — alto lá!

— Mark — ela pediu — pare e me ouça!

O cavaleiro mestiço tentou afastá-la de sua frente.

— Já ouvi o suficiente para saber que esse traidor se aproveitou de minha irmã!

— Não me aproveitei de ninguém! Terrwyn já é uma mulher e sabia muito bem o que estava fazendo. Eu não a forcei a nada!

Ao mesmo tempo em que Terrwyn ficava feliz ao ouvir seu capitão dizendo que ela era uma mulher, também estava apavorada com a reação de seu irmão. Oh, Deus! Onde estava Radegund quando precisava dela? Mark conseguiu se esquivar dela e avançou na direção de Björn.

— Você seduziu minha irmã, seu patife!

A fúria de Mark atingiu o capitão na forma de um potente soco, que o fez cambalear para trás.

— Parem! — Gritou Terrwyn, entrando no meio dos dois ao mesmo tempo em que Björn preparava-se para revidar.

— Saia da minha frente, Terrwyn! — Rosnou ele. — Tenho contas a ajustar com seu irmão que, de uma hora para outra, parece ter resolvido se preocupar com você!

— Sempre me preocupei com minha irmã!

— Nos últimos tempos só se preocupou em esvaziar uma garrafa atrás da outra!

— Parem, por favor — Terrwyn, entre os dois homens tentava, sem sucesso, impedir que a confusão piorasse.

Logo, as pessoas atraídas pelas vozes alteradas foram saindo para o corredor.

— O que é isso? — Indagou Leila, assustada.

— Björn, — indagou Ragnar — por que estão brigando, você e Bakkar?

— Fiquem fora disso — falou o capitão, esfregando o queixo onde Mark o tinha acertado — esse assunto é entre eu e ele. — E para espanto de todos, confessou enquanto encarava seu furioso oponente. — Dormi com sua irmã, sim. E ela é minha, vai ser minha mulher!

Mark se soltou de Gilchrist e Aswad e avançou na direção de Björn, falando por cima dos ombros de Terrwyn.

— Só por cima do meu cadáver!

— Saia da frente, Terrwyn! — Ordenou o capitão, tentando afastar a moça para o lado.

— Chega!

A voz de Radegund, ainda muito rouca devido à exposição ao frio, soou firme e carregada de dignidade. Estavam todos tão espantados, que ninguém conseguiu falar nada ou esboçar reação alguma. E enquanto ela ia andando com dificuldade, apoiando-se na parede, as pessoas se afastaram, abrindo espaço como as águas do Mar Vermelho sob o cajado de Moisés. Carrancuda, a ruiva cambaleou até bem perto de onde estavam Mark, Terrwyn e Björn. Neste momento, Ragnar saiu do estupor e aproximou-se dela, amparando-a antes que caísse. Falou com ternura para a amiga.

— Ruiva, está louca? — Segurou-a pelos ombros. — Mal se aguenta em pé!

Björn, pasmo, olhava para ela. Como estivera isolado na cabana aquele tempo todo, não imaginou que o acidente a que Hrolf se referiu pudesse ter sido tão grave. E Terrwyn, por sua vez, estava chocada ao ver sua tutora e amiga naquele estado. Pálida, com a pele queimada pelo frio e as mãos enfaixadas.

— Raden — Terrwyn correu para ela — o que...?

— Silêncio! — Ordenou a ruiva. — Todos vocês calem a boca e me escutem.

Ela se apoiou mais fortemente em Ragnar, se sentindo muito fraca. Fora despertada de um sono leve e agitado por toda aquela gritaria. E pelo que pode entender, tudo se devia ao fato de Terrwyn ter sucumbido aos encantos de Björn. Ou vice-versa. De qualquer forma, estava farta de tantas brigas, discussões e complicações. E além do mais, não deixaria aqueles dois turrões decidirem no braço o futuro de sua pupila como se ela não estivesse ali ou não tivesse vontade própria. Retomou a palavra.

— Vivemos uma situação em que não sabemos se amanhã estaremos vivos ou mortos. Aquela *coisa* matou Luc, matou Clarisse e seu bebê. Tentou acabar comigo e ameaça levar minha filha. É uma sombra sobre cada um de nós, uma lâmina sobre nossas cabeças. Gil e Ulla talvez precisem sacrificar suas próprias vidas para tentar detê-lo. E, no entanto, — ela fitou Mark e Björn com intensidade — vocês ficam brigando como dois cães raivosos disputando um

osso. Terrwyn foi irresponsável e inconsequente — a jovem baixou os olhos, envergonhada — mas é uma mulher, não uma menina como insistem em acreditar. Portanto, calem a boca e deixem-na falar! Deixem-na explicar o que houve e tomar suas próprias decisões. Sei que você, Mark — ela encarou o amigo — ama profundamente sua irmã. Mas as coisas que fez talvez levem tempo para serem suavizadas por este amor. Terão que conversar muito. E quanto ao senhor capitão, — Björn foi fulminado pelos olhos verdes — precisa aprender que uma mulher não é uma coisa para ser possuída, por mais que as leis assim o apregoem. Se deseja Terrwyn como sua mulher, tente fazer por merecê-la. Para levar uma mulher para a cama, não é preciso muito esforço. Mas para ser um marido e um companheiro, você precisa, antes de mais nada, ser um homem de verdade. — Ela respirou fundo, cansada, e pediu constrangida — Sven, acho que vou precisar de ajuda.

Sorrindo, Ragnar levantou-a do chão e a carregou para o quarto, sendo seguido por Leila e Trudy. Ulla, por sua vez, passou o braço sobre os ombros de Terrwyn.

— Venha comigo, querida. Precisa de um banho quente e também refazer suas forças com uma refeição. Deixe que os homens se entendam agora. Radegund os colocou em seus devidos lugares.

— E a mim também, não é? — Perguntou a jovem. — Fui mesmo uma irresponsável.

— Deixe isso para lá, — a irmã de Ragnar sorriu — vamos até a sauna? Lá você vai poder relaxar, se banhar e ficará como nova num piscar de olhos. Vamos?

Assentindo, a moça concordou.

Leila olhou de Radegund para seu marido.

— Ainda bem que estava lá — ela aceitou o abraço que ele lhe oferecia — se não a tivesse amparado, Radegund teria caído. Mal a colocou na cama e ela apagou de novo.

— A ruiva é dura como uma rocha, *liten* — ele disse, sorrindo — e ainda colocou os dois brigões em seus devidos lugares.

Aswad pediu licença e entrou no quarto, lançando um olhar à mulher acamada. Em seguida dirigiu-se ao casal e à sua esposa.

— Deixei O'Mulryan com Mahkim. O irlandês tem a cabeça mais fria do que a minha. Se fosse a minha irmã, acho que estaria pior do que ele.

— Não complique mais as coisas, Aswad — ralhcou Trudy — acho melhor nós voltarmos para junto de Lizzie e Gaetain.

— Eu já dei uma olhada nos dois — ele ofereceu a mão à Trudy — estão

dormindo como anjos.

— Ainda bem que não acordaram — comentou Leila — já basta termos que despistar Lizzie para que não veja sua mãe doente. Não é melhor ir conversar com Björn, querido? — Indagou a Ragnar.

Ele deu um beijo em Leila, despedindo-se.

— É o que farei. Vemo-nos depois.

Leila sorriu para seu marido e falou a Trudy e Aswad.

— Vão. Ficarei aqui enquanto Mark não volta.

Com um último olhar para Radegund, Trudy e o beduíno saíram dos aposentos deixando a ruiva na companhia de sua velha amiga.

O sino da igreja da vila já havia soado as primas, exortando os fiéis a oração matinal. O sol de inverno, porém, só se levantaria mais tarde. Tudo o que havia naquela hora da manhã era uma claridade tênue. Leila deixou o leito e sorriu ao pegar a camisola que seu marido, mais uma vez, atirou ao chão naquela noite.

Depois que toda a confusão foi contornada, e que Mark e Björn aceitaram esperar pela manhã para conversarem civilizadamente, junto com Terrwyn, todos tinham voltado às suas camas para um merecido descanso. Gilchrist e Aswad encarregaram-se dos turnos noturnos de vigilância. Ela só não viu Einar na noite anterior. Ele não havia comparecido sequer ao jantar. Aliás, Leila franziu o cenho enquanto se vestia, nem Anne. Alarmada, arregalou os olhos. Terminou de atar os laços do vestido apressadamente e saiu em disparada pelas portas de seus aposentos. No caminho, rezou para estar errada em suas conclusões.

Hrolf acordou sentindo o calor do corpo de Saori junto ao seu. Estendeu o braço e puxou-a mais para perto. Ela resmungou algo numa língua esquisita e continuou a dormir, aconchegada a ele. O rastreador sorriu. Apesar de sua natureza solitária, poderia até se acostumar com aquilo. Dormir e acordar ao lado de uma mulher, sentar-se à mesa e partilhar com ela uma refeição enquanto relatava o resultado de uma caçada. Ou tê-la ao seu lado enquanto rastreava uma presa.

Quando voltou à cabana na noite anterior, encontrou-a dormindo em sua cama. Ficou imaginando como ela conseguiu subir a escada estreita com a perna machucada. Porém, obstinada como Saori era, ela o teria feito mesmo que para isso tivesse que voar. Ele apenas se lavou e depois se deitou ao lado dela. Estava morto de cansado e ela também deveria estar exausta. E apesar do desejo que sentia por aquela bela e misteriosa forasteira, estranhamente só aquilo bastou. O aconchego noturno, o calor dela e o seu suave ressonar embalsamaram o sono do velho lobo solitário.

Com mais um sorriso satisfeito, Hrolf decidiu que ficaria na cama naquele dia, fazendo companhia a Saori até que ela despertasse, analisando aquelas novas e agradáveis sensações que o invadiam.

Leila se aproximava dos aposentos de Anne quando a porta se abriu e por ela saiu seu cunhado Einar. Distraído, ele ainda se voltou para trás e, da abertura entre as duas peças de madeira, um braço alvo enlaçou seu pescoço. A face de Anne surgiu ali e o casal trocou um beijo que, no mínimo, poderia ser chamado de quente.

— Podem me dizer o que significa isso? — Ela perguntou com voz suave, mas carregada de frieza.

Espantados, Einar e Anne se separaram. A moça, vermelha e encabulada, fechou a camisola sobre o peito, como se quisesse se proteger. Leila se aproximou e encarou o cunhado.

— Eu o avisei, Einar. Ordenei que ficasse longe de Anne.

— *Ordenou?* — Ele indagou com a voz baixa carregada de irritação. — E desde quando você me dá ordens?

— Desde que você se meteu até o pescoço em assuntos que não lhe diziam respeito. Sua inconsequência acaba de colocar a vida de todos nós em risco.

— Leila — gemeu Anne — Einar não teve culpa...

Leila encarou a jovem. Disse com pesar.

— Einar é mais experiente do que você, Anne. Devia ter se mantido afastado. — Ela olhou de novo para o rapaz. — E agora, Einar, o que Anne fará caso o Templo descubra que tem uma arma nas mãos, usando o sentimento dela por você contra nós?

Ele rebateu.

— E você, Leila? Não tem seu marido, seus filhos? O que fará se a Ordem os usar contra você?

— A Ordem só saberá *quem* eu sou se conseguir os arquivos — ela fitou a agente Scholz — no caso, Anne. Todos os nomes, todos os postos e as pessoas envolvidas neste grande esquema estão bem guardados na mente dela. Se de alguma forma a Ordem conseguir fazê-la falar, cairemos *todos*. É por isso que mantive sigilo da identidade dela. É por isso que nem Ragnar sabe o que está acontecendo!

— E há algo que eu deva saber, Leila?

Pálida, Leila encarou Ragnar parado a poucos metros deles no fim do corredor. Engolindo em seco, ela quase riu histérica ao viver, pela segunda vez em sua vida, a mesma situação. E que Deus tivesse piedade de sua alma, pois desta vez, nem Radegund estava ali para ajudar a conter a ira de seu marido.

Einar, Anne e Leila permaneciam estáticos fitando Ragnar. Ele por sua vez, só enxergava sua mulher e revivia uma situação semelhante. Foi em Tiro, há anos atrás, quando ela ocultou uma importante informação, levando-o a quase agredi-la, tamanhos eram sua raiva e seu desespero. Naquela noite, Radegund o impediu de cometer uma loucura.

Agora, mais maduro, talvez não chegasse a tanto. A mágoa, porém, cravou-se fundo em seu coração. Sabia que Leila estava escondendo algo. Ela andava tensa, arredia e da última vez em que tocou naquele assunto, ela não havia negado. Contudo, o que mais doía nesse instante era saber que ela dividiu aquilo com seu irmão e não com ele. O que Einar e aquela moça sabiam que ele, seu marido, não poderia saber? Que trama era aquela? Em que raio de confusão sua mulher havia se metido desta vez?

— Leila — ele começou em voz contida, parecendo, para surpresa de sua esposa, mais cansado do que enraivecido — vai me dizer o que está acontecendo?

— Eu... — ela olhou para Anne e depois para Einar, mas eles não tinham as respostas de que precisava. Pense, Leila, pense! — ...eu não posso. São assuntos da Sociedade.

Ele estreitou os olhos e Einar previu uma grande tempestade. Segurou a mão trêmula de Anne na sua. Ragnar falou, a voz agora carregada pela fúria mal contida.

— Assuntos da Sociedade?

— Sim — disse ela, erguendo o queixo.

— Minha cara esposa — ele começou, dando um passo na direção dela — aqui é a *minha* casa, este — ele apontou Einar — é *meu* irmão e você — ele a encarou — é a *minha* mulher. *Tudo* o que acontece neste pequeno universo me diz respeito. Portanto, seja o que for que esteja me escondendo, agora chega. Quero saber o que se passa debaixo de nosso teto. Agora.

— Ragnar... — começou Einar, tentando temporizar.

— Cale a boca, Einar. — Ele sequer olhou para o irmão. — Fale Leila.

— Não. — Ela cruzou os braços, como para se proteger. — Não pode me obrigar.

— Resposta errada, esposa.

Sem aviso, Ragnar avançou sobre ela. Leila tentou se esquivar, mas ele foi mais ligeiro. Jogou-a sobre os ombros e dando meia volta, carregou-a pelo corredor, insensível aos seus apelos para que a libertasse. Estarrecidos, Anne e Einar acompanhavam o desenrolar da cena sem poderem fazer nada.

Mark fitava as pontas das próprias botas e o contraste do couro marrom com o tapete claro. Seus pensamentos estavam perdidos numa confusão absoluta. A revelação de que Terrwyn dormira com o irmão de Ragnar, e a posterior conversa que ele teve com Björn, só haviam servido para lançá-lo num mar de culpa e arrependimento.

O capitão lhe disse que tinha intenções honradas a respeito de sua irmã. Havia se desculpado por não ter se contido e também por ter discutido com Terrwyn. Mas o alfinetou, dizendo que, se não fosse por seu comportamento em relação à jovem naqueles últimos tempos, ela talvez não tivesse se metido em tanta confusão. Ele se curvou aos argumentos de Björn, ciente de que havia sido um péssimo irmão para Terrwyn desde que Clarisse havia morrido, assim como também foi um péssimo pai para Gaetain. O saldo daquilo tudo era o que via agora. Radegund gravemente ferida, Gaetain afastado dele e Terrwyn...

O som da porta se abrindo interrompeu seus pensamentos. Ouviu-a se fechar suavemente e, antes que erguesse o rosto para ver quem entrava, a barra de uma saia de lã verde-clara entrou em seu campo de visão. Sob o tecido, apareceram as pontas de delicadas sapatilhas forradas. Ele levantou os olhos devagar e Terrwyn invadiu seu campo de visão.

Sua irmãzinha, sua menina, era uma adorável mulher. E ele, egoísta, só agora se dava conta deste fato. Por Deus, ela estava com quase dezenove anos e ele queria que ela ficasse com quinze para sempre! Observou-a devagar, como se a visse pela primeira vez. Lembrou dela em Gales, vestida como um moleque, com o rostinho meigo sujo de terra e fuligem. Recordou-se do momento em que a salvou de ser violentada pelo senhor das terras vizinhas a Draig Fawr. Reviu Terrwyn chegando a Delacroix, assustada, temendo não ser bem recebida e depois, extasiada ao ser abraçada por Radegund. Demorou os olhos em sua figura delicada e cativante.

Aquele vestido foi um presente seu. Lembrava-se com perfeição de quando viu aquele corte de delicada lã *pashmina*⁴⁸, que vinha de além de Samarcande a peso de ouro. Imediatamente o comprou para Terrwyn e pediu a Clarisse que mandasse fazer aquele vestido. Era meigo e delicado como sua irmã, combinava tanto com seus olhos quanto com seus cabelos castanhos.

Seu olhar encontrou o de Terrwyn. Insegura, ela parou a um passo dele. Mark se levantou da cadeira onde passou a noite velando o sono de Radegund. Ele também hesitava. Engoliu o nó que se formou em sua garganta e disse em voz abafada.

— Perdoe-me, Terrwyn.

Os olhos dela se tornaram mais luminosos. O lábio inferior tremeu. Ela fez menção de dizer algo, mas parou antes de emitir qualquer som. Devagar, abriu os

braços delicados e acolheu entre eles seu irmão.

Terrwyn afagou os cabelos negros de Mark, aconchegando-o junto a si como se ele fosse um menino. Muito crescido, era verdade, mas ainda assim um menino. Sentiu naquele abraço e naquele pedido de perdão todo o arrependimento dele pelas duras palavras que lhe dirigira. E seu coração generoso o acolheu sem reservas, envolvendo-o com seu amor e seu carinho.

No fundo, ela o compreendia. Muito mais do que ele imaginava. Tão carente de afeto quanto Mark, Terrwyn sabia o que a perda de Clarisse e da filhinha haviam significado para ele. Foi a perda de um sonho que ele acalentou por toda a vida, assim como ela. O sonho de ter um lar, uma família, de construir algo e ter o que realmente pudesse chamar de seu. Não havia mais como sentir raiva de Mark. E a mágoa... Terrwyn fechou os olhos e deixou que o vento a soprasse para longe.

Ragnar atravessou os corredores e entrou nos aposentos principais. Chutou a porta, fechando-a e passando a chave. Em seguida, cruzou os aposentos e atirou Leila sobre a grande cama do casal, fazendo-a cair sentada com um grito assustado.

— Ragnar!

— Vou lhe dar uma última chance, Leila, de me dizer o que está havendo aqui! — Esbravejou ele.

Leila estremeceu, mas o dever falou mais alto. Implorou, num fio de voz.

— Não me peça...

— Não estou pedindo! Estou ordenando que me diga o que esconde, mulher!

— Você... — ela estava pasma. Ele nunca havia usado daquele tom com ela. Enfureceu-se — está me ordenando? E quem pensa que sou? Um de seus soldados?

Ele deu uma risada, irônico.

— Ha! Se fosse um de meus soldados, na certa não me desobedeceria! Mas é minha mulher e ao menos *lealdade* você deve a mim!

— De que me acusa? — Ela se indignou.

— De mentir, Leila — ele caminhou na direção da cama, olhando-a fixamente — e eu lhe digo que não vou tolerar mais isso — ele levou as mãos ao cinturão sobre a túnica — e vou fazer algo que já devia ter feito assim que desconfiei que você me escondia algo.

— O quê...? — Ela engasgou quando o viu desafivelar o cinto de couro. Recuou de costas, ainda sentada na cama. Não era possível que Ragnar, o seu Ragnar fosse capaz de agredi-la. — Fique onde está!

Ele terminou de soltar o cinto e ficou segurando-o com uma das mãos, a fivela

arrastando no chão.

— Juro Leila, que quando terminar com você, não vai conseguir nem andar direito.

Apavorada, ela olhava Ragnar avançar em sua direção. Deus! Ele não seria capaz... ou seria? Teria ela o provocado além da conta? Lembrou-se de outra ocasião, em Tiro, quando enlouquecido, recém-chegado do campo, ele descobriu que ela mentia. Ainda podia vê-lo coberto de sangue, pó e fuligem, com o braço erguido, prestes a estapeá-la. E agora...

— Por favor... — ela se odiou por sua voz sair trêmula — não quer fazer isso, Ragnar.

Ele sorriu, diabólico.

— Ah, eu quero. Dessa vez, eu quero muito fazer isso.

— Perdoe-me, Ragnar.

Ele parou e por um momento, ela teve esperanças. Então, seu marido a encarou, os olhos gelados dardejando fúria.

— Sem perdão, esposa.

Leila encolheu-se quando ele ergueu o braço que segurava a longa faixa de couro. Preparou-se para o primeiro golpe, encolhendo-se e fechando os olhos. Então, foi puxada pelos tornozelos e, sem aviso, beijada com toda a fúria de seu marido.

Ainda tensa, demorou a registrar o que estava acontecendo, demorou a perceber que, ao invés de espancá-la, Ragnar preferira usar de outra tática, na qual era um mestre. Ele a subjugaria ali, na cama, onde ela seria incapaz de resistir, onde venderia até a alma ao próprio diabo sob o efeito daquelas mãos e daqueles beijos.

Suas roupas foram arrancadas e atiradas longe. As dele pareciam ter se evaporado. O contato dos músculos rígidos e retesados com sua pele fizeram-na chegar a um estado de excitação insuportável. Quando ele afastou um pouco a boca da sua, ela tentou respirar e, em seguida, ousou falar.

— Pensei que você ia...

As mãos dele seguraram seus punhos acima da cabeça, imobilizando-a. Com um sorriso cínico, ele respondeu.

— Não pense mais, mulher. De tanto pensar, você se meteu na encrenca em que está agora. E não vai ser fácil sair dela. — Ele prensou o corpo contra o dela, deixando-a sentir a extensão de seu desejo, enlouquecendo-a. — O que esconde de mim, Leila?

Os olhos cor de mel apertaram-se e faiscaram com raiva.

— Não pense que vai me fazer falar assim, Ragnar! — Ela se debateu, tentando soltar as mãos. — Isso é um golpe baixo e sujo! É pior do que se me

agredisse!

— Ah, pois eu acho muito melhor — ele segurou seus punhos com apenas uma das mãos. A outra, atrevida, desceu sem presa ao longo do corpo nu da esposa, deslizando por seu tronco, arrepiando sua pele, enrijecendo seus mamilos, fazendo-a sentir-se lânguida e molhada. — É mais divertido e prazeroso.

Leila contorceu-se de novo, tentando soltar-se dele. Inútil. Daquele tamanho todo e com uma força enorme, Ragnar não precisava se esforçar muito para segurá-la. Estava à mercê de seu marido.

— Vai me contar, Leila? — Ele indagou com voz macia, enquanto a mão que devassava seu corpo subia por suas pernas.

— Por favor... — ela gemeu — eu não posso!

— A resposta não me satisfaz, esposa.

A mão insinuou-se entre as coxas apertadas, que foram separadas sem muito esforço por ele. Olhou-a bem dentro dos olhos e deslizou um dedo para dentro dela, vendo-a arregalar os olhos. E antes que um grito escapasse de seus lábios, abafou-o com um beijo. Habilmente, movia o dedo no interior dela, sentindo-a apertá-lo, presa de um enorme prazer. Levou-a à beira do abismo, apenas para recuar no último minuto. Deixou-a soluçante e deu-lhe outra chance.

— Diga-me, pequena, o que esconde de mim? Ou eu não pararei até que um de nós caia desacordado no chão.

Ela arquejou, ainda o sentindo imóvel dentro dela.

— Por favor... pare.

— Não.

A mão ousada tentou-a novamente, sacudiu-a como a um terremoto, em espasmos enlouquecedores que percorriam seu corpo, roubando sua razão. E quando estava quase no auge, ele lhe tirou de novo o direito a satisfação. Suado com o esforço que fazia para não sucumbir ao desejo a que submetia a ambos, ele grunhiu.

— Fale de uma vez mulher, ou vamos morrer nós dois aqui desse jeito.

— Sua segurança... — ela soluçou enquanto ele beliscava os mamilos e depois os lambia devagar — tenho que proteger você.

Ragnar ergueu a cabeça e, depois de um instante de espantado silêncio, gargalhou.

— Você? Proteger a mim? Está maluca?

— Não zombe de mim — ela conseguiu soltar uma das mãos e empurrou-o, inutilmente — seu tolo!

Ragnar, vendo que ela falava sério, que acreditava realmente no que dizia, acomodou-se entre suas pernas e soltou o outro braço, segurando o rosto dela

com ternura.

— Por que quer me proteger, pequenina? De quê? — Sua língua percorreu o lóbulo de sua orelha, fazendo-a gemer baixinho.

— Do Templo.

— Deixe que venham — mordiscou-lhe o lábio inferior — ponho todos eles para correr. — Ergueu os olhos e mergulhou na íris cor de mel — devia confiar em mim, *liten*.

— Eu...

Leila não completou a frase. Ragnar, de uma só vez, afundava-se em seu corpo, tomando-a de assalto, roubando sua fala. Impulsionando-se dentro dela, ele foi o mais fundo que podia e parou. Tentando se controlar, ele falou.

— Preste atenção, mulher, no que eu lhe digo. — Ele deu outro impulso, firme, para que ela o sentisse, para que se rendesse. — Primeiro, nunca mais me esconda nada. Se alguém tem o dever de proteger aqui, esse alguém sou eu. — Ele deu outro impulso dentro dela. — Segundo. Eu nunca, jamais, bateria em você. Jurei há anos atrás que jamais ergueria minha mão contra você, Leila — outra investida e ela gemeu — nunca duvide de minha palavra.

— Você me fez pensar...

— Sua consciência a fez pensar assim. Não eu. Agora — ele emaranhou os dedos longos em seus cabelos — fique quieta e me beije. Deixe-me lhe dar a lição que você merece, sua teimosa.

Com a cabeça girando e o corpo trêmulo, Leila abriu os lábios para receber a língua de seu marido, aceitando sua invasão, capitulando ante a sua magia. Dentro dela, Ragnar encontrou um mundo de êxtase. Alucinado, embriagado pelo cheiro, pelo sabor e pela textura de sua mulher, ele comemorou a vitória naquela pequena guerra sabendo, já de antemão, que sua pequena e esperta esposa ainda lhe daria muito trabalho ao longo de sua vida. E aquilo seria muito, muito bom...

CAPÍTULO 25

"O AMOR ESFRIA, A AMIZADE SE DISSOLVE, OS IRMÃOS SE DIVIDEM;
NAS CIDADES, REBELIÕES; NOS CAMPOS, DISCÓRDIAS;
NOS PALÁCIOS, TRAÇÃO."
Rei Lear. Ato 1, cena 2. William Shakespeare

— Fico feliz em vê-los assim.

A voz de Radegund, ainda rouca, fez com que os dois irmãos olhassem ao mesmo tempo para ela, entre espantados e felizes. A ruiva sorriu, apesar de seu corpo todo doer. Ver Terrwyn e Mark juntos depois daqueles meses infernais e depois de tudo o que havia passado era uma verdadeira bênção. Observando-os atentamente, um ao lado do outro, ela pode notar o quanto eram parecidos. O nariz bem feito, os cabelos castanhos e espessos, os olhos castanhos da cor de avelãs profundos e rodeados por cílios longos. Os de Mark eram apenas um pouco mais amendoados do que os de Terrwyn. Mas ambos possuíam a mesma expressão franca e cativante.

— Bom dia, dorminhoca! — Falou ele suavemente enquanto caminhava junto com a irmã para mais perto da cama.

Terrwyn se aproximou e sentou-se na beirada do colchão. Tomou as mãos feridas da ruiva entre as suas. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Perdoe-me, Raden. Por minha causa você sofreu esse acidente.

Sua tutora apertou suavemente suas mãos entre as dela e sorriu. Em seguida, porém, fitou Mark e seu olhar endureceu. Ele praticamente adivinhou o que ela iria dizer.

— Não foi um acidente. — Terrwyn olhou de um para outro. Mark se sentou junto dela e envolveu as mãos de ambas nas suas.

— Já imaginava. Você nunca foi descuidada. Quer falar sobre o assunto?

Ela assentiu com a cabeça e, apoiada pelo calor daquelas mãos, relatou o ataque que sofreu. Apavorada, Terrwyn procurou o aconchego do irmão. Ele, por sua vez, balançava a cabeça, incrédulo.

— Nunca vi tamanha perversão, nunca presenciei tanta maldade numa só criatura.

— Nem eu — ela afirmou, cansada — mas vamos deixar isso de lado. O que importa é que estou viva — olhou para Mark, expressando toda sua gratidão — se não fosse por você...

Sério, ele retrucou.

— Devo-lhe muito mais do que isso — após uma longa troca de olhares, indagou — como se sente?

— Como se tivesse sido pisoteada por um regimento inteiro.

— Sente dor, Raden? — Perguntou Terrwyn preocupada, ao que a ruiva fez

uma careta engraçada.

— Só quando eu respiro.

Os irmãos riram e, quando Mark ia retribuir o gracejo, ouviu-se uma suave batida na porta do quarto, que logo se abriu. Por ela entrou Gaetain, que ficou bastante surpreso por ver Mark ali. O menino cruzou o aposento e se aproximou de Radegund pelo outro lado do leito. Não passou despercebido à Mark a forma como seu filho o evitou. Suspirou pesadamente e Radegund apertou suavemente a mão na sua.

— Olá, Raden — disse o garoto, beijando-a delicadamente na fronte — vim ver como estava.

— Obrigada, querido — ela soltou a mão de Mark e acariciou a face de Gaetain — estou melhor. E você, como está?

— Preocupado — ele deu de ombros — e morrendo de tédio. Não há muito o que fazer no inverno, tendo que ficar confinado dentro de casa.

— Por que não joga xadrez? Você gosta tanto...

Ele lançou um olhar de esguelha para Mark e, em seguida, voltou a fitar a ruiva.

— Não há um parceiro disponível. O que acha de jogar comigo enquanto está de cama?

— Boa ideia, Gaetain! Por que não vai buscar o tabuleiro? Aliás, que tal Terrwyn ajudar você?

— Eu?

Radegund revirou os olhos e olhou para sua pupila. Será que ela não percebia que queria falar com Mark longe do menino?

— Ah, sim, claro. — Terrwyn se levantou, deu um beijo na ruiva e pegou Gaetain pela mão. — Vamos, rapaz. Vamos providenciar esse jogo. Aposto que Raden vai tirar seu couro!

— Eu duvido — gracejou o menino animado, passando junto com Terrwyn pelas portas do aposento. Quando elas se fecharam, Radegund suspirou e olhou nos olhos de seu amigo.

— Tenha paciência, Mark. Já o conquistou uma vez, lembra? Dê-lhe tempo, converse honestamente com ele. Gaetain é muito sensível.

— Eu sei, garota — ele acariciou as mãos enfaixadas — é por isso que a mágoa é muito maior. — Seus olhos expressaram um profundo arrependimento. — Eu o rejeitei. Magoei demais meu filho. Assim como a outras pessoas também.

Ela não respondeu. Baixou os olhos e um longo silêncio se fez entre os dois. Várias emoções cruzaram o rosto de Radegund, mas ela não disse nada. Desconfortável, ele deu alguns tapinhas em sua mão e depois ajeitou os

travesseiros.

— Bem, descanse. Se ficar falando muito, vai ficar mais rouca do que um corvo. E nada de se levantar sozinha, ouviu bem? — Ele arrumou os cobertores sobre ela. — Vou me lavar, comer algo e depois volto. Terrwyn e Gaetain lhe farão companhia.

— Está certo... — ela falou, parecendo tão obediente e cordata, que ele até ficou com medo. — Mark — chamou-o quando já se afastava.

Num segundo ele estava sentado ao seu lado de novo, atencioso.

— Diga, garota. O que quer?

Ela pareceu hesitar e não o encarou.

— Sobre aquela noite...

Ele respirou fundo. Estava demorando... sabia de qual noite ela falava. A noite em que brigaram. Em que ele, bêbado, quase a violentou.

— O que tem?

— Eu queria lhe dizer... — ela fez uma pausa e o encarou, séria. Mark prendeu a respiração e esperou. Talvez houvesse chegado o momento em que Radegund lhe diria que não queria mais vê-lo nem pintado de ouro. E pensar naquilo doeu muito mais do que ele poderia imaginar.

— Diga logo, está me deixando aflito.

— Eu queria dizer — repetiu, olhando nos olhos dele — que você ainda ronca.

Por alguns segundos ele ficou parado, pasmo. Depois, quando o esforço que ela fazia para segurar o riso começou a se tornar inútil, ele praguejou e se levantou da beirada da cama, andando até a porta e depois se voltando para ela.

— Radegund, você é... — Esfregou o rosto — você é uma peste!

A gargalhada rouca foi ouvida até mesmo do corredor, e acabou por contagiá-lo. Agora sim poderia dizer que ela iria sobreviver.

— Bem-vinda ao mundo vivos, Radegund — ele murmurou para si mesmo, enquanto descia para dizer aos outros que ela estava fora de perigo.

Lizzie deu uma gostosa risada quando Aswad tirou uma pequena moeda de trás de sua orelha.

— Mais! — A menina bateu palmas, exigindo outro truque.

O beduíno bagunçou os cabelos ruivos e pediu uma trégua.

— Basta, leoa-zinha! Já gastei todo o meu repertório! — Lizzie fez beicinho e fitou-o com os olhos azuis suplicantes. Aswad suspirou e chamou-a para perto, sentando-a em seus joelhos. — Está bem, pequenininha. Parece aquela sua mãe quando empaca com alguma coisa!

Trudy ergueu os olhos do bordado e observou o marido. Ele era tão carinhoso

com Lizzie! E pensar que a mãe da menina e ele viviam às turras. Quem diria que Aswad fosse se tornar um dos mais dedicados protetores da filha de Radegund! Ele parecia gostar muito de crianças, pois também dava muita atenção a Gaetain. Suspirando, ela pensou no quão pouco sabia sobre o homem com quem se casou. Em meio a tantos desencontros e confusões, o que lhes restava de concreto era o relacionamento íntimo. Na cama, Aswad e ela se entendiam muito bem. Não havia uma parte de seu corpo que ele ainda não houvesse tocado e venerado com as mãos, os lábios, a língua e com o próprio corpo. E mesmo sendo ele um homem de poucas palavras, arredio até quando se tratava de sentimentos, Trudy sentia-se completamente arrebatada por ele.

Apesar de tudo, não foi capaz de não se apaixonar por aquele homem do deserto. O que a entristecia, no entanto, era o fato de Aswad, apesar de seu cuidado e de seus carinhos, jamais ter falado de amor. Isso a incomodava e a fazia ficar cheia de dúvidas. O que significava de verdade para ele? Será que, quando tudo aquilo acabasse e ele voltasse para sua gente, ela iria com ele? Ou seria deixada para trás? Por várias vezes quis perguntar a respeito, mas acabava sempre perdendo a coragem.

Dando mais um ponto no bordado, ela tomou uma decisão. Naquela noite, antes que Aswad a arrastasse novamente para aquele torvelinho de paixão, falaria com ele. Pediria ao marido que tomasse uma decisão em relação ao futuro de ambos. Não podia ficar mergulhada em dúvidas eternamente. Precisava saber se Aswad a amava.

Terrwyn descia as escadas com Gaetain quando notou Björn vindo em sentido contrário. Sem perceber o que fazia, apertou a mão de Gaetain na sua. Desde a discussão que tiveram, ela não falou de novo com ele. Agora, cheia de dúvidas, encarava-o em silêncio.

— Precisamos conversar — ele foi direto ao ponto.

— Sim — ela balbuciou, agarrando-se a Gaetain como se quisesse se proteger. O capitão não recuou.

— Agora.

— Eu vou jogar com Radegund e Gaetain.

O menino, no entanto, sem notar o estado de confusão da moça, acabou atirando-a aos leões.

— Pode ir Terrwyn. Eu pego o tabuleiro e jogo com ela.

— Eu... — ela ainda tentou reter a mão de Gaetain na sua, mas o garoto disparou pelas escadas. Björn aproveitou para tomar seu braço e conduzi-la novamente para cima. Ela estava tão perturbada que não resistiu. Apenas perguntou. — Aonde vamos?

— À torre. Lá é sossegado. — Ele a encarou e notou seu receio. — Por Deus, menina! Não vou mordê-la! Só quero conversar.

Terrwyn estacou.

— Fez de novo.

— O quê?

— Chamou-me de menina, — soltou-se dele e deu alguns passos adiante, cabisbaixa — mesmo depois de tudo, não consegue se livrar daquilo que pensa que sabe sobre mim. Minha idade o incomoda, apesar do desejo que sentimos um pelo outro.

Em silêncio, ele franziu o cenho e a segurou pelo braço. Bruscamente começou a andar, subindo as escadas para a torre, ignorando seus protestos. Parou apenas quando entraram numa das salas, mobiliada com poltronas, uma mesa baixa, uma estante com livros e mapas, guarnecida por uma lareira. Terrwyn deduziu que ali era o refúgio particular dele.

Björn bateu a porta atrás deles e soltou-a. Ela deu um passo cambaleante para frente, procurando recuperar o equilíbrio. Ia abrir a boca para falar, mas ele não lhe deu chance.

— Diz que o que sente por mim é *desejo*?

— Eu... sim, eu o desejo. Acaso é crime?

Ele parou bem diante dela, bufando.

— Tem noção do quão leviano isto soa, menina?

Terrwyn quase gargalhou.

— Não me venha *você* falar em leviandade, capitão Svenson!

— O que está insinuando?

— Não estou insinuando, estou dizendo com todas as letras que você é o homem mais leviano que já pisou a face da terra! Que até aquela outra noite, pouco se importava com quem levava para sua cama. Tanto que me confundi com uma de suas raparigas! Quem é você para me falar em leviandade? — Ela cutucou o peito dele com o dedo em riste e esbravejou. — E pela última vez: eu não sou uma menina, sou uma mulher! Com minha idade, Leila estava casada e comandando seus negócios. Radegund lutava contra os sarracenos na Terra Santa. E bem antes de fazer quinze anos eu era praticamente responsável por minha casa e minha mãe doente! Você sim, Björn Svenson, apesar de sua idade, se comporta como um moleque irresponsável e falastrão!

Chocado, Björn não conseguia argumentar. Apenas fitava Terrwyn estarrecido, como se a visse pela primeira vez. Aquela pequena turrone à sua frente tinha crescido e se tornado uma mulher. Enxergou além do corpo e do rosto bonitos. Viu toda a determinação e coragem da jovem que o cativou e que o fez sucumbir à tentação. Também enxergou toda a ternura, a maturidade e a

sensibilidade de Terrwyn. Lembrou-se das palavras de Radegund na noite anterior. *Ser um homem de verdade.*

Será que ele era? Apesar de ser muito responsável com relação ao seu navio e às suas obrigações, ele era um rato no que dizia respeito às mulheres. Usara-as por toda a sua vida, não se importando se feria seus sentimentos ou não. Talvez até tivesse deixado algum bastardo pelo caminho. Diabos! Até mesmo arrastar a asa para a baronesa ele arrastou, apenas para tentar colocar a intrigante ruiva em sua lista de conquistas! Agora, diante dos sentimentos que o assaltavam, via-se tomado de angústia e insegurança. A única certeza que possuía no momento era a de que queria Terrwyn para si. Não falou da boca para fora quando lhe disse que seria seu primeiro e único homem. Já havia até mesmo conversado com o irmão dela a respeito. Bakkar, porém, lhe dissera que a última palavra seria de Terrwyn. Com humildade, ele reconheceu.

— Tem toda razão Terrwyn — ela se espantou com a suavidade dele e Björn prosseguiu — fui leviano e egoísta ao longo de toda minha vida. Até mesmo largar Svenhalla e suas responsabilidades sobre os ombros de Ragnar, eu larguei. Seria minha obrigação tomar conta de tudo, mas eu sempre quis ganhar o mundo e a imensidão dos oceanos. Quem tinha o direito a essa liberdade era meu irmão. — Ele acariciou seu rosto ternamente. — Até aquela noite eu tinha certeza de tudo o que eu queria em minha vida. Mas então, você invadiu minha vida como um furacão. Parece-se com uma daquelas tormentas que pegam os marujos de surpresa, que arrancam as velas, arrebentam os mastros e deixam os barcos à deriva, sem saber que rumo tomar. É assim que eu estou Terrwyn. Perdido. A única coisa que me norteia, que me orienta, é o desejo de não a deixar escapar de mim. Seja minha mulher, Terrwyn ferch Anwyn.

— Não pode estar falando sério!

— Estou.

Einar, incrédulo, fitava Anne parada no centro da biblioteca.

Depois da cena na porta dos aposentos da moça pela manhã, eles haviam se despedido, combinando de se encontrarem mais tarde para voltar ao trabalho de tentar decifrar o código em suas costas. Anne lhe parecera um pouco arredia, então. Ele atribuiu aquele detalhe ao fato de Leila os ter flagrado numa situação embaraçosa e ter lhes chamado a atenção. Jamais poderia imaginar que, depois de ter se entregado a ele na noite anterior, Anne Marie fosse dispensá-lo como a um trapo usado. Será que havia se enganado a seu respeito?

Avançou na direção dela e colocou as mãos em seus ombros, tentando fazer com que dissesse aquilo olhando em seus olhos.

— Repita se for capaz, Anne.

Ela reuniu toda sua coragem, todas as suas forças. Anos de conversas com seu pai, de treinamento de suas *habilidades especiais*. Roubar, mentir, dissimular, disfarçar, fingir. Tudo em nome de sua sobrevivência e da Sociedade. E que Deus a ajudasse, aquilo teria que ser suficiente para afastar Einar dela. Senão, conforme Leila disse, o que seria dela se ele fosse usado para chantageá-la? Seria cruel agora, mas garantiria sua segurança e a dele.

— Disse que não o quero, Einar Svenson. Uma noite foi suficiente. Foi bom enquanto durou.

Ele largou seus ombros bruscamente, como se o contato com sua pele o queimasse.

— Anne! Não posso acreditar que está dizendo isso, que está agindo como se tudo o que aconteceu não significasse nada para você!

Ah, se ele soubesse...

— Significou, Einar — ela apertou os punhos sob as mangas do vestido — foi uma noite agradável. Você é um amante maravilhoso e eu fico grata por ter feito minha primeira vez ser tão prazerosa. Eu sempre quis saber como seria, mas nunca me senti segura para tentar. Sua amizade me deu essa segurança. Obrigada. Será uma recordação muito doce. — E isso, ao menos, não era mentira.

Einar sentia-se arrasado, estarecido. Um amante maravilhoso? Ela estava *grata*?

— Vá para o diabo, Anne! — Ele socou a mesa com tanta força que vários objetos tremeram e caíram no chão. — Não quero sua maldita amizade! Não quero ser uma lembrança doce! Quero você como minha mulher! — Ele mudou o tom e procurou os olhos dela com os seus. — É por causa da Sociedade, não é? Por causa do que Leila disse?

— Não — ela disse, tentando soar convicta.

— Mentira! Por que mente, Anne? Entregou-se a mim. Pensei que fosse algo sério, que quisesse um compromisso.

Anne esforçou-se para dizer as próximas palavras, fazendo o possível para magoá-lo, para afastá-lo de si propositalmente.

— Ora, Einar! Achou mesmo que podendo ser livre e viajar por todo o mundo, eu iria querer um compromisso com um homem que mora num fim de mundo gelado como este? Venho de uma cidade grande, um lugar onde o mundo aporta. Através da Sociedade tenho acesso a vários reinos e conhecimentos diversos. E depois de anos de reclusão na oficina de meu pai, posso agora gozar de uma liberdade que jamais tive.

— Chama de liberdade o fato de viver fugindo, de viver com medo?

— Isso ajuda a não criar raízes, Einar. E se quer saber — ela o encarou,

atirando sobre ele as palavras como setas envenenadas — meu único compromisso é com a Sociedade. Não quero compromisso com mais ninguém. E se eu soubesse que você ia se comportar como uma virgem ofendida no dia seguinte, eu jamais teria dormido com você!

Naquele momento ele teve que se conter para não a esbofetear. Pois era essa a vontade que queimava em seu peito. Feri-la, magoá-la, desprezá-la da mesma forma como Anne fazia com ele neste exato instante. Ao invés disso, ensaiou uma debochada reverência diante dela e afirmou.

— Já que é assim, senhorita Scholz, façamos a sua vontade, — os olhos verdes estavam tão frios quanto o clima lá fora — não a importunarei mais com os meus arroubos de *virgem ofendida*.

Anne manteve a respiração em suspenso enquanto ele a encarava desfiando-a, tentando-a a desmentir tudo, a voltar atrás. Como ela não o fez, Einar chutou uma cadeira longe e saiu pelas portas da biblioteca, batendo-as atrás de si.

Estática, ela permaneceu olhando para a madeira escura, até que as lágrimas contidas não lhe permitissem enxergar mais nada. Tremendo, murmurou para si mesma.

— A necessidade do grupo acima das necessidades pessoais. Essa é a primeira regra da Sociedade.

Entretanto, isso não a confortou.

Ragnar e Björn encaravam perplexos o irmão mais novo. Ulla, que entrava naquele momento nos aposentos principais de Svenhalla, onde foi chamada por Leila, levou a mão à boca, chocada. Gilchrist a amparou. Ela, no entanto, se afastou do marido e avançou na direção de Einar, o irmão que sempre foi seu companheiro de folguedos por ser o mais próximo dela em idade.

— Como assim vai embora? — Ela segurou as dele mãos nas suas. — Não é o momento! Precisamos estar juntos!

— Já decidi, Ulla — ele acariciou a face da irmã e fitou Leila com amargura — não tenho a menor condição de permanecer em Svenhalla.

— Mas que diabo! Por que, Einar? — Perguntou Ragnar, desconfiado de que aquilo tinha a ver com os acontecimentos daquela manhã.

— Irmão, eu não quero falar sobre o assunto — ele se afastou dos irmãos e completou — só chamei vocês até aqui porque não queria viajar sem me despedir.

— E para onde vai no meio dessa neve toda, cunhado? — Indagou Gilchrist passando o braço sobre os ombros de Ulla.

— Vou para Nidaros, O'Mulryan. Nossa mãe está lá e meus sobrinhos também. Ficarei lá com eles, por enquanto.

— Einar... — começou Leila, mas o olhar dele fez com que ela se calasse.

— Não diga nada, senhora. É melhor assim. — Com um leve assentimento, pegou o alforje ao lado da porta e o grosso manto que ficara sobre uma cadeira. — Adeus.

Minutos depois, da janela de seus aposentos, Anne assistia Einar cruzar o pátio montado em seu ruão. E apesar de saber que havia feito a coisa certa, ela não conseguia se sentir satisfeita com isso.

Terrwyn estava pensativa. Apesar do frio, sentou-se no alto das ameias, como sempre fazia em D’Azûr e em Delacroix, observando a paisagem, perdida em pensamentos. A proposta de Björn e tudo o que ele lhe disse martelavam sem parar em sua cabeça. Estava cheia de dúvidas. Tinha receio de ceder ao pedido dele e, em pouco tempo, vê-lo se desinteressar dela. Talvez fosse para ele como um brinquedo novo, um desafio. E depois de tudo o que já havia passado em sua curta vida, o que Terrwyn menos queria era se ver privada novamente de amor e de segurança.

Passos logo atrás chamaram sua atenção. E o motivo de suas preocupações materializou-se bem às suas costas. Vestido com um longo e grosso casaco forrado de pele de foca, Björn parecia maior ainda. Parou a um passo de distância e indagou.

— Então, Terrwyn. Já tem uma resposta para me dar?

— Eu... — ela permaneceu sentada na ameia, de costas para ele, tentando ganhar tempo. O capitão, no entanto, não queria esperar mais.

Cobriu a distância entre eles e, passando um braço em torno de sua cintura, a fez se voltar.

— Pediu um tempo para pensar hoje cedo e eu lhe dei. Quero uma resposta agora, Terrwyn. Não sou um garoto, não tenho tempo ou paciência para joguinhos e flertes. Eu a quero. E como diz que é uma mulher e não uma menina, aja como uma e tome uma decisão de uma vez por todas. Resolva. Será minha esposa, ou não?

Sentada sobre a pedra fria, ela estava com as pernas apartadas e Björn a abraçava, consciente da insinuante posição em que se encontravam. Sentia as coxas masculinas roçando nas suas e o calor do corpo dele junto ao seu. Mesmo no escuro os olhos claros pareciam queimar em sua direção, ardendo com um desejo mal contido e em franca expectativa. Terrwyn engoliu em seco. Fechou os olhos, atirou as dúvidas e a prudência pelos ares e respondeu, tentando soar firme.

— A resposta é sim, — ela ergueu os olhos e o encarou — serei sua mulher, Björn Svenson, — cutucou-o com o dedo, deixando aflorar novamente sua

personalidade forte — e aí de você se olhar para outra mulher!

Com uma gargalhada, ele a enlaçou, suspendendo-a e colocando-a de pé. Colou seu corpo ao dela, pressionando-a contra a ameia.

— Parece que terei uma esposa brava para domar.

Enquanto ele roçava os lábios nos seus, ela ainda resmungou.

— Veremos quem vai domar quem, capitão...

O fogo na lareira havia se reduzido a brasas há algum tempo. O aposento bem fechado conservava ainda o calor. Para a mulher sob as cobertas, no entanto, isso não era suficiente para lhe dar o conforto e a paz de que tanto precisava. Agitada sob as cobertas, com a fronte molhada de suor, Radegund sonhava...

Era outra vez uma menina. Cansada, corria na escuridão, fugindo. Atrás dela, ecoava a risada sádica da Coisa que habitava o corpo de Jean. O ar a sua volta era espesso, opressivo. Carregado de uma energia sinistra, prenunciando uma tempestade. No silêncio, só ouvia a própria respiração ofegante. Seus pés tropeçaram e ela foi ao chão. As mãos se esfolaram nas pedras. Quando se virou, ficando de costas para o solo, viu-se de novo na noite em que Gaston a violentou. Viu o rosto dele novamente, sentiu seu cheiro repugnante de gordura, vinho e falta de banho. Debateu-se e lutou. No meio de suas lembranças, então, Gaston transformou-se em Mark, lutando contra ela, agredindo-a, tentando forçá-la...

— Não...

Sentiu a mão dele se fechar em sua garganta; voltaram o cheiro do álcool, o ódio no olhar dele, a insanidade daquela noite. Sentiu seus braços serem agarrados e lutou mais ainda.

— Não — não seria vítima daquela violência de novo!

— Raden, acorde! Sou eu! — Os olhos verdes se arregalaram, em pânico. A imagem dele pairou sobre ela e, misturando pesadelo com realidade, tentou golpeá-lo. Debateu-se com força, braços e pernas tentando se libertar. Mas como seu corpo doía! — Radegund, acorde — ele a sacudiu — sou eu, Mark. Olhe para mim.

Uma sombra de compreensão começou a aparecer no rosto dela.

— Mark...?

Ao perceber que ela parava de lutar, ele a acomodou junto a si e a acalentou, tentando acalmá-la.

— Já passou, garota. Foi só um pesadelo. — Afastou-a um pouco para poder olhá-la. — Sonhou com aquela coisa?

Ela fez que não com a cabeça e o encarou fixamente, como se hesitasse em

dizer. Não estava com raiva dele. Mas ainda se sentia irracionalmente acuada, a lembrança ainda a atormentava. Em seus olhos ele leu a resposta. Sem necessidade de palavras, Mark compreendeu. E a abraçou com mais força.

— Oh, meu Deus! Eu queria me atirar no abismo mais fundo da Terra de tanta vergonha, Radegund. Perdoe-me, por Deus, me perdoe!

O corpo dela estremeceu. O choro represado até então fluiu livre, desesperado. Sentia-se uma tola por chorar dessa forma. Porém, estava tão fraca, sentindo-se tão vulnerável ali naquela cama!

Por muito tempo Mark ficou ali sentado com Radegund em seus braços, acariciando as ondas ruivas e desalinhadas. Permaneceu com ela até que se acalmasse e que só restassem, de seus soluços, suspiros entrecortados. Cuidadoso, acomodou-a de novo sobre os travesseiros e tirou uma mecha de seu rosto.

— Mais uma vez me perdoe por aquela noite. Ultrapassei todos os limites. Machuquei-a muito mais do que poderia imaginar. Se eu pudesse voltar atrás...

— Mas não pode — sua mão enfaixada apoiou-se sobre a dele, que repousava em sua face — Mark, eu não estou com raiva de você, nem quero que fique se desculpando a cada minuto, recriminando-se a todo tempo. O que passou, passou.

— Se tivesse passado — ele dobrou um dos joelhos e passou um braço em torno dele, apoiando o pé sobre o colchão — não teria sonhado com aquilo.

Ela ficou em silêncio, evitando dar uma resposta. Ao invés disso, puxou as cobertas para cima e comentou, depois de um suspiro.

— Minhas costelas doem.

— Mas seu coração ainda bate.

— Graças a você.

— Pare de querer me transformar num herói, sim? — Ele se levantou e avivou o fogo. Em seguida, apagou as duas velas que haviam ficado acesas na cabeceira da cama e acomodou-se na poltrona ao lado. Durante alguns minutos, houve silêncio.

— Mark?

— Hum.

— Está acordado?

— O que acha?

— Acho que a cama é larga o suficiente para que você se deite nela. Não há necessidade de ficar espremido nesta poltrona que tem a metade de seu tamanho.

— Você está machucada — retrucou ele.

— E eu disse que era para se deitar *em cima* de mim?

No escuro, ele bufou.

— Vai me chutar a noite toda.

— Durma na outra ponta.

— Você sempre se espalha.

— Mark, pelo amor de Deus! — Ela se exasperou. Que bicho o mordera? — Eu não vou atacá-lo, nem tampouco apunhalá-lo de madrugada! E também não tenho condições de atacá-lo de *outras formas*. Mas se quer dormir sentado de novo, e acordar todo dolorido, problema é seu!

Ouviu-o se levantar da poltrona e sentiu o colchão afundar.

— Bem, já que pediu com tanta gentileza... — ele se acomodou, esticando o corpo maciço numa das pontas do colchão. Puxou uma parte das cobertas para si. Os dois ficaram calados por um bom tempo. No escuro, de olhos fechados, ele pensou que Radegund já estivesse dormindo. Até que ela falou.

— Mark...

— Diga, garota.

— Pode me dar sua mão? — Buscou a mão enfaixada sob as cobertas e envolveu-a com a sua. — Sabe — ela recomeçou — depois que Etienne morreu, fiquei por muito tempo sonhando com ele. Acordava aos gritos e só conseguia dormir quando Luc segurava minha mão.

Ele se sentiu desconfortável quando ela tocou no nome do falecido marido, mas não atinou o porquê. Deixou de lado aquele sentimento estranho e concentrou-se na mão que segurava a sua, mais consciente do que nunca de que, depois de toda aquela tragédia, uma significativa mudança havia ocorrido na amizade deles dois. E mesmo depois que Radegund adormeceu, Mark permaneceu acordado, os olhos fixos na escuridão.

O tempo brinca com os homens, retendo-os em sua teia tal qual a aranha laboriosa. Todos pensamos que nosso destino está traçado. Tolos, todos nós!

Em segundos, planos de uma vida descambam no mais retumbante fracasso. Pessoas em quem confiamos nos apunhalam. E certezas inabaláveis tornam-se dúvidas atrozes.

O vento gelado já não corta mais minha pele. Mas o que virá fere meu coração. Não deveria sentir mais medo. Não deveria sentir mais nada. Todavia, ao perceber todo o Limbo se agitar a minha volta, não posso deixar de temer pelo amanhã.

O futuro repousa sobre as asas largas do Dragão.

Nidaros, Noruega, 19 de dezembro de 1193

— Meu filho, por que não me diz o que o atormenta?

A voz suave de Marit arrancou Einar de sua amargura. Fitou o rosto preocupado de sua mãe e retrucou.

— Não é nada que mereça ser mencionado, mãe.

Marit largou o bordado sobre a cadeira e afagou a cabeça de Lars, que brincava com Kristin sobre o tapete, ao seu lado. Em seguida fitou o filho com toda a intensidade de seu aguçado olhar materno.

— Querido, eu troquei suas fraldas, cuidei de seus machucados e aguentei sua manha a cada dente que nasceu. Vi você crescer e se tornar um belo e inteligente homem. Conheço-o mais do que você pensa. E você ainda tem coragem de tentar esconder algo de mim?

Einar sorriu e estendeu a mão, segurando a da matriarca dos Svenson na sua.

— Eu sei, mãe. Mas é que... — ele baixou os olhos e levantou da cadeira, começando a andar pelo aposento, no qual sua mãe foi hospedada na residência do Arcebispo de Nidaros.

— Deixe-me adivinhar. É que você se apaixonou por aquela moça estrangeira. Ele se voltou para Marit.

— Eu propus a ela que se casasse comigo e ela me dispensou como se eu fosse uma roupa velha.

— Assim, sem mais nem menos?

— Sim — ele sentou no chão e encostou a cabeça nos joelhos de sua mãe. Marit afagou sua cabeleira dourada e sorriu. Tinha três homens em casa, mas eles mais pareciam meninos crescidos quando o assunto era o amor. Ele continuou — numa noite estava tudo bem. Nós...

— Poupe-me dos detalhes, meu filho.

— Bem... — ele recomeçou, sem graça — na manhã seguinte, ela simplesmente me mandou embora. Colocou-me para fora de sua vida como se eu não fosse nada.

— E essa moça, ela parecia gostar de você também, antes disso acontecer?

Einar ergueu os olhos verdes e fixou-os nos da mãe.

— Eu acreditei que sim.

Marit suspirou e o encarou por um longo tempo. Einar sempre foi o mais sensível dos três rapazes. Mas em matéria de sentimentos, sabia tanto quanto qualquer homem. Ou seja, nada.

— Querido, nós mulheres somos criaturas muito complexas. Algumas vezes somos obrigadas a dizer “não”, ainda que nossos corações quisessem dizer “sim”. Talvez essa jovem o ame de verdade. Talvez a necessidade tenha feito a moça abrir mão de você, até mesmo enxotá-lo de sua vida. Mas — ela tirou um pé de sapato das mãos de Kristin — se eu fosse você, não desistiria dela assim tão fácil. O amor não se encontra em cada esquina.

Marit falou aquilo com tanta convicção que Einar se espantou.

— Amou muito meu pai?

Os olhos claros da senhora se tornaram vagos e saudosos. Já fazia pouco mais de um ano que seu marido se fora e ela ainda sentia muito a falta dele.

— No princípio não, meu filho — ela sorriu — nosso casamento foi arranjado. Na verdade, relutei muito em aceitá-lo. Mas depois... Sven e eu tornamo-nos um só coração, uma só alma. Ele me deu três bebês lindos, e eu ainda ganhei outro filho quando Hildegard me entregou Ragnar. Ouça-me, Einar — ela tocou a face do rapaz — lute por sua felicidade. Não desista da mulher que você ama. Se não tentar agora, depois só lhe restará o arrependimento. E ele é um péssimo companheiro nas noites frias de nosso reino.

Svenhalla

Hrolf colocou mais uma acha na lareira e olhou para Saori. Estava vestida com uma daquelas suas roupas diferentes. Calças largas e compridas, uma espécie de colete transpassado na frente e amarrado atrás sobre uma camisa de mangas longas e um pouco folgadas. As duas peças eram de um tecido cinzento que se confundia facilmente com a paisagem de Svenhalla. Seus pés estavam calçados em sapatilhas forradas de pele por dentro e ela vestia um de seus grossos casacos.

Já recuperada do ferimento na perna, ela pegava uma de suas armas, uma espécie de sabre curto, e prendia-a na bainha à cintura.

— Vai sair? — Ele indagou sem tirar os olhos do fogo.

— Sim.

Ele não perguntou onde iria. Naquela estranha relação, em que as noites eram repletas de um desejo ardente e insaciável, havia um limite para as perguntas, um respeito ao espaço e à independência de cada um. Ao invés disso, indagou.

— Vai voltar?

Saori sorriu enquanto vestia o gorro sobre os cabelos negros atados num coque. Caminhou até ele e envolveu-o com os braços, repousando a face contra suas costas largas. O homem-lobo parecia não sentir frio. Mesmo com a lareira acesa, a temperatura dentro do chalé era baixa. Ele, no entanto, estava só de calções, sem camisa.

A mão grande pousou sobre a dela em seu peito numa carícia suave. A *kunoichi* suspirou. Hrolf Brosa parecia uma bebida potente, que enfraquecia sua determinação e entorpecia os sentidos. Mas sua missão precisava ser encaminhada. Havia apenas dois dias para o solstício de inverno e ela precisava cumprir seu dever. Respondeu com franqueza.

— Não sei.

Hrolf virou-se de frente para Saori e capturou seu olhar. Havia em suas íris cinzentas um pedido para que ficasse. Mas de seus lábios não escapou nenhuma palavra a respeito. Apenas disse.

— Sentirei sua falta.

— Eu também, homem-lobo.

O silêncio durou um tempo longo demais. Saori afastou-se dele e caminhou até a porta, pegando sua bagagem. Jogou-a sobre um ombro e pôs a mão na maçaneta.

— Saori.

A voz dele soou tão perto que fez os fios soltos sob a ponta do gorro vibrarem contra sua pele. Não se voltou. Não até que a mão dele pousasse em seu ombro e a fizesse se virar. Sem uma palavra, ele a trouxe para junto de si. Sua boca procurou a dela e seu beijo disse tudo o que ela precisava ouvir. Entregou-se àquele gesto e despediu-se de Hrolf Brosa com toda sua alma parecendo se dividir naquele instante. Agarrou-se a ele e abriu mais os lábios, permitindo que sua língua a explorasse sem reservas. Ofegantes, afastaram-se depois de muito tempo.

Saori tocou com as pontas dos dedos os próprios lábios, ainda inchados por todo aquele ardor. Pegou de novo a bolsa que caíra no chão e colocou-a sobre o ombro. Hrolf deslizou o polegar sobre sua face e apenas disse.

— As portas de minha casa ficarão abertas para você.

Ela se inclinou para frente naquele cumprimento peculiar de sua terra e deu-

lhe as costas, caminhando silenciosa para o interior da floresta.

O rastreador apenas não disse à *kunoichi* que as portas de seu coração já haviam sido derrubadas por ela.

Leila tentou de novo entender o esboço que seu cunhado fizera do desenho das costas de Anne. Havia uma semana que Einar tinha partido e deixado o trabalho incompleto. Ela, Mark e a moça estavam trancados na biblioteca desde o amanhecer, estudando o esboço, cujas linhas e letras pareciam não fazer sentido algum. Irritada, passou a folha de papel a Mark.

— Eu desisto! Nada faz sentido!

— Calma, Leila — ele falou estudando o desenho — sendo a chave para algo tão importante, não poderia mesmo ser fácil.

— Meu pai e o senhor Ibelin eram os únicos que possuíam a chave — falou Anne esfregando os olhos cansados de tanto pesquisar nos livros — com a morte deles, estamos no escuro.

Mark virou a folha de cabeça para baixo e a examinou. Mudou a posição, colocou-a contra a luz de uma vela, enfim, fez de tudo. E não obteve resultado algum, mais uma vez. Distraído, pôs-se a brincar com o pedaço de papel enquanto a mente divagava.

O solstício aconteceria dali a dois dias. Gilchrist tinha explicado que aquele seria o momento em que o Mal tentaria se libertar definitivamente. Ainda não entendia exatamente onde o irlandês se encaixava naquilo tudo e o amigo também não se dignara a explicar. Apenas alertou-os de que deveriam tomar cuidado, pois a criatura na certa tentaria colocar as mãos na filha de Radegund antes disso.

A ruiva havia se recuperado rapidamente ao longo daquela semana, provando mais uma vez ser possuidora de uma energia invejável. Ela passou a dormir ao lado da filha e o amuleto que ela havia perdido foi encontrado. Agora Radegund o usava direto, assim como Lizzie carregava o *triskle* no pescoço.

Depois da noite em que ela lhe pedira para segurar sua mão, Mark percebeu um certo afastamento de sua parte. Naquela manhã, quando acordou, ela já havia se levantado e caminhava devagar pelo corredor. Quando ele a repreendeu e tentou ajudar, ela foi fria e disse que queria se arranjar sozinha. Conhecendo seu gênio, ele a deixou. Mas não pode se furtar a sentir uma pontada de mágoa. Desde então, ela parecia sempre mantê-lo à distância, preferindo até mesmo a companhia de Aswad à dele.

Suspirou e revirou de novo a folha de papel nas mãos, fazendo várias dobras. Sua mente parou em Terrwyn e em seu noivado com Björn Svenson. A irmã parecia feliz com o arranjo e o capitão, depois de ter confessado que lhe roubara

a virtude, procurava se manter dentro dos limites do decoro, cortejando-a de forma respeitosa, os dois passeando de braços dados pelo pátio ou fora dos muros do castelo, a uma distância segura. Já Gaetain continuava arredio. Seu coração sensível se ressentia da rejeição sofrida logo depois de ter perdido a mãe de forma tão chocante. Pensou se algum dia conseguiria reparar todo o mal que causou àqueles a quem mais amava. Terrwyn, Gaetain e Radegund.

Sua irmã já o perdoara. Gaetain precisaria ser reconquistado. E Raden... Radegund era um enigma. Sentia que ela estava angustiada. Percebia sua tensão e às vezes a flagrava olhando-o de soslaio. O que estaria havendo? Se ela havia dito que esquecesse o episódio daquela noite em que a agrediu, por que aquele afastamento? E por que se sentia tão vazio, tão incompleto por causa disso? Por que...

— Inferno! — Irritado, jogou o papel que amassou enquanto divagava sobre a mesa e anunciou para as duas mulheres. — Vou caminhar um pouco, Leila. E ver se, de cabeça fria, consigo pensar melhor.

Dando de ombros para uma intrigada Anne, Leila pegou o papel amassado e quase caiu para trás, tamanha foi sua surpresa com o que se deparou.

Gilchrist saltou do lombo de Boru e observou a paisagem branca ao seu redor. À sombra dos muros de Svenhalla, o pequeno cemitério nos fundos da igreja da vila era a imagem da paz e do silêncio que ele buscava. Olhou para o céu sem nuvens, onde um sol baixo tingia os picos nevados de um tom rosa pálido. O solstício estava próximo e com ele seu destino.

Tenso, respirou fundo e devagar, deixando os pensamentos apenas passarem pela mente, não se fixando em nenhum deles. Procurava a paz necessária para levar a cabo uma missão que nem ele mesmo sabia como seria. Não fazia a menor ideia do que exatamente teria que fazer ou que enfrentar ao lidar com aquela *Coisa*. Apenas tinha a certeza de que seus dias estavam contados.

Pensou em Ulla. Sua mulher, sua feiticeira de cabelos platinados. Estaria ela carregando um filho seu? Seu coração se apertou. Queria tanto ver seus filhos crescerem sobre as colinas da Irlanda, mostrar a eles as florestas verdes e úmidas, ensiná-los a encantar os cavalos como ele mesmo fazia...

Parou diante das duas sepulturas mais recentes, cujas cruzes simples de madeira marcavam o local onde Mark al-Bakkar enterrara sua esposa e sua filha natimorta. Mais duas vítimas daquela guerra contra um Mal que crescia a cada dia. Reverente, deixou sobre o túmulo de Clarisse uma guirlanda que trançara, pedindo aos Deuses antigos que a conduzissem em sua jornada.

Eu o agradeço, O'Mulryan.

Gilchrist sorriu e olhou por sobre o ombro. A entidade loura estava sentada

sobre uma pedra. Seu sorriso era sereno e em seus olhos ele via uma enorme compaixão.

— É o desejo de meu coração, dama. — Voltou-se e ficou de frente para a aparição. — Espero que esteja em paz.

Agora que ele está bem, eu estou. E sei que Radegund estará ao lado dele. Todas as coisas encontrarão seus devidos lugares.

— Gostaria de ter sua certeza.

Daqui de onde estou posso ver tudo em perspectiva. É dessa visão que nascem minhas convicções. Tenha fé, caro amigo. Sua missão pede firmeza. Não pode haver vitória para um coração vacilante.

— Não é por mim que temo... — Gilchrist se voltou para a sepultura sobre a qual depositara a guirlanda.

Era por Ulla que temia. Por sua mulher. Por sua família. Por seus amigos. Pelo lar dos Svenson. Por Radegund e sua filha.

— Dragão...?

A voz suave de Ulla quebrou aquele silêncio mágico que ele dividira com os mortos. Com um sorriso sereno, ele se voltou. Sua esposa estava parada no limite onde começavam os túmulos e terminava a trilha que levava da igreja ao cemitério. Envolta num manto cinzento, debruado de pele de coelhos, Ulla parecia intimamente integrada àquele ambiente que, para muitos, seria lúgubre e hostil. Ela fazia parte da Natureza, transitava entre os mundos como ele também o fazia. Sentia as forças incontestáveis que sustentavam o fio da vida e da morte de cada ser no mundo da mesma forma que ele. Ou até mais.

Ela deu um passo à frente, suas botas de pele afundando na neve. Ergueu o rosto e aspirou o delicado perfume floral que permeava o ar de maneira sutil. Em seguida, olhou nos olhos dele e sorriu.

— Teve companhia.

Gilchrist caminhou até onde ela estava e tomou uma das mãos entre as dele. Acariciou-a por cima da luva e respondeu.

— Sim. O véu tem se tornado cada vez mais tênue à medida que se aproxima o solstício.

Uma nuvem de tristeza encobriu o olhar de Ulla. Seus dedos pressionaram os do marido e uma lágrima solitária e silenciosa desceu por sua face.

— Temo pelo que virá. Pela força que libertará.

— Eu também. A cada dia que passa, eu o sinto se agitando dentro de mim...

— Dragão... — Ulla segurou o rosto dele entre as mãos e olhou dentro de seus olhos. Gilchrist se perdeu nas profundezas daquele azul safirino. — Permita que eu ao menos tente...

— Não! — Ele recuou e lhe deu as costas. — Não, Ulla. Não posso me

arriscar a perdê-la.

— Mas eu vou perder você! Por favor... — ela implorou.

— Minha amada, minha feiticeira. — Gilchrist tornou a olhar para a esposa. E quando falou, já não era mais ele, o homem quem falava. Era sua essência, seu espírito ancestral que se comunicava com ela. — Minha consorte de eras incontáveis. Nossa jornada nos trouxe até aqui. Caminhamos juntos desde muito antes do mundo como o conhecemos existir. Dividimos as glórias, as quedas, os êxtases e os sofrimentos. Assistimos a aurora e o ocaso de impérios. E nunca, em nenhum momento, nos perdemos um do outro. Aqui nesta existência, ou em outra qualquer, meu espírito estará ligado ao seu. Eternamente.

O silêncio ao redor dos dois era completo. O próprio tempo parecia ter parado, rodopiando ao redor deles, esperando a permissão para seguir adiante em sua marcha inexorável.

Ulla inclinou a cabeça e aconchegou-se nos braços do marido. As palavras reverberaram dentro dela incontáveis vezes, ecoando as muitas existências que entrelaçavam seus espíritos um ao outro. E ainda que uma parte sua se resignasse e soubesse que aquela era uma verdade, que jamais estariam separados, o sangue Svenson que corria em suas veias a conclamava a lutar.

Sentiu o beijo de Gilchrist em sua fronte e permitiu que ele a confortasse em seus braços e a conduzisse para fora do cemitério. Mas velou cuidadosamente a própria mente dele, pois ali ele perceberia a parte dela que tramava se rebelar.

Terrwyn caminhava com Björn pelas ameias quando viu o irmão cruzar os portões montado em Baco. A neve cessara e ficou apenas o tapete branco sob o sol e o céu límpido de inverno. Apertando o manto de peles em torno do corpo, comentou com o capitão.

— Queria saber onde diabos Mark está indo num frio desses.

Björn deu de ombros.

— Talvez espairecer um pouco.

Terrwyn olhou como se ele tivesse dito a maior besteira do mundo.

— Espairecer? No meio dessa neve que entope cada canto de Svenhalla? — Inclinou a cabeça para o lado, com uma expressão matreira nos olhos castanhos. — Sabe, capitão, os anos no mar devem ter feito seus miolos cozinhare.

Puxando-a de encontro ao corpo, Björn reteve-a em seus braços e retrucou.

— Se alguma coisa cozinha meus miolos, é você e essa sua impertinência, mocinha.

As mãos dela o enlaçaram pelo pescoço.

— E isso o desagrada, capitão?

Com a boca colada à dela, ele respondeu.

— Nem um pouco... menina.

Apesar de Terrwyn praguejar e se debater ao ser tratada daquele jeito que detestava, ele não a perdoou e beijou-a até que seus joelhos ficassem trêmulos. Quando permitiu que ela se afastasse, admirou seus olhos brilhantes de desejo e a boca avermelhada por seus beijos.

— Juro, Terrwyn, que se continuar me provocando assim, vou arrastá-la para a cama e deixá-la prostrada de tanto fazer amor com você!

Ágil, ela se soltou de seus braços e correu, desafiando.

— Para isso, vai ter que me pegar primeiro, capitão!

Com um rugido, ele correu atrás dela.

— Pestinha! Volte já aqui!

Depois de sair do castelo, Mark foi até o local onde Clarisse e sua filha foram sepultadas. Ali no silêncio e na reclusão do campo santo, com o coração repleto de saudade, dirigiu suas reflexões a sua esposa, expondo numa conversa íntima todas as suas dúvidas.

— Clair, minha cabeça está confusa. Fiz coisas das quais você se envergonharia. Coisas horríveis, das quais me arrependo profundamente. Cometi tantos erros.... Venho tentando consertá-los, mas é muito difícil apagar o mal que se faz. Gaetain sequer me olha nos olhos e sua prima.... Não sei se posso resgatar o elo que eu tinha com Radegund. É como se a relação que tínhamos tivesse se transformado num desenho borrado, cujos contornos não consigo mais definir. — Seus dedos acariciaram a terra congelada e ele retomou sua confissão — Sabe, Clair, meus pensamentos tem me pregado peças. Será que enlouqueci? Às vezes eu me apanho querendo o que não deveria querer, imaginando... penso que a solidão tem me feito ver coisas que não existem. Pergunto-me então se você ficaria com raiva de mim e, ao mesmo tempo, não consigo imaginá-la capaz de abrigar em seu coração tão generoso, sentimentos tão mesquinhos. Isso tem me tirado o sono, querida. Tem feito com que eu me sinta amargo e culpado. O que eu faço, Clarisse?

Um suave perfume floral invadiu o espaço ao redor de Mark, ao mesmo tempo em que uma brisa suave balançava as árvores antes inertes.

Siga seu coração, Mark. Como você sempre fez.

Ele se levantou de um salto e olhou ao seu redor.

— Clair? — Que loucura era aquela que lhe acometia o juízo? Ouviu claramente a voz de Clarisse!

Olhou ao redor, girando o corpo, espreitando a floresta, o coração batendo descompassado.

— Clarisse — o sussurro saiu de seus lábios junto com o ar que se condensava

diante de seu rosto. Depois veio o grito, em direção às árvores surdas. — Clarisse!

Só o vento frio respondeu a Mark al-Bakkar.

Trudy fazia companhia à Radegund no solário, observando Gaetain distrair a pequena Lizzie com bonecos de madeira. A lareira provia o calor, afastando o frio cortante trazido pelas correntes de ar que varavam os corredores de Svenhalla. Observando a garotinha, Trudy pensava em como dizer a Aswad que talvez estivesse grávida. Seu sangue não havia descido e ela sempre fora muito regular. Além disso, vinha se sentindo um pouco nauseada pela manhã e notava os seios mais sensíveis. Era um tempo curto desde que ele havia voltado à sua cama, mas tinha quase certeza de que seria mãe de um filho dele.

Suspirando, deu mais um ponto no bordado ao qual se dedicava. Apesar da decisão que tomara há algumas noites, ainda não tinha perguntado ao marido o que ele realmente sentia por ela. E se dissesse a ele que esperava um bebê, certamente ele iria querê-la ao seu lado. Afinal, não foi isso o que ele dissera quando a pedira em casamento? Queria uma mulher com quem pudesse ter filhos e ela era apropriada. No entanto, se assim o fizesse, remoeria por toda a vida a incerteza a respeito do que representava, realmente, na vida de seu esposo.

— Ai! — Trudy levou o indicador à boca.

— Espetou-se de novo? — Radegund ergueu uma das sobrancelhas, sorrindo para a moça.

— Acho que estou distraída — confirmou Trudy, examinando o pequeno furo feito pela agulha. Deixou o bastidor de lado e recostou-se na cadeira de espaldar alto. A ruiva brincou.

— É por isso que nunca me atrevi a tentar bordar. Espadas e adagas são mais fáceis de manusear do que uma agulha e esses minúsculos pontinhos. Clarisse bem que tentou me ensinar, mas...

Houve um instante de silêncio entre as duas mulheres à menção da amiga morta. Ambas a amavam muito e sentiam falta da doçura de Clarisse e de suas opiniões sempre ponderadas. Trudy retomou a palavra.

— Tenho andado cheia de dúvidas sobre Aswad.

— Em que sentido, Trudy?

— Sobre o que ele sente por mim.

Radegund estreitou os olhos e olhou atentamente a pequena loura diante de si. O olhar vago e perdido, os suspiros repetidos. Todos os sinais que viu em si mesma quando se apaixonou por Luc. Afirmou convicta.

— Você ama o chacal.

— Senhora — Trudy resmungou — não gosta mesmo de meu marido, não é?

Radegund, para sua surpresa deu uma risada e inclinou-se para frente, cochichando.

— Na verdade, eu até comecei a tolerar um pouco aquele beduíno — seu tom era de pilhéria — mas não diga a ninguém. Afinal, temos que manter as aparências.

As duas deram boas risadas e Trudy, depois de secar os olhos úmidos de tanto rir, confessou.

— Eu o amo sim. Mas não sei o que ele sente por mim. Não sei se sou apenas uma esposa conveniente ou se ele me ama também. Isso tem me tirado o sono!

— Os homens são criaturas complicadas, Trudy. E um tanto obtusos. — Radegund esticou-se na cadeira. — Vivi no meio deles por um bom tempo. Sempre querem se fazer de durões, mas a maioria não passa de um bando garotos crescidos. Creia-me, Trudy, seu marido não é diferente. Só o fato de, depois de tudo o que aconteceu, ele ter voltado e corrido atrás de você, orgulhoso do jeito que é...

As palavras da ruiva ficaram no ar. Trudy, pensativa, fitava o bordado, imaginando uma forma de saber o que ele realmente sentia por ela. Nem notou quando Radegund deixou a sala com as crianças.

Aswad queria gritar de felicidade. Bem, na verdade, queria era arrastar sua mulher para a cama e fazer amor com ela até o dia seguinte. Trudy acabava de confessar à Radegund que o amava. E se ele não estivesse indo até o solário para dar um recado à leoa, jamais teria escutado aquela confissão. Vendo que a ruiva e as crianças saíam do aposento, ele recuou para as sombras e, assim que os três se afastaram pelo corredor, entrou no solário, fechando a porta. Distraída com o bordado, só algum tempo depois sua esposa notou sua presença.

— Aswad?

— Esposa — ele caminhou até ela com um brilho enigmático no olhar — vim vê-la. Senti minha falta tanto quanto eu senti a sua?

A mão dele ergueu seu queixo, o olhar dele a dominou. Seu marido tinha um poder quase hipnótico sobre ela, exercia uma atração sobre seus sentidos difícil de ser combatida. Assentindo, ela se levantou, ficando quase colada a ele, deixando o bordado cair no chão.

— É meu marido, Aswad. Devo estar ao seu lado.

A resposta evasiva demonstrou a ele toda a insegurança de Trudy. Reconheceu que devia aquela atitude de reserva ao seu próprio comportamento em relação a ela. Primeiro, apareceu em sua vida do nada. Casou-se com ela e depois a rejeitou. Depois, voltou e praticamente a intimou a retomarem a relação sem ao menos dizer o que de verdade sentia por ela. Era certo que se entendiam bem na

cama. Suas noites eram repletas de carícias, beijos e sedução. Trudy, no entanto, esperava mais dele. E ele, para ser franco, também queria mais do que sexo de sua mulher. Queria uma companheira, uma amiga. Queria amor.

Respirando fundo, ele a abraçou e acariciou os cachos louros em silêncio, fitando os belos olhos azuis. Trudy suspirou e colou-se mais a ele, que tentou resistir à vontade de deitá-la no chão e amá-la com ardor. Antes, tinha que colocar em palavras tudo o que sentia por ela. Senão, Trudy lhe escaparia para sempre. Sussurrou de encontro a sua boca.

— *Habibt i, ya ayuini... ana behbik*⁴⁹

— O que... — ela sentiu sua respiração junto aos seus lábios — o que isso quer dizer?

— Não imagina, minha pérola? — Ele acariciou a curva dos ombros e depois cobriu-a de beijos, fazendo seus joelhos tremerem. — *Ya habibt i*, não tem sequer noção do que acabo de confessar a você?

— Aswad, eu não faço ideia do que tenha dito — ela gemeu quando a mão dele afagou seu seio — mas tenho certeza do que gostaria de ouvir de seus lábios, meu marido.

Ele parou a carícia e encarou-a.

— E o que seria?

Respirando fundo, ela tomou coragem. Era como saltar de olhos fechados num abismo.

— Que me ama tanto quanto eu amo você.

O rosto do beduíno se iluminou com um largo sorriso. Seus lábios brincaram com o lóbulo da orelha de Trudy enquanto ele confessava baixinho.

— E não foi isso que eu disse, minha pérola — ele voltou a fitá-la nos olhos — *Ana behbik*. Eu te amo, Trudy. Amo seus olhos, sua pele de alabastro, seus lábios delicados e o aveludado de sua boca, que lembra o figo maduro. Amo seus gemidos e seus sussurros quando fazemos amor. Amo sua coragem e sua força. Amo sua capacidade de perdoar este homem rude e tolo que ousou erguer os olhos para a joia mais preciosa da Normandia. *Ya habibt i!*

Trudy sorriu e aconchegou-se mais a ele. Com o coração explodindo de felicidade, comentou.

— Terei que aprender sua língua, meu marido.

— E eu terei prazer de ensiná-la a você. Pode começar me dizendo *ana behbak*⁵⁰.

Ela pronunciou a frase, carregando-a com seu sotaque normando.

— *Ana behbak*... o que quer dizer?

Com os olhos esverdeados faiscando de desejo, ele explicou.

— Eu te amo.

Radegund caminhava com Lizzie no colo e Gaetain ao seu lado por um dos corredores de Svenhalla. Sua filha estava sonolenta e, antes que começasse a choramingar, iria colocá-la na cama para tirar uma soneca. Gaetain, que havia se apegado ainda mais a ela depois da morte da mãe e dos desentendimentos com Mark, a acompanhava para onde quer que fosse. Ao chegarem diante da porta dos seus aposentos, o garoto passou na frente e, solícito, abriu-a para que ela passasse com a filha. E os três, surpreendidos, estacaram na saleta contígua ao dormitório.

— Mestre Gjurd?! — Radegund olhava espantada para o velho sacerdote parado diante do fogo. Nas mãos ele trazia a espada que ela forjou para Luc — Bom Deus! Eu achei que jamais fosse vê-la de novo!

O senhor idoso olhou a arma com atenção e sorriu.

— É um belo trabalho, dama. Noto seu amor pelo homem que a empunhava em cada detalhe desta espada.

Radegund colocou a filha no chão e caminhou até Gjurd. Tomou a arma que ele lhe estendia e acariciou a lâmina polida com reverente afeição. As pontas de seus dedos tocaram as letras “R” e “L” e a rosa que ela mandou gravar acima do brasão de Delacroix. A saudade apertou seu coração de tal maneira que não pôde conter um soluço dolorido.

— Ah, Luc...

— Dama — começou Gjurd acariciando os cachos de Lizzie, que se aproximou dele e puxava a barra da longa túnica — esta espada possui uma força poderosa. Tanto pela intenção de quem a forjou, quanto pela pedra que foi engastada em seu punho.

Radegund girou a espada e fitou a gema vermelha presa ao ouro e ao aço.

— O Coração do Dragão...

— O Coração do Dragão é um canal de poder. Com ele você e o irlandês trouxeram Ragnar Svenson dos mortos. Através dele, o Dragão acordará. A espada foi consagrada à Deusa. Deve ser entregue ao Dragão para que ele cumpra sua sina.

Ela estranhou.

— E eu? Onde eu entro nisso tudo?

— No futuro você saberá. — Disse, enigmático — Na verdade, hoje eu vim por causa das crianças. Principalmente da menina, — sua voz se tornou menos serena — sabe que ele a quer, não é mesmo? — Ela assentiu e Gjurd continuou. — Vim para levá-la comigo. E ao jovem Gaetain também.

— Levá-los? — Instintivamente, ela abraçou os dois. — Que história é essa, senhor?

— Dama, confia em mim?

Por um longo tempo ela ponderou sobre a questão. E por mais que buscasse a desconfiança dentro de si, uma força superior a levava a confiar plenamente naquele homem idoso e sereno.

Confie nele, meu amor!

— Sim, mestre Gjurd. Eu confio.

O ancião sorriu e fitou com gratidão o homem e a mulher, ambos de cabelos claros, logo atrás dela. E que só ele podia ver. Em seguida explicou.

— Nos dias que antecedem o solstício, tudo se agitará. As crianças permanecerão seguras comigo, tenho meios de deixar sua filha fora do alcance do Mal. Quando tudo acabar, eu a trarei de volta, e ao menino também. Eu prometo.

— Raden — chamou Gaetain — eu tomo conta de Lizzie para você.

— Ah, querido! — Ela se ajoelhou no chão, depois de devolver a espada a Gjurd, e abraçou a filha e o menino. — Em meu coração tenho a certeza de que estarão em segurança. Mas só irão se quiserem.

— Eu quero, mamãe! — Falou Lizzie com um sorriso.

— Eu também. Sei que ele é bom, que nos protegerá. É como se, em meu coração, eu ouvisse minha mãe dizendo para ir com ele.

— Gaetain, você é um menino especial — Ela beijou o garoto e abraçou a filha. — E você, minha princesa, é meu tesouro mais precioso, minha vida — seus olhos se ergueram para Gjurd — cuide deles. E se tudo der errado...

— Ainda assim, eles estarão seguros, dama. Agora vamos — falou o velho sacerdote — peguem seus agasalhos e vamos antes que a noite caia.

— Precisa de algo, Gjurd? — Radegund indagou.

— Não, obrigado. Tenho tudo de que necessito. Apenas entregue a espada ao Dragão.

Com passos suaves, conduzindo as duas crianças pelas mãos, Gjurd foi se afastando em direção as escadas dos fundos. Contendo as lágrimas, Radegund observou-os sumir de seu raio de visão, tentando imaginar como explicaria o sumiço de Gaetain a Mark.

Nidaros, Noruega

Einar era um estudioso, mas não era um homem morto. E assim que a noite caiu, ele se despediu da mãe e dirigiu-se para uma estalagem bem-conceituada, disposto a tomar algumas canecas de cerveja e a encontrar uma boa mesa de jogos. Aproveitaria o tempo para colocar as ideias em ordem, para pensar em tudo o que sua mãe lhe dissera. No entanto, nada preparou o irmão mais jovem de Ragnar para ver quem ele viu ali dentro do recinto barulhento, onde viajantes e moradores das cercanias da catedral de Nidaros se reuniam à noite para jogar conversa fora e espantar o frio com copos de *akevitt* e canecas de vinho.

Sentado a um canto, numa posição discreta de observador, ele se perguntava o que diabos fazia Karin Velksdatter de volta à Noruega. Tão perto de Svenhalla como ela jamais deveria estar. E quem eram os dois homens que a acompanhavam, tão diferentes entre si quanto a Lua do Sol? Tomando mais um gole de sua caneca, Einar decidiu que teria a noite inteira para descobrir.

Numa mesa próxima à porta, Karin e seus acompanhantes traçavam seus planos para o dia seguinte.

— Digo-lhe Chrétien — cochichou Karin — é apenas um dia a cavalo daqui até lá. E como a neve parou de cair, podemos ir bem rápido.

— Se sairmos ao alvorecer — comentou o agente do Templo — chegaremos ao final da tarde.

— Temos que ser discretos — Chrétien argumentou enquanto bebericava o vinho — se aparecermos à porta do feudo com uma tropa templária, mais um bando de mercenários, nossa lebre escapará pelas portas dos fundos. — Suas mãos crispam-se em torno do copo de estanho. — E eu estou louco para colocar minhas garras em torno daquele pescocinho e torcê-lo bem devagar.

Karin estremeceu diante do tom dele. Apesar de serem amantes e dela gostar do modo como ele fazia as coisas, às vezes ele ficava perigoso, parecendo um animal selvagem. Principalmente quando estava ansioso ou frustrado.

— Seus homens devem tomar muito cuidado, *sire*. — Ela se dirigiu ao taciturno agente da Ordem, torcendo o nariz para sua figura esquisita. — Nidaros é praticamente o quintal dos Svenson. Se seus soldados forem vistos por aqui, não duvide de que, antes que possamos piscar, Ragnar e sua família já estarão cientes da presença deles.

— Sossegue, minha cara dama. — O homem riu diabolicamente. — Além da

captura de Scholz, tenho um acerto particular com o mestiço chamado al-Bakkar. — A mão deformada coçou a cicatriz que repuxava parte do rosto. — Esperei anos por isso e não será agora que colocarei tudo a perder. Tenho um plano elaborado. Relaxem por esta noite — ele olhou maliciosamente de Karin para Chrétien — partiremos amanhã, ao alvorecer.

Svenhalla

Leila e Anne ainda estavam em choque com a descoberta feita quase que por acaso. A sarracena ainda olhava, incrédula, para o papel parcialmente dobrado que Mark tinha largado para trás. Sem querer, talvez guiado pela mão do destino, ou de irônicos e debochados Deuses, ele desvendou o enigma daquele intricado desenho nas costas de Anne. E, por Alá! Se soubesse que era tão simples...

— Deixe-me ver, Leila — Anne pediu e olhou a figura que se formou com as dobras — parece árabe. O que é isso? Sabe o que quer dizer?

— Mas é óbvio que sei, Anne! Pelas barbas do Profeta! Desse lado aqui é a *Bismillah*⁵¹, e a outra parte do outro texto está escrita na língua dos judeus.

— Eu não entendo nada de árabe, Leila — a moça falou — muito menos de hebraico.

— De hebraico eu também não entendo... — Leila ergueu os olhos para Anne — mas há alguém que entende. E levantando-se apressada, saiu pelas portas do gabinete, trombando com seu marido.

— Ei, — ele a amparou — aonde vai com essa pressa toda, *liten*?

— Preciso encontrar Mark!

Ele franziu o cenho e depois de lançar um olhar à porta do gabinete, onde Anne apareceu, ele encarou sua esposa com seriedade.

— É sobre aquele assunto que discutimos, Leila?

Sua mulher bufou, revirou os olhos, mas não escondeu a verdade.

— Sim.

— Ótimo. Então fique aqui que eu trago Bakkar. Dessa vez quero saber tudo nos mínimos detalhes.

Em pouco tempo Mark foi localizado e entrava no gabinete logo atrás de Ragnar. Leila se levantou junto com Anne e estendeu o papel que ele havia amassado distraidamente. Explicou toda a história e ele, incrédulo, sentou-se na cadeira.

— Isso é demais para meu pobre coração, Leila. — Exagerou.

— Deixe de drama homem! — Ela apontou o texto em hebraico. — A *Bismillah* é mais do que óbvia para mim. Mas o outro texto eu não sei ler.

— Deixe-me ver — ele forçou a memória e lembrou as lições recebidas do

avô, e também dos tempos no *Bimaristan*. Logo sua mente clareou. — É o *Tanakh*³²; na verdade, o primeiro versículo da *Torá*³³!

— O que é isso? — Quis saber Ragnar.

— O livro sagrado do povo judeu — ele olhou para Anne, surpreso — ora, mas você é judia! Como não reconheceu?

— Meu pai nunca me ensinou a língua do meu povo; líamos uma versão da *Torá* em latim.

O mestiço estreitou os olhos e resolveu fazer um teste. Leu as primeiras palavras em árabe em voz alta.

— *Bismi-llāhi Ar-rahmāni Ar-rahīm...*

Anne reagiu a elas de forma estranha. Seu olhar se tornou vazio e ela ficou parada como uma estátua.

— O pai de Anne era um sujeito esperto. Misturou e dispersou os textos, confundindo-os no desenho! — Comentou ele e depois pediu. — Sven, puxe uma cadeira e sente a moça nela. Leila, sugiro que pegue papel, pena e tinta.

Leila correu para providenciar o material e sentou-se à escrivaninha, enquanto Ragnar acomodava a moça. Anne pareceu voltar a si por um segundo, até que Mark prosseguisse a leitura, acompanhando a sequência de letras criadas pelas dobras no papel.

— *Bismi-llāhi Ar-rahmāni Ar-rahīm. Bereshit bara Elohim.*

Ela então, começou a falar.

— 1101, primeira cabeça da Sociedade da Hidra, Pons de Trípoli, segunda cabeça, Mohamed de Damasco, terceira cabeça...

Anne continuou a falar, com voz monocórdia e sem emoção. Diante de uma audiência muda de espanto, declamava o nome e o posto de cada membro da Sociedade desde a sua criação. Depois de certo tempo, sua voz já estava ficando rouca e ninguém conseguia fazê-la parar. Leila então pediu.

— Leia de novo os versículos, Mark.

Ele o fez, mas não obteve resultado algum.

— Tente ler na ordem inversa, Bakkar. — Sugeriu Ragnar.

O mestiço começou pela *Torá* e passou para a frase da *Bismillah*. E obteve sucesso. Anne simplesmente amoleceu e fechou os olhos, recostando-se na cadeira. Depois, abriu-os e encarou a todos, confusa e sonolenta. Levou a mão aos lábios ressecados e pediu.

— Poderiam me dar um pouco de água? — Ela pigarreou. — Estou com um incômodo na garganta.

Ragnar saiu e logo voltou com um jarro e uma caneca. A moça bebeu e depois fitou os três pares de olhos que a encaravam, incrédulos.

— O que foi?

— Anne, jura que não se lembra de nada? — Indagou Leila — Absolutamente nada?

— Lembrar? Do quê?

Depois do encontro no pequeno cemitério, Ulla voltou para dentro do castelo, deixando seu marido no estábulo cuidando de Boru. Ao entrar nos aposentos do casal, no entanto, surpreendeu-se ao encontrar seu diário aberto sobre a cama. Junto dele estava o anel com o *triskle*, que o Dragão colocara no pescoço da filha de Radegund. Mas por que não estava com a garotinha?

— Gjurd a levou — respondeu uma voz às suas costas.

Com o coração aos pulos, a moça se voltou.

— Assustou-me, senhora!

— Não foi minha intenção. — Disse Radegund com um sorriso para depois erguer-se da cadeira e caminhar até ela, carregando a espada entregue por Gjurd. — Isso deve ser dado a Gilchrist.

Ulla tomou a arma nas mãos e olhou para os objetos sobre a cama.

— Quando entrei já estavam aí, — explicou a ruiva — este caderno e o anel que Gil deu à Lizzie. Creio que foi o sacerdote quem os deixou.

A moça encostou a espada a um canto e examinou os manuscritos com atenção. Sua letra registrou naquelas páginas o início de toda a loucura, a época em que ajudou o Dragão a salvar Ragnar da morte nas mãos de Patrus. Olhou para a ruiva vestida de negro parada diante da lareira.

— Por que veio?

— Porque, de alguma forma, sou parte disso. Ajudei Gil naquela noite. E aquela Coisa me queria, além de ainda não ter desistido de minha filha. — Ela deu um passo à frente e fitou Ulla nos olhos. — Não ficarei parada como um coelho na toca, esperando que aquilo venha nos buscar. Vou ajudar você e Gilchrist de alguma forma. Não quero que aquela Coisa me tire mais ninguém. Foi para isso que vim.

Ulla apertou o anel na palma da mão. Seu coração bateu mais rápido. Os Deuses estariam respondendo a sua súplica através de Radegund? Podia sentir a força que fluía daquela mulher, o carisma do qual ela era possuidora. Compreendeu porquê, anos atrás, seu marido se encantou com ela. E entendeu, naquele instante, que de Radegund nada precisava temer. Ela jamais seria um obstáculo a sua felicidade. Apenas era leal aos seus companheiros. E de alguma forma soube que, naquele exato instante, ambas criavam um elo que perduraria por toda a eternidade.

— Radegund — ela estendeu a mão para a ruiva — vamos nos sentar e tentar descobrir por que Gjurd me deixou isso aqui?

Radegund apertou sua mão com um sorriso suave e concordou.

— Certamente, Ulla.

Gilchrist nunca soube o que elas falaram. Apenas as encarou em mudo espanto quando, ao entrar em seus aposentos, viu Ulla e Radegund sentadas perto do fogo, as cabeças baixas, quase unidas, cochichando como duas velhas amigas. Sua mulher então ergueu os olhos e fitou-o com tanto amor que ele pensou que fosse morrer. Em seguida, Radegund se ergueu e envolveu Ulla num longo abraço, dizendo apenas.

— Eu o farei.

Depois, dirigiu-se a porta dos aposentos, parando ao lado dele e colocando uma das mãos em seu ombro. Pressionou-a levemente e sorriu, dando-lhe boa-noite. Silenciosa, cruzou o umbral e ganhou os corredores de Svenhalla.

Fechando a porta, ele olhou interrogativamente para sua mulher.

— O que foi isso?

Ulla balançou a cabeça e ele viu ressurgir a jovem que o arrastou de Delacroix a Cornwall, alfinetando-o a cada milha da viagem.

— Continua curioso, Dragão.

— E você continua com a língua afiada, mulher.

— E não é isso o que me torna interessante, *sire*?

Ele cobriu a distância entre eles e a agarrou pela cintura, prendendo seus olhos aos dele.

— Atrevida, convencida — ele roçou os lábios nos dela, sua voz já num tom mais grave e sedutor — adorável e deliciosa.

— Sossegue, Dragão! — Ela o admoestou quando ele começou a afastar seu decote. — Não posso passar o dia inteiro fazendo amor com você!

— E há algo melhor para se fazer?

— Não, meu amor. — Ela o encarou, séria. — Mas temos nossos deveres. Gjurd deixou a espada.

O coração dele se apertou. Afastou-se de Ulla e caminhou até onde a arma tinha ficado. Sacou-a da bainha e avaliou-a com um olhar sombrio. Em seguida, recolocou-a em seu lugar e encostou-a num canto. Em silêncio, voltou-se para a esposa e disse com a voz carregada de urgência.

— Agora nada mais será tão importante quanto passar o restante deste dia fazendo amor com você. — Ulla abafou um soluço com as mãos e ele lhe estendeu a sua. — Venha, minha feiticeira. Amanhã partirei sem me despedir. Não quero guardar em meu coração a imagem de suas lágrimas e sim, de seu sorriso.

Sua mulher se atirou sobre ele, chorando baixinho.

— Tem que haver outra forma!

— Não, meu amor — ele afagou seus cabelos, consolando-a — eu e você sabemos que não há. — Mergulhou em seus olhos de safira e pediu — fique aqui comigo, me ame e durma ao meu lado — abraçou-a com mais força e ela retribuiu o gesto — fique comigo até a hora de partir — seu olhar encontrou o dela novamente — tenho medo, Ulla. Preciso de você, preciso estar em seus braços para afastar o medo que sinto dessa força desconhecida que cresce dentro de mim.

— Dragão... — entre as lágrimas, ela enxergava seu rosto, suas feições tão amadas.

— Só você, Ulla, é capaz de domar a fera que se esconde em meu coração — ele a beijou — e só seu amor é capaz de despertá-la.

— O quê? — Ela se assustou e recuou. Olhou para a mão que ele lhe estendia, num chamado. — Por que diz isso?

— Faça amor comigo, Ulla. — Os olhos diferentes pareciam magnéticos. — Você saberá.

Incapaz de resistir, ela se deixou aconchegar junto ao peito do seu marido. E ao fechar os olhos e ser envolvida por seus braços, jurou ter ouvido o farfalhar de enormes asas ao redor deles.

Após o jantar, Anne recolheu-se aos seus aposentos. O trabalho daquela tarde consumira suas forças. Ela só queria se deitar e repousar. Radegund, tentando adiar a todo custo um confronto com Mark por causa de Gaetain, foi se sentar junto às amigas, perto do fogo.

Björn e o mestiço dividiam o turno de vigilância nas ameias, aproveitando para conversarem sobre o casamento do capitão com Terrwyn. Já Ragnar e Aswad preferiram ficar a um canto do salão, disputando uma partida de xadrez. Ninguém mais conseguiria pregar os olhos naquela noite devido à atmosfera sombria que tomava conta de Svenhalla.

— E pensar que eu os convidei para passarmos todos juntos o Dia de Natal, — comentou Leila — que maçada!

— Não havia como prever o que aconteceu, Leila — retrucou a ruiva, de pé junto à lareira.

— É verdade. Quando poderíamos imaginar que tudo daria tão errado? — Comentou Trudy.

— Bem, o que me consola é que nem tudo deu tão errado para você, Trudy — falou Terrwyn. — Pelo menos você e seu marido voltaram às boas.

— E você agarrou seu capitão! — Devolveu Trudy com um sorriso para depois baixar a voz. — Além disso, estou esperando um bebê!

— Trudy! — Exclamou Leila, erguendo-se para abraçá-la. — Ao menos temos um sopro de vida nisso tudo. Posso apostar que agora Aswad ficará mais manso do que um gatinho.

— Falando em aposta — Radegund ergueu uma das sobrancelhas — havia uma aposta de pé por aqui...

Terrwyn riu e bateu palmas, lembrando-se também.

— É verdade! Leila, você já se esqueceu do que disse? Que se eu agarrasse Björn você mergulharia nua no fiorde?

— Ora, parem com isso vocês duas!

— Nada disso, — Terrwyn falou, animada — aposta é aposta. Apostei que agarraria o capitão e venci.

Estremecendo até os cristais, uma voz soou atrás de Terrwyn, carregada de fúria.

— Você fez o quê?

Pensando se teria como se esgueirar por uma das passagens secretas e desaparecer, Terrwyn voltou-se e deu de cara com o semblante enraivecido do noivo e, logo além dele, com seu boquiaberto irmão.

— Terrwyn, como foi capaz...? — Mark indagou, ao passo que Trudy, Leila e Radegund se levantavam e começavam a se afastar discretamente do trio.

— Senhoras, creio que seja melhor nos recolhermos. — Sugeriu a ruiva. Mas acabou se detendo ao ouvir o comentário irônico de Mark.

— Não duvido nada de que exista um dedo seu nessa história toda.

Parando diante dele, olhou-o de cima a baixo e, assim que Leila e Trudy passaram, ela retrucou.

— Vá para o diabo, Mark.

Saiu pisando duro, com o amigo em seu encalço, deixando Björn e Terrwyn sozinhos para resolverem aquele assunto. Só rezava para que a moça não metesse os pés pelas mãos.

Com passos largos, subiu a escada, ouvindo Mark bufar logo atrás dela, torcendo para que conseguisse despistá-lo no caminho. Não estava com a menor vontade de brigar.

— E então, Terrwyn. Vai me explicar que história de aposta é essa?

— Não há o que explicar, capitão. Eu disse a Leila, assim que cheguei aqui, que você seria meu. Ela discordou e disse que, se eu conseguisse essa façanha, ela pularia nua no fiorde. *Voilà!* Eu venci, Leila mergulha pelada, congela o traseiro e ficamos quites. Você não tem nada a ver com isso.

Ele estava chocado. Primeiro, pela natureza da aposta. Segundo, por saber que sua cunhada, uma mulher que ele sempre considerou perfeita e sensata, tivesse

tomado parte naquilo. E que ainda por cima fosse capaz de saltar nua do fiorde! E terceiro, por ter sido *ele* o objeto da tal aposta ridícula. Como Terrwyn tinha coragem de confessar aquilo com todo aquele desplante, sem sequer piscar, como se fosse a coisa mais normal de toda a cristandade mulheres apostarem sobre aquele assunto?

— Inacreditável... — balbuciou Björn.

— O quê? Leila mergulhar nua?

Ele se aborreceu e rugiu.

— Não seja insolente, menina! Claro que estou falando dessa aposta ridícula! Sabe como estou me sentindo, Terrwyn? — Ela fez que não com a cabeça, contendo a vontade de rir de toda aquela indignação. Parecia até que Björn era muito casto! Ele prosseguiu. — Pois eu lhe digo que estou me sentindo como uma mercadoria na feira, como um objeto!

A língua afiada de Terrwyn não se conteve na boca. E com voz calma, ela devolveu.

— E não foi assim que sempre tratou todas as mulheres, meu caro capitão? Como objetos para seu prazer?

Estreitando os olhos claros, ele a encarou. Por eles passaram diversas emoções na velocidade de um raio. Por fim, ele acenou com a cabeça e disse.

— Quer dizer então que você se proclamou a vingadora de todas as minhas conquistas?

— Se quer ver sob esse aspecto... — ela deu de ombros. Como os homens eram lentos no raciocínio! — Mas, para mim, foi a mão do destino que nos uniu. — Sua mão delicada tocou o semblante amarrado do capitão. — Fui feita para você, Björn. E você para mim.

Ele afastou sua mão, irritado, e apontou-lhe um dedo.

— Vive reclamando que eu a chamo de menina, dizendo-me que é uma mulher. E, no entanto, agiu como um moleque!

— Ora, faça-me o favor! Quando são vocês homens a apostarem sobre qual mulher levarão para a cama primeiro, acham-se muito viris! Mas como fui eu, uma *mulher* — ela berrou a última palavra a frente dele — sou considerada infantil? Quer saber capitão Björn Svenson? Vá para o Diabo que o carregue! Se acha que sou muito jovem e imatura para você, procure uma noiva a altura de sua idade avançada e decrepitude. Talvez uma anciã de oitenta anos!

Dito isso, ela lhe deu as costas e subiu as escadas pisando duro. Momentos depois, ele ouviu uma porta batendo estrondosamente lá em cima. Atrás dele, soou a voz de seu irmão ao encerrar o jogo com o beduíno.

— Xeque-mate.

No piso superior, outra tempestade ameaçava desabar, mais furiosa ainda. Encarando a amiga, Mark parecia um touro raivoso.

E ele ainda nem sabe sobre Gaetain, pensou Radegund tentando manter a calma.

— Eu sabia que não devia tê-la deixado com você durante tanto tempo! — Reclamou.

— O que está insinuando com isso? — Ela indagou parada à frente de Mark, os olhos dardejando.

— Não estou insinuando, estou dizendo! Terrwyn já era uma menina rebelde. Agora está indomável!

— Menina? — Ela retrucou, incrédula. — Acorde, Mark! Ela é uma *mulher*. E não precisa ser domada! Ela precisa ser amada!

— Está me dizendo que não amo minha irmã? Está louca? Sabe que amo Terrwyn de todo coração! Mas você a transformou numa cópia sua. Ela... — ele hesitou.

Radegund perdeu as estribeiras. Jogou as mãos para o alto e desafiou.

— Vamos, Mark! Desfie seu rosário de queixas sobre mim! Use todos os adjetivos com os quais me classifica! Arrogante, insensível, egoísta! Despeje todos eles logo de uma vez! Está louco para fazer isso!

— Muito bem! Quer lavar a roupa suja, não é, Radegund? Então vamos lá! Você é arrogante, insensível, egoísta, prepotente e mais temperamental do que aquele seu cavalo! Você está sempre metida em alguma encrenca e eu sempre tenho que tirar você dela!

— Ora, como é presunçoso! E quantas vezes eu tirei você das enrascadas? Quantas vezes eu protegi seu traseiro, até mesmo de suas amantes iradas?

Ele estreitou os olhos.

— Posso apostar que você já se meteu em muito mais confusões do que eu, minha cara Radegund.

Ela riu, mordaz.

— É por causa de uma aposta que estamos aqui, tendo esta conversa tão... *amigável*.

— Poupe-me de sua ironia — retrucou Mark, afastando-se, dando as costas para ela — é por trás dela que você sempre se esconde.

— E você? Você também não se esconde? — Ela o puxou pelo ombro, fazendo-o encará-la — primeiro a fanfarronice, a despreocupação. Depois, a pose de bom moço. Mas eu e você sabemos o que se esconde dentro de seu coração, Mark al-Bakkar! Sabemos que tanto quanto as minhas, suas mágoas estão bem encobertas, fermentadas, prontas para explodir. Tudo o que você guardou a sua vida toda; a raiva de Anwyn, a traição de Ibelin e agora, a morte

de Clair e de sua filha! Você passou todos esses meses enchendo a cara para se anestesiá-la. Agrediu a tudo e a todos, e chegou ao ponto de... — ela respirou fundo e sua voz saiu mais baixa, abafada — Deus, eu não consigo nem falar...

— Disse que não me julga, que jamais me condenou — ele rebateu — e, no entanto, parece que vai atirar isso na minha cara pelo resto de nossos dias!

— Não o estou julgando, nem tampouco atirando nada em sua cara. Apenas não é possível fingir que não aconteceu! — Os olhos dela ficaram mais melancólicos ainda. — E vindo da pessoa em quem eu mais confiava em minha vida, machucou muito mais do que você possa imaginar.

Subitamente, Mark se sentiu muito cansado. Uma tristeza enorme apoderou-se dele ao tomar consciência de que sua relação com Radegund jamais voltaria a ser o que era.

— Confiava? — Sua mão tocou o rosto dela, fazendo com que erguesse os olhos para ele. — Não confia mais em mim?

— Não é isso... é que...

— Fale — Mark pressionou — agora que começamos, vamos até o fim.

Radegund se afastou dele e foi remexer o fogo. Sua cabeça girava. Seus sentimentos eram uma confusão só. Tudo o que queria era que Mark desistisse e fosse embora. Não queria conversar. Não queria descobrir se ainda confiava cegamente nele, ou não. Não queria analisar as emoções contraditórias que haviam aflorado desde a maldita noite em que haviam brigado. Tentou refugiar-se em outro assunto, um que sabia que geraria outro conflito, mas que ainda assim era mais seguro.

— Mande Lizzie e Gaetain para longe de Svenhalla, com Gjurd.

Seu braço foi puxado de forma abrupta e ela encarou um furioso par de olhos castanhos.

— Você fez o quê?

— Mestre Gjurd os levou pela manhã. Não havia tempo para avisá-lo. Gaetain concordou em ir.

— Não tinha este direito! Não tinha o direito de me separar de meu filho!

— Acaso se esquece de que também me separei de minha filha?

— E para onde eles foram?

— Não sei. — O aperto em seu braço ficou mais forte. — Está me machucando.

— Minha vontade é fazer bem mais do que isso. — Rosnou ele. — Como não sabe para onde ele os levou? Como permitiu que os levasse sem saber para onde iriam? Que espécie de mãe é você?

A pergunta cravou-se como um punhal em seu peito.

— Uma que ama sua filha! — Ela gritou. — Amo tanto que me separei dela e

de Gaetain em nome da segurança deles! Eu confio em Gjurd e sei que, com ele, eles estarão muito mais seguros do que aqui conosco, em Svenhalla! — Ela puxou o braço do aperto dele, sem sucesso. — Solte-me, Mark!

Ele não obedeceu.

— Confia num estranho e não confia em mim.

— Já disse para me soltar.

Mark, ao contrário, segurou o outro braço, obrigando-a a ficar frente a frente com sua ira.

— Escute bem o que vou lhe dizer. Se algo acontecer a Gaetain, eu pessoalmente me encarregarei de ir atrás de você.

— Não se atreva a me ameaçar — ela sibilou.

— Não é uma ameaça, é uma promessa.

Contrariando sua personalidade, para total estupefação dele, Radegund capitulou numa discussão. Não retrucou, não devolveu a provocação, não reagiu. Apenas deixou os ombros caírem e seu olhar se tornou tão sombrio que ele chegou a se assustar.

— A que ponto chegamos, Mark?

Ao ouvir a voz dela soar carregada de amargura e desgosto, o coração do mestiço se apertou. Da raiva, sobrou apenas a angústia. Soltou seus braços, mas não permitiu que ela se afastasse. Abraçou-a com carinho e murmurou.

— Não sei. Mas sinto falta de sermos o que éramos.

— Vá embora.

— Não.

— Não quero mais brigar com você.

— Eu também não. Mas não se afaste.

Ela recuou.

— É preciso.

Depois de um magoado silêncio, ele assentiu.

— Como queira.

Ainda lançou a ela um longo olhar, tentando compreender o que acontecia. Radegund, no entanto, soube ocultar dele as emoções e velou os olhos por trás dos cílios fitando o chão. Só escutou o silêncio e o bater da porta atrás dele.

A madrugada avançava impiedosamente em sua marcha ao encontro do dia seguinte. O sol ainda levaria muito tempo para se erguer no céu de inverno, naquele que seria o dia mais curto de todos. E mesmo assim, Ulla despertava.

Automaticamente, seu braço se estendeu à sua frente, antes mesmo que abrisse os olhos. Tateou o colchão vazio e as mantas macias e ainda quentes, impregnadas com o cheiro do Dragão. Quando seus olhos se abriram, já estavam

molhados pelas lágrimas. Puxou o travesseiro onde a cabeça dele repousou. Abraçada a ele, chorou toda sua amargura e desespero. O Dragão tinha partido.

Radegund foi acordada de um sono leve e inquieto por batidas suaves na porta. Erguendo-se da cadeira onde acabou dormindo, caminhou sonolenta e foi ver quem era àquela hora da madrugada.

— Ulla?

— Posso entrar?

A ruiva recuou e lhe deu passagem, fechando a porta logo em seguida. Esfregou os olhos e encarou a moça.

— Esteve chorando...

— Ele se foi.

Dor. Havia tanta dor naquela frase curta que chegou a atingi-la. Ficou parada ali, digerindo a informação e a angústia trazida por ela. Queria ter mais jeito com as pessoas para poder oferecer conforto à Ulla.

— Sinto muito. — Apontou uma cadeira para ela e sentou-se também, depois de avivar o fogo. Encarou a moça de olhos inchados e vermelhos. — E agora?

— E agora — Ulla estendeu a mão e lhe entregou uma pequena sacola de couro — seguimos adiante. Aqui estão. Já sabe o que tem que fazer.

Radegund pegou a bolsinha e sopesou-a na mão. Encarou a jovem.

— Eu? E você? Não estará lá comigo?

Ulla se levantou, tensa. Deu alguns passos pelo aposento e notou que a cama de Radegund não fora sequer mexida. Ela parecia cansada, tensa. Será que nunca dormia? Ragnar, sempre que se referia a ela, a descrevia como algo sombria. Uma pessoa sempre em alerta, pronta para lutar ou fugir. Pronta para tudo. Gostaria de ser como ela neste instante. Enfrentar o inevitável e deixar que o destino se cumprisse. Mas não podia. Não poderia ficar ali parada, esperando, aguardando o corpo de seu homem ser trazido de volta à sua casa para que ela o enterrasse.

— Não, — virou-se para Radegund — estou de partida.

— Se o que me contou é verdade, Ulla, de pouco adiantará que vá.

— Preciso tentar, — sua voz se tornou quase um sussurro — não posso aceitar passivamente este destino. Tenho que encontrar uma saída! — Os olhos cor de safira encontraram os dela. — Se fosse o seu homem, você também não tentaria?

Radegund sorriu. Colocou uma das mãos sobre o ombro de Ulla. Eram quase da mesma altura; Ulla era apenas um pouco mais alta do que ela, uma versão feminina e delicada de seus enormes irmãos. Encararam-se durante alguns

instantes, os olhos da ruiva transbordando compreensão. Disse apenas.

— Eu arrombaria as portas do inferno se preciso fosse. Vá tranquila, cumprirei minha parte. Gil é um homem de sorte por ter você como mulher dele.

Ulla a abraçou.

— E por termos uma amiga leal como você. — Afastou-se e apertou as mãos dela nas suas. — Adeus.

Leila sentou-se no leito e procurou o marido. Ainda estava escuro lá fora. Onde teria se metido Ragnar? Afastou as cobertas e pegou o robe de cima de uma cadeira, enrolando-se nele. Seus pés descalços ultrapassaram o limite do tapete e o contato deles com o assoalho fez com que tiritasse de frio. Percorreu o aposento com os olhos e o encontrou. A silhueta alta e maciça como um rochedo emoldurada pela janela aberta, por onde o vento cortante entrava, enregelando até os ossos.

— Querido...?

Levou um tempo até que ele se voltasse e a chamasse, com um braço estendido sob a grossa manta de peles, parecendo a asa de um grande falcão.

— Leila, — sua voz era suave — venha cá.

Ela correu até ele, aconchegando-se sob a proteção de seu braço e da manta que ele fechou em torno dos dois. Colou-se a ele e buscou o calor de seu corpo e o seu olhar, com uma interrogação no rosto. Ele respondeu, fitando-a com intensidade.

— Sabe que eu te amo?

— Eu também amo você, Ragnar. Mais do que tudo neste mundo. Amo você e os filhos lindos que me deu. — Ela recostou a cabeça em seu peito. Era tão bom estar ali, sentia-se tão segura ao lado dele! Mas por que ele parecia tão angustiado? — O que houve, meu amor?

Ragnar inspirou profundamente. Ela sentiu seu peito subir e descer sob seu rosto e ouviu a cadência de seu coração. Abraçou-o com mais força quando um calafrio percorreu seu corpo. Sentiu-o também apertá-la em seus braços. Depois de muito tempo em silêncio, ele falou.

— Antes de toda aquela confusão da Sociedade e das caixas começar, antes de irmos para Delacroix, Ulla apareceu numa madrugada, na biblioteca, e me disse coisas muito estranhas. Coisas que iriam acontecer. Naquela mesma manhã, um eclipse encobriu o sol, como num presságio. Segundo minha irmã, tudo o que vem acontecendo desde então é, em parte, responsabilidade dela. — Ele baixou o rosto e fitou Leila. — Ela saiu daqui ainda há pouco.

— Como?

— Gilchrist partiu e ela foi em seu encalço. Ela me exigiu que ficasse, que

não a seguisse, nem que mandasse Björn fazê-lo. Pegou um arco no arsenal e disse que pediria a Brosa para ir com ela.

— Ir? Aonde, Ragnar? Quer fazer o favor de falar coisa com coisa?

Seus dedos tocaram o queixo de sua mulher, sua pequena sarracena, a joia que ele trouxe de Jerusalém. Traçou o contorno do rosto delicado, dos lábios cheios e vermelhos, tocou as sobrancelhas e prendeu uma mecha castanha atrás do lóbulo da orelha. Deus, como ele a amava! Amava aquela mulher mais do que a própria vida.

— Jean... ou aquilo no que ele se transformou.

— Isso é loucura, — ela gemeu e agarrou-se a ele com os olhos súplices — é uma loucura! Ele vai matá-los!

— *Liten*, eu confio nela. Nela e em Gilchrist. Mas temo pelo preço que pagarão por enfrentar aquela Coisa.

Leila suspirou. Suas mãos percorreram o peito amplo, sentiram os pelos que salpicavam a pele dourada de Ragnar, seus músculos rígidos. Absorveu sua textura e o calor. Ergueu os olhos para ele.

— Beije-me, — uma de suas mãos tocou a face do marido e as duas cicatrizes que ele levava ali. Uma mais antiga, perto da sobrancelha. E a outra, a que Radegund lhe fizera, na maçã do rosto. Roçou os dedos na aspereza da barba que despontava e desenhou sua boca com o polegar. Pediu de novo — beije-me e me aqueça. Tenho muito medo do que virá.

Erguendo-a nos braços, Ragnar tocou os lábios com os seus, enquanto caminhava com ela até a cama do casal. Deitou-a gentilmente e colocou-se ao seu lado, beijando-a e acariciando-a devagar, com ternura e delicadeza, demonstrando todo seu amor por sua mulher.

Quando o horizonte já começava a se tingir de um tom pálido de amarelo, os dois, ofegantes e suados, entregaram-se ao êxtase daquele amor profundo que os uniria ali e muito além daquela vida.

Saori passou todo o dia anterior esgueirando-se pela floresta, tentando seguir a pista do garoto em cujo corpo todo o Mal do mundo habitava. Os *Sennins* haviam dito que armas humanas eram inúteis contra aquela criatura. Nada poderia matá-la. Mas eles haviam dito também que, se a Coisa não estivesse no lugar certo, na hora certa, todo seu poder se esvairia como um punhado de sal na correnteza. A *kunoichi* sabia que seu trabalho seria muito arriscado. Entretanto, desde que saiu de sua longínqua *Nihon*, Saori tinha consciência de que poderia não voltar. E naquela época, aquilo pouco lhe importava. Tudo o que queria era cumprir a missão que lhe fora destinada e resgatar seu nome e sua honra perante o clã.

Agora, ela sabia que isso já não bastaria. Agora havia algo em sua vida, uma tênue esperança, uma pequena promessa de felicidade. Havia Hrolf Brosa. Isso a revoltava e, ao mesmo tempo, a consolava. Quis que ele tivesse aparecido antes em sua vida. Quando era jovem, quando não havia mácula alguma sobre a honra de seu nome. Quando a morte ainda não espreitava pelas frestas, esperando para saltar sobre ela.

Parando em meio às árvores da floresta, Saori contrariou as noções que trouxe consigo até então. Uma força superior à honra dominou-a e, abrindo os braços para o céu, gritou em desafio aos Deuses de todas as terras e de todos os tempos.

— Não morrerei!

O cerco se fechava sobre ele. Sorriu. Tolos! Todos eles eram tolos!

Por milênios ele aguardou aquela oportunidade. Agarrou-se a ela enquanto a tortura da escuridão e do silêncio eternos o exasperavam e o enlouqueciam. O passar contínuo dos séculos o irritava tanto quanto a água gotejando sobre uma pedra, noite e dia. Dia e noite.

Nada o impediria de realizar seu intento. Não haveria nenhum obstáculo capaz de deter sua marcha vitoriosa e a de suas hostes sobre a Terra. Seu reino se alastraria sobre as asas de suas bestas. E a criança seria sua.

Ele a arrebataria consigo e a transformaria em sua mensageira, moldaria a pequena menina à sua imagem, como o seu inimigo fizera com o barro. A força do sangue não poderia ser desprezada. E talvez, quando tivesse a filha em suas mãos, não precisasse matar a mãe. Talvez ela viesse a ele espontaneamente, suplicando por sua cria, e se entregasse a ele e aos seus planos de reinar sobre a Terra e o Caos. Deles seriam a criança, a mulher e o corpo do Dragão. E todos os reinos da Terra seriam esmagados sob seus pés.

Nidaros

Einar olhou de novo as patas de seu cavalo e balançou a cabeça, desolado. Justo agora sua montaria tinha que aparecer machucada? Na certa tinha sofrido uma torção ao pisar num buraco oculto sob a neve.

— Diabos! — Praguejou baixinho dentro da baia, nos estábulos da catedral.

Assim acabaria perdendo a pista de Karin e de seus acompanhantes. Escutou claramente, na outra noite, o homem esquisito e corpulento comentar com o outro, uma espécie de janota, que partiriam pela manhã. O problema era para onde?

De Karin, aquela cobra, poderiam esperar tudo. Mas seria ela ousada o suficiente para dar as caras em Svenhalla de novo? Se não estivessem indo para

Svenhalla, o que diabos faziam ali? Nidaros era um centro de cultura e estudos, não uma aglomeração comercial ou social, onde aquela mulher poderia ter algum interesse. Além disso, todas as ligações dela com aquela região do reino haviam sido rompidas há anos. Seu pai havia morrido numa das inúmeras conspirações das quais fizera parte, as terras tinham sido confiscadas pelo rei e deixadas sob a tutela dos atuais vizinhos de Svenhalla, uma família de nobres leais à Coroa e amiga dos Svenson. Ela só podia ter Svenhalla como objetivo. Mas por quê?

Cada vez mais intrigado, Einar saiu atrás de um cavaleiro a fim de arranjar outra boa montaria para que pudesse partir para casa. Pressentia ali alguma trama diabólica em curso. Tinha que alertar seus irmãos a respeito disso. Mesmo que isso significasse ter que encarar Anne novamente.

Svenhalla

— Entre.

A voz de Terrwyn soou abafada. Ela sequer se dignou a olhar quem abria a porta e entrava em seu quarto. Com a cabeça enfiada debaixo da cama, ela tentava inutilmente convencer um filhote de gato a sair de lá.

— Vamos, bichano! — Ela tentou pegar o filhotinho que recuou e lançou-lhe um valente esgar. — Colabore! Saia daí! Você miou a noite toda e eu não consegui dormir!

— Eu também não.

A voz grave de Björn a assustou. Na pressa de sair de baixo da cama, recuou de costas e ergueu a cabeça ao mesmo tempo, batendo-a contra o estrado.

— Ai! Inferno!

O capitão puxou-a pelos quadris e ergueu-a sem dificuldade, sentando-a na cama.

— Machucou-se?

Terrwyn esfregou a têmpora fazendo uma careta.

— Acho que o maior dano foi ao meu orgulho, — ela parou de massagear o local da pancada e o encarou, desconfiada — o que faz aqui tão cedo? O sol mal nasceu...

Björn suspirou e ajoelhou-se no chão, diante dela. Fitou demoradamente os olhos castanhos e depois surpreendeu-a.

— Desculpe-me por ontem — ela arregalou os olhos — minha reação foi um exagero.

A moça sorriu e tocou seu rosto com as mãos delicadas. E também o pegou de surpresa.

— Também peço desculpas pela provocação.

Björn sorriu e sentou-se ao lado dela, puxando-a para seu colo num gesto de paz e carinho. Terrwyn era tão meiga e linda, tinha um corpo tão delicado. Ao mesmo tempo, era tão forte que o deixava sempre perdido e desarmado.

Desde o dia em que a possuía naquela cabana, ele simplesmente não conseguia deixar de pensar nela um só minuto. Por isso pedira a Bakkar para se casar com ela. Não foi por ter tirado sua virtude e sim, porque não conseguiria se afastar dela. Não depois de ter conhecido aquela atrevida e invocada galesinha e de tê-la feito sua.

Nunca tinha se sentido assim em sua vida, nunca sentiu o coração bater tão rápido e tão forte só por estar junto a uma mulher. E principalmente, por uma tão jovem quanto Terrwyn. Suas amantes sempre foram mulheres mais velhas e experientes. Seria aquela mescla de sentimentos o que chamavam de amor?

Terrwyn, por sua vez, mantinha a cabeça recostada no ombro dele e observava o rosto de seu adorado capitão. Na noite anterior, apesar de tê-lo enfrentado, trancou-se em seu quarto triste e aborrecida, desejando que ele nunca tivesse ouvido sobre a tal aposta dela e de Leila. Disse-lhe algumas verdades, e não retiraria nenhuma palavra daquelas que lhe atirou, porém, preferia mesmo era beijá-lo a brigar com ele.

As sensações que tinha descoberto naquele dia na cabana ainda eram vívidas em sua mente. Seu corpo se aquecia só de se lembrar delas. E agora, aconchegada no colo de seu capitão, Terrwyn percebia que o que sentia por ele era muito mais do que uma paixão. Ela desejava conhecer Björn a fundo. Queria dormir e acordar todos os dias ao lado dele. Queria embarcar com ele em seu adorado Freyja e conhecer as terras distantes para onde ele ia. E mesmo que ele lhe mostrasse os mais lindos lugares do mundo, nenhum deles seria mais belo e mais seguro para ela do que ali, onde estava. Nos braços dele.

De repente, neste instante de suprema alegria, ela teve a certeza do que realmente sentia por Björn Svenson. Segurou o rosto dele entre as mãos e confessou.

— Amo você, meu capitão.

Para ele foi tão simples e tão fantástico, que as palavras saíram naturalmente de seus lábios, ao mesmo tempo em que uma onda pura felicidade explodia em seu coração.

— Amo você, minha menina.

Terrwyn sorriu e aceitou o beijo dele. E desta vez, não se zangou porque ele a chamava de menina...

Hrolf nem precisou perguntar quem era do outro lado da porta. Sentiu seu cheiro quando ela ainda estava na orla da floresta. Olhou para a figura esguia e

loura à sua soleira e teve certeza de que Ulla Svendsdatter, mais uma vez, estava metida numa encrenca. E dessa vez, uma bem grande.

— Entre, jovem Svendsdatter.

Ulla passou por ele, esfregando as mãos enluvadas para espantar o frio. A tarde caía. Ela havia passado todo o dia em busca de Gjurd. Foi até uma gruta, no lado Norte da propriedade, onde sabia que ele sempre ia para meditar. Mas o velho sacerdote parecia ter se evaporado. Parou diante do fogo e indagou, olhando a sua volta.

— Onde está ela?

Hrolf parou ao seu lado, olhando o fogo.

— Foi embora, — Ulla encarou-o, espantada, e o rastreador prosseguiu — ela veio para cumprir uma missão. E nada poderá demovê-la disso. Mesmo que, para isso, Saori tenha que morrer.

— E qual é esta missão?

— Ela não me disse, mas tem a ver com aquela maldita Coisa que você e seu homem vêm tentando deter.

O coração da moça gelou. Hrolf sentiu o cheiro de seu medo e de sua apreensão. E antes que ela pedisse, ele aceitou.

— Espere aqui enquanto me preparo. Em meia hora estarei pronto para partir — ele começou a subir as escadas do jirau — traga Saga e Njord conosco. Levarei meus cães também. Precisaremos deles.

Sozinho no lombo de Boru, com o grosso manto fechado ao redor de seu corpo e o capuz sobre a cabeça, Gilchrist cavalgava em direção ao destino traçado para ele há muitos anos atrás. Desde que sua mãe foi morta. Desde que foi levado pelos Antigos e criado por eles. Desde que, numa noite de maio, os fogos foram acesos nos bosques de sua terra. Nesta noite, ele correu com o gamo pela mata para depois, com o corpo exausto, suado e coberto com o sangue e a pele do animal, receber os dragões em seus punhos.

De nada adiantou toda uma existência de controle e retidão. De nada adiantou a postura séria e distante, a fria e civilizada reserva com que sempre se conduziu ao longo de sua vida. Num minuto tudo se esfacelava. Ulla libertou aquela força primitiva, acordou o Dragão. E agora ele o sentia se agitando dentro de si, querendo se libertar, parecendo prestes a romper seu corpo e sua alma.

Uma parte sua desejava febrilmente que ele se apoderasse de seu espírito. O Dragão era ele, sua essência, sua verdade. Mas seu lado prático, racional e humano não o queria. Renegava-o, rejeitava-o. Pois sabia que, para que ele viesse à tona, ele, Gilchrist, o homem, deixaria de existir. Habitaria o Limbo, para onde Delacroix foi mandado. Numa eterna existência entre o ser e o não ser.

Não é de todo ruim.

— Veio me fazer companhia?

O homem louro deu de ombros, caminhando na neve ao lado de Boru sem deixar pegadas.

Não há muito o que se fazer deste lado, por enquanto.

— Por enquanto?

Há muitas coisas que ainda não sabe Dragão. Coisas que nós, que estamos aqui do outro lado, com todo o tempo da eternidade para observar e compreender, sabemos. Haverá muitas revelações. Os acontecimentos que virão não podem ser totalmente previstos ou controlados. Tudo o que acontecer aqui, influenciará a vida de todas as pessoas em Svenhalla e fora dela. — Ele balançou a cabeça, sacudindo a cabeleira loura. — Eu não queria estar em seu lugar, Dragão.

— Nem eu no seu. — Retrucou o irlandês para, depois de um longo silêncio quebrado apenas pelo resfolegar de Boru, indagar. — Não sente falta dela?

Eu a vejo sempre, embora ela não me veja. — Os olhos azuis o fitaram, cheios de sabedoria — Aprendi que o amor tem muitas faces, Dragão. E o que eu sinto hoje por ela está acima do amor humano. A morte me levou, mas eu abri mão dela de livre e espontânea vontade para que a mulher que eu amo possa conhecer a felicidade.

Gilchrist olhou-o com respeito.

— Isso é o que eu chamo de altruísmo.

Isso eu chamo de amor.

Madrugada de 21 de dezembro

Saori parou e espreitou a trilha adiante. Logo o dia do solstício nasceria. Tudo o que precisava fazer era retardar aquela Coisa. Nada mais do que isso. Faria um lançamento perfeito, como vários que já fizera em sua vida e veria a Coisa sinistra tombar como uma árvore.

Os *Sennins* haviam lhe entregado o sumo de uma flor que brotava nos campos de *Qara-Khitai*⁵⁴, a papoula. Segundo eles, os dardos banhados naquela substância teriam o poder de adormecer o corpo no qual a Coisa habitava. E mesmo que *aquilo* não pudesse ser morto por armas humanas, poderia ser atrasado em seu compromisso com as Trevas.

Saindo da depressão onde se ocultava, ela o viu. Imóvel, de costas para ela, olhando para a imensidão branca lá embaixo. Preparou o dardo na pequena e precisa besta. Esticou o braço e olhou pelo quadrado de metal, colocando-o na sua mira. Foi então que ele se voltou.

— Pensou que eu não farejaria você, mulher das sombras?

QUANDO O MUNDO ERA JOVEM E OS HOMENS TEMIAM,
E OS INIMIGOS DA NOITE GANHAVAM TERRENO,
ENFRETEI SET PELO FOGO E O AÇO,
E PELO SUMO NATURAL DA ÁRVORE DO VENENO;
AGORA QUE DURMO NO CORAÇÃO NEGRO DA COLINA,
E AS ERAS PASSAM EM SUCESSÃO,
ESQUECEM DAQUELE QUE LUTOU CONTRA A SERPENTE,
PARA A ALMA HUMANA TER SALVAÇÃO?
A Fênix na Espada. Robert E. Howard

O sol começava a lançar sua tênue claridade sobre a terra, embora, naquele dia, ele mal fosse se afastar da linha do horizonte. Hrolf e Ulla, emparelhados na trilha que os levaria ao Pico de Odin, o lugar onde Gjurd disse que o confronto com o Mal se daria, prosseguiam num silêncio tenso, cada qual imerso em seus próprios receios.

Numa curva da estrada, o rastreador puxou as rédeas de sua montaria e se concentrou. Suas narinas se dilataram ao mesmo tempo em que os cães começaram a latir, excitados. Ulla indagou.

— O que foi?

— Sangue, — ele a encarou e em seus olhos claros Ulla viu apreensão — sinto o cheiro de sangue e medo — *e o de uma mulher cujo odor é inconfundível.*

— De onde vem?

Hrolf apontou o bosque à frente, logo depois de um declive.

— Dali. Vamos.

Para Ulla o horror foi tanto que ela, nauseada, colocou para fora todo o conteúdo de seu estômago. Para Hrolf, foi como um punhal cravado em seu coração.

Em menos de cinco minutos tinham alcançado a ravina e o pequeno bosque no fundo dela. Lá, antes de qualquer coisa, a visão do vermelho maculando a brancura da neve os recebeu. Depois, o cheiro acre e penetrante do sangue de Saori entranhou-se em suas narinas. O rastreador saltou da montaria e correu até a mulher. Com cuidado, virou o corpo que ali esteve jogado como um trapo, apenas para revelar a face completamente machucada.

O nariz sangrava e estava quebrado. Os lábios, cortados e inchados, estavam cobertos por uma crosta de sangue seco e sua pele, onde não estava vermelha de esfoladuras ou arroxeadas por hematomas, trazia a coloração azulada gerada pela exposição ao frio. Um dos braços estava retorcido, quebrado. Hrolf tocou a base do pescoço e, para seu alívio, percebeu que ela ainda vivia. Mas só Deus sabia por quanto tempo mais.

Retirou o próprio manto e enrolou-a, erguendo-a nos braços. Em seguida, colocou-a sobre a sela e, com a ajuda de Ulla, manteve-a ali para que ele próprio

pudesse montar. Avisou a sua pupila.

— Tenho que levá-la de volta — sua mão segurou a de Ulla — volte comigo, eu lhe imploro!

— Não posso, Hrolf.

— Por favor, Ulla — fitou significativamente a estrangeira em seus braços e depois a encarou de novo — não posso permitir que ele faça com você o que fez a ela!

— Não — ela puxou a mão e recuou — o Dragão precisa de mim.

— Ulla...

— Vá! — Ela gritou. — Vá antes que seja tarde demais!

Svenhalla

Radegund aguardou o fim do desjejum para falar a sós com Ragnar. Chamou-o para uma caminhada pelo pátio do castelo e, intrigado com o tom sério da ruiva, ele não questionou. Agora olhava para ela, estupefato.

— Está me dizendo que teremos que sair todos daqui? Mas por quê? Eu não entendo!

— Sven, ouça-me — ela parou de frente para ele, fechando o manto com a mão, protegendo-se do vento frio — conversei com Ulla. Ela me instruiu. Se Gil não conseguir cumprir sua missão, só Deus sabe o que poderá nos acontecer. Não faço nem ideia das consequências, mas, de uma coisa tenho certeza. Aquilo virá direto para cá! Portanto, é vital que tire todos de Svenhalla. Mande-os para o vilarejo vizinho, para o mar, para qualquer lugar, desde que seja o mais longe possível daqui. E diga ao seu irmão que prepare um navio para zarpar de imediato.

— Nessa época é quase impossível navegar, ruiva! — Ele ainda argumentou.

— Qualquer lugar será mais seguro do que Svenhalla se Gilchrist falhar.

Pouco antes do meio dia, a última carroça levando os poucos servos e aldeões que haviam permanecido em Svenhalla deixava o castelo. Ragnar nunca tinha visto seu lar assim, tão lúgubre e vazio. O vento gelado e cortante soprava seu lamento pelos corredores ermos e escuros, parecendo concordar com os seus pensamentos.

Agora só restavam ele, Leila e seus amigos. Olhou para as escadas, por onde sua mulher descia, juntamente com Anne, Trudy e Terrwyn, trazendo os mantos e uma pequena sacola cada uma. Mark vinha logo atrás delas, assim como os outros homens, equipado com sua cota de malha e trazendo suas armas.

— Está tudo pronto. Svenhalla foi evacuada.

— Graças a Deus — ele deu a mão a Leila e dirigiu-se a Trudy e Terrwyn — Aswad e Björn aguardam por vocês no pátio. Eles...

Não pôde, no entanto, concluir a frase. As portas do vestíbulo foram abertas de supetão e por elas entrou Hrolf Brosa, exausto, com um fardo nos braços e o olhar desesperado.

— Preciso de ajuda aqui, rápido!

Mark e Ragnar foram os primeiros a auxiliá-lo. O mestiço, quando viu o estado em que a estrangeira se encontrava, não conteve uma exclamação.

— Pelo Profeta! O que houve, Brosa?

— Aquele maldito miserável a pegou!

Saori foi deitada num divã. Leila debruçou-se sobre ela, examinando-a com cuidado. Seu olhar encontrou o de Mark, que também se aproximava. Seria difícil salvar a mulher.

— Precisamos limpar os ferimentos e aquecê-la. — Disse ele.

Ragnar se aproximou.

— Vamos levá-la para o Freyja. Cuidaremos dela por lá.

— Não podemos, querido. Ela não vai aguentar o transporte e a demora. Tenho que começar já!

Ele ainda tentou convencer sua esposa. Leila não podia ficar ali sozinha com a doente. E ele tinha a obrigação de conduzir o povo de Svenhalla para um lugar seguro.

— Temos que sair todos daqui, Leila!

— Ouça-me, Ragnar, — ela se levantou enquanto Mark examinava a moça — eu fico aqui e vocês tiram Terrwyn, Anne e principalmente Trudy, que está grávida. Precisarei apenas que alguém fique comigo para me ajudar.

— Eu gostaria de ficar, Leila. Mas tenho que voltar e ajudar Ulla. Sei que ela e o irlandês vão precisar de mim. — Ele se ajoelhou ao lado de Saori, cujo rosto ferido começava a ser limpo por Mark. — Pelos Deuses! Nunca me senti tão dividido!

— Vá tranquilo. Não poderá fazer nada aqui, por enquanto. — Tranquilizou-o Mark. — Cuidarei dela junto com Leila.

— Meu senhor, — interferiu Anne — eu cuidarei da moça junto com a senhora Leila. As pessoas precisam ser escoltadas com toda segurança. E suas armas são mais eficazes do que o meu talento para fazer contas...

Os homens se entreolharam e houve alguma discussão. Porém, apesar dos argumentos, menos de meia hora depois, Anne e Leila se trancavam nos aposentos principais junto com Saori, que foi acomodada no leito. Da estrada o grupo lançou um último olhar ao castelo antes de incitar as montarias na direção do ancoradouro. Ragnar era quem trazia o coração mais apertado.

— Como assim? Ela não está aqui?

— É como eu disse, Bakkar — repetiu Björn — Radegund escoltou o último grupo e depois disse que voltaria à Svenhalla. Achei que viesse com vocês!

Maldição! Onde ela estava? Depois do que aquela Coisa fizera com a estrangeira, tremia só de pensar no destino que Radegund poderia encontrar nas mãos dele.

Baco resfolegava e batia os cascos no chão, sentindo a tensão do dono. Mark controlou-o entre os joelhos e puxou as rédeas, voltando-se na direção do castelo. Aswad ainda o chamou.

— Mahkim! Fique, talvez ela esteja a caminho.

— Esqueçam! — Ele gritou por sobre o ombro, o peito apertado lhe dizendo que Aswad estava errado, que ela não viria. — E se for necessário zarpar, podem fazê-lo sem mim.

Ulla conduzia Valkyrie a passo. Seguia a pista do Dragão a uma boa distância, para que ele não a notasse e a mandasse de volta para casa. Além disso, não queria desconcentrá-lo. Tudo o que queria era ajudá-lo de alguma forma, era estar ao seu lado no momento em que...

— Oh, Freyja! — Gemeu ela sobre a sela de sua égua.

Subitamente, no sopé da colina chamada de Pico de Odin, a montaria empacou. Agitou a crina prateada e bateu os cascos no solo. Ulla puxou sua faca de caça da bainha e olhou ao redor, fazendo Valkyrie girar. Só havia o silêncio e a brancura da neve, tornada mais intensa pela luz do sol.

— O que foi, menina? — Murmurou acariciando o pescoço da montaria. — Também sinto algo.

A égua se agitou mais ainda e começou a recuar, afastando-se da linha das árvores. Instantes depois, caminhando com passos suaves, Jean aparecia, sorrindo abertamente para Ulla.

— Sabia que viria, bruxa.

Svenfjord, arredores de Svenhalla

Mark olhou para a pessoa parada no alto do fiorde. Amassou entre os dedos enluvados a mensagem que tinha encontrado em seus aposentos. Baixou a cabeça e deixou os ombros curvarem por um instante. Sentia-se miseravelmente cansado, como se fosse um ancião e não um homem que ainda celebraria quarenta verões. Sentia hoje, mais do que nunca, o peso de cada um dos dias de sua vida. Sua alma estava dilacerada, parecendo carregar mais cicatrizes do que todas aquelas que marcavam seu corpo. E, de certa forma, *ela* era a responsável

por isso.

Aprumou o corpo, preparando-se para o confronto. Num ritmo lento, mas determinado, conduziu Baco naquela direção. Apeou, prendeu o animal numa raiz junto a Lúcifer e seguiu em frente. Claro que ela já o pressentira ali. Claro que sabia que ele chegava. Mas nem sequer se dignava a olhar para trás.

— Pior para você, Radegund, — grunhiu — não vou facilitar as coisas, se é o que pensa!

Mark não facilitaria as coisas. Ela podia senti-lo se aproximando. Hoje, como a debochar de sua decisão, aquele elo entre eles estava mais vivo do que nunca. Mais nítido, mais intenso, mais palpável. Ele caminhava em sua direção; ela sabia mesmo sem olhar. Estaria bufando como um touro enraivecido e praguejando na língua dos sarracenos, contendo a custo a explosão de sua ira. Quando estava a menos de dois passos dela, Radegund se voltou.

Pico de Odin

Mesmo tremendo, Ulla encarou a coisa. Obrigou-se a pensar rápido.

— Vim propor um acordo.

— Outro, mulher? Não basta aquele que fizemos pela vida de seu irmão?

— Não foi um acordo. Você me ludibriou.

— E vai confiar em mim de novo?

Ah, se ao menos pudesse se arrepender. Mas isso significaria admitir que errara em salvar a vida de seu irmão. Significaria admitir que Ragnar deveria estar morto, Leila viúva e que seus sobrinhos não existiriam. Significava mudar totalmente o curso dos acontecimentos, rompendo a teia do destino. Significaria que ela jamais teria sido, nesta vida, a mulher do Dragão. Tentou soar firme, apesar do medo.

— Não tenho escolha.

Jean riu maldosamente. O que ela poderia lhe oferecer que ele já não estivesse prestes a ter? Resolveu jogar.

— Diga então. O que propõe, bruxa?

A decisão foi instantânea.

— Poupe o Dragão. Dou minha vida em troca da vida de meu irmão. Não é esse o preço do equilíbrio? Uma vida pela outra, uma dádiva que substituirá a que lhe foi tomada?

— Oh! — Ele se aproximou de Valkyrie que retrocedeu, nervosa — desça, bruxa.

— Só se tiver sua palavra sobre o acordo.

O sorriso cínico desapareceu. Os olhos negros pareceram transpassar sua alma com uma estaca de gelo quando ele disse em voz gutural.

— Tem minha palavra — ele conseguiu agarrar a brida da égua — agora desça. — Estendeu-lhe a mão franzina que se assemelhava a uma garra. Ulla notou que aos poucos ele perdia a humanidade que ainda restava naquele corpo. Ele ordenou novamente. — Desça e caminhe ao meu lado, bruxa.

Não passou despercebido o duplo sentido da frase. Ela, no entanto, achou melhor obedecer. Deslizou da sela de Valkyrie para o chão. A égua se afastou assustada. Ela deu um passo na direção da Coisa.

— E agora?

Ele fez uma reverência escarninha, apontando o caminho.

— Primeiro as damas, bruxa.

Arredores de Svenhalla

Chrétien acompanhava a movimentação dos mercenários enquanto Karin, eternamente escrava de suas vaidades, ocupava-se com a toalete dentro da tenda. O estranho agente da Ordem vinha caminhando naquela direção, parando aqui e ali para dar instruções aos homens. Aproveitou para estudá-lo.

Não devia ter mais do que trinta anos, mas o corpo trazia muitas marcas, tornando-o envelhecido. A face era riscada por inúmeras cicatrizes, quase que deformada. Os cabelos eram longos, assim como a barba. A túnica e o manto brancos, com a cruz vermelha, não deixavam margem a dúvidas. Um Templário de cabo a rabo. Exceto pelo fato de não ser um beato e de apreciar as companhias femininas, enquanto seus confrades as execravam.

O homem tinha, contudo, uma sede de vingança extrema. Sempre se referia ao tal Bakkar com puro ódio nos olhos. E sempre que o fazia, erguia aquela mão retorcida e a fitava longamente. Teria sido o mestiço o causador daquela deformidade?

— Ficaremos aqui enquanto dois de meus homens fazem o reconhecimento do terreno, D’Arcy — disse o agente. — Não quero nenhum passo em falso desta vez. Vou triunfar onde você e Tarascon falharam.

— Eu não falhei — retrucou Chrétien, com o lenço bordado junto ao nariz para disfarçar o odor causado pela falta de banho da maioria dos soldados — eu apenas me atrasei.

— Não me importa — o outro rosnou, mal-humorado — em breve, a agente Scholz estará em nossas mãos. E aí, meu caro D’Arcy, eu o deixarei se divertir com ela enquanto tira de seus lábios as informações que desejamos.

Pico de Odin

Gilchrist apeou de Boru e o deixou solto. Não sabia o que aconteceria dali para frente. Não queria seu valente companheiro preso como uma mosca numa teia. Caminhou a passos largos, a respiração condensando no ar frio diante de seu rosto, até chegar ao cume. Parou, bestificado com tanta beleza.

Esperava encontrar um lugar cinzento, estéril, desolado. E apesar de não existir vegetação alguma por ali, havia um halo de vida e de magia naquele estranho local que o fazia se sentir em casa. Parecia até mesmo que já havia estado ali. Mas isso era impossível.

Caminhando devagar, ele apreciou as formações de cristais de gelo derretido. Lágrimas pontiagudas desciam do glaciér e brilhavam intensamente sob o sol pálido e o céu do inverno. Adiante, uma lâmina de gelo azulado dominava quase toda a parte central do topo da colina. Ao redor dele, só a neve eterna e secular, que devia cobrir aquele lugar encantado desde antes dos homens caminharem sobre a terra.

Gilchrist deteve-se a alguns passos da lâmina de gelo. Olhou ao seu redor e pareceu que o vento, que até então soprava furiosamente o ar gelado em volta dele, havia parado. O silêncio era absoluto.

De alguma forma ecoou em sua mente uma língua estranha e antiga. Seus punhos começaram a comichar e depois a arder. Arrancou as luvas e o manto, atirando-os longe. Automaticamente, suas mãos agarraram o punho da espada de Luc, sacando-a da bainha. Quando as palmas envolveram o metal trabalhado, ele estava incandescente. Gritou de dor, mas não conseguiu soltá-la.

O som de sua voz ecoou repetidamente na imensidão gelada e fez vibrarem as delicadas estacas de gelo. Sentiu uma sutil vibração sob seus pés. Ou teria sido a dor estremecendo seu corpo? Atirou a cabeça para trás e mais um grito escapou de sua garganta, um chamado primitivo que parecia brotar das profundezas de seu espírito, de sua essência, do próprio Dragão.

Foi então que ao abaixar a cabeça e tentar respirar, ainda com a espada em punho, ele viu. Viu e compreendeu tudo.

Sob a lâmina azulada, que mais parecia feita de cristal, uma gigantesca sombra negra se movia, ondulando um corpo ancestral.

Divino e profano a um só tempo.

Ele ergueu a espada diante de si, a lâmina apontada para o chão, pronto para cumprir sua sina, seu destino, sua maldição.

— Por você, Ulla ... — murmurou ele, prestes a descer a espada sobre o gelo. Não completou o gesto.

— Faça isso Dragão e a bruxa morre.

Svenfjord

O vento açoitava o alto do fiorde, fazendo os mantos esvoaçarem ao redor deles. Radegund encarava Mark por sob a zibelina de seu capuz. Ergueu um pouco mais o rosto e a peça foi arrancada de sua cabeça, pendendo às suas costas, deixando os cabelos soltos ao sabor do vento. A mão do mestiço se ergueu devagar, exibindo a mensagem amassada diante dela.

— *Estou partindo. Seja o que for que aconteça hoje, nossos caminhos se separam aqui. Obrigada por sua amizade. Desejo do fundo de meu coração que seja feliz.* — Ele amassou ainda mais o pedaço de papel depois de recitar de cor cada uma das palavras frias que ela escreveu. — É só isso? Vai embora assim e me deixa isso?

— Você...

— Sim! — Ele esbravejou. Atirou a mensagem longe e o vento a arrastou. — Eu decorei cada palavra e estou até agora tentando entender o que diabo deu em você! O que aconteceu para que você atirasse fora todos esses anos, tudo o que passamos, toda a amizade e a lealdade que construímos, Radegund?

Ela o encarou parecendo que ia dizer alguma coisa. No último instante, porém, mudou de ideia e olhou para o céu.

— Vai começar.

Ele olhou também.

— O quê?!

— A Lua engolirá o Sol, — ela apontou a sombra que começava a cobrir o disco solar — o eclipse. — Encarou-o de novo. — Não tenho muito tempo.

— Esqueça, não vai fugir de novo — ele segurou a mão dela, impedindo-a de se afastar — quero uma explicação, agora.

Muito séria, mas com voz suave, ela pediu olhando-o nos olhos.

— Em nome de nossa amizade, eu lhe peço. Deixe-me fazer o que vim fazer.

— E o que seria?

Ele soltou sua mão. Ela se desfez do manto, desatou uma bolsa de couro da cintura. Abriu-a e despejou no chão coberto de gelo e neve os quatro amuletos e um pergaminho amarelado. Para espanto de Mark, uniu os símbolos numa só peça. Explicou a ele.

— Ulla me ensinou o que fazer. Aswad já havia dito que essa peça é parte da armadura de Sekhmet. Por isso detinha o monstro. Mas agora — ela se levantou e colocou-se ao lado dele — deve ser atirado ao oceano, colocado fora do alcance de mãos humanas e também daquele demônio. Se tudo der errado, ele virá atrás disso — *E atrás de mim...* olhou para o perfil dele, que permanecia sério, observando o mar lá embaixo — fique ao meu lado uma vez mais, — ele

se voltou para ela, que continuou — ajude-me a destruir isso e a dar uma chance, por menor que seja, a Ulla e Gilchrist.

— Uma vez mais — ele concordou e fez o que ela pedia. Colocou-se ao lado dela, a fisionomia solene, os olhos atentos a tudo ao redor.

— No momento em que a Lua encobrir o Sol completamente, eu o atirarei no mar. Pegue, — estendeu para ele o pergaminho — enquanto eu atiro o amuleto, deve dizer este encantamento. — Ao ver que ele franzia o cenho para as palavras escritas ali, ela as repetiu para ele, completando. — Estão numa língua antiga. Basta pronunciá-las assim; foi como Ulla me ensinou.

Com um aceno, ele concordou. E em silêncio, os dois esperaram. Ambos fizeram suas preces.

Einar cavalgava com cuidado. Seguia na direção do fiorde, contornando o acampamento daqueles que, estava certo agora, eram seus inimigos. Galopou como um louco e conseguiu chegar a tempo. E ficou surpreso ao constatar que, ao invés de se dirigirem diretamente a Svenhalla como visitantes normais, eles haviam acampado e começado a se preparar para um ataque. E mais surpreso ainda — e apreensivo — ele ficou ao notar um cavaleiro templário entre eles. Aquilo só poderia significar que Anne Marie tinha sido descoberta.

Agora ele percorria aquela trilha no meio da floresta, de onde teria que contornar todo o fiorde para chegar até o castelo. No entanto, apesar de ser um caminho mais longo, ali ele dificilmente seria apanhado.

Com paciência, foi conduzindo seu cavalo a passo, quando notou que o céu da manhã começava a escurecer cada vez mais.

Pico de Odin

— Largue a espada, Dragão, ou arrancarei o coração da bruxa na sua frente.

Ulla amaldiçoou-se por sua ingenuidade. Não devia ter aceitado aquele acordo, não devia ter lhe dado ouvidos. Não devia ter confiado naquela serpente.

— Não devia mesmo, bruxa. — Ele a fez se ajoelhar no chão, a frente dele. Suas mãos — ou garras — seguravam-na cruelmente pelos cabelos, inclinando sua cabeça e expondo seu pescoço ao fio de uma faca curva e cheia de inscrições estranhas na lâmina. — Sua mulher é uma tola, Dragão. Mas você ainda tem uma chance de salvá-la, — ele deu uma risada cruel — entregue-se a mim. Deixe que eu complete minha transição em seu corpo e eu permitirei que sua mulher viva para me servir. Talvez — ele passou a unha negra pelo pescoço de Ulla — eu até a deixe ser minha concubina, junto com a leoa — voltou-se e debochou dela. — Você não é ciumenta, não é, meu bem?

— Solte-a — ordenou Gilchrist com um grunhido. Ulla não reconheceu sua voz. Parecia rouca, estranha. *Ele* parecia estranho — solte-a maldito ou eu o estriparei e deixarei sua carcaça para os abutres!

— Ah! Bravo! Ele já o domina! Sente o Dragão? Seu poder é ambíguo! — Ele o provocava. — Vai ser mais simples do que eu imaginava!

Não! Isso não poderia acontecer! Seu marido precisava conter e dominar aquela fúria. Por isso fora iniciado em Cornwall, para isso ela o conduzira naquela estrada. Porém, ela subestimou a força que habitava nele, a raiva oculta, o poder das lembranças e das mágoas. Ulla sentiu que precisava fazer algo ou tudo estaria perdido. Mas o quê? *Pense!*

Só você, Ulla, é capaz de domar a fera que se esconde em meu coração. E só seu amor é capaz de despertá-la.

— Não sinta raiva! — Ela gritou subitamente e Jean puxou mais ainda seus cabelos.

Gilchrist sacudiu a cabeça. Seus olhos, um de cada cor, espelhavam o ódio puro por aquele ser do Mal. O sentimento de posse o dominava ao ver sua companheira sendo tocada pelas garras sinistras. O poder o embriagava, fazia seu sangue borbulhar, como o potente *uisce beatha* de sua terra. Tentou lutar contra aquilo tudo.

— Deixe-a! De uma forma ou de outra, seu caminho acaba aqui, junto com o meu.

— Não vai me impedir, Dragão. Não pode me matar. E quando o eclipse se completar, minhas hostes vão se libertar. Eu serei imortal. Seu corpo será meu, assim como sua mulher e o filho que ela leva no ventre!

— Ulla!

Ela estava chocada. Era ainda uma tênue desconfiança, não uma certeza. Um filho. Dele, de seu homem, de seu amor.

— Solte-a, desgraçado! — Ele sentiu o ódio varar suas entranhas. — Solte-a agora!

Ele ergueu a espada e num instante, Ulla teve a certeza do que exatamente precisava ser feito e como.

— Dragão! Não pelo ódio, mas pelo amor. — Ela conseguiu se soltar e tentou se erguer — olhe para mim! Não pelo ódio, faça-o por amor, por seu filho. Faça-o por nós!

— Tarde demais. — A Coisa a agarrou pelos cabelos e a atirou ao chão de novo. — A Lua já engoliu o Sol. — Ele fitou Gilchrist. — Minha vez, Dragão.

O sorriso cruel contrastava com o rosto ainda infantil. Suas garras se apertaram no pescoço de Ulla. Homem e mulher se olharam ainda uma vez através da escuridão. Só havia uma saída. Ele sabia. Ela sabia.

— Não! — Ulla gemeu, temendo a hora que sabia que havia chegado.

— Amo você, feiticeira.

O nome brotou de seus lábios num grito carregado de dor, desespero e amor.

— GILCHRIST!

Parando a espada no ar, por uma ínfima fração de segundos, o Dragão sentiu-se inundar de felicidade. Todo ódio foi varrido de seu ser. Seu nome, pela primeira vez pronunciado pelos lábios dela, fez seu coração crescer e se expandir. Aquela força fluiu através dele, explodiu furiosamente dentro de seu peito como uma onda. *Amor*.

Não haveria mal capaz de lhe tirar a alegria e a certeza de amar e ser amado. Nada, nem sua própria morte, poderia roubar aquilo. Todas as eras atravessadas se reuniram numa certeza. O Amor que varava a escuridão do tempo, que vencida todas as vidas, era a verdadeira dádiva do Dragão. Com um sorriso de puro êxtase ele cumpriu sua sina. Selou seu destino e o de Ulla Svensdatter, a mulher de todas as suas vidas e mãe de seu filho.

A lâmina desceu no gelo cravando-se fundo. As tatuagens em seus punhos pareciam em chamas. A terra ferida entrou em colapso. Gemeu e estremeceu. Um uivo sinistro elevou-se atrás dele. A Coisa em Jean arregalou os olhos, apavorou-se. Tanto, para nada.

Sob os pés deles a terra se sacudia em espasmos crescentes. Atrás de Gilchrist, a lâmina de gelo começava a estilhaçar e a explodir numa onda que brotava de suas profundezas, varrendo a crosta gelada em sua direção. Uma sombra enorme se ergueu contra o céu obscurecido e pairou sobre ele. Desenhadas na brancura da neve à sua frente e da espada cravada no solo, duas grandes asas abertas.

Agarrado ao punho da espada, que tremia junto com a terra, Gilchrist caiu de joelhos. Sentiu o peito queimar, arder e o coração quase explodir. Sua vida parecia intimamente ligada à da criatura que se elevava do gelo atrás dele.

Um grito ecoou pelas geleiras e ele percebeu que partia de dentro de si, tamanha era a dor que lhe arrebatava as entranhas. Lutou em busca de ar, sentindo os pulmões queimarem como se estivesse se afogando.

E então, o poder ancestral fluiu da terra através dele. A grande fera se ergueu do gelo, acima de sua cabeça, as asas negras estendidas, o corpo coberto de escamas azuladas, a enorme cauda denteada agitando-se impaciente de um lado para o outro.

Jean ergueu a mão e apontou o punhal para o coração de Ulla, que estava em choque diante daquela visão assustadora. Sua mulher não se movia, não fazia um gesto para se defender da lâmina que baixava veloz na direção de seu peito. Foi então que a fera emitiu um brado furioso e, em seguida, labaredas azuis envolveram a mulher e o menino.

— Não! — Gilchrist ainda gritou, desesperado. — Não, Ulla! Não!

O corpo de Jean incinerou-se na luz azulada. A Coisa emitiu um último e horrendo grito, que se perdeu, pouco a pouco, na imensidão gelada. Gilchrist ainda divisou seu amor em meio às chamas. Depois foi engolido pela escuridão e pelo frio.

Cumprida sua tarefa, o Dragão se recolheu às profundezas do mundo, retornando ao seu sono sagrado, deixando sua essência com o homem que jazia sobre o gelo. Levando sua alma com ele. No Limbo onde vagava a mente do irlandês, ainda ecoou a profecia.

Sua salvação ou sua morte. Irremediavelmente seu destino.

Svenfjord

Assim que o silêncio e a escuridão do eclipse vieram, Radegund colocou toda a força que tinha no braço. Atirou o amuleto o mais longe que podia, enquanto Mark recitava as palavras contidas no pergaminho. Apreensiva, a ruiva acompanhou a trajetória com o olhar até ver a peça mergulhar no oceano azul-escuro. Depois de longos minutos, em que só o vento e a escuridão os envolvia, Mark comentou.

— Este silêncio oprime.

Ela olhou para o céu, onde só se via o halo fulgurante do sol por trás da sombra da lua e as estrelas que cintilavam onde deveria ser dia.

— Está demorando.

Entreolharam-se, presos à tensão da espera. Mark avançou até a borda do penhasco e olhou lá para baixo, onde tinha caído o amuleto. Ela também se aproximou para olhar.

— Será que fizemos tudo certo? — Ele indagou.

Radegund não pôde responder. De forma súbita, a terra começou a tremer sob os pés deles. Ela tentou se manter de pé, mas caiu de joelhos. Mark, que estava mais além dela, sentiu o chão repentinamente se mover e quando percebeu, o vazio tragava a ambos.

Ouviu apenas o grito de Radegund antes de sentir a mão dela agarrando seu punho. Segurou-se como pôde com uma das mãos numa raiz exposta, enquanto a outra se prendia à dela. Tentou achar um lugar para apoiar os pés. Lá em baixo, os rochedos os esperavam, como a boca de uma besta, pronta para engoli-los e esfaçalhá-los.

Pelo Universo ecoa o som de uma gargalhada. Ele, que é todo poder e sabedoria, também é um velho e esperto Jogador. Pobre e ludibriada Serpente! Esmagada sob o peso de suas próprias artimanhas. Agora, tenho absoluta certeza de que para tudo houve um sentido.

Isso não está acontecendo, não está...

Radegund se agarrou à base da raiz. Lutou desesperadamente para segurar Mark com a outra mão e impedi-lo de despencar. Calcou os pés no chão com firmeza, procurando vencer a inclinação que o desmoronamento havia criado.

— Merda! — Ela gritou, sentindo como se seus ombros estivessem sendo deslocados. Ele era pesado demais. — Mark, precisa encontrar um apoio para seus pés.

— Inferno! Solte minha mão! — Rosnou ele.

— O diabo que vou soltar você!

— Solte-me ou cairá também!

— Dane-se se eu cair!

— Não!

Ela agarrou com mais força o punho dele.

— Cale a boca!

— Você não pode me puxar, inferno!

— Não vou... — A mão escorregou. Ela fechou os dedos em torno do braço dele com mais força, cerrando os dentes — largar você!

Senhor, por favor! Não me tire também Mark! Não assim, não dessa forma tão cruel! Não como foi com Luc!

— Radegund, por Deus, solte-me!

Ela, ao contrário, o agarrou mais firmeza. Seu pé escorregou para fora da fenda que lhe servia de calço. Começou a deslizar também.

— Inferno!

— Solte-me, você não pode sozinha!

— Mas nós dois podemos.

A voz abençoada de Einar Svenson soou atrás dela. E logo seus braços fortes apareceram por cima de sua cabeça para puxar Mark. Depois de um esforço tremendo, os três caíram amontoados sobre o chão gelado, fora da borda instável do penhasco.

— Einar... — Mark gemeu rolando de costas, exausto e dolorido — devo-lhe

essa.

— Sem problema. Eu vi quando caíam. Ainda bem que consegui chegar a tempo. — Ele se voltou para a ruiva que, cansada, também estava deitada no chão gelado, os olhos fechados e a respiração pesada. — Tudo bem, Radegund?

— Tudo, Einar...

— Preciso achar meus irmãos, depressa. Há mais encrenca a caminho. — Ele se levantou, limpando as roupas. — Onde estão todos?

— No ancoradouro.

— Vão precisar de ajuda?

— Não. Não se preocupe. Agora nós nos viramos, — ela abriu os olhos e encarou o rapaz — obrigada.

Einar assentiu e os deixou ali, saindo no encalço de Ragnar e Björn.

Radegund voltou a fechar os olhos e nem se lembrou de perguntar a que tipo de encrenca o irmão de Ragnar se referia. Tudo o que sentia era o coração apertado ao rever mentalmente a imagem de Mark pendurado na encosta, prestes a cair lá embaixo. Prestes a ser arrancado dela, como Luc também fora. E apesar de decidida a ir embora para sempre, sentiu um vazio profundo e doloroso ao imaginá-lo morto. A boca ressecou mais ainda e sua garganta se fechou. Deus! Estava conseguindo sobreviver sem seu marido, sem sua prima. Mas sem Mark... sem ele seria impossível.

Chocada, descobriu naquele instante porque, exatamente, fugia.

Lentamente, Mark foi entrelaçando sua existência com a dela. Suas vidas eram como as tramas de uma elaborada tapeçaria, cheias de meandros, desvios e retornos. Estavam unidos, amalgamados, misturados. Todas as lembranças do que tinham vivido até então passaram por sua cabeça num veloz retrocesso, até pararem naquele dia sangrento no alto de Hattin, no momento em que sua mão envolveu a dele e em que aquele estranho elo se estabeleceu. Devagar ele foi ganhando espaço em seu coração, prendendo-a a um sentimento que ia muito além da amizade. Finalmente ela compreendeu.

Certificar-se do que viria naquela onda de emoções recém-descobertas seria como esperar o nascer do Sol na mais escura das madrugadas. Sabia que ele estava lá, sabia que ele iria nascer. Mas teria que esperar a hora certa de seus raios banharem-na com sua luz fulgurante. Uma espécie de ansiedade começou a invadi-la.

Olhou para o lado e estudou o perfil dele. De olhos fechados e o rosto contraído de dor e cansaço, Mark parecia a um só tempo, o mesmo de sempre e ainda assim, estranho aos seus olhos. Esteve prestes a perdê-lo para sempre. Franziu o cenho. Pela primeira vez na vida ela o via não apenas como o amigo, o confidente e o companheiro de luta. Radegund o via como um homem. A

constatação daquela verdade, que surgira com o tempo e sem que ela notasse, foi arrasadora. Seu coração se acelerou. Ela ergueu o corpo, sentando-se no alto do fiorde, a cabeça entre as mãos.

Uma onda de medo tomou conta dela. Radegund se sentiu perdida. Constatar aquele sentimento que já estava ali, crescendo silencioso como uma erva à sombra, só serviu para deixá-la apavorada. Sem que percebesse, seu amigo tinha conquistado seu coração. Radegund descobriu que amava Mark.

Mark sentia o braço, os ombros e as costelas queimarem pelo esforço que fez. Ainda assim, as sensações de dor e angústia vindas dela foram mais fortes do que tudo isso. Abriu os olhos. Ela estava lá, sentada de costas para ele, de frente para a paisagem além do fiorde. Sentiu-a distante e próxima ao mesmo tempo, como se uma força invisível a apartasse dele e ao mesmo tempo os aproximasse. O que atormentaria tanto o coração dela? Por que ela não o olhava? Por que se afastava? Por que fugia?

Ergueu-se devagar e ajoelhou-se ao lado dela, estendendo a mão para tocá-la. Percebeu que ela estremecia. Parou o gesto no meio do caminho, sentindo o coração se apertar no peito. Olhou as ondas vermelhas e desalinhadas que desciam pelas costas, as pequenas tranças entremeadas nos fios abundantes. Desejou tocá-los. Desejou puxá-la para si e beijá-la longamente como fizera em dias distantes, anos atrás.

Mark ficou chocado com aquele pensamento. Como podia?

Fechou os olhos. Procurou a culpa, a velha companheira e seu refúgio constante. Buscou-a dentro de si por, de certa forma, estar maculando a memória de Clarisse, que há tão pouco tempo havia partido. Só conseguiu encontrar a lembrança doce do sorriso da mulher que amou e com quem havia vivido feliz durante o pouco tempo que durara sua união. Tentou pensar em Luc, seu amigo, que dera a vida pela pequena Elizabeth. Dele só lembrou da amizade e da compreensão que transbordavam dos olhos límpidos e sensatos. O homem que libertou Radegund, que a amou com devoção e que foi arrancado dela da forma mais desumana possível.

Radegund. Ela continuava ali. Sentada, olhando o horizonte, perdida num mundo tão dela que ninguém saberia dizer por onde andava. Só ele.

O coração de Mark deu um salto dentro do peito. Ele se afastou, ficando de pé, andando de costas, distanciando-se dela. Radegund olhou para trás, pressentindo-o. Também se levantou. Com os olhos fixos nos dele, caminhou em sua direção. Parou a dois passos de distância.

Mark notou sua respiração curta e difícil, as mãos fechadas, os nós dos dedos esticando o couro das luvas. Olhou novamente em seus olhos e a vida deles

passou por sua mente na velocidade de um raio. Tanta coisa! A guerra, a tristeza, as perdas...

As vezes sem conta em que suas vidas dependeram uma da outra. Os momentos em que ela se consolou em seus braços, como numa noite de tempestade na longínqua Tiro. Ou as vezes em que ela o resgatou das garras do desespero, como no Egito. E como ali mesmo, em Svenhalla.

Recordou-se claramente do dia em que viu pela primeira vez aquela cabeleira vermelha e o corpo forte e esguio. Em que a viu como mulher, sem saber que era ela. Pensou que fosse uma *djin*, uma aparição sob a chuva.

Quantas dificuldades haviam superado juntos? Quantas confidências haviam trocado? Quantas refeições haviam dividido à frente de uma fogueira, tão sós como se fossem os últimos seres vivos na terra? Quantas vezes haviam brigado e se reconciliado? Quantas lágrimas e sorrisos tinham compartilhado? A verdade o engoliu. Mark descobriu que amava Radegund.

Radegund sentia o que ele sentia. Revivia com ele suas vidas. Partilhava o medo que o assolava. Estava em pânico. Tentou falar, mas a voz não saiu. Engoliu em seco. Forçou a voz e um sussurro estrangulado partiu de seus lábios.

— Mark... — o nome foi dito como uma súplica, um desabafo. Ao mesmo tempo com atordoamento e incredulidade.

Ele deu mais um passo em sua direção, sem tirar os olhos dos dela. Acompanhou o movimento de uma mecha de cabelo que o vento atirou sobre seu rosto.

Ouvir aquele murmúrio dos lábios de Radegund estilhaçou algo dentro dele. Seu coração se acelerou e, da mesma maneira que uma onda varria a areia da praia, a certeza de uma vida engolfou o cavaleiro mestiço.

— Raden... — sua voz foi como o sopro do vento. Ele se obrigou a não a tocar, a não forçar o limite que o medo impunha entre eles. Repetiu seu nome como numa prece. — Radegund... eu... amo você.

As palavras penetraram na mente e no coração da corajosa guerreira. Seu corpo todo começou a tremer. Lágrimas abundantes desceram de seus olhos e um soluço escapou de seus lábios.

— Oh, Deus... — o murmúrio de Radegund foi acompanhado de sua mão que se ergueu e chegou perto do rosto dele, como se fosse tocá-lo. Parou relutante, a milímetros de sua pele, sentindo o calor que ele emanava. Era como se o visse pela primeira vez.

O sentimento foi tão súbito, tão intenso, que sua visão chegou a escurecer. Ela cambaleou. Mark estendeu os braços e a segurou. Ela ergueu o olhar e se perdeu na profundidade de seus olhos castanhos. Tornou-se consciente das mãos fortes

que tantas vezes a ampararam em sua vida, com carinho, respeito, amizade, consideração. Com amor.

— Deus! — Dessa vez ela tocou seu rosto. Ele fechou os olhos, num suspiro entrecortado, esfregando a face na palma quente e enluvada. — Como eu pude...? — Ele abriu novamente os olhos, encarando-a em expectante silêncio. Com uma palavra ela poderia lhe dar o céu ou atirá-lo ao inferno. Com uma palavra apenas, ela poderia lhe oferecer uma bênção ou lhe rogar uma maldição. — Eu... eu te amo, Mark.

Ela o abençoou. E depois...

Depois nada mais teve importância. Mesmo que o oceano se erguesse à frente deles, mesmo que o *sirocco*⁵⁵ trouxesse todo o Saara até ali, mesmo que as trombetas dos anjos anunciassem o *Armagedom*⁵⁶ naquele instante, eles simplesmente não se importariam.

Não se beijaram, sequer se abraçaram. Apenas ficaram ali, parados, se olhando, vendo-se novamente e pela primeira vez. Ela notou as finas linhas que se desenhavam em torno da boca generosa e dos olhos amendoados. Notou os poucos fios prateados que se perdiam na cabeleira negra. Sentiu o cheiro másculo e amadeirado que lembrava o cedro e o sândalo da Terra Santa. Seu polegar acariciou a face morena. Radegund enxergou sua vida nos olhos de Mark, que a fitava num misto de curiosidade e adoração. Secou uma lágrima solitária que desceu pelo rosto dele. E recostou-se em seu peito, submetendo-se então ao seu abraço, aquele aconchego familiar e ao mesmo tempo, tão novo e diferente.

— Eu te amo, minha garota... — ele sussurrou enquanto deslizava a mãos por seus cabelos — Santo Deus! É inacreditável, depois de tudo, de tanto tempo... nós passamos por tanta coisa! — Ele afundou o rosto nas mechas ruivas, aspirou seu aroma e a abraçou com mais força. — Mas eu amo você. Amo você e isso é uma coisa incrível! — Ele a afastou de si e a encarou ansioso. — Pelo amor de Deus, diga alguma coisa, Radegund!

— Estou com medo.

Ele a encarou com atenção. Afirmou com honestidade.

— Eu também.

— Mark — ela repetiu o nome dele, que equivalia aos outros pelos quais ela também o conhecia. Amigo, companheiro, conselheiro, irmão, amante. — Mark eu não sei o que dizer. Ou o que fazer. — As mãos dela se fecharam na frente da túnica dele, amassando-a entre os dedos nervosos. — Só sei que no momento em que Einar o arrastou para cima, eu tive essa consciência, essa certeza. Por que não antes? Por que só agora depois de todos esses anos, depois de Luc e de Clarisse? Eu não sei...

— Eu também não. — Ele traçou o contorno do rosto dela com ternura, memorizando com as pontas dos dedos os traços que já conhecia há tanto tempo. — Talvez não estivéssemos prontos. Talvez Luc e Clarisse fossem anjos com a missão de nos libertar. De nos preparar para encararmos a nós mesmos. Eles talvez tenham vindo para nos redimir. E abençoar.

Radegund engoliu em seco e escondeu as lágrimas no peito dele, como já fizera vezes sem conta. À sua mente retornaram as palavras de sua prima em seu leito de morte. Palavras que ela, naquele momento, rejeitara com veemência, atribuindo-as ao estado de saúde de Clarisse. Palavras que a atormentavam desde então e que a tinham feito se afastar tanto dele, lutando para mascarar algo que começara a sentir e que temia denominar. Parecia que ouvia de novo Clarisse lhe dizendo...

— *Você o ama, Radegund. E será seu esteio.*

— *Não!* — *Ela respondeu prontamente.*

— *Não, não negue e nem se espante. — Prosseguiu Clarisse, pálida e sem forças. — Pode ainda não ter se dado conta, mas você o ama. Ele também ainda não sabe que sente o mesmo por você. É claro que meu marido me ama e que me é fiel em pensamentos e ações. E eu sou feliz por amá-lo. Mark me fez a esposa mais feliz do mundo, me resgatou como mulher e como pessoa quando eu já havia me contentado em viver como uma sombra em Delacroix. Ele trouxe cor ao meu mundo. Porém, minha querida prima, há inúmeras formas de amor. E vocês se amam. Você o ama. Você desejou desde sempre a felicidade dele. Vocês são amigos, leais um ao outro. São confidentes, companheiros de luta. Dariam a vida um pelo outro. Quer amor mais pleno do que esse? Prometa-me que cuidará dele por mim. Ele vai se sentir culpado, eu sei, e vai procurar a própria destruição. Eu conheço o coração dele. Cuide dele, Radegund, cuide de meus filhos. Não desista dele, mesmo que ele a afaste, que tente feri-la, mesmo que ele se perca dele mesmo... eu lhe imploro! Fique com ele, permaneça ao lado dele. E se um dia descobrir como mulher este amor que tem por ele, saiba que tem a minha benção. Pois ninguém, Radegund, ninguém neste mundo é capaz de amar tanto Mark, e tão incondicionalmente, quanto você o ama.*

Voltando ao presente, tão emocionada quanto ele ao ouvi-la relatar aquelas recordações, ela afirmou:

— Eles nos abençoaram, Mark. Luc foi minha luz, ele me salvou da escuridão, me deu Lizzie. Ele me disse... — ela se lembrou daquele dia na Abadia. Seria isso o que Luc quis dizer quando afirmou que sua felicidade estaria mais perto do que poderia imaginar? Céus! Ergueu os olhos espantados para ele. — Creio que ele e Clair ficariam felizes em nos verem juntos. Creio que minha prima ficaria contente em, depois de tudo, ver-nos unidos; os filhos

dela e a filha de Luc crescendo juntos, junto conosco. Pode entender isso, sente o que eu sinto?

Aquelas palavras trouxeram alívio ao coração de Mark. Podia sentir que de onde estivessem, naquele momento Luc e Clarisse estariam abençoando aquele sentimento que foi construído durante anos de amizade e respeito mútuos.

— Sim, Radegund, eu posso sentir. E por mais que eu tenha saudade de Clarisse e que você sinta falta de Luc, é como viver de novo. É como sair das sombras para um novo dia. É como ver a luz do Sol! Acredito que a vida está nos dando uma nova chance. E eu quero agarrá-la com todas as minhas forças. — Ele apertou as mãos dela entre as suas. — Aceita partilhar comigo essa nova vida, minha garota?

— Sim, eu aceito, meu amigo... — ela acariciou a mão dele com os polegares entrelaçados em seus dedos, oferecendo-lhe um sorriso repleto de ternura — ... meu amor.

O abraço dele foi terno. Suave e cálido. Envolveu-a pelos ombros e passou um braço por sua cintura. Puxou-a para bem perto, unindo seus corpos. Ela pousou as mãos em seu peito, sem deixar de olhá-lo nos olhos. As bocas se aproximaram com alguma timidez, como num anoitecer distante, à sombra das muralhas de Tiro. Quando se entregaram pela primeira vez lutando contra a solidão esmagadora.

Apesar da ansiedade, o beijo foi delicado. Não havia pressa, só a ternura nascida entre aqueles que convivem por anos e se conhecem tão bem. E eles se conheciam, eram o complemento um do outro e eram iguais.

Mark pousou os lábios sobre os dela com vagar, com a certeza de que ali estava a mulher que o completava, sua alma gêmea, sua outra metade. Ainda assim, e porque a respeitava, pediu permissão para invadir sua boca e ela aceitou. Deixou que sua língua se encontrasse com a dela naquele interior aveludado que ele já provara algumas vezes, mas que agora parecia ter um sabor diferente e mais especial do que nunca.

Radegund suspirou de encontro aos lábios carinhosos. Aconchegou-se mais ainda a ele, mergulhando os dedos nos fios negros, absorvendo seu calor, sentindo o coração bater em uníssono com o dele. Tantos anos de lealdade e companheirismo. Tantos segredos compartilhados. Tanto sofrimento, tantas dificuldades! Sabia que entre eles jamais haveria ciúmes, jamais haveria desconfiança. Nenhum sentimento mesquinho ou pequeno. Só um amor maduro e sereno. E ainda assim, mais forte e profundo do que toda a eternidade.

O vento frio de Svenhalla sussurrava ao redor deles, como se compartilhasse de seus segredos. Suas bocas unidas confessavam uma à outra o amor recém-descoberto, sob a penumbra que o final do eclipse ainda lançava sobre a Terra. O

beijo fez com que se sentissem lânguidos e quentes; satisfeitos e ansiosos ao mesmo tempo. Ele ergueu o rosto, olhando-a embevecido.

— Ah minha garota, meu amor! Creio que daremos dúzias de explicações aos nossos amigos, aos nossos filhos, até para Baco e Lúcifer...

Ela sorriu.

— Sim, mas agora não quero explicar nada a ninguém — tomou o rosto dele nas mãos e puxou-o para si, beijando-o com infinita ternura — na verdade, tudo o que eu queria agora, era fazer amor com você.

— Se tudo der certo, teremos todo tempo do mundo para isso, — tocou seu rosto — e eu serei o homem mais feliz do mundo no momento em que você estiver em minha cama, em meus braços. Serei um homem mais do que realizado quando estiver tocando você e te mostrando o quanto eu te amo.

— Será que eles conseguiram?

— Eu não sei, — beijou-a de novo — mas eu espero que sim. Seria muito injusto o mundo acabar exatamente no momento em que tenho a mulher da minha vida ao meu lado.

Radegund sorriu, mas franziu o cenho ao se lembrar de algo.

— O que será que Einar quis dizer com mais encrenca a caminho?

— Duvido que seja algo pior do que o fim do mundo... — ele pilheriou.

Tomando a mão dele na sua, ela decidiu.

— Venha.

— Para onde?

— Svenhalla. Se tudo acabar, que seja enquanto eu estiver em seus braços.

Ele afagou seu rosto com ternura.

— Como não amar você, garota?

Svenhalla

O Freyja agora balançava suavemente ao sabor do mar. Por alguns terríveis instantes, quando toda a terra havia tremido, Björn chegou a achar que seu amado e elegante navio iria soçobrar ante a fúria sobrenatural das ondas. Terrwyn agarrava-se a ele, ainda apavorada, enquanto Aswad confortava a esposa. Apoiado no mastro central do navio, Ragnar lançava um olhar fixo e sombrio para a torre do castelo, onde Leila ficara, juntamente com Anne e Saori.

A escuridão e o estrondo, seguido do tremor de terra que fizera as águas do mar se agitarem, haviam obrigado Björn a afastar a embarcação do cais, temendo que fosse lançada contra o píer ou contra as pedras.

Ainda abraçado a Terrwyn, ele observava o ancoradouro, enquanto lentamente o sol voltava a brilhar bem perto do horizonte e tudo parecia voltar à vida. Foi

quando divisou, aproximando-se a galope, uma figura conhecida sua. Gritou e acenou, sorridente.

— Einar!

Leila olhou para Saori. A mulher estava muito mal. Tinha limpado seus ferimentos, colocado o braço fraturado no lugar e o enfaixado. Enfaixara também sua cabeça e suas costelas, mas ela parecia cada vez mais pálida e fraca, respirando com dificuldade. Rezou para que Hrolf chegasse logo. Temia pela vida da estrangeira.

Anne se afastou da janela e veio em sua direção.

— Parece que terminou. Ao menos tudo está calmo lá fora. — Disse a moça enquanto lançava um olhar à mulher deitada sobre o leito. — O que terá acontecido?

— Seja o que for — respondeu Leila — só espero que Ulla e Gilchrist estejam bem. E que todo este pesadelo tenha terminado.

A agente da Sociedade acomodou-se na cadeira ao lado da cama e comentou.

— Estou me sentindo angustiada, — esfregou os braços, com um frio súbito a lhe percorrer o corpo — como se algo de ruim estivesse para acontecer.

— O que poderia ser pior do que o fim de tudo, Anne?

— Encontrar o demônio em pessoa?

— Estou dizendo a vocês — repetiu Einar para Aswad, Ragnar e Björn, todos de pé sobre o convés do Freyja — é uma pequena tropa, mas bem armada. Há alguns templários entre eles, inclusive um que deve ser ordenado, o comandante.

— Fez uma pausa e depois prosseguiu. — Há também uma... pessoa com eles.

— Como assim? — Indagou Björn, intrigado. — Que pessoa?

O mais novo dos irmãos Svenson encarou Ragnar, parecendo receoso. Respirou fundo e despejou.

— Karin.

Os olhos cinzentos tornaram-se gélidos. A expressão sempre despreocupada de Ragnar Svenson, que mesmo em meio a mais encarniçada batalha estava rindo, zombeteiro, fechou-se de tal forma que Einar chegou a desconhecer seu irmão. Sem uma palavra, ele deu as costas ao grupo. Björn, ao receber um olhar interrogativo de Aswad, tratou de explicar.

— É a ex-noiva dele. — Pausa. — Ele a surpreendeu com um soldado de sua escolta na véspera da cerimônia.

— Eu a teria matado — disse calmamente o beduíno.

— A vagabunda não valia o esforço — rosnou Ragnar ainda de costas, apoiado na amurada para, em seguida, virar-se e falar. — Vamos desembarcar.

Seja o que for que querem, templários e Karin juntos não podem significar boa coisa.

Einar lançou um olhar significativo a Ragnar e indagou.

— Você acha que isso tem a ver com...

— Acho, não. Tenho certeza. Leila e Scholz correm perigo.

Pico de Odin

Ulla sentiu um hálito quente junto à face. Depois algo macio roçou seu nariz. Sorriu ao sentir cócegas e tomou consciência do frio que penetrava suas roupas. Esforçou-se para erguer o rosto do chão, ao mesmo tempo em que percebia que estava caída sobre a neve e que seus cães a cheiravam e lambiam. Afagou-os enquanto se levantava. De repente, como numa avalanche, as lembranças a assaltaram.

— Gilchrist! — Conseguiu se colocar de pé e olhou em volta. Não viu sinal nenhum de Jean, nem da fera que se erguera do leito gelado da montanha. Caminhou ainda trôpega, arrastando os pés na neve, seguida por Saga e Njord, chamando por ele. — Gilchrist! Gilchrist! — Parou ofegante, girando em torno de si mesma. — Dragão! — Ulla caminhou até perto de onde o gelo se espatifara libertando a fúria que dormia sob o coração da montanha. Ali, ela o encontrou. — Não!

Caído sobre a neve, com um filete de sangue congelado escorrendo de uma das narinas, ele estava mortalmente pálido. Junto a ele, a espada repousava no chão. Ajoelhando-se ao seu lado, Ulla puxou sua cabeça para cima de seus joelhos e tentou acordá-lo.

— Gilchrist! Meu amor, minha vida — ela passou a mão por seu rosto gelado — abra os olhos, fale comigo...

Procurou por algum sinal de vida nele, alguma reação. Viu apenas as mãos feridas, com as palmas vermelhas e queimadas. Ele não reagia, mal respirava. Saga e Njord sentaram-se ao lado dela, sentindo toda a apreensão de sua dona.

Uma revolta surda começou a se avolumar dentro de Ulla. Uma raiva contra tudo; contra seus deuses, contra as malditas profecias que os haviam guiado até ali, contra a injustiça daquela separação que estava sendo imposta a eles. O Dragão era dela, era seu homem, seu marido, pai de seu filho. Era seu amor.

Trêmula de raiva e dor, ergueu-se, deixando-o deitado no solo gelado. Inundada por uma fúria vingadora, ergueu o braço para o céu, gritando para os deuses.

— Eu os desafio!

Os cães postaram-se ao seu lado, uivando. Cravando aquele som no silêncio eterno da montanha. Acima de suas cabeças, o céu se fechou.

O Limbo era branco. Estranho. Vazio. Incômodo e angustiante. Não podia dizer que existia. Era algo intangível, sem limites, sem extremos. Sem início e sem fim. As únicas coisas que pareciam reais eram ele e sua dor.

Gilchrist olhou a imensidão branca ao redor. Não havia céu, não havia chão, não havia cor. O silêncio era até confortável. Vagou perdido, imerso nas únicas cores que existiam ali. Aquelas que estavam dentro dele. O azul-safira dos olhos de Ulla. O platinado de seus cabelos. O marfim de sua pele. O rosado de seus lábios. O verde da Irlanda. O dourado das areias do deserto.

Não soube quanto tempo errou naquela imensidão branca e silenciosa até que, como se varrido por um vento súbito, o Limbo se agitou. A voz de Ulla, carregada de desespero e dor, atravessou-o como uma lança. Ele se viu, então, tragado pelo inferno da dúvida e da saudade.

— Eu os desafio! — Sua voz reverberava em cada canto do Limbo e de sua mente. — Ele é meu homem, meu prometido e eu sou dele! Pertencço ao Dragão assim como ele me pertence! Onde está a justiça de tudo?

Outra voz, parecendo sair de todos os lugares e de lugar nenhum, ecoou à volta dele.

— *É o resultado de suas escolhas, é a Lei. É o Equilíbrio. Uma vida pela outra. A dele pela de seu irmão.*

— Não! — O grito de sua mulher rasgou sua alma em duas. — Aquela Coisa tomou muito mais do que uma vida!

— *Você interferiu, mulher! Barganhou conosco!*

— Eu o reclamo!

Desta vez a agitação foi maior. O Limbo ondulou sobre ele, corcoveou como um cavalo selvagem. Gilchrist se viu caindo indefinidamente.

— *Não pode reclamá-lo. O Julgamento chegou ao fim. O Dragão já não pertence mais ao seu mundo.*

— Não! Não podem fazer isto!

— *Pagou o preço. Uma vida pela outra.*

Ele ouviu seu lamento e junto a ele, duas outras vozes se elevaram, ao mesmo tempo em que sua queda terminava de forma abrupta.

— Eu intercedo por ela. — Vibrou a voz grave, masculina, através daquilo que não existia.

— Eu também. — Outra voz. Feminina, doce, suave.

No campo de visão de Gilchrist surgiram Clarisse e Luc, caminhando lado a lado, envoltos numa luz estranha e dourada. Ela falou. Altiva, majestosa, fulgurante.

— Intercedemos pelo Dragão, aquele que deu a vida pelo mundo, que abrigou em si o próprio Nidhogg⁵⁸. Ele fez por merecer outra chance, bem como sua

escolhida.

Luc colocou-se ao lado dela e completou, sereno.

— O preço já foi pago. Se o irmão dela foi arrancado da morte, nossas vidas foram interrompidas pela feitiçaria daquela criatura. Isso não contará para manter o equilíbrio? Nosso sacrifício terá sido em vão?

A voz que os julgava retumbou através do espaço e do tempo.

— *Gozam de uma liberdade incomum, cavaleiro. Para que seja aceita a troca que sugere, é preciso que os dois abram mão dela. É preciso que se desliguem em definitivo. É isso o que desejam?*

Clarisse e Luc se entreolharam. Significaria não mais andar entre os vivos sem serem vistos, não mais se sentarem ao lado deles apenas para vê-los e ouvi-los, tentando aplacar a saudade sentiam. Significava não mais romper o véu entre a vida e a morte para estender a mão àqueles que amavam. Significava deixá-los seguir em frente e fazerem o mesmo.

— Eles estão onde deveriam, Clair.

— Sim. Nossos amados cuidarão um do outro.

Luc sorriu e ofereceu-lhe o braço.

— Como sempre fizeram, minha amiga. — Fez uma pausa. — É isso o que quer?

— Sim.

Juntos, aproximaram-se de Gilchrist.

— O'Mulryan, — começou Luc — não nos verá mais. Nem você, nem ninguém. Porém, diga a Radegund e Mark que viveremos em seus corações e no de todos que amamos e que nos amaram. A vida não acaba nunca, apenas mudamos nosso ponto de vista.

Gilchrist estendeu as mãos para os dois.

— Têm certeza de que farão isso?

— Sim, Gilchrist — respondeu-lhe Clarisse — nós não temos como ficar, você sim. Radegund e Mark têm um ao outro. E você precisa ficar e cuidar da criança que virá.

— Obrigado.

Luc apertou a mão do irlandês e se despediu.

— Adeus, Dragão. Diga a eles que nós os amamos.

— E que têm a nossa bênção. — Completou Clarisse e, ao vê-lo confuso, explicou. — Vai entender quando voltar.

Hrolf terminou de atar as rédeas de Boru a uma árvore. Encontrou o animal solto, parado na floresta, perto do Pico de Odin. Seguindo os rastros na neve, ele notou apreensivo, pelas pegadas no chão, que Ulla e o irlandês não estavam sós.

Avançou com a faca de caça na mão, pedindo aos deuses uma oportunidade para usá-la no desgraçado que tinha ferido Saori tão cruelmente. Subiu rapidamente a encosta da colina e, lá no alto, pôs-se a procurar por Ulla e Gilchrist.

Caminhou pela neve por alguns minutos até encontrá-los, os dois, caídos sobre o solo branco e gelado, sua pupila sobre o peito do irlandês, abraçada a ele.

— Oh, Deuses! Não permitam... — ele murmurou, embainhando a faca correndo ao encontro dos dois. Abaixou-se para examinar Ulla. Ao notar um sinal de vida na moça, não pôde evitar um suspiro de alívio. — Graças aos Deuses! Ulla! Fale comigo, criança! Acorde!

Ela abriu os olhos devagar, desconcertada. Em seguida, pareceu focalizá-lo. Inicialmente, sorriu para a fisionomia conhecida. Depois, os olhos se arregalaram em alarme, com a lembrança do estranho lugar onde estivera, da visão da mulher de Mark al-Bakkar e do anjo louro que ela já vira antes e que, agora sabia, tinha sido o marido de Radegund.

— Hrolf! — Ela se levantou com a ajuda do rastreador e voltou-se para o marido. — Gilchrist! Acorde meu amor!

O irlandês inspirou profundamente e a cor voltou ao seu rosto devagar. Ulla e Hrolf o apoiaram quando ele despertou e o ajudaram a se sentar.

— Ulla... — ele estava confuso — Hrolf? — Olhou ao redor, os olhos diferentes esquadrinhando tudo com cuidado, procurando. — Acabou?

Entre lágrimas e sorrisos, Ulla o abraçou. Fitando Hrolf, que também lutava para conter a emoção, afirmou.

— Sim, meu amor! Acabou! E para nós, — ela se afastou um pouco e segurou seu rosto entre as mãos — para nós está começando agora.

Sob o olhar carinhoso de seu tutor e amigo, Ulla recebeu o abraço e o beijo de seu Dragão.

Mark olhou para o lado e lançou outro sorriso para Radegund. Aproximando Baco de Lúcifer, estendeu uma das mãos e tocou a dela. Deus, como a amava!

— Estamos parecendo dois enamorados — ela gracejou, desviando Lúcifer de um obstáculo.

— É assim que eu me sinto — ele devolveu e apontou Svenhalla — ainda bem que os portões ficaram abertos. Não iria querer ter o trabalho de abri-los.

Desceram em silêncio no pátio externo, sob a penumbra do sol que se escondia atrás das montanhas. Deixaram as montarias no estábulo e entraram pelo vestibulo silencioso com as mãos entrelaçadas, alheios a todo o resto.

Caminharam pelos corredores desertos, isolados do mundo por aquele sentimento que os unia. Ao chegarem à porta dos aposentos ocupados por Mark, ele parou diante dela e afagou seu rosto com carinho. Depositou um beijo em sua

fronte e afirmou.

— Aqui começam nossas vidas.

Com um sorriso, ela concordou.

— Terrwyn, seja razoável! — Pediu Björn — Não pode ir conosco! Sequer sabemos o que iremos encontrar!

Ela cruzou os braços e encarou o noivo.

— Meu irmão tem razão, Terrwyn — completou Einar — pode ser arriscado.

Dessa vez ela revirou os olhos e bufou.

— E, além disso — completou Ragnar, calçando as luvas de metal — já teremos que nos preocupar com Leila, Anne e Saori sozinhas no castelo. É melhor mesmo que fique. Faça companhia a Trudy. Aswad cuidará da segurança de vocês junto com a tripulação do Freyja.

O tom de Ragnar não admitia discussões e ela achou melhor não insistir. Terrwyn notou o quanto ele tinha ficado aborrecido com a menção da tal Karin. A mulher devia ser uma verdadeira bruxa! Bem, o jeito seria se resignar a ficar no navio por enquanto. Agora que o Freyja fora levado de volta ao ancoradouro, seria mais fácil. Mais tarde ela daria um jeito de driblar a vigilância do Chacal e da tripulação e chegar ao castelo. Alguma coisa lhe dizia que precisava ir até lá.

Sem mais delongas, os três irmãos desembarcaram seus cavalos e prepararam-se para enfrentar os invasores. Armados, os três conduziram as montarias para dentro da floresta, cada qual imerso em seus próprios pensamentos e preocupações.

Da amurada do navio, abraçado a Trudy, Aswad endereçou uma prece a Alá para que ele concedesse a vitória aos Svenson.

Chrétien olhou de novo para o agente da Ordem. Ele fazia os soldados se deslocarem pela orla da floresta, longe da visão de quem pudesse estar sobre as muralhas. Tinham sido atrasados por um tremor de terra, que um dos mercenários falou ser razoavelmente comum na região. Agora, pelo que eles notavam, alguma coisa também havia feito com que as pessoas abandonassem o castelo e seus arredores deixando, inclusive, os portões abertos. Que estranho! Ele só esperava que não fosse um surto de peste.

Levou o lenço ao nariz e olhou para Karin, encolhida sob o manto, montada de lado em sua égua palafrém. Ela disse que conhecia os caminhos de Svenhalla e não mentiu. Usando aquela trilha, chegaram sem ser vistos à lateral do castelo. Dali, segundo ela os informou, seria fácil usar uma das entradas secundárias e invadir o lugar, tomando-o de surpresa. Era bom mesmo que não entrassem pela frente. Tudo aquilo podia não passar de uma cilada. Bem, os soldados da Ordem

e seu estranho agente que se virassem. Tudo o que ele queria era estar frente a frente com Scholz. Então, que Deus a ajudasse, pois ele iria cobrar muito caro cada maldito dia que passou dando voltas atrás dela.

O despertar de seus corações transformou aquele momento em algo sublime para eles. Em silêncio, Mark fechou a porta do aposento. Radegund cruzou a saleta e avançou até o centro da alcova, cujas venezianas fechadas deixavam o ambiente imerso numa penumbra agradável, isolando-os do mundo. Ouviu os passos dele e suspirou quando os braços fortes a enlaçaram por trás.

— Quero que seja especial, — ele murmurou em seu ouvido — quero que seja novo e único, como a primeira vez.

Ela se voltou, sem sair do círculo de seus braços. Encarou-o e depois baixou os olhos, subitamente encabulada. Mark a fez erguer o rosto, pressionando-a suavemente com as pontas dos dedos sob o queixo.

— O que foi, minha garota? Não se sente pronta? Eu posso...

Ah, Mark! Como podia ser sempre tão generoso?

— Não, não é isso — ela balançou a cabeça numa negativa, as mechas sedosas flutuando em torno do rosto — é que eu... é como se eu nunca...

Ele entendeu.

— Eu sei. Eu também. — Sorriu, os dentes brancos contrastando com a sombra escura da barba. — Parece uma piada, mas eu também estou me sentindo tímido como um rapazola. Se Isabella me visse agora... — ele gracejou, lembrando-se da dona do bordel mais famoso de Tiro.

Radegund riu, divertindo-se momentaneamente. Mas era realmente estranho que eles, dois adultos experientes, estivessem parecendo um par de juvenzinhos virgens.

— Creio que é porque é realmente a primeira vez, — ela aninhou a cabeça no peito largo e ouviu seu coração descompassado — antes não sabíamos.

Ele a fez erguer o rosto novamente e seus olhos se encontraram. O mundo ao redor dos dois deixou de existir no mesmo instante. Passado e futuro se converteram naquele momento precioso.

Sua boca tocou a dela com delicadeza, provando e sentindo, estudando seus recantos e reentrâncias. A língua deslizou sobre seu lábio inferior e ela exalou pesadamente, seu hálito misturando-se com o dele. Colou completamente a boca na de Radegund e explorou a maciez que encontrou ali dentro. Sua língua, seus dentes, sua saliva misturando-se a dele.

Devagar, livraram-se das armas e das cotas de malha, ajudando-se e partilhando aquela tarefa como já haviam feito diversas vezes em suas vidas.

Abraçando-a, Mark correu a mão sob a túnica que ela usava, e sob a camisa de baixo. Seus polegares deslizaram para cima e para baixo, ao longo de sua coluna, fazendo com que ela se arrepiasse.

Ela suspendeu a barra da túnica dele e a retirou por sua cabeça. Deu o mesmo destino à camisa de baixo, expondo o peito bronzeado e marcado por cicatrizes. Espalmou as mãos ali e sentiu o coração dele disparar sob a pele, enquanto os lábios gentis e sedutores se apoderavam novamente dos seus. Mal notou quando ele a despiu da calça e das roupas íntimas. Mal percebeu quando ele se livrou das próprias peças. Os dois permaneceram de pé, de mãos dadas, no centro do quarto; nus de corpo e alma.

Ele a fitou com adoração e sentiu-se gratificado por ter aquela joia única e maravilhosa como mulher. Radegund era tudo o que um homem poderia esperar de uma companheira. Alguém que estaria ao seu lado, não atrás ou abaixo dele. Ela estaria junto dele, de mãos dadas, olhando na mesma direção, partilhando sua vida. A ela entregaria seus sonhos e suas lágrimas. Com ela, teceria planos e os realizaria. Junto a ela enfrentaria sem temor o passar dos anos; o outono e o inverno da vida. Ao lado dela esperava morrer, calma e serenamente, com a alegria de ter amado e sido correspondido.

Mark entrelaçou os dedos nos dela e ambos se fitaram, comunicando-se sem palavras. Com carinho, ele a abraçou, apertando-a contra o peito, salpicando a face, os olhos e os cabelos com pequenos beijos que pareciam gotas de chuva sobre uma flor sedenta. Notou as lágrimas que escorriam de seus olhos e murmurou.

— Está chorando...

— Não se preocupe — respondeu num sussurro — são lágrimas de alívio, de felicidade.

Conduziu-a em seu abraço e empurrou-a gentilmente sobre o colchão macio, juntando-se a ela em seguida; as peles coladas, os corações unidos. Traçou com as pontas dos dedos cada uma das cicatrizes de seu corpo e depois as beijou, uma por uma. Radegund fez o mesmo por ele, detendo-se com certa melancolia nas costas marcadas pelos açoites que ele recebera em D’Azûr. Por ela. Para que não a traísse. Para protegê-la. Mark puxou-a para bem perto e sorriu, mergulhando em seus olhos.

— Deixe o passado para trás, Radegund. Não permita que ele nos maltrate. — Pediu, acariciando seu rosto. — Cada uma dessas cicatrizes conta a nossa história. Essas marcas que carrego em minhas costas, mais do que todas as outras, são motivo de orgulho para mim, pois eu não traí nossa amizade. Eu não permiti que aquele monstro a molestasse. Assim como estas em seu corpo, — ele apontou as linhas finas em seu peito e em seu abdome, feitas quando fora

torturada — estas são também a prova de que você venceu. Você resistiu e viveu. Minha garota, minha guerreira...

— Mark — ela conseguiu romper o nó que se formava em sua garganta e o abraçou com força, sentindo o peso do corpo sólido sobre o seu, sentindo sua virilidade de encontro à pele febril — eu amo você. Nesse momento é a maior certeza que tenho na vida. E apesar de estar com medo, de estar tremendo de tão apavorada, eu estou feliz como jamais estive. — Fez uma pausa e olhou-o intensamente, perdendo-se em seu olhar. — Nós sobrevivemos.

— Sim, e somos especialistas nisso, lembra? — Ele a beijou com vagar e deslizou as mãos por seu corpo, arrancando dela alguns gemidos. — Agora, além de termos sobrevivido, estamos vivos. Percebe, Radegund? Vivos por inteiro. De verdade.

As palavras se tornaram um recurso supérfluo diante da grandeza daquela afirmação. O diálogo se deu entre suas línguas envolvidas num doce duelo. Entre seus corpos que se harmonizavam e falavam por si. As mãos de ambos se exploraram mutuamente, levando-os a ansiarem pela completa união.

Afastando suas coxas com os joelhos, Mark se colocou entre elas, roçando o corpo no dela, fazendo-a suspirar e gemer baixinho. Seus dedos abriram caminho entre as dobras macias, tocando-a com reverência no mais secreto recanto de sua intimidade.

Acariciou-a sem pressa, sentindo a umidade que a deixava pronta para recebê-lo. Respirou fundo para conter-se e afundou o rosto na curva de seu pescoço, sentindo a carícia da mão dela em seu membro.

— Garota... minha garota... — ele a beijou, sôfrego — seu toque... me enlouquece...

— Mark — ela arqueou o corpo em direção à mão que a fazia explodir em milhões de cacos cintilantes — preciso de você.

Ela o envolveu pelos ombros largos. Entrelaçou os dedos em seus cabelos negros e o beijou demoradamente. Mark não pode mais resistir e devagar foi penetrando em seu corpo, sentindo-a recebê-lo com perfeição. E quando estava todo dentro dela, ficou imóvel por alguns instantes, enquanto suas almas se comunicavam.

Radegund moveu-se sob ele, aprofundando a acolhida. Ele começou a ir e vir com vagar dentro dela, prolongando ao máximo aqueles momentos, arrebatando a ambos numa espiral ascendente de amor e luz. Sentiu que ela estremecia e que atingia o orgasmo. Acelerou o ritmo das investidas, não deixando que seus corpos se descolassem um milímetro sequer.

Era a sua Raden. Era a mulher que o salvou da morte em Hattin, era a amiga que partilhou com ele perigos, aventuras, alegrias e tristezas. Era um coração

sofrido e marcado como o seu. Acima de tudo, era a mulher que o completava. A mulher que ele amava. Não com um amor arrebatado ou apaixonado. Nada fulminante ou instantâneo. Amava-a com a certeza daqueles que se conhecem por toda uma vida, com maturidade e sensatez. Amava-a serenamente, encontrando nela um porto seguro, o fim da jornada.

Radegund beijou-o novamente, sussurrando seu nome entre ondas de prazer. Ele tomou sua boca e dentro dela sua língua mais uma vez se fartou. Sugando, lambendo, explorando, sorvendo, sentindo. Seus corpos se moveram em sincronia, com a harmonia de uma melodia vibrante e ascendente. Ele investiu de novo dentro dela, sentindo um glorioso clímax se aproximando. Afundou os dedos em seus cabelos e suplicou.

— Abra seus olhos, amor! Dê-me seu olhar.

Ela o atendeu e Mark se perdeu naquela imensidão verde como as montanhas de Gales. Generosamente ela lhe ofereceu a alma e ele compartilhou a sua com ela. Suas mãos se entrelaçaram, seus olhos se prenderam e os dois foram alçados num orgasmo arrebatador, em que seus espíritos ascenderam às nuvens e finalmente se tornaram um só.

O destacamento de soldados deslocava-se furtivamente em meio à floresta, conduzidos pelo líder dos templários e acompanhados por Karin e Chrétien. Marchavam rapidamente na direção do castelo. Como as pessoas haviam sido mandadas para um local seguro, não houve sentinelas para dar o alarme. Nem soldados para defender os muros.

Guiados por Karin, entraram pela poterna⁵⁹ e logo estavam dentro do grande salão. Rapidamente, tomaram as muralhas e fecharam os acessos, isolando o castelo e as poucas pessoas que haviam ficado em seu interior do mundo lá fora.

Anne e Leila ouviram o som dos cascos no pátio. A sarracena foi até a janela e espiou pela veneziana, evitando abri-la por causa do vento cortante. Ao divisar lá embaixo a silhueta de um soldado com o manto do templo, seu coração quase parou. As mãos tremeram e ela teve que respirar fundo para combater a vertigem que a acometeu. Sua voz saiu abafada ao dirigir-se à Anne.

— Scholz... — ela se virou, a mão automaticamente buscando o pingente em seu pescoço, que agora parecia pesar tanto quanto todos os segredos que ela escondia — homens da Ordem!

Erguendo-se da cadeira onde se sentava, ao lado do leito de Saori, a moça tocou o próprio pingente que continha o veneno mortal.

— Não! — Ela se adiantou até a porta e verificou a tranca. Depois correu pelo quarto, parecendo desnorreada, gemendo. — Não! Não cheguei tão longe para

nada! Não posso ter aberto mão de tudo, até de Einar, para acabar nas mãos deles! — Ela parou diante de Leila, com a expressão atormentada. — Não é justo, Leila!

— Calma, querida! — Leila a abraçou e tentou raciocinar com clareza. — Eles ainda não chegaram aqui dentro. Está tudo deserto. Talvez haja tempo de escaparmos!

Anne olhou para a mulher deitada sobre o leito, coberta pelas mantas. Imediatamente Leila compreendeu o que ela pensava. Não havia como sair dali e deixar Saori. Nem havia como levá-la. Trêmulas, as duas se entreolharam. A mente prática da sarracena, no entanto, conseguiu superar o medo.

— Depressa, Anne. Apague as velas! Vou abafar o fogo na lareira. Temos que ganhar tempo e rezar para que Ragnar e os outros retornem. São a nossa única chance! Se os invasores não virem claridade sob a porta, talvez não entrem aqui tão cedo!

Rapidamente, as duas fizeram o que Leila planejou. Encolhidas na cabeceira da cama, junto a Saori, começaram uma longa e tensa vigília, tentando aplacar o frio e o medo que as assolava.

Mark despertou do sono leve em que mergulhara após se perder nos braços de Radegund. Apoiou-se num cotovelo e pôs-se a observá-la, enquanto ela dormia serenamente ao seu lado.

Seu corpo forte e bem talhado estava meio encoberto pela manta que descera até a cintura, expondo os seios. Ele sorriu e se lembrou de uma noite distante que, no fundo, jamais fora capaz de esquecer. A noite em que uma *djin* o enfeitiçou à margem do Mediterrâneo, sob a chuva. A noite em que viu sua pele refletir os relâmpagos sobre a areia. A noite em que, sem que ele soubesse quem ela era, Radegund foi se banhar sob a tempestade, à beira do mar.

Com um toque suave, correu os dedos pela curva dos ombros dela, notando que mesmo no sono, sua pele se arrepiava. Sorriu e aconchegou-a junto a si. Ela resmungou baixinho, mas não acordou. Apesar de sempre ter tido o sono leve, ao lado dele sentia-se segura. Sempre fora assim. Estranho como agora, recordando-se de suas vidas, de tudo o que já haviam partilhado, percebia que sempre foram um casal, um par perfeito. Apenas nunca haviam se dado conta daquilo. Ocupados em olhar para frente, para o dia seguinte, preocupados com seus fantasmas, haviam se esquecido de olhar um para o outro.

Mais satisfeito do que nunca, Mark a abraçou. Ajeitou as mantas sobre ambos, pousou a cabeça no travesseiro e adormeceu. Acordou menos de cinco minutos depois com uma sensação de alarme. Intuitivo por natureza, sussurrou ao ouvido de Radegund.

— Levante-se em silêncio. — Os olhos dela se abriram, já totalmente alertas. Ele completou. — Acho que temos visitas.

Sem necessidade de perguntas, ela saiu devagar da cama. Enquanto enfiava a camisa pela cabeça, Mark a enlaçou pela cintura e a beijou. Falou baixinho.

— Juro, minha garota, que se não fosse pela certeza de que há intrusos no castelo, eu a jogaria naquela cama e faria amor com você até morrer!

— Sossegue, *sire*! — Ela se soltou dele e continuou a se vestir. — A última coisa que quero é ser surpreendida desarmada e nua por um bando de rufiões.

Pouco depois, já vestido, ele se aproximou da janela e olhou pelas frestas. Não pôde conter uma exclamação abafada. Ela correu até o seu lado.

— O que foi? — Sussurrou.

— Veja por si mesma.

Radegund espiou e soltou um palavrão.

— Cães da Ordem! — Preocupada, olhou para ele. — Isso só pode significar que descobriram Scholz.

Assaltado por uma súbita lembrança, Mark apertou o punho da cimitarra que acabava de atar à cintura.

— Merda! Ela, Leila e Saori estão aqui, — rapidamente explicou à Radegund, que ignorava o fato até então, o porquê — temos que chegar até elas sem sermos vistos.

— E temos que virar fumaça e voar como os pássaros! — Ela retrucou, calçando as luvas.

Mark puxou-a para perto, enroscando os dedos em seus cabelos.

— Mulher azeda! Estava pensando numa distração.

Radegund segurou sua mão e olhou dentro de seus olhos.

— Nem pense em ser você essa distração! — Sua veemência expunha toda sua preocupação. — Não vai se arriscar à toa. Não vou perdê-lo! Não agora!

— Nem eu tenho a intenção de morrer hoje, garota — ele a beijou — mas temos que chegar até Leila e Anne antes deles.

— Mas como...

As palavras de Radegund foram interrompidas pelo som da porta do aposento sendo arrombada. Uma sinistra figura vestida com o uniforme dos cavaleiros da Ordem do Templo caminhou na direção deles dois. Foi seguido por mais alguns soldados. Lado a lado, Mark e Radegund colocaram-se em guarda, as armas nas mãos.

— Ora, vejam só! — O homem abriu um sorriso carregado de crueldade e rancor. — Duas aves de rapina guardadas na mesma gaiola!

Mark encarou o homem, achando-o familiar, mas sem conseguir se lembrar de onde o conhecia. Radegund rosnou.

— O que diabo é isso?

O homem debochou deles e avançou, com a espada na mão.

— Não reconhece um velho camarada, Raden? — Ele se aproximava enquanto os outros homens os cercavam. Mark e Radegund colaram-se um às costas do outro. — Que decepção. E você, Bakkar? Não se lembra de mim? Não se lembra do homem que você aleijou e depois deixou apodrecendo na prisão de Tiro?

Uma sombra de reconhecimento passou pelos olhos de Mark. Reconhecimento e incredulidade.

— Gerald?!

Terrwyn olhou para o céu já escuro e deslizou os pés pelo convés. Um marinheiro caminhava na direção da proa e ela se escondeu atrás de uma pilha de cordas e velas dobradas. Ficou ali até que o tripulante do Freyja desaparecesse por trás do leme.

Teve um trabalho enorme para despistar a vigilância do chacal. O homem parecia ter olhos nas costas! Só conseguiu sair agora, após trancar-se por um tempo na cabine de Björn, alegando uma indisposição. Vestiu uma roupa masculina que surrupiou do ajudante de cozinha e se espremeu pela escotilha, saindo no convés. Assim, com sua porta trancada, todos pensariam que ela ainda estava na cama.

Saindo de seu esconderijo, ela correu pela prancha de desembarque e disparou pelo píer, só parando de correr quando conseguiu se esconder atrás de uma das casas de barcos. Os animais estavam abrigados numa delas, tendo sido desembarcados para que não ficassem confinados aos porões desnecessariamente. Sem tempo para selar Cerrydwen, montou em pelo e guiou-a para a floresta. Algo martelava em sua mente, dizendo-lhe que precisava chegar ao castelo. Rezou apenas para que Björn a perdoasse por sua teimosia.

Einar olhou incrédulo para Björn. Enquanto isso, Ragnar despejava uma série de pragas e caminhava de um lado para o outro no meio da clareira. O semblante sombrio e irado de seu irmão fazia com que se assemelhasse ao próprio Odin. Se pudesse, ele talvez lançasse raios na direção dos homens que agora ocupavam os muros de Svenhalla e que haviam selado os portões de sua casa, aprisionando Leila, Anne e Saori lá dentro.

Só de pensar em Anne à mercê do tal agente da Ordem, Einar sentia um frio no estômago. Imediatamente vinha-lhe à cabeça a lembrança de sua última conversa com ela, quando Anne lhe mostrou a cápsula contendo a substância venenosa com a qual, segundo ela, daria cabo da própria vida caso fosse

apanhada. Um lampejo de memória fez com que ele se voltasse rapidamente para Ragnar, com uma exclamação.

— Essa não!

Interrompendo seu vai e vem irritado, Ragnar grunhiu para o irmão mais moço.

— O que foi?

— Irmão, Leila também tem um daqueles...

— Um daqueles? Do que está falando, homem?

Einar explicou rapidamente a situação diante de um atormentado Ragnar e do perplexo Björn que, até então, ignorava as questões da Sociedade.

— Minha cunhada é uma espécie de espiã? — Ele indagou aparvalhado. — Aquela coisinha linda e perfeita? Aquele anjo de mulher? E vocês dois sabiam de tudo?

— Cale a boca Björn — rosnou Ragnar — preciso pensar! Deus! Minha vontade é ir até lá e arrebentar aqueles portões com minhas próprias mãos! Inferno! Onde estão Bakkar e a ruiva quando eu preciso deles?

— A última vez em que os vi, estavam quase caindo do alto do fiorde — rapidamente Einar os colocou a par do incidente — e depois disso, não os vi mais. Fui direto para o ancoradouro.

— Merda! — Ragnar apoiou-se numa árvore e pôs-se a coçar o cavanhaque, enquanto tentava pensar num jeito de entrar no castelo sem colocar sua esposa e as outras mulheres em risco. Apesar da tropa de invasores não ser muito numerosa, segundo Einar relatou, o castelo estava vazio e eles teriam todo o arsenal de Svenhalla, bem como suas despensas, à disposição. Isso dificultaria a retomada de sua casa. Além disso, ele não sabia em que situação Leila se encontrava.

Sua mulher era inteligente e ardilosa. Talvez conseguisse elaborar algum expediente para ludibriar os invasores e ganhar tempo. O que mais o preocupava, no entanto, era a presença venenosa de Karin. Ela conhecia Svenhalla, havia morado em sua casa por algum tempo e só Deus sabia o que diabos a vagabunda tinha a ver com toda aquela confusão. O que ela esperava lucrar com aquilo?

Distraído com seus pensamentos, Ragnar sequer percebeu a aproximação de duas montarias. Apenas quando ouviu a voz de Ulla foi que despertou de suas conjecturas e olhou para trás.

Apeando da garupa de Boru, aonde vinha montado também Gilchrist, parecendo cansado e abatido, ela correu para os braços dos irmãos. Eles a envolveram todos ao mesmo tempo, bombardeando-a com perguntas e beijos. Sorrindo, Gilchrist e Hrolf saltaram de suas montarias, unindo-se ao grupo.

— O'Mulryan! — Björn abraçou o cunhado. — Realmente estou feliz em vê-

lo, apesar de ter roubado minha pestinha!

— Ah, irmão — reclamou Ulla, abraçada à Ragnar, depois de todas as explicações — deixe de ser implicante! — Ela fitou o irmão mais velho e seu semblante tenso. — O que houve Rag? Não está feliz em me ver?

— Claro que sim, Ulla — ele alisou seus cabelos desalinhados — mas temos um problema muito sério. — Olhou para Hrolf e Gilchrist — Svenhalla foi invadida em nossa ausência — encarou o rastreador — Leila, Saori e Anne estão lá dentro. E Bakkar e Radegund desapareceram!

Surpresos, os três recém-chegados fitaram os irmãos Svenson. Hrolf voltou o olhar para a sombra do castelo, que se desenhava contra o céu claro e límpido da noite de inverno. Em seu íntimo, um sentimento sombrio ameaçava devorá-lo. Um vazio estranho que tinha tudo a ver com uma pequena e ágil estrangeira de olhos negros. Silenciosamente, fez uma prece aos seus deuses para que olhassem por ela.

Leila olhou mais uma vez para o rosto ferido de Saori. Pegou a caixa de medicamentos e separou um pacotinho de ervas. Tirou um punhado e macerou num pequeno almofariz. Em seguida, colocou um pouco de água na mistura e, com a ajuda de Anne, ergueu a cabeça da estrangeira e fez passar o remédio por seus lábios machucados. Para sua alegria, a mulher reagiu ao gosto amargo das ervas, fazendo uma careta e erguendo as pálpebras inchadas.

— Onde...? — Sua voz escapou num sussurro.

— Em Svenhalla, Saori — apressou-se Leila em esclarecer — e sinto dizer que nossa situação não é das melhores. Mas antes, beba todo o remédio.

A *kunoichi* fez o que Leila lhe pedia e, enquanto tentava engolir a horrível mistura, a senhora de Svenhalla, juntamente com Anne, ia colocando-a a par dos últimos acontecimentos, terminando com a presença dos agentes da Ordem dentro do castelo.

— E o que houve com você, Saori? Hrolf e Ulla a encontraram...

— Ele... — Saori começou, a voz soando fraca — ...eu tinha um plano para retardá-lo, para que não chegasse ao Pico de Odin. — Seus olhos se fecharam, a respiração entrecortada denunciando o sofrimento que era reviver o que lhe aconteceu. — Devia saber que ele me farejaria, que perceberia minha presença. Mas eu não podia deixar de tentar! — Lágrimas escorreram pelo rosto da valente guerreira. — Ele dominou minha vontade, não pude reagir. Atirou-me contra o tronco de uma árvore com a força de dez homens. A dor foi tanta que não consegui me mover, só me arrastar para longe dele. E quando estava quase conseguindo, ele surgiu e me golpeou de novo. Fez isso inúmeras vezes, como um gato a brincar com um rato. Eu não sei quanto tempo fiquei lá...

— Maldito! — Leila estava horrorizada. — Só espero que Ulla e Gil tenham conseguido deter aquele monstro de uma vez por todas! E agora, ainda sofremos essa invasão.

— Eles... — tentou perguntar Saori.

— Ainda não entraram aqui. Apagamos o fogo e as velas para que não chamassem a atenção deles sobre este cômodo. Mas logo eles vão chegar aqui. E não temos como sair, ou pedir socorro. Oh, Deus! Sequer sei como estão os outros, como está Ragnar...

Anne notou que Leila respirava fundo e procurava se dominar. Ela também tentou fazer o mesmo. De nada adiantaria se desesperarem. Subitamente, Leila se ergueu da cabeceira de Saori, que voltou a fechar os olhos e parecia

adormecida.

— Mas é claro, — ela falou baixo, apertando as mãos de ansiedade — como não pensei nisso antes!

— Pensou no que, Leila? — Indagou Anne, tensa, ajeitando as cobertas da enferma.

— Olhe para Saori, para seu rosto! Do jeito que está machucada, podemos dizer a eles que o castelo foi evacuado por causa de um surto de peste! Podemos dizer que ela está com a peste! Talvez eles até recuem e vão embora!

A esperança que brilhava nos olhos de Leila encontrou reflexo nos de Anne Marie. Sim! Aquilo poderia dar certo. Mas, para isso, uma delas teria que se expor e negociar com os invasores, teria que ficar cara a cara com o caçador da Ordem do Templo, o homem que torturou Michael. Como se lesse seus pensamentos, Leila falou, decidida.

— Eu irei, Anne. Você fica com Saori.

— Não! — Anne segurou-a pelos ombros. — Você tem seus filhos, seu marido! Não, Leila! Ele quer a mim!

— Por isso mesmo, Anne! — Ralhou Leila, ríspida, assumindo sua posição de comando dentro da Sociedade. — Eu sou apenas uma! Se ele a apanhar, cairemos às centenas, talvez aos milhares. Entenda isso! Além disso, eu conheço este castelo como a palma de minha mão. Posso tentar separá-los uns dos outros, dopar os homens, não sei! Mas tenho que tentar algo... — Depois de uma pausa, ela correu até a caixa de remédios e pegou um frasco oculto num fundo falso. Estendeu-o para Anne — pegue isso. E me dê seu pingente.

— Como?

Leila desviou o olhar para o pequeno objeto por um segundo e depois a encarou de novo.

— Se nada der certo, isso aqui será mais rápido do que o óleo de castor. Você cairá desacordada e não sentirá nada. Eu juro. Não estará consciente quando... — ela segurou a mão de Anne fechada em torno do frasco — prometa que fará o que for preciso, porque eu o farei. As necessidades da Sociedade...

— ...estão acima das pessoais. — Completou Anne — Eu sei. Juro que eles não conseguirão nada de mim.

A sarracena assentiu e pegou seu manto forrado. Dirigiu-se a porta e parou, voltando-se parcialmente para Anne.

— É uma mulher corajosa, Anne Marie. Quando eu sair, tranque a porta. Cuide de Saori e de você mesma. E caso eu precise entrar aqui com eles, corra e se esconda no meu quarto de vestir.

Com seu andar leve, Leila passou pela porta e fechou-a atrás de si. Sozinha, no corredor deserto, ergueu a cabeça e os ombros. Fechou os olhos por um

instante e mentalizou a imagem de seu marido e de seus filhos.

— Perdoe-me, Ragnar.

Determinada, seguiu na direção das escadas e de seu próprio destino.

Em outra ala do castelo, Gerald divertia-se com a perplexidade estampada nos rostos de Mark e Radegund.

— Surpreso em me ver, Bakkar?

— Confesso que sim — respondeu o mestiço, sem despregar os olhos dos quatro soldados que os cercavam — e mais surpreso ainda por ver um rato como você vestido com as cores do Templo. Ou talvez eu não devesse estar tão surpreso assim... afinal, ratos vivem em bandos.

Gerald sorriu, repuxando as cicatrizes em sua face. Focalizou o olhar em Radegund, que os observava entre furiosa e intrigada.

— E você, soldado Raden? Ou devo dizer, baronesa Radegund de D’Azûr?

— Desembuche logo, Gerald! O que quer aqui em Svenhalla? Está um bocado longe dos antros que frequentava em Tiro.

Ele balançou a cabeça, debochado.

— Ora, isso não é jeito de tratar um velho companheiro. — Ele deu um passo na direção deles. — Se eu fosse vocês, recolheria as armas. Não podem enfrentar todos nós, por melhores que sejam.

Mark colou-se mais ainda às costas de Radegund. O diabo que se renderiam sem lutar! Gerald recomeçou sua ladainha, rodeando-os como um animal à sua presa.

— Venho seguindo sua pista há anos, Bakkar. Desde que me largou naquela prisão imunda em Tiro, — ele ergueu a mão de dedos retorcidos — lembra-se de quando fez isso?

— Fiz o que tinha que fazer, — rebateu Mark — não mandei que se metesse com Vernon e Patrus!

— Maldito desgraçado! — Berrou Gerald, erguendo a espada, golpeando a cimitarra de Mark, iniciando uma luta física, junto com o duelo verbal. — Fiquei apodrecendo naquele antro por meses, fui vendido como escravo, sofri toda espécie de abusos e humilhações por sua causa!

Um dos soldados avançou junto com Gerald, enquanto outros dois forçavam Radegund a se defender dos golpes, às costas de Mark.

— Não foi por minha causa que sofreu — Mark argumentou, enquanto revidava mais um golpe de Gerald — associou-se à escória de Jerusalém e Tiro, desertou do exército de Edessa, — ele empurrou com um chute certeiro o outro soldado, jogando-o longe — foi cúmplice no rapto de Leila e na tentativa de estupro que ela sofreu!

— Se não fosse por você, eu não teria ficado lá! Eu disse o que queria saber, por que não me deixou ir? Eu o odiei em cada minuto desde então, repeti seu nome a cada humilhação sofrida, sorvi com interesse cada notícia sua! E quando, num golpe do destino, um agente da Ordem percebeu meu ódio por você, eu tive a minha chance. Sua posição e seu prestígio junto a Ibelin e Montferrat lhe deram muitos inimigos, Bakkar! Isso e seu envolvimento e o de seu pai com a Hidra o fizeram uma presa cobiçada! — Mark espantou-se. Como ele sabia? O próprio Gerald, enfurecido, o respondeu. — Michael falou antes de dar cabo da própria vida. Não o entregou diretamente, mas deduzimos, depois que ele esteve em Delacroix, que você estava metido nisso até o pescoço. E agora, eu farei a você o que fez comigo. Eu o deixarei tão aleijado e deformado quanto você me deixou!

— Só por cima do meu cadáver, bastardo!

Gerald o atacou com fúria redobrada. Enquanto isso, Radegund se defendia agilmente dos seus oponentes, mas, para isso, viu-se obrigada a distanciar-se de Mark, ficando com a retaguarda desprotegida. Percebendo tardiamente que a intenção do grupo, desde o início, era a de separá-los, recriminou-se mentalmente, redobrando os esforços contra os dois soldados que a atacavam com suas espadas.

— Inferno! — Ela conseguiu ferir um dos homens, resmungando. — Será que nunca vou ter sossego nessa vida?

Se o espaço não fosse tão exíguo, se não estivesse tão concentrada na luta, se não estivesse tão preocupada com Mark, teria visto o quarto soldado, que até então bloqueava a porta, aproximando-se por trás dela. Só quando sentiu a ponta da lâmina em suas costas, que ela percebeu que era tarde demais.

Aswad beijou novamente Trudy e deslizou a mão pela frente de seu corpete. Com um olhar maroto, puxou o tecido para baixo ao mesmo tempo em que insinuava a coxa entre as dela. Sua mulher gemeu, excitada, e o agarrou pelo cós da calça, puxando-o para si. Sua túnica jazia no chão, esquecida e pisoteada.

— *Habibit i⁶⁰*, o balanço desse navio é mais do que excitante. Mas não quero machucar nosso bebê.

— Não o machucará — ela conseguiu dizer, entre um gemido e um beijo — você é gentil e cuidadoso...

— Mas estou ardendo por você! — Ele ergueu a saia de seu vestido, desnudando suas pernas, fazendo a pele se incendiar sob o toque das palmas calejadas. — Quem mandou me atacar com seus beijos escandalosos assim que pus os pés aqui dentro?

— Estava com saudades, marido! Sua inspeção demorou demais!

Aswad afastou-se um pouco dela e riu.

— Não levei nem meia hora, mulher!

Ela deslizou a mão pelo peito amplo, parando sobre as calças de lã.

— Foi uma espera longa; odeio ficar longe de você, — ela o abraçou, esfregando a face em seu peito — já ficamos tempo demais separados.

— Oh, Trudy, minha pérola! — Ele a segurou pelos quadris, erguendo-a contra parede, e colocou-se entre suas pernas — ficarei o mais perto possível de você, tão perto — ele murmurou junto de seu ouvido, arrepiando-a — e tão dentro quanto puder estar.

Trudy ofereceu-lhe os lábios entreabertos, e ele aceitou. Tomou-os com volúpia, sugando-a devagar, num prenúncio do que viria a seguir. Crispou as mãos em suas nádegas e esfregou-se nela. Entre tantos gemidos e carícias, custou a ouvir as batidas na porta da cabine. Só quando o imediato do Freyja gritou seu nome que ele se afastou de sua mulher, os olhos baços de desejo.

— Mas que praga do inferno! — Grunhiu o beduíno, para depois gritar — já vai!

Depois de descer Trudy e de ajudá-la a se recompor, ele enfiou a túnica pela cabeça e abriu a porta, encarando o imediato.

— O que foi, Erik? Qual o motivo de tanto desespero?

O homem coçou a cabeça e falou num francês carregado de sotaque.

— A noiva do capitão...

— Terrwyn? — Rosnou Aswad, pressentindo encrencas. Era só o que podia se esperar, vindo da pupila de Radegund. — O que aquela diabinha aprontou dessa vez?

— Ela sumiu.

A lua não estava cheia, mas ainda fornecia claridade suficiente para que Terrwyn se orientasse. Conduziu Cerrydwen a passo, depois de galopar por boa parte do percurso, tentando localizar a trilha no meio da floresta. Cavalgara pelos arredores de Svenhalla algumas vezes, junto com Radegund, e conhecia algumas partes do caminho. Mas encontrar quem não queria ser encontrado já era um caso à parte.

A égua resfolegou e reduziu a marcha, parando com as narinas dilatadas. Terrwyn não se moveu, mas deixou a mão sobre o cabo da adaga. Respirou devagar, como Radegund lhe ensinara e aguçou os sentidos. Havia alguém ali, às suas costas. Um farfalhar suave denunciou o movimento de um possível inimigo oculto nas folhagens. Sua voz baixa e suave, falando na hipnótica língua de sua mãe, acalmou a montaria ao mesmo tempo em que sua mão largava a crina e pousava no calor de seu dorso. Obrigou-se a ficar imóvel como uma estátua, a

sentir e a ouvir, mais do que ver. Seu coração batia tão rápido e tão forte que ela pensou que, quem quer que estivesse preparando o bote, também pudesse ouvi-lo.

Outro farfalhar, dessa vez mais próximo e à sua direita, avisou-a de que era hora de aplicar o que aprendera com sua mentora.

Com a agilidade de seu corpo leve, Terrwyn apoiou-se no dorso de Cerrydwen e passou as duas pernas para um dos flancos da égua, com toda velocidade, atingindo o sorrateiro inimigo com um chute certo. Uma praga e um grunhido acompanharam o som de seus pés aterrissando no chão.

— *Hva i helvete!*

— Björn? — Ela indagou, ainda insegura, com a adaga na mão.

Dois archotes foram acesos. Ela encarou o noivo que, esfregando o queixo dolorido, estava a ponto de torcer seu pescoço.

— Com todos os diabos, eu mandei que ficasse no navio!

Terrwyn guardou a adaga e olhou para os lados. Ignorou a explosão de Björn e se deu conta da presença de Ulla e de Gilchrist, bem como de Einar, Ragnar e Hrolf.

— Esquisito! — Ela correu até ele e o abraçou. — Se está aqui, isto significa...

— Que aquela coisa — completou Ulla com um sorriso — já não existe mais.

— Foi um belo golpe, — comentou o irlandês — aprendeu bem o que Radegund ensinou.

— Bem até demais, — grunhiu Björn puxando-a para perto dele — é uma louca em se aventurar no meio da noite com tantos perigos à espreita! E ainda por cima, montada em pelo! E se caísse ou fosse apanhada?

— Não aconteceu nem uma coisa nem outra, capitão — ela tentou se libertar, mas ele, sem fazer caso dos outros, continuou a retê-la.

— Mas podia ter acontecido, inferno! — Esbravejou e depois, surpreendendo-a, abraçou-a com carinho, murmurando. — Não suportaria perdê-la, Terrwyn. Eu amo você — recuou e olhou-a nos olhos enquanto os outros se afastavam, dando ao casal a privacidade de que precisavam — nunca amei antes e agora, isso que sinto por você me faz ter medo de perdê-la a cada minuto. Esse sentimento me fez o mais apavorado dos homens!

— Björn, — ela o encarava, fascinada. Tocou seu rosto com carinho, os olhos castanhos transbordando seus sentimentos — eu também o amo. Perdoe-me se o preocupei. Mas eu tinha que vir. Algo me dizia que precisariam de mim aqui. — Ela olhou ao redor, subitamente preocupada. — Onde está meu irmão? E Raden?

— Ninguém sabe. Einar foi o último a vê-los, — ele foi explicando o que sabia enquanto andava ao lado dela para junto do grupo, com o braço sobre seus

ombros — o castelo foi invadido e estamos pensando num jeito de entrarmos sem colocar Leila e as outras em risco. Sequer sabemos em que situação elas se encontram.

Terrwyn sorriu e saltitou de felicidade.

— É isso! Eu sabia que precisariam de mim! Mark sempre me disse para confiar na minha intuição!

— Mas do que diabos está falando, Terrwyn? — Indagou o capitão, espantado.

— Eu sei de uma forma de entrarmos em Svenhalla sem que nos vejam!

Numa fração de segundos Ragnar estava ao lado dela, o rosto tenso e o olhar sombrio.

— Você o quê?

Terrwyn fitou Ragnar e teve pena dele. Sabia que era louco por sua mulher, que faria tudo por ela. Foi logo ao ponto.

— Descobri várias passagens secretas em seu castelo, *sire*.

Houve uma série de exclamações espantadas entre os irmãos e até da parte de Hrolf. Gilchrist sorriu.

— Você é perita nisso, não é mesmo, Terrwyn?

— Sabe que sim, Esquisito — ela piscou um olho, lembrando da época em que o espiava por trás das paredes de Draig Fawr — mas, voltando ao assunto, eu percorri várias delas. Existem diversas passagens ligando os dormitórios, o salão, a adega, a biblioteca e até as torres. Duas delas saem em pontos diferentes dos muros.

— Aposto que foi assim que acabou em meu quarto, naquela noite — deduziu Björn, revirando os olhos — é mesmo uma pestinha.

Ulla o cutucou.

— Deixe-a falar, irmão!

— Pois bem. As passagens são estreitas, em sua maioria; não creio que vocês possam transitar por todas elas. Mas talvez eu e Ulla, que é bem esguia, possamos entrar e tentar abrir um dos portões para vocês.

Um coro de negativas elevou-se entre os homens, principalmente partindo de Gilchrist e Björn.

— Nada disso!

— Nem pensar!

Hrolf foi o único a não se opor.

— Deixem de ser idiotas, — ele resmungou — Ulla é uma caçadora e sabe muito bem usar uma faca se precisar. Além disso, tem um excelente senso de orientação. E a irmã de Bakkar acabou de provar que sabe se defender. — Ele fitou os irmãos Svenson e Gilchrist, que agora o escutavam em silêncio. — E no

fim das contas, que alternativa nós temos?

Leila parou no fim do corredor. Dois soldados guardavam as escadas que davam para o salão. Pareceram muito espantados ao vê-la e logo se apressaram em sua direção. Seu olhar altivo os fez se deterem a alguns passos dela. Tremia por dentro, esperando ser atravessada por uma de suas espadas a qualquer momento. Sua voz, no entanto, soou firme quando ela disse.

— Sou a senhora de Svenhalla. Levem-me ao seu comandante.

Um dos homens assentiu em silêncio e lhe deu passagem, escoltando-a escada abaixo. E ali, sentados em *seu* salão, esparramados em *suas* cadeiras e bebendo de *seu* vinho, estavam eles. Um homem bonito e elegantemente trajado e uma mulher de seus trinta e poucos anos, muito loura e de pele claríssima, parecendo profundamente enfadada. Ao se darem conta da presença de Leila, ambos se levantaram. Ela pôde sentir os frios olhos azuis da mulher observando-a com desdém.

— Mestre — falou o soldado — esta mulher apareceu lá em cima. Diz ser a senhora de Svenhalla.

Karin deu uma risada escarninha, observando a tez morena e os olhos cor de mel de Leila. Era nitidamente uma estrangeira, com aquela cor de pele e a baixa estatura. Teria Ragnar, ou até mesmo Björn, trazido aquela mulherzinha do Oriente para se divertir?

— Ora, rapaz! Logo se vê que não passa de uma criadinha — ela deu um passo e pousou a mão no ombro de Chrétien — ou da amante de um daqueles lobos Svenson. Sempre foram tão fogosos...

Leila ignorou o veneno da mulher, que parecia conhecer sua família bem demais. Quem seria ela? Voltou a atenção para aquele que chamavam Chrétien e, que pela descrição que Anne fizera, era o temido caçador da Ordem.

— Sou Leila, senhora de Svenhalla. Por que invadiram minha casa?

Esbanjando charme, apesar dos gélidos olhos verdes, Chrétien desvencilhou-se de Karin e segurou a mão trêmula de Leila entre as suas.

— Encantado, senhora — seus lábios pousaram não nas costas da mão, mas sim, no pulso de Leila — perdoe nossa... visita inesperada. Sou Chrétien D'Arcy e venho em busca de uma criminosa. Uma certa senhorita Scholz. — A mão dele segurou a de Leila com mais força. Ela se obrigou a permanecer impassível. — Conhece-a?

— Devo informá-lo de que sua entrada nesta casa, sem um prévio anúncio, colocou toda sua gente em grande risco, *sire* — retrucou ela, sem responder à pergunta de Chrétien.

A mão dele apertou seu pulso com mais força.

— O que quer dizer com isto, minha senhora?

— Quero dizer que o castelo foi evacuado devido à presença da peste. — Ela olhou para a mão que a segurava e por seus olhos passou um breve lampejo de cinismo. — Eu estava confinada com a paciente, lá em cima, quando notei a chegada de seu grupo.

Imediatamente Chrétien largou sua mão e recuou, como se ela mesma estivesse doente. Karin e os soldados fizeram o mesmo.

— Peste? — Grasnou o caçador da Ordem. — Desde quando?

— Há alguns dias — ela deu um passo à frente e ele recuou — mas, se o senhor ainda quiser nossa hospitalidade... — ela blefou.

Vá embora, desgraçado! Vá embora!

Ela estava consciente de que jogava um jogo perigoso. A qualquer momento ele poderia pedir para ver a paciente. E se entrasse no quarto, corria o risco de encontrar Anne Marie e descobrir que tudo não passava de um ardil para ludibriá-lo.

Karin, no entanto, tomou a frente e, passando por Chrétien, mediu a outra mulher de cima a baixo e indagou.

— Se é a senhora de Svenhalla, na certa é mulher de Björn, o primogênito dos Svenson?

— Não, — Leila respondeu — Björn assumiu o comando da companhia de navegação e cedeu o direito das terras a seu irmão, Ragnar. Ele é o meu marido. E a senhora, quem seria?

A loura riu debochadamente e empinou o nariz, numa atitude de desprezo.

— Karin Velksdatter, — ela baixou o tom para que só Leila a escutasse — já deve ter ouvido falar de mim. Um homem jamais esquece a primeira mulher de sua vida. Eu tenho planos para seu marido. Ainda farei dele o rei da Noruega — a expressão dela se tornou mais maldosa ainda — e eu serei a rainha que governará ao seu lado.

Apesar do ódio que fazia seu sangue ferver, Leila não retrucou. Então, aquela era Karin, a mulher que traíra Ragnar no passado... pelo jeito, continuava a ser a mesma víbora que seus cunhados haviam descrito. E não fazia nem ideia de que Ragnar fora legalmente adotado por Sven Haakonson, abrindo mão oficialmente de seu parentesco real, logo que retornara de Tiro. Calada, ela olhou da loura para Chrétien D'Arcy. Aqueles dois loucos estavam envolvidos cada qual com sua própria rede de intrigas. E ela se sentia como uma mosca presa em suas teias. Se ao menos Ragnar estivesse ali...

Mark foi desarmado sob o olhar sombrio de Radegund. Balançou discretamente a cabeça para ela, impedindo que reagisse. Sabia que ela fervia de raiva por ter sido apanhada com a guarda baixa. Não foi culpa dela. Os inimigos eram mais numerosos. Se não fosse rendida, teria acabado morta nas mãos deles.

Gerald ordenou que dois soldados o segurassem pelos braços. Sentou-se de frente para ele, puxando Radegund consigo, sentando-a no braço de sua cadeira.

— Fique aqui, querida — ele falou, cínico — vamos ter um grande espetáculo proporcionado por seu amigo.

Aliviado por Gerald não notar a extensão de seus sentimentos por ela — pois isso seria mais uma arma nas mãos do canalha — Mark tentou imaginar o que diabos aquele homem queria dele. Não tardou a adivinhar quando ele falou.

— Lembre-se, Jordan — Gerald se dirigiu ao soldado — o rostinho bonito deve ficar intacto para a minha diversão.

Enquanto o terceiro soldado postava-se atrás de onde Gerald se acomodara com Radegund, o quarto deles desferiu o primeiro golpe, acertando-o no estômago. Tendo já se preparado para aquilo, Mark retesou os músculos e cerrou os dentes, procurando resistir à dor. Seus olhos fixaram-se nos dela, implorando que não reagisse. Pouco se importava consigo. O que não poderia suportar seria vê-la sofrer ou ser morta por aquele louco.

Um potente soco o acertou no queixo, deixando-o zozado, atirando sua cabeça para trás. Gerald reclamou com o soldado, mandando-o acertá-lo em outro lugar. Ouviu então a voz de Radegund, falando em galês, língua que Terrwyn havia ensinado a ambos e que Gerald, naturalmente, não conhecia.

— Prepare-se.

— Não — ele grunhiu na mesma língua, sentindo o gosto ácido do sangue nos lábios.

O que diabos ela tinha em mente, pensou, enquanto outro golpe o acertava, dessa vez no flanco. O impacto enviou um choque ao longo de seu corpo, fazendo-o se retorcer. Os dois homens que o seguravam riram e sustentaram seus ombros enquanto o outro, seguindo as ordens de seu comandante, continuava a acertá-lo. Fazia-o de forma a provocar o maior sofrimento possível sem, no entanto, deixá-lo desacordado. Mais um golpe o atingiu, perto das costelas. Ele viu luzes espocarem à sua frente. Já estava começando a ficar tonto de dor. E sabia que aquilo era só o começo. Pelo olhar de Gerald, que assistia a tudo como um rei em seu trono, ainda sentiria muita dor ao longo daquela noite.

O templário, por sua vez, se irritou com a breve troca de palavras. O aperto no braço de Radegund se tornou mais forte, ferindo-a através da cota de malha.

— O que está dizendo, mulher?

Ela o fitou nos olhos, desafiadora.

— Estava xingando sua mãe, bastardo.

Gerald deu uma risada escarninha.

— Xingue à vontade — ele puxou seu braço, desequilibrando-a e fazendo-a se sentar em seu colo. Passou o braço por sua cintura e a mão deformada deslizou por seu pescoço até o volume dos seios sob a roupa pesada — depois que reduzir seu fiel amigo a um monte de ossos partidos, talvez eu quebre seu gelo.

Ao notar a fúria que se estampava na face de Mark, ela implorou com o olhar para que ele não se denunciasse. Já estivera em situações bem piores do que aquela. E, por mais asqueroso que fosse estar naquela posição, sendo tocada por Gerald, por mais que sofresse em ver Mark sendo cruelmente espancado, ainda não era hora de reagir. Não ainda. Não enquanto os quatro soldados não estivessem exatamente aonde ela precisava que eles estivessem. Calada, esperou.

Anne sentia-se a ponto de enlouquecer. A noite já ia alta, o silêncio do lado de fora do quarto só era quebrado pelas vozes dos homens no pátio e Leila nada de aparecer. Um gemido de Saori tirou-a de seus pensamentos.

— O que foi, Saori? O que tem?

— Ajude-me... — a mulher pediu — não consigo me mover...

— O que quer que eu faça?

— Minhas pernas... — Saori olhou-a, suplicante — não posso movê-las. Eu... — houve uma pausa angustiada — eu não consigo senti-las, Anne.

Durante alguns minutos as duas permaneceram caladas. Absorvendo aquela informação, constatando o óbvio. Os ferimentos de Saori eram muito mais graves do que a princípio ela e Leila supuseram. Chocada, a jovem ajudou a estrangeira a se sentar no leito e sustentou-a com cuidado. Um suor frio empapou a fronte e o corpo de Saori, que custou a se firmar. O braço são segurou no de Anne enquanto ela pedia

— Pegue meu embornal, junto de minhas roupas.

Anne estranhou.

— Para quê?

— Há algo lá. Um pequeno frasco... — o olhar de Saori, por entre as pálpebras inchadas, tornou-se súplice — eu lhe imploro, deixe-me ter uma morte limpa e honrosa. Poupe-me de uma agonia lenta.

— Não! — Anne se desesperou. — Não, não até que Leila retorne. Eu não entendo de medicina, mas ela sim. Pode ser um mal passageiro, pode ser que

melhore...

— Eu imploro, Anne!

— Não!

Cansada e sem forças, Saori relaxou o corpo e Anne ajeitou-a de novo contra os travesseiros. Algo precisava ser feito. Onde estaria Leila que ainda não voltara? Tomando uma súbita decisão, caminhou até a porta do quarto e abriu uma fresta, espiando o corredor. Estava livre e mal iluminado. Respirou fundo e olhou para Saori, que dormia novamente. E antes que perdesse a coragem, saiu do aposento.

Sob a luz fraca da lua, os irmãos Svenson, juntamente com Gilchrist e Hrolf, observaram Ulla e Terrwyn sumirem numa passagem escura, oculta na parte de trás da muralha. Cada um deles trazia o coração oprimido pela angústia e pela incerteza. Cada um deles possuía um ente querido confinado entre as paredes do castelo.

O som de cascos, vindo de trás deles, colocou-os em alerta. Logo, para alívio de todos, Aswad surgiu na orla da floresta.

— A irmã de Mahkim...? — Foi logo indagando, antes mesmo de saltar da montaria.

— Calma, Aswad — disse Björn — ela chegou até aqui sã e salva.

— Sua noiva é uma diabinha, capitão — ele disse, enquanto prendia o cavalo numa árvore — ludibriou-me e escapou do navio! Onde ela está?

Rapidamente Aswad foi colocado a par do esquema elaborado por Terrwyn para entrar no castelo. Deu um assovio admirado e falou, dando um tapinha nas costas de Björn.

— Meu amigo, essa jovem é mesmo uma mulher de fibra. Logo se vê porque ela e a leoa se dão tão bem. Aliás — ele olhou para os outros e deu uma gargalhada — parece que cada um de nós conseguiu uma gata selvagem como par!

As risadas que vieram em seguida serviram para aliviar a tensão da espera pelo sinal combinado com as duas mulheres.

— Dentro! — Comemorou Ulla, olhando para o pátio do castelo — nem acredito que estamos aqui.

— Temos que chegar ao portão leste, é por lá que eles devem entrar, Ulla — Terrwyn esgueirou-se colada ao muro. Contou os invasores ao redor da fogueira, no centro do pátio, bem em frente à porta principal e aos portões centrais. — Dez homens. Talvez mais dez nas muralhas e lá dentro, — ela sorriu para Ulla — vai ser moleza.

A norueguesa prendeu o lenço que cobria os cabelos claros. À luz da lua, eles poderiam denunciá-la.

— Você fica com o portão, Terrwyn. Eu irei até o arsenal. Tenho que bloquear a porta por dentro. Eles não devem ter acesso às armas. Se o fizerem, não conseguiremos tirar os bastardos daqui.

A mais jovem a encarou enquanto sacava sua lâmina.

— Lembre-se, a passagem para lá parte da adega.

— Não se preocupe, chegarei até ela pela cozinha. Nasci e cresci aqui, esta é minha casa, conheço seus caminhos de olhos fechados. Além disso, eles são poucos para cobrir o castelo todo. — Ulla apertou a mão de Terrwyn — Boa sorte!

— Para você também.

— Já chega, Karin — Chrétien puxou a amante de perto de Leila e tomou a mão da sarracena entre as suas — afinal, a senhora de Svenhalla é nossa anfitriã.

Trêmula de medo e raiva, Leila forçou um sorriso, desviando o olhar do rosto de Karin para as feições cínicas de Chrétien D’Arcy. Deus! Quem o visse jamais imaginaria do que aquele homem era capaz.

O rosto perfeito era o de um anjo, parecendo esculpido no mármore. Os modos eram dignos do mais refinado cortesão, enquanto suas roupas eram de excelente qualidade. A maldade presente em seu olhar, no entanto, não permitia que ela se descuidasse um minuto sequer. Sabia que toda aquela educação, todo aquele verniz, faziam parte do jogo daquele assassino. Ele armava sua teia em torno dela, tentava envolvê-la, ganhar sua confiança, aguardava algum deslize que denunciasse a presença de Scholz.

— O senhor é muito gentil, *monsieur* D’Arcy — ela retrucou, jogando o jogo dele — posso oferecer-lhe vinho?

Se ele aceitasse, ela despejaria as duas cápsulas de veneno em sua taça e na de Karin sem o menor escrúpulo! Mas ele era bem mais esperto...

— Obrigado, *madame*, mas já tomei a liberdade de nos servir — ele apontou os copos sobre a mesa — excelente safra, por sinal. — Leila sorriu e ele continuou, sob o olhar triunfante de Karin. — Mas pode nos ser útil oferecendo-nos um quarto para descansarmos.

— Pretendem passar a noite aqui? — Ela lutou para parecer natural. — Devo informá-los que castelo ainda não foi expurgado depois da peste. A doença...

Ele segurou de novo sua mão, retendo seus dedos delicados num aperto que estava no limite entre a firmeza e a dor.

— Certamente *seus* aposentos não foram usados para tratar doentes, *madame* — ele chegou bem perto do rosto de Leila — é para lá que eu e minha — olhou

significativamente para Karin — acompanhante, iremos. Afinal, ainda não me disse se a senhorita Scholz esteve, ou está, aqui.

Impassível, ela retrucou.

— Nunca sequer ouvi este nome.

Depois de um longo e tenso silêncio, Chrétien assentiu e apontou-lhe as escadas. Sem saída, Leila foi obrigada a inclinar a cabeça educadamente e, em seguida, a conduzir Chrétien e Karin escadas acima, sendo seguidos por dois soldados. Caminhavam pelo corredor quando, saindo da porta do aposento onde deixara as duas mulheres, surgiu Anne Marie. O choque das quatro pessoas envolvidas naquele jogo foi tão grande que, por alguns instantes, tudo ficou em suspenso, como se o próprio tempo tivesse parado.

Leila sentiu o coração disparar. Anne levou a mão ao peito e um gemido fraco saiu de seus lábios. Chrétien sorriu, como um gato que acuava um camundongo. Karin estreitou os olhos frios e olhou para Chrétien, notando que a máscara de civilidade dele acabava de cair. Olhando para Leila, ele falou.

— Karin, acompanhe a senhora de Svenhalla aos aposentos dela. Leve os guardas consigo e deixe-os na porta. Aposto que ela tem muito que lhe contar — ele fitou calmamente Anne, que recuava de costas pelo corredor — eu tenho assuntos urgentes para tratar.

Anne correu e Chrétien, seguro de que finalmente a apanhara, saboreou cada passo na direção dela, caminhando devagar em direção às escadas da torre, pelas quais ela subia. Chegava a hora de Scholz pagar por cada maldito dia que perdera andando atrás dela. Assoviano uma canção alegre, Chrétien D'Arcy preparou-se para brincar.

Inferno! Não havia como passar pelo homem dentro do arsenal e chegar até a porta. Ulla queria gritar de frustração. Tinha que haver um jeito. Oculta nas sombras, ela forçou a mente a buscar uma solução. Logo a encontrou.

O jovem soldado francês estava há algum tempo servindo Chrétien D'Arcy e seus templários. O soldo era bom e a única coisa que haviam feito até então foi navegar num mar revolto e embrenharem-se nos confins da Noruega. O que o incomodava era a falta de diversão. Em pleno inverno, tudo o que ele queria era uma rapariga macia e cheia de curvas para esquentar a sua cama. Entediado em seu posto de vigia no arsenal, ele mal acreditou quando aquela ninfa loura apareceu das sombras, trajando apenas uma fina combinação. Com movimentos sinuosos dos quadris, ela sorriu para ele e o chamou na língua daquela terra.

Bem, ele não entendia nada, mas o convite do corpo tentador era mais do que evidente. Nem passou por sua mente, embotada de luxúria, a estranheza da situação. Foi na direção dela, já soltando os laços da calça. Quando ela estendeu

os braços por trás de seu pescoço, a única coisa que o soldado francês recebeu da mulher foi uma faca enfiada na base de seu crânio.

Silenciosa, Ulla puxou a lâmina e segurou o homem morto até que chegasse ao chão. E mesmo nauseada e trêmula com o que acabava de fazer, olhou-o com desprezo.

— Ninguém invade nossa casa. Aqui é Svenhalla, — limpou a faca na roupa e cuspiu o lema de sua família — *cor glacies, spiritus lupum*⁶¹.

Terrwyn colou-se ao muro e esperou que os dois soldados que desciam das ameias passassem por ela. Não se atreveu sequer a respirar. Seu corpo pequeno e flexível, que tantas vezes ela amaldiçoou por não ter as curvas exuberantes das outras mulheres, agora era a sua vantagem. Tornava possível esconder-se nos cantos e frestas apertados e esperar o momento de agir.

Os dois homens viraram num canto do muro e saíram de seu campo de visão. Com cuidado, ela deslizou os pés até o portão e soltou os ferrolhos. Mal começou a se esgueirar pela pesada porta de madeira e foi puxada com força para fora. Antes que gritasse uma mão enorme silenciou-a, cobrindo seus lábios para, logo em seguida, uma boca faminta apossar-se da sua.

— Nunca mais permitirei que faça uma loucura dessas! — Rosnou Björn depois de soltá-la e ver que estava bem. — Agora ficará aqui fora.

— Nem pensar, capitão — ela se afastou dele — Ulla já está no arsenal. Há vários homens no pátio, pelos muros e dentro do castelo.

Ragnar se aproximou, junto com Hrolf e Einar.

— E Leila? E as outras mulheres?

— Sinto muito, eu não as vi. Pelo que escutei os homens falando no pátio, os líderes do bando estão lá dentro.

— Pois bem, meus irmãos — Ragnar apertou o cabo de seu machado e puxou a espada da bainha — está na hora de arrumarmos nossa casa.

Todos prepararam suas armas e assumiram suas posições. Vendo que Terrwyn não desistiria de segui-los, Björn recomendou.

— Fique longe da confusão. Pegue Ulla e encontrem as outras.

O irlandês olhou para os companheiros e comentou.

— Só queria saber onde diabos foram parar Radegund e Bakkar. Eles farão falta aqui.

— Basta, Jordan.

A voz sinistra de Gerald elevou-se em meio ao som seco dos punhos do soldado, que acertavam impiedosamente o corpo de Mark. O homem interrompeu os golpes e sorriu cinicamente para seu chefe.

— Confortável, Bakkar? — Perguntou ele enquanto se distraía em aborrecer Radegund com seu toque asqueroso.

Mark ergueu a cabeça, lutando para se manter de pé entre os homens que o prendiam. Um deles forçou seu braço para trás e ele retesou o corpo, travando uma guerra contra a dor e o desejo de se render à inconsciência. Seus olhos se encontraram com os de Radegund. Ele reconheceu ali o brilho mortal que tantas vezes o assustou.

Não, não reaja! Não posso vê-la sendo assassinada diante de meus olhos!

Ela, apesar da súplica contida naquele olhar, estava concentrada num plano de ação, procurando a mais ínfima oportunidade de agir. Tudo se precipitou diante da tortura que Gerald resolveu lhes impor.

— Diga-me, Bakkar — ele começou, subindo a mão pela perna da mulher em seu colo — você gosta muito dela, não é mesmo? Dizem até que tiveram um caso... é verdade? O que acha de, antes de marcar sua cara e arrancar seus dedos, eu e meus homens nos divertirmos um pouco com sua preciosa companheira? — A mão dele se aproximou do alto da coxa.

Radegund lutou contra a náusea e o desejo de reagir.

Ainda não...

— Imagine só, Bakkar. Você preso, sem poder fazer nada, enquanto eu e meus soldados aquecemos sua fria parceira.

— Deixe-a! — Rosnou Mark, tentando se libertar. — Seu problema é comigo! Enfrente-me como um homem, bastardo!

— Ah, finalmente! Vejo que eu o atingi num ponto muito sensível! — Escarneceu Gerald.

Radegund sentiu os dedos de Gerald cravarem em sua pele. Notou que Jordan se distraía com um copo de vinho, de costas para onde ela estava e de frente para Mark. Os dois homens continuavam a contê-lo, enquanto o quarto soldado permanecia atrás da cadeira, montando guarda. Não haveria uma segunda chance.

Fixou o olhar no de Mark. Antes que ele estreitasse os olhos numa advertência, ela, com o coração acelerado, já enxergava tudo através de uma névoa vermelha, liberando toda a raiva que contivera até então.

Num piscar de olhos, seu cotovelo direito acertou Gerald no pescoço, fazendo-o engasgar e bater com a cabeça no espaldar alto da cadeira. A mão esquerda procurou a adaga e arrancou-a da bainha do templário. Ao mesmo tempo em que deslizava o corpo para o lado, sobre o braço da cadeira, ela girou o tronco para trás, cravando a adaga no peito do homem às costas de Gerald. Ato contínuo, puxou a espada do soldado atingido com a mão direita, e girou para esse lado, a lâmina numa extensão perfeita de seu braço encontrando o pescoço

de Jordan no caminho. A adaga foi então arrancada do peito do primeiro soldado e lançada contra o abdome de um dos surpresos guardas que seguravam Mark. Com um gemido ele caiu. O outro, aparvalhado, só pode ver o poderoso punho de Mark segundos antes dele esmagar seus ossos da face.

Por alguns segundos, ela e Mark permaneceram parados, ofegantes, olhando um ao outro. Depois, como se despertasse de um pesadelo, ela se atirou nos braços de seu homem, que a acolheu apesar da dor lancinante em todo o corpo.

— Minha garota, meu amor... — sem se importar com o sangue salpicado em sua face ou nas próprias mãos, ele afagou seu rosto — depois não quer ser chamada de Demônio Vermelho!

— Deixe de fazer graça, Mark — ela ralhou, sustentando-o por sobre o ombro — está ferido! Temos que sair daqui antes que apareçam mais soldados!

Ele nem conseguia falar ou respirar direito. Só queria ficar abraçado a ela, senti-la junto a ele. No entanto, aquilo parecia estar fadado a não acontecer.

Um movimento atrás dela chamou sua atenção. Ergueu os olhos a tempo de ver Gerald, que se recobrava e partia para cima deles com a espada em guarda. Sem tempo para mais nada, ele segurou o punho de Radegund, que ainda trazia a espada entre os dedos e girou seu corpo junto com o dela, a lâmina erguida. Não houve chance de Gerald parar antes do aço cravar-se em seu abdome.

— Maldito bastardo! — Ele urrou. Recuou e tentou acertar Radegund com sua arma. Mark, porém, tirou-a do alcance dele, colocando-a atrás de si. A raiva o fez esquecer a dor. E Gerald, mesmo ferido, parecia possuído por uma força demoníaca.

— Vou aleijá-lo, Bakkar! Vou acabar com você! Não cheguei tão longe para nada! Vou mandá-lo para o inferno!

Suas lâminas se chocaram com um som estridente. Radegund recuou para não atrapalhar a defesa de Mark. Gerald, apesar do sangue que perdia, assestava sua arma na direção do coração do mestiço. Vendo que sua única saída era matar para não morrer, Mark desviou do golpe do templário e afundou a lâmina em seu peito. O outro ainda teve forças para grunhir, antes de cair morto.

— Eu o esperarei no inferno, bastardo.

— Espere sentado.

Apoiando-se na coluna da cama, Mark estava exausto. E também aliviado. Olhou para trás e estendeu o braço. Ela correu ao seu encontro, agarrando-se a ele, tensa e cansada. Erguendo seu rosto, ele se perdeu no verde de seu olhar e murmurou.

— Você é a mulher mais maravilhosa que já pisou sobre a terra, Radegund. E eu sou o homem mais sortudo do mundo por ter você ao meu lado.

Um pouco encabulada, ela baixou os olhos e ele a amou mais ainda por isso.

Sem mais palavras, Mark a beijou. Foram interrompidos, no entanto, por sons de luta no pátio, lá embaixo.

— Mas o que diabo...?

Radegund correu até a janela, espiou e voltou-se para ele, sorrindo.

— Nossa cavalaria chegou.

CAPÍTULO 35

TODOS OS AMIGOS RECEBERÃO A RECOMPENSA PELA VIRTUDE QUE DEMONSTRAM. TODOS OS NOSSOS INIMIGOS, O CÁLICE AMARGO A QUE FIZERAM JUS.
Rei Lear. Ato 5, cena 3. William Shakespeare

Os atarantados soldados de Gerald e Chrétien mal puderam se defender dos homens que caíram sobre eles no pátio de Svenhalla. Em poucos minutos, a fúria dos irmãos Svenson e de seus companheiros tingia o branco da neve de um vermelho vivo. Possuído, Ragnar abria caminho entre os invasores na direção das escadas principais. Seus irmãos e seus amigos o acompanhavam.

Com espanto, ele e Björn, que lutava ao seu lado, assistiram a um mercenário ser jogado pelas portas do salão, rolando escadaria abaixo, com uma adaga cravada no peito. De dentro do castelo, surgiu Radegund, espada em punho e coberta de respingos de sangue.

— Atrasado como sempre, Sven!

— Ruiva! — Ele gargalhou, derrubando um inimigo. — Sabia que tinha seu dedo nessa confusão! Onde se meteu?

— Depois. Há mais deles aqui dentro!

Sem precisar de mais explicações, Ragnar, Björn e também Hrolf separaram-se de Einar, Aswad e Gilchrist e foram para dentro do castelo, derrubando quem quer que ousasse atravessar seu caminho.

— Viu Leila? — Indagou Ragnar, cruzando as portas.

— Mark foi em busca dela e das outras, lá em cima.

Anne tentava respirar devagar e não sucumbir ao medo. Porém, era muito difícil. Tremendo, encolheu-se ainda mais atrás de uma pilha de móveis velhos, num depósito de uma das torres de Svenhalla. No escuro, rezava para que Chrétien não a encontrasse.

Maldita hora em que resolveu sair do esconderijo! Estragou tudo. Colocou a si, Leila, Saori e toda a Sociedade em perigo. A porta do aposento se abriu e ela se enrodilhou mais ainda em seu canto. A luz de um archote banhou o ambiente e a voz cínica de Chrétien ecoou na sala.

— Vamos, ratinha, apareça. Não me faça procurá-la, será pior para você. Se colaborar comigo, talvez eu a deixe viva.

Maldito desgraçado! Se ao menos tivesse levado consigo uma arma, se tivesse meios de atingi-lo e sair correndo. Tentou encolher-se mais um pouco, ocultar-se até que ele pensasse que não estava ali. Seu movimento, porém, acabou por desequilibrar a pilha de móveis, atirando uma cadeira velha no chão. E antes que pudesse se recuperar, Chrétien D'Arcy em pessoa aparecia na sua frente, agarrando-a pelos cabelos, fazendo-a se erguer do chão e arrastando-a consigo.

— Nos encontramos de novo, ratinha. E desta vez, não há disfarce capaz de fazê-la escapar de mim.

Karin espiou pela janela e se apavorou. Os soldados do templo, bem como os mercenários contratados por Gerald estavam sendo derrotados por meia dúzia de cavaleiros. Três deles eram os irmãos Svenson. Viu quando Ragnar, sob a luz fraca do amanhecer, entrava no castelo junto com Hrolf Brosa e Björn. Apesar dos anos que haviam passado, ela seria capaz de reconhecê-los em qualquer lugar. Lançou um olhar de esguelha para a mulher amarrada e encolhida no chão e chamou os guardas.

— Mantenham-na sob as espadas de vocês — ordenou.

Os dois homens arrastaram Leila consigo, ameaçando-a com suas armas, ao mesmo tempo em que Karin ouvia o som das portas sendo abertas com violência pelo corredor e a voz trovejante de Ragnar chamando por sua mulher. Sorriu, saboreando a vitória antes de dizer com desdém.

— Vou tirar seu marido de você bem debaixo de seu nariz.

Leila não se fez de rogada.

— Pode até tentar, vadia. Conseguir já será outra história.

A conversa foi interrompida pelo som da porta sendo arrombada. Sob o umbral, Ragnar pareceu a Leila um dos antigos deuses noruegueses, talvez o próprio Odin, o mais furioso deles. Com o rosto salpicado de sangue e vários rasgões na túnica, ele parecia maior do que já era sob a cota de malha. As mãos apertavam o cabo do machado e o punho da espada.

Depois de um olhar amoroso em sua direção, ele focalizou sua atenção em Karin. E se fosse possível, a loura teria congelado instantaneamente sob a frieza daqueles olhos pálidos.

— Solte minha mulher, Karin — ele foi direto ao ponto, a voz baixa indicando o quanto ele lutava para se controlar.

— Se der mais um passo — ela o ameaçou e apontou os soldados — a mulherzinha morre.

Ele cerrou os dentes e respirou fundo, antes de indagar.

— O que quer? O que esperava ganhar associando-se ao Templo? Por que voltou aqui depois de tantos anos?

Debochada, aproximou-se dele.

— Acreditaria se eu dissesse que estava com saudades? — Deu uma risada cínica. — Claro que não. Se bem que realmente senti falta dos momentos que tivemos juntos, eu e você. — Ela olhou para Leila que, indefesa, não conseguia conter as lágrimas. — Lembra-se como nos dávamos bem na cama, querido?

— Deixe de jogos, Karin — ele esbravejou fazendo-a pular de susto — invadiu minha casa, ameaça minha mulher... isso não é só porque quer trepar comigo!

Ela chegou mais perto dele e estendeu a mão para seu rosto. Ragnar recuou, enojado com o toque daqueles dedos frios.

— Tem razão, não vim por isso. Apesar de a ideia ser bastante agradável. Vim para convencê-lo a lutar pela coroa, à qual tem direito. — Fez uma pausa, estudando-o, e depois continuou. — Sverre está em pé de guerra com Nidaros. A oposição é mais forte a cada dia. — Karin passou a mão por seu tórax, sentindo a respiração rápida e o coração martelando sob os músculos rígidos. Céus! Ele estava magnífico, um homem em toda acepção da palavra. Chegava a se arrepender de seu arroubo de luxúria na juventude. Se não fosse por aquilo, talvez ainda estivesse casada com ele. Talvez fosse rainha e tivesse aquele homem viril a esquentar seu leito todas as noites. Concentrou-se de novo em seus planos. — Você seria a escolha natural para o lugar de Sverre. Entre todos os bastardos de Magnus, você é o que mais se destacou, Ragnar. Fez fama no Oriente, é rico e bem relacionado, dentro e fora do reino. O nome dos Svenson é respeitado em toda a Noruega.

Ragnar segurou a mão que o alisava e respondeu com firmeza.

— Karin, para sua informação, eu já sou casado, nunca quis ser rei e muito menos ter como mulher uma vagabunda traiçoeira como você. — Ele soltou seu punho com brusquidão e ela cambaleou. — E pela última vez, mande seus cães soltarem Leila!

— Não acredito que não tenha a ambição de ser rei! — Ela gritou.

— A única ambição que tenho agora — a voz dele soava rouca de tanta raiva contida — é a de torcer seu pescoço! Mas vou deixar uma coisa bem clara para você Karin, para que perca de uma vez por todas suas esperanças. Eu renunciei formalmente à coroa da Noruega há anos atrás. Renunciei a ela em nome da minha paz e, principalmente, do meu amor por minha esposa.

Boquiaberta, a ardilosa loura viu todos seus planos fracassarem em segundos, viu sua ambição escorrer por entre seus dedos como grãos de areia. Suportou Chrétien aquele tempo todo na esperança de, ao chegar ali, reconquistar Ragnar. Maldito!

— Seu estúpido, ignorante, imbecil! Como pôde! Podia ter sido rei! Eu teria sido sua rainha!

Ragnar perdeu de vez a paciência com aquela insanidade. Karin devia estar louca, só podia ser isso. Pegou-a pelo braço e falou com firmeza.

— A única pessoa digna desta posição seria minha esposa — ele puxou a adaga presa ao cinturão diante dos olhos arregalados da mulher — e por ela, eu

sou capaz até de matar. — Colou a lâmina ao pescoço de Karin e encarou os aparvalhados soldados. — Liberte Leila, agora.

— Não seria capaz... — ela balbuciou.

Para reforçar suas palavras, ele pressionou a afiada arma contra a pele de Karin. Um pequeno corte atestou suas intenções. Avisou aos soldados.

— Soltem minha esposa, ou sua senhora morre.

Leila estava pasma. Ragnar não faria aquilo? Ou faria? Céus, seu marido estava furioso. Se ele ferisse Karin, por mais que a odiasse, depois não se perdoaria.

— Ragnar, não! — Ela pediu, segura pelos braços dos dois indecisos soldados.

— Soltem-na, já mandei! — Ele rosnou para os homens.

Imaginando-o um louco, pior do que Gerald e D'Arcy, os dois soltaram Leila e recuaram. Mais do que depressa, ela correu em direção a Ragnar. Relaxando a pressão da adaga, ele a acompanhou com o olhar. Aproveitando a breve distração dele, Karin soltou-se de seu aperto. Sacando um pequeno punhal de dentro do vestido, avançou com um grito na direção de Leila.

Tudo foi tão rápido, as reações tão automáticas e instantâneas, que se lhe perguntassem o que realmente aconteceu, ele não saberia dizer. A única imagem que ficou em sua mente foi a da lâmina entrando no corpo de Leila. O som de seu grito misturou-se ao seu urro de ódio e dor. De alguma forma, arrancou Karin de cima dela e amparou sua esposa antes que ela caísse no chão. Atirou-a ao ombro com um dos braços e com o outro espalhou a morte dentro do aposento.

Hrolf correu pelos corredores, ouvindo atrás de si a voz de Einar. Sua concentração, no entanto, estava toda voltada para o cheiro dela. Farejou-a, como um lobo fareja sua companheira. Foi direto para o aposento onde ela se encontrava. Aspirou o ar.

Remédios. Doença. Medo. Dor. E outra coisa que ele não ousou nominar.

Sob a penumbra do amanhecer, aproximou-se do leito onde Saori de Iga estava deitada, com um Mark al-Bakkar muito ferido inclinado sobre seu corpo, deslizando um pano úmido por sua fronte pálida.

— Hrolf... — a voz dela soou fraca, quase um suspiro.

Mark ergueu-se devagar e olhou para ele. Havia piedade em seu olhar. O rastreador engoliu em seco. Por detrás dos dois homens, ela pediu.

— Deixe-me a sós com ele, Bakkar.

Mark sorriu suavemente para a mulher, colocou a mão no ombro de Hrolf e, sem nenhuma palavra, saiu mancando do aposento. Logo, Hrolf estava ao seu

lado, segurando sua mão gelada.

— Perdoe-me por não estar aqui.

— Eles conseguiram?

— Sim.

Aliviada, ela recostou a cabeça no travesseiro e respirou fundo e devagar. O coração de Hrolf apertou-se. Parecia tão fraca, tão debilitada. Sua face bonita estava muito ferida, apesar dos inchaços terem diminuído um pouco com os cuidados recebidos.

— Homem-Lobo... — ela abriu um pouco as pálpebras e os olhos negros prenderam-se aos dele — gostaria de tê-lo conhecido em outro tempo, em outra época. Gostaria de ter tido mais tempo.

— Não fale assim — ele murmurou, erguendo-a um pouco do leito e aconchegando-a junto a si — ficará bem.

— Não minta para mim, nem para si mesmo. — Ela disse, serena. — Só resisti porque queria vê-lo ainda uma vez.

— Saori... — uma das mãos acariciou os cabelos negros e macios como a mais fina das sedas.

— Hrolf, busquei resgatar minha honra nesta jornada e nela recuperei também meu coração, que havia perdido há muitos anos, — ela ofegou um pouco e depois prosseguiu — deu-me muito mais do que pode sequer imaginar. — Novamente precisou recuperar o fôlego. — Eu lhe peço que faça chegar ao conhecimento de meu clã, em Iga, que Saori cumpriu sua missão e morreu com honra. Não deixe que meu nome permaneça manchado, homem-lobo. Diga a eles que cumpri minha missão.

— Ah, Saori! A que preço? — Ele a abraçou com força. — A que preço!

— Eu sempre soube, desde o dia em que parti de minha terra, que não voltaria a ver as cerejeiras florindo novamente. Veja-as por mim, Hrolf. Vá a Iga e contemple-as. Colha suas flores e trança uma guirlanda para mim. Era entre elas que eu brincava quando menina, quando ainda havia inocência em meu coração. — As lágrimas escorriam dos olhos dos dois. Sabiam que aquele era o último tempo que tinham juntos. — Eleve meu corpo aos deuses pelas chamas e ofereça minhas cinzas ao vento. E entregue minha espada aos *Sennins*. Poderá fazer isso por mim, homem-lobo?

— Oh, Deuses! Saori, tem noção do que me fez, mulher? Revirou minha vida, meu coração e agora parte e me deixa só? Por tudo o que é mais sagrado, Saori, resista!

— Como eu gostaria de sentir novamente o calor de seu corpo junto ao meu — a mão já sem firmeza agarrou-se a túnica dele — beije-me, homem-lobo. Que meu último suspiro seja em sua boca.

Com o peito dilacerado de tristeza, Hrolf atendeu sua súplica. Aconchegou-a com gentileza em seus braços, envolvendo-a com seu calor. Fitou os olhos escuros e acarinhou o rosto adorado. Sua boca cobriu a dela com delicadeza, numa despedida dolorida. Sentiu-a corresponder por alguns instantes e depois, como o sopro do vento apaga a chama de uma vela, Saori de Iga deixava de existir.

Ainda com os lábios unidos aos dela, Hrolf Brosa deixou que as lágrimas escorressem livremente por seu rosto, chorando por aquele amor tardio, inesperado e perdido.

— Ragnar — Leila gemeu, agarrada pelo braço de seu marido — Ragnar, chega...

Atordado, ele largou o machado no chão e a segurou com os dois braços, fitando o ferimento perto de seu ombro.

— Deus! Temos que parar esse sangramento!

— Ela...

Ragnar olhou para o chão. Karin estava caída, perto da parede, os olhos vidrados. Não se lembrava de tê-la atingido. Ou não. Parecia ter batido com a cabeça na parede e um filete de sangue escorria de sua boca.

— Foda-se, isso não me importa — ele saltou sobre os dois outros homens, também mortos e colocou-a sobre a cama — a única coisa que me importa aqui é você. — Rasgou um pedaço do vestido, empapado de sangue. A faca fora cravada profundamente no alto do peito de Leila. Mas um pouco para baixo... *não!* Ele não iria pensar nisso. Ela estava ali, viva. Era só fazê-la parar de sangrar. Quando ele atou o ferimento com uma tira rasgada dos lençóis, Leila gritou de dor.

— Oh, pelo Profeta! — Ela cerrou os dentes e os olhos cor de mel o encararam. — É a segunda vez que alguém tenta me matar e eu, definitivamente, odeio isso!

— Ah, *liten!* Fique quietinha para que pare de sangrar.

Ela segurou a mão dele, que tentava mantê-la deitada.

— Temos que encontrar Anne, querido. Aquele homem a pegou. Temos que chegar até ela antes...

— Antes do quê?

Ela pareceu muito perturbada. E suplicou.

— Ajude-me, por favor. Preciso achar Anne!

— Onde eles estão?

Anne balançou a cabeça, assustada.

— Não sei!

Chrétien avançou mais um passo e encurralou-a contra os móveis amontoados. Sua mão retorceu os cabelos dela, causando-lhe dor.

— Diga logo, ratinha. Onde estão os arquivos. Você tem a chave para consegui-los. Onde eles estão? Com quem? Responda!

— Eu não sei onde estão! Deixe-me!

Um tapa violento vibrou em sua face e seu corpo foi atirado contra a parede. A mão de Chrétien fechou-se como uma garra em seu pescoço, sufocando-a. Fitou-a nos olhos, apavorando-a com a insanidade que entreviu neles.

— Talvez isso a faça mudar de ideia — quando ela estava à beira da inconsciência, ele a soltou — onde estão os arquivos? Quem a ajudou em Svenhalla? Quem mais pertence a Sociedade aqui?

— Ninguém, — ela se apressou a dizer — são apenas contatos comerciais de meu pai!

Outra bofetada mostrou a Anne que ele não se convencera. Uma lâmina surgiu na mão livre de Chrétien. Ele a deslizou por seu pescoço e depois por seu ombro. Ela sentiu a ponta afiada entrar devagar em sua carne e gritou. Ao invés de cravar a lâmina de uma vez, ele ia afundando aos poucos em seu ombro, provocando uma dor tão forte que a deixava nauseada. Repentinamente, ele parou e a fez erguer a cabeça, seus olhos castanhos estavam já esgazeados. Um suor pegajoso empapava a pele muito pálida. O agente do Templo congratulou-se. Logo ela falaria. Era pouco resistente. Pena, haveria pouca diversão.

— E então, ratinha? — A mão dele apertou de novo seu pescoço — vai cooperar?

— Não sei... de nada.

Novamente a lâmina enterrou-se em seu corpo, em outro ponto, causando mais dor. Anne pensou em jogar tudo para o alto, em contar tudo a ele. Só assim ele pararia de causar tanta dor, só assim ela pararia de fugir. A verdade subiu aos seus lábios, pronta para ser despejada com todas as sílabas. Mas ela a engoliu. O que era sua dor diante da dor de dezenas, talvez centenas de pessoas? O que era ela diante da grandeza de todos aqueles segredos? O que significava sua dor diante da dor maior que seria infligida àqueles que teriam suas casas, suas terras e suas famílias devastadas caso ela falasse?

A necessidade do grupo se sobrepõe às necessidades pessoais. Agora, mais do que nunca, aquilo deixava de ser apenas um amontoado de palavras para se converter na força e no poder da Sociedade da Hidra.

O suor frio empapava suas roupas. A náusea causada pela dor fez com que ela se curvasse sobre si mesma, caindo com as mãos apoiadas no chão, despejando o que restava no estômago numa poça malcheirosa. Chrétien permaneceu de pé,

saboreando sua dor.

— Vamos, ratinha... sei que quer falar.

Nunca! Nunca seu bastardo!

Trêmula, ela aproveitou a posição em que estava e enfiou a mão numa dobra do vestido. Seus dedos se fecharam sobre o frasco que Leila lhe entregou. A perspectiva da morte não a amedrontava mais do que a iminência de ser submetida a mais torturas. Sua mente já estava tão embotada que ela nem conseguia pensar direito. Sua mão arrancou a pequena rolha do frasco. Discretamente, levou-o aos lábios e rápida, ingeriu o conteúdo adocicado, que deixou uma estranha adstringência em sua língua. Ergueu o tronco e, triunfante, sorriu para Chrétien, mostrando o frasco vazio a ele.

— Você perdeu, maldito!

— Não! — Ele urrou e a agarrou pelo vestido — fale! Fale, desgraçada!

Seus sentidos começaram a ficar confusos. Entre a imagem distorcida do rosto de Chrétien D'Arcy e o som de seus gritos, pareceu escutar Einar chamando seu nome. Sentiu um calor agradável a envolvê-la, balançou de um lado para o outro, como se estivesse num barco e depois, mergulhou na escuridão.

Einar corria pelos corredores em busca de Anne. Notou vagamente Ragnar e Leila, amparada pelo marido, saindo de um dos aposentos, mas não parou. Estava com o coração carregado de angústia.

— Lá em cima — ele ouviu Leila falar às suas costas — eu vi quando ela subiu!

Sem demora, ele galgou as escadas da torre, sempre seguido por seu irmão e pela cunhada. A eles, ele viu de relance, juntaram-se Mark e Radegund.

Apressado, chegou ao corredor estreito a tempo de ouvir a voz de Anne. Correu na direção daquele som, o coração trovejando em seu peito. Atirou o ombro contra a porta fechada apenas para ver Chrétien agarrando a moça, agitando-a no ar como uma boneca de trapos. Notou também, com desespero, que o pingente com o veneno não estava mais no pescoço dela. Isso só podia significar...

— Anne! Não!

Oh, Deus! Por que não chegou antes? Com um urro de dor, Einar arrancou a moça inconsciente das garras de Chrétien e passou-a para trás de si, no que foi logo amparada por Ragnar. Pôde então ocupar-se de Chrétien d'Arcy.

Com ódio por todo o mal que aquele homem havia causado a todos eles, Einar desferiu vários e impiedosos socos. Chrétien, a princípio, surpreso, logo se defendeu e os dois se engalfinharam, rolando no chão.

Leila, por sua vez, teve o olhar atraído para o frasco nas mãos da moça. Ficou

estática, enquanto a briga se desenrolava. Até que o súbito silêncio no ambiente a acordou de seu transe.

— Oh, céus... — olhou para o cunhado que, tendo subjugado o inimigo, puxou a adaga — não Einar!

Ele não a ouviu. Leila então, num ato surpreendente, atirou-se sobre ele segurou seu punho.

— Solte-me, Leila! — Esbravejou.

Chrétien aproveitou-se para se erguer, no que foi imitado pelo furioso Einar.

— Leila, está maluca? — Esbravejou Ragnar, com Anne nos braços.

— Não! — Ela pediu de novo, vendo o cunhado avançar com a adaga, entrando entre ele e Chrétien. — Não faça isso! Por favor! Deixe-o ir, Einar. Já chega de mortes!

— Saia da frente, Leila! Vou matar esse bastardo! Anne envenenou-se por culpa dele!

— Se fizer isso, todo o Templo cairá sobre Svenhalla! O que será de todos nós?

Chrétien limpava o sangue dos lábios com a manga da túnica.

— Ouça o conselho de sua cunhada, meu jovem — ele disse, cínico — matar-me não vai trazer a ratinha de volta. E não fui eu quem a matou. Ela ingeriu aquilo sozinha.

— Maldito bastardo! — Einar ameaçou atacar de novo e Mark o reteve.

— Acalme-se!

— Eles têm razão, irmão — disse Ragnar, meio a contragosto. Também queria a cabeça do tal Chrétien.

— Não acredito nisso! — Urrou Einar, revoltado. Sem fazer caso de nada, avançou sobre D'Arcy. A espada de Radegund, que havia entrado na sala em silêncio, bloqueou o caminho.

— Para trás.

Furioso, ele recuou. Rechaçando Mark, tomou Anne nos braços e acariciou seu rosto, desesperado.

— Ah, Anne, por quê? — Sem poder descontar sua dor sobre Chrétien, que se afastou para um canto da sala, ele atacou Leila verbalmente. — Maldita desgraçada! Não foi só D'Arcy o responsável por isso! Vocês a mataram!

— Ei! — Ragnar tentou conter o irmão ao passo que Leila erguia a cabeça. E apesar da tristeza estampada em seu olhar e do sangue que empapava seu vestido, postou-se ativa diante dele. Sua voz soou gélida.

— Tire seu irmão daqui, Ragnar. Preciso cuidar de Anne. — Olhou para a ruiva, desolada. — Você e Mark poderiam me ajudar?

A guerreira assentiu, impassível enquanto, arrastado, Einar foi separado do

corpo inerte de Anne e retirado do aposento. Chrétien D'Arcy, cínico, parou diante de Leila.

— Se não fosse tão inverossímil, eu juraria que a senhora é uma das líderes da Sociedade.

Ela se manteve serena, apesar da dor e da raiva. Tudo era um grande jogo. Qualquer movimento errado significaria a morte.

— Pena que é tão inverossímil, *sire*. Agora, creio que sua estada em meu lar terminou. — Dessa vez ela estreitou os olhos e o intimou — tire seu rabo de Svenhalla, agora.

— Como queira, senhora — ele tomou sua mão e beijou-a com estudada galanteria.

— Suma.

Depois que Chrétien desapareceu pelas escadas, escoltado por Mark, Leila fechou a porta e olhou para a jovem caída no chão. Encostou-se na madeira polida e fitou Radegund.

— Einar jamais me perdoará. Mas, pelo bem de todos, fiz o que tinha que ser feito.

Um dia depois de os invasores terem sido expulsos ou mortos, as pessoas ainda se recuperavam de tantas tristezas. Ironicamente, Terrwyn, que havia se ocultado com Ulla numa das passagens secretas durante parte da contenda, se lembrou de que aquele era o dia de Natal. Infelizmente, muito pouco havia para ser comemorado.

Einar, cego de dor e revolta, retirou-se para a cabana de Hrolf. Não suportava a presença da cunhada e a culpava pelo que tinha acontecido. Ragnar e Björn sentiam-se divididos em sua lealdade, entre o irmão e Leila.

Ulla e Gilchrist, exaustos depois de tudo pelo que haviam passado, recolheram-se ao chalé. Aswad e Trudy, apesar do inverno, começaram os preparativos para a viagem de volta. O beduíno alegou que queria estar em sua terra antes que a barriga de sua esposa estivesse muito grande.

Radegund e Mark, apesar do amor recém descoberto, ainda tinham o coração oprimido pela falta de notícias de Gjurd e das crianças.

— Estou com saudades de minha filha — ela falou, olhando para o pátio já escuro.

— Também sinto falta de Gaetain, — ele chutou uma pedrinha do chão — não pude conversar com ele antes que partisse.

Radegund acompanhou a trajetória da pedra, que foi parar perto do portão, junto a um par de sapatinhos de couro macio.

— Oh, meu Deus! Mark!

Ele ergueu o rosto e olhou na mesma direção para a qual ela se voltou.

— Mamãe!

Correndo, chorando de alegria, Radegund caiu de joelhos diante de sua filha e a abraçou com força.

— Lizzie! Meu amor, meu tesouro!

Estáticos, Mark e Gaetain fitavam-se, incertos. O mestiço deu um passo na direção do filho de seu coração. Com voz embargada, falou.

— Filho — estendeu os braços e esperou. — A princípio confuso, Gaetain logo começou a caminhar, e depois a correr na direção de Mark. O cavaleiro se abaixou e abraçou o menino com força. — Filho, perdoe-me por tudo.

Com emoção, Gaetain ergueu o rosto e fitou-o nos olhos.

— Eu o amo, meu pai.

A lua agora era um fino arco prateado no céu de Svenhalla. Sozinho, no coração da floresta, Hrolf beijava pela última vez os lábios frios de Saori. Pedira a Ragnar que lhe desse privacidade para enviá-la aos seus ancestrais e fora

atendido. Mas no fundo, o que ele queria mesmo era ficar sozinho com ela e com sua própria dor. Arrasado, fitou a face pálida e ferida. Ela foi a última guerreira a tombar naquela luta contra o Mal. A única mulher a tocar verdadeiramente seu coração.

Erguendo o archote, ele endereçou uma prece aos deuses antigos e rogou a eles que concedessem a ela um lugar no *Valhalla*.

O fogo lambeu rapidamente a lenha seca da pira funerária. Em seu leito de chamas, a guerreira Saori de Iga, a *kunoichi* que cruzou o mundo de *Nihon* até a Noruega, fazia sua derradeira viagem.

Com os olhos claros fixos no fogo, Hrolf Brosa ergueu a voz num lamento que cortou a noite fria, assemelhando-se a um uivo.

Foi imitado pelo coro de lobos da floresta.

Dias depois...

— Sentirei sua falta, Aswad — falou Mark com a mão sobre o ombro do beduíno.

Este, sagaz, observou o olhar do amigo na direção de Radegund, que se despedia de Trudy com um longo abraço.

— Mahkim, posso lhe perguntar uma coisa?

— Sim.

— Você e a leoa...

Mark sorriu. O homem do deserto continuava atento como sempre. Lançou um longo olhar na direção de Radegund. Com um sorriso suave, ela acariciava o ventre ainda plano de Trudy. Pensou em como seria bom ser pai de um filho de Radegund. A ideia fez com que seu sorriso se alargasse ainda mais antes de responder a Aswad.

— Sim, meu amigo. Foi algo muito inesperado, depois de tudo o que nos aconteceu e a essa altura de nossas vidas. Ainda estamos nos acostumando com a ideia.

— Mas não disseram a ninguém? Por quê?

— Achamos melhor esperar. O clima esteve ruim.

— É verdade, — ele apertou a mão de Mark — mas fico realmente feliz por vocês. Ela é um osso duro, mas tem um coração valente e generoso. Lembra-se do que me disse quando foi buscá-la no Egito, quando entrou em minha tenda? — Mark franziu o cenho e Aswad prosseguiu. — “*Esta mulher me pertence*”, você disse. — Ele ficou em silêncio, olhando com seriedade para Radegund e depois voltou a fitar o mestiço. — As palavras tem força Mahkim, assim como o destino. Estava tudo escrito.

— Vai mesmo embora?

Einar parou de colocar seus livros favoritos numa sacola e olhou para o irmão. Ragnar trazia os olhos tristes e em seu rosto havia uma expressão de grande cansaço. Não o tinha visto antes, pois não tinha voltado ao castelo desde que Anne se fora. Até mesmo ao sepultamento deixou de comparecer. Não teria suportado.

— Não há mais condições de ficar aqui, sabe disso.

— Compreenda a posição dela, Einar.

— Chega, — ele tentou não ser ríspido — já discutimos a respeito, irmão. Parto hoje mesmo.

Desolado, Ragnar assentiu.

No pátio, um pouco mais tarde, Einar se despedia dos irmãos e dos amigos. Ainda se recuperando do ferimento causado por Karin, Leila ficou repousando no solário. Fez isso mais para não ser alvo do olhar acusador de Einar. O silêncio e o desprezo dele a machucavam profundamente. Logo Einar, que sempre fora seu amigo e que dividira por todos aqueles anos as responsabilidades dos negócios com ela.

Lá fora, além do mais novo dos rapazes Svenson, Hrolf Brosa também abraçava seus amigos e sua pupila.

— Tenha juízo, jovem Svendsdatter. — Disse ele, ao estreitá-la entre os braços.

— Precisa mesmo ir, Hrolf? — Indagou Ulla com os olhos marejados.

— Sim. Tenho uma promessa a cumprir e minha jornada será muito longa. — Ele tocou a bainha com a espada de Saori. — Não terei paz enquanto a família dela não souber que morreu para cumprir sua missão.

Ulla abraçou seu mestre e amigo mais uma vez. Hrolf era como um pai para ela. Seu coração doía por se separar dele.

— Vai voltar, Hrolf?

— Algum dia. — Ele tocou seu rosto e secou suas lágrimas. — E vou querer conhecer seus filhos e ensiná-los a rastrear, como fiz com a mãe deles. — Deu-lhe um último abraço e afastou-se dela.

Depois das despedidas, todos se reuniram sobre as ameias para ver os dois homens que sobre seus cavalos seguiam pela estrada. Em busca de seus destinos e da cura para seus corações entristecidos.

Os dias se sucederam rápidos, apagando aos poucos a tristeza e as marcas da invasão. O povo de Svenhalla voltou ao castelo e às suas casas. O inverno, lentamente, perdia sua força.

Leila, depois de tantos dissabores, caiu de cama durante uma semana. Porém, com sua habitual resistência e contando com o carinho de seu marido, a esposa de Ragnar logo se recuperou e reassumiu seu lugar como senhora de Svenhalla. Sua recuperação tornou-se completa com a volta de Marit e de seus filhos ao castelo.

Numa cerimônia simples, diante do padre, da família e dos amigos, Ulla e Gilchrist reiteraram os votos que haviam trocado por ocasião do contrato de noivado. Com um belo vestido azul claro e um delicado véu prateado sobre os cabelos trançados com capricho, ela pronunciou as palavras do ritual com os olhos presos aos dele. A luz do sol entrava pelas janelas altas e estreitas fazendo o tecido do véu e as joias de prata cintilarem de forma mágica sob a pálida claridade invernal.

O padre os deu como casados. Emocionado, o irlandês colocou no delicado anular de sua esposa o anel dos O'Mulryan.

— A mulher que os Deuses me enviaram. — Ele murmurou junto aos seus lábios.

— O homem que eu tomei deles. — Respondeu ela, acolhida entre os braços do Dragão.

— Viram, eu não disse! — Cochichou Terrwyn, triunfante.

— Deixem eu ver! — Sussurrou Leila, espichando o pescoço por trás de Björn. — Ora, vejam! Quem diria...

O casal, que dormia abraçado, iluminado pelas chamas da lareira, conservava uma expressão serena e feliz. Apesar de se sentir um pouco culpada por estarem se comportando como um bando de alcoviteiros, Leila ficou contente ao constatar que seus dois maiores amigos estavam descobrindo o amor nos braços um do outro.

— Eu sabia que eles estavam juntos, — vangloriou-se Ragnar, do fundo da passagem secreta — aqueles olhares melosos dos dois não me enganaram!

— Agora posso ir embora mais sossegado — comentou Gilchrist.

— Não acredito que até você esteja aqui, Gil! — Exclamou Leila para o sempre sério irlandês. — Você e Ulla deveriam estar em lua-de-mel!

— Meu marido queria ter certeza de que Radegund ficaria bem antes de irmos para casa; — ela espiou por trás dos irmãos e suspirou — formam um casal tão lindo...

— Fico feliz por eles — comentou Björn, afastando-se e fechando a passagem. — Agora já chega. Vamos voltar para nossas camas.

— E agora? — Perguntou a irmã de Mark, acompanhando o noivo pelo corredor estreito. Só Deus sabia como aqueles homens haviam conseguido se

espremer ali! O que não fazia a curiosidade... — Continuamos fazendo de conta que não sabemos?

Os irmãos Svenson riram.

— Claro que não!

Mark abriu um olho.

— Eles já se foram? — Indagou Radegund com um bocejo.

— Já. Foram tão discretos quanto um bando de camelos no cio — ele fez cócegas em seu pescoço — amanhã seremos o alvo de suas gracinhas.

— Hum, então, podemos voltar a dormir — disse ela, fechando de novo os olhos e aconchegando-se ao corpo quente às suas costas.

A mão de Mark percorreu as curvas de seus quadris, passando por sua cintura e chegando em seus seios.

— E quem disse que eu a deixarei dormir, minha garota?

Junto às coxas ela pode sentir sua virilidade rígida, pronta para ela. Gemeu e pressionou os quadris ao seu encontro.

— E se eles voltarem?

— Duvido — ele mordiscou sua orelha e brincou com o mamilo sensível, enviando ondas de calor ao longo de todo seu corpo — além disso, temos que aproveitar que as crianças dormem sossegadas. — Puxou-a pela cintura, fazendo-a se deitar de costas. Acomodou-se sobre ela e sorriu. — Ultimamente, Lizzie e Gaetain só querem dormir junto conosco. Acho que desconfiam de algo. São muito espertos.

Radegund acariciou o peito largo, ainda enfaixado, já que ele teve uma costela fraturada pelos homens de Gerald.

— Está muito assanhado para um convalescente, *sire*.

— Não há remédio melhor para minhas dores do que você, Radegund. Para todas elas. — Ele deslizou a língua sobre seus lábios, fazendo-a abri-los para ele.

— Você é minha cura, minha salvação e meu amor.

As mãos dela enroscaram-se nos fios negros puxando-o para si. Suas bocas uniram-se num beijo cheio de desejo. Seus corpos se incendiaram imediatamente, moldando-se um ao outro com total perfeição.

— Amo você Mark! — Ela gemeu.

Sentindo-a pronta para ele, Mark quis consumir logo aquela união. Sem esperar mais, mergulhou no corpo adorado de sua mulher. Radegund deixou-se levar por aquela onda avassaladora que a arrastava, pelas sensações que ele lhe oferecia. Seu coração disparava e seu corpo todo tremia de prazer. Sentiu-o sugar um seio, brincar com a pele delicada entre os dentes e a língua. Arqueou-se de encontro a ele. Seus dedos cravaram-se na pele morena de suas nádegas,

sentindo-as contraírem-se a cada impulso dentro dela. Espalmou uma das mãos ali e foi subindo pelas costas dele, absorvendo o calor, saboreando o ondular dos músculos de seu homem.

— Raden, — ele estremeceu sob seu toque — você me deixa louco com essas mãos!

— Não mais do que você com seu corpo, *sire*! — Ela lambeu um dos mamilos escuros e pequenos, deixando-o arrepiado. Sentiu-o ir mais profundamente dentro dela. E ainda assim, não lhe parecia o bastante.

Seu desejo por ele era uma ânsia primitiva, como se sua vida dependesse, naquele momento, de tê-lo em si o mais profundamente possível. Queria tê-lo misturado a sua essência, mesclado ao seu espírito. Julgara-se morta para o amor quando Luc partiu. Mas agora, sob o calor de Mark, com seu coração transbordando de felicidade, ela se sentia renascida. Compartilhou aquele sentimento com ele, correspondendo apaixonadamente a cada carícia, a cada movimento.

Perdido em seus braços, Mark beijou-a com paixão, até mesmo com fúria. Seus sentimentos desaguaram no corpo e na boca de seu amor. E ele disse a si mesmo, enquanto a tomava, que nada no mundo seria capaz de separá-lo de Radegund, o Demônio Vermelho; sua garota e a senhora de seu coração.

No dia seguinte, como era de se esperar, eles foram alvo de toda sorte de indiretas durante o desjejum. Sorrindo, Mark, que misteriosamente acabara sentado ao lado de Radegund, resolveu dar-lhes o que esperavam. Ergueu-se da mesa e segurou a mão da encabulada ruiva. Era incrível ver aquela mulher adulta, que era capaz de praguejar e beber como um marinheiro, corar como uma donzela diante dos assuntos do coração.

— Vou ser breve. — Ele começou. — Como vocês mesmos puderam constatar naquela visita noturna aos meus aposentos — houve um coro de risos e uma ou duas faces vermelhas — eu e Radegund descobrimos que há muito mais do que a amizade nos unindo. Por isso, — ele olhou para Gaetain e Lizzie que, fascinados, os escutavam da ponta da mesa — e com a permissão de nossos filhos, eu peço formalmente a mão da senhora Radegund, baronesa de D’Azûr, em casamento. — Radegund colocou-se ao lado dele, o olhar perdido na íris castanhas que ela tão bem conhecia e que tanto adorava. Dirigindo-se a ela, esquecido do resto do mundo, ele falou. — Quer se casar comigo, Radegund? Quer ser minha esposa, minha mulher, minha companheira, minha amante e minha amiga, até o fim de nossos dias?

Emocionada, ela assentiu. Recebeu o beijo dele e em seguida, o de seus filhos. Diante de tanta felicidade, e após tantos sofrimentos, quase ninguém conteve as

lágrimas.

Delacroix, maio de 1194

“Querida Leila,

Escrevo para contar que eu e Mark nos casamos ontem. Ele fez questão de que o abade Albéric celebrasse nossa união, que foi muito simples. D’Azûr e Delacroix estão unidas e um dia, quem sabe, também Lizzie venha a se unir a Lothair.

Falando nele, foi difícil contar sobre Clarisse. Assim que deixamos Svenhalla, dirigimo-nos a Poitou. O estranho foi ele dizer que já sabia, que havia sonhado com ela. Bem, depois de tudo o que nos aconteceu, eu já não deveria estranhar mais nada nesse mundo...

Apesar de toda felicidade que sinto junto a Mark, venho pensando em deixar a Normandia. Fui muito feliz aqui com Luc, mas ainda há muitas lembranças ruins. Dei me conta de que sinto falta do sol e da brisa do Mediterrâneo, e de que quero distância das intrigas da corte, que ficou muito confusa com as disputas entre Filipe, Jean Sans-Terre e Richard.

E Terrwyn e Björn, como vão? Ainda brigam muito? Sinto saudades de minha pupila. Escrevi a Ulla também. Soube que seu bebê virá no fim do verão. Gil deve estar radiante...”

Tipperary, Irlanda, junho de 1194.

“Minha cara amiga Radegund,

Fiquei feliz em receber sua carta. Gilchrist manda lembranças e pergunta se virão para festival. Meu bebê chegará em agosto; estou certa de que será um garotinho.

Terrwyn e Björn estiveram aqui no mês passado. Ela tanto insistiu que conseguiu convencê-lo de que deve acompanhá-lo em suas viagens no Freyja. Meu irmão, apesar das bravatas, ama-a apaixonadamente. Terrwyn, por sua vez, continua a mesma jovem espetada de sempre. Parece-se com uma criatura do reino das fadas e trouxe ao meu irmão um brilho no olhar que só os que amam conseguem entender...”

Portsmouth, Inglaterra, junho de 1194.

“Mark, meu irmão.

Estou mais feliz do que posso descrever. Eu e Björn teremos um bebê. Ele queria que eu ficasse em Svenhalla, mas eu insisti que devo estar junto dele, onde o Freyja estiver.

Nunca pensei que navegar fosse tão maravilhoso! É uma vida dura, não nego. Mas a liberdade que me traz compensa todo e qualquer desconforto. Aliás, acredita que nunca mais tive enjoos? Tenho conhecido lugares diferentes e meu marido me apresenta a uma novidade a cada dia. Muitas vezes, ao pôr do sol, sentamo-nos no convés, enrolados numa manta, e ficamos em silêncio, esperando o sol desaparecer por trás das águas do oceano. Para onde será que ele vai quando se põe? Björn diz que, se ficarmos bem quietos, poderemos ouvi-lo chiar ao tocar o mar...

Soube que o sultão Saladino morreu. Lamento. Sei que gostava muito dele. É verdade que Gaetain quer ir para o Bimaristan, em Damasco? Quando ele irá? Peça-lhe que me escreva, e também Lothair. Dê um beijo em Lizzie por mim. E providenciem logo um sobrinho! Quero ser tia.

Hoje embarcaremos Einar, que irá conosco a Veneza...

Veneza, agosto de 1194

Einar olhou para o céu de verão e bocejou, cansado. Sua tarefa em Veneza era simples. Entregar a bendita encomenda à tal *signora* Leandra e ir embora. Foi um pedido especial de Ragnar para que levasse aqueles documentos para a mulher que, segundo entendeu, era um tipo de governanta da casa que seu irmão possuía. Não sabia porque havia pedido justo a ele, já que Björn passaria por ali em sua rota. Mas, de certa forma, foi bom, pois passou um tempo com o irmão e a cunhada no Freyja.

Deixando de lado as conjecturas, Einar parou diante da fachada da casa de dois andares e bateu a aldrava. Uma criada abriu e ele entrou. A moça, parecendo assustada com seu tamanho, indagou em italiano.

— *Signore Einar?*

— Sou eu.

— *Bongiorno, signore. Abbiamo già aspettavamo*⁶². — Ela tirou um envelope lacrado do bolso do avental e entregou a ele, enquanto o conduzia até a sala. — *Per favore. Le sue istruzioni*⁶³.

O que seria aquilo? Ia indagar à moça, mas ela havia desaparecido no interior da casa. Caminhando para dentro da sala, Einar se sentou numa poltrona e abriu o envelope. Em seguida pôs-se a ler a carta.

Nada o preparou para aquelas surpreendentes palavras.

Querido Einar,

Em primeiro lugar, quero rogar seu perdão por todo o sofrimento que lhe causei. Espero que compreenda que tudo o que fiz foi visando o bem-estar de

todos e sua felicidade.

Depois que tudo aconteceu, ainda ficamos um longo tempo sob a vigilância do templo. Criados, aldeões, visitantes.... Vários deles eram espiões infiltrados em nosso lar e até em nossos navios. Por isso só agora, quando é seguro, posso revelar a verdade que dia e noite pesou em meu coração. E também no de Aswad, Radegund e Mark.

Fui eu quem o enviou a Veneza. E ao entregar estes documentos à signora Leandra, vai saber do que estou falando.

Desta vez, a necessidade de apenas uma pessoa superou a de toda a Sociedade.

Receba o meu amor.

Sua irmã, Leila.

O coração de Einar trovejava no peito. Sentado no sofá da sala bem decorada, ele tremia. Não queria alimentar nenhuma falsa esperança, não agora, que já estava conseguindo refazer sua vida.

Seus olhos divisaram então uma figura que passava pelo pórtico. Era iluminada pelo sol de Veneza, que se infiltrava pelos vitrais coloridos. Reconheceria aquela silhueta e aquele andar em qualquer lugar do mundo. Sonhou noites a fio com ela, chorou dias seguidos a sua perda. Levantou-se devagar e caminhou até ela, estendendo a mão para tocá-la, para certificar-se de que era real.

— Anne! — Um sussurro escapou de seus lábios.

O rosto surgiu sob o véu de seda. Sua voz doce e musical pronunciou o nome dele com aquele acento adorável, entremeado por um sorriso.

— Einar...

A saudade e a tristeza converteram-se em júbilo. Seus braços a envolveram. Sua boca provou a dela, entre suspiros e lágrimas, alimentando seu coração e sua alma com o sabor de sua bela Safo, da única mulher que ele amou. Depois de muito tempo, afastou-se dela e indagou.

— Como? Eu a vi morrer diante de meus olhos!

— Leila planejou secretamente toda encenação. Prevendo que D’Arcy pudesse me pegar, trocou o veneno por uma poção que me deixou num estado de morte aparente. Na verdade, eu mesma só soube que não estava morta quando acordei ao lado de Radegund! Vim para cá oculta no navio de Aswad.

— Ele sabia?

— Sim, por isso partiu tão rápido. — Ela o puxou para que sentasse ao seu lado e comentou, séria. — Deve querer saber porque Leila fez tudo isso.

— Certamente. — Retrucou, ainda amargo. — Por que causar tanto

sofrimento a todos nós?

— Não percebeu que o que ela fez foi para me dar a liberdade, não só com relação ao Templo, mas também no que tange à própria Sociedade?

— Como assim?

— Anne Marie Scholz morreu, Einar. E com ela seu vínculo com a Sociedade. E quando Leila implorou que deixasse D'Arcy vivo, foi para que o Templo tivesse certeza de que os arquivos estavam perdidos para sempre, de que eu estava morta. Entende? Ele tinha que me *ver morrer* e levar isso ao conhecimento do Templo. Anne não existe mais aos olhos do mundo. Agora me chamo Leandra e sou uma parente distante de sua família.

— Quer dizer, — ele a fitou, incrédulo — que estamos livres? Livres de tudo? De todos? Que terei você só para mim?

— Sim Einar, serei para sempre só sua. E nada, nunca mais, há de nos separar. Um beijo apaixonado selou aquela promessa.

Svenhalla, Noruega

Ragnar secou as lágrimas de sua mulher e a abraçou com carinho.

— Ah, *liten*, é uma mulher como poucas! Por que carregou este fardo sozinha durante tanto tempo?

Leila acomodou-se junto ao seu peito, aliviada por ter contado a verdade ao seu esposo. A esta altura, Einar já devia estar ciente de tudo. E se Deus quisesse, talvez então ele a perdoasse.

— Foi preciso, meu amor. Perdoe-me. Um gesto, um deslize sequer, poderia fazer com que se traísse e poria todo o Templo e a Sociedade não só no encalço de Anne, como também no nosso e de nossa família. Tenho consciência de que cometi uma alta traição contra a Sociedade, mas não me arrependo nem um pouco do que fiz. Em minha consciência não pesará a morte de Anne ou a infelicidade de Einar.

Ele a aconchegou junto a si, sob o manto. Estavam no alto de uma das torres, num dos balcões, sob a noite estrelada do verão norueguês.

— E os arquivos?

— Nossas anotações, tomadas quando Anne falou, serão suficientes. Para todos os efeitos, Anne morreu e com ela, os arquivos se perderam. Ponto final.

Ragnar sorriu e puxou-a para seu colo.

— É por isso que a cada dia eu a amo mais, minha esposa.

— Amo você também, Ragnar. Para sempre.

Sob a luz das estrelas, os dois se deixaram levar pela magia do amor que os unia, entregando-se de corpo e alma àquele sentimento que renascia a cada dia e

que os tornava um só.

EPILOGO

Messina, Sicília, 1195

Radegund deixou a cama devagar e se esticou, alongando os músculos. Puxou o lençol de algodão e envolveu-se nele, com preguiça de se vestir. Caminhando com os pés descalços sobre a cerâmica agradavelmente fria, correu as cortinas de linho e abriu as janelas, afastando as gelosias.

Sorriu. O sol siciliano abençoava a manhã com seu calor e sua luz. Inspirou fundo o ar marinho trazido pela brisa e fechou os olhos, sentindo a pele da nuca arrepiar-se antes mesmo que ele a tocasse.

Braços fortes e bronzeados envolveram sua cintura. A aspereza da barba que despontava roçou seu pescoço, quando ele afastou seus cabelos para depositar ali um beijo. Sua voz vibrou em seu ouvido, sensual e suave, aquecendo o corpo e o coração.

— Bom dia, minha garota.

— Bom dia, meu amor.

As mãos dele acariciaram seu ventre ainda plano.

— Já temos certeza?

— Sim, — ela tocou a mão sobre sua barriga — chegará no inverno. Feliz?

— Mais do que posso dizer — ele murmurou.

Radegund fitou o mar. Ele voltou os olhos para a paisagem da janela, encostando sua face na dela. Os dois olhando juntos na mesma direção. O Mediterrâneo azul, o estreito de Messina, a cidade lá em baixo com seus navios no porto e as frotas cristãs indo e vindo da Terra Santa.

— E pensar que um dia embarquei num desses... — ela comentou como se lesse os pensamentos dele. E depois de alguns minutos de silenciosa contemplação, comentou. — O destino é tão caprichoso! Perdi tudo por várias vezes em minha vida, aprendi o suficiente para duas existências e no entanto...

— No entanto...?

Ela se voltou dentro de seus braços e mergulhou em seu olhar. Deslizou os dedos pela face morena que tanto amava. Quando falou, sua voz soava com serena emoção.

— No entanto, a felicidade esteve caminhando por um longo tempo ao meu lado sem que eu a enxergasse.

— Não, garota — ele depositou um beijo suave em sua fronte — não estávamos prontos. Mesmo que a felicidade caísse sentada sobre nossas cabeças, não saberíamos reconhecê-la. Não naquela época. Eu e você tínhamos um longo caminho a percorrer para libertar nossos corações.

Ela assentiu, concordando com a verdade daquelas palavras.

— Não acha incrível?

Ele a aconchegou junto ao peito. Era tão bom ter sua ruiva assim, em seus braços, todos os dias, todas as horas!

— O quê?

— Que entre todos aqueles cavaleiros em Hattin, eu tenha escolhido justamente você para salvar?

Ele sorriu. Aquele sorriso adorável em que seus dentes muito brancos e perfeitos contrastavam com o bronze de sua pele. Em que sua boca se erguia mais num dos cantos, dando-lhe um ar de menino travesso. Mark inclinou a cabeça um pouco para o lado, fazendo uma mecha de fios negros cair sobre sua testa, atraindo o olhar dela. Respondeu fitando longamente os olhos cor de musgo.

— Sabe o que nós dizemos disso?

Ela respondeu num sussurro, os olhos semicerrados, a boca junto à dele.

— Sei. *Maktub*.

Antes de beijá-la, murmurou ainda, junto aos seus lábios.

— Sim, *maktub*. Estava escrito.

V

Gratidão por ter acompanhado a jornada de Radegund até aqui.
Sem você ela não teria chegado tão longe!

Exatamente a 06 de setembro de 2006 eu concluía “*O Despertar do Dragão*”, livro que, até então, havia sido planejado para ser o final da saga de Radegund, Mark e *cia*. Quiseram os Deuses das Letras, porém, que Radegund seguisse em frente e assim, sem poder resistir às vozes que tagarelavam dia e noite no meu ouvido, acabei escrevendo mais dois episódios dessa história.

Em 2017 eu retomei a saga de Radegund após um lapso de dez anos desde o lançamento de “*Reino dos Céus*”. Os livros passaram por uma revisão minuciosa. Pude aperfeiçoar minha escrita, trazendo a série para o público em versões mais elegantes e caprichadas, num amadurecimento que só o tempo é capaz de nos dar.

Durante um bom tempo eu pensei em simplesmente desistir de Radegund. No entanto, ela é uma criatura persistente. Mesmo depois de anos trancada na memória do computador, soube se reerguer em toda sua intensidade. Posso dizer com toda propriedade que Radegund não salvou apenas Mark. Ela também me salvou. Sem o processo de escrita que ela me proporcionou, sem esse mergulho em seu universo e em sua personalidade, eu não teria superado as dificuldades pelas quais passei nesses anos de silêncio literário. Na força dela eu busquei a minha própria força. E sua reinvenção foi a minha também. Escrever cura, é fato. E sem a escrita eu, definitivamente, não estaria aqui.

Além da gratidão para com a Literatura em si, devo agradecer também à todas as pessoas que, ao longo desses anos, me deram suporte de alguma forma. Principalmente aquelas que me acompanham desde o início, desde os fóruns do Orkut, porque foi lá que tudo começou. MUITO OBRIGADA!

Gratidão também às queridas **Mara Sop, Regiane Moreira e Semíramis Pereira**, que foram minhas *betas* neste projeto.

Às **parceiras e parceiros** dos IGs literários, blogs, grupos e *fan-pages*.

À **Sara Vertuan**, *designer*, diagramadora e mestra *jedi* da paciência com minhas mudanças de última hora.

Gratidão imensa e infinita à **Elimar Souza**, que mesmo nos meus anos de silêncio de vez em quando me mandava uma mensagem perguntando “*e aí...?*”. Uma amiga e profissional que sempre esteve aberta para trocar opiniões e que sempre incentivou meu trabalho. Obrigada de todo meu coração!

Por fim, minha gratidão vai para meus dois amores, **Lucas e Yvens**. São vocês que dão sentido a tudo.

Drica Bitarello, setembro de 2018.

Radegund — Livro V

Noruega, Sicília e Palestina

Luxúria, intriga, paixão, traição e poder. Na ensolarada e cosmopolita Messina, Mark al-Bakkar enfrenta um inimigo ardiloso, capaz de levar uma obsessão às últimas consequências.

Enquanto luta para descobrir o paradeiro de Radegund, desaparecida misteriosamente, Mark se vê enredado numa teia diabólica, onde seus interesses pessoais vão colidir com os intrincados jogos de poder da Sociedade da Hidra.

Enquanto isso, correndo contra o tempo, Ragnar e Leila partem de Svenhalla em busca de Hrolf, levando com eles uma misteriosa passageira que irá mudar para sempre o destino do amargurado rastreador.

Apanhada de roldão no embate de forças entre Ghalib ibn-Qadir, seu irmão, e o poderoso barão de D’Azûr, Mark al-Bakkar, Jamila bint-Qadir se vê cativa de Hrolf Brosa, o estrangeiro frio e amargo que a conduz como um reles peão numa perigosa jornada através da Terra Santa.

Notas

[↩1]

N_{OTAS}

Septuaginta: é o nome da versão da Bíblia Hebraica traduzida em etapas para o grego *koiné*, entre o século III a.C. e o século I a.C., em Alexandria. Dentre outras tantas, é a mais antiga tradução da bíblia hebraica para o grego, língua franca do Mediterrâneo oriental no tempo de Alexandre, o Grande. A tradução ficou conhecida como a Versão dos Setenta (ou Septuaginta, palavra latina que significa setenta, ou ainda LXX), pois setenta e dois rabinos (seis de cada uma das doze tribos) trabalharam nela e, segundo a tradição, teriam completado a tradução em setenta e dois dias. A Septuaginta, desde o século I, é a versão clássica da Bíblia hebraica para os cristãos de língua grega e foi usada como base para diversas traduções da Bíblia.

[↩2]

Völsunga Saga: A saga de Volsunga é uma saga islandesa, escrita por volta de 1300, com base na tradição germânica. Os eventos reais que inspiraram a narração fantasiosa da saga ocorreram na Europa Central nos séculos V e VI d.C., mas o único manuscrito medieval da obra existente atualmente data de c. 1300. Acredita-se que a versão em prosa da saga seja baseada em poemas épicos escandinavos anteriores.

[↩3]

Galdhøpiggen: é a montanha mais alta da Noruega, com 2 469 m de altitude e 2 372 m de proeminência topográfica. É também a montanha mais alta da Escandinávia e da Europa Setentrional. Fica na cordilheira Jotunheimen.

[↩4]

Hansa: associações de negociantes das cidades, que poderiam se aglutinar em grandes ligas de comércio, como foi o caso da Liga Hanseática.

[↵5]

Djellaba: veste tradicional usada principalmente pelos povos do Norte da África (*Maghreb*) e pelos árabes do Mediterrâneo. Consiste numa espécie de robe longo, de mangas largas, que se sobrepõe às outras peças. Atualmente é muito comum no Marrocos.

[↵6]

Outremer: nome genérico dado pelos francos aos territórios conquistados pela Primeira Cruzada na Terra Santa, abrangendo o Condado de Edessa, o Principado de Antióquia, o Condado de Trípoli e o Reino Latino de Jerusalém.

[↵7]

Mamluk: palavra árabe que originalmente significava “escravo”, mas que se tornou a denominação de uma classe guerreira muçulmana que perdurou por quase mil anos a partir do século VII. Significava um soldado originalmente comprado como escravo, educado e treinado e finalmente empregado como profissional em tempo integral. Eram escravizados ainda jovens, às vezes meninos, entre povos turcos, coptas egípcios, circassianos, abkhazianos e georgianos. Havia também muitos *mamluks* nativos dos Bálcãs: albaneses, gregos e eslavos do sul. Por causa de seu *status* social isolado (sem laços familiares, sociais ou afiliações políticas na sociedade muçulmana) e seu treinamento militar austero, eles eram confiáveis para serem leais a seus governantes. Do século VIII ao século XVI, os *mamluks* formaram o núcleo da maioria dos exércitos muçulmanos. A arte da cavalaria dos *mamluks* era chamada *furusyia* e abrangia a equitação e domesticação, a hipologia e o conhecimento veterinário, a arte e a tecnologia militares, a formação do cavaleiro, a arte da caça e os esportes de destreza, como a natação. A estas práticas se anexava ainda um código de virtudes cavaleirescas, além de formação em filosofia e o estudo do Alcorão.

[↵8]

Franj: como eram conhecidos pelos árabes os invasores cristãos. Provavelmente um termo derivado de *franc* (franco, francês).

[← 9]

Troll: criatura mitológica do folclore escandinavo.

[← 10]

Jambya: tipo específico de punhal curvo, de dois gumes, com um punho em “T”. De uso característico dos povos de origem árabe, tem conotação tanto bélica quanto ritual.

[← 11]

Sennin: significa ermitão. Sua existência era muito comum no Japão medieval e sua presença inspirava respeito e reverência. Tratavam-se de pessoas sagradas, que destinavam suas vidas ao aprendizado, à reclusão e à meditação. No folclore japonês há o mito de que todos os *sennins* são imortais e adeptos de magia. Estes mitos dos “*sennis místicos*” surgiram provavelmente da imaginação popular a partir da especulação sobre a vida enigmática desses ermitões.

[← 12]

Tengu: criatura do folclore japonês, espécie de demônio ou goblin, cuja principal ocupação é causar desordem.

[← 13]

Ronin: no Japão feudal era o samurai que não possuía um mestre (*daimyo*), vivendo como uma espécie de mercenário.

[← 14]

Khan: do mongol. Dirigente. Título dado aos governantes que reinaram em espécies de feudos denominados *khanatos* na Mongólia, na China e nas estepes da Ásia Central.

[← 15]

Amateratsu: divindade do panteão xintoísta, considerada a deusa do Sol e também do Universo. É representada empunhando um disco solar.

[← 16]

Conrad de Montferrat: nobre de origem piemontesa, manteve estreita ligação com o imperador bizantino até partir para a Terra Santa em 1187. Após a batalha de Hattin, Conrad se destacou na defesa de Tiro, tendo organizado a cidade nos moldes de uma comuna, similar àquelas com as quais costumava lutar na Itália. Tornou-se temido e respeitado pelos árabes, que o apelidaram de *al-Markis*. Conrad tinha o apoio de Maria Comnena e de seu marido, Balian de Ibelin. Após uma complexa disputa e muitas intrigas de bastidores, Conrad foi eleito rei de Jerusalém, mas acabou morto poucos dias depois por um grupo de *hashashin*.

[← 17]

Hashashin: diz-se dos integrantes e da própria seita fundada no século XI por Hassan ibn Sabbah com objetivo de difundir uma corrente chamada *ismaelismo*. Esta foi criada pelo próprio Hassan e faz parte do esoterismo islâmico. Seus métodos de infiltração e assassinato primavam pelo disfarce e geralmente agiam em grupos de três. Embora fosse uma seita que lutava contra a ocupação dos cristãos nos territórios do Oriente Médio, muitas vezes aceitaram acordos com barões cristãos para eliminarem seus rivais.

[← 18]

Kyrie eleison, Kyrie eleison. Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem: da liturgia católica solene. *Kyrie eleison* – do grego “Senhor, tende piedade”. E “*Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, dona nobis pacem*” — do latim “Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.”

[← 19]

Christe eleison: da liturgia católica solene. Do latim “Cristo tende piedade de nós.”

[← 20]

Muezim: pregoeiro encarregado de anunciar, do alto dos minaretes, as cinco preces diárias do islã.

[← 21]

Minarete: torres altas guarnecidas de balcões de onde os muezins chamam os féis para as cinco orações do islã. O mais alto do mundo possui 210 m de altura e fica na Mesquita de Hassan II, em Casablanca, Marrocos.

[← 22]

Allahu Akbar: é um *takbīr* ou louvor em árabe. Significa “Alá é Grande” ou “Alá é O Maior.”

[← 23]

Kanzachi: arma em forma de varinha afiada que era disfarçada entre os cabelos. Algumas tinham canais nas extremidades que serviam para inocular veneno ao se cravar a varinha na vítima.

[← 24]

Fajr: um dos cinco *salats* obrigatórios na prática islâmica, é a oração feita ao nascer do sol. Deve ser recitada em árabe, língua litúrgica do Islã.

[← 25]

Elkhound: também conhecido como norueguês cinza, é uma raça de cães originária da Noruega. Originalmente era usada para caçar cervos, tem porte grande e são bastante peludos.

[← 26]

Balian de Ibelin: provavelmente nascido por volta de 1143, era filho de Barisan de Ibelin e conhecido entre os árabes do *Outremer* como *Balian ibn-Barzan*. Balian teve participação decisiva na Batalha de Montgisard e logo depois casou-se com Maria Comnena, sobrinha-neta do imperador bizantino Manuel I Comneno e viúva do rei Amalric I de Jerusalém. Foi, juntamente com Raymond de Trípoli, conselheiro e grande opositor de Guy de Lousignan, o consorte da rainha Sybilla de Jerusalém. Ambos foram contra o deslocamento das tropas cristãs para Hattin, fato que resultou num massacre do exército de Jerusalém. Tendo sido um dos poucos barões que escaparam, Balian se refugiou em Tiro. Posteriormente retornou a Jerusalém, onde participou da defesa da cidade contra Saladino e depois negociou sua rendição e a evacuação pacífica dos residentes cristãos. Balian

ainda lutou junto a Richard da Inglaterra. Quando este assinou um acordo com Saladino, encerrando a Terceira Cruzada, Balian foi recompensado com terras pelo Sultão, que o tinha em alta conta, já que ele fora o principal articulador de tal acordo. Balian faleceu com pouco mais de cinquenta anos em 1193.

[[← 27](#)]

Buhund: raça canina originária da Noruega, também conhecido por pastor norueguês. De porte grande, muito usado para caça e companhia.

[[← 28](#)]

Niyeh: recitação da intenção formal de rezar, proferida antes de iniciar a oração islâmica propriamente dita. O fiel diz, já voltado na direção de Meca: “*Tenciono rezar a (diz nome da oração) sendo ela uma obrigação diante de Deus*”. É recitada em árabe, língua litúrgica do islã.

[[← 29](#)]

Salat: do árabe, louvor.

[[← 30](#)]

Fukuia: espécie de zarabatana de tamanho reduzido usada pelas kunoichis.

[[← 31](#)]

Ikke: do norueguês. “Não”.

[[← 32](#)]

Nær: do norueguês. “Junto” ou “perto”.

[[← 33](#)]

Rolig: do norueguês. “Quieto”.

[← 34]

Daimyo: senhor de terras por direito hereditário no Japão feudal.

[← 35]

Alcorão — Surata 42 “*Ax Sura*” [A Consulta]; Ayat 40.

[← 36]

Alcorão — Surata 4 “*Na Nissán*” [As Mulheres]; Ayat 17.

[← 37]

Gravlaks: prato da culinária escandinava, seu nome significa “salmão enterrado”. Surgiu no período medieval a partir da necessidade de conservação do alimento. O pescado era salgado e temperado com dill (aneto). Depois era enterrado na praia, acima da linha da maré alta, deixando-o fermentar sob a areia gelada.

[← 38]

Ovídio: poeta romano, nascido em 43 a.C. Junto a Virgílio e Horácio é considerado um dos três poetas canônicos latinos. Produziu inúmeras obras entre elas a famosa *Ars Amatoria* — A Arte de Amar — uma coleção de três livros escritos em forma de poemas, considerada um tratado da arte da sedução.

[← 39]

Safo: poetisa grega que se dedicou principalmente à poesia lírica. Pouco se sabe sobre sua vida. Safo teria sido natural da ilha de Lesbos, possivelmente nascida por volta de 630 a.C. Sua poesia, embora censurada e fragmentada por copistas ao longo do tempo, possui uma carga sensual e erótica bem característica. Safo também é conhecida como “A Vênus de Lesbos”.

[← 40]

Kunoichi: termo usado para designar a ninja do sexo feminino. No Japão

feudal eram treinadas de forma um pouco diversa dos ninjas masculinos e suas habilidades eram usadas principalmente para assassinato, espionagem e mensageria.

[← 41]

Eurípedes: o mais jovem dos três grandes expoentes da tragédia grega clássica (os outros dois foram Ésquilo e Sófocles), viveu no século V a.C. Considerado um dos “pais” do drama, foi responsável por inserir os recursos do *prólogo* — a parte anterior à entrada do coro e dos músicos, que situava o espectador na ação — e do *deus ex machina* — uma solução inesperada, improvável ou mirabolante para terminar uma obra — às peças.

[← 42]

Hijab: do árabe. Em sentido literal quer dizer “cobertura” ou “cortina”. O véu que as mulheres de alguns países islâmicos usam e que cobre os cabelos, o pescoço e o colo.

[← 43]

Banj: Em fontes árabicas e persas antigas, o *banj* é aplicado a três plantas diferentes: cânhamo (*Cannabis sativa* ou *indica*), meimendro (*Hyoscyamus niger*) e trombeta ou figueira-do-diabo (*Datura stramonium*). Os efeitos dessas três plantas narcóticas variam. O *banj* é citado até mesmo num dos contos das “Mil e Uma Noites”. Há relatos históricos diversos do uso recreativo do *banj* e do *hashis* (haxixe) não só pelos nativos da região, mas também pelos cristãos que ocuparam a Terra Santa.

[← 44]

Nihon: o nome japonês para Japão (にほん). Também é usado *Nippon*. A palavra Japão é um exônimo e é usado em português para se referir ao país.

[← 45]

Ressucitação Cardio Pulmonar: embora não conhecida com este nome, e pouco entendida, já que os conhecimentos anatômicos no século XII ainda eram escassos, as técnicas de ressuscitação eram utilizadas desde os templos bíblicos. Vem da medicina árabe, bem mais avançada que a dos

cristãos, o primeiro relato, por exemplo, de uma traqueostomia, executada pelo famoso médico *Ibn-Sina* ou, como é conhecido no Ocidente, Avicena, por volta do ano 1000. Vários métodos foram encontrados em tratados e relatos do período medieval incluindo fumigação, açoamento, aquecimento externo, rolar o paciente sobre um barril ou prender a pessoa com tiras no lombo de um cavalo e deixá-lo galopar.

[← 46]

Bimaristan ou *maristan*: palavra de origem persa que significa “hospital”. Uma das maiores e mais originais realizações institucionais da sociedade islâmica clássica, o *bimaristan* oferecia uma ampla gama de serviços, às vezes sem pagamento de taxas, e também funcionava como uma escola de pesquisa médica e de ensino. O primeiro *bimaristan* foi estabelecido em Bagdá no califado de Harun al-Rashid (c. 786 — 809). Entre os mais ilustres estavam o hospital Adudi, do século XII, em Bagdá, e o hospital Mansuri, no Cairo, concluído em 1284. Este último contava com uma grande equipe administrativa, auditórios, uma mesquita, uma capela, uma rica biblioteca e atendentes masculinos e femininos. Também possuía redes separadas de enfermarias para febres, oftalmologia, cirurgia e disenteria; também tinha uma farmácia.

[← 47]

Nur al-Din e *As-Salih*: pai e filho, respectivamente, antecessores de Saladino no governo da Síria e da Mesopotâmia.

[← 48]

Pashmina: do persa, significa “ouro macio”. Tipo de tecido proveniente da lã caxemira, obtida a partir de quatro espécies de cabras diferentes. Considerado um dos tecidos mais finos, delicados e macios do mundo.

[← 49]

Habibt i, ya ayuini... ana behbik: Minha querida, meus olhos... eu te amo (dirigindo-se ao feminino).

[← 50]

Ana behbak: eu te amo, dirigindo-se ao masculino.

[← 51]

Bismillah (ou *basmala*): fórmula árabe que abre todas as Suras do Alcorão (exceto a IX) e que é formada a partir das consoantes da frase بِسْمِ | الله الرحمن الرحيم | [bismi-llāhi r-raḥmāni r-raḥīm]. Significa “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso” e deve ser sempre recitada em árabe, língua litúrgica do islã.

[← 52]

Tanakh: A “Bíblia Hebraica”. Escritura Sagrada da comunidade judaica, também é a origem do Antigo Testamento da fé cristã. *Tn”k* é um acrônimo composto pelas 3 primeiras letras das divisões no texto tradicional (massorético): Torá, Nevi’im e Ketuvim.

[← 53]

Torá: primeiro das divisões da *Tanakh*, também conhecida como Pentateuco. Seu primeiro livro é o *Bereshit*. Cabe observar que por padrão, em hebraico, o livro leva o nome da primeira palavra proeminente. E neste caso é *Bereshit*. בָּרָא אֱלֹהִים, בְּרֵאשִׁית, א | [bə·rê·šît, bā·rā ’ě·lō·îm], que quer dizer: “no princípio criou D’us”.

[← 54]

Qara-Khitai: também conhecido como Liao Ocidental, foi um império Kitai na Ásia Ocidental, onde hoje fica o Cazaquistão.

[← 55]

Sirocco: também chamado de xaroco ou suão, é um vento quente e extremamente seco que sopra do deserto do Saara em direção ao Norte da África, podendo chegar às vezes à costa da Itália e até mesmo à Côte D’Azûr, na França. Responsável por gigantescas tempestades devido às toneladas de areia saariana que transporta em suspensão.

[← 56]

Armagedom: do hebraico “*har megiddô*”, Monte Megido. Representa na Bíblia a batalha final entre Deus e a sociedade humana iníqua no simbólico Monte Megido. O fim dos tempos.

[← 57]

(n.a.) “*Oh, quem poderá permanecer? Oh, quem terá causado isso? Oh, quem poderá responder diante do trono de Deus?*”

[← 58]

Nidhogg: Ser da mitologia nórdica. Do norueguês *Níðhöggr* (atacante feroz). É o dragão que habita o mais inferior dos nove mundos, *Niflheimr*, abaixo da terceira raiz de *Yggdrasil*, a árvore dos mundos. Nidhogg rói as raízes de *Yggdrasil* enquanto espera pelo *Ragnarök* (o fim dos mundos). No *Ragnarök* ele ascenderá à *Midgard*, o reino dos humanos, levando os corpos dos mortos para batalhar. Após o fim do mundo e o renascimento do novo mundo, Nidhogg continuaria a viver para manter o equilíbrio entre bem e mal.

[← 59]

Poterna: porta secundária disfarçada nas muralhas de um castelo. Também conhecida como porta da traição. Seu objetivo era permitir aos habitantes saírem ou entrarem sem serem vistos. Era muito usada em épocas de sítio para enviar mensageiros em busca de socorro.

[← 60]

Habibit i: do árabe coloquial, “Minha querida”.

[← 61]

Cor glacies, spiritus lupum: do latim “Coração de gelo, espírito de lobo”.

[← 62]

Bongiorno, signore. Abbiamo già aspettavamo: do italiano. Bom dia, senhor. Nós já o esperávamos.

[[← 63](#)]

Per favore. Le sue istruzioni: do italiano. Por favor, as suas instruções.

Table of Contents

[Índice](#)

[Entre Deuses e Dragões](#)

[O Fim](#)

[Parte I — Verão](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Parte II — Inverno](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[27 — Advento](#)

[28 — Rebelião](#)

[29 — O Despertar do Dragão](#)

[30 — Epifania](#)

[31 — Julgamento](#)

[32 — Redenção](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Epílogo](#)